Oleg Platonov

HISTÓRIA CRIMINAL DA MAÇONARIA NA RÚSSIA (1731-2004)

HISTÓRIA CRIMINAL DA MAÇONARIA NA RÚSSIA (1731-2004).

AUTOR: OLEG PLATONOV

INTRODUÇÃO

Este livro foi escrito com base em documentos maçônicos originais mantidos em arquivos maçônicos secretos e não sujeitos a publicação.

Os segredos maçônicos russos foram guardados com tanta segurança que, se a Segunda Guerra Mundial não tivesse acontecido, provavelmente não saberíamos de nada até agora.

O fato é que os arquivos das lojas maçônicas (e as lojas russas eram filiais das ocidentais), e de várias organizações secretas e serviços de inteligência foram capturados por Hitler durante a ocupação da Europa. E depois da nossa vitória eles acabaram nas mãos do Exército Vermelho. Eles foram levados como troféu para Moscou, onde foram mantidos em estrito sigilo até 1991, sendo utilizados principalmente como material operacional para a KGB.

Dezenas, centenas de milhares de casos de meados do século XVIII a 1939, e neles - atas de reuniões de lojas maçônicas, documentos, circulares e instruções, relatórios financeiros e correspondência, que permitem falar com total certeza sobre a natureza criminosa e conspiratória desta organização secreta, que tem como objetivo principal alcançar influência política e domínio das forças obscuras dos bastidores.

Ao contrário da Maçonaria Ocidental, que desempenhava predominantemente o papel de lobby ideológico e político nos bastidores, a Maçonaria Russa tinha características próprias. Embora mantendo todas as características de um lobby nos bastidores, a Maçonaria Russa, devido à sua dependência de ordens maçónicas estrangeiras, era uma concentração de indivíduos desprovidos de consciência nacional e, muitas vezes, simplesmente de orientação abertamente anti-russa. Para muitos deles, a Maçonaria era uma forma de russofobia - ódio ao povo russo, às suas tradições, costumes e ideais, atropelando os interesses nacionais da Rússia. Na Maçonaria, a intelectualidade russa alienou-se do povo russo, passou à clandestinidade em relação a ele, inventando vários projetos e combinações para o “arranjo” da Rússia à maneira ocidental.

O principal, claro, foi que a Maçonaria Russa, a partir do século XVIII, sempre foi apenas um ramo das ordens maçónicas da Europa Ocidental, seguindo cuidadosamente todas as instruções dos seus líderes.

Mesmo nos curtos momentos em que recebeu relativa autonomia, a vida interna da Maçonaria Russa foi completamente controlada por centros estrangeiros. Isto já é evidenciado de forma irrefutável pela correspondência dos maçons russos com seus líderes do exterior, bem como pelos relatórios sobre o trabalho que está sendo realizado. Do exterior, os maçons russos recebiam instruções e cartas circulares, que eram obrigados a seguir em seu trabalho.

A autoridade dos líderes maçônicos estrangeiros entre os maçons russos era muito alta, muitas vezes muito superior à autoridade das autoridades russas legítimas. Quantas vezes em sua história os maçons russos entraram em uma conspiração secreta com seus irmãos estrangeiros, a fim de seguir uma linha que em sua língua foi chamada de “a grande verdade maçônica”!

Os irmãos maçónicos russos não ficaram nem um pouco envergonhados pelo facto de serem essencialmente agentes de governos estrangeiros e, ao cumprirem as instruções de centros estrangeiros, minarem os interesses nacionais da Rússia.

A história da Maçonaria na Rússia é a história de uma conspiração contra a Rússia.

Os dados de arquivo mostram que praticamente não há evento importante para a Rússia em que as ordens maçônicas não tenham desempenhado um papel especial e sempre negativo para ela. A Maçonaria foi a principal forma de ocupação espiritual invisível da Rússia, uma forma de implementação dos impulsos anti-russos do Ocidente.

Em relação à Rússia, as atividades das ordens maçônicas eram de natureza puramente conspiratória, porque envolviam ações secretas que não correspondiam aos interesses nacionais da Rússia, contribuíam para o seu enfraquecimento, derrota nas guerras e destruição de ideais e tradições nacionais. e costumes.

Na verdade, o “trabalho” das ordens maçónicas foi realizado em paralelo com as actividades subversivas dos serviços de inteligência estrangeiros, e muitas vezes entrelaçado com eles. Existem muitos casos conhecidos em que membros de lojas maçônicas e agentes de inteligência estrangeiros agiram como uma só pessoa. A propósito, os serviços de inteligência estrangeiros

sempre consideraram os maçons como uma reserva para o recrutamento de pessoal na luta contra a Rússia.

Os próprios maçons sempre tentaram apresentar a sua comunidade criminosa como uma organização ideológica. Contudo, não existia nenhuma ideia positiva no raciocínio mental dos maçons, mas apenas a sede satânica de domínio sobre outras pessoas.

A ideologia da Maçonaria é uma ideologia de escolha, que pressupõe o domínio sobre a humanidade. O objetivo dos maçons é estabelecer uma ordem mundial na qual eles terão um papel dominante.

Na literatura maçônica, isso é simbolicamente descrito como a construção de um templo, cujos maçons são maçons. Eles consideram Adoniram (ou Hiram), a quem Salomão confiou a construção do templo, seu pai. Este Adoniram "teve que pagar um grande número de trabalhadores, dos quais não conseguia conhecer todos". O sistema maçônico promete a cada construtor do Templo de Salomão uma recompensa dependendo da contribuição feita. A doutrina maçônica na verdade começa com esta promessa de recompensa, que descreve detalhadamente o suborno de todos. "Para que ele (Adoniram) não pagasse aos alunos tanto quanto deveriam seus camaradas, e aos seus camaradas tanto quanto deveriam os mestres, ele foi forçado a concordar com cada um deles sobre certas palavras, conhecimentos e toques para distinguir cada um em específico" [1 [1] .

Para estabelecer uma nova ordem mundial, as autoridades maçónicas formam um governo mundial secreto, que em diferentes épocas existiu sob diferentes formas, mas sempre sob o controlo de líderes judeus. Nos séculos XVIII e XX, migrou constantemente da Inglaterra para a Alemanha Rothschild, e de lá para a França, mudando-se no século XX para os EUA. Hoje, os órgãos de trabalho deste governo são o Conselho de Administração da Loja Maçônica Judaica Mundial "B'nai B'rith", o Conselho de Relações Exteriores, a Comissão Trilateral, o Clube Bilderberg, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e algumas outras organizações.

A Igreja Russa sempre condenou a Maçonaria, considerando-a, com razão, uma manifestação do satanismo. Se às vezes havia pessoas religiosas nos níveis mais baixos de iniciação, então os maçons dos mais altos graus eram ateus militantes e inimigos da Igreja. A destruição da Igreja foi considerada um dos principais objetivos da Maçonaria como organização ideológica. Em 1881, o maçom belga Fleury escreveu: "Abaixo o Crucificado!.. Seu reino acabou! Deus não é necessário." Outro maçom de alto escalão declarou em 1912: "... até desmantelarmos as igrejas, não poderemos trabalhar de forma

produtiva ou construir algo duradouro." “Há uma guerra”, repetiu-lhe outro maçom em 1913, “que devemos continuar até a vitória ou até a morte, - esta é uma guerra contra os eternos inimigos da Maçonaria: todos os dogmas, todas as igrejas”.

“Lembremo-nos”, repetiram outros maçons depois dele, “que o Cristianismo e a Maçonaria são absolutamente incompatíveis e, portanto, pertencer a um significa romper com o outro”. Para os maçons, o triângulo com o olho do diabo substitui a cruz, e a loja é o templo de Deus. “Nós, maçons”, disse o mestre da loja Lessing, “pertencemos à família de Lúcifer (isto é, Satanás)” [2] .

A Maçonaria renunciou a tudo o que dá corpo à vida nacional da sociedade, a todo o complexo sistema de vida associado aos conceitos de Pátria, Pátria e Ortodoxia. Afastou-se das tradições religiosas, estatais e de classe russas e tentou substituí-las por algumas abstrações cosmopolitas.

Os maçons procuraram não apenas destruir a Igreja Russa e o Estado russo, mas também reconstruir espiritualmente o povo russo, tornando-o um cosmopolita. “O trabalho interno para melhorar a pedra selvagem da alma russa”, segundo G.V. Vernadsky, foi a direção principal de todo o trabalho maçônico e contribuiu para “a criação de um tipo que há muito ganhou importância na nobre sociedade russa”.

Os maçons russos adoravam falar sobre a luta contra o mal no mundo e em si mesmos, sobre subir a escada misteriosa ou sobre a corrente que liga o mundo da terra e da corrupção ao mundo do espírito. Existem muitos degraus nesta escada, existem muitos elos na corrente, mas o mais importante deles é o autoconhecimento, o arrependimento, o estabelecimento de um templo interno, o insight mais elevado, para alguns buscadores - êxtase, para outros - grande contemplação silenciosa.

Contudo, na prática, a verdadeira participação no trabalho maçônico foi um serviço consciente às forças obscuras do satanismo.

Entre os símbolos que explicam a terrível essência da Maçonaria, a imagem de Satanás é o mais preciso e definidor. Em profundo segredo e escuridão, ele veio para a Terra Russa para destruir os seus santuários e valores espirituais, saquear a sua riqueza e escravizar o seu povo.

A grande potência milenar, ocupando um sexto do mundo, vivendo do seu próprio trabalho e existindo de forma completamente independente do resto do mundo, não foi apenas um petisco saboroso para os parasitas internacionais, mas também uma profunda reprovação aos seus exploradores

políticas destinadas ao roubo e à escravização colonial de outros povos. No século 18, os principais valores da civilização ocidental finalmente se cristalizaram, cujo núcleo eram os ideais maçônicos de escolha e direitos especiais para governar a “maioria negra” da humanidade, que cresceu a partir do Judaísmo, do Talmud e dos ensinamentos cabalísticos. No final do século XVIII, a comunidade de países pertencentes à civilização ocidental realizou um roubo em grande escala de dezenas de milhões de pessoas na Ásia, América, África e, devido ao sofrimento dessas pessoas, garantiu a vida próspera de muitos habitantes da Europa Ocidental.

Nessas condições, a unificação dos habitantes ocidentais em lojas maçónicas secretas foi um apoio organizacional e ideológico ao sistema de parasitismo e exploração de outros povos pelos países ocidentais. As conchas místicas e rituais externas eram apenas uma tela atrás da qual, de fato, escondia um partido político secreto do mundo ocidental, que proclamava a sua escolha e o direito de explorar o resto da humanidade.

Não é sem razão que os próprios maçons muitas vezes se declaram sucessores da antiga Ordem do Templo de Salomão (Templários). Deve-se lembrar que se tratava de uma ordem de ladrões, famosa por seus roubos e assassinatos de vilões durante a era das Cruzadas. Tendo ultrapassado todos os preceitos cristãos, os Templários sentiam-se superiores aos demais e consideravam possível o envolvimento em feitiçaria e diversas manipulações místicas, consideradas na Idade Média como relações com o diabo. Como resultado, numerosos crimes da Ordem do Templo de Salomão foram expostos, seus líderes foram executados e muitos templários foram pagos com prisão.

É claro que, em sua essência, as lojas maçônicas serviam de disfarce para atividades ainda mais secretas de seitas judaicas secretas profundamente conspiratórias de superioridade racial, cuja ativação desde a segunda metade do século XVIII estava associada, em particular, às atividades dos banqueiros Rothschild.

O lado ritual e simbólico da Maçonaria tinha um núcleo - as crenças judaicas, a criação de condições de vida excepcionalmente boas para si, em detrimento de todos os estranhos (goyim). Por trás das complexidades das fórmulas judaicas e cabalísticas estava escondido não um movimento em direção à compreensão do Espírito Santo, mas, pelo contrário, um rápido movimento dele para formas de vida que envolvem deleitar-se com os prazeres terrenos e buscar benefícios para si mesmo a qualquer custo. , às custas de outras pessoas. As virtudes cristãs foram rejeitadas da maneira mais

demonstrativa. Assim, em 1936, numa das lojas do Grande Oriente de França, foi feito um relatório “É justo responder com o bem ao mal?” E a resposta foi dada - injusta. O mal deve ser respondido com o mal [3]. E para um maçom, o mal é tudo o que contradiz os seus interesses. E daí a luta contra toda a humanidade. Em geral, o princípio judaico de “olho por olho, dente por dente”, multiplicado pelo egoísmo de um ateu militante.

No entanto, o lado ritual praticamente não teve influência nas tarefas políticas e empresariais que foram resolvidas nas organizações maçônicas.

Não foi à toa que no século XVIII as mesmas lojas passaram de um sistema para outro. Um mesmo maçom poderia ser membro da loja do Rito Escocês e ao mesmo tempo ser Rosacruz ou Martinista.

Como admitiu o famoso maçom Papus, na Maçonaria “todo ritual corresponde sempre a uma necessidade política ou filosófica” [4]. E quando isso não foi exigido, os maçons abandonaram todos os rituais, revelando a sua essência puramente política. Pois a filosofia da Maçonaria é a justificativa para a política do egoísmo de grupo.

Isto manifestou-se caracteristicamente durante os anos da primeira revolução anti-russa de 1905-1907.

Em essência, o rito maçônico era uma cortina de fumaça para os não iniciados. Uma espécie de tentativa de imaginar que um ritual exteriormente belo e complexo é seguido por feitos notáveis. Na verdade, essa beleza teatral externa foi o fim de tudo de positivo (se é que se pode chamar assim) que havia na Maçonaria.

A metodologia dos assuntos secretos da Maçonaria é revelada após um exame mais detalhado do sistema de suas iniciações, que em diferentes ordens maçônicas expressam o padrão geral de disciplina e obediência inquestionáveis.

Os mais elevados graus de iniciação desempenham funções puramente políticas e constituem o núcleo dos sistemas de governo de todos os países ocidentais. Estas partes da Maçonaria determinam as políticas dos estados, desenvolvem perspectivas para o desenvolvimento mundial, preparam e promovem os mais altos quadros dos seus povos com ideias semelhantes (às vezes nem mesmo os maçons). O ritual não desempenha nenhum papel nesses graus. Os assuntos dos níveis superiores são mantidos em profundo segredo dos níveis inferiores.

Os graus médios de iniciação desempenham funções políticas, mas a um nível mais restrito, muitas vezes regional, e estão mais envolvidos na formação de pessoal de um certo tipo de pessoas e no seu envolvimento na clandestinidade maçónica. Eles sempre agem sob estrito controle e de acordo com certas instruções de figuras dos mais altos graus de iniciação. O ritual para esses graus é puramente convencional, e todas as suas atividades também são ocultadas daqueles que estão abaixo.

Os graus maçônicos superiores e médios, a partir do terceiro grau, deram aos seus portadores o direito secreto de cometer quaisquer crimes e o direito a qualquer mentira em prol da causa maçônica geral. A "libertação dos votos" e as "mentiras inocentes" foram um privilégio especial para a esmagadora maioria da Maçonaria.

Os graus inferiores de iniciação eram formações complexas e multifacetadas de uma ampla variedade de pessoas. Esta é uma espécie de reservatório de pessoal da Maçonaria, parte do qual é eliminado e parte do qual nunca chega aos graus médios.

Estes últimos consistem na maioria das vezes em pessoas que, em geral, não podem ser classificadas como maçons; são predominantemente pessoas espiritual e moralmente desorientadas, confusas pelas declarações pseudo-idealistas e pseudo-românticas das ordens maçônicas. Essas pessoas muitas vezes aceitam os jogos rituais pelo valor nominal e participam deles de boa vontade. Mas é precisamente esta parte dos maçons de grau inferior que tem um significado prático especial para as ordens maçónicas - serve os interesses de criar uma imagem positiva desta organização criminosa, apresentando-a como uma coleção inofensiva de excêntricos românticos que sonham com a melhoria de humanidade. Muitas vezes isso é simplesmente uma isca para pessoas famosas da literatura, arte, etc., se juntarem à ordem. Chamaríamos essas pessoas de maçons como uma diversão. Eles servem como cobertura involuntária para crimes maçônicos e assuntos clandestinos, embora eles próprios os desconheçam completamente. Este é precisamente o papel na Maçonaria desempenhado por algumas figuras da cultura russa, por exemplo, o arquiteto Bazhenov, o artista Levitsky e o escritor Veresaev.

Aproveitando o elevado humor romântico dessas pessoas, os conspiradores maçônicos prometeram abrir "horizontes infinitos para o aperfeiçoamento da alma" e o autoaperfeiçoamento. Claro, tudo isso foi um engano, porque os golpistas não puderam lhes dar nada de positivo, mas receberam seus nomes gloriosos para usar em suas especulações. Os maçons nem sequer hesitaram

em designar para suas fileiras pessoas que não eram membros da Maçonaria, ou que eram membros por um curto período de tempo e não participavam do trabalho maçônico.

De forma totalmente infundada, para aumentar o prestígio da sua organização, os maçons atribuíram a si mesmos Pedro I e muitos dos seus associados, os poetas Derzhavin e Zhukovsky, e até Nicolau II.

A participação dos grandes comandantes russos Suvorov e Kutuzov nas lojas maçônicas também não é confirmada pelos fatos. A lenda sobre sua afiliação à Maçonaria é um exemplo vívido do engano que os maçons usaram para se exaltar e esconder sua natureza criminosa.

O envolvimento nas lojas maçônicas de Pushkin, Karamzin e Griboyedov foi aleatório, de natureza episódica, embora os maçons livres ainda os citem para fins publicitários como um exemplo de seus “irmãos modelo”.

Pushkin foi matriculado na loja em meados de 1821 e, no final do mesmo ano, a loja foi dissolvida sem começar a funcionar. É claro que os maçons mais tarde tentaram de todas as maneiras atrair o grande poeta para suas fileiras, mas ele ficou profundamente enojado com a natureza do submundo maçônico, o espírito de intriga que cheirava a alta traição, e suas tentativas permaneceram sem sucesso. Mais tarde, os maçons desempenharam um papel trágico no destino de Pushkin. Como mostraram pesquisas científicas da década de 20, o “Diploma do Corno”, que se tornou um dos principais motivos do duelo e da morte do poeta, foi compilado pelo Príncipe Maçom P. Dolgorukov. Esta conclusão é confirmada por exame grafológico. O assassino de Pushkin, E. Dantes, também era um grande maçom.

A. S. Griboyedov também evitou a Maçonaria (embora por um curto período tenha sido membro de grau inferior em uma das lojas). Ele não conduziu nenhum trabalho maçônico real. Além disso, na comédia “Ai do Espírito”, ele essencialmente ridiculariza os maçons e suas reuniões, que buscavam determinar a política (“Temos uma sociedade e reuniões secretas às quintas-feiras. A união mais secreta...”).

Em sua juventude, por um curto período foi membro de uma das lojas, Karamzin, que rapidamente compreendeu a essência anti-russa da Maçonaria e deixou seus membros. Na idade adulta, os maçons ofereceram ao historiador russo que voltasse à loja, prometendo altos graus maçônicos e apoio, mas ele recusou. Em retaliação a isso, os maçons começaram a persegui-lo.

Desde o século XIX, as organizações maçónicas tornaram-se um movimento político de massas de ajuda mútua para pessoas imorais que dividiam o mundo em amigos e inimigos. Você pode fazer o que quiser com seu próprio pessoal, mas deve manipular os dos outros e liderá-los habilmente nos bastidores.

Qualquer estranho que se atreva a invadir por conta própria está sujeito a uma pressão invisível, é permitido usar qualquer método contra ele - intimidação, calúnia, assassinato moral e físico.

O exemplo mais típico de organização maçônica primária são os chamados Rotary Clubs e Lions Clubs - associações de elite para assistência mútua e apoio em uma ou outra área da vida. Quem entra no círculo de determinado grupo de “amigos” recebe muitas vantagens e a ajuda diária de seus semelhantes. É verdade que seus irmãos também exigem dele apoio e participação constante na organização e execução das ordens vindas de cima.

* * *

O autor expressa sua gratidão à equipe do Arquivo Especial da URSS (agora Centro de Armazenamento de Coleções Históricas e Documentais da Federação Russa), ao Arquivo do Estado da Federação Russa, ao Arquivo e Biblioteca do Mosteiro da Santíssima Trindade (Jordanville, EUA), a Instituição Hoover para Guerra, Revolução e Paz (Stanford, EUA) e a Biblioteca do Congresso dos EUA para aconselhamento e consulta na seleção de documentos e materiais. Expresso especial gratidão aos ex-funcionários dos serviços de inteligência soviéticos e estrangeiros, bem como aos meus informantes de círculos próximos às organizações maçônicas, que, não sem risco para suas vidas e carreiras, concordaram em fornecer informações valiosas, sem as quais o conhecimento sobre a Maçonaria moderna e a sua influência na política russa seria incompleta.

PARTE I
DO MESTRE DA TRAIÇÃO

Capítulo 1

A história dos primeiros crimes contra a Rússia. — As primeiras lojas russas. — Hostilidade para com os russos e o cosmopolitismo. — Fusão do poder estatal e da Maçonaria na Europa Ocidental. - Internacional Maçônica. — Intrigas de política externa. — Russofobia de Frederico II. - Traição na Guerra dos Sete Anos.

A história da Maçonaria Russa nas primeiras décadas de sua existência é uma corrida de uma influência estrangeira para outra em busca de alguma “verdade absoluta” abstrata, sob o pretexto de que o vazio espiritual e o ódio pela pátria, a aversão patológica por seus princípios nacionais , tradições e ideais foram escondidos.

As primeiras lojas maçônicas russas surgiram como ramos das ordens maçônicas da Europa Ocidental, refletindo desde o início os interesses políticos destas últimas. O principal postulado dos recém-formados maçons russos é a opinião sobre a inferioridade espiritual e cultural da Rússia, sua escuridão e ignorância, que deve ser dissipada através da iluminação maçônica. O apoio à penetração maçónica na Rússia era parte da classe dominante e da sociedade educada, que estava isolada do povo, não conhecia e até desprezava os seus fundamentos, tradições e ideais nacionais. Isto predeterminou a natureza anti-russa e antinacional do desenvolvimento da Maçonaria na Rússia.

O dano deliberado à sociedade educada russa e ao estrato dominante começa com a Maçonaria. Tendo rompido com as raízes paternas, procuram “chaves para os mistérios da natureza” nos valores ocidentais de existência. Estas pessoas orientadas para o Ocidente são infelizes na sua falta de fundamento. O desejo de encontrar a verdade para si mesmo na vida de outra pessoa leva a uma dolorosa divisão espiritual.

Os maçons russos recém-convertidos foram doutrinados a pensar sobre a inegável superioridade da cultura e da vida social ocidentais em comparação com a “escuridão” e a “ignorância” russas. O lado espiritual da Maçonaria consistia no deslocamento da tradição espiritual nacional da consciência da camada educada da Rússia e na introdução nela de valores estranhos à civilização ocidental. Foram as lojas maçónicas que forneceram os primeiros exemplos da oposição da nobreza e da intelectualidade ao sistema estatal da Rússia; delas surgiu o início do movimento revolucionário anti-russo que visava destruir as fundações nacionais.

Segundo a lenda maçônica, que não possui evidências documentais, o primeiro maçom russo foi o czar Pedro I, que supostamente se tornou membro de uma das lojas de Amsterdã em 1697. Pedro foi supostamente iniciado na maçonaria por um maçom inglês, o construtor da Igreja de São Pedro. Paulo está em Londres, John Verne [5] . Retornando à Rússia, Pedro supostamente organizou uma loja em Moscou, cujo mestre era Lefort, o

orador era o conde Bruce, o primeiro guardião era Gordon e o segundo era o próprio czar.

Esta lenda é puramente uma invenção maçônica posterior com o objetivo de santificar uma organização criminosa com a autoridade de um grande homem. O czar Pedro era muito escrupuloso quanto aos seus direitos soberanos, valorizava muito o princípio autocrático russo, tanto que os sacrificou seriamente para participar de uma seita estrangeira. Além disso, se o fato realmente acontecesse, então nos arquivos das lojas maçônicas holandesas (e por enquanto estão mantidas em Moscou) isso definitivamente estaria refletido, o que não é o caso na realidade. Na realidade, o desenvolvimento da Maçonaria na Rússia começa após a morte de Pedro I e inicialmente une em suas fileiras estrangeiros e uma estreita camada da nobreza e nobreza russa cosmopolita. Essas pessoas simplesmente precisavam de uma espécie de clube no qual se separassem do povo russo.

A primeira loja maçônica russa foi fundada em 1731. É organizado pela Grande Loja da Inglaterra e chefiado por um capitão inglês no serviço russo, John Phillips, que dez anos depois foi substituído neste posto pelo também inglês, General James Keith.

Um dos primeiros maçons russos famosos foi o judeu batizado P. P. Shafirov (falecido em 1739), que sob Anna Ioannovna ocupou o alto cargo de presidente do Foreign Collegium, ou seja, chefe do departamento de política externa.

Inicialmente em número muito pequeno, durante o reinado de Elizabeth, as lojas maçônicas incluíam várias centenas de pessoas, a maioria estrangeiros. É através destas lojas que os monarcas da Europa Ocidental executam as suas políticas secretas contra a Rússia, e os membros das lojas maçónicas tornam-se agentes de influência para os governantes da Europa Ocidental.

Em meados do século XVIII, quase todas as ordens maçónicas influentes da Europa Ocidental eram chefiadas pelos próprios soberanos ou por representantes das famílias reinantes. A Maçonaria inglesa ficou sob o protetorado do herdeiro do trono, o Príncipe de Gales, em 1721, e desde então os maçons ingleses têm sido chefiados pelas pessoas mais altas do estado. Desde 1743, a Maçonaria Francesa é chefiada pelo Príncipe Real Luís de Bourbon, Conde de Clermont.

Na Alemanha, o patrono supremo e líder dos maçons foi o rei prussiano Frederico, o Grande (ingressou na loja em 1738).

Ele detinha o título de Grão-Mestre da Grande Loja dos Três Globos. Seu exemplo levou muitos soberanos e príncipes alemães a se juntarem à Maçonaria. Em primeiro lugar, devemos notar aqui Francisco I, primeiro duque de Lorena e depois imperador alemão. Na Suécia, existe uma tradição de que a ordem maçônica nacional seja chefiada pessoalmente pelo rei. Em meados do século XVIII surgiu a chamada “Ordem Real” com vários capítulos - “Cavaleiros do Oriente”, “Imperadores do Oriente e do Ocidente”. Em 1774, doze príncipes reais e governantes de vários países da Europa Ocidental eram membros desta ordem. É claro que essas associações eram predominantemente de natureza política e eram uma forma secreta de conduzir a política interna e externa.

Naturalmente, os soberanos e governantes, ocupados com assuntos de Estado, não se envolveram no trabalho atual das lojas maçônicas, confiando-o aos seus emissários políticos. Na França, o chefe da Maçonaria, Louis Bourbon, por exemplo, tinha como emissários o banqueiro judeu Bor e o professor de dança Lakorn, realizando diversas tarefas delicadas de caráter íntimo. Na Alemanha, o emissário maçônico era membro do capítulo de Jerusalém (ex-conselheiro do consistório de Anhalt-Zerb, privado de cargo por um estilo de vida depravado), o aventureiro Samuel Rosa. Não menos famosos como vigaristas e aventureiros foram os emissários maçônicos Grande Prior Johnson, que estava envolvido na extorsão aberta de dinheiro, e o Barão Gund, o fundador do sistema maçônico da “Ordem Estrita”.

Este sistema foi inventado por ele supostamente por direito do chefe de todos os maçons alemães (Sétima Província). "Em pouco tempo, a Ordem da "Classe Estrita" adquiriu uma posição dominante em toda a Alemanha, e outras lojas maçônicas começaram a aderir a esta ordem, assinando "atos de obediência" a membros desconhecidos da ordem. A autoridade da ordem era tão grande que até os seus objetivos, que eram como se fossem conhecidos apenas em segredo pelas autoridades visitantes” [6] . Na verdade, tudo isto foi um engano completo, que não teríamos mencionado se não fosse pelo sistema maçónico de “Rito Estrito” que se tornou extremamente difundido na Rússia.

Os defensores deste sistema convocaram um congresso maçônico, no qual o duque Fernando de Brunswick foi eleito grão-mestre de todas as lojas da “Ordem Estrita”. E em 1775, outro congresso maçônico foi organizado em Brunswick, do qual participaram 26 príncipes.

Os emissários políticos secretos das lojas maçónicas tecem as suas redes invisíveis onde quer que residam os interesses estatais dos seus governantes

da Europa Ocidental. Além disso, a figura mais comum de um alto funcionário maçônico é um aventureiro, um buscador de fortuna.

Em meados do século XVIII, uma figura típica era Mikhail Ramse. Como observa um pesquisador da Maçonaria, esta era uma figura “sombria e misteriosa, claramente associada aos jacobitas, mas ao mesmo tempo recebendo passe livre para a Inglaterra; tutor na casa do duque de Bouillon, que sonhava com uma “república maçônica cosmopolita” e ao mesmo tempo renunciou à sua filiação à Maçonaria perante as autoridades francesas. Espião dos Stuarts (que ocupavam um dos lugares mais altos da hierarquia maçónica), serviu simultaneamente a dinastia hanoveriana, mascarando habilmente as suas intrigas políticas com discursos elevados sobre a ligação entre a Maçonaria e a Ordem dos Cruzados" [7 [] .

Correspondendo a ele estava o Barão Heinrich Tschudi, um proeminente maçom que trabalhou como agente maçônico secreto na corte russa.

A penetração da Maçonaria política alemã na Rússia pode ser datada de 1738 - o momento em que o rei prussiano Frederico II entrou na Maçonaria, que fez das lojas uma ferramenta de influência política sobre o estado russo. Foi em 1738–1744 que se estabeleceram relações entre a Loja dos Três Globos de Berlim e São Petersburgo [8] , onde já existia pelo menos uma loja maçônica [9] , chefiada por D. Keith. Os maçons alemães dos Três Globos assumem o controle das lojas russas. Os maçons de São Petersburgo mantêm seus arquivos na Alemanha e enviam regularmente seus relatórios para lá. Mesmo assim, alguns maçons envolveram-se na luta política, participando, em particular, no golpe de 1742 [10] . Atrás dos conspiradores Chetardy e I. Lestock, que organizaram uma conspiração para tomar o poder, estavam a França, a Suécia e a Prússia, mas sua alma era o rei prussiano Frederico II, que pagou generosamente a Shetardy e Lestock.

O objetivo de Frederico era facilitar a remoção do trono russo do governante, que aderiu à orientação austríaca hostil à Prússia, e também no futuro trazer ao trono russo seu sobrinho, o duque de Holstein, filho da filha de Pedro I, que o venerava desde a infância.Como se sabe, este plano foi um sucesso, embora a história tenha feito alguns ajustes.

No entanto, Frederico não conseguiu fazer de Elizabeth um instrumento em suas mãos. Além disso, Elizabeth compreendia os verdadeiros objetivos de Lestocq como agente duplo secreto tanto para a Prússia como para a França.

Em 1745, os serviços de inteligência russos interceptaram correspondência secreta entre Lestock e Chetardy; este último foi expulso da Rússia e Lestocq

perdeu sua antiga influência. Em 1748, cartas de Lestocq e do vice-chanceler MI Vorontsov ao rei maçom prussiano Frederico foram novamente interceptadas, das quais se concluiu que ambos recebiam regularmente dinheiro do rei prussiano para alguns serviços secretos. Intimamente associados às lojas maçônicas, Vorontsov e Lestok foram punidos: Vorontsov foi temporariamente afastado das atividades governamentais e Lestok foi preso, torturado na Chancelaria Secreta, condenado à morte como criminoso político, mas perdoado e exilado em Uglich, e depois para Ustyug, o Grande.

Todos esses episódios forçaram Elizabeth a ficar de olho nos maçons.

Em 1747, por sua iniciativa, foi realizado um interrogatório ao Conde N. N. Golovin, que havia retornado da Alemanha, e que estava preso em relações secretas com o rei maçom Frederico II. Ele admite que pertence à Maçonaria e relata os nomes de alguns outros maçons que "viviam na mesma ordem": os irmãos Condes Zakhar e Ivan Chernyshev, K. G. Razumovsky e outros (aceitos na loja em 1741-1744).

Em 1756, o chefe da Chancelaria Secreta A. I. Shuvalov traz à czarina o testemunho de Mikhail Olsufiev sobre a loja maçônica "Silêncio" em São Petersburgo, que incluía 35 representantes das melhores famílias principescas e nobres - os Vorontsovs, Golitsyns, Trubetskoys, Shcherbatovs , Dashkovs. Ali são mencionados, em particular, o escritor A. Sumarokov, o historiador I. Boltin, F. Dmitriev-Mamonov, P. Svistunov. A loja era chefiada pelo pai da futura princesa Dashkova, R. Vorontsov. Desde a década de 1940, o Noble Land Corps, onde os maçons estrangeiros ensinavam, tornou-se um terreno fértil para a ideologia maçônica entre os jovens.

Em meados dos anos cinquenta, a influência maçônica penetrou em muitos centros de atividade vital do mecanismo estatal russo, e especialmente nos mais altos escalões do poder, e a sua orientação era predominantemente pró-alemã. Desde os anos quarenta e cinquenta, o Vice-Chanceler (e mais tarde Grão-Chanceler) Conde M.I. Vorontsov, o tutor de Paulo I, Conde NI Panin, bem como o irmão deste último, P.I. Panin, têm sido membros de lojas maçônicas.

Se as pessoas mais próximas de Elizabeth - seu marido A. G. Razumovsky, A. P. Bestuzhev-Ryumin - não fossem membros de lojas maçônicas (?), então seu ambiente era em grande parte maçônico. O irmão de A. G. Razumovsky, Kirill, hetman da Ucrânia, era membro da loja maçônica. O ajudante favorito de Razumovsky era o famoso maçom (e futuro grande

mestre) I. P. Elagin. Além disso, em seu círculo próximo vemos os maçons A.P. Sumarokov, V.E. Adadurov, G.N. Teplov (gerente da Academia de Ciências).

Outro favorito de Elizabeth, o Conde II Shuvalov [11] , também era maçom, cujo secretário pessoal era o Barão Heinrich Tschudi, um dos ideólogos mais proeminentes da Maçonaria mundial [12] .

Estando sob o controle das organizações maçônicas da Prússia, os maçons russos tornaram-se uma espécie de súditos do rei prussiano Frederico, que sonhava com a derrota e o desmembramento da Rússia. Na primeira metade dos anos cinquenta, Frederico preparava uma conspiração para entronizar o infante John Antonovich, que havia sido deposto por Elizabeth e pertencia à dinastia Brunswick, que, aliás, incluía o futuro chefe da Maçonaria mundial, o duque Ferdinand de Brunsvique. Frederico planejou não apenas a remoção de Elizabeth do poder, mas também uma intervenção militar na Rússia.

O escritório de Casos de Investigação Secreta abriga o arquivo de I. V. Zubarev, um comerciante de origem que ficou famoso por suas aventuras. Em 1755, tendo fugido do detetive Prikaz, Zubarev partiu para o exterior, para a Alemanha, onde, depois de muitas aventuras, conheceu um oficial que mais tarde se revelou ser o ajudante-geral Manstein (que já havia servido no serviço russo sob Minich) . Este último o enviou a Berlim, onde Zubarev conversou com o tio do deposto imperador John Antonovich, depois com o próprio rei maçom prussiano Frederico II, que o promoveu a coronel e destinou 1.000 chervonets para uma tarefa especial. A conversa foi sobre o retorno de Ivan Antonovich ao trono russo. Para fazer isso, Zubarev teve que primeiro ir até os cismáticos e conquistá-los para o lado da Prússia, convencendo-os a escolher um bispo entre eles, que, com a ajuda do rei prussiano, será confirmado na sua posição como patriarca. Tendo preparado uma rebelião entre os cismáticos, Zubarev teve que ir para Kholmogory, onde naquela época estavam o imperador deposto e seus pais. O traidor recebeu a tarefa de chegar até o duque de Brunswick Anton Ulrich, entregando-lhe duas medalhas, pelas quais já entenderá de quem e por que Zubarev foi enviado. A tarefa de Zubarev também incluía preparar o duque e seu filho, o imperador deposto, para fugirem para o exterior. de quem e por que Zubarev foi enviado? A tarefa de Zubarev também incluía preparar o duque e seu filho, o imperador deposto, para fugirem para o exterior. de quem e por que Zubarev foi enviado? A tarefa de Zubarev também incluía preparar o duque e seu filho, o imperador deposto, para fugirem para o exterior.

A fuga estava sendo preparada em Arkhangelsk, para onde o navio deveria partir na primavera disfarçado de comerciante. Se o rapto do príncipe fosse bem-sucedido, presumia-se que o rei da Prússia declararia guerra à Rússia e levaria João ao trono por meios militares [13] .

No entanto, a trama falhou. Zubarev foi capturado e após uma longa investigação confessou tudo. Em conexão com isso, em 1756, o imperador deposto foi transportado com urgência de Kholmogory para a fortaleza de Shlisselburg. No entanto, posteriormente, os conspiradores maçônicos tentaram libertá-lo mais duas vezes (mais sobre isso mais tarde).

Um exemplo notável de intriga maçônica contra a Rússia foi a manipulação política secreta do embaixador maçom inglês Williams, cujo instrumento voluntário ou relutante era o chefe do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, conde Bestuzhev-Ryumin. A essência da intriga era garantir um governo que atendesse aos interesses da Inglaterra e de seus aliados na época da morte da Imperatriz Elizabeth e da ascensão de Pedro III ao trono.

Pelas costas da Rússia, o Tratado de Whitehall de 1756 foi concluído secretamente entre a Inglaterra e a Prússia, o que minou o equilíbrio de poder existente no mundo e isolou por algum tempo a Rússia, que teve que escolher entre as facções opostas Áustria - França e Inglaterra - Prússia. Além disso, os conspiradores maçônicos tentaram vincular a Rússia a um bloco que lhe era estranho, brigando com seus antigos aliados.

A "incompreensível remodelação do sistema de poderes", que tanto surpreendeu os contemporâneos, foi em grande parte o resultado do desenvolvimento da Internacional Maçónica, que adquiriu um peso especial na aliança dos governantes maçónicos prussianos e ingleses.

É claro que os interesses nacionais da Rússia naquela época deviam estar associados à limitação das políticas agressivas de Frederico II. E a filha de Pedro, o Grande, Isabel, compreendeu isso claramente e não se deixou envolver na luta contra a França e a Áustria, que era o que a coroa inglesa almejava.

Para o chanceler Bestuzhev-Ryumin, a participação na intriga maçônica terminou em prisão e privação de todas as patentes e cargos. Junto com ele, o futuro chefe da Maçonaria Russa, I.P. Elagin, que era membro de lojas maçônicas desde os vinte e cinco anos, sofreu por essas intrigas. Ele foi exilado na província de Kazan e retornou a São Petersburgo apenas com a ascensão de Catarina II.

A propósito, este amigo de Elagin, o maçom G. N. Teplov, foi, em nossa opinião, o expoente mais típico da Maçonaria desta época.

G. N. Teplov, diretor da Academia Russa de Ciências, deixou para trás a pior lembrança. Como corretamente observado, parece não haver um único fato que indique que "o poder exclusivo que lhe pertencia foi dirigido por ele em benefício da academia ou de membros proeminentes dela. Pelo contrário. Indiferente ao destino da academia como um todo, aos seus sucessos científicos, à sua glória e prosperidade, ele interferiu na então luta dos seus membros entre si, interveio como princípio não reconciliando, mas exacerbando divergências..." [14] . Seu despotismo e opressão foram experimentados pelas melhores pessoas da ciência e da literatura russas e, acima de tudo, por Lomonosov e Trediakovsky, em cuja perseguição ele participou ativamente.

Teplov era um típico maçom - imoral e inteligente, que sabia falar e escrever bem.

O embaixador austríaco, em carta secreta, fez uma descrição exaustiva deste buscador de fortuna: "Reconhecido por todos como o mais insidioso enganador de todo o Estado, porém, muito inteligente, insinuante, egoísta, flexível, deixando-se usar para todas as coisas por causa do dinheiro. Quando estava sob o comando do hetman da Ucrânia (Mason K. Razumovsky - *O.P.)*, ele dissolveu tanto o país inteiro com injustiças e extorsões persistentes que, é claro, não teria escapado da pena de morte, se em ambos os reinados anteriores (Elizabeth e Pedro III) pelo menos a menor ordem prevaleceu" [15] .

Exaltado em certa época pelos Razumovskys, ele os traiu insidiosamente quando isso se tornou lucrativo. Após a morte de Teplov, seus papéis passaram para as mãos do "irmão" Elagin.

O terrível crime dos maçons contra a Rússia foram as suas intrigas durante a Guerra dos Sete Anos. É claro que estou longe da ideia de reduzir todas as vicissitudes desta guerra a intrigas maçônicas, mas o principal é óbvio - houve claramente um fato de traição, e a infraestrutura dessa traição foi a Maçonaria, a por trás -as maquinações das cenas riscaram as gloriosas vitórias das tropas russas.

Na época da Guerra dos Sete Anos, o Imperador Alemão, o Rei da Prússia, o Duque de Brunswick, Holstein-Beck e alguns outros governantes eram os líderes das lojas maçônicas alemãs. Assim, os tribunais destes indivíduos, bem como as principais figuras políticas e militares, pertenciam às lojas

maçónicas. Como testemunham os arquivos, todas essas pessoas, através de seus canais maçônicos, estavam intimamente ligadas à jovem Maçonaria Russa e a patrocinavam de todas as maneiras possíveis. Desenvolveu-se um sistema de conexões informais que, para muitos maçons russos, tornou-se preferível a servir a pátria e seus interesses.

Traçando essas conexões, em primeiro lugar, deve-se notar que o herdeiro do trono russo, o futuro imperador Pedro III, era membro da loja maçônica alemã e um fervoroso admirador de seu grande mestre, o rei prussiano Frederico II.

Um grande número de maçons trabalhou no quartel-general e entre os principais líderes militares enviados à Prússia Oriental para lutar contra Frederico II, e principalmente cercados pelo marechal de campo Apraksin, e mais tarde pelo comandante-chefe maçom VV Fermor: generais, os irmãos Lieven, P. I. Panin, Z. G. Chernyshev, voluntários Príncipe N. V. Repnin, Conde Ya. A. Bruce, Conde S. F. Apraksin e outros.A influência da Maçonaria também aumentou no círculo da própria Imperatriz. Em particular, desde 1758, o maçom M. I. Vorontsov, irmão do chefe da loja maçônica "Silêncio", tornou-se o Grande Chanceler da Rússia.

Basta dizer que, no auge da Guerra dos Sete Anos na Prússia Oriental, a Loja das Três Coroas, chefiada pelo oficial prussiano Schroeder, operava em Königsberg. Esta loja incluía muitos oficiais russos que lutaram na Prússia Oriental [16] . O caráter traidor desta loja consistia pelo menos no fato de obedecer

Grande Loja dos Três Globos, da qual o Rei Prussiano Frederico II era o Grão-Mestre [17] .

Em 19 de agosto de 1757, perto de Gross-Jägersdorf, ocorreu a primeira grande batalha entre as tropas russas, comandadas pelo marechal de campo Apraksin, e o exército prussiano. Como resultado de combates obstinados, os russos forçaram os prussianos a fugir desordenados. O exército prussiano foi derrotado, perdendo sete mil e quinhentos mortos e feridos.

Para os russos, surgiu a oportunidade de avançar livremente para o interior da Prússia, até Koenigsberg. No entanto, o comandante-em-chefe Apraksin interrompeu a perseguição ao exército prussiano derrotado e depois ordenou que suas tropas se retirassem para a Lituânia e a Curlândia, citando infundadamente a falta de alimentos e a propagação de doenças nas tropas russas.

Tudo isso causou uma onda de indignação entre os oficiais russos. Aqui está o que um participante desta batalha, A. T. Bolotov, escreve [18] : “Circulou então no exército o boato de que muitos pareciam imaginar que iriam perseguir o inimigo e tentar derrubá-lo no chão; Foi também como se aconselhassem o marechal de campo e todo o exército a seguir sem demora o inimigo em fuga. Mas o senhor Lieven (Mason... - *O.P.),* de quem tudo mais dependia de conselhos e para quem, como soubemos mais tarde, foi muito desagradável termos... conseguido derrotar o inimigo, foi dito que neste ocasião foi que “Não há dois feriados no mesmo dia, mas basta que ganhemos” [19] .

“Nosso Marechal de Campo”, escreveu Bolotov em outro lugar, “em seu relatório ao Tribunal sobre este incidente, tentou esconder e esconder seu erro imperdoável /.../ Ele exaltou a coragem e bravura dos prussianos aos céus e completamente escondeu o fato de que do nosso exército e a quarta parte não estava no trabalho real, e que a coisa toda foi concluída por não mais que quinze regimentos, enquanto o resto ficou todo de mãos postas e sem qualquer ação atrás da floresta.

/…/ Ele tentou abafar tudo atribuindo elogios exorbitantes aos voluntários que estavam durante a batalha, Príncipe Repnin, Conde Bruce, Conde Apraksin, Capitão Bolting (todos nomes de maçons - O.P.)..." [20 *]* Por traiçoeiros comportamento, o marechal de campo Apraksin foi preso e levado a julgamento. O novo comandante-chefe transferiu imediatamente tropas para a Alemanha. Em 11 de janeiro de 1758, Koenigsberg foi tomada, suas autoridades e residentes juraram lealdade a Elizabeth. No final de janeiro, toda a Prússia Oriental estava nas mãos das tropas russas.

Mas mesmo nesta campanha houve interferência dos maçons. Quando Königsberg foi capturada, a loja maçônica das Três Coroas apelou através dos canais maçônicos ao comando russo com uma petição para poupar sua cidade e não destruí-la como uma fortaleza militar. O pedido foi concedido.

Apesar das intrigas maçónicas e das políticas hostis das potências da Europa Ocidental, as tropas russas derrotaram completamente os prussianos e em setembro de 1760 entraram na capital prussiana, Berlim.

No entanto, logo foram retirados de lá e, portanto, a campanha de 1760 revelou-se ineficaz. O destacamento de tropas que ocupou Berlim foi então liderado, em particular, pelo velho maçom Z. G. Chernyshev.

Talvez isto também possa servir como resposta à questão de saber por que os russos deixaram Berlim.

A situação foi salva pelo comandante russo Rumyantsev. Em 1761, ele realizou uma série de operações militares ativas, como resultado das quais o exército de Frederico foi completamente derrotado e o caminho para Berlim foi novamente aberto ao exército russo. “O fim da monarquia prussiana era de se esperar”, e a Prússia Oriental estava se transformando em uma das províncias do Império Russo. O exército russo exultou.

E desta vez Frederico foi salvo pela Internacional Maçônica. Em 25 de dezembro de 1761, a Imperatriz Elizabeth morreu e Pedro III, maçom e admirador de Frederico, subiu ao trono. Desde o início, declarou-se patrono da Maçonaria, chegando a fundar uma loja especial em Oranienbaum, “atraindo imediatamente tudo o que era influente no exército e na corte”.

E, claro, a primeira coisa que este maçom coroado fez foi, contrariamente aos interesses nacionais da Rússia, com um golpe de caneta ele destruiu os resultados das brilhantes vitórias russas na Alemanha, retirando tropas de lá e estendendo a “mão da amizade ”ao inimigo do povo russo, Frederico II.

Por seu decreto, Pedro III fez do maçom Z. G. Chernyshev o comandante-chefe das tropas russas na Prússia, dando-lhe ao mesmo tempo ordens para se juntar ao exército alemão e iniciar operações militares contra os ex-aliados. Dando ordens através dos canais maçônicos, Frederico usou as tropas russas no interesse da Prússia. O facto da solidariedade maçónica entre o rei prussiano e o maçom russo é muito característico. Durante a ascensão de Catarina II, Chernyshev recebeu uma ordem para devolver as tropas russas à sua terra natal. Porém, a pedido de seu superior maçônico, ele não anunciou o comando da Imperatriz por três dias, escondendo-o e permanecendo no lugar que lhe foi designado por Frederico. E isto permitiu a Frederico lutar com sucesso contra os recentes aliados da Rússia.

Assim, Z. G. Chernyshev “prestou um grande serviço a Friedrich, pelo qual foi generosamente recompensado por ele” [21] .

Capítulo 2

A ascensão de uma comunidade criminosa. - “Queixo Estrito.” — Lojas Elagin e Reichel. - Uma associação. — Intrigas dos reis maçons suecos e prussianos. - Nas mãos de uma potência estrangeira. — O camarote principesco a serviço de Frederico II. - Conspirações contra Catarina. - Proibição de alojamentos. — A crueldade dos maçons para com o povo russo. — O desprezo das pessoas pelos farmacêuticos.

A Maçonaria Russa durante os tempos de Catarina II era uma comunidade criminosa completa que estabeleceu como objectivos anti-russos minar o Estado russo e a Igreja Russa e subjugar o povo russo ao poder de governantes estrangeiros. Por trás do enfeite ritual externo, podia-se sentir a forte vontade política do mundo maçônico nos bastidores, que passo a passo transformou a classe dominante da Rússia em fantoches cosmopolitas que vivem na escala coordenada da Europa Ocidental.

Os principais crimes dos maçons contra a Rússia são formulados no Decreto de Catarina II no caso das organizações maçônicas de Moscou [22] .

“...As seguintes circunstâncias revelam que eles são criminosos estatais óbvios e prejudiciais.

Primeiro . Realizavam reuniões secretas, tinham nelas igrejas, altares, cruzes, evangelhos, aos quais tanto os enganadores como os enganados estavam vinculados pela eterna lealdade e obediência à Ordem da Rosa-Cruz Dourada, para não revelarem os segredos da ordem a ninguém, e se o governo começasse a exigir isso, então, mantendo-a, suportaria tortura e execução...

Segundo . Contornando a autoridade legítima estabelecida por Deus, eles ousaram subordinar-se ao Duque de Brunswick (o líder da Maçonaria mundial naquela época. - O.P.), *colocando* -se sob sua proteção e dependência, então o trataram com reclamações sobre a suspeita recebidos do governo sobre suas reuniões e realizados como se fossem opressão.

Terceiro . Mantinham correspondência secreta com o príncipe de Hesse-Kassel e com o ministro prussiano Welner, utilizando as cifras que inventaram, e numa altura em que o Tribunal de Berlim nos mostrou toda a extensão da sua crueldade (estava em estado de guerra com a Rússia). - OP) . Dos três membros por eles enviados, dois permanecem até hoje, submetendo a sua sociedade à administração estrangeira e violando assim o dever do juramento legal e da lealdade da cidadania.

Quarto . Eles usaram métodos diferentes, embora em geral, para atrair para sua seita uma pessoa conhecida por seus papéis (Herdeiro do trono russo Paulo I. - *O.P* .)...

Quinto . Publicaram livros ortodoxos não autorizados, corrompidos e contra a lei, impressos em seu próprio país, e depois de duas proibições, ousaram até vender novos, para o que abriram uma gráfica secreta...

Sexto . Na carta das suas reuniões... elas incluem igrejas, dioceses, bispos, unção e outras instituições e rituais que não são permitidos fora da Santa Igreja...” Após a derrubada do trono de seu marido maçom, Catarina II experimentou o a mais profunda hostilidade e desconfiança em relação à Maçonaria, embora isso não o demonstrasse abertamente. Como uma verdadeira política, ela compreendeu o verdadeiro significado da Maçonaria nos assuntos internos e externos dos estados da Europa Ocidental e levou este facto em consideração com sobriedade, por vezes, aparentemente, ela própria tentou usá-lo em seus próprios interesses.

Porém, cada novo contato com a Maçonaria fazia com que ela se tornasse cada vez mais alienada dela.

Catarina II encontrou conspiradores maçônicos no primeiro ano de seu reinado. Representantes de uma antiga família nobre, os irmãos Guryev Semyon, Ivan e Peter, são acusados de conspiração a favor de Ivan Antonovich, que está detido na fortaleza de Shlisselburg. A investigação revelou a sua certa ligação com os maçons N. I. Panin e I. I. Shuvalov, bem como um conhecimento incompreensível de Ioann Antonovich e do seu local de residência (que foi mantido na mais estrita confidencialidade). Os conspiradores admitiram: “Defendemos aquilo pelo que o príncipe não foi coroado, e agora Panin e Shuvalov têm dúvidas sobre quem deveria ser o governante” [23] . Os criminosos foram exilados para Kamchatka e Yakutsk.

Aparentemente, a conspiração de V. Ya. Mirovich, que serviu na fortaleza de Shlisselburg, onde Ivan Antonovich foi preso, também tinha raízes maçônicas. Em 1764, Mirovich conquistou parte dos guardas para o seu lado para libertar o “czar Ivan”. Porém, o prisioneiro estava sempre acompanhado por dois guardas que tinham instruções para matá-lo quando tentasse libertá-lo. Eles cumpriram a ordem com exatidão e Mirovich recebeu apenas o cadáver do “czar” deposto. Durante a investigação realizada neste caso, foi descoberto um fragmento do catecismo maçónico sobre o cúmplice de Mirovich, tenente do regimento Velikoluksky [24] .

Mirovich era “filho e neto de rebeldes” contra o Estado russo, aparentemente com fortes ligações com conspiradores estrangeiros. Seu avô, o coronel Pereyaslavl Fyodor Mirovich, traiu Pedro I e após a derrota de Carlos XII fugiu para a Polônia, onde foi exilado na Sibéria, onde nasceu o futuro “libertador do czar João” em 1740.

Na segunda metade do século XVIII, a consciência da classe dominante russa foi submetida a um sério teste - o teste da ideologia maçônica, que tinha como principal tarefa destruir os valores da civilização russa. Os valores

humanos universais, tal como entendidos pelos maçons, eram na verdade os valores da civilização ocidental. A Maçonaria penetra nas camadas superiores da sociedade russa e, especificamente, naquela parte dela que estava privada de consciência nacional e confiava na superioridade da cultura ocidental. A Maçonaria está sendo introduzida nas almas dos nobres russos através do misticismo, da propaganda de valores abstratos e de sonhos sentimentais, aos quais as pessoas privadas de consciência nacional e de solo sempre foram propensas.

Observando a natureza importada da Maçonaria, alheia à cultura russa, um dos membros das lojas maçônicas da época de Catarina II admitiu que "não tínhamos nada próprio, que algo estranho veio até nós por acaso e através de pessoas influentes que sabiam como se cercar de uma auréola, mas que ela foi aqui colocada em ação com brilho e esplendor e com raro auto-sacrifício" [25] .

O que trouxe os nobres russos às lojas maçônicas? Curiosidade, mistério, vontade de se envolver em grandes segredos, simples vaidade humana, vontade de se elevar acima dos outros.

"Desde muito jovem", escreveu o famoso maçom I. P. Elagin, "juntei-me à chamada Maçonaria ou sociedade dos maçons livres, curiosidade e vaidade, para que pudesse reconhecer o mistério, como diziam entre eles, vaidade, para que Eu estaria pelo menos por um minuto em igualdade com essas pessoas, que são famosas na comunidade, e com posições, e méritos, e sinais, a essência é tirada de mim, pela imodéstia dos irmãos que anteriormente me anunciaram tudo isso . Tendo assim entrado na fraternidade, visitei as Lojas com prazer: já que o trabalho nelas era considerado um brinquedo perfeito, para passar momentos ociosos e fictícios... Passei muitos anos procurando nas Lojas tanto a luz prometida quanto a igualdade imaginária: mas nem um nem outro são inferiores aos benefícios que não consegui encontrar, por mais que tentasse..." [26] I. P. Elagin ingressou na Maçonaria, aparentemente, enquanto ainda estava no corpo de cadetes. Aos vinte e cinco anos, ele foi aceito na loja do sistema inglês e serviu como ajudante de campo do favorito da Imperatriz Elizabeth, A. G. Razumovsky. Com a ascensão de Catarina II, Elagin foi designada para o gabinete "nos assuntos próprios de Sua Majestade, na aceitação de petições", bem como membro da chancelaria do palácio. Isso fez dele uma das pessoas mais influentes do estado. Sua carreira maçônica foi ainda mais bem-sucedida.

No final dos anos sessenta fundou a Loja de Santa Catarina em São Petersburgo, e em 1770 - a Grande Loja Provincial Russa.

Em 1772, esta loja ficou sob o controle da Grande Loja da Inglaterra, e Elagin, um nobre de alto escalão de Catarina, tornou-se um Grão-Mestre Provincial sob a jurisdição da Maçonaria Inglesa com o título de "Grão-Mestre Provincial de todos e para todos os russos". "[27 [1] .

Sob o controle de Elagin (ou melhor, da Maçonaria inglesa de três graus), pelo menos cinco lojas operam: "Nove Musas" em São Petersburgo (fundada em 1774), o líder é o próprio Elagin; "Perfect Concord" em São Petersburgo (1771), fabricante de cadeiras D. Keli; "Urânia" em São Petersburgo (1772); "Bellona" em São Petersburgo (1774); "Clio" em Moscou (1774).

Os elos de transmissão entre centros maçônicos estrangeiros e lojas maçônicas russas são os chamados Capítulos, dotados de direitos especiais. Por exemplo, em 1765, uma organização maçônica diretiva, o Capítulo da "Ordem Estrita" do sistema Templário, operava em São Petersburgo.

Os trabalhos dos Capítulos foram realizados no mais estrito sigilo. Sua composição não era conhecida nem pela maioria dos "irmãos". Só agora temos a oportunidade de conhecer a composição pessoal deste tipo de governos maçônicos, que tiveram enorme influência e incluíram estadistas proeminentes.

Aqui está uma lista dos membros do Capítulo de São Petersburgo Leste [28] (infelizmente, nem todos os nomes estão escritos de forma legível, por isso apresentamos apenas aqueles que conseguimos decifrar).

Membros do Capítulo Leste de São Petersburgo [1777]:

Príncipe [A. B.] [29] Kurakin - Prior

Príncipe [G. P.] Gagarin - Grande Prefeito

Conte [A. S.] Conde Stroganov [Ya. R.] Bruce

Conde Piotr Razumovsky

Príncipe Nesvitsky

Príncipe George Dolgorukov

Barão Stroganov

Presidente [30] [A. A.] Rzhevsky

Smirnov

Saburov

Rosemberg 1

Rosenberg 2

Zagryazhsky

Borozdin

[P. A.] Bibikov

Ribas

Baltulação

[E. P.] Elagina

[E. V.] Beber

Simultaneamente com o desenvolvimento das lojas maçônicas controladas por Elagin, a Maçonaria de sete graus do chamado sistema Zinnendorf, estabelecida pelo agente do rei prussiano, um famoso maçom, ex-camareiro da corte do duque de Brunswick, Barão Reichel , tornou-se generalizado. Ele foi enviado a São Petersburgo por Frederico, o Grande, que fez da Maçonaria um instrumento de política externa e de realização dos objetivos nacionais alemães. Conforme observado em fontes maçônicas internas, "o governo de Frederico, o Grande, não foi alheio à iniciativa de Reichel; Na verdade, ninguém melhor do que este monarca poderia compreender a importância para a Alemanha da propagação da influência alemã na Rússia e os resultados que se poderia esperar alcançar nesta direção com a ajuda da Maçonaria..." [31 [1]O Barão Reichel estabeleceu-se em São Petersburgo em 1771 e fez uma carreira rápida, logo se tornando o chefe do Gentry Cadet Corps, transformando-o em um centro de propaganda maçônica e educando os jovens com um espírito cosmopolita.

Sob os auspícios de Reichel, já em 1771, em São Petersburgo, foi estabelecida a primeira loja do sistema Zinnendorf "Apollo" (que existiu até 1772), e depois várias outras lojas: "Harpócrates" em São Petersburgo (fundada em 1773).), o primeiro líder foi o Príncipe N. Trubetskoy; "Ísis" em Reval (1773); "Gorus" em São Petersburgo (1774-1775); "Latons" em São Petersburgo (1775); "Nemesis" em São Petersburgo (1775-1776).

Mas o barão maçônico considera que sua principal tarefa é estabelecer um controle político abrangente sobre as lojas russas. Passo a passo, Reichel consegue o apoio de várias pessoas influentes, liderando a intriga com paciência e habilidade. Os arquivos maçônicos contêm documentos que atestam os métodos pelos quais este trabalho foi realizado.

Assim, em 1771, em nome da Loja Apollo de São Petersburgo, uma carta foi enviada ao Duque de Brunswick, Grão-Mestre da Ordem Maçônica, assinada pelo Mestre da Loja Barão Reichel, pelo Mestre Local M. Kheraskov e pelo Príncipe A. Trubetskoy. Expressou gratidão pela liderança da loja pela Maçonaria Alemã e pelo recebimento de oito certificados de elevação a altos graus maçônicos.

Reichel e seus associados pediram a ajuda do Grão-Mestre para desacreditar os direitos da Maçonaria Sueca e Inglesa de constituir outras lojas ao redor do mundo. Sem qualquer dúvida de que a Maçonaria Alemã tem esse direito, Reichel pede conselhos sobre o que fazer para repudiar a influência de outros sistemas maçónicos. Reichel pede desculpas ao Grão-Mestre por ainda não poder enviar para a Alemanha a terceira parte das contribuições dos maçons russos, que, de acordo com a carta, eles devem pagar à Grande Loja Alemã.

Os Reichelitas reclamam do comportamento de seus rivais - Elagin e seus apoiadores. A carta também relata métodos de combate aos dissidentes nas fileiras maçônicas, que, em particular, ousam colaborar com Elagin.

“Nós”, escreve o Barão Reichel, “anotamos cada um desses casos nos atos da loja e os adicionamos a uma lista especial. Removemos os culpados de nossas fileiras. Esperamos que o Arquiteto Supremo do Universo nos salve de tais incidentes infelizes no futuro e nos proteja de pessoas que são incapazes de aprender a apreciar a pureza de... nossos altares" [32 [1] .

Aparentemente, foi devido à luta pela pureza dos altares que a Loja Apolo existiu durante cerca de um ano e foi encerrada. Os fiéis Reichelitas mudaram-se para o camarote de Harpócrates e o resto desistiu.

Os esforços e intrigas do Barão Reichel foram coroados de sucesso. Em 3 de setembro de 1776, as lojas Elagin e Reichel se fundiram.

O Barão explicou a necessidade de unir as lojas pelos requisitos de estabelecer a ordem no trabalho maçônico. A Inglaterra não tinha rituais escritos e os proibia. Segundo Reichel, a necessidade de traduzir os rituais para o russo causou muitos mal-entendidos e erros. Reichel propôs rituais impressos para todos os três graus [33] .

Claro, isso foi apenas uma desculpa. Na verdade, o papel decisivo foi desempenhado pelo fortalecimento da influência alemã na sociedade russa. Como resultado, as lojas unidas ficaram sob a jurisdição e controle da loja de Berlim "Minerva", o domínio inglês original na Maçonaria foi substituído pelo prussiano, ou seja, uma nova vitória nos bastidores do rei prussiano. Em uma carta datada de 2 de outubro de 1776, Elagin relata à

Grande Loja Nacional Alemã que está muito feliz, vendo "em toda a Rússia um pastor e um rebanho" [34] . Em geral, toda a Grande Loja Provincial Elagin-Reichel está sob a jurisdição da Maçonaria Alemã, unindo sob seu controle 18 lojas, cujos membros eram muitos representantes seniores da liderança política da Rússia ou pessoas próximas a ela.

Assim, na caixa "Harpócrates" em 1777, o líder era o secretário-chefe Artemyev, na caixa "Nemesis" - o secretário de Estado A. V. Khrapovitsky.

Através da aliança Reichel-Elagin, o Duque de Brunswick controla firmemente as atividades da Maçonaria Russa e figuras políticas relacionadas. Os russos recebem o direito de criar novas lojas maçônicas na Alemanha, e relatórios sobre o trabalho realizado também são enviados para lá. Por exemplo, tenho diante de mim uma patente do grande mestre alemão Duque de Brunswick para o direito de criar uma loja em Moscou, datada de 15 de outubro de 1781 [35] . O Arquivo Especial contém muitos documentos semelhantes.

No entanto, a aliança Elagin-Reichel revelou-se frágil e de curta duração. A razão para isso foi puramente política - a luta pela influência sobre o herdeiro do trono russo, que incluía o rei sueco, que chefiava a Maçonaria de seu país.

Esta intriga política sueca foi realizada através do Príncipe A.B. Kurakin. Desde a infância, o príncipe Kurakin ficou sob os cuidados de seu tio N. I. Panin, um maçom de alto escalão, chefe do departamento de política externa e educador do grão-duque Pavel Petrovich. Como sobrinho de Panin, Kurakin tornou-se companheiro de jogos e atividades do futuro imperador Paulo I e, a partir daí, iniciaram-se relações de amizade entre eles, que se fortaleceram constantemente.

Em 1773, por recomendação de seu tio, Kurakin ingressou na loja maçônica e no mesmo ano foi nomeado para servir com o Herdeiro do Trono.

Já em 1775, Kurakin recebeu o terceiro grau na Loja da Igualdade e, em 1776, seguiu as instruções da Grande Loja em São Petersburgo para organizar lojas do sistema sueco. Na Suécia, Kurakin recebe poderes especiais. Ele traz consigo constituições para a introdução de diplomas no sistema sueco. O próprio Kurakin recebe o título de Grão-Mestre do sistema sueco, que ao retornar a São Petersburgo ele transfere para o Príncipe G. P. Gagarin [36] . No entanto, o jogo dos graus era apenas uma tela atrás da qual se escondiam intrigas políticas para ganhar influência sobre o grão-duque Pavel Petrovich.

Em 1777, o próprio rei sueco Gustav III, que estava à frente da Maçonaria sueca, entrou no assunto. Ele vem para São Petersburgo e estabelece pessoalmente uma loja lá sob a jurisdição da Grande Loja da Suécia, mas o mais importante, através de Panin e Kurakin, ele consegue a iniciação do Herdeiro do trono russo, Grão-Duque Pavel Petrovich, nele [37] . Claro, isso acontece em profundo sigilo.

A Loja Provincial Sueca distinguiu-se pela ordem da sua organização externa. Além dos três graus simbólicos, havia mais quatro graus superiores, segundo os quais o Capítulo Fênix funcionava em São Petersburgo. Havia nove lojas nesta cidade, três em Moscou, uma em Revel, uma em Kronstadt e uma em Saratov. Havia também um alojamento militar ligado ao exército do sul.

A maioria das lojas russas, anteriormente controladas pela Alemanha, estão sob o controle da Maçonaria Sueca. Estadistas proeminentes que eram membros de lojas russas estão subordinados ao rei sueco.

Isto, em particular, é evidenciado pela correspondência de 1777-1779 entre o príncipe maçom Kurakin e o príncipe sueco Charles da Südermanland, preservada no Arquivo Especial [38] . Fica claro que o Príncipe Kurakin recebeu e cumpriu instruções do líder do país, que naquela época não era nada amigável com a Rússia. É verdade que as intenções dos bastidores maçónicos são expostas pelos serviços especiais russos, a correspondência comprometedora de Kurakin é interceptada e ele próprio é exilado no seu feudo de Saratov.

A aliança Reichel-Elagin, apesar de sua divisão, continua a lutar pela subordinação das lojas russas do sistema sueco a si mesma, ou melhor, à Maçonaria Alemã. E, novamente, intrigas clandestinas e o desejo de desacreditar de todas as maneiras possíveis os seus oponentes, que neste caso são os apoiantes do sistema sueco, os irmãos Rosenberg (um dos quais desempenhou um papel de liderança na Maçonaria sueca).

Um documento de 1777 foi preservado no arquivo maçônico, refletindo a atmosfera desta luta [39] .

“Sabe-se que desde o início do estabelecimento decente da Maçonaria na Rússia e do estabelecimento da Loja Provincial de Toda a Rússia, as obras foram enviadas de acordo com os ritos da Grande Loja da Inglaterra... Mas com o passar do tempo, alguns das várias obras: visto que não foram ensinadas instruções adequadas para isso, e o conteúdo parcialmente insuficiente do que foi enviado da grande loja inglesa deu a alguns irmãos

motivos de descontentamento; então esta foi a motivação para fundar primeiro uma loja ilegal e não autorizada, e depois ter o patrocínio de uma loja estabelecida... [40] cresceu dia a dia de tal forma que finalmente a discórdia e o desacordo já assumiram a forma de divisões e ameaçaram toda a irmandade com uma inevitável queda desastrosa. Então todos os verdadeiros e zelosos membros da nossa Ordem, lamentando este estado desastroso da nossa antiga e venerável comunidade, começaram a pensar em corrigir tais desordens, cujas consequências poderiam ser prejudiciais para toda a Maçonaria.

Por estas razões, no início de julho passado, no comitê provincial, aliás, foi proposto pelo Grão-Mestre, Irmão Príncipe Gagarin, em nome de toda a sua loja, que a união fraterna e amigável de nossas lojas com a lojas do sistema sueco, para renovar o acordo indubitavelmente bom e parar tudo antes daquela antiga discórdia. Esta proposta não pôde ser resolvida na comissão da época devido à ausência do irmão Elagin, mas ao retornar ele imediatamente concordou com ela... o que há muito estava de acordo com seus pensamentos. Como resultado, ele imediatamente começou a cumprir a sentença, primeiro com o venerável irmão Reichel, que ele conhecia, e finalmente enviou, da maneira usual, uma carta assinada por nove irmãos sobre a experimentação do seu sistema.

Mas... esta carta não foi apresentada, e no exato momento em que a intenção desta união se tornou conhecida por todos, o Irmão Rosenberg propôs o estabelecimento de uma Loja Estadual aqui. Tal proposta era completamente repreensível às nossas intenções, pois a sua implementação poderia ser o maior incentivo à discórdia; porque a loja provincial já existe há vários anos da loja inicial... foi lamentável obedecer a outra. Em tais circunstâncias, os irmãos acreditavam em Rosenberg mais num desejo de comandar do que numa ordem exaltada, sem concordar com ela; e o irmão Reichel, tendo recebido uma carta do grão-mestre provincial, com o consentimento de todos os irmãos, entregou-lhe os ritos exigidos e aconselhou os demais a pedirem à Grande Loja Sueca.

Em duas reuniões em que os irmãos discutiram este sistema sueco, Rosenberg, embora não tenha sido convidado, ficou apenas à revelia indignado com a união: por que até hoje continua a haver desacordo entre ele e o irmão Reichel, para o qual, no entanto, o irmão Reichel é inocente” [41] .

Fica claro no documento que a aliança Elagin-Reichel queria controlar todas as lojas russas, e representantes do sistema sueco ofereceram o protetorado do rei sueco.

Em 1779, o Duque de Südermanland emitiu uma declaração na qual declarava a Suécia para todo o mundo como a nona província da Ordem Maçónica da “Ordem Estrita”, acrescentando-lhe, entre outros lugares, toda a Rússia [42] . Catarina, ao saber disso, indignada, ordena o fechamento das lojas do sistema sueco. Os fãs do rei sueco deixam São Petersburgo e aparecem em Moscou, onde estabelecem lojas que continuam a trabalhar secretamente de acordo com o sistema sueco [43] .

As lojas das Três Espadas, Apis, Três Virtudes Cristãs e, mais caracteristicamente, por algum tempo até mesmo a loja de Osíris juntaram-se ao submundo maçônico deste sistema.

A última caixa merece menção especial. Foi chamado de principesco, porque todos os seus fundadores tinham título principesco e pertenciam às mais antigas famílias nobres, e mantinham seus protocolos em latim.

No entanto, a loja de Osíris, que incluía membros dos clãs dominantes da Rússia, era controlada a partir de Berlim.

O apelo original dos membros da loja principesca aos seus superiores estrangeiros, no qual pedem a sua proteção, foi preservado (por muito tempo foi preservado nos arquivos secretos maçônicos).

“Venerável Mestre e Veneráveis Irmãos da Grande Loja Nacional da Alemanha... Graças à graça do Grande Arquiteto do Universo, conhecemos a felicidade de abrir em Moscou, em 2 de março de 1776, uma loja justa e perfeita chamada Osíris.

Recebemos atos dos três primeiros graus, com o selo da Loja Apolo, para nosso venerável mestre Príncipe Trubetskoy, que já os havia recebido do venerável irmão Barão Reichel.

Esperamos que você não nos recuse sua amizade fraterna.

Enviamos-lhe os nomes dos membros que compõem a Loja Osíris e nosso endereço. Pedimos-lhe que nos envie uma lista de lojas que trabalham sob a sua liderança... e **não nos recuse a ser guiados pela luz da sua mais alta ciência da Ordem Real da Alemanha.**

Assinado: Príncipe Nikolai Trubetskoy (mestre); Khariton Chebotarev (secretário); Sergei Saltykov (primeiro supervisor); Príncipe Alexey

Cherkassky (tesoureiro); Mikhail Pushkin (mestre de cerimônias); Mikhail Rakhmanov (segundo diretor).”

Anexada ao recurso está uma lista dos membros da loja, o que por si só diz muito.

Lista dos membros da Loja Osíris em Moscou (1776)

1. Príncipe Nikolai Trubetskoy, mestre da loja

2. Deputados do Príncipe Grigory Dolgorukov

3. Mestres do Príncipe Grigory Shcherbatov

4. Príncipe Vasily Dolgorukov o primeiro

guardião

5. Sergei Saltykov primeiro

guardião

6. Mikhail Rakhmanov em segundo

guardião

7.Mikhail Kheraskov

8. Palestrantes de Vasily Maykov

9. Semyon Desnitsky

10. Secretário de Alexei Shepelev

11. Secretário de Khariton Chebotarev

12. Tesoureiro do príncipe Alexei Cherkassky

13. Mestres do Príncipe Alexander Trubetskoy

14. Cerimônia de Mikhail Pushkin

15. Vasily Argamakov primeiro

porteiro

16. Príncipe Fyodor Gagarin II

porteiro

17. Alexandre Guryev

18. Príncipe Vasily da Sibéria

19. Sergei Pleshcheev

20. Príncipe Vladimir Shcherbatov

21. Príncipe Nikolai Kozlovsky

22. Stiepan Kolychev

23. Príncipe Sergei Golitsyn

24. Peter Saltykov

25. Nikolai Kolychev

26. Príncipe Nikolai Trubetskoy

27. Matvey Afonin

28. Príncipe Alexandre Zasekin

29. Georgy Obolduev

30. Bogdan Royenberg

31. Príncipe Sergei Volkonsky

32. Príncipe Sergei Golitsyn

33. Peter Zherebtsov

34. Nikolai Evreinov

35. Ivan Stupishin

36. Sergei Poltev

37. Sergey Bredikhin

38. Príncipe Alexandre Volkonsky [44]

A Loja Principesca "Osíris", como outras lojas russas, flutuou de uma influência estrangeira para outra. Caindo sob uma influência ou outra, a loja de Osíris representou uma formação cosmopolita ideal, hostil aos interesses nacionais da Rússia.

A loja principesca "Osíris" torna-se o núcleo da chamada Grande Loja Nacional, que além dela inclui a loja "Apolo" e várias outras grandes lojas. O chefe de Osíris, Príncipe Trubetskoy, tornou-se o Grão-Mestre da Grande Loja Nacional. Esta Grande Loja era nacional apenas no nome; na verdade, estava sob a jurisdição da Maçonaria Alemã e era controlada a partir de Berlim e, portanto, pelo Rei da Prússia.

É verdade que durante algum tempo a Maçonaria sueca reivindicou a liderança desta loja, usando a participação do herdeiro do trono russo como um trunfo. Como já dissemos, a Alemanha, no entanto, venceu a luta que se seguiu, e o sistema sueco mergulhou profundamente na clandestinidade, apenas para renascer como dominante durante os reinados de Paulo I e Alexandre I (período inicial).

Em 1782, a Grande Loja Nacional recebeu um convite para enviar delegados a uma convenção de lojas do sistema de Ordem Estrita, realizada em Wilhelmsbad. I. G. Schwartz e P. A. Tatishchev foram enviados. A convenção foi liderada pelo Grão-Mestre de toda a ordem, Duque Fernando de Brunswick.

Na convenção, a Grande Loja Nacional da Rússia foi reconhecida como independente da Suécia e entrou no sistema de "Classificação Estrita". Aqui estava destinada a se tornar a oitava província, dividida em quatro regiões: 1 - Norte (São Petersburgo); 2 - Centro (Moscou); 3—Sul (Kyiv); 4 - Sibéria (Irkutsk). O rei da Prússia e o duque de Brunswick receberam um poderoso instrumento de influência política na Rússia, e os "irmãos" russos tornaram-se seus vassalos.

Do duque de Brunswick, os maçons russos receberam um oficial prussiano, o diretor da câmara do príncipe da Prússia, Welner, como seu curador.

O alemão I. G. Schwartz foi nomeado para liderar a Grande Loja Nacional.

Todo o sistema colocou os irmãos russos numa posição dependente e subordinada dos estrangeiros. A organização foi estabelecida da seguinte forma: foi estabelecido um Capítulo cujo objetivo era a liderança sênior e a discussão de questões dogmáticas. Somente "irmãos" de ambos os graus teóricos poderiam ingressar no Capítulo (deveriam ser dois). No sistema adotado havia outros maçônicos superiores, nenhum dos russos os recebeu. O cargo de Presidente do Capítulo não foi preenchido, pois presumia-se que seria assumido pelo Herdeiro do trono russo. Na verdade, a primeira pessoa do Capítulo foi o Grão-Mestre Schwartz (Chanceler).

Certos papéis, embora longe de serem os primeiros, foram desempenhados por Tatishchev (prior), Príncipe Trubetskoy, Príncipe Cherkassky.

Foi criado um Diretório para trabalho contínuo e correspondência com “irmãos” estrangeiros.

Havia as Lojas Mãe mais altas, cujos presidentes deveriam ser os maçons de mais alto escalão - “Bandeira da Coroa” (Tatishchev), “Latona” (Trubetskoy), “Osíris”, “Esfinge”.

A subordinação da Maçonaria Russa à influência alemã e a sua transformação num instrumento da política externa alemã intensificaram a penetração na Rússia de um dos representantes mais secretos do mundo nos bastidores - a Ordem Rosacruz. O centro desta ordem localizou-se primeiro na Alemanha e depois na Áustria (Viena). O conhecido aventureiro Mesmer participou ativamente disso. A ordem foi patrocinada pelo imperador austríaco Leopoldo II. Como observam fontes maçônicas internas, “os Rosacruzes escreveram muito pouco sobre si mesmos, eles tentaram usar outras organizações para melhor ocultação...” [[45] Os Rosacruzes foram organizados em Maçonaria de dez graus, e os graus seguintes aos três simbólicos foram praticamente não é dado a ninguém na Rússia.

Assim, toda a liderança dos Rosacruzes Russos era estrangeira. A primeira organização Rosacruz apareceu em Moscou no final dos anos setenta e foi desenvolvida com a ajuda de Schwartz. Ele próprio entrou durante uma viagem a Wilhelmsbad para uma convenção maçônica. Schwartz “desenvolveu suas lojas existentes em Moscou, que, embora não se fundissem com as lojas da Grande Loja Nacional, começaram a trabalhar em paralelo, o que foi facilitado pelo fato de os maçons do grau teórico serem todos Rosacruzes ao mesmo tempo. Havia cerca de vinte de todas as lojas unidas em Moscou e aproximadamente o mesmo número nas províncias exclusivamente da Rússia Central” [46] .

Como em outras ordens maçônicas, os Rosacruzes dos graus inferiores de iniciação nada sabiam das intenções e planos dos seus superiores. Nos graus inferiores, a Maçonaria era um tipo especial de entretenimento - “eles se reuniam, recebiam, jantavam e se divertiam; aceitavam a todos indiscriminadamente, conversavam muito, mas sabiam pouco.” “Eu”, admite Novikov, “aos graus, mas só conhecia quatro graus desta Maçonaria; Então falo com base no meu próprio conhecimento, mas não conhecia os mais elevados daquela Maçonaria, 5, 6 e 7, ou quais outros havia, então sei que eles sabiam.” É claro que todo o trabalho real contra a Rússia e pelas suas costas foi realizado nos mais altos graus de iniciação e

era desconhecido por muitos maçons comuns, que foram usados como cobertura para atividades criminosas anti-russas.

Desde 1787, A. M. Kutuzov tornou-se o elo de ligação entre os Rosacruzes Russos e seus superiores alemães, que naquela época foram para o exterior para "estudar alquimia", viveram lá quase para sempre e morreram em Berlim.

Em 1775, Kutuzov foi um dos fundadores da loja Astrea e em 1780 foi membro da loja Harmony. Alcançou os mais altos graus, foi membro do Diretório de Graus Teóricos e esteve em constante comunicação com um dos principais maçons do mundo da época, Du Bosc [47 [] .

É entre os Rosacruzes que se encontra o maior número de charlatões e enganadores que ofereceram, como pagamento por verdadeiros serviços políticos, traição e traição, algum conhecimento superior que supostamente permitia controlar as pessoas e receber ouro em quantidades ilimitadas. E entre os nobres e nobres russos havia muitos ansiosos para concluir tal acordo. O Arquivo Especial contém um desenho e uma descrição de um certo aparelho para a produção de materiais mágicos [48] , oferecido pelos Rosacruzes aos simplórios dentre os nobres russos:

"Isso é preciso e justo

Imagem de URIMA TUMIMA

Animal astral Vegetabili - xadrez mineral Em hebraico Urim Thumim Em grego Epomin Em russo A Palavra do Julgamento

A seguir você pode ver como ele é preparado e preservado na Sociedade Auto-Oculta da chamada Irmandade da Rosa Cruz. O escabelo é feito de Óleo Mágico ou a Composição e Palavras de Deus Elohim é derramada na área ao seu redor, um Grande Cristal feito de duas Pedras de Cristal é colocado no escabelo, que no meio são transformados em um Oval e confeccionados juntos , então a pedra angular do sábio é colocada no referido vazio de cristal oval; Além disso, são cristalizados mais quatro pequenos cristais, que devem ser moídos de forma limpa; no meio existe também um tal Vazio, tendo uma bifurcação em duas partes, para que possam ser somadas.

No interior, com dois grandes cristais dobrados, está esculpida a Palavra Tetragramaton; quando estes Cristais estiverem prontos, cubra-os com partículas de ouro, para que seja possível desmontar tanto o Grande, quanto o Médio e o Pequeno; Esses pequeninos devem ter ganchos feitos para que possam ser pendurados em uma grande forma oval; e o grande também tinha dois ganchos presos na parte inferior, com os quais seria possível colocá-lo com mais firmeza no pé; no Meio do Cristal Grande Como já mencionado, coloca-se o quarto da pedra Philozov, depois os quatro Cristais pequenos são colocados nas extremidades dos quatro lados do Cristal grande; uma pedra Philozov é colocada em cada um deles; a saber, no primeiro feito do reino Animal, no segundo do reino Vegetal, e no terceiro do reino fóssil, isto é, mineral, e no quarto Astral; e acima, no quinto, está o Fogo do Senhor; Com quem os filhos de Israel acenderam os sacrifícios; Finalmente, o futral é limpo (? *-O.P.),* para proteger tudo do pó...

(O seguinte descreve o processo de criação de Eleither mágico e outros materiais mágicos).

E nem todo mundo tem Kaim URim, mas apenas na casa do Mestre Chefe Temporário de seus irmãos...

(O processo de operação do aparato mágico é descrito em detalhes abaixo) Os anéis nas mãos desses Irmãos também são feitos e fundidos a partir de Eleitra ou composição mágica, e a palavra Tetragramoton está gravada dentro deles.

Esses Anéis possuem as seguintes Qualidades: primeiro - quem o tiver em mãos, nenhum veneno pode prejudicá-lo, mas o reconhece pois o Anel ficará preto, segundo - este Anel mostra vilões e Inimigos, quando você os encontrar em uma Conversa, então Manchas de sangue aparecem no anel, a terceira - quando você colocar este anel no polegar da mão esquerda e bater nele, ele fará com que ninguém possa te ver, através do qual você poderá se livrar de todos os seus vilões e inimigos; a quarta protege todos da impureza de pessoas mimadas e adúlteras; Se um deles usar este anel além de suas aspirações, ele se desintegrará em pequenos pedaços e, por fim, o quinto, o mais importante e necessário para uma pessoa, pois quem o usa sempre consegue todos os seus piedosos propósitos e, portanto, é sempre saudável."

Além da Ordem Rosacruz, deve-se destacar mais uma organização mundial nos bastidores - a Ordem Martinista. Apareceu na Rússia em meados dos anos sessenta do século XVIII. O Príncipe A. B. Golitsyn foi considerado o primeiro Martinista Russo. Os promotores do Martinismo na Rússia foram o Conde T. Grabyanka e o Almirante Pleshcheev. Moscou tornou-se o centro

do Martinismo. Aqui, muitos conspiradores maçônicos proeminentes participaram do trabalho dos maçons, e em particular A. N. Radishchev [49] .

Os Martinistas sempre tiveram patronos de alto nível.

Na década de 1780, o comandante-chefe de Moscou, o velho maçom Z. Chernyshev, apoiou abertamente os Martinistas.

No final dos anos setenta, as lojas Elagin-Reichel adquiriram um carácter vulgar e aventureiro; os "irmãos" reuniam-se à noite para se divertirem, fofocar e discutir assuntos políticos actuais. Os golpes foram discutidos quase abertamente, tudo originalmente russo foi desprezado e ridicularizado. O descrédito final da Maçonaria Elagin-Reichel ocorreu em conexão com as aventuras escandalosas do notório Conde Cagliostro, que se tornou membro de várias lojas maçônicas russas e enganou muitos "irmãos" com projetos para obter a pedra filosofal e fabricar um aparato mágico como o aquele que descrevemos acima.

Um episódio característico dessa fraude foi o caso do ouro, que Cagliostro prometeu produzir em libras usando sua magia. Os "irmãos", tomados pela paixão pelo lucro, gastaram enormes quantias de dinheiro na criação de um aparato mágico para "produção de ouro" e vários materiais e dispositivos mágicos.

A página mais picante das aventuras de Cagliostro foi a organização de uma loja da Maçonaria Egípcia em São Petersburgo. As mulheres foram admitidas neste camarote e seus encontros, com a participação do próprio Cagliostro, adquiriram caráter de orgia. Como admitem fontes maçônicas internas, as reuniões desta loja "às vezes tinham semelhanças com o zelo de algumas seitas" [50] . Este lado das atividades das lojas maçônicas foi ridicularizado pela própria Catarina II em suas comédias "O Enganador" e "O Xamã Siberiano".

Todos os abusos ocorridos nas lojas maçônicas foram ocultados de todas as formas possíveis, o que foi facilitado pelo sigilo dessas organizações. De acordo com fontes de arquivo, são conhecidos casos de roubo e ocultação de dinheiro, comportamento indecente, embriaguez, etc.. [51] A aparência humana da maioria dos maçons não despertava simpatia.

Em todas as suas ações houve uma contradição entre palavra e ação. Ao declarar vários sentimentos e ações sublimes, os maçons apresentaram, na prática, o exemplo mais negativo.

O conde maçom F. Dmitriev-Mamonov, mencionado nas listas maçônicas em 1756, distinguiu-se pela crueldade inédita para com seus servos, a quem ele atormentou e torturou para que fugissem constantemente dele. O assunto chegou à Imperatriz e a tutela foi estabelecida sobre ele.

O notável "filantropo maçônico" Príncipe N.V. Repnin, durante o reinado de Paulo I, tornou-se famoso por sua crueldade inédita na repressão à agitação de camponeses desarmados na vila de Brasovo, província de Oryol. Por ordem de Repnin, que liderou pessoalmente o massacre, a aldeia foi bombardeada por canhões durante duas horas, 33 projéteis de artilharia foram disparados e, em seguida, foi aberto um denso fogo de armas.

Como resultado, a aldeia foi queimada, 20 pessoas foram mortas e 70 ficaram feridas, incluindo mulheres e crianças [52] . Foi assim que os maçons mostraram a sua verdadeira atitude para com o povo russo.

O famoso maçom Kurakin também foi um algoz de seus camponeses, que não os considerava gente e os chamava de classe vil. Como testemunham até fontes maçônicas, para Kurakin, a carreira e o brilho externo formavam a base da vida. Nas relações com as pessoas, segundo a crítica geral, "ele era frio, a manifestação de sentimentos de amizade era para ele apenas educação. Ele não estava sobrecarregado com multidões de servos, e a posição dos camponeses que lhe pertenciam não era brilhante" [53] . As instituições de caridade que ele estabeleceu foram para ele uma manifestação de senhorio arrogante, e não um impulso sincero.

A extorsão e o suborno eram generalizados no ambiente maçônico. Um dos antigos maçons, o chefe da loja maçônica "Silêncio" Roman Illarionovich Vorontsov, pai da princesa E.R. Dashkova, que criou dois filhos maçônicos, recebeu o apelido de "Roman - um grande bolso" por suborno. Nomeado governador das províncias de Vladimir, Penza e Tambov, R.I. Vorontsov arruinou tanto essas terras com extorsões que rumores de sua "extorsão indomável" chegaram à Imperatriz. Com a sua imoralidade e ignorância, Vorontsov serviu como uma espécie de padrão [54] .

Para os maçons, o suborno e o suborno serviram como uma ferramenta comprovada para ganhar influência. A investigação de 1792 estabeleceu que os conspiradores maçônicos subornaram muitos funcionários do governo, censores, tradutores e até mesmo funcionários da Expedição Secreta. Foram atribuídas quantias especiais para subornar jornais para que fornecessem informações positivas sobre os maçons, as suas publicações e instituições [55] .

A pátria do maçom é o mundo inteiro; ele é um cosmopolita convicto. Somente seus “irmãos” na Ordem Maçônica são verdadeiramente próximos dele. Ao entrar na loja, um maçom prestou juramento secreto, beijando a cruz e o Evangelho, jurando manter sigilo e seguir todas as instruções de seus superiores, e eles, como vimos, eram estrangeiros, líderes das políticas de outros estados. .

Como exemplo, vamos dar um exemplo de tal juramento feito pelo Príncipe N. Repnin ao ingressar na Ordem Rosacruz: “Eu, Nikolai Repnin, juro pelo Ser Todo-Poderoso que nunca darei o nome da Ordem, que será contado a mim pelo honorável irmão Schroeder (agente prussiano na Rússia, ex-capitão do exército prussiano. - *O.P.),* e não revelarei a ninguém que ele aceitou meu pedido aos primazes desta Ordem para minha entrada nela, antes de eu entrei e recebi permissão especial para me revelar aos irmãos da Ordem. Príncipe Nikolai Repnin, Chefe Geral do Serviço Russo."

Durante a investigação do caso maçônico em 1792, o juramento maçônico foi justamente acusado de culpa especial, uma vez que, de acordo com as leis da Rússia, seus súditos só podiam prestar juramento diante das mais altas autoridades russas. “De acordo com as leis estaduais, o juramento é estabelecido para servir ao Soberano e ao Estado, caso contrário não pertence a ninguém, mas vocês (Maçons - O.P.) ao contrário disso, porém, *prestaram* juramento na recepção, como pode ser visto em seus documentos, e até secreto, e também para estrangeiros...” (do interrogatório de Novikov na Expedição Secreta).

Os atos maçônicos exigem necessariamente a manutenção de total sigilo sobre as atividades das lojas por parte das autoridades russas. Assim, segundo a investigação, ficou estabelecido que nos documentos maçônicos “estava dito que o governo não deveria revelar o segredo da ordem de forma alguma que pudesse levar à execução”.

Portanto, a investigação perguntou com razão: é possível que um maçom seja “honrado como um membro confiável do Estado?” No início dos anos oitenta, havia 145 lojas maçônicas operando na Rússia. A Imperatriz Catarina II sente cada vez mais ao seu redor como se estreita o círculo de influência maçônica, atrás do qual se manifestou a vontade dos governantes do Ocidente e, acima de tudo, da Alemanha. Após a convenção em Wilhelmsbad, que mais uma vez confirmou o papel dos maçons russos como agentes políticos do rei prussiano, Catarina sentiu claramente uma ameaça ao seu poder. Pertencentes às famílias dominantes, os maçons russos, intencionalmente ou inconscientemente, foram instrumentos de influência

dos governantes ocidentais. Alguns dos maçons faziam parte de seu círculo íntimo - N.I. Panin (que chefiou a política externa russa e foi professor do filho de Catarina, Pavel), I.P. Elagin (ministro do gabinete), V.I. Bibikov, A.V.

Os nobres de Catarina das famílias Dolgorukovs, Gagarins, Trubetskoys, Kurakins, Shcherbatovs, Chernyshevs, Bryusovs, Repnins e muitos outros serviram como promotores ativos da política maçônica.

A extensão em que a influência maçônica em seu círculo se tornou perigosa é demonstrada pelo exemplo do Conde N. I. Panin, que foi um exemplo típico de um conspirador maçônico de alto escalão que, sob o disfarce de um homem lento e de boa índole, escondeu uma atitude dura. vontade, vingança impiedosa e o sigilo de um intrigante.

Em 1747, Panin, nomeado enviado à Dinamarca, passou por Dresden, apresentou-se a Frederico II em Berlim e em Hamburgo recebeu a notícia de sua nomeação como camareiro da Corte Prussiana. Aparentemente, foi nessa época que ingressou na loja maçônica alemã, na qual trabalhou durante toda sua estada no exterior (12 anos). É óbvio que, não sem complexas intrigas maçônicas, Panin de repente se torna o educador do herdeiro do trono russo, o grão-duque Pavel Petrovich. Usando sua influência como professor, Panin fez do Herdeiro do Trono um admirador apaixonado de Frederico II e de tudo que era alemão. Desde os anos setenta, ao lado do futuro Paulo I, como já dissemos, o confidente de Panin, o pedreiro (grão-mestre da loja) Príncipe A. B. Kurakin, sempre esteve presente para o controle. Após a morte de Paulo I, descobriu-se que ele ao Príncipe Kurakin, “seu amigo fiel”, legou a estrela da Ordem da Águia Negra, anteriormente usada por Frederico II, que a deu ao czarevich russo, e uma espada que pertenceu ao conde d'Artois. A forma como foi realizada a educação religiosa de Paulo pode ser vista nas ações de N. I. Panin, que, aparentemente, era um incrédulo. Ao convidar o Metropolita Platon para se tornar professor de direito, Panin estava mais interessado em saber se ele era supersticioso, ou seja, uma fé sincera e ardente, e em uma carta a seu irmão maçônico Vorontsov, que adoeceu por causa da comida da Quaresma, ele argumentou que a lei não exige a ruína da saúde, e a ruína das paixões (termo maçônico): “dificilmente é possível fazê-lo apenas com cogumelos e nabos”, ou seja, ele se opôs ao jejum. pertencia ao Conde d'Artois. A forma como foi realizada a educação religiosa de Paulo pode ser vista nas ações de N. I. Panin, que, aparentemente, era um incrédulo. Ao convidar o Metropolita Platon para se tornar professor de direito, Panin estava mais interessado em saber se ele era supersticioso, ou

seja, uma fé sincera e ardente, e em uma carta a seu irmão maçônico Vorontsov, que adoeceu por causa da comida da Quaresma, ele argumentou que a lei não exige a ruína da saúde, e a ruína das paixões (termo maçônico): “dificilmente é possível fazê-lo apenas com cogumelos e nabos”, ou seja, ele se opôs ao jejum. pertencia ao Conde d'Artois. A forma como foi realizada a educação religiosa de Paulo pode ser vista nas ações de N. I. Panin, que, aparentemente, era um incrédulo. Ao convidar o Metropolita Platon para se tornar professor de direito, Panin estava mais interessado em saber se ele era supersticioso, ou seja, uma fé sincera e ardente, e em uma carta a seu irmão maçônico Vorontsov, que adoeceu por causa da comida da Quaresma, ele argumentou que a lei não exige a ruína da saúde, e a ruína das paixões (termo maçônico): “dificilmente é possível fazê-lo apenas com cogumelos e nabos”, ou seja, ele se opôs ao jejum.

Não sem as intrigas de Panin, o maçom A. Ya. Budberg foi nomeado para monitorar as atividades dos filhos do herdeiro do trono Paulo, os grão-duques Alexandre e Konstantin Pavlovich. O maçom Muravyov foi nomeado professor do Grão-Duque Alexandre.

Como chefe do departamento de política externa de Catarina, o maçom N. I. Panin segue uma linha de reaproximação constante com a Prússia, em prol da qual os interesses nacionais da Rússia foram infringidos. Segundo embaixadores estrangeiros, “ele parecia mais um alemão”. A divisão territorial do estado eslavo da Polónia, que ele preparava a mando dos inimigos do mundo eslavo, foi um verdadeiro crime. A diplomacia de bastidores de Frederico II, levada a cabo através de Panin, causou uma acentuada deterioração nas relações russo-turcas, que resultou na guerra em 1768. Nesta guerra, a Rússia ficou sem aliados.

Frederico II aproveitou-se disso para concretizar o projecto há muito planeado para a divisão da Polónia. “A aquisição de parte da Polónia não poderia ser vista como uma vitória, uma vez que a Áustria e a Prússia receberam as melhores partes de graça.” A destruição do país eslavo levou ao enfraquecimento da Rússia e ao mesmo tempo fortaleceu significativamente a Prússia, um constante inimigo potencial do poder russo. Quais interesses foram perseguidos pelo maçom Panin, que preparou este acordo? O conde Grigory Orlov, que nunca foi membro de uma loja maçónica, observou com razão que as pessoas que redigiram o acordo de divisão merecem a pena de morte. N.I. Panin era um criminoso do estado real, que planejou a destruição do sistema político russo e a derrubada da Imperatriz Catarina.

Já em 1762, preparava um projeto para a criação do chamado Conselho Imperial, por onde, em sua opinião, deveriam passar todos os documentos que necessitassem da assinatura do Czar. Sem a sanção deste conselho, nenhuma das decisões do Soberano poderia ter força jurídica. O próprio conselho foi concebido como composto pelos nobres mais esclarecidos, o que Panin se referia às pessoas pertencentes às lojas maçônicas.

Mais tarde, por volta de 1773, Panin, juntamente com o seu secretário D. Fonvizin (também maçom), naturalmente, com o conhecimento da liderança maçónica, redigiu um projecto de "constituição" num espírito cosmopolita e anti-russo, segundo o qual o a nobreza cosmopolita recebeu liberdade política e o povo russo até perdeu o direito de recorrer ao Soberano. Esta "constituição" deveria ser adotada após a derrubada de Catarina por um novo monarca, um protegido das lojas maçônicas.

Uma conspiração contra Catarina estava sendo preparada clandestinamente nas lojas maçônicas.

Uma história sobre isso foi preservada, registrada por um parente do secretário de Panin, D. I. Fonvizin: "Em 1773 ou 1775, quando o czarevich (grão-duque Pavel Petrovich) atingiu a maioridade e se casou... Conde N. I. Panin, seu irmão Marechal de Campo P.I. Panin , Princesa E.R. Dashkova, Príncipe N.V. Repnin, um dos bispos... e muitos dos então nobres e oficiais da guarda entraram em uma conspiração para derrubar a reinante Catarina II do trono e instalar seu filho adulto em seu lugar. Pavel Petrovich sabia disso, concordou em aceitar a constituição que lhe foi proposta por Panin, aprovou-a com a sua assinatura e jurou que não violaria esta lei estatal fundamental que limita a autocracia...

Sob o conde Panin, DI Fonvizin, editor do ato constitucional, e Bakunin, ambos participantes da conspiração, eram secretários de confiança. Bakunin, de natureza ambiciosa e interessada, decidiu ser um traidor: revelou ao favorito da Imperatriz, o Príncipe G. G. Orlov, todas as circunstâncias da conspiração e todos os participantes, portanto, isso ficou conhecido também pela Imperatriz. Ela chamou o filho e o repreendeu com raiva por participar de planos contra ela. Pavel ficou assustado, confessou à mãe e trouxe uma lista de todos os conspiradores..." Obviamente, muitos membros nobres das lojas maçônicas estavam envolvidos na conspiração, e Catarina II não se atreveu a falar abertamente contra tal poderoso e influente organização.

Conforme é narrado posteriormente, "nenhum dos conspiradores, entretanto, morreu. O conde Panin foi destituído de Paulo com um rescrito favorável concedendo-lhe 5.000 almas e permaneceu como chanceler; seu irmão,

marechal de campo e princesa Dashkova, deixou a corte e mudou-se para Moscou.

O príncipe Repnin partiu para seu governo em Smolensk, e a supervisão secreta foi estabelecida sobre os outros.”

Embora Catarina II tenha presenteado Panin, ela escreveu com alegria em Outubro de 1773 a um dos seus amigos que “a sua casa foi limpa” [56] . No entanto, as intrigas de Panin não pararam.

Em 1773-1774, Panin esteve envolvido nas atividades conspiratórias do mundo nos bastidores associados ao nome de um impostor se passando por filha da Imperatriz Elizabeth e Hetman Razumovsky.

Esta infeliz mulher, que ganhou fama com o nome de Princesa Tarakanova, tornou-se um brinquedo miserável nas mãos de intrigantes cruéis e calculistas que procuravam minar a estabilidade do poder russo.

Os fios iniciais desta conspiração levam novamente ao rei prussiano Frederico II.

Durante a investigação, a impostora testemunhou que aos dezessete anos ela foi trazida secretamente da Pérsia (onde foi criada quando criança) através da Rússia e São Petersburgo para Berlim. Depois de se encontrar com Frederico II, a impostora começou a se autodenominar princesa e a falar sobre seus direitos ao trono russo. Em apoio aos seus direitos, a infeliz mulher mostrou cópias supostamente reais dos testamentos da Imperatriz Elizabeth Petrovna, Catarina I e Pedro I [57] . No processo investigativo da impostora consta um trecho de sua carta a N. Panin, da qual se conclui que ela sabia das intrigas constitucionais desse conspirador maçônico e, além disso, prometeu-lhe seu apoio.

“Você em São Petersburgo”, escreveu o impostor a Panin, “não confie em ninguém, você suspeita um do outro, tem medo, duvida, está procurando ajuda, não sabe onde encontrá-la : você pode encontrar isso em mim e em meus direitos. Saiba que nem por caráter nem por sentimentos sou capaz de fazer nada sem o conhecimento do povo, não sou capaz de política astuta e insidiosa, pelo contrário, toda a minha vida será dedicada ao povo... Se eu fizer isso não aparecer em São Petersburgo em breve, o erro é seu, conte" [58] . Como poderia o impostor ter informações conhecidas por um círculo muito restrito de pessoas e mantê-las estritamente secretas? Claro, apenas através de canais maçônicos, através dos agentes de Frederico II ou do maçom polonês K. Radziwill, também associado a ela. É sabido que esta tentativa do mundo nos bastidores de minar o poder russo falhou: a mulher

que serviu de instrumento para isso foi presa por ordem de Catarina e morreu na fortaleza.

Apesar dos reveses, Panin continuou as suas intrigas na segunda metade dos anos setenta, ajudando o rei maçom prussiano a perturbar a reaproximação da Rússia com a Áustria, que também se opunha aos planos expansionistas de Berlim. Em 1781, suas maquinações foram descobertas. Em conexão com isso, ocorreu o conhecido caso Bibikov. Nas cartas interceptadas do maçom Bibikov ao maçom A. B. Kurakin (amigo próximo e parente de N. I. Panin), que acompanhava o grão-duque Pavel Petrovich, sua mãe Catarina leu queixas sobre o sofrimento da pátria e "a triste situação de todos os bons - pessoas pensantes."

Catarina atribuiu, com razão, grande importância a este assunto e "procurou pessoas mais importantes por trás de Bibikov e Kurakin" [59] .

Não é de surpreender que tenha sido em 1782 que Catarina tomou uma série de medidas decisivas contra a Maçonaria. Em primeiro lugar, é emitido um decreto proibindo as sociedades secretas, o que, em essência, proíbe os maçons livres. Em segundo lugar, os funcionários maçónicos são gradualmente expulsos do seu círculo íntimo. Porém, a última medida foi iniciada ainda mais cedo. Catherine afasta N. I. Panin, Elagin, Khrapovitsky e vários outros maçons famosos de si mesma.

Apesar do decreto que proíbe as sociedades secretas, os irmãos maçónicos continuam o seu trabalho subversivo. Apenas a loja liderada pelo General Melissino, que era um raro exemplo de não participação em intrigas políticas, fechou.

O centro do trabalho maçônico é transferido de São Petersburgo para Moscou, e as atividades das lojas maçônicas tornam-se ainda mais secretas e hostis à Rússia.

Os maçons estão fortalecendo o trabalho organizacional. O Diretório da Oitava Província e o Capítulo da Oitava Província estão reestruturando suas atividades, seu líder Schwartz recebe poderes ditatoriais. Em 1784, foi fundado o Diretório de Graus Teóricos (Haupt-Directory), também localizado em Moscou, unindo a elite maçônica suprema.

Poderes especiais são atribuídos ao coordenador-chefe das atividades das organizações maçônicas no território da Rússia (e acima de tudo à sua liderança - o grau teórico) I. V. Lopukhin. Toda a correspondência maçônica passou por ele, tanto entre lojas individuais quanto entre maçons russos e centros estrangeiros de maçons.

Representantes da Maçonaria Russa consultam ativamente centros estrangeiros. Após o decreto de Catarina, V. N. Zinoviev, que conhecia pessoalmente o rei prussiano Frederico, desempenhou um papel importante aqui. Ele manteve contatos com líderes de lojas maçônicas estrangeiras e serviu como um dos intermediários entre a Maçonaria russa e estrangeira. Em 1783, Zinoviev passou seis meses em Brunsvique, onde negociou com o duque de Brunsvique. O líder da Maçonaria mundial deu a Zinoviev instruções detalhadas sobre como agir em nome da ordem e, ao partir, forneceu-lhe muitas cartas de recomendação aos maçons mais famosos que viviam na França e na Itália. Com estas cartas, Zinoviev visita as lojas maçônicas de Gênova, Roma, Nápoles, Turim e outras cidades.

Em Lyon, ingressou em uma ordem maçônica especial, que reunia os maçons mais famosos, em particular Willermoz, Renan, Saint-Martin.

Esses maçons ensinam como participar da construção maçônica para criar uma religião mundial e subjugar toda a humanidade.

Após a morte de Schwartz em 1784, o Príncipe Rurikovich Yuri Vladimirovich Dolgorukov tornou-se o Grão-Mestre da Loja Provincial, o Presidente do Capítulo da Oitava Província e o Grão-Mestre na gestão do grau teórico.

A estrela maçônica dos outros Dolgorukovs está ascendendo. VV Dolgorukov, conselheiro particular geral e atual, também recebeu altos cargos maçônicos. A partir de 1784 tornou-se segundo diretor da Loja Provincial, vice-mestre do grau teórico e membro do Capítulo da Oitava Província.

O príncipe Alexey Nikolaevich Dolgorukov, general, é membro da liderança da Sociedade Científica Amigável.

Príncipe Grigory Alekseevich Dolgorukov - membro da loja secreta "Netuno", terceiro grau em 1780-1787, Rosacruz, membro do grau teórico em São Petersburgo.

São extremamente raros os casos em que representantes das mais altas famílias principescas e nobres deixaram as lojas maçônicas após a proibição das sociedades secretas. Pelo contrário, ao intensificar o seu trabalho clandestino, os maçons procuram novas formas legais de actividade. A chamada Gráfica passa a ser esse “teto”.

Ao mesmo tempo, os maçons livres estão a activar a Sociedade Científica Amigável, que foi um foco de obscurantismo maçónico e a processar a

consciência da juventude russa no espírito de "ideais" cosmopolitas. Muitos estudantes desta sociedade tornaram-se maçons proeminentes.

A Friendly Scientific Society foi fundada por um especialista no grau teórico das ciências de Salomão, o governador do mundo nos bastidores da Rússia, I. G. Schwartz (com sua morte, a sociedade foi fechada).

Uma das principais características distintivas da Maçonaria sempre foi o desejo de utilizar qualquer movimento social para os seus próprios fins, conduzindo-o nos bastidores, regulando-o no interesse da sua ideologia subversiva.

A atenção principal, é claro, foi dada aos movimentos de natureza nacional e decorrentes das peculiaridades do desenvolvimento do povo russo. Os superiores maçônicos eram mestres da política e da intriga política. Como ninguém, eles entenderam que é muito difícil ou impossível lutar abertamente com um movimento social que emerge das profundezas da vida nacional, mas pode ser facilmente destruído introduzindo nele o seu próprio povo e dando-lhe um caráter oposto por trás uma concha externamente atraente.

Esta é precisamente a tentativa feita pelos líderes maçônicos desde a segunda metade do século XVIII. A natureza do movimento social que ocorreu na sociedade russa nesta época foi causada pela necessidade de reformar a vida russa em relação às novas condições sociais.

As reformas petrinas, de natureza dupla, deram à Rússia muitas coisas positivas, ao mesmo tempo que levaram a uma divisão, contrastando significativamente os interesses dos diferentes estratos da sociedade.

Os interesses da vida russa exigiam a superação desta divisão, a realização de uma reforma nacional para atenuar as contradições entre a maior parte do povo russo, pensando em categorias tradicionais milenares, e as camadas relativamente pequenas nascidas das transformações de Pedro.

A Rússia precisava de uma reforma baseada nas tradições, costumes e ideais da vida nacional e na subordinação das atividades da nova camada emergente aos interesses do povo russo. Os círculos maçônicos mundiais propuseram sua própria versão de reforma - a criação com base em uma "nova camada" de um pequeno povo, orientado para o Ocidente e controlado pelos maçônicos nos bastidores.

Nesse sentido, a tentativa frustrada de transformar o notável educador russo Nikolai Ivanovich Novikov em um representante do "povo pequeno", cujas

atividades são na maioria das vezes vistas de forma completamente incorreta apenas através do prisma de sua participação no trabalho das organizações maçônicas. Os fatos da vida de Novikov indicam que esse homem era incomensuravelmente superior em espírito ao conteúdo dessa organização clandestina e, em essência, era profundamente estranho a ela.

Além disso, como escritor-educador, editor de obras da literatura russa antiga, ele se desenvolveu antes mesmo de ingressar na Maçonaria, que ingenuamente tentou usar para seus próprios fins.

Trabalhando na Comissão para a elaboração do novo Código como secretário ("titular da nota diária"), a publicação das revistas satíricas "Truten" e "Zhivopiets" revelou claramente as suas simpatias nacional-russas e uma atitude fortemente negativa em relação a nobreza e a nobreza cosmopolitizadas. Novikov, nos seus diários, mostra o aparecimento de uma parte cosmopolita da classe dominante, vendo a Rússia como "uma terra inimiga, atormentando-a avidamente para comer, dormir e debochar. Estes são alguns tipos de monstros sem família e tribo, que perderam dignidade, honra e consciência, e se transformaram em conquistadores bestiais" [60] .

Dos lábios de tais nobres cosmopolitas, solo em que, de fato, cresceu a Maçonaria, muitas vezes se ouvia: "Não conheço a língua russa. O falecido pai não o suportava; e ele odiava toda a Rússia; e lamentou ter nascido ali; É isso, não há nada para se maravilhar; ela realmente merece" ("Drone", folha 3). Novikov despreza e odeia esses nobres. As suas simpatias estão do lado do simples povo russo e, sobretudo, dos camponeses, que ele mostra como trabalhadores e virtuosos, sofrendo a opressão dos nobres cosmopolitas.

É óbvio que Novikov defende a posição de reformar a vida russa numa base nacional. Foi com esse propósito que ele publicou coleções de obras da literatura russa antiga "Ancient Russian Vivliofika" (1773-1775), que testemunham a grandeza do espírito do povo russo. No prefácio, Novikov escreveu: "Ainda não temos tudo, graças a Deus! infectado pela França; mas há muitos que lerão com grande curiosidade as descrições de alguns dos rituais que foram utilizados na coabitação dos nossos antepassados; com não menos prazer verão um certo contorno da moral dos seus costumes e com admiração reconhecerão a grandeza do seu espírito, adornado de simplicidade" [61] .

A participação de Novikov no trabalho da organização maçônica é a tragédia de sua vida. Os conspiradores maçônicos aproveitaram-se da ingenuidade política de Novikov, convencendo-o de que dentro da estrutura das lojas maçônicas ele poderia realizar seus planos educacionais, prometendo-lhe

ajuda e apoio. Para os líderes dos maçons livres, a personalidade de Novikov era uma tela para seus planos criminosos e uma forma de assumir o controle de suas extensas atividades educacionais. Ele foi convidado a ingressar na Loja Astraea em 1775, aos 31 anos, embora certamente tenha tido essas oportunidades antes (naquela época, a grande maioria dos representantes da classe dominante ingressava nas lojas aos 18-25 anos). Como observou corretamente GP Makogonenko, pesquisador do trabalho de Novikov, na Ordem Maçônica Novikov imediatamente "assumiu uma posição independente",

"Com base nisso, começou uma luta entre Novikov e os líderes dos Rosacruzes Russos - o místico Schwartz, e mais tarde o aventureiro político Schroeder, e "frieza" surgiu entre ele e o resto dos "irmãos". Tendo logo se tornado um dos líderes da Ordem Rosacruz de Moscou, Novikov conseguiu, no entanto, não apenas defender sua independência dos líderes da ordem, distanciar-se das buscas místicas dos "irmãos", dos rituais absurdos, mas também para algum tempo para usar os fundos da ordem para seus próprios fins educacionais [62] . Durante os anos 1779-1792, Novikov criou uma organização educacional em Moscou com suas próprias gráficas, que publicou centenas de obras sobre história russa, obras de autores russos, traduções de clássicos da Europa Ocidental, obras sobre pedagogia, economia, gramática e centenas de vários livros didáticos, cartilhas, etc. É claro que tudo isso não poderia agradar aos líderes estrangeiros da Ordem Maçônica.

A independência das autoridades maçônicas predeterminou o destino futuro do iluminista russo. Na verdade, foi entregue ao matadouro, deliberadamente instituído para destruir a causa educativa pela qual vivia. Das muitas dezenas de líderes maçónicos de alto escalão, incluindo aqueles que ocupavam posições proeminentes na Corte Imperial, apenas Novikov foi processado, embora houvesse figuras maçónicas conhecidas que eram muito mais importantes. Em 1792 ele foi preso.

A partir do arquivo investigativo de Novikov, fica claro que Novikov simplesmente não conhecia muitas das intrigas políticas criminosas que os maçons travaram contra o Estado russo; além disso, ele não conhecia o conteúdo de alguns livros maçônicos que foram impressos em sua gráfica na direção dos chefes maçônicos. Explicaram-lhe que ele não estava pronto para compreender os seus mistérios. Novikov não sabia quem chefiava a ordem Rosacruz, da qual era membro, mas conhecia apenas seu superior imediato. Durante o interrogatório, ele testemunhou: "Quem é mesmo o

chefe... não me foi revelado, e não conheço não só estes, mas abaixo aquele que está por trás do meu primeiro ou mais próximo, que eu só poderia conhecer pela ordem estabelecida na ordem.”

Aos que entravam na ordem foi prometido que eventualmente descobririam todos os segredos da existência e a capacidade de controlar eventos com a ajuda da magia e da Cabala, e antes disso cumpririam obedientemente todas as instruções dos superiores maçônicos.

Os anos se passaram e os “irmãos” russos não tiveram pressa em ser apresentados aos mais elevados sacramentos. Além disso, surgiu uma dúvida natural sobre se esses sacramentos superiores existiam e se a menção constante deles era uma isca para os crédulos, a fim de dar um significado mais elevado à existência de uma ordem que era de fato de natureza puramente política.

Durante o interrogatório, Novikov disse: “Nenhum de nós poderia praticar magia e Cabala, como pode ser visto nos jornais, estando nos graus inferiores, e não sei sobre essas ciências, exceto seus nomes”.

Do testemunho de Novikov, seguiu-se que a todos os que entravam na ordem foi mostrado um desenho de “conteúdo misterioso com as palavras “Seis grandes dias de assuntos” e quando solicitados a explicá-lo, eles disseram: “que este desenho é organizado e escrito cabalisticamente, e quem quer que tenha o conhecimento inferior ainda não praticado não poderá entender e compreender os de cima... mas somente aqueles nos graus mais elevados podem entendê-lo.” Esses argumentos eram puro charlatanismo.

Em geral, todos os materiais de investigação indicavam que Novikov era uma figura relativamente sem importância na hierarquia maçônica. E o fato de o golpe principal ter recaído sobre ele atesta a complexa intriga lançada contra ele pelos próprios maçons do círculo íntimo da Imperatriz. Percebendo que o golpe não poderia ser evitado, os conspiradores maçônicos decidiram relegá-lo a um elo secundário de sua cadeia, destruindo simultaneamente um dos centros do iluminismo russo. O mecanismo desta intriga requer um estudo especial adicional.

É muito característico que, no caso da Maçonaria, nem um único maçom de alto escalão, nem um único dos líderes das ordens maçônicas, tenha sido ferido. E seus nomes são bem conhecidos pela investigação. Isto é ainda mais surpreendente porque a czarina foi informada de que nas lojas de Berlim de 1790-1791 foi levantada a questão da substituição da pessoa reinante no trono russo. Os maçons russos também estiveram envolvidos

nesta intriga, tentando aproveitar a difícil situação político-militar na Europa para tomar o poder na Rússia. O caso contra Novikov foi iniciado com a participação do governador-geral de Moscou, conde Y. A. Bruce, conhecido por ser membro de lojas maçônicas.

Um papel importante na condenação de Novikov foi desempenhado pela denúncia de um importante funcionário maçônico, o Príncipe G. P. Gagarin, o chefe de muitas lojas, o Grão-Mestre da Grande Loja Provincial e o prefeito do Capítulo de Fênix. A propósito, isso não o impediu de ocupar uma posição maçônica de liderança no início do século XIX.

Em geral, ao aprisionar N. I. Novikov na fortaleza de Shlisselburg e enviar alguns de seus camaradas para o exílio, a Imperatriz parecia pôr fim a este assunto. Na realidade, nenhum dos maçons foi ferido; permaneceu uma complexa rede de lojas maçônicas, que continuaram suas atividades clandestinas, mas um dos centros de educação russa foi completamente destruído. Portanto, podemos concordar com a conclusão do investigador Makogonenko de que Novikov foi perseguido "não pela Maçonaria, mas pelas suas enormes... actividades educativas, que se tornaram um fenómeno importante na vida social dos anos oitenta" [63 [1] .

Depois de passar quatro anos na fortaleza, sem receber ajuda e esquecido pelos "irmãos", Novikov entendeu muito. E acima de tudo, tornou-se refém das intrigas políticas secretas dos maçons livres.

Depois de deixar a fortaleza, Novikov se distanciou drasticamente das estruturas maçônicas, embora em nenhum lugar tenha anunciado um "divórcio" oficial com elas, entendendo o que isso poderia ameaçá-lo. Por sua vez, os líderes maçónicos consideraram lucrativo explorar a imagem de Novikov como um "mártir inocente da ideia maçónica", sem admitir que ele praticamente se tinha afastado deles. Isto, em particular, é evidenciado pela correspondência de Novikov com D.P. Runich. A partir da resposta de Novikov à carta de Runich de 1808, fica claro que Runich expressou sua intenção de não se aproximar de nenhum dos maçons em Moscou. Novikov reagiu favoravelmente a isto, oferecendo a Runich a sua participação amigável [64] .

A perseguição aos maçons relacionada ao caso Novikov praticamente não afetou nenhum dos principais líderes da ordem. Em 1792, de acordo com uma mensagem secreta do Príncipe A. A. Prozorovsky para Catarina II, havia cerca de 800 maçons na Rússia, mas este número oficial subestimou enormemente o número de "irmãos". De acordo com nossas estimativas aproximadas, havia entre 1.500 e 2.000 pessoas. Mas o principal é que era

uma força bem organizada, dirigida a partir de um único centro, sem quaisquer restrições morais.

Em 1794, Catarina II, por decreto especial, proibiu completamente as atividades das lojas maçônicas.

Entre as pessoas comuns, no ambiente urbano, o povo russo chamava os maçons de farmazons, colocando nesta palavra o conceito de vigaristas, enganadores, pessoas desonestas. A atitude de todo o povo verdadeiramente russo em relação à Maçonaria foi extremamente negativa. Nenhum dos povos russos verdadeiramente notáveis pertencia aos maçons, embora estes últimos quisessem retroativamente atribuir grandes personalidades como Suvorov, Kutuzov, Karamzin à sua sociedade clandestina.

A nossa pesquisa nos arquivos permite-nos concluir que a sua participação nas lojas maçónicas foi um episódio acidental da sua juventude que não teve significado para eles. Tendo rompido os laços com os maçons na juventude, eles não sucumbiram à sua persuasão de reentrar na loja e receber os graus mais elevados.

Em geral, olhando para o reinado de Catarina, podemos dizer com satisfação que todas as figuras verdadeiramente significativas da sua época, preservadas nos anais históricos, evitaram as lojas maçónicas [65] . G. A. Potemkin, os irmãos Orlov e G. R. Derzhavin trataram esses trabalhadores clandestinos com ridículo ou desprezo.

O famoso comandante russo Rumyantsev-Zadunasky falou de forma extremamente hostil sobre a Maçonaria.

MV Lomonosov tinha uma atitude fortemente negativa em relação à Maçonaria, vendo nela uma doença perigosa para a cultura russa. A propósito, muitos de seus oponentes e malfeitores na Academia de Ciências (em particular, Teplov) eram membros de lojas maçônicas. Falando contra o domínio estrangeiro, Lomonosov apelou à preparação de "pessoas nacionais e dignas nas ciências".

Outro grande cientista e educador russo, A. T. Bolotov, quando foi oferecido para ingressar na loja maçônica e foi tentado por vários benefícios da "irmandade" secreta, respondeu: "Peço humildemente que me dispense disso. Tudo o que você diz em louvor à sua sociedade é do meu conhecimento há muito tempo, e você não é o primeiro, mas muitos, muitos já tentaram me persuadir a ingressar na ordem maçônica e em outras seitas e sociedades... (não juntar-se a eles) nos obriga... a nossa lei cristã, penso que para nós nos bastam aqueles cargos e deveres que nos obriga a cumprir, e

que não há necessidade de nos obrigarmos a quaisquer outros cargos, mas Deus nos livre que só cumpramos aqueles que nos obrigam a fé cristã" [66] .

Capítulo 3

Organização do assassinato de Paulo I. - Comitê Maçônico Secreto de Alexandre I. — Reformas dos maçons livres. — Legalização da Maçonaria. - Nova floração. — Estado maçônico no estado russo. - Preparação de uma conspiração contra Alexandre I. - Contra a Ortodoxia. — Criação de uma rede de sociedades secretas. — Decreto proibindo-os.

O trágico destino do Imperador Paulo I é um exemplo vívido de como uma pessoa, uma vez atraída pelas redes maçônicas, se expõe ao perigo mortal, tentando escapar delas. Os maçons depositaram esperanças especiais no reinado de Paulo I, que, ao que lhes parecia, tinha uma base sólida. O futuro imperador foi criado sob a supervisão do experiente maçom N.I. Panin. O amigo mais próximo do Herdeiro do Trono era um dos líderes da Maçonaria Russa, Príncipe A. B. Kurakin. Muitos fios de intriga maçônica convergiram para Kurakina, que terminou para Paulo I com o envolvimento de maçons livres na ordem. Além de Kurakin, os maçons S.I. Pleshcheev e o Príncipe N.V. Repnin tornaram-se amigos íntimos de Pavel. Vários retratos de Paulo I sobreviveram, onde ele é apresentado contra um fundo de símbolos maçônicos.

Um desses retratos retrata o olho que tudo vê em uma estrela hexagonal, um martelo, uma picareta, uma estátua da deusa Astraea e no pescoço de Paulo um triângulo dourado maçônico em uma fita azul. Em outro retrato, Pavel está vestindo um avental maçônico do terceiro grau do sistema sueco [67] .

Aparentemente, os maçons planejavam criar uma organização maçônica na Rússia seguindo o modelo da Suécia ou da Inglaterra, onde o chefe da ordem era um monarca ou um representante da casa reinante. Não foi à toa que desde 1782 permaneceu vago o cargo de Grande Mestre Provincial, que os maçons haviam atribuído ao futuro Paulo I.

Nos primeiros dias de seu reinado, Paulo convocou seus amigos, os maçons Kurakin, Pleshcheev, Repnin, bem como seu camarada de armas I. V. Lopukhin, o superintendente-chefe e líder dos maçons.

Kurakin tornou-se o procurador-geral do império. Repnin recebeu o posto de marechal de campo, foi nomeado chanceler da ordem e também recebeu 6.000 almas camponesas. Pleshcheev tornou-se ajudante-geral e recebeu ordem de estar com o imperador. Direitos sem precedentes foram concedidos ao líder da Maçonaria, I. V. Lopukhin. Foi-lhe concedido o estatuto de verdadeiro conselheiro de estado com a ordem de estar também com a pessoa de Sua Majestade: "... da mesma forma que sob Catarina II e antes de serem nomeados secretários de estado" (ou seja, ele assumiu o mesmo lugar que o maçom Khrapovitsky sob Catarina). Lopukhin recebeu o direito exclusivo de usar os arquivos da Chancelaria Secreta, que acumulou enormes evidências incriminatórias sobre muitas figuras governamentais e públicas [68] . Pode-se imaginar quais benefícios os representantes da ordem clandestina receberam por conduzirem intrigas maçônicas!

Os maçons estão tentando consolidar sua influência sobre o Imperador e organizacionalmente. Estão preparando um projeto para a criação de uma nova ordem, aparentemente não maçônica, mas copiando sua estrutura em tudo e colocando Paulo I em uma posição subordinada.

Ao ser coroado em Moscou em 1797, Paulo I convidou Matei, o "venerável mestre" da loja das Três Espadas, bem como os "irmãos" desta loja, à qual o próprio Imperador pertencia, para sua conversa. Segundo fontes maçônicas, ele até "beijou a todos, trocou um aperto de mão maçônico e prometeu cancelar o decreto de Catarina (sobre a proibição da Maçonaria. - O.P. *)"* [69] .

No entanto, tendo se familiarizado com os documentos do caso investigativo de 1792 sobre os maçons de Moscou, tendo recebido informações detalhadas sobre o papel dos maçons na Revolução Francesa e na execução (ou melhor, no assassinato) do rei e da rainha, e também tendo aprendido algo sobre as intrigas que os maçons travavam pelas suas costas, ele muda de ideia e no mesmo 1797 emite um decreto ordenando a aplicação da lei de 1794 (sobre a proibição das lojas maçônicas) "com toda a severidade possível".

Gradualmente, Paulo I remove de si todos os seus "amigos" maçônicos.

Eles recebem viagens de negócios ao exterior ou fora de São Petersburgo e não gozam mais da mesma influência. O esfriamento final entre os maçons e Paulo I ocorreu depois que ele aceitou o título de Grão-Mestre da Ordem de Malta, que na época estava em estado de rivalidade com uma parte significativa da Maçonaria, embora na verdade ele próprio também pertencesse a ela .

Em geral, já em 1798, Paulo I era visto pelos maçons não como um amigo e patrono, mas como um inimigo que interferia na consecução dos seus objetivos (e isto apesar de não ter permitido qualquer perseguição especial aos maçons!).

Foi então que eclodiu uma conspiração nos círculos maçônicos para assassinar Paulo I e substituí-lo por seu filho Alexandre, que prometia ser mais adequado para concretizar os planos da ordem. Estamos, claro, longe da ideia de reduzir o assassinato de Paulo I apenas a uma conspiração de maçons (havia outras forças motrizes, em particular o embaixador inglês, grupos de pessoas insatisfeitas na Corte). No entanto, a clandestinidade maçónica desempenhou um papel decisivo neste crime.

Forneceu os organizadores e pessoal dos conspiradores.

Na clandestinidade maçônica, a ideia de uma conspiração surgiu em 1797-1798. Foi conduzido por um triunvirato de maçons influentes agrupados em torno do Herdeiro do Trono, Alexandre I. Incluía P. A. Stroganov, um funcionário do Grande Oriente da França; N. N. Novosiltsev, um anglomaníaco próximo dos círculos do primeiro-ministro inglês Fox; Adam Czartoryski, nacionalista polonês e russófobo declarado. Da correspondência de Alexandre I com C. Laharpe, conclui-se que este triunvirato, liderado pelo próprio Alexandre I, está preparando uma conspiração estatal. "No outono de 1797, o Grão-Duque Alexandre ainda não havia designado, é claro, a data exata do evento que transferiria antecipadamente o legado de seu pai para ele... Menos de um ano após a ascensão de seu pai ao trono, ele admitiu, no entanto, [70] .

Desde o primeiro ano de ascensão de seu pai, ainda durante as celebrações da coroação, ele pediu a Adam Czartoryski que redigisse um manifesto para sua própria ascensão ao trono, listando todas as imperfeições do regime existente e todas as vantagens daquele que substituiria isto (A. Czartoryski, Memórias). Como escreve o historiador K. Valishevsky, o Grão-Duque Alexandre "organizou um centro de propaganda revolucionária e em 1798 sonhou em envolver o próprio chanceler de estado neste assunto! Com a ajuda de um de seus jovens amigos, Viktor Kochubey, (maçom desde 1786 - *O.P.),* ele pede a Bezborodko que elabore um projeto de reforma constitucional" [71] .

É verdade que Bezborodko encontrou um motivo para evitar a elaboração de tal projeto. Mas os conspiradores maçónicos conseguiram conquistar para o seu lado o vice-chanceler N.P. Panin, um famoso maçom, sobrinho do professor de Paulo I, N.I. Panin, um funcionário maçónico ainda mais

famoso e perigoso. O sobrinho foi ainda mais longe que o tio em alguns aspectos. Se o tio era um maçom praticante e racionalista, então o sobrinho gostava do misticismo, do ocultismo e estava pronto para vender sua alma ao diabo por suas fantasias maçônicas. "Ele saiu com seus cúmplices, escondendo uma adaga no colete."

Outro dos organizadores da conspiração foi o almirante Joseph Ribbas, que, como já vimos, está incluído nas listas maçônicas do Capítulo do Leste de São Petersburgo em 1777. Segundo os historiadores, ele era um "aventureiro com alma de ladrão", "um conspirador inveterado para dar um golpe".

O embaixador inglês Whitworth (um maçom de Foggy Albion) e sua amante Zherebtsova (irmã do mais alto grau do general maçom A. Zherebtsov) também participaram da preparação da conspiração.

Panin está conduzindo negociações abertas com o próprio Herdeiro do Trono.

"O imperador Alexandre me disse", relata Chartoryzhsky, "que o conde Panin foi o primeiro a falar com ele sobre isso" (sobre a necessidade da eliminação física de Paulo I). O mediador neste encontro entre o Herdeiro do Trono e o Conde Panin foi o Conde P. A. Palen, um proeminente intrigante maçônico e cortesão astuto. "Ninguém o superou em compostura, na capacidade de esconder seus verdadeiros sentimentos e pensamentos e em crueldade calculada" [72] .

Para realizar o assassinato de Paulo I, toda uma equipe de guardas foi formada por indivíduos membros de lojas maçônicas:

Talyzin, comandante do regimento Preobrazhensky;

Uvarov, comandante do Regimento de Cavalaria;

Argamakov, ajudante geral;

Príncipe Yashvil, Regimento de Guardas Montadas;

Príncipe I. Vyazemsky e V. Mansurov, Regimento Izmailovsky;

A. Argamakov, Regimento Preobrazhensky;

P. Kutuzov, Regimento de Cavalaria;

P. Tolstoi, regimento Semenovsky;

Príncipe B. Golitsyn, capitão;

I. Tatarinov, capitão;

Y. Skaryatin, capitão;

N. Borozdin, Regimento de Cavalaria [73] .

Esta equipa também incluía os irmãos Zubov [74] e vários civis também envolvidos na Maçonaria.

O coordenador direto da conspiração foi P. A. Palen, que fez um jogo cínico e de duas caras com Paulo I, dizendo-lhe que sabia do golpe iminente e que mantinha todos os seus participantes sob controle, nomeando entre eles os grão-duques Alexandre e Constantino. . A fim de superar a indecisão do grão-duque Alexandre e obter seu consentimento para iniciar imediatamente o golpe, ele busca de Paulo I um mandado de prisão para seus filhos envolvidos na conspiração. Tendo recebido uma ordem assinada pelo Imperador (que Paulo I lhe ordenou que usasse apenas como último recurso), Palen mostra-a aos Grão-Duques, provocando-os a uma acção decisiva.

E, finalmente, o consentimento do Grão-Duque Alexander Pavlovich foi recebido e, na noite de 11 a 12 de março de 1801, Paulo I foi morto por conspiradores maçônicos. Tendo conquistado o poder de forma tão terrível, o novo imperador Alexandre, nos primeiros anos de seu reinado, acabou sendo simplesmente refém de conspiradores maçônicos.

Se na comitiva de Catarina II e Paulo I os maçons constituíam apenas uma parte de seus confidentes e colaboradores mais próximos, então a comitiva de Alexandre I revelou-se inteiramente maçônica. Todos os membros do seu círculo “amigável”, ou como também era chamado, o Comitê Não Oficial (ou melhor, Maçônico), eram funcionários de alto escalão da ordem maçônica:

Príncipe A. Chartoryzhski (Grande Leste da Polônia, lojas de São Petersburgo);

Conde P. A. Stroganov (Grande Oriente da França);

Conde V. P. Kochubey (loja Minerva); Conde N. N. Novosiltsev (alojamento dos Amigos Unidos);

A. D. Balashov (lojas “Amigos Unidos”, “Palestina”);

Príncipe A. N. Golitsyn (alojamento liderado por O. A. Pozdeev);

M. M. Speransky.

Com tal composição de colaboradores próximos, as atividades de Alexandre I, como veremos mais adiante, adquiriram um caráter amplamente antiestado e antirusso.

Sob um patrocínio tão elevado, a Maçonaria começa a desenvolver-se rapidamente. Lojas antigas estão emergindo do subsolo, novas estão surgindo. Nos primeiros dois anos do reinado, três novas lojas são abertas e três antigas lojas são despertadas. Em São Petersburgo, em 15 de janeiro de 1802 - a caixa “Esfinge Moribunda” (mestre Labzin); em 1803 - a caixa de Netuno (mestre P.I. Golenishchev-Kutuzov); em Moscou em 1803 - a caixa Harmony.

Em 1802, o “venerável mestre” da loja “Crown Banner” em São Petersburgo, o diretor do primeiro corpo de cadetes, major-general Beber, pediu uma audiência com Alexandre I e o abordou com uma petição de maçons russos para permitir Maçonaria na Rússia. Segundo informações de fontes maçônicas, Alexandre I questionou detalhadamente Beber sobre os objetivos, organização e história da Maçonaria em diferentes países, e ao final da audiência afirmou que não estava apenas pronto para permitir uma organização tão “útil” em Rússia, mas também estava pronto para aderir.

Segundo fontes maçônicas, “a iniciação do Imperador ocorreu alguns meses depois; no entanto, ainda não foi estabelecido qual das lojas russas” [75] .

Em 1810, já existiam 31 lojas operando na Rússia, sem contar as lojas Rosacruzes que haviam “despertado para a vida” e várias lojas do sistema de “Ordem Estrita”. No mesmo ano, para reconhecer a nova Maçonaria Russa por estrangeiros, foi formada a Grande Loja Provincial - “Vladimir à Ordem”, tornada dependente da Suécia. Porém, não por muito tempo. A dependência da Suécia é substituída pela dependência do Grande Oriente da França.

A Guerra com Napoleão causou uma nova onda de construção maçônica baseada nas lojas maçônicas do Grande Oriente da França. As chamadas lojas militares russas surgiram, especialmente em Frankfurt am Main, Maubeuge e Reims. Segundo fontes maçônicas, em uma dessas lojas de acampamento militar, que se reuniu sob a presidência de Alexandre I na casa de Talleyrand, o rei Frederico Guilherme da Prússia foi iniciado em maio de 1814. O Conde Metternich e o Marechal de Campo Blücher estiveram presentes nesta inauguração.

Os maçons russos estão cada vez mais próximos da maçonaria francesa.

Em janeiro de 1815, a Grande Loja de Astraea (uma federação de cinco lojas de acampamentos militares) foi estabelecida em Paris sob a jurisdição do Grande Oriente da França. Ao mesmo tempo, foi acordado que imediatamente após a transferência da Grande Loja de Astraea para a Rússia, o Grande Oriente reconheceria a sua independência (com base na autonomia), e a concentração do poder maçónico aumentaria.

A Grande Loja de Astrea, transferida para a Rússia, uniu cerca de quarenta lojas em 1815 (seis lojas permaneceram sob jurisdição sueca). Em 1817, o Grande Capítulo Geral de Rituais foi formado em São Petersburgo, na Grande Loja de Astraea, para conduzir os assuntos dos "irmãos" pertencentes a altos graus. Em 1819, também em São Petersburgo, o Diretório Supremo foi formado a partir do Conselho da Ordem Suprema. Consistia em comandantes para a gestão das lojas rituais escocesas.

Há também um Capítulo secreto do Cavaleiro Espiritual.

Além desses centros, o Capítulo Phoenix, que funcionava em duas capitais e supervisionava o trabalho das lojas maçônicas do sistema sueco, está intensificando seu trabalho.

Na verdade, nas primeiras duas décadas do reinado de Alexandre I, a Maçonaria transformou-se num Estado dentro do Estado, vivendo de acordo com as suas próprias leis secretas e governada pelos seus governantes secretos.

A lista de lojas que existiam em diferentes cidades por si só atesta o quão amplamente esta organização secreta espalhou as suas redes.

Lojas maçônicas na Rússia no século 18 - primeiro quartel do século 19

Nome da loja Cidade Ano de fundação

1 2 3

Alexandra St. 1777

Alexandra Charity São Petersburgo. 1805

para Coronovan. Pelicano

Alexandre, o Leão de Ouro, São Petersburgo. 1822

Alexandra à Lealdade Militar… 1812

(viajando)

Alexandra para a Abelha Yamburg 1818

Alexandre da Tríplice Salvação Moscou 1817

Apisa Moscou 1779

Apolo (1) São Petersburgo. 1771

Apolo (2) Riga 1773

Astraea (1) São Petersburgo. 1775

Astraea (2) Moscou 1789

Grande Loja Astrea de São Petersburgo. 1815

Bellona São Petersburgo. 1773

Águia Branca São Petersburgo. 1818

Imortalidade Kyiv 1784

Benefícios de São Petersburgo. 1817

Caridade para Pelican São Petersburgo. 1773

Estrela Brilhante Moscou 1784

Grande Loja de São Petersburgo São Petersburgo. 1772

(da Grande Loja da Inglaterra)

Belém São Petersburgo. 1809

Vladimir à Ordem de São Petersburgo. 1810

Vladislava Jagiello Slutsk 1817

(mencionado) Militar

Liberdade Devolvida Lublin 1817-1820

(mencionado)

Luminária Oriental Tomsk 1818

Amanhecer Nascente Dubno 1819

Sol Nascente Kazan 1776

Harmonias Moscou 1780

Harpócrates São Petersburgo. 1773

São Jorge São Petersburgo. 1812

São Jorge, o Vitorioso Maubeuge 1817

Hércules no Berço Mogilev 1777

Hermes Moscou 1784

Hygei São Petersburgo. 1782

Hipócrates Moscou 1822

Gorus São Petersburgo. 1775

Deucalião Moscou 1782

Varsóvia Departamental…

Diretório do Supremo São Petersburgo. 1819

Diretório da Oitava Província Moscou 1782

Diretório de Moscou Teórica 1784

Graus (Diretório Haupt)

Bom Pastor Vilna 1780

Amizade (desde 1779 aceita Moscou 1777

nome das Três Espadas)

Oak Valley (1) São Petersburgo. 1817

Vale do Carvalho (2) … …

Unidade (1) Catarina perto de Varsóvia 1779

estrela do Norte

Catarina dos Três Podpors Arkhangelsk 1775

Elizabeth à Virtude São Petersburgo. 1809

Bandeira Verde......

Coroa Dourada Simbirsk 1784

Cruz Dourada-Rosa Moscou 1782

Chave Dourada Perm 1781

Anel de Ouro Bialystok 1818

Escolhido Michael São Petersburgo. 1815

Ísis Revel 1773

Ordem de Jesus Cristo...

Jordão Teodósio 1812

Unidade Sincera (Lituano) Płock 1819

(mencionado)

Procurando Maná Moscou 1817

Casimiro, o Grande Varsóvia 1819

Candeur Moscou 1776

Capitão. V. gene. Rituais de São Petersburgo. 1817

Capítulo da Oitava Província Moscou 1782

Capitão. alto VIII gr. … …

Capítulo Geral (ver Oitava Província) ... 1820

Capítulo do Cavaleiro Espiritual…

Capítulo Melissino São Petersburgo. 1765

Capítulo Ritual (ver Rituais) ... ...

Capítulo dos Cavaleiros do Oriente e

Jerusalém (ver Capital Phoenix)

Capítulo Secular

Capítulo de Observação Estrita ... 1765

Capítulo de Phoenix São Petersburgo. 1778

Castora Riga 1778

Clio Moscou 1763

(mencionado)

Chave para a Virtude Simbirsk 1818

À Cabeça da Morte Moscou 1809

Conclave (ver Capítulo Melissino) São Petersburgo. 1786

Concórdia

Bandeira Coroada de Mitau 1778

(veja Três Banners)

Águia Vermelha

Latonia São Petersburgo. 1775

Amor pela verdade Poltava 1818

Pequeno Mundo Riga 1790

Marsa Iasi 1772

Espada (1) (da Northern Star 1750) Riga 1765

Espada (2) … …

Minerva (1) Budnevtsy Podolsk. 1817-1818

lábios. (mencionado)

Minerva (2) Nemirow (Polônia) 1782

Minerva (3) São Petersburgo….

Minerva (4) Sagodurach até 1774

(Moldávia)

Moisés St. Moscou 1780

(mencionado)

Silêncio (ver Modéstia)

Música de São Petersburgo. 1772

Esperanças da Inocência Revelação 1787

Povo de Deus São Petersburgo. 1806

Nemesis de São Petersburgo. 1775-1776

Netuno (1) Kronstadt 1779

Netuno (2) (segredo) Moscou 1803

Netuno para Nadezhda Kronstadt 1813

Ovídio Chisinau 1821

Osíris Moscou 1776

Osíris para a Estrela Flamejante Kamenets-Podolsk 1818

Ora... até 1781

Ordem do Conselho Supremo... 1811

(sob o Capítulo de Phoenix)

Orel da Rússia São Petersburgo. 1818

Orla Slavyansky Vilna 1817-1819

Orfeu (1) Ryazan 1785

Orfeu (2) São Petersburgo. 1818

Palemon de Rossiena, província de Kovno. 1819

Palestina São Petersburgo. 1810

Palas (1) em Konin 1819

(mencionado)

Pallas (2) Moscou 1812

Pedro à Verdade de São Petersburgo. 1810

Estrela Flamejante São Petersburgo. 1815

Derrotou o preconceito Cracóvia 1819-1820

(mencionado)

Polluxa Dorpat...

Estrela da Meia-Noite Minsk 1817-1820

Estrela Polar São Petersburgo. 1809-1810

Permanência (1) São Petersburgo. 1762

Constância (2) São Petersburgo. antes de 1777

Prefeituras de São Petersburgo São Petersburgo. 1783

Amigo da Humanidade Grodno 1817-1819

(mencionado)

Provincial Grande São Petersburgo. 1770

Provincial Grande Nacional de São Petersburgo. 1779

Provincial Moscou Moscou 1789

Provincial (Grande) São Petersburgo. 1816

Igualdade Moscou 1774

Escuridão Dispersa Zhitomir 1787

Zeloso Litvin Vilna 1781

Rosacruz São Petersburgo São Petersburgo. até 1791-1792

Sistema Saltykov

Triângulo Luminoso Moscou 1782

Santuários de Minerva Varsóvia 1819

Escudo Norte Varsóvia 1817-1821

(mencionado)

Estrela do Norte (1) Riga 1750

Estrela do Norte (2) Arkhangelsk 1787

Estrela do Norte (3) Vologda 1783

Estrela do Norte (4) Vologda 1817

Amigos do Norte de São Petersburgo. 1817

Modéstia São Petersburgo. 1750

(mencionado)

Unidade Eslava Varsóvia 1817-1820

Consentimento Perfeito São Petersburgo. 1771

União Perfeita de Vilna 1780

O Segredo Perfeito Dubno 1819

(mencionado)

Perfeições Płock 1817-1820

(mencionado)

Perfeições do Reino da Polônia Polotsk...

Amigos Unidos de São Petersburgo. 1802

Eslavos Unidos Kyiv 1818

Criações de Salomão Vilna 1817-1818

Esfinge (1) Moscou 1783

Esfinge (2) São Petersburgo. 1810

Feliz Libertação Nesvizh 1817-1820

Segredo em Moscou Moscou na década de 1850.

(mencionado)

Segredo em São Petersburgo, São Petersburgo. Década de 1850

(mencionado)

Cintura Moscou 1774

União Templária ... ...

Curlândia de Tempelburgo 1772

São Petersburgo teórico. 1821

Reunião teórica Moscou 1828-1829

Grau teórico... década de 1780

Coleção de irmãos teóricos Moscou 1828-1829

Círculo teórico reunido em Moscou em 1819

Triângulo Płock 1818-1820

Três Virtudes de São Petersburgo. 1815

Três Estandartes Moscou 1779

Três Colunas Kyiv 1788

Três Espadas Coroadas Mitau 1775

Três Espadas Moscou 1779

Três Bolas Mundiais Mitava 1775

Três Martelos (Três Machados) Revel 1778

Três Luminares de São Petersburgo. 1816

Três Machados (Três Martelos) Revel 1778

Três Corações São Petersburgo. 1774

Três Reinos da Natureza Odessa 1818

Coroado com Virtude Rafalov 1817-1818

As reformas do zeloso Lytvyn. Lituânia…

Rédeas da Unidade Novogrudok 1817-1820

A Esfinge Moribunda de São Petersburgo. 1800

Estrela da Manhã (ver Pólux) Urânia São Petersburgo. 1772

Felicidade Moscou 1811

Fênix (1) São Petersburgo. 1768-1769

Fênix (2) Moscou 1814

(mencionado)

Freres Reunis São Petersburgo. 1786

Templo da Constância Varsóvia 1817-1819

Igreja da Nova Jerusalém......

Escola de Sócrates Vilna 1819

(mencionado)

Euxine Ponto Odessa 1817

Elêusis Varsóvia 1817-1819

Erato I São Petersburgo. 1775

Erato II Vladimir 1778

Erato III Yaroslavl 1779

Como observa T. A. Bakunina, o número de maçons que faziam parte dos dois grandes sindicatos oscilou entre 1.300 em 1816-1818 e 1.600 membros em 1820-1822. Havia várias outras lojas, secretas e operando independentemente desses sindicatos.

O maior número de maçons - 700-800 membros - estava em São Petersburgo, e aproximadamente o mesmo número estava em Moscou. Além de Moscou e São Petersburgo, havia lojas em nada menos que cinquenta cidades: Bialystok, Vologda, Kiev, Chisinau, Kronstadt, Mitava, Nizhny Novgorod, Poltava, Ryazan, Tomsk, Feodosia, Odessa, Kamenets-Podolsk, Simbirsk, Revel, etc. O número médio de lojas era de 30 a 50 pessoas, mas também havia lojas pequenas, até 15 pessoas, e lojas muito grandes, até 150. O número total de maçons conhecidos, exceto para ordens especialmente secretas, em o último terço do século 18 - primeiro quartel do século 19 atingiu 4.000–5.000 pessoas. A nobreza nobre entrou na Maçonaria em famílias inteiras [76] .

A Maçonaria permeou todos os poros da sociedade educada, cobrindo até mesmo os pequenos funcionários da nobreza com sua influência. Eles entraram nas lojas por motivos profissionais e estavam prontos para obedecer aos seus superiores maçônicos em tudo.

Um desses maçons admitiu abertamente o que forçou os funcionários a aderirem a sociedades secretas: “O desejo de ter conexões, pois garantiram então que sem conexões não conseguiríamos nada no serviço e que na maior parte das vezes através da Maçonaria ou de alguma outra sociedade mística ; as pessoas, ajudando-se mutuamente em seu caminho, com benefícios, recomendações, etc., apoiaram-se mutuamente e alcançaram certos graus no estado, preferencialmente antes de outros” [77 [1] .

Há casos conhecidos em que mestres maçons inscreveram seus servos em lojas maçônicas para que ali desempenhassem funções de servos menores.

Composição das lojas maçônicas do final do século 18 - primeiro quartel do século 19 [78] *3*

Membros da família reinante 6

Funcionários do tribunal 34

Altos funcionários estaduais e regionais e funcionários honorários

rostos……………………………110

Cargos civis…………………………346

Funcionários diplomáticos………………………………36

Funcionários educacionais …………………………… 76

Funcionários judiciais …………………………… 32

Policiais …………………………… 9

Magistrado da região do Báltico…………………………… 13

Posições militares ……………………… .. 1078

Proprietários de terras e nobres …………………………… 89

Líderes da nobreza ………………………… 35

Classe comerciante ………………………. 305

Clero ortodoxo …………………………… 24

Padres de outras confissões ………………… 29

Professores e cientistas ………………………. 103

Médicos…………………………. 113

Escritores, tradutores, poetas ………………………. 135

Compositores e músicos …………………………… 40

Pintores e escultores …………………………… 50

Arquitetos …………………………… 12

Advogados ………………………… 12

Pessoas de outras profissões liberais ………………… .. 6

Atores………………………………25

Artesãos…………………………48

Servos……………………………8

Alunos………………………………4

Funcionários de instituições privadas e indivíduos……………………………48

Pessoas de ocupação privada e desconhecida…………………………431

Total…………………………..3261

Metade dos membros das lojas maçônicas que operavam na Rússia eram estrangeiros (visitantes ou em serviço russo).

E se levarmos em conta todas as pessoas de origem estrangeira, bem como todas aquelas não relacionadas com o povo russo (polacos, finlandeses, judeus, etc.), então a percentagem de não-russos aumenta acentuadamente, atingindo 80 por cento ou mais.

Além disso, em algumas lojas a proporção de não-russos era superior a 90%.

Algumas das principais lojas que desempenharam um papel decisivo na política eram quase inteiramente compostas por estrangeiros, sem falar no facto de trabalharem em línguas estrangeiras. A Loja dos Amigos Unidos, famosa por suas atividades subversivas, consistia principalmente de estrangeiros, e não havia um único russo em sua liderança, e era chefiada por Charles Oude de Sion.

A liderança da Grande Loja de Astrea até 1820 foi exercida por um polonês, o Conde A. S. Rzhevussky. A sua atitude para com a Rússia era extremamente hostil, embora a escondesse sob frases de melhoria maçónica e de “enobrecimento” da moral do povo russo [79] .

Para maior clareza, fornecemos uma lista das principais lojas que funcionaram durante o reinado de Alexandre I, indicando o número e o idioma de trabalho [80] .

Nome da Loja Número de Membros Trabalhadores Idioma dos Amigos Unidos 199 Francês Palestina 81 Francês Pedro para a Verdade 287 Alemão Ísis 92 Alemão Netuno (Kronstadt) 37 Alemão Eleito Miguel (Moscou) 107 Russo Alexandra ao Pelicano Coroado 167 Alemão Jordânia (Feodosia) 60 Estrela Flamejante Francesa e Russa 86 Alemão Jorge, o Vitorioso (Maubeuge) 49 Escuridão Dispersa Russa (Zhitomir) 46 Luminária Oriental Polonesa e Francesa (Tomsk) 10 Três Martelos Russos (Revel) 34 Alemão Alexandre da Tríplice Entente 64 Chave Alemã para a Virtude (Simbirsk) 38 Bolas Três Mundiais Francesas e Russas 34 Águia Russa Alemã 34 Eslavos Unidos Russos (Kiev) 14 Amor Francês e Russo pela Verdade (Poltava) 23 Amigos Russos do Norte 47 Asa Negra Francesa 33 Anel de Ouro Polonês (Bialystok) 9 Polonês e Alexandra alemã para a abelha (Yamburg) 12 alemã.

Como antes, as lojas russas eram controladas do exterior e estavam ligadas por muitos fios aos seus “irmãos” estrangeiros. Por exemplo, a Grande Loja da Saxônia em Dresden conduziu correspondência ativa com a Grande Loja de Astraea sobre a criação e atividades de lojas maçônicas na Rússia em 1815-1818 [81] .

São traçadas as conexões entre os maçons russos e a loja alemã “Karl zur Gökrenisch Zeim” na cidade de Braunschweig, cujos arquivos contêm materiais escritos por um proeminente maçom russo, um alemão báltico de origem, Ungern-Steinberg em 1817-1822.

A loja diretora de "Vladimir à Ordem" (transformada na Grande Loja Provincial) esteve em constante contato com a Grande Loja da Suécia. A dependência da Maçonaria Russa da Maçonaria estrangeira era evidente em tudo, e os “irmãos” estrangeiros não confiavam nos seus pupilos russos e verificavam-nos constantemente, enviando os seus emissários secretos.

As próprias lojas estrangeiras, que funcionavam no território da Rússia e eram compostas apenas por estrangeiros, serviam como uma espécie de órgão de controle. Tais lojas, por exemplo, eram o “Povo de Deus”, ou “Novo Israel”, “Unidade”, “Templários”, “Três Globos”, “Três Morteiros”, “Âncoras e Coroa”, “Franceses e Poloneses Unidos” , “K Três Chaves”, “Sociedade Secreta dos Illuminati”, etc. [82] Além disso, quase todos os maçons russos de alto escalão participaram do trabalho de lojas estrangeiras e eram membros de vários capítulos Diretoriais, Teóricos, Místicos e similares. e ordens.

O “estado” maçónico, que se infiltrou no estado russo, paralisou ideológica e politicamente as atividades do mecanismo nacional russo durante algum tempo. A grande maioria das organizações públicas estava sob a influência ou controle de lojas maçônicas ou simplesmente de entidades maçônicas.

Fontes maçônicas internas fornecem uma longa lista de tais organizações. E embora algumas destas organizações remontem às últimas décadas do século XVIII, a maioria delas remonta ao reinado de Alexandre I.

Sociedades e organizações sob o controle ou influência de lojas maçônicas [83]

Academia de Artes Arzamas

Conversa entre amantes da palavra russa

Sociedade Bíblica

Sociedade Militar

Sociedade Livre de Amantes das Ciências Verbais e das Artes

Sociedade Livre de Amantes da Literatura Russa e Concorrentes de Educação e Caridade

Encontro gratuito de amantes da palavra russa (Encontro gratuito de russo)

Sociedade Econômica Livre

Sociedade Geográfica

Sociedade Literária Amigável

Sociedade Científica Amigável

Sociedade Imperial de Cientistas Naturais

Comissão de escolas e instituições de caridade exigindo o rei da Saxônia

Sociedade Médica e Econômica

Sociedade Mineralógica

Escola Agrícola de Moscou

Sociedade de Cientistas Naturais de Moscou

Sociedade de Agricultura de Moscou

Sociedade dos Militares no Quartel-General da Guarda

Sociedade dos Amigos da Natureza

Sociedade da Lâmpada Verde

Sociedade de História e Antiguidades Russas

Sociedade (russa) de amantes de jardinagem

Sociedade de Praticantes de Moscou

Sociedade de propagação de escolas de Lancaster

Seminário Pedagógico

Seminário de Tradução

Sociedade Arqueológica de São Petersburgo

A Academia Russa de Ciências

Sociedade do Norte

Encontro de Animais de Estimação Universitários (reunião de estudantes) dos Eslavos Unidos

União do Bem-Estar

União de filhos verdadeiros e fiéis da pátria

União da Libertação

União da Salvação

Gráfica

Pensão Universitária Nobre

Assembleia Científica

Sociedade Físico-Médica

Sociedade Filotécnica de Kharkov

Sociedade humana

Sociedade do Sul

Ao examinar as principais direções da influência maçônica clandestina na sociedade russa, é possível identificar o sistema de prioridades dos maçons livres. Isto envolve o aparato estatal e confere às suas atividades um caráter anti-russo; exercendo controle sobre os centros espirituais do país e dominando a mídia.

Como o maçom S. D. Nechaev, futuro promotor-chefe do Sínodo, escreveu sobre isso em 1825: "Os ministros invisíveis que governam o mundo são mais perspicazes e clarividentes do que os nobres comuns, que atribuem à sua prudência a preservação da ordem pública. Há também uma polícia invisível, com a qual a polícia do mundo é a mesma, muito imperfeita e muitas vezes caricaturada" [84] .

Vejamos mais de perto cada uma destas áreas da "polícia invisível".

Quanto ao "envolvimento do aparato estatal russo em quadros maçônicos", deve-se notar que naquela época adquiriu um caráter vitorioso para os maçons. Desde a formação do sistema ministerial em 1802, muitos cargos-

chave, até a proibição das sociedades secretas em 1822, foram ocupados por maçons de alto escalão.

Ministério de Assuntos Internos: Kochubey V. P. (1802–1807), Kurakin A. B. (1807–1810), Kozadavlev O. P. (1810–1819), Golitsyn A. N. (1819), Kochubey V. P. (1819–1823); Ministério das Relações Exteriores: Vorontsov A. R. (1802–1804), Chartoryzhsky A. A. (1804–1806), Budberg A. Ya. (1806–1807); Ministério da Justiça: Lopukhin PV (1803–1810), Dmitriev II (1810–1814).

Muitos colegas ministros, bem como chefes de departamentos, eram membros de lojas maçônicas.

O Ministério da Administração Interna teve particular importância nas estruturas de poder da época. O chefe deste ministério era uma espécie de primeiro-ministro do estado. Desde os primeiros dias de sua existência, o chefe desta instituição foi um maçom desde 1786 (loja Minerva) Conde V.P. Kochubey, e seu camarada (deputado) foi o Conde P.A. Stroganov.

Este último viveu em Paris ininterruptamente de 1781 a 1796, participando dos trabalhos das lojas maçônicas desde a juventude. Pertenceu à Ordem do Grande Oriente da França. Foi aí apresentado pelo seu pai, A. S. Stroganov, um maçom de classe internacional, que pertencia à cúpula do Grande Oriente de França e participou na edição da sua Carta. P. A. Stroganov chega à Rússia como um agente pronto de uma ordem estrangeira influente.

Sob o ministro maçom Kochubey no Ministério de Assuntos Internos, todos os cargos-chave foram ocupados por maçons. Na verdade, uma carreira neste departamento não poderia acontecer sem pertencer às lojas. Por exemplo, sob Kochubey, o secretário do Departamento de Economia do Estado e Edifícios Públicos do 1º Departamento do Gabinete do Ministro da Administração Interna era um certo NS Kozhukhov, mais tarde chefe dos assuntos do Departamento Secreto e Conselheiro Privado. Durante os anos de 1815 a 1819, este maçom superou todos os níveis maçônicos e alcançou a posição de líder ritual na Loja da Esfinge Moribunda.

De 1811 a 1819, o maçom mais antigo (iniciado em 1775 na Loja da Igualdade) O.P. Kozadavlev assumiu a batuta maçônica como Ministro de Assuntos Internos. Este maçom participou de diversos trabalhos governamentais e também era conhecido por atividades sociais. Embora não tenha se tornado famoso no campo da ciência, foi membro da Academia Russa de Ciências e de outras sociedades científicas. Após sua morte, o cargo de ministro voltou a Kochubey por mais quatro anos.

Entre as primeiras iniciativas do Ministério da Administração Interna, entre os muitos problemas enfrentados pelo Estado, estava a criação do “Comitê para o Bem-Estar dos Judeus”, que, em particular, incluía os pedreiros Kochubey, Chartoryzhsky, V. A. Zubov, S. S. Pototsky.

E embora Kochubey afirmasse que iria “seguir o sistema nacional”, a natureza das reformas que realizou tinha uma orientação anti-russa.

Uma das principais figuras do Ministério de Assuntos Internos foi M. M. Speransky, cujo guardião maçônico era um dos principais líderes dos “irmãos” russos I. V. Lopukhin. Speransky formulou sua bagagem ideológica da seguinte forma: “Toda a nossa espiritualidade, de fato, se resumia à teosofia. Inclui também as obras de Boehme, Saint-Martin, Swedenborg, etc. Este é apenas o ABC. Passei dez anos estudando isso...” [85] . Assim, em vez da experiência patrística e dos valores espirituais nacionais, Speransky foi guiado em suas atividades pela literatura oculta.

É surpreendente que o círculo de seus colaboradores e amigos que preparavam as reformas russas fosse principalmente maçônico, alguns deles eram membros da loja Polar Star, da qual o próprio Speransky era membro desde 1810. A loja foi liderada por um professor de língua judaica na Academia Teológica de São Petersburgo, I. A. Fessler. Dos funcionários de Speransky, em particular, F. M. Gauenschild e G. A. Rosenkampf foram listados aqui.

As esferas financeira e económica estavam sob controle especial das lojas maçônicas. O diretor do Banco do Estado nas décadas de 1810-1820 era o maçom N. S. Lipkin, que organizava reuniões da loja em sua casa. A propósito, ele também era membro financeiro da Loja – ele era o tesoureiro. A sociedade económica livre foi capturada pelos maçons desde o início. Basta dizer que seu secretário permanente desde 1793 era um Rosacruz convicto, que possuía altos graus maçônicos, o escritor V. A. Levshin.

A tragédia da Rússia nesta altura foi que forças clandestinas de mentalidade cosmopolita tentaram impor reformas ocidentalizantes que eram estranhas em espírito e, ao mesmo tempo, torpedearam deliberadamente a implementação das reformas nacionais necessárias e, acima de tudo, a abolição da servidão com base na maior desenvolvimento do autogoverno da comunidade camponesa.

O caminho para a abolição da servidão proposto pelos cosmopolitas maçônicos passou pela destruição da comunidade e, portanto, minou um dos

principais fundamentos da existência do Estado russo. Os verdadeiros reformadores nacionais propuseram a abolição da servidão com base na preservação e no desenvolvimento da comunidade. No entanto, este caminho não foi benéfico para os nobres cosmopolitas, que esperavam manter o seu poder sobre o campesinato mesmo após a abolição da servidão. A versão maçónica desta reforma levou à expropriação dos camponeses e à sua escravização económica segundo o modelo da Europa Ocidental.

Vários projetos da constituição russa estão surgindo nas lojas maçônicas. Todos eles eram de natureza puramente ocidental, prevendo o uso de instrumentos estatais da Europa Ocidental (e principalmente ingleses) para manipular as massas. Os sistemas eleitorais que propuseram garantiam a transferência do poder do soberano autocrático para as mãos de uma elite bem organizada, a eliminação das formas tradicionais de autogoverno popular e a privação da possibilidade de tomada de decisão mesmo ao nível mais baixo para todos os camponeses russos.

O projeto de constituição de Speransky (1809) previa a criação de uma Duma legislativa do Estado a partir de deputados eleitos nas províncias com base nas qualificações de propriedade. Na verdade, este foi o protótipo da Duma Estatal, que foi implementada em 1906, tornando-se a fonte de convulsão na Rússia. Limitou significativamente o poder do Soberano, transferindo-o para as mãos da elite maçônica dos bastidores. O próprio mecanismo de eleições nas províncias foi estruturado de tal forma que apenas uma certa parte da nobreza de mentalidade cosmopolita entrou na Duma do Estado.

O Conselho de Estado também foi criado como contrapeso à Duma, mas as suas actividades não conseguiram realmente impedir a usurpação do poder do Estado pela Duma.

Outro projeto de constituição (1819) foi elaborado pelo maçom francês P. I. Pechard-Deschamps, com o maçom russo Príncipe P. A. Vyazemsky como tradutor. O gerente do projeto foi o maçom Conde N. N. Novosiltsev. No seu espírito, repetia o projecto de Speransky e lembrava em grande parte a constituição polaca de 1815.

Mason N. I. Turgenev, que era membro de lojas maçônicas estrangeiras e ao mesmo tempo ocupava o cargo de secretário de estado adjunto do Conselho de Estado, preparou um projeto (1816) para a introdução de uma constituição projetada para vinte e cinco anos. Numa primeira fase, planejou-se a criação de uma equipe de reformadores profissionais. Para isso, 100-200 jovens, aparentemente dentre os maçons livres, tiveram que ser enviados ao exterior. Baseando-se nesses reformadores, Turgenev propõe reconstruir

todo o edifício estatal da Rússia no modelo da Inglaterra parlamentar, e até mesmo criar na Rússia uma classe de pares que deveriam legislar sobre o poder da maçonaria nos bastidores.

Os membros mais radicais das organizações maçônicas, M. N. Novikov e P. I. Pestel, foram ainda mais longe. Foram eles os autores da chamada constituição republicana e os ideólogos do regicídio.

Os primeiros passos práticos na implementação de projetos maçônicos foram dados nas províncias ocidentais da Rússia. Essas tentativas mostraram exatamente o que os conspiradores maçônicos estavam preparando para a Rússia - o desmembramento do território e a expropriação dos camponeses.

Em 1807, parte das províncias ocidentais foi ilegalmente unida no chamado Reino da Polónia, que incluía terras historicamente russas (pequenas russas e bielorrussas). O poder nessas terras passou para a nobreza polonesa arrogante e contenciosa, cujo topo era inteiramente maçônico. Uma parte significativa do campesinato russo caiu sob o domínio dos poloneses.

A proclamação da libertação pessoal dos camponeses pela constituição de 1807 e pelo decreto de 21 de dezembro de 1807 reconheceu a terra em uso dos camponeses e seu equipamento como propriedade dos proprietários poloneses e criou condições legais para os proprietários expulsarem os camponeses da terra . Com base nesta "reforma progressiva", foram confiscadas terras aráveis e pastagens camponesas.

As reformas anti-russas nas províncias ocidentais estão associadas ao nome do Grão-Duque Konstantin Pavlovich (que foi educado, em particular, sob a supervisão do maçom A. Ya. Budberg), bem como do famoso Russophobe Adam Chartoryzhsky. O último merece menção especial.

Formado em lojas maçônicas, o príncipe Adam Czartoryski tornou-se próximo do grão-duque Alexander Pavlovich em 1796. Após sua ascensão ao trono, Paulo I recebeu o posto de general e foi nomeado ajudante do herdeiro. Ele também serviu como camareiro da grã-duquesa Elena Pavlovna e depois trabalhou nas mais altas esferas do Ministério das Relações Exteriores. Durante o reinado de Alexandre I, este anti-russo fez uma carreira rápida, tornando-se colega ministro em 1802, de 1804 a 1806 - Ministro das Relações Exteriores, e a partir de 1805 - também membro do Conselho de Estado.

Apesar da orientação anti-russa de seus pontos de vista, após a formação do Reino da Polônia, Chartoryzhski foi nomeado membro do governo provisório e senador-voivoda do Reino da Polônia.

A própria ideia de criar o Reino da Polônia era de natureza puramente maçônica e visava desmembrar a Rússia (pois incluía várias regiões russas originais).

É bastante natural que a ideia maçónica de formar o Reino da Polónia com o seu próprio parlamento terminasse em fracasso. As forças anti-russas unidas teceram os fios de uma conspiração nas profundezas da terra e finalmente lançaram uma revolta contra o povo russo. O maçom de alto escalão Chartoryzhski chefiou-o, tornando-se o presidente do governo anti-russo das províncias rebeldes. Após a derrota dos conspiradores, o príncipe fugiu para o exterior e, por veredicto do tribunal, foi privado de sua dignidade principesca e nobre [86] .

A influência maçônica foi sentida em muitos outros assuntos e projetos dos reformadores da era de Alexandre. Assim, alimentaram a ideia antiortodoxa de "transformar o clero russo através da Maçonaria". M. M. Speransky acreditava na fundação de uma loja especial para esse fim e obrigava os mais "capazes do clero" a participar de seu trabalho. O ritual para ela foi compilado pelo líder da loja North Star, Fessler, e discutido pela loja em 1810. [87]

Aparentemente, sob a influência dessa ideia, uma loja foi formada na Trindade-Sergius Lavra, que, no entanto, logo foi denunciada como herética, e seus membros foram expulsos do mosteiro em desgraça.

Os arquivos trouxeram-nos uma lista de sacerdotes indignos que colaboraram activamente com organizações maçónicas e foram até listados como seus membros.

Lista de clérigos que pertenciam a lojas maçônicas [88] .

Glukharev Macarius, sacerdote de Altai, início do século XIX.

Desnitsky Matvey Mikhailovich (1761-1821), sacerdote da Igreja de São João, o Guerreiro, em Moscou, mais tarde Arcebispo Mikhail de Chernigov, Metropolita de Novgorod e em 1818-1821 de São Petersburgo.

Ele foi criado às custas da Sociedade Científica Amigável. Presbítero da corte do imperador Paulo I. Membro da Academia de Ciências e das sociedades de literatura russa de Moscou e Kazan. Autor de muitas obras de natureza espiritual. Vice-presidente da Sociedade Bíblica. Membro do curso teórico em Moscou na década de 1780. Rosacruz.

Trabalho ? - 1818, professor de direito no corpo de cadetes navais. Membro da loja “À Cabeça da Morte”, com formação teórica em 1809, em 7 de maio de 1818 foi aceito na loja “Esfinge Moribunda”, e era membro da seita Tatarinova (ver Dicionário).

Kolokolov Andrey Nikolaevich (1763–1802), arcipreste em Ostashkov. Animal de estimação da Sociedade Científica Amigável. Amigo do Metropolita Mikhail Desnitsky, com quem estudou na Universidade de Moscou.

Krylov-Platonov Savva, no monaquismo Simeon (1777-1824), arquimandrita de Vifana e Zaikonospassky, reitor da Academia Teológica de Moscou, arquimandrita do Mosteiro Donskoy, em 1816 - bispo de Tula, em 1818 - de Chernigov e de 1821 - de Iaroslavl. Escritor. Ele estava interessado em misticismo.

Levitsky Feodosius Nesterovich (1791-1845), sacerdote da Igreja de São Nicolau na cidade de Balta, província de Podolsk, autor de muitas obras sobre temas religiosos, conhecidas e recebidas favoravelmente por Alexandre I. Em 1824, por um discurso proferido em um Espírito maçônico com ataques à Ortodoxia, foi exilado no Mosteiro Konevsky.

Lisevich Fedor, padre de Podolsk. Ele estava interessado em misticismo.

Malov Alexey Ivanovich (1787-1855), arcipreste da Catedral de Santo Isaac, mestre, pregador, gostava de misticismo, participou das reuniões de Tatarinova.

Sokolov Simeon Ivanovich (1772–1860), arcipreste, reitor da Igreja da Ressurreição em Barashi em Pokrovka em Moscou. Membro da conferência da Academia Teológica de Moscou. Ele se correspondeu com outro maçom famoso, o conde M.A. Dmitriev-Mamonov.

Speransky , professor de direito na Academia de Artes, era membro da loja "To the Death's Head" e da loja "Dying Sphinx", em teoria desde 1809.

Teófilo , hieromonge, professor de direito do 2º corpo de cadetes e depois do liceu de Odessa. Ele administrou vários mosteiros. Ele morreu no Mosteiro Fedorovsky com o posto de arquimandrita. Ele era próximo de outro maçom, A. N. Golitsyn, após cuja queda foi destituído do cargo. Orador na caixa da "Esfinge Moribunda" até 1818.

Além do clero indicado, cuja participação na Maçonaria está documentada, havia também um número significativo de clérigos cuja ligação direta com

as lojas maçónicas era questionável, mas que lhes eram próximos em espírito.

Entre eles: **Andrey** , arcipreste, reitor da Igreja do Regimento Preobrazhensky. Segundo a lenda, um dos membros da loja do imperador Pedro III.

Borovik Onisim, no monaquismo Onisiphorus (? - 1828), de 1814 - Bispo de Vologda e Ustyug, de 1827 - Arcebispo de Yekaterinoslav, Kherson e Tauride. Ele estava interessado em misticismo.

Glagolevsky Stefan V. (1761-1843), foi educado no seminário pedagógico da Sociedade Científica Amigável em 1782. Vice-presidente da Sociedade Bíblica. Bispo de Dmitrovsky. Metropolita de Moscou, desde 1821 - de Novgorod.

Jonas , hieromonge, professor de direito no corpo de cadetes navais, gostava de misticismo.

Malinovsky Fedor Avksentievich (1738–1811), arcipreste da Universidade de Moscou, professor de direito.

Pavinsky Ivan Dmitrievich, escritor, mais tarde Arcebispo Jonas de Tver. Desde 1811, confessor da grã-duquesa Catarina Pavlovna. Ele se interessou pelo misticismo e foi afastado do Sínodo.

Rusanov Teofilato (? - 1821), arquimandrita dos Mosteiros Zelenets e Sérgio em 1795, do Mosteiro Antoniev em 1796-1798 e do Mosteiro Valdai Iversky em 1798-1799. Em 1799 - Bispo, e a partir de 1803 - Arcebispo de Kaluga, membro do Santo Sínodo em 1809-1817. Mais tarde afastado do Sínodo, mas foi Arcebispo de Ryazan e Exarca da Geórgia.

Sulima Dmitry, Arcebispo de Chisinau, gostava de misticismo, afastado do Sínodo.

Teófano , Arquimandrita de Odessa, gostava de misticismo.

A chamada Sociedade Bíblica tornou-se uma espécie de loja maçónica legal, que tinha como principal objetivo reformar a Ortodoxia sobre “princípios esclarecidos” e, de facto, substituí-la por algum tipo de substituto que combinasse misticismo e cosmopolitismo.

Em toda a Rússia, foram criados 289 ramos desta sociedade, chefiados por maçons. A sociedade era liderada pelo famoso maçom e místico Príncipe A. N. Golitsyn, que serviu como Ministro de Assuntos Espirituais e Educação Pública. Esta foi uma das épocas mais sombrias da vida espiritual da

Rússia. A verdadeira Ortodoxia foi perseguida, o monaquismo foi suprimido, mas a propaganda religiosa de outras religiões e cismáticos foi encorajada de todas as maneiras possíveis. Golitsyn também atuou como censor. Isto permitiu-lhe suprimir qualquer protesto contra a Maçonaria e o misticismo.

Embora declarem o seu compromisso com a Ortodoxia de todas as maneiras possíveis, os maçons russos na verdade a destroem deliberadamente na sua prática diária.

O misticismo e o ocultismo substituem Deus por Satanás. Recorrer constantemente ao Arquiteto do Universo não implica de forma alguma Deus, mas algum tipo de ser sobrenatural que suprime as pessoas. A pirâmide maçônica torna-se um símbolo do controle do diabo sobre a humanidade.

Inventando todos os tipos de dispositivos e materiais místicos, os maçons procuram métodos para escapar da vontade de Deus, para se colocarem fora das condições da vontade de Deus.

“A Pedra Filosofal” e palavras místicas como “Tetragrammaton” são todos elos de uma cadeia - separar-se de Deus, criando para si condições especiais de existência que outras pessoas não têm e que podem assim ser controladas. Na linguagem cotidiana, isso é chamado de manifestação de extremo egoísmo, porque tais condições só são possíveis para os próprios (ou seja, para os membros da loja maçônica), todos os outros são considerados um ambiente hostil que deve ser superado com todas as forças. . Deus diz: deve haver bem para todos, os maçons lutam por isso apenas para si mesmos. Quem não concorda com isso é um inimigo. “O amor pelos inimigos”, argumentou o grande mestre da loja maçônica O. A. Pozdeev, “não é nada natural para uma pessoa, pois como podemos amar os inimigos quando ainda não sabemos como amar os amigos... devemos primeiro aprender amar os amigos e odiar os inimigos...” [89] .

A personalidade de O. A. Pozdeev reflete com muita precisão o caráter moral do maçom russo do final do século 17 - início do século 20, que combinou frases vazias e elevadas sobre autoaperfeiçoamento com ódio prático aos costumes e ideais do povo russo, desprezo pelas pessoas comuns . Pozdeev começou a servir sob o comando do famoso maçom Conde N.I. Panin, depois tornou-se governante do cargo de outro famoso maçom Z.G. Chernyshev. Aos 43 anos foi nomeado grão-mestre da loja provincial Orfeu subordinada a Moscou e iniciado na Ordem Rosacruz de Moscou, e desde 1789 já é o diretor ritual do “Grau Teórico”. No início do século 19, Pozdeev

era considerada a autoridade máxima. "Os maçons de Moscou do círculo mais alto até olhavam para ele como um santo. Ele foi ordenado mestre das lojas; chefes de lojas recorreram a ele em busca de conselhos, tanto teóricos, [90] .

Pozdeev era, no sentido pleno da palavra, um cruel proprietário servo e opressor de seus camponeses. Ele se opôs à "aprendizagem" entre os camponeses e foi categoricamente "contra a concessão da chamada liberdade civil às pessoas comuns". Em sua propriedade, ele sobrecarregou os servos com trabalho excessivo, sujeitou-os a castigos corporais "impiedosos" e os vendeu como recrutas. Explorando cruelmente o seu trabalho, montou uma fábrica de vidro, para a qual exigiu que cada homem dos 15 aos 70 anos entregasse 30 braças de lenha e 30 quartos de cinza por ano (a verdadeira norma bolchevique). Muitos camponeses fugiram da propriedade devido ao trabalho árduo, punições severas e todo tipo de opressão. Em resposta, aumentou ainda mais o imposto sobre os camponeses, obrigando-os a cumprir a quota para os fugitivos, exigindo de cada trabalhador 3 quartos de cinza e 3 braças de lenha por semana, [91] .

Outro líder proeminente da Maçonaria da época de Alexandre, I. V. Lopukhin, que compilou vários livros maçônicos, também representou um exemplo duvidoso de moralidade. Já na década de 80 do século XVIII, alcançou os mais altos graus maçônicos, sendo superintendente dos "irmãos" russos no Diretório de Graus Teóricos. Sua autoridade entre os maçons livres era muito alta. No entanto, o povo russo que não estava associado aos "produtos farmacêuticos" tinha uma atitude completamente diferente em relação a ele.

Nas memórias de Lopukhin, ele fica impressionado com sua mesquinha vingança para com seus oponentes, a quem está pronto para acusar de todos os pecados mortais. Seu nome está associado a vários litígios relacionados a questões financeiras. Usando sua "reputação" de importante maçom, Lopukhin pedia dinheiro emprestado a pessoas ricas, mas raramente o devolvia. Até amigos condenaram Lopukhin por sua dualidade. "É... nosso trabalho é confessar o nome de Cristo em palavras e permitir assuntos externos... de acordo com o movimento geral das paixões", escreveu M. M. Speransky sobre Lopukhin, condenando-o por litigância e desonestidade em questões financeiras.

Os contemporâneos notam a tendência de Lopukhin para "embriaguez e arrogância". Uma descrição interessante deste maçom é dada pelo Conde F. V. Rostopchin. "Lopukhin", escreve ele, "é uma pessoa muito imoral, um

bêbado, devotado à devassidão e aos vícios não naturais, tendo uma renda de 60 mil rublos e arruinando famílias inteiras, a quem não paga, pedindo dinheiro emprestado a elas; editor de livros místicos, dando esmolas aos pobres com uma mão (hipocritamente - *O.P.) e afastando seus malfadados credores com a outra"* [92] . Na velhice, Lopukhin casou-se com uma garota da classe mercantil que dependia dele.

Este caráter moral dos líderes maçônicos estabeleceu um exemplo para a “irmandade”. Como observaram os pesquisadores da época, “para muitos, a Maçonaria, especialmente na forma do Rosacrucianismo, não era uma “moda”, mas uma “máscara”, muito conveniente para encobrir os atos mais sombrios - devassidão suja, ganância insaciável e servidão cruel .”

Nesta altura, as denúncias e calúnias floresciam mais do que nunca no ambiente maçónico, especialmente relacionadas com o facto de funcionários cosmopolitas afluírem às lojas, esperando recompensas imediatas pela sua participação no submundo maçónico, praticando todos os métodos de promoção testados por esta classe. .

Mason P. I. Golenishchev-Kutuzov entrou para a história como o organizador da perseguição a N. M. Karamzin [93] . Ele inventou uma série de denúncias nas quais “A História do Estado Russo” foi escrita a tinta, tentando desacreditar o seu conteúdo patriótico. Estas denúncias foram a vingança dos “irmãos” maçónicos pela recusa de Karamzin em cooperar com eles. Na juventude, o historiador foi brevemente membro de uma das lojas, e depois a deixou, percebendo as verdadeiras intenções dos maçons livres.

Os abusos no ambiente maçônico continuaram continuamente.

Documentos foram preservados para nós, por exemplo, tais casos. Smirnov, membro da loja United Friends, recebeu o terceiro grau por meio de uma compra de 300 a 400 rublos. Em relação a Nikolai Pomorsky, membro da loja Urania, foi preservada uma resolução de todos os membros da loja “sobre impedi-lo de trabalhar devido ao seu comportamento indecente e ignorância do mesmo”.

Existem vários casos conhecidos de expulsão do ambiente “fraterno” por embriaguez e grosseria. Estelionatários - ladrões da caixa registradora da pousada - também foram notados nessa época. Este é Andrian Sluchansky, membro da Loja dos Amigos Unidos, que atuou como 2º Stuart em 1817 e foi expulso no mesmo ano por desviar a caixa registradora [94] . O maçom Christian Friedrich Matei, filólogo de profissão, roubou 61 manuscritos antigos das bibliotecas de Moscou e os vendeu por muito dinheiro no

exterior. Houve, é claro, outros casos de desvio de tesouro, roubo e tumultos de bêbados. Mas muitos deles hesitaram. A “Irmandade” não gostava de lavar roupa suja em público, e os historiadores maçônicos apagaram-na cuidadosamente dos anais das lojas.

Alexandre I, que se sentia refém dos conspiradores maçônicos, esforça-se gradual e cuidadosamente para se libertar de sua perigosa dependência. Ele realmente nunca conseguiu fazer isso.

No entanto, no final do seu reinado, o controle maçônico sobre o imperador enfraqueceu claramente.

Não ousando lutar abertamente contra a força secreta que ameaçava seu poder, a princípio ele se livrou das figuras mais odiosas - os regicidas maçons Panin, Palen, Bennigsen, os irmãos Zubov, que ele exilou cuidadosamente.

Em 1805-1806, os maçons Chartoryzhsky e Stroganov perderam sua antiga influência. O Soberano também tem cada vez menos confiança em Speransky, que não se distinguia pela “franqueza e sinceridade” [95] e conduziu intrigas secretas pelas costas do czar. Como se descobriu mais tarde, Speransky, de fato, subornou alguns funcionários de alto escalão para receber deles informações que, devido à natureza de seu serviço, ele não deveria saber. O caso do maçom H. A. Beck, que serviu em um colégio estrangeiro como cifrador e decifrador de documentos secretos, mostrou que este funcionário tinha uma ligação especial com Speransky, que “obviamente sem o conhecimento do Soberano, tentou penetrar nas relações exteriores mais profundo do que talvez, era isso que o Imperador queria.” Como pode ser visto nos documentos do caso, Speransky tentou subornar Beck, interessou-se por seu salário e prometeu-lhe ajuda. Como escreve o biógrafo de Speransky: “Beck também deu a Speransky documentos para os quais ele não tinha permissão, e, por sua vez, dirigiu-se a Speransky com um pedido sobre seus assuntos pessoais; Beck estava ligado ao velho conde Palen (um maçom. *-OP)* .” É claro que o interesse de Speransky foi determinado pelo interesse da resistência maçônica, que queria controlar toda a vida pública da Rússia.

Através de Speransky, Alexandre I comunicou-se secretamente com o Ministro das Relações Exteriores da França, Talleyrand. Há razões para afirmar que, em algum momento, Alexandre começou a suspeitar que Speransky estava jogando um jogo duplo, embora na verdade as conexões de Speransky estivessem limitadas às relações com os maçons franceses.

O povo russo assistiu com amargura à ascensão de Speransky, vendo nele um cosmopolita completo e o líder do movimento maçônico associado à França, que se preparava para a agressão contra a Rússia. Pouco antes da guerra, em 1811, o governador de Moscou, conde F. Rostopchin, enviou à grã-duquesa Ekaterina Pavlovna uma nota sobre os maçons, que ficou conhecida pelo czar. Dizia, em particular, que a seita maçónica "levantou a cabeça". "Os príncipes Trubetskoy, Lopukhin, Klyucharyov, o príncipe Gagarin, Kutuzov e centenas de outros", escreveu Rostopchin, "reuniam-se em reuniões para discussões preliminares dos assuntos mais importantes. Começaram a espalhar más notícias, a enviar pelo correio um livro místico intitulado "Saudades da Pátria" e esqueceram-se a tal ponto que despertaram a ideia da necessidade de mudar a forma de governar e o direito da nação de eleger um novo soberano...

Eles elevaram e multiplicaram sua seita juntando-se a pessoas importantes que receberam cargos importantes, entre eles pertencem em São Petersburgo: gr. Razumovsky, Mordvinov, Karneev, Alekseev, Donaurov; em Moscou: Lopukhin, Klyucharyov, Kutuzov, Runich, Príncipe Kozlovsky e Pozdeev. Eles são todos mais ou menos devotados a Speransky, que, não aderindo a nenhuma seita em sua alma, e talvez a nenhuma religião, usa seus serviços para dirigir os assuntos e os mantém dependentes dele. Eles se reúnem em Moscou na casa de Klyucharyov, mas o principal líder de tudo é um certo Pozdeev... Eles escondem seus planos sob o disfarce da religião, do amor ao próximo e da humildade.

Bebem e comem bem, dedicam-se ao luxo e à voluptuosidade, mas falam constantemente sobre castidade, abstinência e orações. Com isso eles adquirem seguidores crédulos e dinheiro... Não sei que tipo de relações eles podem ter com outros países, mas tenho certeza que Napoleão, que direciona tudo para alcançar seus objetivos, os patrocina e um dia encontrará forte apoio nesta sociedade, tão digna de desprezo quanto perigosa..." Tendo se tornado governador-geral de Moscou, Rostopchin estabeleceu vigilância sobre os maçons. Na sua opinião, os maçons pertencentes ao Senado (Lopukhin, Runich e Kutuzov) queriam deter todo o Senado antes da chegada de Napoleão. "A intenção deles (dos maçons)", acreditava Rostopchin, "era, enquanto permanecesse em Moscou, desempenhar um papel sob Napoleão, quem se aproveitaria deles..." Rostopchin considerava corretamente os maçons capazes de qualquer crime e alta traição. Isso logo foi confirmado de fato. Folhetos começaram a ser distribuídos por Moscou - apelo de Napoleão, traduzido do alemão para o russo. O apelo anunciava uma campanha contra a Rússia, declarando orgulhosamente que dentro de

seis meses Moscovo e São Petersburgo seriam vítimas do exército francês. Foi realizada uma investigação que revelou que folhetos hostis à Rússia foram distribuídos por pessoas envolvidas em organizações maçônicas. Os folhetos eram traduções de jornais estrangeiros. E como as publicações estrangeiras provavelmente poderiam chegar à Rússia pelos correios, Rostopchin enviou o chefe de polícia até lá para resolver o problema. No entanto, o chefe dos correios, o pedreiro Klyucharyov, não permitiu a entrada do representante do governo. Quando o próprio Klyucharyov foi convocado para interrogatório, ele imediatamente se encontrou com o distribuidor do folheto e conversou longamente com ele em uma sala separada. O distribuidor de panfletos foi condenado ao exílio em Nerchinsk por trabalhos forçados eternos, mas antes de os franceses entrarem em Moscou, ele foi despedaçado pelo povo indignado. Mais tarde, os maçons se vingaram brutalmente de seu inimigo, espalhando rumores de que não foi Napoleão quem queimou Moscou, mas Rostopchin.

Temendo as provocações mais inesperadas de Napoleão, Alexandre I enviou para o exílio um homem que era considerado o líder do movimento maçônico clandestino e era até suspeito de ter ligações com os Illuminati - Speransky [96 [1] . Quase simultaneamente com ele, outro pedreiro de alto escalão, o presidente do Departamento de Economia do Estado, Conde N.S. Mordvinov, também foi destituído. Este camarada de armas de Speransky foi um fervoroso oponente da abolição da servidão, defendendo "a inviolabilidade de cada detalhe, mesmo o mais ultrajante, da servidão", defendendo até mesmo o direito de vender servos sem terra e separadamente da família. "A única forma possível de abolir a servidão parecia-lhe ser a compra pelos camponeses da liberdade pessoal, mas não da terra, a preços determinados pela lei, cujo montante no seu projecto era terrivelmente elevado."

O levante patriótico de 1812 frustrou as esperanças de muitos maçons na vitória de Napoleão e no estabelecimento de um regime de que gostavam na Rússia. A marcha vitoriosa do exército russo forçou os líderes das lojas maçônicas a adiar seus planos.

Depois de 1815, houve um renascimento do trabalho subterrâneo. Alexandre I recebe um relatório sobre o desenvolvimento de sociedades secretas. Em um dos momentos difíceis de sua vida, no exterior, recebe notícias de agitação no Regimento de Guardas da Vida Semenovsky (outubro de 1820). Nesta agitação, o Czar vê com razão o trabalho subversivo das sociedades secretas. Numa carta a Arakcheev, ele revela as verdadeiras

razões da agitação: “Ninguém no mundo pode me convencer de que este incidente foi inventado pelos soldados... A sugestão, ao que parece, não foi militar... a sugestão foi alienígena... Admito, atribuo isso às sociedades secretas, que, segundo as evidências, nós temos, tudo está em comunicação entre si...” Em 1821, tendo retornado do exterior, o czar recebeu informações sobre uma situação política conspiração de organizações maçônicas, indicando os nomes das principais figuras das sociedades secretas. Em particular,

A comunidade patriótica ortodoxa apela ao Imperador para que pare as atividades dos conspiradores. Percebendo que estamos falando da proibição das lojas maçônicas, os maçons estão tentando tomar a iniciativa com as próprias mãos. O chefe da Loja Diretoria de Astrea, Senador E. A. Kushelev (aliás, casado com a filha de outro maçom de alto escalão I. V. Beber) dirige-se ao Soberano com um relatório “leal”, no qual propõe realizar uma reforma de a organização maçônica, colocando-a, por assim dizer, sob a proteção do Estado e do Imperador. Kushelev admite abertamente que as lojas atuais são perigosas para o Estado e na situação atual não se deve esperar “nada além de consequências desastrosas” delas. Este último, aparentemente, tinha o caráter de uma ameaça.

Tudo isso transbordou a paciência do czar. Em 1º de agosto de 1822, em um rescrito dirigido ao chefe do Ministério de Assuntos Internos, Conde Kochubey, Alexandre I ordenou que “todas as sociedades secretas, sob quaisquer nomes que existissem, como lojas maçônicas ou outras, fossem fechadas e seu estabelecimento não será permitido no futuro; obrigar todos os membros destas sociedades a não formarem no futuro quaisquer sociedades maçónicas ou outras sociedades secretas e, tendo exigido aos funcionários militares e civis que declarem se pertencem a quaisquer sociedades secretas, retirar-lhes assinaturas de que já não lhes pertencerão ; se alguém não quiser dar tal obrigação, não deverá permanecer no serviço.” Na lista oficial de oficiais “que pertencem às lojas maçônicas”, compilada mediante assinatura, 517 pessoas foram listadas em 1822. No entanto, nem todos estavam na lista. [97] .

O Imperador limpa cuidadosamente o seu aparato dos mais odiosos funcionários maçônicos. Em 1823, o maçom Kochubey renunciou ao cargo de Ministro de Assuntos Internos, em 1824, o maçom Golitsyn foi destituído do cargo de Ministro da Educação e, ainda antes, Novosiltsev foi para a Polônia. No entanto, os conspiradores maçônicos não param suas atividades, mas apenas se aprofundam no subsolo. O rei recebe cada vez mais

informações sobre a conspiração iminente. Uma nota manuscrita de Alexandre I, escrita por ele em 1824 e encontrada em seu escritório após sua morte, foi preservada: “O espírito pernicioso do livre-pensamento ou do liberalismo se espalhou, ou pelo menos já está se espalhando fortemente, entre as tropas; que em ambos os exércitos, bem como em corpos individuais, existem sociedades secretas ou clubes em diferentes lugares, que também têm missionários secretos para divulgar o seu partido. Yermolov, Raevsky,

Stolypin e muitos outros de generais, coronéis, comandantes de regimento; Além disso, a maior parte dos diversos funcionários e diretores.”

Uma nova conspiração, nascida nas lojas maçônicas, adquiriu contornos ameaçadores.

Capítulo 4

Conspiração anti-russa dos maçons dezembristas. — Composição de organizações subversivas. - Planos dos conspiradores. — O golpe de dezembro como provocação. — Por Constantino e a Constituição. - Os maçons são os culpados do massacre.

A conspiração maçônica, chamada de conspiração dezembrista, representava uma séria ameaça à existência do estado russo milenar. Os conspiradores pretendiam mudar não apenas a forma de governo e a estrutura do Estado, mas também desmembrar o Estado russo em vários territórios independentes e isolados. O apoio social do dezembrismo foi uma parte do estrato dominante e da intelectualidade da Rússia, desprovida de consciência nacional e pronta para cometer um pogrom de fundações, tradições e ideais nacionais.

Havia 121 dezembristas [98] (mais de 90 por cento) nas lojas maçônicas , incluindo todos os líderes da conspiração. O movimento dezembrista, sendo puramente maçônico, surgiu de seu ramo mais perigoso e secreto - a Ordem dos Illuminati (fundador A. Weishaupt), que desempenhou um papel trágico no destino do regime real na França.

Combinando os métodos da organização jesuíta, a Inquisição secreta e a crueldade patológica para com os seus oponentes, esta ordem travou uma luta secreta pela destruição do Estado monárquico e da Igreja Cristã nos países europeus. Após a proibição de suas atividades na Alemanha (1784),

ele atua sob o disfarce da loja maçônica francesa "Amigos Unidos" e, desde 1790 - da união secreta prussiana Tugenbund (União da Virtude).

A Maçonaria Russa foi associada ao Iluminismo desde o início de sua criação (Príncipe N. Repnin). No entanto, essas relações adquiriram um caráter massivo durante a campanha das tropas russas contra Napoleão. Entre os maçons russos diretamente associados ao Tugenbund, os pesquisadores observam M. F. Orlov (fundador da Ordem dos Cavaleiros Russos, membro da União do Bem-Estar), N. I. Turgenev, S. P. Trubetskoy, P. I. Pestel, A. N. Muravyova, M. A. Fonvizina [[99] .

Um dos representantes da Ordem dos Illuminati na Rússia foi Ernst-Veniamin-Solomon Raupach, que desde 1804 morou na casa de um membro do Comitê Secreto Novosiltsev, e depois com o Príncipe P. M. Volkonsky. Por suas atividades duvidosas em 1822, Raupach foi expulso da Rússia [100] .

Em 1816, aparentemente por ordem direta dos líderes do Tugenbund, um jovem coronel russo, maçom desde a juventude, A. N. Muravyov, fundou a chamada União da Salvação, composta por três dezenas de oficiais que estabeleceram como objetivo um segredo luta contra o poder czarista. Os principais ativistas da união secreta também incluíam o príncipe S.P. Trubetskoy, associado ao Tugenbund, os segundos-tenentes N. Muravyov e M. Muravyov-Apostol, I. Yakushkin. Um pouco mais tarde, M. Novikov e P. Pestel ingressaram na sociedade.

O estatuto da empresa foi elaborado por Pestel. Ele obrigou “a multiplicar ao máximo o número de membros da sociedade”, a esforçar-se para garantir que os membros da sociedade secreta alcançassem posições importantes no Estado, fingindo ser súditos leais. No espírito das lojas maçônicas e, em particular, do Tugenbund, um juramento foi anexado à Carta, no qual os membros da sociedade juraram guardar segredos e não trair uns aos outros, caso contrário “o veneno e a adaga encontrarão um traidor em todos os lugares. ”

Um típico conspirador maçônico entre os dezembristas foi M. S. Lunin, um proprietário de terras russo que se converteu ao catolicismo, um ardente cosmopolita e russófobo. Sendo membro da loja maçônica das Três Espadas Coroadas, tornou-se um participante indispensável em todas as organizações dezembristas.

A “União da Salvação” está a desenvolver uma conspiração destinada ao regicídio durante a estada de Alexandre I em Moscovo em 1817 [101] .

Os conspiradores pretendiam cometer este assassinato de uma forma particularmente blasfema - durante um serviço religioso na Catedral da Assunção, no Kremlin de Moscou.

No entanto, mais tarde abandonaram este plano, percebendo que numa catedral cheia de gente não conseguiriam escapar da retribuição.

No entanto, o resultado dos planos blasfemos foi a reorganização da "União da Salvação" numa organização ainda mais perigosa, construída inteiramente sobre os princípios da Tugenbund - a "União do Bem-Estar" (1818-1821). Tal como a organização anterior, a União da Previdência assumiu a tarefa de preparar uma conspiração armada contra o governo e criar uma opinião pública favorável a ele (desacreditando especialmente os seus adversários políticos).

Os conspiradores fizeram planos para criar uma grande rede de organizações secretas e legais através das quais queriam controlar a opinião pública. Para isso, nas suas reuniões desenvolveram uma série de temas e pessoas "que deveriam ser culpadas ou elogiadas" em todas as oportunidades. Já no primeiro ano, mais de 200 pessoas estiveram envolvidas no trabalho da organização secreta. Os seus líderes consistiam principalmente das mesmas pessoas que chefiavam a "União da Salvação". A gestão foi realizada através das principais administrações de São Petersburgo, Moscou e Tulchin.

Tentando compreender os "ideais" dos conspiradores, notamos em primeiro lugar o seu carácter nitidamente não ortodoxo. Os conspiradores maçônicos sonham com a destruição da Igreja Ortodoxa e o surgimento em seu lugar de um novo culto ao Ser Supremo, modelado no Arquiteto Maçônico do Universo. A utopia literária do dezembrista Ulybashev conta como será a vida na Rússia depois que os planos dos conspiradores forem implementados. Em São Petersburgo, no local da Lavra Alexander Nevsky, o autor viu um arco triunfal, "como se erguido sobre as ruínas do fanatismo". Num belo templo, cujo esplendor "ultrapassa os enormes monumentos da grandeza romana", realizava-se um serviço especial: aqui, diante de um altar de mármore, sobre o qual ardia um fogo inextinguível, ofereciam louvor ao Ser Supremo . O Cristianismo Ortodoxo desapareceu - algumas mulheres idosas decrépitas ainda professam a antiga religião, [102] .

Esses sonhos dos maçons dezembristas estavam destinados a serem realizados apenas pelos bolcheviques.

Os conspiradores maçônicos da União do Bem-Estar realizam uma série de ações secretas para manipular a opinião pública, em particular, espalham

rumores (na maioria das vezes caluniosos) sobre seus oponentes políticos que serviram em benefício da Rússia.

Em janeiro de 1820, os conspiradores se reuniram para uma reunião, que foi essencialmente uma reunião da loja maçônica, pois todos os participantes eram maçons livres. Como resultado, a maioria decidiu lutar por uma forma republicana de governo [103] . Nesta reunião também são esclarecidos os métodos de atuação dos conspiradores, que falam abertamente (embora ainda não todos) sobre o regicídio e a preparação de uma rebelião militar.

Uma nova reunião dos conspiradores ocorreu um ano depois (dois meses após o motim no regimento Semenovsky). Os conspiradores maçônicos estão claramente nervosos e decidem liquidar ficticiamente a "União da Salvação" e, sob o pretexto de sua autodissolução, eliminar membros não confiáveis e criar uma nova sociedade secreta, embora devido ao ambicioso confronto dos líderes da conspiração, na verdade surgiram duas - Sul e Norte.

MAÇONS NO GOLPE ANTI-RUSSO DE 1825

Sobrenome, nome, patronímico, título, posição (antes do golpe)— 1. Anos de vida— 2. De quais lojas maçônicas ele era membro— 3. De quais organizações secretas antigovernamentais ele participou— 4. Papel pessoal no golpe de 1825-5.

Pestel Pavel Ivanovich, coronel. 1793–1826 União "Unida", "Três Virtudes" da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz), organizadora e chefe da Sociedade do Sul. Organizador e ideólogo.

Muravyov-Apostol Sergey Ivanovich, tenente-coronel. 1795-1826 "Três Virtudes" (diretor ritual), União da Salvação (um dos fundadores), União do Bem-Estar (membro e guardião do Conselho Raiz), Sociedade do Sul (um dos diretores, chefe do conselho Vasilkovsky). Organizador e ideólogo, líder da revolta do regimento de Chernigov.

Ryleev Kondraty Fedorovich, aposentado. segundo-tenente, chefe do escritório da empresa russo-americana. 1795–1826 Flaming Star (Lodge Master), Northern Society (Líder). Chefe de treinamento.

Bakunin Vasily Mikhailovich, coronel. 1795–1863 "Águia Russa", União do Bem-Estar. Participante em preparação.

Batenkov Gavriil Stepanovich, tenente-coronel 1793–1863 "Michael Escolhido", "Luminário Oriental", Sociedade do Norte. Participante.

Bestuzhev Nikolai Aleksandrovich, tenente-capitão, escritor. 1791–1855 "Escolhido Michael", Sociedade do Norte (escreveu o rascunho do "Manifesto ao povo russo"). Participante ativo.

Brigen von der Alexander Fedorovich, aposentado. Coronel. 1792–1859 "Peter to Truth", União de Bem-Estar e Sociedade do Norte. Participante em preparação.

Volkonsky Sergei Grigorievich, príncipe, general. - principal. 1788–1865 Amigos Unidos, Esfinge, Três Virtudes (fundador), membro honorário da Loja de Kiev dos Eslavos Unidos, União do Bem-Estar e Sociedade do Sul (um dos líderes). Ideólogo e participante ativo nos preparativos.

Glinka Vladimir Andreevich, coronel, mentor Vel. Livro. Nikolai e Mikhail Pavlovich. 1790–1862 Poltava Lodge M. N. Novikova, "Amor pela Verdade", União do Bem-Estar. Participante em preparação.

Glinka Fedor Nikolaevich, Coronel 1786–1880 "Escolhido Michael", Sociedade dos Militares, União da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz). Um dos organizadores.

Gurko Vladimir Iosifovich, Coronel 1795–1852 "Michael Escolhido", Sociedade Militar. Participante em preparação.

Delvig Anton Antonovich, barão, poeta, funcionário do Ministério das Relações Exteriores 1798–1831 "Miguel Escolhido", "Artel Sagrado". Participante do treinamento

Dmitriev-Mamonov Matvey Aleksandrovich, conde, aposentou-se. gene. - principal. 1790–1863 Loja não estabelecida, "Ordem dos Cavaleiros Russos". Um dos fundadores do movimento.

Dolgorukov Ilya Andreevich, príncipe, coronel, ad-t liderado. livro Mikhail Pavlovich 1797–1848 "Amigos Unidos", "Três Virtudes" (guardião da loja), União da Salvação e União do Bem-Estar. Participante em preparação.

Koloshin Petr Ivanovich, conselheiro colegiado. 1794-1848 Loja não estabelecida, "Sagrado Artel", União da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz, Presidente do Conselho de Moscou). Participante em preparação.

Kotlyarevsky Ivan Petrovich, pequeno escritor russo, aposentou-se. capitão, premiado com o posto de major. 1769–1838 Poltava Lodge M.

N. Novikova, “Amor pela Verdade”, Pequena Sociedade Secreta Russa. Participante em preparação.

Kochubey Semyon Mikhailovich, atuando. Estatísticas Conselheiro, província de Poltava Marechal.?-1835 Poltava Lodge M. N. Novikov, “Amor à Verdade”, Pequena Sociedade Secreta Russa. Participante em preparação.

Krasnokutsky Semyon Grigorievich, atuando. Estatísticas Sov., Procurador-Geral. 1787 (8?) - 1840 "Elizabeth to Virtue", Welfare Union, Southern Society. Participante em preparação.

Krizhanovsky (Krzhizhanovsky) Severin Faddeevich, tenente-coronel polonês. 1787–1839 Loja de Varsóvia, Escudo do Norte, Sociedade dos Verdadeiros Poloneses, Sociedade Patriótica (líder). Participante em preparação.

Lopukhin Pavel Petrovich, Sua Alteza Sereníssima Príncipe, General. - principal. 1790–1873 "Três Virtudes" (Grão-Mestre) União da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz), Sociedade do Norte. Participante em preparação.

Lorer Nikolai Ivanovich, major. 1797 (8?) - 1873 “Palestina” e a loja estrangeira em Offenbach, sociedades do Norte e do Sul. Participante em preparação.

Lukashevich Vasily Lukich, estado. Sov., marechal do distrito de Pereyaslavl. 1787 (8?) - 1866 Loja Poltava de M. N. Novikov, “Amor à Verdade” e “Eslavos Unidos”, União da Prosperidade. Participante em preparação.

Lunin Mikhail Sergeevich, tenente-coronel. 1787–1845 "Três Virtudes", União da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz), Sociedade do Norte. Participante em preparação.

Mitkov Mikhail Fotievich, coronel. 1791–1849 "Amigos Unidos", Sociedade do Norte. Participante em preparação.

Moshinsky Petr Stanislav-Wojciech Aloysius Ignatievich, conde, Volynsk. lábios Marechal da nobreza. 1800–1879 Sociedade Templária, Sociedade Patriótica (membro do conselho provincial). Participante em preparação.

Muravyov Alexander Nikolaevich, aposentado. Coronel. 1792-1863 “Elizabeth to Virtue”, loja na França, “Three Virtues” (mestre regente),

“Sacred Artel”, União da Salvação (fundador), Sociedade Militar, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz, chefe do Conselho de Moscou). Participante em preparação. 1 2345

Turgenev Nikolai Ivanovich, atuando. Estatísticas conselheiro, diretor da Universidade de Moscou 1789-1871 Mason, loja não estabelecida, “Ordem dos Cavaleiros Russos”, União do Bem-Estar, Sociedade do Norte (um dos fundadores e líderes. Um dos organizadores.

Fonvizin Mikhail Alexandrovich, aposentado. gene. - principal. 1787–1854 “Alexandre da Tríplice Salvação”, União da Salvação, União da Prosperidade (um dos iniciadores e líderes do Congresso de Moscou, membro do Conselho Raiz). Participante na preparação do golpe em Moscou.

Chaadaev Petr Yakovlevich, ex- inferno gen. I. V. Vasilchikova, filósofo e publicitário. 1794-1856 "Amigos Unidos", "Amigos do Norte" (Superintendente e Delegado de "Astrea"), ostentavam a insígnia do 8º grau dos "Irmãos Brancos Secretos da Loja de João", União do Bem-Estar. Um dos ideólogos do movimento.

Shakhovskoy Fedor Petrovich, aposentado. principal. 1796–1829 “Amigos Unidos”, “Três Virtudes”, “Esfinge” União da Salvação, União do Bem-Estar (membro do Conselho Raiz e chefe de uma das administrações de Moscou). Participante.

Yablonovsky Anton Stanislavovich, príncipe, camareiro e vice-referendário do Reino da Polônia. 1793–1855 “Escudo do Norte” em Varsóvia, Sociedade Patriótica (membro do Comitê Central.) Participante em preparação.

O chefe dos conspiradores da Sociedade do Sul era Pestel, que defendia o regicídio, “um método de acção revolucionário” e “um golpe decisivo através das tropas”. Pestel escreveu o projeto constitucional “Verdade Russa”, que era russo apenas no nome, mas na verdade contradizia o próprio espírito do povo russo - foi proposto destruir a Igreja Russa, o poder czarista e introduzir o domínio republicano cosmopolita na Rússia.

A “Verdade Russa” era, por assim dizer, um mandato para o ditador da Terra Russa, que deveria chegar ao poder após a execução de todos os membros da Casa Real, sem exceção. Segundo Pestel, a “Verdade Russa” garantirá o

curso necessário dos acontecimentos no momento mais perigoso para a revolução - desde o momento da revolta militar revolucionária até o momento do estabelecimento da república e da introdução de novas instituições revolucionárias. Em essência, isto significou a introdução de um regime de gestão semelhante ao bolchevique. Supunha-se, após o assassinato do czar, obrigar o Sínodo e o Senado a declarar uma Junta Provisória composta por membros da sociedade, "para investi-la de poder ilimitado, e ainda distribuir lugares nos ministérios e no exército aos membros da sociedade ."

No entanto, a prioridade na criação da primeira constituição republicana cosmopolita e do sangrento regime ditatorial não pertence ao maçom Pestel, mas ao maçom M. N. Novikov, membro da loja "Amor à Verdade", que fazia parte inteiramente da organização conspiratória "União do Bem-Estar". Aliás, foi ele quem atraiu P. I. Pestel para as atividades de sociedades conspiratórias secretas.

A constituição criada por outro líder dos conspiradores, N. Muravyov, não era menos anti-russa por natureza. Tal como Pestel, previu a destruição do sistema estatal russo, a eliminação de uma dinastia legítima e, no futuro, a criação de uma república cosmopolita. Mais tarde, durante a investigação, N. Muravyov testemunhou: "Se a família imperial não tivesse aceitado a constituição, então, como último recurso, propus expulsá-la e propor o governo republicano". A Constituição de Muravyov previa a expropriação quase completa dos camponeses russos com a abolição da servidão. E, finalmente, de acordo com esta constituição, a Rússia foi desmembrada, dividida em 15 "poderes", cada um dos quais com a sua própria capital, e Nizhny Novgorod tornou-se o centro "federal" comum. Foram assumidos os seguintes "poderes": Bótnia (capital Helsingfors), Volkhovskaya (São Petersburgo), Báltico (Riga), Ocidental (Vilno), Dnieper (Smolensk), Mar Negro (Kiev), Ucraniano (Kharkov), Zavolzhskaya (Yaroslavl), Kamskaya (Kazan), Nizovskaya (Saratov), Obiyskaya (Tobolsk), Lenskaya (Irkutsk), Moskovskaya (Moscou), Donskaya (Cherkassk). Muitos planos para tal estrutura estatal foram utilizados pelos bolcheviques e seus herdeiros.

Os dezembristas estavam associados a todas as forças anti-russas e principalmente aos movimentos nacionalistas polacos que apelavam abertamente a uma luta militar contra a Rússia. Nos anos 1817-1825, existiam várias organizações maçônicas polonesas secretas nas províncias ocidentais, em particular a Sociedade dos Filomatas. Em 1819 surgiu a Sociedade Nacional da Maçonaria, que em 1821 mudou seu signo para

Sociedade Patriótica. Foram essas organizações conspiratórias que estiveram em contato próximo com os dezembristas.

As conexões internacionais dos golpistas, é claro, foram principalmente além dos centros maçônicos da Europa Ocidental na Alemanha, Itália, França, Suécia, etc. Emissários maçônicos da Europa Ocidental vieram para a Rússia, por sua vez, os maçons russos iam constantemente ao exterior em busca de conselhos e instruções .

Nas décadas de 1810-1820, ocorreu uma onda de agitação e tumultos em toda a Europa Ocidental, cujo desenvolvimento apresentava padrões gerais e que, segundo muitos pesquisadores, era regulado a partir de um centro, controlado pelos maçons da “Grande Carbonada Europeia”. ” A agitação social e as revoluções em Espanha, Portugal, Itália (Nápoles, Piemonte), as conspirações maçónicas na Alemanha e França desestabilizaram a vida social da Europa. Para os conspiradores maçônicos russos, as atividades dos Carbonários serviram de modelo. Foram observados vários casos de participação de carbonários europeus em reuniões de sociedades secretas russas.

O famoso maçônico Carbonari F. Buanarotti, que mantinha contato próximo com os conspiradores russos, enviou seus emissários à Rússia (1822). Em 1818, Carbonari Mariano Gigli fugiu para a Rússia, onde trabalhou como professor de italiano na casa do dezembrista M.D. No final de 1819, o Carbonari iniciou seu aluno no Carbonari Venta. “Para Lappa, o caminho para o Sindicato do Bem-Estar dos Illuminati passava precisamente por Venta, que existia como um ramo desta organização específica. D. A. Iskritsky tornou-se outro carbonari através dos esforços de Gigli” [104] .

Os futuros golpistas russos observaram com entusiasmo os sucessos de seus “irmãos” maçônicos na América Latina e na Grécia, lutadores pela liberdade de seu povo - os maçons de Bolívar, Miranda, Hidalgo, Saint-Martin, Ypsilanti. Na América do Norte, o presidente maçom Monroe proclamou a doutrina da “América para os americanos”, consolidando assim o sistema de exploração da população indígena da América e declarando os direitos especiais dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental, incluindo a anexação de territórios adjacentes. territórios que naquela época pertenciam a outros países. Tal “coragem” serviu de exemplo para outros “irmãos” que sonhavam em estabelecer os seus direitos preferenciais no governo da humanidade.

Os conspiradores maçónicos aguardam o momento de se manifestarem contra as autoridades russas. E esse momento chegou em novembro de 1825,

quando o imperador Alexandre I morreu em Taganrog. O poder passou formalmente para as mãos de seu irmão mais velho, Constantino, mas de acordo com as regras de sucessão ao trono, ele não poderia passar o trono para seus descendentes, já que ele se casou em um casamento morganático. Portanto, Constantino abdicou do trono em favor de seu irmão Nicolau.

No entanto, até que o ato de abdicação fosse conhecido, Constantino era considerado o Imperador, a quem a população da Rússia jurou lealdade em 27 de novembro.

Para entronizar Nicolau foi necessário um novo juramento, marcado para 14 de dezembro. E então os conspiradores desenvolveram um plano específico para tomar o poder. Sabendo muito bem que o juramento a Nicolau é legal, a fim de confundir as mentes do povo russo, eles espalham falsos rumores de que Nicolau quer derrubar Constantino do trono e apelam a todos os súbditos leais para cumprirem o dever de proteger os seus legítimos Monarca Constantino. Tentando incitar o povo e o exército à revolta, os conspiradores recorreram ao mais vil e vil engano. No dia 14 de dezembro, dia do "rejuramento", agendaram a saída das tropas onde eram comandantes. Marcaram uma apresentação na Praça do Senado, ao lado do prédio do Senado, onde naquele dia os senadores deveriam jurar fidelidade ao novo Imperador.

Pela força das armas, os conspiradores queriam forçar os senadores a declarar a derrubada do governo e emitir um Manifesto revolucionário ao povo, que declarava a "destruição do governo anterior" e o estabelecimento de um Governo Revolucionário Provisório.

Na manhã de 14 de dezembro, os conspiradores maçônicos vão ao quartel dos soldados e pedem aos soldados que renunciem ao juramento a Nicolau e defendam o legítimo czar Constantino e sua esposa, a Constituição. Os pequenos enganadores exploram os brilhantes sentimentos de lealdade das pessoas comuns ao czar.

Assim, os soldados que concordaram em ir com os dezembristas apoiaram não as suas ideias anti-russas, mas o legítimo governo russo, que iriam defender pela força, enganado pelos conspiradores.

Os soldados que acreditaram nos aventureiros (a princípio apenas o regimento de Moscou) fizeram fila na Praça do Senado. O primeiro sangue foi derramado às onze horas da manhã. Os conspiradores, temendo expor seu engano, mataram o herói de 1812, general Miloradovich, que tentava

explicar a verdade aos soldados. Os agitadores dezembristas se esforçam para atrair pessoas comuns usando várias promessas enganosas, aqui e ali gritos de “Por Constantino e pela Constituição!” (os soldados e pessoas comuns que adotaram esses slogans acreditavam que a Constituição era a esposa do Imperador Constantino).

Com a ajuda dos seus agitadores, que espalham rumores falsos, os conspiradores criaram uma opinião pública, que claramente não estava do lado do legítimo governo russo. As multidões daqueles que simpatizavam e apoiavam o “czar Constantino” cresceram. Chegou um momento trágico para o estado russo, e então Nicolau I encontrou forças para organizar um ataque aos conspiradores, a bala atingiu os desordeiros e depois de algum tempo a praça foi limpa. Como resultado da conspiração dezembrista, 1.271 pessoas morreram [105] , seu sangue está inteiramente na consciência dos conspiradores maçônicos.

capítulo 5

Subterrâneo. — Preservação da organização maçônica. - Mecenato nas mais altas esferas. — Continuação do trabalho secreto. — Apoio a “irmãos” estrangeiros. — Intrigas contra a Ortodoxia. — Fortalecimento da atividade maçônica sob Alexandre II. — Maçons livres para a revolução. — Aliança de “irmãos” internacionais. - Bakunin e Netchaev. — Banditismo político.

A derrota da conspiração maçônica dos dezembristas, a execução de criminosos políticos e a proibição estrita das sociedades secretas não impediram as atividades dos maçons livres. Eles estão apenas se aprofundando na clandestinidade e, dentro das lojas estrangeiras, seu trabalho está ainda mais intensificado. Os nobres maçons russos, sob vários pretextos, vão regularmente ao exterior - para a Alemanha, França, Itália, Suíça, Inglaterra, pagando dinheiro significativo na forma de taxas pelo direito de participar no trabalho de lojas estrangeiras.

É apropriado fornecer aqui uma lista de lojas estrangeiras [106] , no “trabalho” do qual participaram os maçons russos, embora, é claro, nem todos tenham atuado no momento que estamos considerando, mas seu grande número atesta a escala do fenômeno: Augusto da Bússola de Ouro em Göttingen; Attetitze em Danzig; Amália em Saxe-Weimar; Consistório Americano no Leste de Paris; Buzet em Orleães; Nove Irmãs em Toul

(França); Virtude em Leiden; Amigos da Verdade em Mannheim; Unidade (sociedade secreta em Viena, Leipzig, etc. cidades); Emanuel em Hamburgo; Cruz de Ferro (Paris); Bola de Ouro em Hamburgo; Maçã Dourada ou Pelicano em Dresden; João de Jerusalém em Paris; Joseph zur Einichkeit em Nuremberg; Cannongent Calvinin em Edimburgo; Águia Vermelha em Hamburgo; Para as Três Chaves em Edimburgo; Lord Sackville em Florença Louise em Tilsit Minerva em Potsdam Hopes em Berna Irregular Lodge em Vouzieres (França); Pilger em Londres; Estrela Flamejante em Berlim; Santo André em Calstatt: Santo Alexandre da Escócia, Grande Capítulo em Paris; São João em Valenciennes (França); São João em Hamburgo; São João de Jerusalém em Nancy; São João da Ordem de Jesus Cristo; Santo. Luís, o Benfeitor, em Chalons; Slavyanskaya em Paris; da União Perfeita em Valenciennes; Templário em Hamburgo; Três Globos em Berlim; Três Globos em Tilsit; Três Reis em Colônia; Três morteiros no Piemonte; Três Espadas em Dresden; Três Rosas Douradas em Hamburgo; Fênix em Paris; Frederico ao Cavalo Branco em Hanôver; Frederico Coroado de Esperança em Copenhague; Etoile de Chafontaine em Liège; Âncoras e Coroas na Inglaterra.

É claro que esta lista não esgota as lojas estrangeiras às quais pertenciam os maçons russos, mas atesta a amplitude geográfica deste fenômeno.

Mesmo fontes maçônicas internas, em particular os materiais históricos dos maçons Bakunina e Kandaurov, mostram que na própria Rússia pelo menos oito lojas do sistema sueco de Maçonaria (que incluía, além dos três primeiros graus "João", também o graus mais altos) continuaram a se reunir. Grande Loja Diretorial - "Vladimir à Ordem." Essas lojas incluíam principalmente a aristocracia, e suas reuniões aconteciam em São Petersburgo e arredores. Há informações sobre este sistema que remontam a 1828 - esta é uma instrução dada pelo Venerável Mestre da Loja Crowned Pelican sobre o procedimento para aceitar documentos da Grande Loja Diretorial [107] .

A Grande Loja de Astraea continuou suas atividades após o seu encerramento. Fontes maçônicas internas relatam suas reuniões em 1827.

Como autoridade maçônica secreta, o Capítulo da Fênix era de particular interesse naquela época. Esta organização diretiva surgiu em São Petersburgo em 1778 e serviu como transmissora de impulsos maçônicos vindos do exterior. Em 1781, passou à clandestinidade, organizando suas unidades nas duas capitais. Desde o final do século XVIII, existia de forma oculta, liderando as lojas do sistema sueco. Como observam fontes

maçônicas internas, este capítulo funcionou de forma modificada até a década de 60 do século XIX.

Os arquivos preservam outras evidências das atividades dos maçons durante o reinado de Nicolau I.

R. S. Stepanov, chefe dos maçons de Moscou após a morte de O. A. Pozdeev, conduziu conversas com estudantes em 1824-1827. Até 1826, a loja “Euxine Pontus” funcionou e até a década de 1830 a loja “Netuno” funcionou em Moscou. Em 1827, segundo T. Bakunina, havia vários tipos diferentes de informação:

1) o comandante das equipes deficientes do batalhão da guarnição interna de Vilna, Major Kovalevsky, foi levado à justiça pela continuação das conexões maçônicas e pelo recrutamento de novos membros, em cuja posse foram descobertos emblemas, livros e manuscritos maçônicos durante uma busca;

2) Em 24 de junho de 1827, ocorreu uma reunião da Grande Loja de Astraea na casa do conselheiro da corte Jonathan Otto, membro da loja “Pedro à Verdade”;

3) Os maçons de Moscou decidiram: “... aqueles que eram parentes de Nikolai Ivanovich (Novikov - *O.P.*) são considerados irmãos pertencentes ao sindicato.”

Em 1829, P. I. Schwartz, filho do famoso professor maçom I. G. Schwartz, participou de reuniões dos “Irmãos Teóricos” em Moscou, e em 1830-1840 realizou reuniões maçônicas em sua propriedade em Tula. Seu amigo, também proprietário de terras de Tula, Elagin, também esteve aqui.

As reuniões clandestinas de irmãos maçônicos também são descritas nas memórias da Condessa M.V. Tolstoi: “...após o fechamento das lojas, todos os rituais desapareceram, mas as reuniões dos irmãos continuaram na forma de conversas com bastante frequência, principalmente às quartas-feiras na casa de P. A. Kurbatov, e a aceitação dos recém-chegados continuou secretamente. Deve-se pensar que alguns dos irmãos que sem dúvida pertenciam à loja dos Buscadores do Maná, como Zilov e meu padrasto Krasilnikov, foram aceitos após o decreto de 1822...” Como relata T. Bakunina, no final da década de 1850 havia uma loja secreta em Polyanka, em Moscou, onde, segundo rumores, o mestre da cadeira era um conhecido pregador de uma das igrejas de Arbat da época. A existência de duas lojas secretas remonta à mesma época - em Moscou sob a liderança de S.P. Fonvizin e em São Petersburgo sob a liderança do Conde S.S.

Aqui, por exemplo, está como foi a carreira maçônica de um dos irmãos maçônicos hereditários VS Arsenyev, que nasceu após a proibição da Maçonaria em 1829, e alcançou altos cargos governamentais. Aos 21 anos, em 1850, ingressou na loja como aprendiz, quatro anos depois tornou-se mestre e três anos depois, em 1857, tornou-se mestre escocês. Em 1861, Arsenyev tornou-se um irmão teórico (Rosacruz). Fez uma carreira de sucesso não só na clandestinidade, mas também no serviço público, onde alcançou o posto de conselheiro particular e guardião honorário. Este maçom de alto escalão morreu em 1915, tendo treinado um grande número de pessoal maçônico semelhante a ele. O Conselheiro de Estado P. A. Kurbatov, que por muitos anos ocupou o cargo de chefe da gráfica da Universidade de Moscou, alcançou altos graus na Maçonaria, cumprindo os cargos de diretor e vice-mestre, sendo membro do Capítulo Fênix no 6º grau. Após a proibição da Maçonaria em 1822, ele continuou a conduzir conversas em sua casa e a realizar iniciações secretas de novos membros.

Nicolau I nunca compreendeu verdadeiramente toda a profundidade da conspiração maçónica, tendo eliminado a elite radical (e não toda ela). O czar aceitou a palavra de muitos maçons de alto escalão e perdoou a sua participação em organizações clandestinas.

Em abril de 1827, o mesmo maçom Kochubey foi nomeado para o alto cargo de presidente do Conselho de Estado e do Gabinete de Ministros. Ainda antes (em dezembro de 1826), foi nomeado chefe de "uma comissão para considerar diversas propostas relativas a melhorias na estrutura governamental". Os antigos conspiradores maçônicos Speransky e A. N. Golitsyn também se tornaram membros deste comitê. Não é de surpreender que as propostas deste comité tenham permanecido no quadro dos antigos programas de ocidentalização que foram implementados sob o novo governo maçónico de Alexandre II.

O mesmo A. N. Golitsyn foi nomeado por Nicolau I para o cargo honorário de Chanceler das Ordens Russas. A confiança nele era tão grande que, quando o czar e a czarina deixaram São Petersburgo, transferiram o cuidado da família para Golitsyn. E de 1839 a 1841, este maçom presidiu as assembleias gerais do Conselho de Estado. Existem muitos outros exemplos de pessoas que anteriormente pertenciam a lojas maçônicas ocuparam uma posição elevada no governo de Nicolau I. Assim, o gerente do III departamento da própria Chancelaria de Sua Majestade Imperial, o chefe do Estado-Maior do corpo de gendarme e um membro do Comitê de Censura, L. V. Dubelt era um maçom famoso, membro das lojas Palestina, Anel de

Ouro e Eslavos Unidos. Na última loja Dubelt serviu como 2º diretor em 1818-1820

É claro que, com guardiões da ordem estatal com um passado tão maçônico, os maçons livres, especialmente nas províncias, não tinham nada com que se preocupar. A literatura maçônica trazida do exterior circulou livremente. Uma descrição interessante deste lado da vida é dada no romance “Os Maçons” de Pisemsky. A sua ação começa em 1835 numa das cidades do interior. Muitos cidadãos proeminentes, incluindo o líder provincial da nobreza, são maçons. Eles não escondem a sua filiação maçônica. Há muita literatura maçônica em suas casas e nas paredes há imagens de cunho maçônico. Assim, no gabinete do líder provincial está pendurado um retrato do Grão-Mestre da Ordem Maçônica, Duque Fernando de Brunswick, em armadura de cavaleiro.

Os maçons se reúnem e conversam sobre seus assuntos, sonhando em restaurar a antiga “glória” de sua ordem. É claro que o “trabalho” maçônico não para, os rituais são observados e novos membros são aceitos. É claro que entre essas pessoas existem simplesmente românticos idealistas confusos para quem a Maçonaria é uma espécie de jogo, mas isso não muda em nada o significado geral da organização maçônica como socialmente perigosa e subversiva.

Uma visão ainda mais precisa da essência criminosa da Maçonaria na época de Nicolau pode ser encontrada nas histórias de A. Grigoriev. O escritor mostra com muita precisão os maçons como “egoístas gelados” que desprezam tudo e todos. A alma dos maçons é “orgulhosa e seca”. A. Grigoriev vê que eles se sentem como “pequenos Napoleões”, capazes de qualquer crime. Uma caracterização tão correta dos representantes da Maçonaria é explicada pelo fato de que o próprio A. Grigoriev foi por algum tempo atraído para a loja maçônica por seu amigo de universidade, um certo vigarista Milanovsky, que, discursando sobre assuntos elevados, arrecadava dinheiro do “ irmãos” e desapareceu. Uma curta estadia na loja maçônica tornou-se uma séria lição de vida para A. Grigoriev.

Mas, talvez, a compreensão mais profunda da Maçonaria possa ser vista nos romances de F. M. Dostoiévski, que observa principalmente seu caráter satânico e antiortodoxo e seu desejo de subjugar a Igreja Russa.

O plano dos maçons para subjugar a Igreja Russa era simplesmente monstruoso. Em essência, isto significou virar a Igreja e tornar dominantes as ideias com as quais ela lutou, destruindo assim a Ortodoxia. Como observa corretamente V. E. Vetlovskaya, pesquisador da obra de

Dostoiévski, o nome de Cristo é usado pelos maçons para substituir um conceito por outro. Isso é feito para ganhar a confiança das pessoas e depois forçá-las a adorar o diabo. Esta contradição está claramente expressa na lenda do Grande Inquisidor, que personifica a imagem coletiva de um Maçom.

O Grande Inquisidor diz a Jesus Cristo: "...diremos que te obedecemos e governamos em teu nome... (e)... enganaremos novamente, pois não permitiremos mais que venhas até nós. "

No poema de Ivan, escreve V. Vetlovskaya, o Grande Inquisidor confessa a Cristo: "E esconderei de Ti o nosso segredo? Talvez você só queira ouvir dos meus lábios, ouça: não estamos com você, mas com ele, esse é o nosso segredo! O "líder secreto" não é aquele "que foi nomeado" (isto é, Jesus Cristo), mas aquele que, tentando-o com a tentação do poder, "instalou-O" [108 [1] .

No romance Os Irmãos Karamazov, Alyosha chama seu irmão Ivan de maçom. Além disso, a natureza da observação não deixa dúvidas sobre a atitude negativa de Dostoiévski em relação à Maçonaria. Por isso, os traços especificamente maçônicos de Ivan Karamazov, cuidadosamente estudados por Dostoiévski, adquirem especial autenticidade.

Ivan Karamazov é um típico representante do mundo maçônico, que fala em "devolver a passagem a Deus" para receber uma passagem de Satanás e participar com ele na destruição da Rússia histórica, que ele odeia. Plenamente consciente do papel subversivo da Maçonaria, F. M. Dostoiévski observa perspicazmente que os princípios ímpios de liberdade pregados por Ivan Karamazov na verdade significam apenas um gesto de pressionar com um elegante aceno de mão aquela máquina infernal, que é a ganância elementar dos Smerdyakovs, portadores de uma atitude grosseiramente voluptuosa perante a vida. Esta visão brilhante do grande escritor é ilustrada com muita precisão pela relação entre o ideólogo maçom M. Bakunin e seu aluno, o bandido político Nechaev (mas falaremos mais sobre isso mais tarde).

A posição dos maçons mudou para melhor com a ascensão de Alexandre II, um de cujos principais atos por ocasião da coroação foi uma anistia para os conspiradores maçônicos dezembristas. De acordo com fontes maçônicas internas, com referência à literatura maçônica inglesa traduzida, este próprio imperador pertencia aos maçons e foi iniciado em sua ordem em uma das lojas inglesas.

Com a sua chegada ao poder, o movimento maçônico intensificou-se. Em 1856-1863, os “trabalhos” da Loja Netuno em São Petersburgo foram retomados, onde foram iniciados os famosos historiadores da Maçonaria Russa A. Pypin e N. Beklemishev, que mais tarde chefiaram a Loja Karma em São Petersburgo.

Os Martinistas também estão intensificando as suas atividades. Suas fileiras estão crescendo rapidamente. “Esta afirmação pode ser apoiada”, escreve Kandaurov, “pelo fato de que no Martinismo não é exigido que um Martinista regular seja iniciado em uma “caixa correta e perfeita”, como acontece conosco; a iniciação pode ser comunicada a um leigo por qualquer pessoa. Martinista que recebeu em seu sistema o 3º grau, mesmo que não seja mais membro de nenhuma loja Martinista. Assim, basta ter um presbítero que tenha sobrevivido a todos eles, que antes de sua morte teria dedicado o futuro presbítero a tal presbítero, para que a correta transmissão da iniciação martinista pudesse chegar até nossos dias.”

Junto com os Martinistas, os Rosacruzes e os Illuminati continuaram a operar [109] .

O primeiro ministro de Alexandre II - o Ministro de Assuntos Internos - tornou-se o chefe da Loja Maçônica de São Petersburgo, Conde S. S. Lanskoy.

A carreira maçônica de Lansky começou na Loja dos Amigos Unidos em 1820. Por algum tempo ele foi membro da subversiva União do Bem-Estar. O conde maçônico serviu como vigário e mestre da cátedra nas lojas Elizabeth to Virtue, United Friends e Alexander the Golden Lion; Vice-Mestre da Loja Palestina. Foi também Vice-Mestre e 2º Grande Vigilante da Grande Loja Provincial, Comandante e Subprefeito do Capítulo da Fênix em 1817, com o nome da ordem Cavaleiro da Fênix Ressuscitada e o lema “Da morte à vida”; membro do Diretório Supremo em 1819. Membro honorário das lojas "Key to Virtue" e "Polish East". Em 1821, junto com M. Yu. Vielgorsky, ele abriu a “Loja Teórica de São João, o Teólogo”.

Em 1828 participou de reuniões dos Irmãos Teóricos. Em 1860 e nos anos anteriores, Lanskoy era o presidente da loja secreta em São Petersburgo. A atividade maçônica secreta não o impediu de subir degrau em degrau na escada oficial. Que pessoa de duas caras e hipócrita você teve que ser para convencer Nicolau I de sua lealdade e ao mesmo tempo continuar a trabalhar na clandestinidade! De 1831 a 1834 foi governador em Kostroma, mais tarde senador e guardião honorário do Conselho de Guardiões de São Petersburgo.

Durante este período, a Maçonaria penetrou profundamente na monarquia europeia. A Maçonaria inglesa nesta época, por exemplo, era "ativamente chefiada" pelo rei Eduardo VII, e na Alemanha a Maçonaria era liderada pelo tio do imperador, o príncipe Luitpold (OA, f. 730, op. 1, d. 173).

Foram preservadas memórias interessantes do Príncipe P. V. Dolgorukov, que faz uma avaliação sucinta (embora não indiscutível - ele, por exemplo, acredita que os maçons pararam de se envolver na política) das atividades dos maçons e de seu líder SS Lansky durante o reinado de Alexandre II. "A Maçonaria", escreve Dolgorukov, "foi transformada numa sociedade de assistência e apoio mútuos; os maçons ricos ajudaram generosamente os pobres; pessoas influentes, fortes e bem relacionadas patrocinavam zelosamente os seus irmãos: quer um maçom quisesse obter uma posição ou procurasse ganhar um caso, todos os maçons o ajudavam com a sua influência, e este apoio, tanto mais poderoso porque permanecia secreto e invisível, contribuiu muito para a carreira de Lansky. Ele, até então presidente da loja maçônica secreta de São Petersburgo, assim como o recentemente falecido Sergei Pavlovich Fonvizin, Até o fim de sua vida, ele foi o presidente da loja maçônica secreta de Moscou. Lanskoy, por natureza preguiçoso, descuidado e estúpido, desperdiçou quase todas as propriedades de sua esposa e filhos.

Tendo se estabelecido em Moscou após seu casamento, ele foi eleito juiz de consciência pela influência dos maçons e revelou-se completamente incompreendido sobre o assunto.

Ele foi nomeado governador de Vladimir: o caos logo se espalhou por toda a província. O que fazer com o governador sem noção? Claro... para o Senado.

E Lansky foi nomeado senador. Acontece que ele não entendia nada do assunto. Ele é nomeado guardião honorário do orfanato de São Petersburgo... O novo guardião honorário mergulhou no caos nos assuntos que lhe foram confiados. Então, em parte com o apoio dos maçons, em parte com o patrocínio de seu parente, o príncipe Chernyshev (cuja mãe era Lanskaya), Sergei Stepanovich foi nomeado em 1º de janeiro de 1850, membro do Conselho de Estado. /…/ Em 1851, durante uma viagem de verão às águas do Conde Lev Perovsky, Lanskoy governou o Ministério de Assuntos Internos por quatro meses, mostrando sua incapacidade, mas ao mesmo tempo sua subserviência ao III Departamento. Orlov sabia que Lansky tinha 69 anos; sabia que Lanskoy era incapaz de qualquer coisa, que Lanskoy era um covarde, que Lanskoy havia se esbanjado e não tinha nada pelo que viver:

ele não poderia ter encontrado pessoa melhor do que Lanskoy. Era uma paródia da fábula dos sapos pedindo um tronco para ser rei: aqui vimos os ministros que começaram a pedir ao rei um bloco de madeira como camarada - e eles o receberam. Lanskoy foi nomeado Ministro de Assuntos Internos em 20 de agosto de 1855, seis meses após a ascensão de Alexandre II..."[110] . Essa caracterização maligna era em grande parte verdadeira. Lanskoy foi um exemplo de homem com pouca habilidade para atividades governamentais úteis e que alcançou altos cargos por meio de intrigas maçônicas nos bastidores e do apoio mútuo dos maçons livres.

Durante o reinado de Alexandre II, o famoso maçom, o banqueiro judeu Lionel Rothschild tornou-se o agente financeiro do governo russo no exterior. Todos os empréstimos ferroviários consolidados russos passaram por suas mãos. Sua influência ajudou a rápida ascensão de magnatas financeiros e empresários judeus.

O poder deste banqueiro foi apoiado pelo capital da família Rothschild. O Barão James Rothschild, por exemplo, tinha 600 milhões de francos sob Louis Philippe (também pertencente às lojas maçônicas) e era o segundo homem mais rico depois do rei da França (ele possuía 800 milhões de francos) [111] .

As atividades do maçom L. Rothschild estavam inextricavelmente ligadas às intrigas anti-russas da União Judaica Mundial, criada em 1860 pelo famoso maçom Adolphe Cremieux. O sindicato existia sob o patrocínio da casa bancária Rothschild. Na década de 70, cerca de 40 comités locais desta união foram estabelecidos em toda a Rússia, operando em absoluto sigilo e servindo como base de influência política, criando sentimentos russofóbicos entre os judeus. Várias organizações deste sindicato secreto, basicamente maçônico, operavam sob o teto da chamada Sociedade para a difusão da educação entre os judeus na Rússia. Foi esta Sociedade que se tornou um dos centros para a criação de pessoal maçônico em toda a Rússia, e através dela os emissários dos centros maçônicos internacionais realizaram seu trabalho.

A nova ideologia maçónica que penetrou a partir do Ocidente pintou os representantes da Maçonaria Russa na cor rosa-avermelhada do movimento revolucionário socialista. Os maçons socialistas Pierre Leroux e Proudhon pregam abertamente a ideia maçônica sob o disfarce de ensinamentos socialistas. O aparato de propaganda das lojas maçónicas através dos seus canais cria uma nova opinião pública, simpática a certas ideias socialistas de reorganização cosmopolita do mundo.

Os maçons promovem ativamente, por exemplo, os romances de J. Sand "Consuelo", "Condessa Rudolstadt". O personagem principal desses romances, o conde Albert Rudolstadt, membro da loja maçônica, cria uma organização de "Invisíveis", proclamando como objetivo uma reconstrução completa do mundo com base na "verdade e no amor" e no slogan do Grande Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Na verdade, por trás destas declarações, destinadas a confundir idealistas crédulos e românticos, escondia-se uma força secreta que procurava subjugar o mundo. "Os Invisíveis" é uma poderosa união de "iniciados superiores", onde a Maçonaria é apenas o estágio inicial, atrás da qual estão os senhores do mundo nos bastidores, em particular da União Judaica Mundial.

Este esquema para obter o domínio global sobre a humanidade está a ser implementado na Rússia através do desenvolvimento de movimentos socialistas e revolucionários.

Todos os revolucionários russos proeminentes pertenciam à Maçonaria ou estavam intimamente associados a ela. Assim, os dois principais "clássicos" do revolucionismo russo, Bakunin e Kropotkin, eram membros de lojas maçónicas. "É bom e benéfico para o movimento revolucionário russo", disse o Príncipe P. Kropotkin, "estar associado à Maçonaria" [112] . E como mostram os factos, o movimento revolucionário russo foi iniciado e formado com base numa ideologia cosmopolita anti-russa.

Os meados do século XIX foram a era das revoluções maçónicas que destruíram a riqueza espiritual e moral dos estados nacionais, cosmopolitizando-os para a criação de uma espécie de superestado pan-europeu. Todos os líderes da revolução de 1848 eram maçons de alto escalão. Foram essas pessoas – Mazzini, Garibaldi, Saffi, Bertani – que a propaganda maçônica ofereceu como modelos. A destruição revolucionária e os assassinatos políticos tornam-se modelos da mais elevada virtude social, sobre a qual são criados os futuros terroristas russos.

Em 1867, sob a liderança de Garibaldi, foi criada uma organização maçônica internacional - a Liga da Paz e da Liberdade, que proclamou a ideia dos Estados Unidos da Europa, na qual deveria eliminar a identidade nacional e criar um comunidade cosmopolita ideal.

No âmbito desta liga maçônica, M. Bakunin cria uma organização secreta "A Aliança dos Irmãos Internacionais" [113] , cujos membros foram divididos em três graus de iniciação. No topo estavam os "irmãos internacionais" que operavam de forma completamente secreta e não eram controlados por ninguém. Os "irmãos nacionais" estavam subordinados a eles. Abaixo de

todos estavam os membros da organização semi-legal e semi-secreta "Aliança Internacional para a Democracia Socialista". A Aliança Maçónica, que tinha filiais em vários países europeus, como a Ordem dos Illuminati, combinava as características dos maçons livres e dos jesuítas [114] .

Na luta pelo poder, esta Aliança de conspiradores maçónicos entrou em confronto com outro ramo de organizações subversivas, representado pela Internacional de Marx. Em 1869, conspiradores maçônicos sob a liderança de M. Bakunin e D. Guillaume tentaram tomar o controle da Internacional. "Apoiando-se nesta organização maçônica, de cuja existência nem os membros comuns da Internacional nem seus centros de liderança sequer suspeitavam, Bakunin esperava que no Congresso de Basileia em setembro de 1869 ele fosse capaz de tomar a liderança da Internacional. em suas próprias mãos" [115 [] . Contudo, Bakunin e seus "irmãos" maçônicos falharam nesta intriga.

É muito característico que na luta contra a Internacional Bakunin se tenha encontrado no centro da formação de forças e conspirações anti-russas.

Em particular, o elo entre a "Irmandade Internacional" de Bakunin e A. I. Herzen e sua comitiva era o maçom G. N. Vyrubov, uma espécie de oficial das forças secretas do mundo nos bastidores (que também era membro da "Irmandade Internacional"). . Mais tarde, nas décadas de 1880-1890, este homem (para o mundo exterior, um cientista e publicitário) desempenhou um dos principais papéis sombrios na organização das lojas maçônicas na Rússia. G. N. Vyrubov foi o amigo mais próximo de Herzen nos últimos anos de sua vida e até o nomeou seu executor. A amizade de um maçom tão proeminente com A. I. Herzen sugere a participação deste último nesta organização.

Tendo falhado com a Internacional, Bakunin continuou, no entanto, as suas actividades subversivas em vários países europeus e, sobretudo, na Rússia. É ele quem impulsiona o desenvolvimento das principais organizações revolucionárias, conferindo-lhes um carácter extremamente anti-russo e terrorista. A principal organização da Aliança Maçónica de Bakunin na Rússia foi o grupo Nechaev, que recebeu grandes poderes da Aliança para o trabalho revolucionário na Rússia.

Enviando Nechaev para a Rússia, um dos "pais da revolução russa" Bakunin o abençoa pelo terror e qualquer forma de banditismo, incluindo o banditismo. "O roubo", declarou Bakunin, "é uma das formas mais honrosas da vida popular russa... O ladrão é um herói, um defensor, um vingador do povo, um inimigo irreconciliável do Estado e de toda a ordem social e civil

estabelecida por o estado...” [116] Absolutamente sem escrúpulos nos seus meios, um conspirador maçónico Bakunin apela aos jovens para se envolverem em banditismo total.

“Esta geração deve iniciar uma verdadeira revolução... deve destruir tudo o que existe ombro a ombro, indiscriminadamente, com uma única consideração: “mais rápido e mais”. Podem existir diferentes formas de banditismo: “...veneno, faca, laço, etc....A revolução ainda santifica nesta luta... Será chamada de terrorismo! Isso vai ganhar um grande nome! Deixe ser! Nós não ligamos!" Bakunin apela ao apoio à “iniciativa Karakozov” – a “iniciativa do regicídio”. Criado por irmãos maçônicos, Nechaev criou uma organização revolucionária com disciplina férrea e submissão inquestionável de seus membros à vontade do único ditador. Um dos membros da organização, Ivanov, que se recusou a obedecer a algumas ordens insensatas, foi brutalmente morto. Como admitiu um dos revolucionários: “Eu sabia que Uspensky (participante do assassinato - *O.P.)*atraiu Ivanov para a floresta sob um pretexto decente, e sempre me perguntei por que, andando ao lado dele, ele não atirou nele na têmpora? Por que eram necessárias cinco pessoas aqui?... (os assassinos - *O.P.)* começaram a espancar Ivanov com pedras e punhos e estrangulá-los com as mãos; Em geral, o assassinato foi muito brutal. Quando Ivanov já estava morto, Netchaev lembrou-se do revólver e, para maior confiança, atirou na cabeça do cadáver" [117] .

Nechaev contribuiu para a criação de outro centro subversivo, liderado primeiro por Kasper-Mikhail Tursky e depois por P. N. Tkachev. Este centro possuía um órgão impresso “Nabat” no exterior.

O próprio Tkachev esteve envolvido no caso dos Nechaevitas e mais tarde fugiu para o exterior, onde, com dinheiro estrangeiro, aparentemente arrecadado pelas lojas maçônicas, realizou um trabalho ativo anti-russo, cujo cerne eram as ideias de conspiração e regicídio.

Os conspiradores bakuninistas eram, em muitos aspectos, próximos dos conspiradores lavristas (um movimento liderado pelo publicitário P.L. Lavrov). Ambos representavam uma revolução social massiva, que seria impossível sem regicídio.

Todos estes movimentos, iniciados pela ideologia maçónica da “Aliança dos Irmãos Internacionais” e organizações semelhantes, por sua vez constituíram a ideologia do movimento revolucionário russo dos anos 70-80, a ideologia do banditismo político, cuja acção culminante foi a assassinato de Alexandre II. Este rei

Nos materiais de T. A. Bakunina no Arquivo Especial, em particular, é observado: “Os fundadores da loja estrangeira russa dos anos 90 são Evgeniy Valentinovich Roberti, Evgeniy Ivanovich Kedrin, G. N. Vyrubov.” [118] foi longe demais ao fazer concessões ao movimento clandestino anti-russo e, quando percebeu isso, já era tarde demais, pois a coroa desse movimento sempre foi o regicídio.

O terrível crime contra o Estado russo despertou e uniu ainda mais fortemente todo o povo verdadeiramente russo. Para muitos, torna-se clara a natureza criminosa da ideologia maçónica subversiva e a sua incompatibilidade com a visão de mundo de um patriota. Estes são tempos difíceis para os conspiradores maçônicos. Eles reclamam da dificuldade de trabalho, do declínio do número de membros e da falta de compreensão da sociedade, mas continuam com suas atividades criminosas. “Em algumas lojas”, escreve o maçom V. A. Nagrodsky, “havia de 5 a 6 pessoas, mas ainda assim alguns irmãos valorizavam zelosamente suas tradições na esperança de tempos melhores” [119 [1] .

PARTE II “TRAZEMOS-LHE A GRANDE VERDADE MAÇÔNICA”

Capítulo 6

Nova expansão da Maçonaria na Rússia. Grande Oriente da França. “União da Libertação”. — Subterrâneo liberal-maçônico. Martinistas. - Filaletes. - Rosacruzes.

No início do século XX, a Maçonaria Russa representava a forma mais elevada de russofobia e de organização de forças anti-russas. Estabelecendo como objetivo destruir os princípios originais da Rússia, os maçons procuraram unir todos os movimentos anti-russos, tanto no país como no exterior. Na sua fonte original, a Maçonaria serviu como condutora do destrutivo impulso anti-russo do Ocidente, centrado no desmembramento da Rússia e na exploração dos seus recursos naturais.

A intensificação do trabalho subversivo da Maçonaria no final do século XIX e início do século XX manifesta-se principalmente nas atividades das lojas maçónicas francesa, belga e alemã [120] . Nas décadas de 1880-1890, o psiquiatra N. N. Bazhenov (ingressou em 1884), o economista S. N. Prokopovich e o filósofo G. N. Vyrubov são conhecidos por terem participado de lojas maçônicas.

Em 1896, a revista maçônica Review Masonic, órgão do Grande Oriente da França, expressou o desejo dos “irmãos” de que “a Maçonaria finalmente encontrasse um país hospitaleiro na Rússia. Até agora isso não foi permitido neste país, e se algum dos fiéis admiradores de Hiram quisesse plantar ali um reverenciado ramo de acácia, então teria muitas chances de ser enviado para o sombrio leste das minas siberianas, para aquele inferno onde tão muitos foram enterrados vivos, vítimas nobres" [121] .

O núcleo inicial da Maçonaria Russa foi um grupo de professores e líderes da Escola Superior Russa de Ciências Sociais, que existiu em Paris em 1901-1905 [122] , um dos principais organizadores foi o maçom M. M. Kovalevsky, bem como Os maçons N. N. Bazhenov (psiquiatra, presidente do Círculo Literário e Artístico de Moscou) e S. A. Kotlyarevsky (professor da Universidade de Moscou).

A primeira loja maçônica russa surgiu na França e foi organizada pelo mesmo M. M. Kovalevsky. Entre os maçons desta escola francesa, além dos professores da Escola Superior Russa em Paris, estavam o advogado E. I. Kedrin, o escritor A. V. Amfiteatrov e o advogado intrigante político V. A. Maklakov.

Dos anos 90 do século XIX a 1917, pelo menos 50 lojas maçônicas foram criadas na Rússia (sem levar em conta o Reino da Polônia e da Finlândia).

As pousadas mais famosas são mostradas na tabela.

Falaremos sobre muitas dessas lojas mais tarde. Aqui eu queria enfatizar especialmente que a ativação da Maçonaria Russa está diretamente relacionada às atividades de organizações políticas ilegais de persuasão liberal, cujos líderes eram membros de lojas maçônicas estrangeiras. Estamos a falar principalmente da chamada “União da Libertação”, criada em Julho de 1903 em Schaffhausen (Suíça).

O papel principal nele foi desempenhado pelos antigos maçons M. M. Kovalevsky, S. N. Prokopovich, V. Ya. Bogucharsky, N. N. Bazhenov, E. V. Roberti e outros.De acordo com o Arquivo Especial, o chefe desta União, P. B. Struve [[123] . Na verdade, estas pessoas criaram uma clandestinidade liberal-maçónica, isto é, uma organização secreta que, sob o pretexto do liberalismo político, perseguia objectivos abertamente maçónicos.

As principais lojas maçônicas da Rússia no final do século XIX e início do século XX [124]

Nome da Loja Ano de fundação Localização

Aurora (VVF [125] 2C) década de 1840 Paris-Petersburgo

Monte Sinai (VVF) década de 1890 Paris-Petersburgo

Espaço (WVF) década de 1890 Paris-Petersburgo

Direitos Humanos 1893 Paris-Petersburgo

Lotus (VL) Petersburgo da década de 1890

São João (M) década de 1890 Moscou

Gamaleya em Moscou cúbica de 1900

Pedra (M)

Apollonia (M) Petersburgo dos anos 1900

São Vladimir Igual aos Apóstolos Kiev de 1900

Cirilo e Metódio Poltava da década de 1890

Karma (F) 1898 Petersburgo

Pirâmide (F) 1898 Petersburgo

Estrela do Norte (VVF) 1907 Petersburgo

Reavivamento (VVF) 1908 São Petersburgo

Anel de Ferro (VVF) 1908 Nizhny Novgorod

Militar (VVF) 1908

Grande Loja de Astraea depois de 1904 Moscou

À Fé* - À Esperança* - À Verdade* - Palestina* - Ísis* - Netuno* - À

Autoconhecimento* – Estrela do Norte*

Moscou árabe

Rosacruz (Rosacruz) depois de 1904 Moscou-Petersburgo

Cavaleiros da Ordem de Malta Moscou-Petersburgo

Illuminati 1907–1908 São Petersburgo

Lúcifer por volta de 1910, São Petersburgo

Ursa Menor (VVF) 1910 São Petersburgo

Santo André, o Primeiro Chamado, 1910 Kiev

Eslavos Unidos 1910 Kyiv

Capítulo Narciso 1912 Kyiv

Duma (VVF) 1915 São Petersburgo

Linha de frente 1915 Berdichev

O carácter maçónico da União de Libertação é reconhecido até por P. Miliukov, que escreveu que foi dos seus líderes que recebeu propostas repetidas e persistentes para "entrar em algum tipo de união secreta". Miliukov também fala sobre as decisões secretas da equipe desconhecida por trás da União de Libertação, que controlava as suas atividades sociais. "Posteriormente, escreveu Miliukov, tive que contar com decisões prontas, tomadas sem a minha participação, e contentar-me com o fato de não ter responsabilidade pessoal por elas... Eu ainda não teria sido capaz de ir contra o todo tendência." Este reconhecimento expressou toda a essência da intelectualidade russa, desprovida de consciência nacional, pronta, na luta contra o odiado sistema estatal, a submeter-se às decisões de uma organização secreta desconhecida.

Em janeiro de 1904, as atividades da União de Libertação foram transferidas diretamente para a Rússia. No mesmo ano, os líderes da União de Libertação começaram a recrutar ativamente pessoas próximas a ele em espírito para as lojas maçônicas. I. V. Gessen conta como Kovalevsky, "gordo e bem-humorado, com a mesma voz gorda", começou a provar que "somente a Maçonaria pode derrotar a autocracia". Para Hesse, ele parecia "um comissário que parece vender as mercadorias que estão sendo vendidas, e não está interessado em nada, não vê nada por perto e está ocupado apenas em exibir esse produto". O comissário da Maçonaria Kovalevsky "era como um general nos casamentos mercantis" [126] e representava pouco em si mesmo, cumprindo cegamente a vontade das pessoas que o enviaram.

Além das já mencionadas organizações maçônicas, Martinistas, Filaletas e Rosacruzes desenvolveram suas atividades na Rússia.

O martinismo durante o reinado de Nicolau II está associado ao nome do famoso vigarista Philip, que chegou à Rússia vindo de Lyon e organizou a loja Cross and Star em 1895, cujo presidente era o próprio Philip, e após sua morte o conde Musin-Pushkin . As reuniões eram secretas e as mulheres também eram aceitas nelas. Além disso, Philip criou um círculo espiritual que discutia questões religiosas.

Houve uma época em que até a própria rainha caiu sob a influência de Filipe, mas não por muito tempo. O conhecimento de Filipe com a Família Real deu origem a rumores de que Nicolau II era membro da loja Martinista, embora nada disso tenha acontecido.

Após o retorno de Filipe à França, o Grão-Mestre da Ordem Martinista Papus (Dr. Encaus) chegou a São Petersburgo, mas logo foi expulso da Rússia. No entanto, ele conseguiu fundar várias lojas Martinistas em São Petersburgo ("Apolonia" - líder G. O. von Mebes), em Moscou ("São João Igual aos Apóstolos" - líder P. M. Kaznacheev), em Kiev ("St. Vladimir Igual aos Apóstolos" - Presidente Markotun), Saratov, Kazan, Novgorod, Poltava [127] .

Desde 1898, havia duas lojas em São Petersburgo - "Pirâmide" e "Karma" - que pertenciam à sociedade secreta ocultista dos Filaletos. O estabelecimento destas lojas na Rússia foi possível graças ao patrocínio do Grão-Duque Alexander Mikhailovich. Como indicam fontes maçônicas, o Grão-Duque, que estava diligentemente engajado no espiritismo, recebeu desta forma uma "indicação sobrenatural" de que uma revolução estava prestes a ocorrer na Rússia, que ele teria que desempenhar o papel que Luís Filipe desempenhou no época da Revolução Francesa de 1830 e ascensão ao trono russo. Isto requer o apoio oculto das sociedades secretas mundiais, e principalmente das lojas maçônicas [128] . A loja Karma, chefiada por N. N. Beklemishev, reunia-se em seu apartamento.

Este alojamento era um dos mais massivos e incluía centenas de pessoas.

No início do reinado de Nicolau II na Rússia, existia toda uma rede de lojas Rosacruzes, que remonta ao século XVIII, tradicionalmente ligadas pelo sigilo e pela forte disciplina interna ("iguais comandam iguais", "o digno obedece ao digno"). Os Rosacruzes conseguiram existir na Rússia durante quase todo o século 19, apesar de uma proibição estrita.

Em meados dos anos 90, os Rosacruzes tinham suas próprias lojas em Moscou, Saratov, Kazan, Nizhny Novgorod (Mestre Burygin), Poltava (Loja Cirilo e Metódio), Kiev, Feodosia (Loja St. Jordan) e Riga. Ao mesmo tempo, de acordo com o maçom Kandaurov, ocorreu a verdadeira fusão das

lojas Rosacruz e Martinista. Sob a jurisdição dos Rosacruzes, pouco antes da guerra, foi formada a loja “Lúcifer”, que incluía Valery Bryusov, Andrei Bely, Petrovsky, Vyacheslav Ivanov. Posteriormente, a loja de Lúcifer entrou em contato próximo com a Ordem dos Antroposofistas (Steiner) e, portanto, mais tarde, já em 1916, foi fechada por ordem do Centro Rosacruz de Moscou.

A história dos Martinistas Russos é apresentada de forma um pouco diferente nos arquivos da GPU de Leningrado. Segundo esta instituição, a primeira loja Martinista foi formada em São Petersburgo em 1899 pelo Conde V. Muravyov-Amursky como um ramo da ordem francesa de mesmo nome. A rivalidade entre ele e o chefe dos Martinistas, Papus, fez com que o conde fosse demitido de seu cargo de delegado da ordem na Rússia, e em seu lugar, em 1910, foi nomeado o conde polonês C.I. Em 1912, ocorreu uma divisão, e a parte dos Martinistas de São Petersburgo, liderada por G. O. Mebes, declarou sua independência de Paris. Os Martinistas de Moscovo, liderados por PM e DP Kaznacheevs, permaneceram subordinados aos “irmãos” franceses, para os quais, como aprendemos mais tarde, receberam deles apoio material. [129] .

Lojas também estão sendo criadas nas províncias da Pequena Rússia. Em 1900, com base em uma loja anteriormente existente no exterior, foi organizada a Grande Loja da Ucrânia *2C* (de acordo com outras fontes, a Grande Loja surgiu em 1902 em Genebra [130]). Esta loja coordenou as atividades de uma série de lojas nacionalistas radicais subversivas que defendiam a separação dos seus territórios históricos da Rússia. A Grande Loja da Ucrânia incluía as lojas de “Escuridão Dispersa” em Zhitomir, “Osíris” em Kamenets, “Shevchenko” em Kharkov (fundada em 1901), “Imortalidade” em Kiev, “Ponto Euxine” em Odessa, “Amor e Fidelidade ” em Poltava, “Irmandade” em Chernigov (fundada em 1904) [131] .

A Sociedade Sionista-Maçônica para a Propagação da Educação entre os Judeus na Rússia continuou suas atividades subversivas ativas. Entre seus ativistas estavam os famosos russófobos Barão Ginzburg, o cadete M. Vinaver, A. Braudo. Este último foi membro do conselho editorial da Voskhod, editou os jornais anti-russos Russian Correspondence e Darkest Russia publicados em Berlim, Londres e Paris, e após a eclosão da Primeira Guerra Mundial organizou a Associação Política dos Judeus de Petrogrado. Através da Maçonaria, Braudo manteve relações estreitas com muitas figuras públicas judaico-maçônicas famosas - P. N. Milyukov, I. V.

Gessen, V. L. Burtsev, E. D. Kuskova, S. V. Pozner, S. M. Dubnov, G. B. Sliozberg [132 [1] .

O desenvolvimento da Maçonaria na Rússia, como em outros estados, foi realizado sob o pretexto da luta pelo esclarecimento. Foi exactamente assim que surgiram na Rússia a “Liga da Educação”, a “Universidade do Povo” e a sociedade “Mayak” [133] .

Na Rússia, a sociedade Mayak começou a operar em 1906 por iniciativa e às custas do americano James Stokes, um dos líderes da Associação Cristã Internacional Maçônica de Jovens. O objetivo desta sociedade era “promover o desenvolvimento moral, mental e físico dos jovens”. O administrador honorário da sociedade foi o príncipe P. A. Oldenburg.

A maioria dos líderes de Mayak eram membros da Sociedade Teosófica, o presidente era o senador I. V. Meshchaninov, o secretário N. A. Reitlinger; K. F. Neslukhovsky, D. F. Levshin, E. V. Rops, Príncipe P. S. Obolensky, I. N. Turchaninov, F. A. Gaylord (secretário-chefe da sociedade).

Entre os líderes da empresa estava A.F. Maslovsky.

Os membros da sociedade eram o Príncipe F. F. Yusupov, a Condessa E. V. Shuvalova, P. A. Potekhin, P. I. Ratner, V. A. Ratkov-Rozhnov, P. A. Badmaev, V. N. Kokovtsov, E V. Sazhin, M. N. Galkin-Vraskoy, Príncipe S. M. Volkonsky.

Os estudantes da sociedade foram criados com um espírito de desprezo pela Rússia nacional. Eles foram inculcados com as ideias de cosmopolitismo e escolha, e com uma relutância em tolerar a ordem circundante. Os temas das sessões de formação foram muito típicos: “Amor à humanidade”, “Amor-unidade”, “V. Soloviev e o socialismo", "L. Tolstoi e o anarquismo”, “Humanismo e liberalismo”, “Evolução e Revolução”, “Revolução e educação”, “A moralidade dos senhores é a moralidade dos escravos”, “Ser grande e ao mesmo tempo pequeno”, “O Evangelho e socialismo”. Desta forma, os ideais destrutivos maçónicos foram incutidos nos jovens, e não foi sem razão que muitos membros da sociedade se tornaram membros activos de lojas maçónicas, ou líderes do movimento revolucionário, e mesmo ambos.

Logo no início da guerra com o Japão, a “União de Libertação” maçónica (liberal) foi a primeira a tornar-se activa. Em janeiro de 1904, transferiu suas atividades da Suíça para São Petersburgo. Um congresso de fundação é realizado para criar organizações locais. Estão reunidos 50 representantes de

22 cidades. A “União” estabeleceu como tarefa a liquidação da Autocracia, a “libertação” da Rússia dos seus princípios originais e o reconhecimento do direito das nacionalidades à livre autodeterminação, ou seja, ao desmembramento do país. O Conselho da União de Libertação incluía grandes maçons - presidente I. I. Petrunkevich, membros N. N. Lvov, D. I. Shakhovskoy, V. Ya. Bogucharsky, S. N. Prokopovich, P. D. Dolgorukov, M. M. Kovalevsky. Simultaneamente com a União de Libertação, surgiu outra organização ilegal - a União dos Constitucionalistas Zemstvo, cujo objetivo era preparar apelos ao czar com exigências de introdução de uma constituição segundo o modelo ocidental. Os líderes desta “União” eram quase as mesmas figuras da “União da Libertação” e, acima de tudo, D. I. Shakhovskoy e os irmãos Dolgorukov.

Em setembro-outubro de 1904, por iniciativa da espiã japonesa, a revolucionária e maçona finlandesa Connie Zilliacus e com dinheiro japonês, foi realizada em Paris uma reunião da “oposição e dos partidos revolucionários” do Estado russo. Nesta reunião, os três principais ramos das forças anti-russas confraternizaram e conspiraram contra a Rússia - o maçónico-liberal, o socialista e o nacionalista. O ramo maçônico-liberal nesta reunião foi representado pelos líderes da “União de Libertação” V. Ya. Bogucharsky, Príncipe Pyotr Dolgorukov, P. N. Milyukov e P. B. Struve. Os socialistas foram representados pelo terrorista e ao mesmo tempo policial Azef, pelos líderes dos Socialistas Revolucionários V. M. Chernov e M. A. Nathanson.

Os nacionalistas polacos, letões, finlandeses, arménios, georgianos e, claro, judeus estavam amplamente representados.

A reunião de Paris das forças anti-russas adoptou uma resolução sobre a “destruição da autocracia” e sobre a criação de um “sistema democrático livre baseado no voto universal”. Os participantes manifestaram-se a favor da utilização de todos os meios possíveis, incluindo o terror generalizado, na luta contra o governo legítimo russo. Um dos resultados mais importantes da reunião foi que os seus participantes reconheceram a utilidade da sua derrota na guerra com o Japão para a causa da “libertação” da Rússia e apelaram a que contribuísse de todas as formas possíveis para isso.

Mais tarde, Miliukov tentou afirmar que os líderes da União de Libertação não participaram na adopção de resoluções revolucionárias, embora os dados de inteligência da polícia russa os expuseram completamente [134] .

No outono de 1904, por iniciativa da União de Libertação, foi convocado um congresso de líderes zemstvo, que contou com a presença de 105 delegados

representando 33 províncias, entre eles 32 presidentes de governos provinciais, 7 líderes provinciais da nobreza, 11 pessoas tituladas , incluindo 7 príncipes. A questão "sobre as condições gerais da vida do Estado e as mudanças desejáveis na mesma" é colocada em discussão no congresso. O espírito do liberalismo maçônico prevalece no congresso. 71 pessoas votam pela criação de um governo legislativo eleito e apenas 27 votam por um governo legislativo.Os líderes do congresso, chefiados por P. Dolgorukov e D. Shipov, visitam o Ministro da Administração Interna Svyatopolk-Mirsky e, de fato, , exigem que ele pressione o czar e o force a estabelecer uma constituição na forma de uma concessão real.

O ânimo da intelectualidade russa e de parte da nobreza evoluiu para o confronto com as autoridades legítimas. Foi considerado falta de educação apoiar o governo. A ideia de que uma vida melhor só pode ser alcançada "de uma forma violenta e revolucionária" está a ser introduzida na consciência pública através da imprensa liberal e socialista. O compromisso foi rejeitado. A cooperação com as autoridades foi considerada uma traição. Os fundamentos fundamentais do Estado, as tradições e costumes domésticos foram ridicularizados e declarados obsoletos e atrasados. O patriotismo russo foi sujeito à difamação e ao ridículo. As autoridades foram combatidas por um certo "público progressista".

Numa altura em que milhares de soldados russos morriam na frente japonesa, este público "progressista" preparava a turbulência no país.

Uma coisa monstruosa estava a acontecer - uma parte significativa da sociedade educada russa e da classe dominante queria a derrota da Rússia na guerra com o Japão. Uma onda de ódio cego à Pátria inundou as cabeças dos intelectuais russos, privados de consciência nacional.

A nobreza e a intelectualidade, com uma espécie de volúpia patológica, aguardavam a queda de Port Arthur e de outras fortalezas russas. "A oração secreta comum", escreveu o jornalista alemão G. Ganz, que viveu em São Petersburgo durante a guerra, "não apenas dos liberais, mas também de muitos conservadores moderados da época era: "Deus, ajude-nos a ser derrotados ."

Mas o que podemos dizer sobre a intelectualidade, quando uma posição semelhante foi partilhada por alguns funcionários do governo! Em julho de 1904, o desgraçado político S. Yu. Witte, que colaborou ativamente com os maçons, declarou cinicamente: "Tenho medo dos sucessos russos rápidos e brilhantes; eles tornariam a liderança de São Petersburgo demasiado

arrogante... A Rússia deveria experimentar vários outros fracassos militares.”

No dia do quadragésimo aniversário dos estatutos judiciais, 20 de novembro de 1904, o público progressista, por iniciativa da União Libertadora, realiza uma “campanha de banquetes” em todo o país. Nele, com o aceno de uma única batuta de maestro, todos os participantes são convidados a aceitar as mesmas propostas ao governo com o desejo de limitar o poder real. Foram realizadas 120 reuniões e comícios em 34 cidades, dos quais participaram 50 mil apoiadores da União Maçônica de Libertação.

O novo Ministro da Administração Interna, Príncipe Svyatopolk-Mirsky, apela à confiança nas forças sociais, o que significa círculos liberais de espírito ocidentalizante. Ele permite a realização de congressos de líderes zemstvo, enfraquece a censura e até concede anistia parcial a criminosos do Estado.

Capítulo 7

Comunidade criminosa. — A clandestinidade liberal-maçônica está ativa. - Crescimento das lojas maçônicas. - Coordenação secreta de todas as forças anti-russas. — Criação do Conselho Supremo dos Maçons Russos. — Papel subversivo e inflamatório da Maçonaria internacional. — Os maçons lutam pelo poder.

O bloco de forças anti-russas, criado na reunião de Paris da oposição e dos partidos revolucionários, no final de 1905 transformou-se numa enorme comunidade criminosa. O centro central e coordenador desta comunidade era o movimento clandestino liberal-maçônico, que naquela época estava concentrado principalmente no partido dos cadetes, cuja liderança era puramente maçônica [135]. Isto, é claro, não significava que não houvesse membros de lojas maçônicas em outros partidos. A liderança do Partido Socialista Revolucionário era predominantemente maçônica. Alguns dos associados de Lenin também pertenciam à Maçonaria (Skvortsov-Stepanov, Lunacharsky, etc.). A coordenação das forças anti-russas foi realizada a um nível apartidário de conspiração puramente maçónica. Como a esposa de um dos fundadores da União de Libertação, o maçom Prokopovich E.D. Kuskova, admitiu mais tarde: “O objetivo da Maçonaria é político, trabalhar clandestinamente para a libertação da Rússia (mais precisamente, para a sua destruição. *O.P.*.)…Por que isso foi escolhido? Para capturar os círculos

mais altos e até mesmo da corte... Havia muitos príncipes e condes... Esse movimento foi enorme. Havia "nosso próprio povo" em todos os lugares. Sociedades como as sociedades económicas e técnicas livres foram inteiramente capturadas. O mesmo acontece nos zemstvos..." O trabalho das organizações maçônicas foi realizado em estrito sigilo. Os inferiores na hierarquia maçônica não conheciam os segredos de seus superiores. Os maçons comuns, cumprindo ordens, não sabiam de quem vinham. Não houve registros escritos ou atas de reuniões. Por violação da disciplina, muitos membros das lojas maçônicas foram submetidos ao procedimento de radiação (expulsão) com a obrigação de manter sigilo sob pena de morte.

A condução da intriga maçónica foi desenvolvida em reuniões em todos os detalhes, com todas as precauções possíveis tomadas para que as forças políticas entre as quais os maçons realizavam o seu trabalho não percebessem que se tratava de um meio de manipulação política secreta.

A admissão de novos membros foi feita de forma muito seletiva: eles eram procurados exclusivamente entre sua própria espécie, odiadores da Rússia histórica, privados da identidade nacional russa. Um determinado membro da loja foi instruído a coletar todas as informações necessárias sobre o candidato, elas foram minuciosamente discutidas em uma reunião da loja maçônica e, após uma verificação detalhada, o candidato recebeu uma oferta para ingressar em uma determinada sociedade que busca "nobre "objetivos políticos.

Se o candidato concordasse, então ele era convidado para negociações preliminares, interrogado de acordo com um determinado padrão, e só depois de tudo isso era uma cerimônia ritual de iniciação aos maçons. O recém-chegado jurou segredo e submeter-se à disciplina maçônica.

Em 1905-1906, emissários especiais da loja francesa Grande Oriente da França foram iniciados na Maçonaria. Os emissários Senshol e Boulet, de fato, lideravam naqueles dias a Maçonaria Russa, atraindo para lá os elementos de integridade duvidosa e sem escrúpulos de que necessitavam. Isto, claro, não é surpreendente, uma vez que tanto Senschol como Boulet eram eles próprios vigaristas internacionais bem conhecidos, alternando actividades maçónicas com transacções financeiras ilegais. Boulet, por exemplo, foi posteriormente condenado por fraude e cumpriu pena de prisão. Ele deixou a Maçonaria por sua própria vontade. Pois os próprios irmãos não insistiram na sua partida.

Foram Senshol e Boulet que aceitaram a Maçonaria e iniciaram no alto grau 18 um dos futuros líderes da Maçonaria Russa, M. S. Margulies, que

trabalhou como secretário do proeminente vigarista financeiro Dmitry ("Mitka") Rubinstein. Emissários franceses iniciaram Margulies nos maçons na prisão Kresty de São Petersburgo, onde ele foi preso por crimes políticos e conexões com grupos terroristas [136] .

No entanto, às vezes pessoas decentes eram apanhadas na rede maçônica, na maioria das vezes não por muito tempo. Segundo as histórias do escritor VV Veresaev (Smidovich), autor de bons livros, em 1905 (ou 1906?) Ele foi aceito na Maçonaria em Moscou (Nikitskaya, esquina de Merzlyakovsky, 15). Ele foi recebido pelo proeminente conspirador maçônico Príncipe S. D. Urusov ("Notas do Governador"). Ele também trouxe para lá o futuro editor do Izvestia, o famoso funcionário bolchevique Skvortsov-Stepanov. Outro escritor, I. I. Popov, também foi recebido lá.

O Grande Oriente da França concedeu direitos especiais às lojas estabelecidas na Rússia - elas poderiam abrir novas lojas sem pedir a sanção de Paris. Em virtude deste direito, em 1908-1909 lojas foram abertas em Nizhny Novgorod ("Anel de Ferro", Venerável Mestre Kilwein), Kiev (Venerável Mestre Barão Steingel) e em quatro outros lugares. Todas essas lojas foram financiadas pelo Conde Orlov-Davydov, que se tornou "famoso" por seu estilo de vida imoral. Como escreve o "irmão" Kandaurov, o "escândalo" que aconteceu com Orlov-Davydov (o processo da atriz Poiret contra ele pelo reconhecimento de um filho ilegítimo), que de uma forma ou de outra esteve envolvido e muitos membros da Loja Estrela do Norte foram chamados como testemunhas, prejudicou enormemente a paz de espírito da organização."

"Organizacionalmente, cada loja tinha um presidente - Venerável, um orador e dois superintendentes, um sênior e um júnior, dos quais o mais jovem servia como secretário. /…/ Todas as reuniões foram abertas pelo Venerável, que as presidiu. Após a abertura da reunião, todos sentaram-se em semicírculo; O Venerável fez perguntas tradicionais: "A porta está fechada?" e etc.

As funções do orador limitavam-se a monitorar o cumprimento da carta; Ele também manteve o estatuto, fez discursos de boas-vindas aos novos membros...

Todos os membros da loja pagaram taxas de adesão, que foram recebidas pelo Venerável e entregues ao secretário do Conselho Supremo.

A conspiração e a organização foram mantidas de forma consistente e rigorosa. Os membros de uma loja não conheciam ninguém das outras

lojas. O sinal maçônico, pelo qual os maçons de outros países se identificam, não existia na Rússia. Todas as relações entre as lojas e outras células da organização ocorriam através de um presidente da loja - Venerável. Os membros da loja, que anteriormente haviam sido membros de várias organizações revolucionárias, ficaram impressionados com a consistência e consistência da conspiração. Mais tarde, quando eu era secretário do Conselho Supremo e conhecia quase todos os membros das lojas pela minha posição, foi quase engraçado para mim ver como às vezes membros de diferentes lojas me agitavam no espírito da última decisão do Supremo Conselho, sem perceber com quem estavam lidando.

Ao ser admitido, um novo membro da loja recebia o título de aluno.

Depois de algum tempo, geralmente um ano, foi elevado ao grau de mestre. O direito de decidir quando exatamente tal promoção deveria ser feita pertencia à loja. Mas às vezes as promoções eram feitas por iniciativa do Conselho Supremo. Nestes últimos casos, eles geralmente agiam com base em considerações de natureza política e organizacional, ou seja, o Conselho Supremo considerou útil para esta ou aquela pessoa a quem valorizava avançar na escada da hierarquia maçônica" (Memórias do Maçom A. Sim. Galpern).

O órgão governante da Maçonaria Russa, o Conselho Supremo, controlava todo o trabalho das lojas maçônicas. As eleições para o Conselho Supremo eram secretas. Os nomes das pessoas incluídas no Conselho Supremo não eram conhecidos por ninguém. As instruções e ordens do Supremo Conselho para as lojas maçônicas vieram através de uma determinada pessoa, e somente através desta mesma pessoa as lojas maçônicas contataram o Supremo Conselho.

Inicialmente, este Conselho Supremo não existia como uma organização independente, mas como uma reunião de representantes de lojas russas afiliadas ao Grande Oriente da França. Em 1907–1909, o Conselho Supremo consistia em cinco pessoas. O presidente é o Príncipe S. D. Urusov, dois deputados são F. A. Golovin (Presidente da Segunda Duma do Estado) e M. S. Margulies (cadete). Tesoureiro - Conde Orlov-Davydov. O secretário é o príncipe D. O. Bebutov, um vigarista que já serviu como informante do Ministério de Assuntos Internos [137] e um futuro espião alemão.

Os maçons russos estavam em constante contacto com as formações políticas dos partidos revolucionários e até convidaram os seus representantes a fornecer apoio "moral" às suas actividades terroristas. Assim, no início de 1905, um representante da ala esquerda dos liberais da União de Libertação,

associada, em particular, aos maçons Margulies, veio a Nice para visitar o líder da organização bandida militante dos Socialistas Revolucionários Gotsu. Segundo o agente policial Azef, este representante, escondido sob o nome de Afanasyev, chegou com "uma proposta para que o Partido Socialista Revolucionário forneça assistência moral ao círculo (15-18 pessoas) da grande intelectualidade formada em São Petersburgo em empreendimentos terroristas dirigidos contra Sua Majestade e certos indivíduos... O círculo consiste em escritores, advogados e outras pessoas de profissões inteligentes (este é o chamado liberais de esquerda de Osvobozhdenie). O círculo tem dinheiro, disse Afanasyev - 20.000 rublos e pessoas para atuar. Afanasyev apenas pediu que o SR fornecesse assistência moral, isto é, pregasse esses atos." [138] .

As organizações maçônicas forneceram todo o apoio possível aos representantes de gangues revolucionárias que caíram nas mãos da justiça. Os maçons forneceram assistência jurídica gratuita aos terroristas socialistas revolucionários e bolcheviques. O maçom P. N. Malyantovich, por exemplo, defendeu os bolcheviques V. Vorovsky e P. Zalomov, o maçom M. L. Mandelstam - um bandido político, o socialista revolucionário I. Kalyaev e o bolchevique N. Bauman, o maçom N. K. Muravyov - (mais tarde) vários bolcheviques culpados de Estado crimes e conspiração contra o czar [139] .

Em torno das lojas maçônicas secretas havia uma série de organizações ilegais que operavam sob o controle dos maçons. Freqüentemente, eram organizações espiritualistas e teosóficas.

Em 1906, existia um círculo de Espiritualistas-Dogmáticos. Foram publicadas as revistas "Espírita" e "Voz do Amor Universal", além do jornal diário "Daí". O editor dessas revistas era o cidadão honorário Vladimir Bykov, que, segundo a polícia, ocupava o grau de mestre da cátedra de uma das lojas maçônicas, mantendo relações com as organizações maçônicas "corretas" de São Petersburgo e Chernigov.

Ele também chefiou o círculo de espíritas dogmáticos em Moscou, escolhendo entre seus membros os "mais dignos" para a iniciação na Maçonaria. Como a polícia estabeleceu, este Bykov era um grande vigarista, vendendo vários dispositivos mágicos para várias doenças entre alguns mercadores de Moscou de mentalidade mística, e também, por uma taxa de 300 rublos, iniciando todos nos rituais da "Ordem Rosacruz" [140] .

Pyotr Aleksandrovich Chistyakov, editor da revista russa Frank-Mason, era páreo para ele. Segundo informações policiais (novembro de 1908), ele

ocupava o posto de Grão-Mestre da Grande Loja de Astrea (existente em Moscou quase desde 1827), [141] o secretário da loja era Tira Sokolovskaya. A pousada estava localizada em Moscou.

Em janeiro de 1906, os maçons estudaram a opinião pública em relação à sua organização. Caso contrário, é difícil avaliar o anúncio aberto publicado em alguns jornais de Moscou, que se ofereceu para ingressar na ressurgente sociedade dos maçons. O convite afirmava que a sociedade estava surgindo devido aos direitos concedidos à população russa pelo Manifesto de 17 de outubro, na medida em que existia no século XVIII. “Todas as pessoas honestas e morais”, sem distinção de religião, foram convidadas a ingressar na sociedade. As respostas sobre o consentimento para se tornarem membros da sociedade deveriam ser enviadas à 17ª agência dos correios ao portador do carimbo “V. M." Quando tais anúncios forem recebidos de 500 pessoas que desejam ingressar na sociedade, uma assembleia geral será anunciada. Este anúncio foi imediatamente controlado pela polícia. Apesar da ampla publicação,

Porém, falando dos maçons, não se pode deixar de mencionar um grupo de pessoas da intelectualidade, que não eram formalmente membros das lojas, mas que apoiavam a ideologia maçônica em tudo e participavam dos acontecimentos políticos dos maçons.

Como admite N. Berberova, que foi iniciado em muitos segredos maçônicos, além dos próprios maçons, no mundo político da Rússia havia uma camada significativa de pessoas “que não foram iniciadas nos segredos, mas sabiam dos segredos, silenciaram sobre eles, criando uma espécie de proteção invisível, mas tangível, de confiança e amizade. Uma certa “retaguarda” simpática [142] .

Berberova dá uma lista de simpatizantes:

Heyden PA, 1840–1907, conde, líder da nobreza, presidente da Sociedade Econômica Livre. Juntamente com Shipov e Guchkov, o fundador do partido Outubrista;

Dmitryukov I.I., 1872 -? Membro da Duma Estatal, Outubrista, Camarada Ministro da Agricultura;

Ignatiev P. N., 1870–1926, conde, ministro da educação pública;

Krivoshein A.V., 1857–1920, Ministro da Agricultura, iniciador

Krupensky P.N., 1863-192? Outubrista, membro da Duma do Estado, presidente do centro da 4ª Duma;

Pokrovsky N.N., Ministro das Relações Exteriores, Camarada Presidente do Comitê Militar-Industrial;

Sablin E.V., conselheiro da embaixada russa na Inglaterra, amigo pessoal de um dos maçons mais antigos, Margulies;

Savich N.N., outubrista, membro da Duma do Estado, membro ativo dos Comitês Militar-Industriais;

Shipov D.N. **,** membro do Conselho de Estado, que já foi presidente do partido outubrista. Em seu apartamento em São Petersburgo, de 29 a 30 de outubro de 1905, foram discutidas as disposições sobre as eleições para a Duma do Estado (dos 14 convidados, pelo menos metade eram maçons). Amigo próximo dos famosos pedreiros Muromtsev, G. E. Lvov, Golovin, Guchkov;

Shcherbatov N., Príncipe, Ministro das Relações Exteriores, em reuniões privadas com Polivanov e Krivoshein, discutiu medidas para combater o Presidente do Conselho de Ministros Goremykin, ou seja, intrigado contra o Czar.

Estudando as conexões internacionais do movimento clandestino liberal maçônico russo, pode-se falar com total confiança sobre o início e o apoio de muitas forças antigovernamentais russas da Maçonaria internacional e, acima de tudo, francesa.

A Maçonaria Internacional reconheceu incondicionalmente a sangrenta diabrura revolucionária e a participação pessoal dos maçons na guerra contra o governo russo. Os apelos das lojas maçónicas estrangeiras aos seus irmãos na Rússia expressaram protestos contra o direito do Estado russo de se defender das ações das forças subversivas anti-russas. Assim, por exemplo, em uma reunião da Loja "Razão" de Milão sobre os acontecimentos na Rússia em 1905, foi tomada a seguinte resolução: "A Loja "Razão", enviando saudações fraternas à nova família maçônica russa, que corajosamente inicia sua existência num momento triste para o país e entre todas as reações cada vez mais violentas - expressa o desejo de que uma nova força maçônica, emergindo do povo e representando o povo, [143] . Outras lojas maçónicas também enviam apelos semelhantes, expressando a sua disponibilidade para ajudar os maçons russos na luta contra o governo legítimo, para a derrubada do sistema político existente.

Os maçons franceses chamaram o governo russo de "a vergonha do mundo civilizado" e incitaram os cidadãos russos a rebelarem-se contra ele. A diabrura revolucionária de 1905 foi para os maçons uma luta pelo "progresso

e pela iluminação". Quando em 1906 o Czar dissolveu a Duma Estatal, cujos membros violaram flagrantemente as leis da Rússia, o maçom francês Barot-Formier (Loja "Trabalho e Melhoramento") apoiou os inimigos do Czar, chamando-os de mártires e heróis do pensamento independente russo.

Na recepção do deputado da Primeira Duma de Estado Kedrin pelo Grande Oriente da França em 7 de setembro de 1906, o Grande Orador desta loja declarou: "Temos o dever não apenas de encorajar os russos que sofrem com a tirania opressiva , mas também para fornecer-lhes os meios para derrotar o despotismo..." E eles cumpriram! Em 7 de maio de 1907, o maçom Leitner apresentou um relatório na Loja da Justiça sobre sua visita ao Comitê de Assistência aos Revolucionários Russos. O relatório da inteligência russa observa, com razão, que "o Grande Oriente está a ajudar o movimento revolucionário russo de uma forma ou de outra".

"A maioria radical do Grande Oriente", afirma o relatório, "está agora a ser substituída por uma maioria socialista, e que em alguns congressos socialistas (por exemplo, 1906) foi feita uma exigência de que todos os maçons socialistas, em todos os assuntos discutidos em as lojas têm, em primeiro lugar, em vista dos mais elevados interesses do socialismo internacional [144] , então, num futuro próximo, podemos esperar do Grande Oriente da França a mais ampla assistência nos planos antigovernamentais dos elementos revolucionários russos. Quanto ao presente, segundo muitos sinais, o Grande Oriente já tomou este caminho, mantendo todas as suas decisões e ações na mais estrita confidencialidade" [145] .

A importância que os maçons franceses atribuíam à manutenção do sigilo das suas actividades anti-russas é evidenciada pelo facto de toda a correspondência relativa à Rússia e aos maçons russos ter sido guardada pessoalmente pelo secretário-chefe do Grande Oriente, Narcissus Amédée Wadekar.

A Maçonaria Mundial tentou utilizar as iniciativas de desarmamento geral e coexistência pacífica dos Estados apresentadas por Nicolau II para os seus próprios fins.

O Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Conde V. N. Lamzdorf, em uma carta ao Ministro de Assuntos Internos, PN Durnovo, datada de 14 de dezembro de 1905, observa: "Não pude deixar de prestar atenção à crescente influência da Maçonaria no Ocidente, que , aliás, está claramente a tentar perverter a ideia principal subjacente à primeira Conferência de Paz e dar ao movimento pela paz o carácter de propaganda do internacionalismo.

A investigação realizada nestes tipos, embora ainda não completa e muito difícil devido ao profundo mistério que cobre as ações da organização maçónica central, permite-nos, no entanto, chegar à conclusão de que a Maçonaria está a esforçar-se ativamente para derrubar a política e social existente sistema de estados europeus, para erradicar começaram a nacionalidade e a religião cristã, bem como a destruição dos exércitos nacionais" [146] .

Lamzdorf pede a Durnovo, através do Ministério de Assuntos Internos, que colete informações detalhadas sobre o movimento maçônico na Rússia. No entanto, em resposta, ele recebe uma resposta evasiva, confirmando indiretamente rumores persistentes sobre o patrocínio de Durnovo à organização maçónica.

Em vez de explorar a questão, Durnovo responde que "o estudo das ações da organização maçônica e da suposta difusão do ensino maçônico no Império está associado nas atuais circunstâncias a dificuldades significativas que não nos permitem esperar resultados bem-sucedidos das medidas que pode ser levado nessa direção" [147 [1] . Durnovo, é claro, foi hipócrita, porque naquela época a polícia russa já tinha certo material sobre as atividades subversivas das lojas maçônicas.

Se o próprio Durnovo não estava associado aos maçons, então, ao dar uma resposta tão evasiva, ele pode ter seguido as instruções de Witte, que não queria se manifestar contra a Maçonaria. Político experiente, que também era amigo de muitas pessoas cuja filiação à Maçonaria é indiscutível, Witte compreendeu perfeitamente onde as forças da oposição antigovernamental eram coordenadas e reguladas.

O mito continua a ser mantido até hoje de que os círculos maçônicos liberais, e principalmente os cadetes, que surgiram da "União de Libertação" maçônica clandestina, após o Manifesto de 17 de outubro, pararam de se opor ao czar e começaram a cooperar com ele. .

Este mito foi criado pelos bolcheviques, que procuraram minimizar o papel dos cadetes na destruição do poder czarista e exagerar o seu próprio.

Os fatos históricos indicam irrefutavelmente algo completamente diferente.

O czar naquela época não tinha um inimigo mais consistente e organizado do que o cadete, ou melhor, a oposição liberal-maçônica. Foi nos círculos liberais que surgiu a ideia da destruição física do czar. Um amigo pessoal de um dos fundadores da Maçonaria Russa e da União de Libertação M. M. Kovalevsky, o Príncipe D. O. Bebutov, em cuja mansão o Clube de Cadetes

se reunia, em suas memórias conta como transferiu 12 mil rublos aos líderes do Partido Socialista Revolucionário para o assassinato de Nicolau II [148] .

Outro atentado contra a vida do czar com a participação dos maçons foi preparado pelos socialistas revolucionários em 1906. Estavam sendo desenvolvidos planos que incluíam a aquisição de um submarino para atacar Nicolau II durante as férias de verão. Ao mesmo tempo, o maçom N.V. Tchaikovsky, para organizar esta tentativa de assassinato, entregou o desenho de uma aeronave especial a partir da qual iriam cometer o assassinato. Em 1907, o Partido Socialista Revolucionário conduziu experimentos na área de construção de aeronaves em Munique. No entanto, a subsequente denúncia de E. Azef, responsável por este caso, destruiu os planos dos conspiradores socialistas-revolucionários e maçónicos.

A resistência liberal-maçónica aprovou e apoiou secretamente o terror revolucionário. Em preparação para uma revolta armada em Moscovo, as autoridades apreenderam

documentos dos quais se concluiu irrefutavelmente que existia uma ligação criminosa entre revolucionários e liberais e que estes últimos forneceram apoio financeiro à agitação na Rússia.

Após o aparecimento do Manifesto em 17 de Outubro, a resistência liberal-maçónica, cujos representantes legais eram o Partido Cadete, o Bureau dos Congressos Zemstvo e algumas outras organizações públicas, sentiram-se donas da situação e levantaram a questão da apreensão poder. Além disso, já não estavam satisfeitos com a proposta de Witte de ocupar vários cargos ministeriais importantes no novo governo (excepto finanças, relações exteriores, militares e navais). Representantes do “público progressista” como A. I. Guchkov, M. A. Stakhovich, E. N. Trubetskoy, S. D. Urusov e D. N. Shipov foram convidados para o novo gabinete.

O Bureau dos Congressos Zemstvo, ao qual Witte dirigiu a sua proposta, respondeu-lhe através da sua delegação, que exigia a convocação de uma Assembleia Constituinte para desenvolver uma nova constituição.

No congresso do “Povo Zemstvo Russo”, realizado de 6 a 13 de novembro de 1905 na casa do maçom Conde Orlov-Davydov, o “Povo Zemstvo” declarou-se um órgão representativo e exigiu que lhes fossem concedidos quase os direitos do Assembléia Constituinte.

O núcleo e a liderança do congresso consistiam principalmente de maçons. O presidente do congresso foi o maçom I. I. Petrunkevich, seus deputados foram A. A. Savelyev, o maçom F. A. Golovin, N. N. Shchepkin, os

secretários foram o maçom N. I. Astrov, T. I. Polner e o maçom V. A Rosenberg.

Todos os líderes da oposição liberal-maçônica estavam representados aqui - Príncipe Dolgorukov, Príncipe Golitsyn, Príncipes Trubetskoy, D. N. Shipov, F. A. Golovin, Conde Heyden, S. A. Muromtsev, M. A. Stakhovich, F. I. Rodichev, V.D. Kuzmin-Karavaev, Príncipe G.E. Miliukov. Como admitiu mais tarde um dos participantes do movimento clandestino liberal-maçónico, estas pessoas não queriam humilhar-se trabalhando em conjunto com o governo czarista, mas concordaram em ser apenas os senhores da Rússia [149 [1] .

"Se então os democratas constitucionais e os liberais tivessem vindo em meu auxílio", disse Witte a Bernstein, correspondente do jornal judeu Den, em Nova Iorque, "teríamos agora um verdadeiro sistema constitucional na Rússia. Se ao menos os líderes do Partido dos Cadetes - Professor Pavel Milyukov, Gessen e outros - tivessem me apoiado, teríamos agora uma Rússia completamente diferente.

Infelizmente, eles ficaram tão entusiasmados que raciocinaram infantilmente. Eles então não queriam o tipo de governo que existe agora na França, mas queriam estabelecer de uma só vez uma república francesa de um futuro distante na Rússia" [150] .

Claro que não se tratava do raciocínio "infantil" dos cadetes, eles simplesmente não acreditavam no povo russo, consideravam-no um figurante sem rosto que obedientemente vai na direção que o diretor dos bastidores lhe diz ir.

A resistência liberal-maçónica acreditava na eficácia da revolta armada e do terror anti-russo que estava a ser lançado em toda a Rússia. E, finalmente, a resistência clandestina acreditava no apoio da Maçonaria internacional, o que, como vimos, era bastante real.

Do ponto de vista do conhecimento histórico de hoje, pode-se chegar a uma conclusão irrefutável de que se a resistência liberal-maçónica quisesse parar o derramamento de sangue no final de 1905, poderia tê-lo feito. Mas não o queria e, além disso, provocou deliberadamente uma crise estatal prolongada, na esperança de derrubar o czar e tomar o poder.

Capítulo 8

Maior difusão da Maçonaria. — Nova carta "fraterna". — Instruir a Maçonaria internacional. — Liderança maçônica da Duma Estatal. —

Campanha difamatória contra o Poder Supremo. - Ataque a Rasputin. questão judaica. - Fraude eleitoral. — Reunião de forças anti-russas. — Os maçons provocam os partidos revolucionários à ação armada. — Um apelo para colocar a Rússia de joelhos.

Em novembro de 1908, revelações sobre as atividades dos maçons na Rússia apareceram na imprensa francesa. O pseudônimo de seu autor era Jules Tourmentin. Ele conseguiu conquistar a confiança dos maçons e recebeu informações muito importantes. De acordo com Turmanten, os maçons na Rússia se espalharam sob o patrocínio de pessoas muito nobres e têm membros tanto na Duma de Estado quanto no Conselho de Estado.

Segundo Turmanten, "o sintoma mais grave e alarmante deve ser reconhecido como a sedução na Rússia por esta seita de pessoas que estão muito próximas do trono" [151] .

Segundo o maçom Kandaurov, em 1909 a polícia estava no encalço de uma organização de Martinistas agrupados em torno da revista "Rebus" publicada em Tsarskoye Selo. Entre os Martinistas havia vários grão-duques - Nikolai Nikolaevich, Pyotr Nikolaevich, Georgy Mikhailovich e várias pessoas próximas à Corte [152] .

Lojas maçônicas estão abrindo na Rússia uma após a outra, e na Assembleia Maçônica Mundial, o chefe da Maçonaria, Laffer, afirmou que "O Conselho da Ordem não poupará nenhum sacrifício para trazer a luz do verdadeiro progresso a este país, que tem ainda não foi completamente libertado das trevas, onde o triunfo da Maçonaria já está próximo" [153] .

Como antes, a Maçonaria na Rússia era abertamente política, de natureza conspiratória, uma vez que estabelecia como objetivo "a derrubada do regime autocrático na Rússia e o estabelecimento de um sistema estatal democrático" [154] . Eles se reuniam secretamente em apartamentos privados. Foi elaborada uma carta, aprovada pela Convenção de 1912 e publicada em forma de livro sobre os Carbonari, mineiros de carvão italianos. Devido à natureza política conspiratória da organização, os iniciados prestavam juramento de obediência incondicional a todas as ordens dos seus superiores. Para melhor preservar o sigilo, os membros de uma loja não podiam saber os nomes dos membros de outras lojas nem participar nas suas reuniões. Assim que o número de membros da loja chegou a 14, ela foi

imediatamente dividida em duas, com exceção da Loja da Duma, que contava com 40 pessoas.

Alguns maçons russos já nem sequer escondem a sua filiação à Maçonaria. Assim, E. I. Kedrin, juntamente com outro maçom Katlovker, que publicou o jornal anti-russo "Last News", declarou abertamente em novembro de 1908 que era o mestre de uma das lojas maçônicas parisienses. Kedrin argumentou publicamente que no Ocidente, especialmente em França, os maçons nunca foram tão poderosos como no início do século XX [155] . É verdade que ele foi punido por tal violação dos segredos fraternos.

Uma das direções da Maçonaria internacional que se desenvolveu na Rússia foi a Sociedade Teosófica Russa, organizada em 1908, que absorveu muitos pequenos círculos espiritualistas. Esta sociedade, liderada por A. Kamenskaya e A. Filosofova, estava intimamente ligada à Ordem Francesa Mista dos Direitos Humanos.

Teosofistas famosos como H. P. Blavatsky, A. Besant, I. V. Leadbeater pertenciam a esta ou outras ordens semelhantes. Sob a marca da Sociedade Teosófica Russa na Rússia havia a "Ordem da Estrela no Oriente" maçônica criada na Índia em 1911, bem como uma série de suas filiais em Petrogrado, Moscou, Kiev, Kaluga, Yalta, Rostov- on-Don [156] . O movimento Teosófico, que capturou setores significativos da sociedade educada russa, serviu como um dos estágios iniciais, bem como uma forma de cobertura para os assuntos secretos da Maçonaria.

Os líderes deste movimento prepararam a Rússia para a "Irmandade Mundial". "A Teosofia", argumentaram eles, "é superior à ciência, porque extrai o seu conhecimento da "revelação supersensível", que é dada a todos os que renunciam a todas as estruturas religiosas e nacionais".

A abertura da Sociedade Teosófica em São Petersburgo em novembro de 1908 reuniu a "nata" da sociedade - Condessas Golenishchev-Kutuzov, A. A. Shidlovskaya, Saburova, Rodzishevskaya, Taneyev, T. O. Sokolovskaya, Conde Kleinmichel, I. Panina, Princesa Lieven, M. I. Domozhirova, O. I. Musina-Pushkina, Condessa Muravyova, os cônjuges Chebyshev, os irmãos Stenbock-Fermor, Ikskul von Gildenbant, coronel aposentado A. Rode, N. S. Tagantsev, K. D. Kudryavtsev, I. V. Meshchaninov, K. F. Neslukhovsky, N. A. Reitlinger, D. F. Levshin, Príncipe P. S. Obolensky, E. V. Rops, F. A. Gaylord, Ya. G. Turpeinen, I. N. Turchaninov, Conde A. F. Gendrikov, Príncipe M. Andronnikov, VE Smith, P. E. Oboznenko. O presidente da sociedade era A. A. Kamenskaya, que em seu primeiro relatório proclamou,

sob aplausos amigáveis dos presentes: "O amanhecer está próximo, cuja luz em solo russo, colhida por nossas mãos, Todas as nações se encontrarão e se beijarão! Apressemos este tempo e tentemos garantir que todos os tipos de apelidos nacionais e todas as peculiaridades religiosas sejam afogadas na fusão nacional russa. A amizade de todos os povos é a nossa religião e o nosso lema."[157] . Os aplausos unânimes ao orador refletiram o ânimo dos representantes da alta sociedade e da mais alta intelectualidade presentes.

Em 1907-1908, uma das organizações maçônicas mais perigosas e secretas, a Ordem dos Illuminati, operava em São Petersburgo.

Seus documentos estão guardados no Arquivo Especial, incluindo uma carta em pergaminho e com selos. O ramo dos Illuminati em São Petersburgo era chefiado por Fritz Desor, e seus deputados eram o Dr. M. D. Dobrovolsky e Y. (S.?) Sakharov. A lista de membros da loja inclui M. Isaev, Marie Kabat, E. Kabat, Marie von Karel, Olga von Querin, A. Kolchigin (estudante da Universidade de São Petersburgo), Adelaide Losskaya, M. Moser, A. Markovich, Princesa Nadezhda Dondukova, Dmitry Stranden, Alexander Troyanovsky e outros.

Os maçons realizam trabalhos preparatórios para o recrutamento nas camadas superiores da sociedade e entre os intelectuais. Um relatório ao camarada Ministro de Assuntos Internos Kurlov, datado de 11 de maio de 1911, relata um círculo maçônico que se reunia no Museu de Invenções e Melhorias de São Petersburgo, onde ocorrem discussões quase semanais sobre todos os tipos de tópicos relacionados à Maçonaria. Segundo a polícia, essas reuniões não eram propriamente reuniões da loja maçônica, mas representavam "uma instância preparatória para o recrutamento de adeptos da Maçonaria, expressa na leitura de palestras e relatórios tendenciosos". Só foi possível assistir a essas reuniões mediante convite especial. Assim, na reunião de 11 de março de 1911, estiveram presentes 20 pessoas, entre as quais N. N. Beklemishev, T. O. Sokolovskaya, d.s. Com. S. I. Afanasyev (médico da Diretoria Principal de Engenharia), Yu. V. Rummel, N. I. Filippovsky, guarda aposentado Coronel F. G. Kozlyaninov, escritor Yu. M. Zagulyaeva, Butorina, Sokolov, Lapin, Samokhvalov, Shepovalnikov. Além disso, estiveram presentes um vice-almirante desconhecido e dois generais, bem como alguns membros da Liga de Renovação da Frota. Em uma dessas reuniões com o jornalista A.V. Zenger, A.A. e B.A. Suvorin estiveram presentes.

A Maçonaria Internacional envia cada vez mais os seus emissários para a Rússia. Em 1911, um certo V. V. Arkhangelskaya-Avchinnikova apareceu

em São Petersburgo. Numa conversa privada, que chegou ao conhecimento da polícia, ela afirmou que veio de França como batedora da Maçonaria.

O terreno para a atividade maçônica ativa na Rússia, na sua opinião, já está suficientemente preparado. De acordo com a declaração de Arkhangelskaya, uma expedição maçônica chegará à Rússia neste verão. O momento está relacionado com a esperada agitação na Rússia, segundo os maçons franceses. “A presença de delegados maçónicos durante estes distúrbios é reconhecida pela Maçonaria como extremamente útil para influenciar certas classes da sociedade em conformidade.” O principal objetivo da “expedição” é “a correta organização da Maçonaria na Rússia e a entrega de instruções completas aos líderes russos da Maçonaria para futuras atividades”.

De acordo com informações da inteligência policial, a intensificação das atividades das lojas russas começará no outono de 1911 e será altamente dependente dos resultados do Congresso Maçônico Mundial em Roma, em setembro de 1911. Neste congresso, a pretexto de celebrar o aniversário do “renascimento” da Itália, estava previsto discutir um plano para a rápida implementação dos objetivos últimos da Maçonaria: a destruição das monarquias e da Igreja e o estabelecimento de um mundo república [158] .

Os congressos maçônicos também foram realizados na própria Rússia. Assim, os congressos do Conselho Maçônico Supremo dos Povos da Rússia eram realizados regularmente a cada dois anos (em particular, são conhecidos os congressos de 1912, 1914 e 1916).

Os maçons russos enviam regularmente delegações aos congressos maçônicos. Em 1910, o delegado do Conselho Supremo da Ordem Maçônica na França foi P. M. Kaznacheev, que foi oficialmente reconhecido no exterior como o chefe da ordem Martinista Russa.

No entanto, não foi por muito tempo. Como observa uma fonte maçônica interna, “em 1910, o delegado do Conselho Supremo da Ordem Martinista na Rússia transferiu seus poderes para o chefe dos maçons de Moscou e, desde então, o movimento martinista se fundiu com o (maçônico geral). ... movimento” [159] .

Em 1910, a loja Martinista de “Santo André, o Primeiro Chamado” foi estabelecida em Kiev e a antiga loja simbólica dos “Eslavos Unidos” foi despertada. Em 1912, o “Capítulo Supremo e Governante de Narciso” (para obras maçônicas de 4-6 graus) operou nas províncias do sul e sudoeste da Rússia; seu líder era o nacionalista ucraniano Markotun, que nutria a ideia de separar o Pequeno Províncias russas da Rússia [160] .

O príncipe Pavel Dmitrievich Dolgorukov organizou a “Sociedade da Paz” em Moscou em 1909, a filial de São Petersburgo desta sociedade era chefiada por M. M. Kovalevsky. Gradualmente tornou-se uma loja maçônica e em 1911 havia 324 “irmãos” [161] .

Desde a abertura da Duma Estatal, o centro de atividade da Maçonaria Russa como principal concorrente ao poder do Estado mudou-se para o Palácio Tauride. Desde os primeiros dias começa a determinar a política desta instituição legislativa. Basta dizer que os presidentes dos três Dumas de Estado - Muromtsev, Golovin e Guchkov - eram maçons. Muitos outros líderes do “parlamento russo” também eram membros de lojas maçônicas. Os líderes e uma parte significativa dos activistas dos dois principais partidos parlamentares - os cadetes e os outubristas - eram maçons. Quase todo o Comitê Central do cadete pária era maçônico. Assim, o liberalismo russo era na verdade uma organização conspiratória clandestina de natureza criminosa anti-estatal. Os liberais, embora falassem sobre a legalidade e as formas constitucionais de luta,

A principal atividade da resistência liberal-maçônica durante o período da Duma foi a preparação para uma série de campanhas caluniosas para desacreditar o poder supremo do czar russo. Durante os acontecimentos do final de 1905, os maçons se convenceram da enorme autoridade do czar entre o povo. Eles compreenderam: enquanto o povo acreditasse no czar, todas as suas tentativas de tomar o poder terminariam de forma tão triste como em 1905.

Um dos principais organizadores das ações clandestinas do cadete pária contra o czar foi o príncipe maçom D. O. Bebutov, que certa vez financiou a tentativa de assassinato do czar e organizou um clube político com seus próprios fundos, que serviu de centro de várias campanhas caluniosas contra o governo russo.

Uma dessas ações clandestinas foi a publicação do livro “O Último Autocrata. Ensaios sobre a vida e o reinado de Nicolau II." O volumoso volume foi publicado especialmente para o 300º aniversário do reinado da Casa de Romanov e continha muitas declarações caluniosas e fictícias com o objectivo de desacreditar o prestígio do governo czarista. Foi publicado em Berlim, sua autoria foi atribuída ao maçom Obninsky, aos maçons Príncipe D. O. Bebutov e V. M. Gessen, e segundo algumas informações, Miliukov, também participou do lançamento. O mesmo Bebutov financiou este empreendimento.

A fim de desacreditar as actividades do governo russo, os cadetes criam entre o seu povo com ideias semelhantes a sociedade de "Luta Cultural com o Governo". Em janeiro de 1909, no apartamento do notório banqueiro Mitka (D.L.) Rubinstein, líderes cadetes, incluindo a facção de cadetes da Duma Estatal, organizaram um concerto, e depois uma revisão política, onde foram caricaturadas figuras do governo russo.

Em 1907, a fim de desacreditar o czar e o governo, a imprensa liberal-maçónica e radical de esquerda realizou uma campanha ruidosa sobre a alegada tentativa de assassinato do conde Witte. Um estudo do caso mostra que a tentativa foi encenada. O seu objetivo é acusar representantes do governo russo de preparar o assassinato de Witte, insinuando grosseiramente a participação de P. A. Stolypin e do czar na preparação para isso.

Foi assim. No final de janeiro de 1907, duas máquinas "infernais" cheias de explosivos foram descobertas nas chaminés da mansão do conde Witte em Kamennoostrovsky Prospekt, em São Petersburgo. Mais tarde descobriu-se que, devido ao seu design, essas máquinas não podiam explodir. Isso levou a polícia a acreditar que se tratava de uma tentativa de assassinato encenada, especialmente porque se descobriu que a corda ao longo da qual uma das bombas deveria ser baixada não estava nem manchada de fuligem. Isto levou a polícia à conclusão de que as bombas não foram plantadas de fora, mas de dentro.

Então a história assume um personagem detetive. Em 28 de maio de 1907, nas proximidades de São Petersburgo, um jovem desconhecido foi encontrado assassinado, cujo rosto foi deliberadamente desfigurado. Conchas explosivas estavam perto do cadáver. Em setembro, o promotor de São Petersburgo recebeu pelo correio uma declaração escrita de um certo revolucionário Vasily Fedorov, na qual relatava que o atentado contra a vida de Witte foi organizado pelo mesmo homem assassinado com rosto desfigurado chamado Kazantsev, que este Kazantsev era supostamente um membro disfarçado do Black Hundred e agente policial, envolveu-o fraudulentamente, Fedorov, e outro revolucionário, Stepanov, na preparação para a tentativa de assassinato de Witte, e depois no assassinato do editor do Russkie Vedomosti Yollos, declarando-lhes que iriam matar a burguesia. Então, percebendo que Kazantsev o havia enganado, Fedorov, que Witte e Yollos eram "nosso povo",

A imprensa anti-russa apresentou esta história de tal forma que a "tentativa" contra Witte e o assassinato de Yollos foram preparados e executados pelas

Centenas Negras e agentes policiais que agiram sob as ordens de Stolypin e do Czar.

O próprio Witte claramente alinhou com o underground liberal-maçônico nesta questão. Sem qualquer prova, ele alegou infundadamente que o atentado contra a sua vida foi realizado sob o patrocínio de altos dignitários. “Os dignitários russos que participaram nesta conspiração”, disse Witte a Bernstein, correspondente do jornal judeu Den, “não se atrevem a abrir um atentado, porque se Fedorov for levado à justiça, ele certamente dirá quem o contratou e o nome os nomes das pessoas que o persuadiram a me matar. Assim, o Dr. Dubrovin e a sua camarilha, pressionados contra a parede, serão forçados a nomear o Primeiro-Ministro Stolypin e outros dignitários do governo como pessoas que queriam tirar-me do caminho. Agora, como você vê agora, neste caso, revelar a verdade está longe de ser do interesse das classes dominantes" [162] .

É interessante que a resistência liberal-maçónica utilize uma técnica semelhante para desacreditar o governo russo, mesmo após o assassinato de Stolypin. De suas profundezas sujas, espalham-se rumores falsos sobre o envolvimento do próprio czar no assassinato de Stolypin, que supostamente decidiu se livrar dele dessa forma, dando instruções ao Departamento de Segurança. Em uma carta de A. I. Guchkov para V. F. Dzhunkovsky, isso é afirmado sem rodeios [163] . Mas talvez o personagem mais vil e vil tenha sido a campanha caluniosa da resistência liberal-maçônica contra um amigo da Família Real, Grigory Rasputin.

A perseguição organizada a Rasputin começou na Assembleia Mundial das organizações maçónicas em Bruxelas. Aqui, numa das reuniões, foi desenvolvida uma ideia para minar e desacreditar o poder real russo através de uma campanha organizada contra Rasputin como pessoa próxima da Família Real. Tudo começou com a publicação de uma brochura fabricada por um certo “especialista em sectarismo” Mikhail Novoselov, na qual ele declara Rasputin um chicote sectário, sem provas, citando um caso que foi aberto em Tobolsk (quando verificado, o caso acaba por ser falsificado), como prova completa da culpa de Rasputin. Esta brochura, bem como a sua apresentação no jornal “Voice of Moscow”, é reimpressa clandestinamente por muito dinheiro. Muitos jornais liberais e radicais de esquerda de repente, quase simultaneamente, começam a publicar cartas fictícias das “vítimas de Rasputin”.

Um grande grupo de deputados do campo liberal-maçônico faz um inquérito na Duma sobre Rasputin. O caso torna-se conhecido em toda a Rússia, uma

vez que um artigo infundado do jornal "Voz de Moscou" assinado pelo mesmo Novoselov, pelo qual a edição foi confiscada, foi citado integralmente no texto do pedido, acabou nos relatos literais do Reunião da Duma Estatal e foi publicado em vários jornais.

O facto de a campanha ter sido organizada por figuras da Maçonaria foi evidenciado pelos seguintes factos. Em primeiro lugar, o jornal "Voz de Moscou" foi publicado com fundos de um grupo de industriais de Moscou liderados pelo maçom A. I. Guchkov, e seu editor era seu irmão F. I. Guchkov. Em segundo lugar, o iniciador do pedido na Duma Estatal foi o mesmo Guchkov, e sobre a questão da urgência do pedido, Guchkov e outro maçom proeminente, V. N. Lvov, falaram. Em terceiro lugar, novamente, Guchkov faz um discurso calunioso na Duma, onde afirma de uma forma insultuosa ao Imperador que ele é quase uma marionete nas mãos de Rasputin. "Basta pensar nisso", exclamou Guchkov demagogicamente, "quem está no comando no topo, quem gira o eixo que arrasta atrás de si uma mudança de direção e uma mudança de rostos, a queda de alguns, a ascensão de outros?" O discurso de Guchkov deixa claro que o seu principal objetivo era desacreditar o poder supremo do czar a qualquer custo. Apresentá-lo aos olhos do povo como uma pessoa fraca e de vontade fraca, controlada por um homem bêbado, depravado e egoísta. O mais monstruoso é que a maior parte da Duma acreditou nesta calúnia, e apenas os patriotas (mas não todos) compreenderam imediatamente a sua essência.

"Isso é fofoca de mulheres", gritou o patriota russo N. E. Markov para Guchkov de seu assento. Guchkov participou pessoalmente da distribuição de cartas da czarina e das grã-duquesas a Rasputin (Kokovtsov, em particular, menciona isso em suas memórias).

Há também evidências documentais de um proeminente maçom russo N. S. Chkheidze, que admitiu que membros de lojas maçônicas distribuíam materiais sobre Rasputin. O pesquisador da Maçonaria B. Nikolaevsky observa os fatos de uma série de campanhas de propaganda realizadas pelos maçons: "A principal delas foi a campanha sobre o papel de Rasputin na Corte. Os materiais contra Rasputin foram reproduzidos pelos maçons por todos os meios possíveis, incluindo máquinas de escrever." Mais tarde, com a ajuda do publicitário maçom Amfitheatrov, é criado o livro calunioso "Santo Diabo", cujo autor é considerado o vigarista e inimigo do czar, o monge destituído Iliodor. O livro foi fabricado para desacreditar a Família Real. Nele, em particular, foi afirmado caluniosamente que o homem depravado Rasputin mantinha um relacionamento íntimo com a czarina.

Deve-se notar que a lenda maçônica sobre Rasputin foi refutada em 1917, quando foi estudada por uma comissão especial.

“Tendo chegado a Petrogrado na comissão de investigação”, escreveu V. Rudnev, membro da Comissão Extraordinária de Investigação para investigar os abusos de ex-ministros, gestores e outros altos funcionários, “comecei a cumprir a minha tarefa com um preconceito involuntário em relação a as causas da influência de Rasputin, devido às muitas histórias individuais, li brochuras, artigos de jornais e rumores que circulavam na sociedade, mas uma investigação completa e imparcial fez-me perceber o quão longe todos esses rumores e reportagens de jornais estavam da verdade.”

Em primeiro lugar, após um estudo sério da comissão, o mito sobre a pertença de Rasputin à seita Khlysty ruiu. Nenhum material foi encontrado para apoiar esta acusação. Gromoglasov, professor do departamento de sectarismo da Academia Teológica de Moscou, que estudou os materiais de investigação e tudo o que Rasputin escreveu sobre questões religiosas, não viu nenhum sinal de Khlysty.

Além disso, os rumores sobre os enormes fundos de Rasputin, alegadamente obtidos através de extorsão para o cumprimento de petições, não foram confirmados. As investigações oficiais às instituições bancárias não revelaram quaisquer fundos detidos em nome de Rasputin ou de qualquer um dos seus familiares próximos.

Quando verificado, o livro “O Diabo Sagrado” de Iliodor também se revelou uma falsificação grosseira. Como observou o membro da comissão A.F. Romanov, o livro “acabou por ser repleto de ficção, muitos dos telegramas que Iliodor cita nele nunca foram realmente enviados...” A lenda sobre a depravação de Rasputin também desmoronou. A comissão, apesar de todos os seus esforços (até foram publicados anúncios em jornais), não conseguiu identificar uma única vítima da “agressão sexual” de Rasputin. Além disso, a amiga da czarina Vyrubova, a quem os caluniadores maçônicos atribuíram depravação especial, alegando que ela coabitava com o czar, e com Rasputin, e com muitos outros, durante um exame médico revelou-se virgem.

Junto com as campanhas para desacreditar o Poder Supremo, outra importante área de atuação do movimento clandestino liberal-maçônico foi a luta pelos direitos dos judeus e contra o chamado anti-semitismo.

O principal objeto do ataque foi o Pale of Settlement, que o governo russo não pretendia abolir no interesse da população indígena.

Por lei, os judeus foram proibidos de visitar áreas rurais fora do Pale of Settlement. Mas na vida esta lei foi contornada de diferentes maneiras. Na maioria das vezes, um revendedor judeu que se estabeleceu em alguma cidade do condado passava o dia inteiro dirigindo pelo condado e à noite vinha passar a noite na cidade. Ou então - ele parou em uma das estações da linha férrea e de lá dirigiu para seu negócio comercial, voltando à noite e partindo para a próxima estação. As tentativas de punir os infratores desta lei causaram uma tempestade na imprensa liberal e radical de esquerda, e todos os que insistiram na implementação desta lei foram acusados de anti-semitismo.

A mesma coisa aconteceu quando os russos se opuseram à compra de terras pelos judeus na Rússia Central. Esta compra se generalizou. Para parar o processo, em Maio de 1903, foi aprovada uma lei proibindo os judeus de adquirirem propriedade de bens imóveis fora dos assentamentos urbanos em províncias que não faziam parte do Pale of Settlement Judaico. Por algum tempo, esta lei restringiu o desejo dos judeus de confiscar terras. Mas em 1910-1911 foi feita uma tentativa de realizar esta apreensão de uma forma diferente. Várias organizações industriais, entre cujos líderes havia muitos judeus, solicitaram ao governo que lhes concedesse o direito de adquirir propriedades na província de Moscou.

“Se fosse possível aos judeus serem proprietários de um número ilimitado de ações em parcerias industriais, a satisfação de tal petição, em alguns casos, implicaria a transferência real de terras nas províncias internas da Rússia para as mãos dos judeus” [164 [1]. Esta petição foi rejeitada pelo czar. As parcerias em que parte das ações pertenciam a judeus não tinham permissão para comprar terras.

Um conflito muito sério sobre a questão judaica surgiu no início de 1910, durante a discussão da lei do tribunal local. Descobriu-se que a esfera judicial russa é em grande parte controlada por judeus, de cujo seio vêm muitos dos que servem este importante processo estatal. Duas opiniões surgiram entre os deputados. De acordo com a primeira, apresentada pelos patriotas, foi proposto limitar por lei a influência dos judeus no poder judiciário. De acordo com a segunda - proposta pela parte liberal-maçônica dos deputados - foi formulada uma lei cuja aplicação infringia os direitos da população indígena russa em favor dos judeus.

Como resultado de várias intrigas, a opinião deste último prevaleceu, e a lei foi adotada como desejava a parte liberal-maçônica da Duma, incluindo uma

parte significativa dos outubristas. A escaramuça que surgiu na Duma refletiu a intensidade das paixões e a intransigência dos participantes.

Depois que a decisão anti-russa foi tomada, um membro da União do Povo Russo, Markov II, subiu ao pódio da Duma. Seu discurso foi interrompido por gritos de liberais e radicais de esquerda. Abaixo está a transcrição.

Markov 2º: "É em vão que você quer se afastar da questão judaica. Ele foi criado ao máximo pela vida pelo povo russo. Fechar covardemente os olhos para tal assunto é positivamente indigno deste encontro, que muitos de vocês consideram elevado. A alteração introduzida significa a enorme e majestosa visão de mundo do nosso poderoso povo russo. Você sabe muito bem que o povo russo como um todo não quer se tornar um escravo subordinado da tribo judaica parasita. É por isso que você tem medo de falar em voz alta aqui sobre essa tribo, porque talvez você dependa demais dela, dessa tribo parasita."

A parte maçônica de esquerda e a parte radical de esquerda da Duma começaram a fazer barulho, não permitindo que Markov falasse, e o príncipe presidente Volkonsky privou-o da palavra.

Markov 2º (vindo da tribuna, dirigindo-se à Duma, grita): "Parabéns à Duma pelo seu presidente shabez goi!" (e novamente, já se dirigindo às fileiras onde Guchkov e os outubristas estavam sentados) "Vocês são shabes goi! Mercenários judeus! Por proposta do presidente Markov, o 2º é expulso da Duma por 15 reuniões.

Markov 2º (subindo ao pódio): "Você queria amordaçar a voz de um russo pelo bem da desprezível tribo judaica. Estou feliz por me separar de vocês em 15 reuniões, judeus parasitas!"

Em 1909, foram realizadas as próximas eleições zemstvo. Durante estas eleições, os maçons não desdenharam nada. Mason F.A. Golovin foi eleito conselheiro provincial no distrito de Dmitrov e depois ascendeu às vogais no distrito de Bronnitsky. No entanto, descobriu-se que durante a reunião e as eleições houve comida e vodca. Os resultados eleitorais foram anulados. Durante a investigação do caso, descobriu-se que na reunião houve uma luta entre as vogais - os cadetes (em regra, maçons) e as vogais - os camponeses. Os camponeses não acreditaram nos cadetes, que selaram todos os órgãos de governo, e exigiram uma auditoria às escolas zemstvo, criticando a gestão da economia zemstvo, provando que esta não era gerida economicamente [165 [1] .

A velha figura zemstvo D. N. Shipov, associada à resistência maçónica, foi rejeitada pelos eleitores no distrito de Volokolamsk, depois repetiu a sua tentativa no distrito de Moscovo e falhou também aí. Então, os amigos políticos de Shipov ajudaram-no a tornar-se membro livre do governo no distrito de Volokolamsk e, assim, promovê-lo ao conselho provincial. Mas esta violação da lei foi revelada a tempo.

No final de 1913 - início de 1914, a resistência liberal-maçônica intensificou as atividades de um único centro para coordenar as atividades de todas as forças anti-russas. Por iniciativa da elite de cadetes em Moscou, nas mansões dos maçons P. P. Ryabushinsky e A. I. Konovalov, são realizadas reuniões secretas entre representantes dos partidos anti-russos dos próprios cadetes, progressistas, outubristas de esquerda (Guchkov e companhia), Social-democratas, Socialistas Revolucionários. A composição dos participantes era composta principalmente por maçons, dos bolcheviques, o maçom I. I. Skvortsov-Stepanov esteve presente na reunião. A resistência liberal-maçónica estava profundamente preocupada com o facto de a calma e a estabilidade terem chegado à vida pública da Rússia, o que não contribuiu de forma alguma para o seu desejo de tomar o poder total na Rússia. No seu significado político a reunião lembrava a reunião de Paris da oposição e dos partidos revolucionários em 1904 em que foi tomada uma decisão fatal para a Rússia de se opor ao governo russo legítimo. Na reunião de Moscovo, os liberais provocaram os Socialistas Revolucionários e os Social-democratas à luta armada contra o governo.

"O governo", declara Konovalov, "tornou-se insolente até ao último grau, porque não vê resistência e está confiante de que o país adormeceu. Mas assim que aparecerem dois ou três excessos de natureza revolucionária, o governo mostrará imediatamente a sua habitual covardia insana e a habitual confusão" [166] . Foi criado um Comité de Informação para coordenar as acções antigovernamentais e foram prometidos fundos aos Bolcheviques e aos Socialistas Revolucionários [167] . Os representantes dos bolcheviques neste comitê foram os maçons I. Skvortsov-Stepanov e G. Petrovsky [168] . O excesso mais significativo antes da Primeira Guerra Mundial foi a tentativa de assassinato de Grigory Rasputin, organizada por S. Trufanov, atrás da qual estavam forças poderosas.

Pouco antes da guerra, a opinião pública do país ficou indignada com a exigência do banqueiro americano Jacob Schiff de realizar reformas na Rússia em favor dos judeus. Schiff ameaçou o grande país com "várias consequências" se os seus termos não fossem aceites. Jacob Schiff era um

russófobo e germanófilo, um defensor do curso agressivo alemão. Durante a guerra, ele ganhou muito dinheiro fornecendo aos alemães recursos estratégicos da América. Mason Kerensky, membro da Ordem do Grande Oriente da França, no debate sobre esta questão na Duma, atacou não J. Schiff, mas os patriotas, especialmente Markov, que rejeitou as suas reivindicações arrogantes. No discurso do maçom russo, o ódio ao povo russo coexistiu com a simpatia pelo germanófilo Schiff. “Para os Markovs”, declarou Kerensky, a dignidade e o orgulho não lhes permitem dar sob os golpes dos punhos o que não deram por livre convicção”, concluindo que “as pessoas que pensam como Markov deveriam ser removidas do poder”. Assim, o russófobo J. Schiff estava muito mais próximo do maçom Kerensky do que do patriota russo N. E. Markov.

Capítulo 9

Polícia e maçons russos. — Contaminação do aparelho estatal pelos maçons. — O caso Bittar-Monen. — Viagem de negócios ao exterior de BK Alekseev. — Reporte ao czar. — Preparação de uma reunião de combate aos maçons. — Assassinato de P. A. Stolypin.

No Departamento Especial do Departamento de Polícia, os tópicos maçônicos foram separados em um registro especial sob o título geral “Correspondência sobre seguidores de várias seitas e ensinamentos religiosos, cujas atividades são de natureza antigovernamental. Sobre os maçons." Nos casos relativos aos maçons, existem mais de três mil folhas de documentos datilografados e manuscritos, sendo os principais por mim publicados em apêndice.

A natureza das informações contidas nestes documentos indica um trabalho sério, embora não sistemático, realizado por funcionários do Departamento de Polícia. Os materiais sobre a Maçonaria foram coletados tanto por meio de inteligência (inclusive em viagens de negócios ao exterior) quanto por meio de observação externa, e usando métodos analíticos de estudo de literatura e documentos maçônicos raros (incluindo aqueles obtidos por meio de inteligência).

As agências de segurança do Estado russas informavam regularmente a liderança do país sobre as actividades criminosas dos maçons, a natureza conspiratória da sua organização e a ligação inextricável entre os maçons e os líderes do movimento revolucionário. Especialistas na luta contra a

conspiração maçônica notaram com razão a inadequação das medidas policiais por si só para combater os maçons.

Na sua opinião, os maçons só podem ser tratados pelo mundo inteiro, criando condições insuportáveis para a sua existência, expondo constantemente os seus crimes. As recomendações sobre esta luta, feitas em 1912 pelo ex-chefe dos agentes estrangeiros L.R. Rataev, não perderam a sua relevância até hoje: "Tendo em conta as diversas atividades da Maçonaria, a luta policial contra ela não é suficiente. As medidas policiais resumem-se à proibição das lojas maçónicas e à proteção da igreja, da escola e do exército da sua influência. Mas é necessário que encontre oposição da sociedade sobre a qual pretende influenciar no sentido de criar a opinião pública, para encontrar apoio nesta mesma opinião criada e nela confiar. Onde quer que a influência maçónica seja sentida, a luta contra ela é travada por forças sociais.

Isto não é tão difícil e complicado como parece à primeira vista.

Em primeiro lugar, é preciso conhecer os líderes e, felizmente, todos são conhecidos e, como sempre formam uma gangue, não é difícil descobrir o resto com eles. Um maçom exposto já perde metade de suas forças, pois todos sabem com quem está lidando. Conhecendo as suas tácticas, é necessário contrariar por todos os meios o sucesso das actividades das sociedades que criam, explicar na imprensa a sua verdadeira natureza, para que não seja possível envolver pessoas completamente bem-intencionadas por ignorância. E o mais importante é que é necessário bater nos maçons com documentos deles provenientes, para **mostrá-los à sociedade como são, e não como desejam parecer"** [169] .

No entanto, a luta da polícia russa contra as invasões criminosas das lojas maçónicas no início do século XX foi paralisada devido à infestação do Ministério dos Assuntos Internos e de outras agências governamentais da Rússia com conspiradores maçónicos. Funcionários do governo em lojas maçônicas (incluindo os mais antigos, como V.F. Dzhunkovsky, S.D. Urusov, A.A. Mosolov), chamados a defender os interesses do Estado russo, atuaram como agentes de influência e até mesmo informantes mesquinhos em favor das estruturas mundialistas mundiais.

Esses funcionários desaceleraram os eventos antimaçônicos. Muitas informações recebidas pela polícia através da inteligência tornaram-se imediatamente conhecidas pelos maçons livres. Os patriotas russos, que procuravam ajudar a polícia a descobrir intrigas maçónicas, estavam repetidamente convencidos de que a informação que transmitiam rapidamente se tornava conhecida pelos maçons. Como observou o chefe da

União do Povo Russo, A. I. Dubrovin, nesta ocasião, em 10 de outubro de 1908: "... Ele não dará mais informações sobre a Maçonaria ao Departamento de Polícia, que suas mensagens, transmitidas confidencialmente. ... eram conhecidos em grupos maçônicos no dia seguinte." [170] .

Os anais secretos da polícia russa registram muitos fatos das atividades secretas dos maçons. Assim, em abril de 1904, a polícia interceptou uma carta de Nova York do maçom Hoffman, membro da loja judaica B'nai B'rith, para um certo Viktor Pomerantsev, na qual ele descreve os "benefícios" para a Rússia no possibilidade de contrair um empréstimo com Rothschild, sujeito à concessão de benefícios aos judeus.

Em janeiro de 1906, o Ministro das Relações Exteriores encaminhou ao Departamento de Polícia informações do Embaixador de Berlim, Conde Osten-Sacken, com uma lista de membros das lojas rituais dos Old Fellows, entre as quais está a Loja Astrea No. e nomes e sobrenomes poloneses.

Em janeiro de 1906, uma carta de um membro do Tribunal Distrital de Vladimir, Kaznacheev, para Moscou foi interceptada sob a proposta de uma pessoa desconhecida para fundar uma loja com um pedido para inscrevê-lo em uma.

Em fevereiro de 1906, também foi recebida por meio de inteligência uma carta do Ministro das Relações Exteriores, transmitindo uma carta do Embaixador em Roma, Secretário de Estado Muravyov, sobre a loja "Razão", que enviava saudações fraternas às novas lojas maçônicas russas em São Petersburgo e Moscou.

Em março de 1907, o chefe do Departamento de Segurança de São Petersburgo informou ao Departamento de Polícia que a vigilância estabelecida para o ex-membro da Duma do Estado, o maçom Kedrin, não havia dado resultados e pediu o fim dessa vigilância. No entanto, a observação logo foi continuada e os resultados foram obtidos.

No mesmo mês de 1907, o governador de Varsóvia informou ao Departamento de Polícia que um representante da loja de maçons de Nova York que viviam na Rússia, um certo Gorodynsky, pediu permissão para dar uma palestra sobre a Maçonaria, o que lhe foi recusado.

A polícia russa observa pacientemente os maçons. A vigilância de alguns deles revela uma ampla rede de conexões. Mason P. M. Kaznacheev (apelido "Decrépito") e seu filho, também maçom, D. P. Kaznacheev (apelido "Bodriy") estão vasculhando Moscou. A polícia observa seus encontros com

o clã familiar maçônico dos Arsenyevs, principalmente com o velho maçom (de meados do século 19) V. S. Arsenyev.

As autoridades policiais através dos seus canais registam a chegada à Rússia dos emissários maçónicos do Grande Oriente de França, Gaston Boulet e Bertrand Sainshol.

Em 2 de abril de 1908, o Ministério das Relações Exteriores encaminhou ao Departamento de Polícia uma cópia de um telegrama do embaixador russo em Paris, apresentado ao Imperador Soberano, sobre a adesão à Maçonaria da vogal da Duma Kedrin da cidade de São Petersburgo. e o Príncipe Bebutov, que manteve relações em Paris com os líderes da Maçonaria, indicando os danos desta sociedade secreta e o desejo de expandir a sua propaganda dentro da Rússia.

Em 20 de abril de 1908, nesta ocasião, uma circular foi enviada aos chefes dos departamentos distritais de Segurança sobre a tomada de medidas imediatas para esclarecer a difusão da Maçonaria na Rússia.

Em 26 de maio de 1908, o Ministério das Relações Exteriores, por ordem de Sua Majestade Imperial, o Soberano Imperador, encaminhou ao Presidente do Conselho de Ministros P. A. Stolypin informações do Embaixador Imperial em Paris sobre a esperada chegada à Rússia de dois líderes proeminentes da Maçonaria Francesa, Laffer e Wadekar, para fundar uma loja maçônica em Paris [171 [1] .

Aparentemente, esta ordem do Soberano deu impulso à intensificação dos esforços para coletar informações sobre os maçons.

A inteligência russa conseguiu penetrar nos segredos mais íntimos das lojas maçônicas, introduzindo ali seu agente. Em 1908, por ordem do chefe dos agentes estrangeiros A. M. Harting, o policial secreto russo Bittar-Monen matriculou-se na Maçonaria e conseguiu permanecer nesta comunidade criminosa por cerca de 5 anos. No entanto, em 1911-1912, com a ajuda do traidor do povo russo, o maçom VL Burtsev, Bittar-Monen, que trabalhava para a Rússia, foi desmascarado.

Um processo sem precedentes começou nas lojas maçônicas, cujo objetivo era difamar o governo russo. A principal força de ataque foi representada pelo mesmo Burtsev e membros da loja maçônica “Estudantes”, composta por judeus russos. Conforme observado num relatório secreto da inteligência russa: “Este caso durou cerca de um ano e meio; Durante este tempo, Bittar-Monen, para não mencionar os ataques e insinuações a que foi submetido nos artigos de Burtsev, viveu muitos momentos difíceis quando, nas reuniões

públicas da loja maçónica "Justiça" e do Conselho da Ordem, chegou quase aos punhos e todos os tipos de ameaças dirigidas a ele por parte da multidão de judeus e socialistas.

Houve muitas dessas reuniões, que duraram várias horas cada vez, e foram necessárias energia excepcional e fidelidade ao dever oficial para suportá-las até o fim "[[172] .

Em 1908, o Tenente Coronel do Corpo de Gendarmes G. G. Mets concluiu o estudo "Sobre a essência e os objetivos da Sociedade Mundial de Maçons". Com base nos resultados, o tenente-coronel compilou uma extensa nota e entregou-a ao diretor do Departamento de Polícia, M.I. Trusevich (ver pp. 756-877). Depois de ler a nota, o Diretor do Departamento impôs uma resolução: "Peço a S. E. Vissarionov que processe a nota num formato mais curto (mas completamente) para o relatório a Sua Majestade."

No entanto, logo após esta decisão, M. I. Trusevich foi destituído do cargo de diretor do Departamento de Polícia, e o Tenente Coronel Mets foi destacado para a disposição do Comandante do Palácio. Como resultado, nenhuma nota foi preparada para o Soberano.

Em agosto de 1909, o Imperador, desejando familiarizar-se com a questão maçônica, ordenou que uma nota sobre a Maçonaria lhe fosse apresentada durante sua estada na Crimeia. O Tenente Coronel Metz preparou uma nova versão da nota e, juntamente com os apêndices, entregou-a ao Comandante do Palácio, que a guardou até a primavera de 1910 [[173] .

A difusão da Maçonaria na Rússia preocupou muito Nicolau II; ele compartilhou seus pensamentos sobre isso com P. A. Stolypin. Por ordem deste último, o Departamento de Polícia está a intensificar os seus esforços para recolher informações relacionadas com a Maçonaria [174] . O assessor colegiado BK Alekseev é enviado à França, que conseguiu entrar em contato com os líderes da Liga Antimaçônica e, em particular, com o Abade Tourmentin. Alekseev coletou material valioso que lhe permitiu tirar conclusões, em primeiro lugar, que "a propaganda da Maçonaria na Rússia não vem apenas da França, mas é até uma das preocupações consideráveis do centro de liderança da Maçonaria Francesa" e, em segundo lugar, sobre o próximo dependência da Maçonaria Francesa do Judaísmo [175] (ver documento 9 no Apêndice).

Um resumo dos relatórios de Alekseev foi apresentado a Stolypin, "que, tendo se familiarizado com o plano proposto para uma luta conjunta com a Liga Antimaçônica e a quantia de dinheiro necessária para isso, expressou o

desejo de que este projeto, em princípio, receba a sanção direta de Sua Majestade Imperial, que está pessoalmente interessada na questão maçônica."

Em Dezembro de 1910, um colega Ministro dos Assuntos Internos, General Kurlov, apresentou um relatório ao Czar, no qual apontava a necessidade urgente de uma cobertura completa da questão maçónica na Rússia. Este relatório, segundo o comandante do palácio Dedyulin, "interessou muito a Sua Majestade, e o Imperador disse várias vezes que era necessário agendar uma audiência separada sobre este assunto".

O departamento de polícia começa a se preparar para a próxima audiência sobre a questão maçônica. Além dos materiais de Mets e Alekseev, são utilizadas informações de um grande especialista no assunto, o ex-chefe dos agentes estrangeiros Rataev. Este último, em Março de 1911, preparou uma nota sobre a Maçonaria, na qual observou "o sério significado anti-estatal do renascimento da Maçonaria na Rússia e apontou a necessidade de uma luta especial contra ela".

A próxima audiência (reunião) sobre a questão maçônica para discutir o programa de combate à organização criminosa foi planejada por Stolypin após as celebrações de Kiev ou após o retorno do czar da Crimeia no outono de 1911 [176 [1] .

Em meados de 1911, o camarada Ministro de Assuntos Internos P. G. Kurlov, em preparação para a próxima reunião, apresentou às "esferas superiores" um relatório sobre as atividades dos maçons, o que causou grande preocupação nos círculos dos maçons. Aparentemente, o Presidente do Conselho de Ministros e também o Ministro dos Assuntos Internos, P. A. Stolypin, percebeu uma séria ameaça ao Estado russo por parte das lojas maçónicas e ia tomar medidas decisivas contra elas.

Os acontecimentos que se seguiram permitem-nos fazer diversas suposições sobre as forças secretas por detrás daqueles que levaram a cabo o assassinato de Stolypin no início de Setembro de 1911.

Após a Revolução de Fevereiro de 1917, nos documentos do Departamento de Polícia, foi encontrado um relatório do agente B.K. Alekseev, de Paris, recebido após o assassinato de P.A. Stolypin, no qual ele escreve: "O atentado contra a vida do Presidente do Conselho de Ministros está em alguma conexão com os planos dos líderes maçônicos.

Informações fragmentárias sobre isso resumem-se aproximadamente ao seguinte: "Pouco contando com o fato de que a Maçonaria seria capaz de

influenciar o Primeiro Ministro a seu favor, os Maçons... começaram a olhar para o Sr. Presidente do Conselho de Ministros como um pessoa que poderia servir de obstáculo para eles... se enraizarem firmemente na Rússia... Esta última convicção no Conselho Supremo da Ordem (em Paris)... levou os líderes da Maçonaria a chegar à conclusão de que o Sr. O Presidente do Conselho de Ministros é pela União... neste momento, quando a Maçonaria está prestes a pressionar todas as suas fontes na Rússia, - uma pessoa prejudicial para os propósitos da Maçonaria. Esta decisão do Conselho Supremo foi conhecida em Paris há vários meses...

Diz-se que os líderes secretos da Maçonaria, insatisfeitos com as políticas do Presidente do Conselho de Ministros, aproveitaram as estreitas relações estabelecidas entre o Grande Oriente de França e os comités revolucionários russos e impulsionaram a execução do plano que eles só tinham em embrião. Dizem também que o lado puramente “técnico” do crime e alguns detalhes da situação em que foi possível cometer a tentativa de assassinato foram preparados através dos maçons” [177] .

O ambiente em que o assassinato de Stolypin foi preparado e executado era uma típica aliança revolucionária-maçônica de assassinos e terroristas, formada em 1905-1906.

A sua essência era que os círculos liberais-maçónicos ofereceram aos terroristas dinheiro e outras formas de assistência para matar estadistas russos. Da clandestinidade maçónica, este “trabalho” foi liderado por figuras como B. Savinkov, M. Margulies, N. Avksentyev e criminosos estatais semelhantes. Como em 1905, o agente E. Azef relatou ao chefe dos agentes estrangeiros L.R. Rataev: “ Um certo Afanasyev veio aqui para ver Gots (o líder do Partido Terrorista Socialista-Revolucionário. *O.P.) , em Peter.* mora em uma das ruas Rozhdestvenskaya, colabora com o jornal “Our Days”, é amigo próximo de um advogado de São Petersburgo (maçom - *O.P.)*Margulies, com uma proposta que o Partido Socialista-Revolucionário. forneceu assistência moral ao círculo (15-18 pessoas) da grande intelectualidade formada em São Petersburgo em empreendimentos terroristas dirigidos contra Sua Majestade e algumas outras pessoas (não nomeadas).

O próprio Afanasyev é membro deste círculo. O círculo é formado por escritores, advogados e outros intelectuais. profissões (esta é a chamada ala esquerda dos liberais de Osvobozhdenie). O círculo tem dinheiro, disse Afanasyev - 20.000 rublos e pessoas para atuar. Afanasyev pediu apenas que o S.-R. forneceram assistência moral, isto é, pregaram esses atos” [178] .

Assim, as lojas maçônicas participaram no financiamento e na preparação de vários atos terroristas. Claro, eles também sabiam dos preparativos para o assassinato de Stolypin, pois em 1910 em São Petersburgo, durante uma reunião com o Socialista Revolucionário E. Lazarev, o futuro assassino de Stolypin D. Bogrov disse: "Eu sou judeu e deixe-me lembrá-lo que ainda vivemos sob o domínio dos líderes dos Cem Negros... Você sabe que o líder imperioso da reação selvagem que está acontecendo agora é Stolypin. Venho até você e digo que decidi eliminá-lo..." Isso foi realizado por ele em 1º de setembro de 1911 em Kiev.

O assassinato de Stolypin levou à demissão de seus funcionários mais próximos do Ministério de Assuntos Internos e, acima de tudo, de P. G. Kurlov.

O desenvolvimento de um programa de combate à Maçonaria foi adiado indefinidamente e, de facto, nunca foi implementado.

Capítulo 10

Depois de Stolypin. - VN Kokovtsov. — Afastamento da política do patriotismo. — Revitalização das forças anti-russas. — Mason VF Dzhunkovsky e a polícia russa. — Contornos maçônicos da política externa russa.

O assassinato de Stolypin mudou dramaticamente o clima político do país. O novo Presidente do Conselho de Ministros, V. N. Kokovtsov (que era membro da sociedade maçónica Mayak), na verdade muda o rumo do governo, dizendo que "a reacção nacionalista é suficiente, agora precisamos de reconciliação" [179 [1] . O fortalecimento da posição da parte da sociedade russa com mentalidade patriótica está sendo substituído pelo seu enfraquecimento e pelo fortalecimento dos círculos liberais e de esquerda. Kokovtsov recusa-se a criar e fortalecer o partido do governo - ideia de Stolypin, vira as costas ao movimento patriótico e reduz os subsídios à imprensa patriótica. Quase imediatamente, as forças anti-russas destruídas por Stolypin tornaram-se mais activas e reavivaram as suas organizações.

Na Duma, a "politicagem partidária" é revivida, visando a tomada do Poder Supremo pela resistência liberal-maçônica. Na IV Duma, os outubristas firmaram cada vez mais acordos com os cadetes, formaram-se estruturas que em 1915 se transformariam num único "Bloco Progressista" anti-russo.

A IV Duma de Estado abriu tão agitada quanto as anteriores. Os cadetes e a esquerda assumiram imediatamente uma posição destrutiva. Logo no início da reunião, o cadete, secretário do Conselho Supremo da Maçonaria N.V. Nekrasov gritou bem alto: “Viva a constituição!”, o que, naturalmente, foi recebido com protestos da parte patriótica da Duma. As eleições para a Duma também decepcionaram os patriotas: com uma maioria de 251 votos contra 150, foi eleito o escorregadio outubrista Rodzianko, próximo dos cadetes, que se mostrou um participante ativo nas intrigas contra o Poder Supremo. Em sinal de protesto, os patriotas deixaram a Duma neste dia.

Em dezembro de 1912, o governador de Chernigov, N.A. Maklakov, irmão do famoso maçom e cadete V.A. Maklakov, tornou-se o novo Ministro do Interior. Sob ele, em 1913, o cargo de Camarada Ministro da Administração Interna foi dado ao maçom VF Dzhunkovsky, que iniciou sua carreira sob o comando do Grão-Duque Sergei Alexandrovich e conseguiu ganhar a confiança de sua esposa, a irmã da Czarina, a Grã-Duquesa Elizabeth Feodorovna. A ascensão da carreira de Dzhunkovsky não esteve relacionada com as suas capacidades empresariais, mas muito provavelmente com a sua rara capacidade de receber patrocínio nas esferas mais altas. Mais tarde, já sob os bolcheviques, foi o único grande funcionário do Ministério da Administração Interna que deixaram vivo e até enviaram em viagens especiais ao estrangeiro no caso da conhecida provocação bolchevique “Confiança”.

Tendo se tornado camarada do ministro, Dzhunkovsky recebeu toda a polícia russa, bem como o corpo da gendarmaria, sob sua jurisdição. Durante o seu curto período no poder, Dzhunkovsky enfraqueceu enormemente a capacidade das agências de aplicação da lei de proteger o Estado das invasões do demonismo revolucionário.

Na luta contra o movimento anti-russo, as agências policiais russas desenvolveram certos métodos eficazes. Em particular, foi criada uma rede de departamentos de segurança distritais e, em cidades mais ou menos grandes, também existiam departamentos de segurança separados. Em Junho de 1913, Dzhunkovsky aboliu estes departamentos de segurança distritais, deixando apenas três departamentos de segurança em São Petersburgo, Moscovo e Varsóvia [180] . E todos os seus assuntos foram transferidos para a jurisdição dos departamentos provinciais locais da gendarmaria, que já estavam sufocando com a enorme quantidade de trabalho que lhes foi confiada pelos revolucionários.

Depois de ler a ordem para abolir os departamentos de segurança distritais, o chefe do departamento de gendarme provincial de Perm, E. P. Florinsky, disse: “Recebemos um traidor como chefe, agora estamos cegos e não podemos trabalhar. Devemos agora esperar uma revolução." Antecipando a impressão que esta ordem causaria nos seus subordinados, Dzhunkovsky emitiu outra ordem proibindo os oficiais da gendarmaria de pedirem uma transferência do corpo de gendarme para o exército [181] .

Ao mesmo tempo, Dzhunkovsky destruiu os órgãos de monitoramento secreto da ordem nas tropas. Como resultado, o controle sobre os assuntos das unidades militares foi perdido. Os revolucionários tiveram plena oportunidade de penetrar nas tropas para o seu trabalho subversivo, enquanto a própria liderança militar estava inclinada a “não lavar roupa suja em público”. E se encontrassem trabalho subversivo no exército, tentavam abafar o assunto para evitar um escândalo. Destruindo os órgãos de monitoramento das tropas, Dzhunkovsky mostrou persistência invejável, visitando o Ministro da Guerra Sukhomlinov e o comandante das tropas, Grão-Duque Nikolai Nikolaevich, convencendo-os “quão nojentos são os agentes das tropas” [182 [] .

Na primavera de 1914, Dzhunkovsky, sob falso pretexto, liquidou o agente mais valioso do Partido Bolchevique, o aliado mais próximo de Lenin, R. Malinovsky. A polícia russa perdeu a oportunidade de receber informações de uma fonte próxima de Lenin. Como resultado, foram recebidas informações muito tardiamente sobre a cooperação da elite bolchevique com os serviços de inteligência austríacos e alemães, o que foi prejudicial para a segurança nacional da Rússia.

Sob vários pretextos fictícios, Dzhunkovsky participa na perseguição do movimento patriótico e, onde tem sucesso, procura infringi-lo de todas as formas possíveis. Sob ele, em particular, foi eliminado o costume de emitir bilhetes de trem gratuitos para organizadores de palestras patrióticas públicas nas províncias [183] . O montante dos subsídios à impressão patriótica foi reduzido ao mínimo.

A formação dos rumos da política externa após a primeira revolução anti-russa foi realizada principalmente sob a influência da opinião pública nos círculos liberais, que demonstraram simpatias claramente pró-francesas. É claro que o papel decisivo aqui foi desempenhado pelo fato de que a maioria dos legisladores da opinião pública (líderes de partidos liberais, órgãos de imprensa) eram maçons que pertenciam à Ordem do Grande Oriente da França. De acordo com o estatuto desta ordem, os membros russos deviam

obedecer às orientações políticas desenvolvidas pelo Conselho Supremo da ordem e, naturalmente, perseguir principalmente os interesses nacionais da França. Diplomatas czaristas que pertenciam a esta ordem maçônica participaram diretamente na formação da política externa russa em 1906-1917: Gulkevich, von Meck (Suécia), Stakhovich (Espanha), Poklevsky-Kozell (Romênia), Kandaurov, Panchenko, Nolde (França), Mandelstam (Suíça), Loris-Melikov (Suécia, Noruega), Kudashev (China), Shcherbatsky (América Latina), Zabello (Itália), Islavin (Montenegro) . Assim, os contornos da política externa, cuja criação foi facilitada pelos círculos liberais e pelos diplomatas czaristas estacionados no Grande Oriente da França, nem sempre atendiam aos interesses nacionais da Rússia.

Em primeiro lugar, isto dizia respeito ao vizinho mais próximo da Rússia, a Alemanha, em relação ao qual muitos diplomatas russos assumiram a posição da França, que queria vingança pela derrota na guerra com a Prússia.

Nas condições da Guerra Russo-Japonesa, quando a Grã-Bretanha, de facto, ficou ao lado do Japão, e a França, embora ligada à Rússia por uma aliança, comportou-se de forma muito ambígua, identificando-se na verdade com a Inglaterra, surgiram novas relações entre a Rússia e a Alemanha , que, infelizmente, não foram capazes de se desenvolver porque encontraram oposição do lobby maçônico clandestino.

Nas negociações pessoais entre Nicolau II e Guilherme II em 10-11 de julho de 1905 em Björk, perto de Vyborg (elas foram conduzidas em segredo pelo Ministro das Relações Exteriores da Rússia VN Lamzdorf), o imperador alemão convenceu o czar russo da duplicidade da política da Inglaterra, que via a Rússia como um instrumento para implementar seus interesses nacionais. As negociações decorreram no iate do czar "Polar Star" num ambiente descontraído. Guilherme II apresentou ao czar um projeto de acordo, que, após uma breve discussão, foi assinado por ambos os imperadores.

O tratado foi benéfico para a Rússia, reflectindo os seus interesses na Europa.

A sua vantagem foi dirigida contra a política imperialista da Inglaterra. Ao concluir um acordo, a Rússia adquiriu na Alemanha não um inimigo potencial, mas um parceiro lucrativo, o que foi especialmente importante no contexto da luta com o Japão, e a Alemanha direcionou a sua política expansionista para a tomada das colónias britânicas.

O artigo primeiro do tratado obrigava cada uma das partes, no caso de um ataque ao outro lado por uma das potências europeias, a vir em auxílio do seu aliado na Europa com todas as suas forças terrestres e navais.

O segundo artigo obrigava ambos os lados a não concluir uma paz separada com nenhum dos seus oponentes comuns.

O tratado deveria entrar em vigor após a conclusão da paz russo-japonesa. No entanto, quando os círculos associados à Maçonaria francesa e ao capital judeu, e sobretudo Witte e Lamzdorf, tomaram conhecimento deste acordo, avaliaram-no como contraditório ao caso franco-russo, tratava-se de obrigações de fornecer apoio contra ataques, por isso o acordo não não contrariaria de forma alguma os interesses da França, se ela não pretendesse travar guerras agressivas. Na verdade, a França preparava-se para se vingar da derrota na última guerra com a Alemanha, e a Inglaterra estava extremamente irritada com as tentativas alemãs de penetrar em territórios tradicionalmente incluídos na esfera do domínio britânico. Para a Inglaterra e a França, a Rússia foi uma arma de influência sobre a Alemanha. E, portanto, não podiam permitir um acordo russo-alemão. Todas as alavancas de influência secreta foram usadas.

Sob a influência de Lamsdorf e Witte, Nicolau II, em 13 de novembro de 1905, dirigiu uma carta a Guilherme II, na qual o notificou da necessidade de complementar o tratado com uma declaração bilateral sobre a não aplicação do Artigo 1 em caso de uma guerra entre a Alemanha e a França, em relação à qual a Rússia cumpriria as suas obrigações até à formação de uma aliança russo-alemã-francesa (o que era, obviamente, impossível nessas condições). Assim, os ministros do Czar empurraram a Rússia para a dependência unilateral da política externa francesa. Dando a obrigação de apoiar qualquer lado que fosse submetido à agressão, Nicolau II não fez distinção entre a França e a Alemanha; a adição Lamsdorf-Witte ligou unilateralmente a Rússia à França e, portanto, à Inglaterra, que estava então intimamente associada a ela, e era essencialmente perseguindo uma política anti-russa.

A diplomacia da Europa Ocidental tentou resolver a maior parte dos seus problemas à custa da Rússia. Todos os lados opostos do mundo ocidental concordaram com isto. Freqüentemente, o engano era usado. Em 1908, o ministro das Relações Exteriores, Izvolsky, foi simplesmente enganado.

Numa conversa pessoal com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Áustria-Hungria, Erenthal, Izvolsky concluiu um acordo de “cavalheiros”, segundo o qual a Áustria recebeu o direito de anexar a Bósnia e Herzegovina,

e para isso teve de apoiar a Rússia na questão de os estreitos. No entanto, tendo anexado a Bósnia e Herzegovina, a Áustria-Hungria nem sequer pensou em cumprir as suas obrigações.

A política frívola de Izvolsky tornou-se uma das principais razões que causaram a crise dos Balcãs de 1908-1909. A Sérvia, que considerava estas áreas como suas (uma vez que eram em grande parte habitadas por sérvios), começou a preparar-se para a guerra e recorreu à Rússia em busca de ajuda. No entanto, nenhum dos aliados do futuro bloco da Entente apoiou a Rússia, pois temiam fortalecer as posições russas nos Balcãs. Então a Sérvia abandonou a guerra, mas uma união pacífica. Mas esta foi uma distorção deliberada da verdade. Com efeito, em ambos, em geral, ele se aproximou dela, como mostraram os acontecimentos futuros de 1914.

Os interesses nacionais da Rússia na questão dos estreitos do Bósforo e dos Dardanelos e na passagem de navios de guerra russos foram constantemente utilizados pelos países ocidentais como meio de influência na resolução de questões de política externa a seu favor. Nas negociações russo-inglesas sobre a delimitação de esferas de influência em 1907, o lado inglês prometeu não oficialmente a Izvolsky apoiar a Rússia em uma solução positiva para a questão do direito de passagem dos navios de guerra russos através do Bósforo e dos Dardanelos, e obteve dele um acordo humilhante para a Rússia comunicar com o governo do Afeganistão apenas através do governo inglês.

O Afeganistão, localizado nas fronteiras da Rússia, tornou-se um estado vassalo, na verdade uma colônia da Inglaterra, bem como sua base militar próxima à Rússia. Uma parte significativa do Irão, excepto uma pequena zona de "influência predominantemente russa", encontra-se numa situação semelhante. A natureza negativa do tratado russo-britânico de 1907 foi também o facto de ter sido secretamente dirigido contra a Alemanha, forçando-a a intensificar ainda mais as suas actividades hostis contra a Rússia.

Apesar do óbvio fortalecimento da posição da Rússia no Extremo Oriente em 1907-1910, o Ministério dos Negócios Estrangeiros russo continuou a perder terreno a favor do Japão. Em 1907, A.P. Izvolsky concluiu um acordo russo-japonês, que, em essência, transferiu a Coreia para a esfera de interesses do Japão em troca do reconhecimento do Japão da Mongólia externa como uma esfera de "interesses especiais" da Rússia (no entanto, esta última já era uma tradição de longa data). Em 1910, este acordo assumiu formas ainda mais definidas, significando o consentimento da Rússia à

anexação da Coreia pelo Japão que se seguiu no mesmo ano, o que aumentou drasticamente a presença militar deste último na região.

Outra tentativa de aproximar a Rússia e a Alemanha foi feita durante o encontro entre Nicolau II e Guilherme II em Potsdam, de 22 a 23 de outubro de 1910. Durante as negociações, foram levantadas questões sobre um acordo ao abrigo do qual a Alemanha se comprometeria a não apoiar a política agressiva da Áustria-Hungria nos Balcãs, e a Rússia não apoiaria a Inglaterra nos seus actos hostis contra a Alemanha.

Após estas negociações, o chanceler alemão Bethmann-Hollweg chegou a fazer uma declaração no Reichstag de que já tinha sido alcançado um acordo em Potsdam sobre a não participação mútua da Rússia e da Alemanha em combinações políticas hostis entre si. É claro que tal acordo seria favorável para a Rússia, uma vez que lhe permitiria prosseguir uma política mais decisiva de apoio aos eslavos nos Balcãs, bem como assegurar a cooperação pacífica com a Alemanha. Quanto à questão dos estreitos, a sua solução seria mais realista nas condições de enfraquecimento da Inglaterra (em consequência do seu confronto com a Alemanha). Pelo contrário, a aliança entre a Rússia e a Inglaterra fortaleceu apenas esta última, sem dar nada à Rússia.

Um alvoroço inimaginável surgiu imediatamente na imprensa da Inglaterra e da França. Os círculos oficiais destes países ficaram seriamente alarmados.

Eles viam o acordo político geral entre a Rússia e a Alemanha como uma ameaça à segurança dos seus países e das suas colónias. A reaproximação entre a Rússia e a Alemanha é interpretada de forma provocativa como a recusa de Nicolau II do pacto do seu pai de reaproximação com a França. Mas Alexandre II firmou uma aliança com a França com base na situação específica da política externa, mas agora mudou drasticamente. A França e a Inglaterra aumentavam o seu potencial militar para acertar contas com a Alemanha. Um protesto contra as negociações russo-alemãs está sendo elaborado no apartamento do maçom P. Ryabushinsky. A posição cautelosa da Rússia em relação a ambos os lados opostos estava mais de acordo com os interesses russos. No entanto, a orientação liberal-maçónica do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo levou mais uma vez a ignorar os interesses nacionais da Rússia. O Ministro Sazonov rejeitou o acordo político geral proposto pela Alemanha.

Capítulo 11

Origens da Primeira Guerra Mundial. — O Grande Oriente da França e os sentimentos anti-alemães. — Fortalecimento da Russofobia. — Crise dos Balcãs. - A política dupla da França e da Inglaterra. — Preparação para a guerra. -Zemgor. — Os comitês militares-industriais são sua liderança maçônica. - Loja Maçônica Militar. — Campanha difamatória contra o governo. — Maçons contra Myasoedov e Sukhomlinov.

A origem da Primeira Guerra Mundial está escondida nas características fundamentais da civilização ocidental, no seu desejo de governar o mundo inteiro. A Rússia nesta guerra estava destinada a desempenhar o papel de vítima e bucha de canhão. O conflito anglo-alemão e franco-alemão, que se transformou na Primeira Guerra Mundial, foi um confronto entre dois predadores pelo direito de explorar os recursos de outros países. Neste conflito, a Rússia não tinha interesses nacionais próprios. Seu envolvimento na guerra ocorreu sob a influência de duas forças anti-russas - a Maçonaria mundial associada à Ordem do Grande Oriente da França e círculos agressivos na Áustria e na Alemanha, planejando tomar as terras da Pequena Rússia, Bielorrússia, Polonesa e Báltica. .

Como já observamos, as lojas maçônicas russas, que incluíam a parte predominante da liderança da Duma de Estado e do Conselho de Estado, a mídia, os partidos políticos, bem como um número considerável de altos funcionários do aparato estatal (inclusive no política externa e departamentos militares), pertenciam principalmente à Ordem do Grande Oriente da França. Sendo ramos desta ordem, as lojas russas eram obrigadas a observar o juramento maçônico e a disciplina dada por elas na entrada. Isto é afirmado, em particular, nas memórias do diplomata inglês B. Lockhart. Ele escreve sobre as verdadeiras razões que estimularam esta guerra: ligações com os maçons da França e da Inglaterra e o juramento maçônico [184] .

Basta dizer que no início da Primeira Guerra Mundial, o chefe do governo francês era o maçom R. Viviani, e o comandante-chefe das forças armadas era o maçom J. Joffre.

Na Inglaterra, o ministro da guerra era o maçom Lord Kitchener, o ministro da Marinha era o maçom W. Churchill e o comandante-chefe era o maçom D. Haig.

Desde 1905, a imprensa liberal-maçónica tem alimentado intensamente o sentimento anti-alemão na sociedade. A opinião pública é formada unilateralmente, num espírito de hostilidade para com a Alemanha e de

amizade com a França e a Inglaterra. Foi criada uma barreira nas relações entre a Rússia e a Alemanha, tornando impossível a reaproximação e a união das duas monarquias europeias.

O Grande Oriente da França não estava preocupado apenas com o problema da “vingança contra a Alemanha” ou com o apoio dos irmãos maçónicos em Inglaterra; o fortalecimento do Estado russo e o aumento do seu papel no mundo eslavo não causaram menos preocupação por trás do cenas. Em 1908-1910, congressos pan-eslavos foram realizados em Sófia e Praga e, em 1912, surgiu uma união de povos eslavos nos Balcãs, que, em conjunto com a Rússia, poderia transformar-se numa força formidável.

Na questão da unidade eslava, todo o mundo ocidental assumiu uma posição fortemente negativa. Aqui convergiram os interesses de todos os lados opostos. Após a vitória dos estados eslavos e da Grécia sobre a Turquia na Guerra dos Balcãs de 1912-1913, a Áustria-Hungria deixou claro à Sérvia que não lhe permitiria o acesso ao mar. O acesso da Sérvia ao Adriático enfraqueceria a sua dependência económica da Áustria e encorajaria os povos eslavos que vivem no seu território a lutar pela independência. A Áustria-Hungria anunciou a mobilização do seu exército e exigiu que a Sérvia retirasse as suas tropas da costa do Adriático.

A Primeira Guerra Mundial poderia ter começado em 1912, uma vez que a Alemanha apoiava a Áustria-Hungria e a Sérvia tradicionalmente dependia da ajuda russa. As tropas austríacas começaram a concentrar-se perto das fronteiras russas. A Rússia também realizou uma mobilização parcial.

Um defensor da guerra foi o Grão-Duque Nikolai Nikolaevich, em cujo círculo íntimo havia maçons famosos. Conseguiu convencer o czar a assinar o decreto sobre a mobilização geral, foram preparados comboios militares e ambulâncias, mas o Conselho de Ministros não apoiou esta provocação e, em fevereiro de 1913, a própria direção da Duma do Estado, refletindo a opinião do clandestino liberal-maçônico, apelou ao czar com um apelo para intervir na guerra dos Balcãs. No entanto, o czar discordou veementemente [185]. Sobre a questão da atitude em relação ao inimigo histórico no sul da Rússia - a Turquia - as posições dos países ocidentais foram unânimes numa coisa: não permitir que os russos saíssem livremente do Mar Negro, bloquear os estreitos do Mar Negro para a Rússia. A Alemanha, com a ajuda dos seus instrutores e oficiais, está a preparar o exército turco (tal como preparou o exército japonês antes da Guerra Russo-Japonesa). A França e a Inglaterra, embora consideradas aliadas da Rússia, não apoiaram o seu simples desejo de ter uma saída livre do Mar Negro. A

França e a Inglaterra, através da sua diplomacia, agravaram deliberadamente as relações entre a Rússia e os seus vizinhos mais próximos no Ocidente. Na verdade, os aliados da Entente provocaram deliberadamente a agressão alemã contra a Rússia.

Durante as operações militares, o exército russo enfrentou grandes dificuldades no fornecimento de armas e equipamentos às tropas. Além dos planos de mobilização subestimados e dos baixos padrões de fornecimento de armas e munições, as chamadas "organizações públicas" também desempenharam um grande papel na criação destas dificuldades, assumindo algumas das funções de abastecimento do exército, mas na verdade enfrentando-as. com eles mal. Essas "organizações públicas" incluíam Zemgor e os Comités Militares-Industriais, que se tornaram centros de conspiração maçónica antigovernamental, fontes das mais vergonhosas intrigas políticas, abusos e fraudes.

Zemgor era chefiado pelo maçom Príncipe G. E. Lvov (seu braço direito era o maçom V. V. Vyrubov), o Comitê Industrial Militar Central era chefiado pelos maçons A. I. Guchkov e A. I. Konovalov, o Comitê Industrial Militar de Moscou era chefiado pelo maçom P. P. Ryabushinsky.

Zemgor foi precedido pela União Zemstvo Pan-Russa para Assistência aos Soldados Doentes e Feridos, que foi criada num congresso de zemstvos provinciais autorizados como "uma instituição auxiliar para o departamento sanitário militar fora do exército ativo".

Porém, na sequência da organização de enfermarias, comboios de ambulâncias e destacamentos médicos e nutricionais avançados, as atividades da União começaram a estender-se ao exército ativo. As autoridades militares envolvem a União na execução de uma grande variedade de tarefas. Novas empresas estão surgindo uma após a outra. O sindicato atua na construção de "palcos" com pontos médicos e nutricionais, banhos e lavanderias.

O sindicato organiza refeições para mais de 300 mil trabalhadores envolvidos na construção de instalações militares. Surge uma enorme economia com unidades e pontos de epidemia, vacinação, banhos, desinfecção, laboratórios bacteriológicos, diversos armazéns com transporte próprio, oficinas e garagens.

A União Zemstvo logo recebeu o direito de abastecer o exército, primeiro apenas com agasalhos e tendas, e depois com equipamentos de combate [186] .

A questão do abastecimento do exército torna-se, na sua essência, a função principal da União Zemstvo, para cuja implementação se une à União Pan-Russa das Cidades, criando o monstro organizacional Zemgor, chefiado pelo mesmo maçom G. E. Lvov.

Em setembro de 1915, surgiu o Comitê Principal para o Abastecimento do Exército dos Zemstvo e Sindicatos Municipais de toda a Rússia, e comitês regionais, provinciais, distritais e municipais foram estabelecidos localmente.

O Comitê Central ganhou grande poder em suas mãos, pois operava com enormes recursos financeiros que não pertenciam a órgãos públicos, mas ao Estado. Ele aceitou e distribuiu encomendas do departamento militar de armas, equipamentos e alimentos para o exército.

O comitê recebeu do tesouro todos os recursos para suas atividades e os distribuiu entre os comitês locais. À custa do público, Zemgor reforçou a sua influência no ambiente empresarial e de trabalho, cumprindo ordens militares a seu critério, realizando transações e contratos de grandes somas e longos períodos de tempo, adquirindo propriedades e mantendo numerosos quadros de funcionários.

Transferir grandes fundos estatais para as mãos de Zemgor e do complexo militar-industrial, que desde o início teve uma mentalidade revolucionária, foi um grande erro do governo, porque com fundos estatais havia organizações que em muitos aspectos já não levavam em conta o governo e realizou o trabalho a seu critério, muitas vezes sem sequer coordená-lo com as instituições governamentais. Milhares de funcionários trabalhavam dentro de Zemgor, que até tinham um uniforme especial e eram coloquialmente chamados de zemgusars (na maioria das vezes eram pessoas que evitavam o serviço militar).

Os círculos liberais-maçônicos anunciaram descaradamente e descaradamente as atividades de Zemgor de todas as maneiras. O principal é que tentaram incutir a ideia de que todo o trabalho de abastecimento do exército é feito pelo "público", e o governo não faz nada, apenas atrapalha. "Este enorme trabalho", disse o prefeito de Moscou, o maçom Chelnokov, em março de 1916, "a União teve que assumir porque desde os primeiros momentos da guerra o governo revelou-se completamente insolvente. Não tendo preparado nada, no entanto, exibiu atividades prejudiciais a cada passo, interferindo no trabalho das organizações públicas." No entanto, isso foi uma mentira descarada.

O “público” quase não concedeu fundos próprios, existindo exclusivamente com fundos governamentais.

Falando sobre o chefe de Zemgor, G. E. Lvov, o ministro do czar, A. V. Krivoshein, escreveu com ironia que ele “está na verdade quase se tornando o presidente de algum governo especial. Na frente só falam dele, ele é o salvador da situação, abastece o exército, alimenta os famintos, trata os enfermos, arruma cabeleireiro para os soldados, enfim, é uma espécie de Mur e Mereliz onipresentes ” [187 [1] . Assim, a imagem positiva de G. E. Lvov não foi criada merecidamente.

Após a revolução, muitas figuras de Zemgor e do complexo militar-industrial admitiram que havia muitas deficiências e confusões nestas organizações. Um dos líderes de Zemgor, o príncipe S.E. Trubetskoy, notou o trabalho insatisfatório de Zemgor, capaz de ser uma organização auxiliar, mas incapaz de lidar com as tarefas globais de abastecimento do exército, que ele assumiu, teimosamente afastando deles as organizações estatais como “completamente incapaz.” Sim, as organizações estatais, acreditava Trubetskoy, não estavam à altura da tarefa de resolver os problemas mais difíceis que enfrentava. Mas o grau da sua incapacidade foi certamente exagerado pelo “público narcisista”. O trabalho dos órgãos governamentais, numa atmosfera de críticas indelicadas e de desconfiança, foi significativamente prejudicado. "Errado, que as organizações públicas durante a guerra supostamente “passaram no exame estadual”. ...Os métodos de trabalho adequados para organizações auxiliares são muitas vezes inadequados para agências governamentais. Nosso público se recusou teimosamente a entender isso.” [188] .

A experiência da guerra sugeria que era necessário reforçar todas as funções do poder estatal, nacionalizar e até militarizar muitas funções de serviço e abastecimento do exército. No entanto, o “público” respondeu às tentativas de fortalecer o Estado com gritos de acusações de abuso de poder. A justificação para as tentativas dos organismos estatais de assumirem o controlo da despesa de fundos públicos por organizações públicas foi recebida com acusações de perseguição do público e, muitas vezes, os abusos e fraudes flagrantes foram simplesmente encobertos.

O líder de Zemgor, o futuro chefe do Governo Provisório, o Príncipe Maçom G. E. Lvov, era uma pessoa bastante medíocre e não era de forma alguma adequado para organizar assuntos de Estado em grande escala. O príncipe S.E. Trubetskoy, que o conhecia bem por meio de seu trabalho social, notou sua mente bastante primitiva e cultura superficial. “Ele era definitiva e

completamente inadequado para os cargos mais altos. Sua “destreza” e capacidade de jogar poeira nos olhos das pessoas, entretanto, permitiram que ele subisse acima de seu nível normal. Ao mesmo tempo, o Príncipe Lvov mostrou uma tenacidade completamente não aristocrática e até mesmo anti-aristocrática em alcançar uma nova posição e em mantê-la em suas mãos” [189] . Sendo muito mesquinho e mesquinho em questões financeiras pessoais, ele era extremamente esbanjador quando se tratava do tesouro do estado. Como chefe de Zemgor, ficou famoso por sua extravagância monstruosa, declarando: “Quando se trata de exército, as despesas não têm papel”, gastando irracionalmente os recursos que lhe foram atribuídos, que muitas vezes se tornaram objeto de lucro para aqueles que o rodeavam.

Muitos outros líderes importantes de Zemgor eram iguais a Lvov. À frente do Comitê Zemgor da Frente Noroeste estava V. V. Vyrubov, também maçom, parente distante do príncipe G. E. Lvov, seu grande favorito e amigo de Kerensky. “Como organizador, Vyrubov era do mesmo tipo que o príncipe Lvov, mas Vyrubov tinha as deficiências de Lvov como se estivessem sob uma lupa. O próprio príncipe Lvov falou mais de uma vez sobre essas deficiências de Vyrubov. Vyrubov literalmente desperdiçou o governo e o dinheiro público; este aspecto da questão não lhe interessava em nada, e ele até parecia estar flertando com seu desprezo pela questão do custo desta ou daquela empresa” [190 [] .

“O principal é começar um negócio”, ensinou Vyrubov a seus funcionários; se você bagunçar alguma coisa, não importa!” Se o assunto fosse bem-sucedido, então seu mérito seria atribuído a Zemgor e seus líderes, caso contrário, seria explicado pelas maquinações do governo. “O lançamento descontrolado de dinheiro e as compras sem levar em conta quaisquer preços”, escreveu S. E. Trubetskoy, “criaram grandes tentações para outras almas fracas. Por outro lado, os empreiteiros, pressentindo a possibilidade de lucros enormes, tentaram alguns dos funcionários das aquisições com subornos.” Trubetskoy falou muito suavemente sobre os abusos, mas, na verdade, o suborno e a fraude floresceram em Zemgora.

Deve-se notar que as relações entre Zemgor e o Comitê Militar-Industrial não foram nada tranquilas. Houve uma luta interminável entre essas organizações para receber o dinheiro do governo alocado a essas organizações públicas para atender às necessidades da frente. Houve períodos em que Zemgor se recusou a trabalhar em conjunto com os Comités Militar-Industriais [191] , e as relações entre Lvov, Guchkov e Ryabushinsky foram muito frias e por vezes francamente hostis. Todos lutaram pelo

primeiro lugar, por uma grande fatia de fundos governamentais e encomendas lucrativas. A severidade da luta não poderia nem mesmo ser enfraquecida pelo "gabinete" de distribuição de encomendas, que incluía representantes destas organizações públicas.

Durante os anos de guerra, a Loja Militar, criada o mais tardar em 1909 em São Petersburgo e chefiada pelo chefe do Comitê de Assuntos Militares da Duma, A. I. Guchkov, intensificou suas atividades. Seu modelo foram as lojas militares francesas, cujas atividades se tornaram amplamente conhecidas devido ao escândalo dos "peixes", como eram chamadas as fichas dossiês dos oficiais do exército francês. O dossiê foi compilado pelas lojas maçônicas do exército e entregue aos "irmãos" que serviam no Ministério da Guerra, onde, com sua contribuição, a liderança militar, com base nesses "peixes", decidiu o destino do oficiais.

O escândalo mostrou em que rede de denúncias, rumores e intrigas baixas o exército francês estava enredado. Acontece que no início de 1903, o capitão maçom Pasnier organizou a associação maçônica "Solidariedade Militar", que tinha como objetivo trabalhar pela "democratização" do exército. Os membros da associação foram incumbidos do dever de monitorizar os seus colegas de serviço que não pertenciam à Maçonaria e que gozavam da reputação de reaccionários entre esta última, e de reportar todas as suas acções a um gabinete especial sob o Grande Oriente de França, que coletou e classificou essas denúncias. Os maçons registravam nos cartões todas as informações sobre os oficiais e atribuíam-lhes classificações: "clérigo", "clérigo louco", "reacionário", "manda os filhos aos monges", "acompanha a esposa à missa" e outros "crimes". "do ponto de vista do maçom. Uma organização semelhante foi criada e chefiada por A.I. Gutchkov. Incluía vários líderes militares proeminentes do exército russo, com quem Guchkov teve contato direto durante seu trabalho no comitê militar da Duma. A Loja Militar consistia no Ministro da Guerra Polivanov, Chefe do Estado-Maior Russo Alekseev, representantes dos mais altos generais - Generais Ruzsky, Gurko, Krymov, Kuzmin-Karavaev, Teplov, Almirante Verderevsky e oficiais - Samarin, Golovin, Polkovnikov, Manikovsky e vários outros militares proeminentes.

É bastante natural que muitas decisões militares em que participaram membros desta loja maçónica tenham sido tomadas tendo em conta algum tipo de directiva secreta colectiva e quase sempre a favor dos aliados e, portanto, em detrimento dos interesses nacionais da Rússia.

O apoio dos aliados não significava de forma alguma que os maçons russos obedecessem apenas à carta da irmandade em tudo. Durante a guerra, foi estabelecida uma ligação estreita entre alguns maçons e a inteligência alemã, reflectindo a sua rara impureza moral.

Assim, o famoso cadete maçom Príncipe Bebutov passou toda a guerra na Alemanha e só regressou à Rússia em Agosto de 1916, e depois descobriu-se que ele era um agente alemão [192] [e] também participou em várias maquinações obscuras. A inteligência militar russa estabeleceu que Bebutov "a convite dos judeus esteve à frente de uma sociedade em benefício dos súditos russos que permaneceram na Alemanha após a declaração de guerra. Ao lidar com este assunto, o Príncipe Bebutov, juntamente com o judeu alemão Kahn e o judeu russo Vyaznensky, cometeram uma série de abusos, tais como: distribuição injusta de benefícios, concedendo-os apenas aos judeus, gastando dinheiro de caridade em folia, etc." [193] O social-democrata maçom N. D. Sokolov era amigo de um proeminente leninista e agente pago da inteligência alemã, M. Yu. Kozlovsky [194], condenado por transferir "dinheiro sujo" para Lenin.

Para desviar a atenção dos verdadeiros culpados da derrota do exército russo, a resistência liberal-maçônica usa uma técnica comprovada - uma campanha de calúnia contra o governo, tentando transferir completamente a culpa para ele.

A derrota não foi culpa do governo. Nos anos anteriores à guerra, fez todo o possível para construir a defesa nacional. Outra questão é que passou muito pouco tempo desde a guerra japonesa e a primeira revolução anti-russa, que deixou cicatrizes sangrentas no corpo da Pátria. A Rússia forneceu-se de quase tudo o que é necessário para a defesa. A assistência aliada em armamentos foi insignificante. Não é culpa do governo russo que, num período tão curto de tempo após as grandes convulsões, devido a condições objectivas, simplesmente não tenha tido tempo de criar o mesmo stock de armas que a Alemanha, que se preparava antecipadamente para uma grande guerra com quase o mundo inteiro. A fome de cartuchos no exército russo, sobre a qual a imprensa liberal-maçônica e de esquerda tanto escreveu, não surgiu imediatamente, mas como resultado de batalhas brutais e de meses de duração, quando o exército russo realmente lutou por si mesmo e para seus aliados, que conseguiu evitar as hostilidades ativas durante um ano e meio, do final de 1914 a fevereiro de 1916. Se os próprios Aliados se tivessem encontrado numa situação semelhante, o resultado teria sido o mesmo.

A campanha contra o governo começou de longe - com a invenção de um caso contra o coronel Myasoedov, cujo objetivo final era desacreditar o ministro da Guerra Sukhomlinov, que mantinha relações amistosas com o coronel. A figura principal aqui foi o maçom A. I. Guchkov, especialista nesses assuntos. O primeiro conflito de Guchkov com o coronel Myasoedov ocorreu antes da guerra, quando o chefe da loja militar maçônica acusou caluniosamente Myasoedov de espionagem, foi desafiado para um duelo por isso e foi forçado a pedir desculpas por sua calúnia. O Coronel Myasoedov foi um dos líderes do serviço militar na luta contra o movimento revolucionário no exército e, segundo algumas fontes, encontrou o trabalho subversivo de Guchkov no "campo" da loja militar maçónica. A campanha lançada pela imprensa liberal-maçônica contra o coronel testemunhou que que ele feriu os interesses sérios de alguém. Como resultado do escândalo e do duelo, Myasoedov foi destituído do cargo e, por algum motivo, o próprio serviço foi abolido. Talvez fosse disso que os conspiradores maçônicos precisavam.

A segunda ação no caso Myasoedov ocorreu no início de 1915, quando, após a calúnia de um certo "agente alemão" (embora não esteja claro se existia algum?), o coronel foi preso sob a acusação de espionagem e apressadamente executado duas semanas depois. No centro da falsificação estavam o mesmo Guchkov e outro maçom, V.F. Dzhunkovsky, Vice-(Camarada) Ministro de Assuntos Internos, chefe do corpo de gendarmaria, chefe da contra-espionagem civil. Foi Dzhunkovsky quem fabricou o caso e depois o entregou às autoridades militares da Frente Noroeste para "execução". Pessoas próximas do caso notaram que ele não continha um único fato, nem um único caso de transferência de informação ao inimigo, e nem mesmo uma única data específica, e tudo dava a "impressão de manipulação", "falsificação grosseira "[195 [1]. O pano de fundo dos acontecimentos ficou claro imediatamente após a execução de Myasoedov, quando rumores sobre a ligação de Myasoedov com o Ministro da Guerra Sukhomlinov, que supostamente também estava envolvido em traição, começaram a se espalhar deliberadamente por toda a Rússia. O Grão-Duque Nikolai Nikolaevich participou ativamente na intriga contra Sukhomlinov, que procurava fazer do Ministro da Guerra um bode expiatório por seus erros estratégicos e indulgência criminosa no assédio aos aliados. Uma campanha de acusações infundadas de traição, traição, espionagem e suborno está sendo travada contra Sukhomlinov. Durante a investigação, nenhuma das acusações foi confirmada, mas em junho de 1915, o Ministro da Guerra foi

destituído do cargo e posteriormente preso em uma fortaleza. O nome Sukhomlinov era um nome familiar na propaganda antigovernamental.

A nova campanha caluniosa contra Rasputin, o chamado caso de folia no restaurante Yar, em Moscou, também teve caráter antigovernamental e anticzarista. Alegadamente, durante esta folia, o "vergonhosamente bêbado" Rasputin declarou a sua intimidade física com a czarina. Como se viu durante a investigação, o caso foi fabricado sob a direção do maçom VF Dzhunkovsky, e de forma muito grosseira ("os perpetradores" nem se preocuparam em selecionar testemunhas falsas), e foi baseado no depoimento escrito de um policial de Moscou chefe subordinado a Dzhunkovsky, e feito um mês depois dos eventos, nos quais Rasputin supostamente participou. A resistência liberal-maçónica atribuiu grande importância a esta campanha para desacreditar o Czar. Tendo recebido os resultados da investigação, o czar removeu imediatamente Dzhunkovsky de todos os cargos.

Capítulo 12

As forças motrizes da segunda revolução anti-russa. Mundo nos bastidores. — Maçonaria Russa.

As forças motrizes da segunda revolução anti-russa foram a Maçonaria mundial, a resistência liberal-maçónica russa, bem como os círculos socialistas e nacionalistas (principalmente judaicos), que estiveram activos durante a guerra com dinheiro dos serviços de inteligência alemães e austríacos, também como centros internacionais anti-russos.

A Maçonaria Mundial deu um tom à revolução, santificou-a com a sua autoridade e, quando necessário, alocou dinheiro. As tropas desta revolução eram membros de partidos socialistas e nacionalistas, alimentados por dinheiro alemão. Mas a sua sede e grupo de reflexão reais, embora tácitos, era o movimento clandestino liberal-maçónico, que estabeleceu como objectivo a derrubada do sistema político existente e a decomposição da Igreja Ortodoxa. No seu círculo, os maçons russos não esconderam isto, considerando a organização maçónica como "um centro para reunir forças revolucionárias (leia-se subversivas anti-russas)". Em 1915-1916, foram preparados relatórios nas lojas maçônicas sobre o tema "Sobre o papel da Maçonaria na luta revolucionária". Secretário do Conselho Supremo dos Maçons Russos A. Ya. [196] .

A Maçonaria Mundial estava principalmente preocupada com o planeado fortalecimento da Rússia como resultado do seu papel decisivo na vitória sobre o bloco alemão. Nessa altura, a Rússia tinha um enorme potencial militar e económico, excedendo significativamente as capacidades dos seus aliados. O fim vitorioso da guerra, claramente esperado para o verão de 1917, significou que a Rússia adquiriu um papel especial tanto na Europa como no mundo em geral. Como resultado da guerra, as terras históricas russas que anteriormente pertenciam à Áustria-Hungria deveriam ter-lhe sido transferidas; teria estabelecido o seu controlo sobre os Balcãs e a Roménia. A Alemanha perdeu as terras polacas, que se uniram ao Reino da Polónia num único estado independente sob o cetro do czar russo e, finalmente, Constantinopla e os estreitos tornaram-se russos - um ponto estratégico de influência no Médio Oriente e no Mediterrâneo. Este fortalecimento da Rússia não convinha aos seus aliados. Uma Rússia forte e justa tornou-se um travão à política colonial inglesa na Ásia e, sobretudo, no Médio Oriente. A França considerava os Balcãs a sua esfera de influência e, além disso, tinha interesses próprios no Médio Oriente e na Ásia.

Em geral, nem a França nem a Inglaterra queriam permitir que a Rússia reorganizasse o mundo numa base justa. O livro do pesquisador francês da Maçonaria S. Hutin fala sobre um congresso maçônico durante a guerra, para o qual “a Rússia não enviou delegados ou, mais precisamente, não foi convidada”. Aí discutiu-se o futuro, relacionado com o fim da guerra, a vitória da França e a reconstrução do mundo: foram levantadas questões sobre a Alsácia e a Lorena, a Ístria, Trieste, o Adriático Oriental, Schleswig-Holstein, a Polónia, a Arménia e o terras coloniais da Alemanha. “É absolutamente claro”, observa S. Uten, “que os aliados não pretendiam que a Rússia desempenhasse qualquer papel na reconstrução do mundo” [197] .

Observando o papel dos aliados da Rússia na revolução, o General Ludendorff escreveu: “O Czar foi derrubado por uma revolução favorecida pela Entente. As razões do apoio da Entente à revolução não são claras. Aparentemente, a Entente esperava que a revolução lhe trouxesse algumas vantagens" [198] . Muitos outros líderes militares alemães também pensaram o mesmo, vendo na Revolução de Fevereiro a mão dos britânicos, agindo através da Duma e de indivíduos. O general Spiridovich, em seu livro, apontou a relutância dos britânicos em permitir que a Rússia capturasse Constantinopla e os Dardanelos. O governo britânico estava confiante de que qualquer novo regime seria mais flexível nesta questão. Pouco antes de fevereiro de 1917, uma das figuras mais importantes da Maçonaria mundial, o banqueiro Lord Milner, Grande Supervisor da Grande Loja Maçônica da

Inglaterra, chegou a Petrogrado. O representante irlandês no Parlamento Britânico declarou sobre a missão secreta deste maçom de alto escalão: "...nossos líderes...enviaram Lord Milner a Petrogrado para preparar esta revolução, que destruiu a autocracia no país aliado" [199] .

As embaixadas da Inglaterra e da França tornaram-se locais de encontro de conspiradores maçônicos. Segundo fontes maçônicas, o embaixador britânico Buchanan teve uma reunião em janeiro de 1917, que contou com a presença do general Ruzsky. O plano para um golpe palaciano foi discutido lá, e até mesmo um dia foi marcado - 22 de fevereiro de 1917 [200] .

Em 1916-1917, o cadete-pedreiro AK Dzhivelegov tinha um "clube secreto" liderado pelo embaixador inglês D. Buchanan [201] .

O governo francês também esteve ao lado das forças subversivas. Isto resultou claramente de uma conversa entre o maçom russo Konovalov e o ministro francês, também maçom, Thomas. O ministro francês expressou a sua simpatia pelas forças representadas por Konovalov, declarando que o governo francês como um todo só agora começava a compreender adequadamente para que abismo o governo russo estava a conduzir tanto a Rússia como toda a causa Aliada [202] .

Os embaixadores da Inglaterra e da França em Petrogrado, D. Buchanan e M. Paleologue, apoiaram moralmente os líderes da conspiração contra o czar.

Guchkov admitiu mais tarde que foi obtido consentimento dos representantes dos Aliados para expulsar o czar da Rússia.

O trabalho subversivo das figuras que preparavam a derrubada do czar foi ativamente encorajado pelas potências ocidentais, muitas vezes até de forma demonstrativa. Miliukov, depois de um ultrajante discurso anti-Estado na Duma, onde, de facto, apelou à derrubada do czar, foi convidado pelo embaixador britânico Buchanan para jantar, levado no carro pessoal do embaixador para a embaixada, onde um banquete foi realizado em sua homenagem. O prefeito de Moscou, o maçom Chelnokov, também famoso por seus discursos antigovernamentais, recebeu a mais alta ordem estadual da Inglaterra, George - Michael. O ministro das Relações Exteriores suspenso, Sazonov, também recebeu os mais altos prêmios estaduais da Inglaterra. Conhecido pelos seus ataques contra o czar e pelos duros ataques anti-estatais o publicitário maçom A. Amfiteatrov estava sob o patrocínio do embaixador italiano [203] .

Na primavera de 1916, Miliukov visitou a Inglaterra, onde estabeleceu relações mais estreitas com os políticos ingleses e conseguiu o seu apoio na luta contra o governo russo legítimo.

Nesta viagem, ele tenta unir representantes dos parlamentares dos países da Entente em uma única organização supranacional, uma espécie de parlamento internacional, que com sua autoridade apoiaria a luta da resistência liberal-maçônica russa contra o governo russo [204 [1] .

Em 1916, os centros financeiros internacionais do mundo nos bastidores tornaram-se mais activos, o que, tal como em 1904-1905, abriu o financiamento generalizado de forças subversivas anti-russas. Em primeiro lugar, surgem novamente os nomes de Jacob Schiff, bem como de seus parentes e companheiros, os Warburgs, que eram, aparentemente, um elo de coordenação e transmissão no complexo mecanismo das organizações anti-russas mundiais.

Em 1917, a Maçonaria era a força política mais significativa, cujo grupo principal eram 28 lojas da Ordem Maçônica do Grande Oriente da França, que unia a maioria dos estadistas influentes da Rússia [205 [1] . O número total de lojas maçônicas ultrapassou 55. A maioria delas tinha de 15 a 20 pessoas.

Lojas maçônicas operavam em quase todas as principais cidades da Rússia - em Petrogrado, Moscou, Kiev, Riga, Samara, Saratov, Yekaterinburg, Kutaisi, Tiflis, Odessa, Minsk, Vitebsk, Vilna.

Mas o principal não estava na cobertura geográfica, mas na penetração dos representantes da Maçonaria em todos os centros governamentais, políticos e sociais vitais do país. Ocorreu um processo que os próprios maçons chamaram de “envolvimento do poder por pessoas que simpatizam com a Maçonaria”.

Os Grão-Duques Nikolai Mikhailovich, Alexander Mikhailovich, Nikolai Nikolaevich eram maçons; o Grão-Duque Dmitry Pavlovich colaborava constantemente com os maçons. O General Mosolov, chefe do gabinete do Ministro da Corte do Czar, era maçom. Segundo informações do ex-maçom suíço K. Heise, existia até uma Loja Grão-Ducal. Incluía os Grão-Duques Nikolai Nikolaevich, Dmitry Pavlovich, Alexander Mikhailovich, Andrei, Kirill e Boris Vladimirovich, bem como o Presidente da Duma Estatal M. Rodzianko e outros.[206] Entre os ministros czaristas e seus deputados havia [pelo] menos 8 membros das lojas maçônicas - Polivanov (Ministro da Guerra), Naumov (Ministro da Agricultura), Kutler e Bark (Ministério das

Finanças), Dzhunkovsky e Urusov (Ministério da Administração Interna), Fedorov (Ministério do Comércio e Indústria).

Mais de 40 maçons atuaram na Duma Estatal, até mesmo uma loja especial da Duma foi formada, chefiada por Efremov.

O secretário do Conselho Supremo dos Maçons Russos, N.V. Nekrasov, foi vice-presidente da Duma Estatal.

Os maçons Guchkov, Kovalevsky, Meller-Zakomelsky, Gurko e Polivanov fizeram parte do Conselho de Estado.

A traição penetrou nos departamentos militar e diplomático, grandes cargos ocupados por membros de lojas maçônicas.

À frente da administração da cidade de Moscou quase sempre havia maçons - os prefeitos Guchkov N.I. (irmão mais velho de Guchkov A.I.), Astrov, Chelnokov. Em Moscou, os maçons tinham até duas igrejas próprias [207] .

A Maçonaria também penetrou no ambiente de negócios na pessoa de Ryabushinsky e Konovalov.

A maioria dos meios de comunicação e editoras estavam sob o controle de lojas maçônicas (em particular, os jornais “Rússia”, “Manhã da Rússia”, “Birzhevye Vedomosti”, “Russo Vedomosti”, “Voz de Moscou”). Havia até uma Loja Literária, que incluía os escritores maçônicos Amfitheatrov, Nemirovich-Danchenko, Merezhkovsky e outros.

Em 1916, a Maçonaria Russa era chefiada por um Conselho Supremo de aproximadamente 15 pessoas. Comparado ao Conselho Supremo de 1907-1909, foi completamente renovado; dos ex-membros, apenas F.A. Golovin (cadete, presidente da Segunda Duma do Estado) foi incluído lá.

O secretário do novo Conselho era um cadete, vice-presidente da Duma de Estado N.V. Nekrasov, que num momento de revelação uma vez admitiu que o seu ideal era o “pai negro”, que “ninguém conhece, mas que faz tudo” [208 [1] . O Conselho, em particular, incluiu A. F. Kerensky (trabalhador socialista), N. K. Volkov (cadete), N. D. Sokolov (social-democrata), A. I. Konovalov (progressista), D. N. Grigorovich-Barsky (cadete), isto é, todos os principais anti -Os partidos russos dos cadetes e da esquerda estavam representados. O Secretário do Conselho foi o social-democrata A. Ya. Galpern.

A Maçonaria tornou-se uma força influente na sociedade. A maioria das pessoas comuns que de alguma forma foram forçadas a obedecê-lo, é claro,

nem conhecia esse nome, porque as atividades ilegais dos maçons aconteciam sob o teto de várias organizações legais, por exemplo, o Partido dos Cadetes ou o jornal " Vedomosti Russo", cuja liderança era quase inteiramente maçônica. Os maçons tornaram-se, por assim dizer, legisladores da vida social da intelectualidade e dos burocratas russos. Como escreveu um contemporâneo, "para ter sucesso, era preciso pertencer ao grupo Russkie Vedomosti ou ao partido dos Cadetes [209] .

A política de intriga maçônica era profundamente estranha ao povo russo. A relutância da maioria do povo russo comum em apoiar os protestos maçónicos contra o governo, especialmente no contexto da luta contra um inimigo externo, foi percebida por muitos maçons como "o elemento servil do povo russo". "Não posso, no entanto, esconder", disse o maçom Kiesewetter em uma das reuniões de cadetes em 23 de setembro de 1916, "que existe uma força no povo russo que leva ao desespero todos aqueles que lutam pelo progresso - esta é a força do ilimitado obediência e paciência maçantes! Agora estamos vendo isso de novo!" [210] As atividades das lojas maçônicas, devido à sua orientação específica, foram repetidamente abrangidas pelo artigo da lei russa sobre alta traição. Em primeiro lugar, em conexão com o desejo dos maçons de derrubar o sistema existente. Conforme observado pelo secretário do Conselho Supremo dos Maçons A. Ya. Galpern: "Muito característico do humor da esmagadora maioria das organizações era o ódio ao trono e ao monarca pessoalmente" [211] . O secretário do Conselho Supremo dos Maçons, Nekrasov, defendeu o caminho para a liquidação violenta da Autocracia [212] .

Em segundo lugar, a natureza traiçoeira dos maçons manifestou-se na sua atitude em relação à guerra travada pelo Estado russo contra o agressor alemão. Era dever dos maçons lutar com todas as suas forças para transformar a guerra numa revolução [213] .

Em terceiro lugar, a natureza da relação entre os maçons russos e a sua liderança estrangeira era uma expressão de alta traição.

À frente da Maçonaria mundial estava o Conselho Supremo Maçônico Mundial dos Veneráveis "Veneráveis" e "Sábios". Os representantes da Rússia neste Conselho não tinham o direito de votar de forma independente. Os "interesses" dos maçons russos foram representados neste Conselho pela delegação francesa. "Fazendo parte da delegação francesa, os maçons russos tiveram que coordenar suas ações com os franceses ao mais alto grau em questões de eleições para a mais alta autoridade, promoções, transferências e aprovações, apesar do fato de que os Veneráveis e Sábios

Russos continuassem a se considerar representantes do Conselho Supremo dos Povos da Rússia” [214] .

O Supremo Conselho Maçônico Mundial elegeu anualmente uma Convenção, ou seja, uma Assembleia Geral, para desenvolver políticas gerais, auditar as ações do Conselho Supremo, nomear novos mestres para altos cargos e vários procedimentos cerimoniais. “O Conselho Supremo Mundial influenciou – em anos diferentes com força variável – o curso da política mundial...” [215] Somente esta dependência da Maçonaria Russa das decisões de organismos estrangeiros, que na maioria das vezes não refletia os interesses da Rússia, tornou-a uma organização traiçoeira na sua forma mais pura. As assembleias maçónicas internacionais tomaram decisões que, de acordo com a Carta Maçónica, eram vinculativas, e os maçons russos, entre os quais, como vimos, estavam ministros, diplomatas, comandantes militares, membros do Conselho de Estado e da Duma de Estado, procuraram formas secretas de implementá-los.

Durante os anos de guerra, a construção ativa de lojas maçônicas continuou.

Em 1914–1915, a loja “St. Jordan” foi inaugurada em Odessa.

Mesmo na Frente Sudoeste, estão a ser criadas várias lojas com um centro na cidade de Berdichev [216] 4C, coordenando actividades subversivas na linha da frente.

Capítulo 13

Consolidação das forças anti-russas na Duma. — Bloqueio progressivo. "Gabinete de Defesa" maçônico. — Dissolução da Duma Estatal. Renúncia de ministros de duas caras. — Campanha antigovernamental. — Criando uma imagem do inimigo. — Fraude e corrupção em Zemgora e no complexo militar-industrial. — Criação do “movimento operário” maçônico. A posição derrotista dos maçons.

O início da preparação organizada para a segunda revolução anti-russa deveria ser datado em 9 de agosto de 1915, dia da formação do Bloco Progressista, criado por todos os partidos anti-russos entre os membros da Duma de Estado e do Conselho de Estado com o objectivo de retirar do poder o governo legítimo e formar um novo Conselho de Ministros, “dotado da confiança do país”, composto, como veremos mais adiante, exclusivamente pelos principais líderes da clandestinidade liberal-maçónica. Em geral, o Bloco Progressista incluía três quartos dos deputados da Duma de Estado e a maior parte do Conselho de Estado (Cadetes, Outubristas, Progressistas, Social-democratas, Trudoviks). Quase todos os líderes do Bloco Progressista

pertenciam a lojas maçônicas, o que significa que suas atividades eram dirigidas pelo Conselho Supremo dos Maçons Russos.

Tendo apresentado o slogan da criação de um Ministério da Confiança Pública, o Bloco Progressista começa a colocá-lo em prática com todas as suas forças. Dentro de quatro dias, o jornal do maçom P. P. Ryabushinsky, "Morning of Russia", publicou a possível composição do Gabinete de Defesa, o que agradaria à resistência liberal-maçônica. Do antigo governo, foi proposta a inclusão apenas do Ministro da Guerra, o maçom Polivanov, e do Ministro da Agricultura, A. V. Krivoshein, associados aos círculos maçônicos. Mas todo o Areópago do movimento clandestino liberal-maçônico estava representado nele: Guchkov, Konovalov, Milyukov, Maklakov, Rodzianko, Shingarev.

Como num passe de mágica, as propostas do Bloco Progressista foram apoiadas pela Duma da cidade de Moscou, Zemgor, Comitês Militares-Industriais e vários Dumas das cidades provinciais.

O Czar avaliou correctamente as actividades subversivas do Bloco Progressista e recusou-se a entrar em quaisquer negociações com ele [217] .

Ele afirmou claramente que só começaria a implementar todas as mudanças sociais urgentes depois de derrotar o inimigo. Para parar os debates políticos, o Czar, em 3 de Setembro, dissolveu a Duma de Estado durante quase seis meses e demitiu ministros inclinados a conspirar com o Bloco Progressista (S. D. Sazonov, A. D. Samarin, Príncipe N. B. Shcherbatov, A. V. Krivoshein e P. A. Kharitonov).

A dissolução da Duma de Estado após as diligências antigovernamentais do Bloco Progressista causou uma explosão de ódio contra o governo legítimo russo por parte da clandestinidade liberal-maçónica. No congresso da União Zemsky e da Cidade, liderado por maçons, em Moscou, insultos são lançados ao Soberano Russo. Mason V. Gurko, que participou da campanha caluniosa contra G. Rasputin e conhecia os reais antecedentes do assunto, declarou descaradamente: "Precisamos de poder com chicote, e não de poder que está sob o chicote" (implicando a influência de G. Rasputin, sobre quem os maçons conscientemente espalharam mentiras sobre sua pertença à seita Khlysty). Mason A. Shingarev fez um discurso no qual apelou essencialmente à transformação da guerra numa revolução. "Depois do trovão de Sebastopol, a escravidão russa caiu", inspirou este maçom, "depois da campanha japonesa, surgiram os primeiros rebentos da constituição russa. Esta guerra levará ao nascimento da liberdade do país em agonia e será libertado das velhas formas e autoridades." Nestas condições, a

clandestinidade maçónica está pronta para cometer um acto extremo de traição. A inteligência russa informa que P. Ryabushinsky, A. Konovalov e figuras semelhantes do Comitê Militar-Industrial de Moscou propõem anunciar ao governo “um ultimato para a aceitação imediata do programa do Bloco Progressista” e, em caso de recusa, para suspender as atividades de todas as instituições públicas ao serviço do exército.” [218] .

Ciente das actividades conspiratórias de “organizações públicas”, o governo russo proíbe o congresso dos Comités Militares-Industriais, Zemstvos e Cidades agendado para Novembro de 1915, que foi planeado como uma reunião de todas as forças da oposição com os direitos de quase a Assembleia Constituinte. A consciência do governo dos planos secretos do movimento clandestino liberal-maçônico embaraçou muito os conspiradores e, aparentemente, forçou-os naquele momento a abandonar a ação ativa imediata e a passar para uma espécie de cerco ao poder governamental. Para tal cerco, os conspiradores contavam com todos os meios e aparatos de implementadores necessários: uma imprensa controlada e muitos milhares de funcionários de “organizações públicas” - Zemgor e os Comitês Militares-Industriais, que estavam sob a liderança do Sinclite Maçônico.

Os métodos de cerco foram testados pela experiência secular da Maçonaria: mentiras e calúnias contra autoridades governamentais, ataques ao czar e ao seu círculo íntimo.

A agitação maçônica procura desmascarar na consciência popular a imagem do Czar como autoridade suprema, como a mais alta autoridade espiritual e moral do povo russo, como símbolo da Pátria e do Estado russo. Milhões de folhetos, brochuras e artigos de jornais foram lançados à massa do povo russo. Esta “literatura” apresentava o Czar como um bêbado e um libertino, incapaz de governar o Estado e que há muito entregara as rédeas do governo à sua esposa, que reinava sobre o país com o seu “amante” Grigory Rasputin. Os agitadores maçônicos relataram muitos detalhes vis e fictícios, supostamente da vida do czar e da família real, principalmente sobre as aventuras imaginárias de Grigory Rasputin, tendo conhecido os quais o russo comum concluiu: “Por que precisamos de tal czar ?” Foi distribuída “literatura” especial sobre o governo e seus membros individuais. Eles pareciam uma miséria completa, incapaz de resolver os problemas mais simples e muito menos de liderar o Estado. Eles falaram detalhadamente sobre seu suborno, conexões com alguns personagens obscuros e até mesmo espiões alemães.

Criando a imagem de um inimigo na pessoa do czar e do governo russo, a propaganda maçônica não economizou nos elogios e elogios aos méritos imaginários dos líderes das “organizações públicas”. Os verdadeiros “heróis” e lutadores pela causa da “liberdade e do progresso” foram os líderes da clandestinidade liberal-maçônica Guchkov, Milyukov, Kerensky, Lvov, Ryabushinsky, Konovalov e muitos outros inimigos do czar, do governo russo e da Rússia. pessoas.

Ao contrário das capitais de muitos outros países em guerra, a censura militar praticamente não existia em Petrogrado e Moscovo. Em Petrogrado, desde os primeiros dias da guerra, a censura preliminar não foi aplicada aos jornais. Em Moscovo, a censura militar não existia, uma vez que a cidade era considerada fora do âmbito das operações militares [219] . Como resultado, os jornais, especialmente os de Moscou, tornaram-se portadores de informações caluniosas que minaram a confiança no czar e no governo, especialmente porque os jornais mais famosos - “Russkoe Slovo”, “Russo Vedomosti”, “Morning of Russia” - eram dirigidos por editores maçônicos.

Um grande número de jornais estava sob o controle direto de judeus, a maioria dos quais compartilhava as idéias do underground liberal-maçônico - “Rech” e “Modern Word” (editores Gessen e Hanfman), “Den” (editor I. Kugel) , “Birzhevye Vedomosti” (editora Propper), "Petrograd Courier" (editora Notovich), "Kopeyka", "World Panorama" e "Sun of Russia" (editoras Katlovker, Kogan e Gorodetsky), "Judeus em Guerra" (editora " Sociedade de Judeus"), "Ogonyok" (editora Kugel), “Teatro e Arte” (editora Kugel) [220] .

Até mesmo algumas das publicações recentemente patrióticas caíram sob o controle da resistência maçônica por volta de 1915-1916. Em particular, o jornal “Novoye Vremya” passou essencialmente para as mãos de um maçom, o banqueiro vigarista D. Rubinstein, que comprou o controle acionário de suas ações. Os jornais Vechernee Vremya, Kolokol e parcialmente Svet mudaram sua orientação patriótica.

A resistência liberal-maçônica usou todas as formas possíveis de agitação anti-czarista e antigovernamental. Em 1915, para esse fim, foi criada a “Sociedade para a Promoção do Entretenimento Público”, chefiada pelo procurador Rosenfeld.

A sociedade, cujo número de membros chegava a 20 mil pessoas, estava empenhada em organizar excursões em massa na região de Moscou, durante as quais figuras da clandestinidade maçônica como Kerensky, Skobelev, Khaustov, Chkheidze e outros trabalharam com os excursionistas.

Mas, claro, os principais meios de actividades subversivas contra o czar e o governo foram as “organizações públicas”.

O poder de Zemgor cresceu. Em agosto de 1915, ele solicitou permissão para organizar esquadrões às custas dos fundos do tesouro de pessoas sujeitas ao recrutamento para o exército ativo. A permissão dos esquadrões de Zemgor causou um protesto geral das forças patrióticas. Telegramas de organizações monarquistas dirigidos aos altos funcionários do Estado notam a vergonhosa covardia dos “combatentes”, que assim evitam o serviço militar. Mas o mais importante é que se expressa o receio de que “estes esquadrões, de acordo com o sinal dado pelos líderes do sindicato, se transformem em destacamentos de polícia revolucionária na frente e no terreno...” [221 [1]. Os temores dos patriotas estavam corretos - os zemgusars tornaram-se uma ferramenta eficaz no trabalho antigovernamental dos conspiradores maçônicos. Tal como antes, os números de Zemgor apresentam descaradamente o governo como completamente incapaz de conduzir o trabalho de defesa, alegando falsamente que todo o trabalho real é realizado apenas pelas mãos de representantes de “organizações públicas”.

O exército recebeu atenção especial dos líderes de Zemgor, nos quais incutiram desrespeito à liderança suprema e minaram a disciplina militar.

Na segunda metade de 1915, o governo municipal das cidades provinciais ficou sob o controle de Zemgor. Resoluções de desconfiança no governo estão sendo ativamente divulgadas. A formação da opinião pública é realizada de acordo com um esquema comprovado. Os líderes do Comitê Principal dão um sinal e milhares de telegramas condenando as autoridades chegam das províncias ao centro [222] . Há uma manipulação vergonhosa da opinião pública.

Os patriotas russos observaram alarmados enquanto, devido à conivência das autoridades locais, os “Zemgusars” ganhavam cada vez mais força. Conforme observado na época, “as pessoas que se distinguiam localmente pela completa indiferença nacional vestiram subitamente uniformes paramilitares cáqui e tornaram-se quase donos da região. Judeus e poloneses, que permaneceram nas sombras antes do início das hostilidades, juntamente com o povo russo de uma certa cor política, preencheram “organizações públicas” e, administrando somas colossais de dinheiro do governo, acabaram no papel de ditadores de distritos e de todo províncias.” Os “Zemgusars” e todos os tipos de agentes de “organizações públicas” recebiam grandes salários e vários rendimentos adicionais e, no entanto, praticavam fraudes com fornecimentos. Em Kiev, um certo

Solomon Frankfurt, autorizado pelo Ministério da Agricultura a fornecer banha ao exército,

situação difícil e causou graves excessos. Zelman Kopel, agrônomo do distrito de Kiev zemstvo, por ordem deste último, poucas semanas antes do Natal, requisitou todo o açúcar destinado à população, como resultado, o povo ortodoxo ficou sem açúcar para o feriado, o que causou um explosão de indignação.

Existem muitos factos sobre o abuso de várias "organizações públicas" autorizadas que agiram praticamente sem controlo das autoridades legítimas. Como as testemunhas oculares observaram com razão, um grande número de factos foi registado no terreno, dando motivos para assumir a existência de uma tendência consciente entre as "organizações públicas" para perturbar a vida da retaguarda e criar uma atmosfera de descontentamento geral [223 [1] .

Nas localidades há demandas dos patriotas para coibir a extorsão de zemgusars e para enviar todos os homens aptos para o serviço ao exército, substituindo-os por mulheres. Porém, a influência de Zemgor já é tão grande que as autoridades, cansadas das intrigas dos seus dirigentes, recusam-se a contactá-lo, fortalecendo-o ainda mais.

No final de 1915, "organizações públicas" garantiram que uma parte significativa do fornecimento de alimentos a Petrogrado ficasse sob a jurisdição de uma comissão da Duma da cidade, dirigida pelos maçons Shingarev, Margulies e outros chamados renovacionistas. "combatentes corajosos pela democratização do governo municipal."

A Duma Municipal estava mais preocupada com a política do que com os negócios reais e, na verdade, apenas piorou a crise alimentar em Petrogrado. A Duma da cidade convidou para ajudar "agentes comissionados" privados, que, por um certo suborno, se comprometeram a viajar pela província em busca de comida. E descobriu-se que os produtos não eram comprados onde eram mais baratos, mas onde indicados pelos comissionistas, que muitas vezes conspiravam com vendedores de mercadorias que inflacionavam os preços. Além disso, eles não foram entregues antecipadamente e de forma barata, mas no pico da demanda a um preço caro. Pessoas inexperientes e não familiarizadas com a situação do mercado foram encarregadas do negócio alimentar, razão pela qual as mercadorias foram entregues a Petrogrado a preços inflacionados.

Em toda Petrogrado foram abertas lojas de alimentos da cidade, que supostamente deveriam abastecer a população com alimentos a preços razoáveis. No entanto, nada aconteceu neste assunto.

Os vendedores nas lojas da cidade enganavam os clientes da mesma forma que nas lojas privadas, vendendo mercadorias a preços acima do imposto, escondendo as melhores mercadorias para revenda e distribuição entre “os seus”. A polícia nota que estas “lojas tornaram-se um local conveniente para encontrar trabalho para bons amigos de membros do governo municipal: todo tipo de pessoas “insiders”, incapazes de qualquer tipo de trabalho, que não tinham recebido qualquer educação e que nada sabiam sobre contabilidade ou comércio, vincularam-se a essas lojas como contadores, gerentes, controladores, auditores, recebendo um salário substancial por um trabalho que ninguém precisa”.

Testemunhas oculares observam que a Duma da cidade e o governo da cidade estavam envolvidos nas intrigas mais básicas. “Essas intrigas expuseram à sociedade toda a baixeza dos partidos que lutavam pelo poder sobre a cidade, mostraram seu egoísmo, interesse próprio e falta de patriotismo; Acontece que também houve abusos na fazenda, sobre os quais começaram a falar muito alto nos últimos dias. O desperdício descontrolado de dinheiro da cidade, o nepotismo na nomeação de funcionários, a má gestão e a falta de supervisão sistemática levaram ao fato de que muitas pessoas aderiram ao bolo público apenas com o propósito de lucrar" [224 [1] .

Estão surgindo vários abusos graves. O engenheiro Grunwald, funcionário da comissão de combustíveis da Duma da cidade, não só ajudou a comprar carvão a um preço mais elevado do que os preços existentes, mas também esteve envolvido em extorsão. Agarrado pela mão, ele foi resgatado de problemas por AI Shingarev e Yu.N. Glebov [225] .

O mesmo maçom A. I. Shingarev e um grupo de seus associados assumiram a custódia de uma sociedade de compras atacadistas, que recebia bens de fundos públicos no valor de mais de 100 mil rublos, um empréstimo de 50 mil, etc.

Esta sociedade estava envolvida em fraude. Servindo cerca de 300 cooperativas de consumo, a sociedade vendia produtos acima dos preços estabelecidos e comprava bens não de empresas respeitáveis, mas de agentes comissionados e especuladores aleatórios. Shingarev e a empresa pressionaram pela atribuição de 1.750 mil rublos para esta empresa, aparentemente como um empréstimo para abastecer a população com produtos essenciais, mas na verdade para especulação. Um grande escândalo

foi causado pelo aluguel de 50 lojas de consumo por 6 anos para um certo Lesman, a quem foi prometido entrega prioritária de mercadorias, benefícios de transporte na cidade e retorno de 11% sobre o capital [226 [1]

Figuras de "organizações públicas" selecionaram fornecedores para o exército ativo entre pessoas com ideias semelhantes, que fizeram enormes fortunas com isso.

Relatórios policiais relatam que lojas de moda, joalherias e peleteiros nunca negociaram tão bem como durante a guerra: as lojas não têm pérolas, diamantes, peles e sedas suficientes para vender, embora os preços tenham aumentado incrivelmente; a mesma coisa é observada em supermercados e restaurantes individuais. Quem gastou tanto dinheiro? A polícia responde a esta pergunta: "Dois terços das faturas são escritas em nomes de engenheiros e fornecedores de suprimentos para o exército ativo" [227] e a maior parte de todos os suprimentos passou por Zemgor e pelos Comitês Militar-Industriais.

De particular importância para os líderes do movimento clandestino liberal-maçónico foram as tentativas de exercer controlo sobre o desenvolvimento do movimento operário. Isto foi feito de duas maneiras: através da criação de Conselhos de Deputados Operários controlados pelos Maçons e através da formação de grupos de trabalho sob os Comitês Militares-Industriais.

No verão de 1915, membro da Duma de Estado e do Conselho Supremo Maçônico, Kerensky fez uma série de viagens a cidades russas, principalmente ao longo da região do Volga, com o objetivo de formar nelas Sovietes de Deputados Operários, e realizar eleições secretas. a estes Sovietes foram realizados em muitas cidades [228 [1] . As atividades de Kerensky visavam destruir o sistema estatal existente. As agências de aplicação da lei chegam à conclusão de que é necessário tomar medidas decisivas contra Kerensky, incluindo a prisão, para interromper o seu trabalho de preparação da revolução, necessidade da qual ele não hesitou em falar.

Paralelamente à criação dos Conselhos de Deputados Operários, no outono de 1915, foram criados grupos de trabalho sob os Comitês Militar-Industriais Central e de Moscou, chefiados pelos maçons Guchkov, Ryabushinsky, Konovalov e Margulies (no entanto, também considerados como a primeira etapa para a criação de Conselhos de Deputados Operários). O grupo de trabalho do Comitê Central Militar-Industrial era chefiado por um membro do seu Conselho, também maçom, K. A. Gvozdev. O objectivo do trabalho

deste grupo era convocar o Congresso Trabalhista Pan-Russo e criar um movimento operário controlado pelos maçons.

Informantes policiais nos círculos de cadetes, aos quais pertencia a maior parte da liderança maçônica, notaram um clima crescente de derrotismo. Cada vez mais se ouve entre os cadetes a opinião de que a guerra foi importante para o Partido da Liberdade Popular apenas como um meio de gradualmente tomar em suas próprias mãos as funções governamentais mais vitais e principais. Agora ficou bastante claro que o partido não conseguiu implementar tais tarefas. Portanto, os cadetes podem ser muito indiferentes a novos sucessos e fracassos militares, uma vez que a vitória servirá a favor do governo czarista. E no caso de uma possível derrota, seria mais lucrativo para os cadetes eximirem-se antecipadamente de qualquer responsabilidade pelas consequências e resultados da derrota na frente.

Numa reunião do grupo académico do Partido dos Cadetes em Fevereiro de 1916, o membro do Conselho de Estado, o maçom D. D. Grimm declarou abertamente que “não há dúvida de que perdemos a guerra” [229 [1] .

Capítulo 14

As intenções dos maçons são liderar todos os movimentos sociais. Uma tentativa de criar organizações controladas. - União dos Sindicatos. Sindicato dos Trabalhadores. — União Comercial e Industrial. – União Camponesa. Fracasso da política sindical dos maçons. — Coordenação das forças anti-russas. Um escritório especial do Bloco Progressista. — Uma nova campanha contra o governo. — Apela à derrubada do sistema estatal russo. — Sturmer propõe liquidar Zemgor e o complexo militar-industrial. O discurso calunioso de Miliukov.

A próxima etapa de preparação da segunda revolução anti-russa pela clandestinidade liberal-maçônica está associada a uma tentativa de criar uma série de sindicatos controlados pelos maçons, unindo vários segmentos da população - trabalhadores, camponeses, comerciantes, etc., que por sua vez deveriam fazer parte da União dos Sindicatos, composta por representantes do “público progressista” Zemgor e dos Comitês Militar-Industriais. A União dos Sindicatos foi concebida no modelo de uma organização semelhante em 1905 como um centro jurídico para a liderança geral e coordenação de todas as forças anti-russas que se opõem ao governo nacional legítimo.

A ideia da União dos Sindicatos pertence ao Secretário do Conselho Supremo da Maçonaria Russa, Nekrasov, e foi apresentada por ele no congresso de representantes das cidades russas em 14 de março de 1916. O congresso foi realizado sob o controle total do movimento clandestino liberal-maçônico e adotou uma resolução que exigia a renúncia do governo e sua substituição por um governo responsável pela representação do povo, anistia para terroristas e conspiradores e garantia de direitos iguais aos judeus com os russos. [230 [1] .

Mas a principal tarefa definida pelos representantes do "público" foi a criação de algum tipo de organização capaz de ditar os seus termos ao governo e tomar o poder. É interessante citar aqui a discussão entre Miliukov e Nekrasov. No congresso, Miliukov tentou com todas as suas forças impedir que os representantes das cidades aprovassem uma resolução contundente exigindo um ministério parlamentar responsável.

Ele convenceu o congresso: "... não há necessidade de apresentar exigências que assustem o governo e com as quais ele nunca concordará. Nunca nos será dado um ministério responsável, mas um ministério que goza da confiança do povo tem boas hipóteses de ser implementado." , para transformá-lo imediatamente num ministério responsável.

Na véspera do congresso, num banquete em Praga, Miliukov foi questionado: "Como podemos combinar com o programa de cadetes o facto de no Bloco Progressista os cadetes não defenderem a fórmula de um "ministério responsável", mas sim um "ministério que goza da confiança do povo"? Ao que Miliukov respondeu: "Os cadetes em geral são uma coisa, mas os cadetes em bloco são outra. Como cadete, defendo um ministério responsável, mas como primeiro passo, por razões tácticas, apresentamos agora a fórmula – "um ministério responsável perante o povo". Vamos conseguir um ministério assim e, pela força das coisas, ele em breve se transformará num ministério parlamentar responsável. Apenas exija em voz alta um ministério responsável, e nós cuidaremos do conteúdo que colocaremos nele" (GARF, f. 57, d. 34, l. 124)].

Ao que o maçom Nekrasov, chefe do Conselho Supremo das Lojas Maçônicas Russas, respondeu apaixonadamente a Miliukov: "Ninguém duvida por um minuto que sem uma ameaça muito real nunca conseguiremos um ministério responsável, ou um ministério que goze da confiança do povo . Só podemos obter uma nova variante de Sturmers e Tails. Portanto, não faz sentido jogar um jogo diplomático sutil com o governo, mas você precisa declarar imediatamente de forma clara e definitiva suas demandas finais. E

ao fazer estas exigências, não devemos esperar que o governo nos "condescender", mas devemos ter o cuidado de criar uma organização que force o governo a aceitá-las".

Nekrasov falou sobre como tal organização deveria ser construída em um de seus discursos no mesmo congresso: "A cidade e o zemstvo Rússia já se uniram e se formaram em organizações poderosas e duráveis. Os industriais dos Comités Militares-Industriais fizeram o mesmo. Mas tudo isto não é suficiente. A classe comercial ainda não está completamente organizada. A organização dos trabalhadores dá os primeiros passos sob a proteção dos Comités Militar-Industriais. Existem muitas células pequenas e individuais, mas as cooperativas ainda não foram unidas em uma organização totalmente russa. Diante de nós, portanto, está a tarefa de criar toda uma série de novos sindicatos totalmente russos - trabalhadores, cooperativas, sindicatos, etc. E quando eles surgirem, então todos eles, juntamente com os Sindicatos da Cidade Pan-Russa e Zemstvo, deve distinguir entre eles um corpo supremo, uma **superestrutura comum**acima deles, que seria um centro **orientador** e coordenador comum para todos. Será como o quartel-general das forças sociais em toda a Rússia." Nekrasov não deu o nome mais específico a esta "superestrutura", mas segundo a polícia, em conversas privadas os membros mais francos do congresso perderam as palavras, o que neste caso define claramente a natureza de todo o empreendimento: a União dos Sindicatos, com os mesmos objetivos e tarefas que tinha em 1905, ou seja, a criação de um "governo popular". Porém, os agentes policiais não sabiam que já então tal órgão unificador havia sido criado e existia na pessoa do Conselho Supremo das Lojas Maçônicas.

Os policiais ficaram surpresos porque, em diferentes reuniões das seções do congresso, foi proposto exatamente o mesmo plano para a unificação de todos os sindicatos que já haviam surgido ou que poderiam surgir no futuro.

O relatório secreto lista os iniciadores desta união, onde, além de Nekrasov, você pode ver Manuylov, Astrov, Prokopovich, Tchaikovsky. Todos eles eram maçons e suas atividades eram coordenadas por lojas maçônicas.

Assim, juntamente com o sindicato municipal e zemstvo e os Comitês Militares-Industriais, a resistência liberal-maçônica está fazendo tentativas de organizar uma União Camponesa Pan-Russa, um Sindicato Operário Pan-Russo, uma União Cooperativa Pan-Russa e um Sindicato Pan-Russo.

O organizador da União Cooperativa Pan-Russa foi N. Tchaikovsky. Ele queria unir cerca de 300 sindicatos e associações cooperativas sob uma única liderança [231] .

A implementação da ideia de criar um sindicato de trabalhadores começou no final de fevereiro de 1916, no Congresso Pan-Russo de Comitês Militares-Industriais. Numa reunião do seu grupo de trabalho, liderado por Gvozdev, foi apresentada uma proposta para novas formas de organização dos trabalhadores. As formas tradicionais de organização dos trabalhadores – sindicatos e caixas de seguros de saúde – foram consideradas inadequadas, pois promoviam a cooperação com autoridades legítimas e não permitiam a manipulação por parte de "organizações públicas". Foi decidido reconhecer os grupos de trabalho sob os Comitês Militares-Industriais locais como uma nova forma de associação. Foi com base neles que se planejou a criação de um futuro sindicato de trabalhadores. Realizando um extenso trabalho de organização e propaganda, propôs-se conseguir a criação de grupos de trabalho onde quer que existissem Comitês Militares-Industriais.

Ao mesmo tempo, foi proposta a tarefa de convocar um "congresso operário" sob o controlo do Comité Militar-Industrial. Para este efeito, está a ser criado um comité no âmbito do complexo militar-industrial para preparar um congresso operário de toda a Rússia, que inclui grupos de trabalho sob o Comité Militar-Industrial Central e de Moscovo. Um de seus organizadores em Moscou foi, em particular, Solomon Mozanson, escondido sob o pseudônimo de Schwartz, bem como o presidente do grupo de trabalho de Moscou, V. Cheregorodtsev, e seu vice, Tretyakov. Foi no Congresso Trabalhista de Toda a Rússia que foi planejada a criação de um sindicato de trabalhadores. A liderança geral sobre a criação de um sindicato de trabalhadores pertencia a um membro da Duma do Estado, o maçom Konovalov, que foi franco em seu círculo: "Sob a bandeira dos comitês militares-industriais, as organizações de trabalhadores estão sendo revividas. No próximo congresso trabalhista, nascerá um sindicato de trabalhadores de toda a Rússia.

Será uma organização coerente, começando com pequenas células a nível local e terminando num órgão supremo – como um conselho de deputados dos trabalhadores." Com base nesta revelação de Konovalov, pode-se ver a quem pertence a ideia de criar um Conselho de Deputados Operários nas novas condições. Segundo a proposta de Konovalov, este Conselho deveria ser composto por membros de 19 grupos de trabalho incluídos nos Comités Militar-Industriais. Konovalov propõe mesmo pagar estes "deputados" com os seus próprios fundos.

Paralelamente à criação de um sindicato de trabalhadores, a resistência liberal-maçónica está a tentar organizar um Sindicato Comercial e

Industrial. P. P. Ryabushinsky e A. I. Guchkov enviaram uma oferta em seu nome a todos os principais comerciantes e empresários para aderirem ao Sindicato Comercial e Industrial.

Nada resultou das tentativas dos maçons de criar uma União Comercial e Industrial. Os empresários russos compreenderam imediatamente para onde as suas "figuras públicas" os estavam a levar. Nesse sentido, a opinião do famoso editor de livros russo I. D. Sytin é característica: "A classe comercial e industrial não tem aversão a se unir, formando uma poderosa organização totalmente russa, mas não tem o menor desejo de seguir a liderança de intelectuais e teóricos políticos a este respeito." dos Sindicatos da Cidade e de Zemstvo. Eles têm uma tarefa, nós temos outra. Embora haja guerra, é claro que todos têm uma tarefa política comum.

E então fica claro: todos os caminhos são separados. Eles caminharão de mãos dadas com os trabalhadores e os revolucionários, mas isto não está no nosso caminho. E mesmo agora, não é ingénuo da sua parte que esperem "selar" os representantes e a classe comercial" [232] .

Os maiores problemas surgiram durante a organização do sindicato camponês. Aqui, nas palavras de um dos líderes deste trabalho, o maçom D. I. Shakhovsky, "tivemos que começar tudo de novo". A conhecida figura do movimento maçónico N.V. Tchaikovsky (um antigo emigrante-Voluntário do Povo) expressou a ideia, apoiada por muitos, de que "a única abordagem à aldeia camponesa reside através de pequenas organizações cooperativas". S. N. Prokopovich propôs contar com zemstvos e agrônomos zemstvo. Como resultado, foi decidido organizar um sindicato camponês sob o teto da "Sociedade de Agricultura de Moscou", que convocou em seu próprio nome um Congresso Agrícola de Toda a Rússia com "a participação de figuras agronômicas, bem como de representantes mais conscientes do campesinato." No congresso com composição pré-selecionada, deveria aprovar os documentos previamente elaborados.

Para acalmar a vigilância do governo, é necessária a consolidação das forças antiestatais para a criação do Comitê Central (União dos Sindicatos), unindo Zemgor, Comitês Militares-Industriais, bem como os recém-organizados (cooperativos, operários, comercial-industriais e camponeses) sindicatos, ocorreu sob o pretexto de unir forças sociais para a organização do negócio alimentar. Mas esta camuflagem falhou. Os relatórios policiais mostram que o governo estava ciente dos reais objectivos dos "membros do público".

Em geral, a ideia dos maçons de organizar a União dos Sindicatos falhou.

E nem mesmo porque o governo proibiu a realização de congressos antiestatais, mas também pelo carácter utópico dos seus planos. Na realidade, nem o campesinato, nem os trabalhadores, nem os empresários queriam a cooperação com elementos subversivos que lhes eram profundamente estranhos em espírito.

Na melhor das hipóteses, os conspiradores poderiam criar algum tipo de União fictícia que não contasse com a confiança da maioria da população. Mas ele também falhou.

Durante algum tempo, os conspiradores tentaram realizar congressos por outros motivos. Assim, em maio, o maçom N. I. Astrov apresentou a ideia de convocar um congresso sobre melhoria urbana, mas desta vez não conseguiu enganar o governo. O congresso também não foi permitido.

No final de 1916, os conspiradores renovaram mais uma vez a sua tentativa de organizar a União dos Sindicatos sob o pretexto de um congresso de representantes da União Pan-Russa das Cidades. No entanto, foi dissolvido no dia de sua inauguração, 9 de dezembro. Posteriormente, outras tentativas frustradas foram feitas.

Os seus planos para estabelecer o controlo sobre todo o abastecimento alimentar do país devem ser considerados como uma das tentativas da resistência liberal-maçónica para tomar o poder no país. O Partido Cadete apresenta a ideia de criar um Ministério do Abastecimento com base em Zemgor, que contava com uma extensa rede de organizações fornecedoras.

A princípio foi proposta a introdução de Zemgor como uma filial do Ministério da Agricultura. Os cadetes já preparavam um projeto de lei sobre o assunto para aprová-lo no Bloco Progressista na Duma do Estado.

Tendo falhado na tentativa de estabelecer a União dos Sindicatos, a resistência liberal-maçônica já em março de 1916 criou um órgão secreto de coordenação de atividades antiestatais - o Bureau Especial sob o Bloco Progressista da Duma Estatal. Seu objetivo é a comunicação constante e sistemática com todas as organizações públicas e municipais da Rússia que atendem às necessidades do exército ativo e da retaguarda; Utilizando este aparato, os líderes do Bloco Progressista poderiam dirigir a opinião pública e assim pressionar o governo. Através dos canais deste departamento, rios inteiros de informações falsas e caluniosas sobre o governo passam para as localidades e para o exército.

No verão de 1916, as acusações caluniosas contra os líderes do Bloco Progressista estavam se tornando tempestuosas. O cerco à informação do

governo está se intensificando. Por todos os meios de imprensa e pela divulgação de boatos, declara-se que o governo está paralisando as atividades das autoridades militares na luta contra o inimigo externo. Esta calúnia, em particular, encontrou expressão nas cartas de Guchkov dirigidas ao Chefe do Estado-Maior do Comandante-em-Chefe Supremo Alekseev. Afirmaram que o Conselho de Ministros violou deliberadamente as medidas destinadas a garantir os objectivos da defesa do Estado. As cartas tiveram ampla circulação, pois eram endereçadas a uma pessoa tão importante como o chefe do Estado-Maior, próximo ao czar. É verdade que o próprio Alekseev afirmou que não se correspondia com Guchkov, mentindo descaradamente ao czar que não sabia de nada. No entanto, a calúnia contida nas cartas de Guchkov [233] .

No final de outubro, congressos de presidentes de governos provinciais e representantes de sindicatos municipais reuniram-se em Moscou. Enviaram declarações à Duma do Estado sobre a necessidade, face à situação desesperadora, na sua opinião, de chamar ao poder pessoas investidas da confiança do povo e de conseguir a criação de um ministério responsável.

No verão de 1916, não apenas a Duma de Estado, mas também o Conselho de Estado ficaram sob o controle de forças antiestatais. Os apoiantes do Bloco Progressista no Conselho de Estado conseguiram conquistar para o seu lado uma parte significativa dos seus membros que anteriormente se declaravam não partidários. Agora, este grupo bastante grande, ao votar em questões de importância política, começou a apoiar resolutamente o Bloco Progressista. Este grupo não só contribuiu com os seus votos para a aprovação dos projetos de lei da Duma no espírito de bloco, mas também encorajou todos aqueles que duvidaram e hesitaram a fazê-lo.

Durante a sessão de verão de 1916, a Duma do Estado tornou-se o palco onde os membros do Bloco Progressista desempenharam seus papéis. Eles apresentaram uma série de projetos de lei sobre a reforma do zemstvo, sobre sociedades e sindicatos, sobre o zemstvo e os sindicatos urbanos de toda a Rússia. Esses projetos de lei visavam derrubar a estrutura existente.

Como observou corretamente B.V. Sturmer: “Cada um destes projetos é construído sobre princípios tão inconsistentes com a história, a prática ou o espírito da legislação russa que, se de alguma forma estes projetos recebessem força de lei, o país se encontraria numa situação completamente desesperadora. " É claro que nem o czar nem o governo poderiam concordar com tais projetos de lei, e isso deu origem aos “representantes do povo” na tribuna da Duma para afirmar que a Duma do Estado está cheia das melhores

intenções, mas "não é capaz de implementar na prática qualquer coisa, porque o governo, temendo quaisquer reformas em geral, trava uma luta constante e persistente contra as tendências progressistas do pensamento social."

Com a formação de zemstvo e sindicatos municipais permanentes em toda a Rússia com base no projeto da Duma, a Rússia teria dois governos, dos quais o governo público, agindo com fundos do Tesouro do Estado, seria independente não apenas do poder do Estado, mas também do estado em geral. Se o sistema político proposto pela Duma mudasse, as instituições zemstvo dos órgãos económicos locais, realizadas sob a supervisão das autoridades governamentais, recorreriam a órgãos governamentais locais independentes das autoridades. Com a reforma do sistema urbano com base na proposta da Duma, a vida da cidade em todo o seu conjunto económico e administrativo ficaria nas mãos de representantes da clandestinidade liberal-maçónica.

De 26 a 27 de setembro de 1916, em Petrogrado, num congresso de representantes dos Comitês Militares-Industriais regionais, Guchkov apelou à luta contra o poder governamental, dizendo que só a organização das forças sociais poderia salvar a Rússia da crise alimentar.

O congresso, presidido por Guchkov, adoptou uma resolução apelando efectivamente a uma luta contra o governo legítimo [234] . Ainda antes (2 de setembro), numa reunião do Grupo de Trabalho da Comissão Militar Central, o Secretário do Grupo de Trabalho Bogdanov propôs uma resolução (aprovada por uma maioria de 76 pessoas contra 2), na qual, em particular, uma série de foram apresentadas exigências revolucionárias para a conclusão imediata da paz, a derrubada do governo e a implementação dos requisitos do programa do POSDR [235] .

As resoluções políticas assinadas por "figuras públicas" eram de natureza criminosa antiestatal. Uma das "figuras públicas", o deputado pedreiro Adzhemov, disse francamente: "Como advogado, declaro definitivamente que estas resoluções têm todos os sinais do artigo 102 (Traição), porque não é benéfico para nós transferir tais questões para o nível de resolução legal."

No entanto, os líderes do movimento clandestino liberal-maçónico continuam as suas actividades anti-estatais.

Em carta dirigida ao Presidente da Duma Estatal, MV Rodzianko, o chefe de Zemgor, Príncipe Lvov, informou sobre os resultados e resoluções dos presidentes dos conselhos provinciais zemstvo que se reuniram em 26 de

outubro de 1916 em Moscou. A carta dizia que "o governo no poder é abertamente suspeito de ser dependente de influências obscuras e hostis à Rússia, não pode governar o país e está a liderar o caminho da morte e da vergonha, e autorizou-me por unanimidade, na pessoa de vocês, a chamar a atenção dos membros da Duma Estatal que, numa luta decisiva, a Duma Estatal pela criação de um governo capaz de unir todas as forças populares vivas e conduzir a nossa pátria à vitória, a Rússia zemstvo permanecerá unida com o governo popular" [236]. Todas as resoluções antigovernamentais de reuniões de representantes de "organizações públicas" foram multiplicadas e enviadas através dos canais do Bureau Especial e canais especiais de lojas maçônicas em toda a Rússia, tendo o caráter de documentos quase diretivos.

Em setembro de 1916, foram publicados dados indicando que Zemgor e os Comitês Militares-Industriais existiam exclusivamente às custas do tesouro do Estado, e sua própria contribuição para a defesa era insignificante. Dos 562 milhões de rublos gastos por estas organizações, apenas 9 milhões pertenciam a elas, o restante foi alocado pelo orçamento do Estado [237] .

Nesta ocasião, Stürmer realiza uma série de reuniões fechadas do Conselho de Ministros, nas quais são consideradas as atividades de Zemgor e do Comité Militar-Industrial. Foram revelados numerosos abusos e roubos de fundos públicos. Levanta-se a questão sobre a dissolução de Zemgor e do complexo militar-industrial e a transferência de suas funções para órgãos governamentais. Nas lideranças das "organizações públicas" isto provoca pânico e uma nova explosão de ódio contra o governo. "Figuras públicas" enfrentam uma ameaça real de processo criminal e de perda de um poderoso instrumento de influência no país.

Percebendo o perigo da sua posição, a resistência liberal-maçónica, cujos líderes ocupavam uma posição elevada em Zemgora e no complexo militar-industrial, está a lançar um novo ataque ao governo. Logo no primeiro dia da reunião de outono da Duma de Estado, os deputados do Bloco Progressista adiaram a consideração de importantes projetos de lei do Estado, de cuja adoção dependia o desenvolvimento normal dos assuntos na frente (principalmente, eram estimativas militares de departamentos individuais que exigia aprovação imediata). Em vez de tomar medidas urgentes para ajudar o exército e a marinha na sua luta contra o inimigo externo, as sessões da Duma prosseguiram exclusivamente na discussão da necessidade de conseguir a remoção do governo, supostamente incapaz e malicioso, das formas de combatê-lo, até à sua saída e substituição

O Gabinete terá uma composição que contará com a maioria da Duma do Estado e será responsável perante ela. Assim, mais uma vez se tratava de transferir o poder para as mãos do Bloco Progressista, que estava sob o controle total das lojas maçônicas. Os membros do Bloco Progressista não criticaram as medidas governamentais individuais, mas apenas atacaram indiscriminadamente e ferozmente o pessoal do Conselho de Ministros, e especialmente o próprio Presidente do Conselho de Ministros, Stürmer, que foi acusado de traição, de trair segredos de Estado, de libertar da prisão o “traidor” General Sukhomlinov, em suborno ao “agente da polícia” Manuilov [238] .

A natureza de muitas das acusações era tal que não foram fornecidos dados específicos de apoio, o que significa que era impossível justificarem-se. A questão foi colocada apenas desta forma: “nós ou eles”.

Do púlpito da Duma são feitas declarações falsas sobre a presença, ao lado do czar e da czarina, de um certo “partido alemão” que procura levar a Rússia à derrota na guerra e à conclusão de uma paz separada com a Alemanha. Tal calúnia maliciosa foi expressa pelo líder do Partido Cadete Miliukov, que apresentou como “evidência” recortes de jornais alemães nos quais foi considerada a nomeação de B.V. Stürmer (que veio de uma família de alemães russificados) para o cargo de chefe de governo. como um sinal do consentimento do czar para concluir uma paz separada.

Ao mesmo tempo, Miliukov também acusa abertamente Stürmer de receber suborno de um certo Manasevich-Manuylov para libertá-lo da prisão. Miliukov afirmou que o próprio Manasevich-Manuylov admitiu durante a investigação ter subornado Sturmer e foi libertado por isso [239] . Na verdade, era mentira. Manasevich-Manuilov não fez nenhuma confissão à investigação, mas foi libertado devido a uma doença grave (estava paralisado). Miliukov pontuou o seu discurso deliberadamente calunioso com exclamações: “Isso é estupidez ou traição?” Exemplo de imoralidade maçónica na política, Miliukov acusou de traição contra o governo de um país que há muito traíra. Não foi à toa que a recitação de Miliukov foi interrompida pela exclamação de um dos patriotas russos: “O seu discurso é estupidez ou traição?”

Os patriotas russos observaram com razão: “Miliukov, salvando com calúnias sua reputação manchada de búlgaro e defensor da propriedade de terras alemã na Rússia, levou corretamente em conta o momento para confundir toda a Rússia: em vez de falar sobre roubos na União Zemsky, sobre milhões de abusos nos comités Militar-Industriais, sobre o papel

suspeito dos líderes cadetes - Miliukov, com a destreza de um malabarista, lançou todas as acusações ao governo, que estava prestes a investigar as actividades dos seus camaradas de partido em os Zemsky e os Sindicatos Municipais" [240 [1] .

No dia seguinte ao discurso de Miliukov, Stürmer dirigiu-se ao Conselho de Ministros com uma declaração para levar Miliukov a julgamento sob a acusação de difamação. O apelo foi apoiado pelo czar. Só a revolução salvou Miliukov de um castigo justo [241] .

Em dezembro de 1916, apareceram artigos em jornais sobre uma iminente tentativa de assassinato de Miliukov. Como se descobriu mais tarde, era tudo falso, fabricado por Birzhevye Vedomosti e publicações relacionadas. A imprensa liberal de esquerda levantou novamente um alvoroço sobre as maquinações da polícia e as ligações dos assassinos com organizações patrióticas [242] . O caso de assassinato foi necessário para aumentar o prestigio instável de Miliukov, apresentando-o mais uma vez como um lutador pela justiça, perseguido pelo governo e pelas Centenas Negras.

No inverno de 1916, o exército russo recebeu tudo o que era necessário para a ofensiva planejada em 1917. Até os inimigos declarados do governo, do bloco liberal de esquerda anti-Rússia, falaram sobre a preparação do exército para esta ofensiva. A vitória estava muito próxima e as forças que lutavam pelo poder sabiam disso, ao mesmo tempo que percebiam que isso fortaleceria a posição do czar e das forças patrióticas. A última coisa que o "público progressista" das lojas maçónicas queria era entregar os merecidos frutos da vitória nas mãos do Czar. Parecia-lhe que chegara o momento em que ela, tendo derrubado o czar, poderia coroar o seu golpe com uma grandiosa vitória militar, consolidando assim o seu poder.

Em uma reunião do Comitê Militar-Industrial, realizada em 19 de setembro de 1916, na presença de Guchkov, Kazakevich, Kutler, Tereshchenko e outros maçons, um membro da loja maçônica Bublikov, que retornou de uma viagem à Rússia, expressa pensamentos que nos próximos meses tornar-se-á o slogan das forças anti-russas: "Passando pelas províncias, fiquei convencido de quanto o país se encontra num estado de ruína excepcional por culpa do actual governo, que levou o estado a um estado desesperador fim da linha.

Se no ano passado a palavra de ordem geral era a expressão "tudo pela guerra e pelo exército", agora que o exército pode ser considerado suficientemente seguro, é necessário que as forças sociais reconheçam a inevitabilidade da nova palavra de ordem "tudo pela retaguarda, pela retaguarda, pela a

organização das forças sociais, para o combate ao inimigo interno; tudo para substituir o atual governo irresponsável por um responsável."

A Duma de Estado deverá reunir-se novamente em breve, mas sem o apoio adequado das forças públicas, será privada da oportunidade de fazer qualquer coisa para implementar este novo slogan. Portanto, a tarefa urgente do momento é a necessidade de mobilizar as forças sociais" [243] . As reflexões de Bublikov foram apoiadas pelos presentes e desenvolvidas no congresso de representantes dos Comités Militares-Industriais regionais, inaugurado uma semana depois.

Capítulo 15

Conspiração contra o czar. - Preparação de regicídio. - O plano de Guchkov. Opção de G. E. Lvov - conspiração da Crimeia. — Plano marítimo. Formação do governo maçônico.

A questão da remoção forçada do czar em 1915-1917 foi a pedra angular da conspiração maçônica na Rússia. Nos círculos maçônicos, planos de regicídio eram constantemente elaborados. "Em 1915", diz o maçom A. F. Kerensky nas suas memórias, o liberal altamente conservador V. A. Maklakov falou numa reunião secreta de representantes da maioria liberal e conservadora moderada na Duma e no Conselho de Estado, discutindo as políticas seguidas pelo czar. também maçom. - *O.P.)*disse que só seria possível evitar uma catástrofe e salvar a Rússia repetindo os acontecimentos de 11 de março de 1801 (o assassinato de Paulo I)". Kerensky argumenta que a diferença de pontos de vista entre ele e Maklakov só se resumiu ao tempo, pois o próprio Kerensky chegou à conclusão sobre a "necessidade" de matar o czar 10 anos antes. "E além disso", continua Kerensky, "Maklakov e os seus semelhantes gostariam que outros fizessem isto por eles. Acreditei que, tendo aceitado a ideia, deveria assumir total responsabilidade por ela, indo arbitrariamente para a sua implementação." Os apelos de Kerensky para matar o czar continuaram mais tarde. Num discurso numa reunião da Duma de Estado em Fevereiro de 1917, ele apela à "remoção física do Czar", explicando que o mesmo deve ser feito ao Czar "como Brutus fez nos dias da Roma Antiga" [244 [1] .

Já no outono de 1915, em uma reunião de uma das lojas, o maçom Mstislavsky (Maslovsky) afirmou que considerava necessário organizar uma conspiração para assassinar o czar, e que para tal conspiração havia uma

oportunidade de encontrar o direito pessoas entre os jovens oficiais. Na época, esta proposta foi considerada uma provocação e despertou suspeitas entre muitos membros da loja de que Maslovsky estava colaborando com a polícia [245] .

Porém, na verdade, tratava-se de uma camuflagem maçônica, porque, segundo depoimentos de pessoas próximas ao Conselho Supremo dos Maçons Russos, eram constantemente discutidas questões relacionadas ao desenvolvimento de várias versões de uma conspiração contra o czar. Como lembra o maçom A. Ya. Galpern: "Vários membros do Conselho Supremo, principalmente Nekrasov, fizeram uma série de relatórios - sobre as negociações de G. E. Lvov com o general Alekseev sobre a prisão do czar, sobre as negociações de Maklakov sobre algum tipo de conspiração palaciana . Houve uma série de relatos de conversas e até planos conspiratórios entre vários grupos de oficiais . " [246]

O papel principal na preparação da conspiração contra o czar pertenceu a maçons de alto escalão como A. I. Guchkov, G. E. Lvov, N. V. Nekrasov, M. I. Tereshchenko. "Desde o início", lembra o maçom A. I. Guchkov, "ficou claro que somente à custa da abdicação do Soberano seria possível obter certas chances de sucesso na criação de um novo governo".

Embora os conspiradores não queiram pensar nas consequências de tal passo, no entanto, para tranquilizar seus irmãos que declararam seu monarquismo, eles adotam o código de leis do Império Russo (o maçom M. M. Fedorov está fazendo isso). Eles encontram ali uma lei que, em sua opinião, prevê a destituição do titular do poder supremo e o estabelecimento de uma regência. Mas por tudo ficou claro que os conspiradores só precisavam de uma desculpa plausível para tomar o poder, mas não consideraram de forma alguma as suas consequências, embora tivessem muito medo de que a "rua" tomasse o poder. Entusiasmada pela influência da sua propaganda, a "rua" tornou-se um fenómeno perigoso, incontrolável, como uma explosão. O vil descrédito do czar, do seu governo e da sua comitiva, levado a cabo tanto pelos círculos maçónicos e revolucionários, como pelos agentes de inteligência alemães ligados a ambos, fez o seu trabalho.

Segundo o próprio Guchkov, os conspiradores estavam a trabalhar em várias opções para tomar o poder [247] . A primeira opção previa a captura do czar em Czarskoe Selo ou Peterhof. Esta opção suscitou dúvidas entre os conspiradores, pois mesmo que existissem algumas unidades militares localizadas na residência do Czar ao seu lado, ainda assim haveria grande derramamento de sangue num confronto com unidades leais ao Soberano. A

segunda opção considerava a possibilidade de realizar esta operação no Quartel-General, mas para isso os conspiradores tiveram que envolver no caso membros da Loja Militar Maçónica, em particular os Generais Alekseev e Ruzsky. No entanto, Guchkov e seus camaradas compreenderam que a participação de generais seniores em um ato de alta traição causaria uma divisão no exército e levaria à perda de sua eficácia no combate.

Decidiu-se manter os mais altos traidores militares nas sombras para não despertar a opinião pública. No final, eles poderiam fazer mais pela conspiração, influenciando indiretamente os acontecimentos, evitando que unidades militares leais viessem em auxílio do Imperador (o que aconteceu mais tarde).

Guchkov conhecia bem o general Alekseev, que desempenhou um papel fatal na abdicação do czar da Guerra Russo-Japonesa; tornaram-se ainda mais próximos quando o general comandou a Frente Noroeste. O próprio Guchkov considerava Alekseev um homem de grande inteligência, mas de vontade insuficientemente desenvolvida, que trocou sua inteligência e talento por pequenos trabalhos administrativos. Nesta avaliação, Guchkov tinha certamente razão, o que é confirmado pelas memórias dos funcionários do general.

Foi Guchkov quem apresentou Alekseev à Loja Militar. Através de Alekseev, Guchkov tenta e influencia as operações militares.

Ele escreve cartas com seus conselhos e os transmite secretamente a Alekseev.

Algumas dessas cartas tornam-se públicas e notórias. Neles, Guchkov falsifica caluniosamente os acontecimentos.

Alekseev também recebeu cartas de G. E. Lvov [248] e encontrou-se com ele.

O príncipe Lvov disse a Miliukov que havia negociado com Alekseev no outono de 1916. Alekseev tinha um plano para prender a czarina no quartel-general e aprisioná-la em um mosteiro. O plano não foi implementado porque Alekseev adoeceu e partiu para a Crimeia [249] .

O fato de oficiais do Estado-Maior terem participado da conspiração foi confirmado pelo próprio Guchkov. “Devemos admitir”, disse ele imediatamente após o golpe de Fevereiro, “que devemos a situação que se criou agora, quando o poder ainda está nas mãos de pessoas de pensamento correcto, ao facto de haver um grupo de oficiais do Estado-Maior que assumiu a responsabilidade em tempos difíceis e organizou uma rejeição às

tropas do governo que avançavam sobre São Petersburgo - foi ela quem ajudou a Duma do Estado a assumir o controle da situação.” O chefe do Estado-Maior da expedição militar do General Ivanov destinada a suprimir a agitação em São Petersburgo era o tenente-coronel Kapustin, que ficou ao lado dos conspiradores [250] . E o próprio general Ivanov, embora não fosse maçom (?), pertencia ao círculo de amigos do chefe do Estado-Maior Alekseev e conhecia pessoalmente Guchkov [251] .

Os conspiradores ainda consideravam a opção mais realista a captura do trem do czar no caminho de São Petersburgo até o quartel-general e vice-versa. As rotas foram estudadas, descobriu-se quais unidades militares estavam localizadas próximas a esses trilhos e paramos em alguns trechos ferroviários adjacentes à localização das unidades de cavalaria de guardas na província de Novgorod, os chamados quartéis de Arakcheevsky. Os conspiradores acreditavam que os oficiais da guarda, que haviam internalizado uma atitude negativa e crítica em relação à política governamental, ao poder governamental, de forma muito mais dolorosa e acentuada do que nas unidades militares comuns, se tornariam seu povo natural com ideias semelhantes. Para implementar a terceira opção, outro maçom, o príncipe D. L. Vyazemsky, filho de um membro do Conselho de Estado, um cadete de câmara que chefiava o destacamento sanitário do Grão-Duque Nikolai Nikolaevich, foi incluído na conspiração. Através de Vyazemsky, os conspiradores trouxeram vários oficiais da guarda para o caso. A apreensão foi considerada uma ação militar de uma unidade militar de um trem da linha de frente. Tendo capturado o czar, os conspiradores esperavam extrair sua abdicação e nomear o herdeiro como seu sucessor. Os manifestos correspondentes foram preparados, tudo isso deveria ser feito à noite, e pela manhã a Rússia e o exército tomariam conhecimento de dois atos supostamente emanados do próprio Poder Supremo - a abdicação e a nomeação do Herdeiro. Embora Guchkov tenha argumentado nos anos 30 que não se falava em regicídio, é difícil imaginar que o imperador pudesse abdicar voluntariamente do trono. Aparentemente, foram previstos alguns outros métodos de influenciar o czar, com a ajuda dos quais os conspiradores queriam conseguir sua abdicação. Muito provavelmente, era para ser uma chantagem comum - uma ameaça à vida de sua esposa e filhos, - os canalhas sabiam bem o quanto o czar amava a sua família! Como mostraram os acontecimentos subsequentes, este método também foi utilizado.

Também foi planejado que o czar fosse deportado para o exterior. O mesmo Guchkov confessou em um círculo estreito imediatamente após os acontecimentos: “Um golpe interno no palácio foi agendado para 1º de

março. Um grupo de pessoas determinadas deveria se reunir em São Petersburgo e, no trecho entre Tsarskoye Selo e a capital, entrar no trem real, prender o czar e enviá-lo imediatamente para o exterior. O consentimento de alguns governos estrangeiros foi obtido." [252] . Assim, representantes de outros estados também estiveram envolvidos na conspiração, aparentemente, principalmente da França, e sem dúvida através de ligações maçônicas. O lado alemão também sabia que tal operação estava sendo preparada. Pouco antes de fevereiro de 1917, o enviado búlgaro tentou contactar o governo russo para alertá-lo sobre os acontecimentos iminentes. Da parte dos alemães, a solução foi vista numa paz separada. No entanto, para o czar, que cumpriu as suas promessas aos aliados (ignorando o jogo vil que jogavam com ele), uma paz separada com a Alemanha era inaceitável.

Havia outro plano para uma conspiração contra o czar. Foi desenvolvido pelo pedreiro G. E. Lvov. Era para conseguir a abdicação do czar e colocar o grão-duque Nikolai Nikolaevich em seu trono, e com ele formar um governo no qual Lvov e Guchkov desempenhariam o papel principal. As negociações sobre isso com o Grão-Duque foram conduzidas por seu amigo maçom A. I. Khatisov. Além disso, a esposa do grão-duque, a famosa intrigante Anastasia Nikolaevna, e o general Yanushkevich estiveram presentes nas negociações. O casal principesco reagiu positivamente ao plano de tal golpe, e se houvesse dúvidas, era apenas na técnica de sua implementação - se o exército e seus líderes seguiriam os conspiradores, se isso causaria uma rebelião na frente [253] .

Sobre esta conspiração, foram preservadas as memórias de um de seus participantes, um maçom de alto escalão do trigésimo grau S. A. Smirnov [254] : "No início do inverno de 1916 em São Petersburgo, no ambiente que cercava o Príncipe G. E. Lvov, o futuro chefe do Governo Provisório, um projeto de golpe palaciano. Era para remover Nicolau II e colocar o Grão-Duque Nikolai Nikolaevich no trono...

...No início de dezembro, às 22h, o Príncipe Lvov convidou urgentemente Dolgorukov, Chelnokov, Fedorov e Khatisov para sua mansão. Todos os quatro pertenciam à mesma Carta e eram amigos íntimos, irmãos de alta posição. Lvov apresentou-lhes o seu projecto de golpe palaciano: depois de o czar ter sido convidado a renunciar ao trono e o grão-duque Nikolai Nikolaevich ter sido declarado czar, o governo de Nicolau II seria imediatamente disperso e um ministério responsável seria nomeado em seu lugar.

Lvov acrescentou a isto que 1) ele tem 29 assinaturas dos presidentes dos conselhos provinciais zemstvo e prefeitos apoiando seu plano, 2) o Grão-Duque Nikolai Nikolaevich sabe sobre este projeto e 3) o próprio Lvov será nomeado presidente do Conselho de Ministros em o futuro ministério.

A. I. Khatisov foi convidado a ir a Tíflis em missão: conversar com o Grão-Duque, com quem mantinha relações amigáveis. /…/ 30 de dezembro de 1916 Khatisov chegou a Tiflis. No mesmo dia recebeu uma audiência com o Grão-Duque. /…/ Depois de ouvi-lo, o Grão-Duque fez-lhe duas perguntas: 1) o povo russo ficará ofendido em seus sentimentos monárquicos? e 2) como reagirá o exército à abdicação do czar? /…/No mesmo dia, de manhã cedo, o Grão-Duque Nikolai Mikhailovich (historiador e maçom) chegou a Tíflis para contar notícias importantes a Nikolai Nikolaevich: 16 Grão-Duques concordaram em remover Nicolau II do seu trono.” Eles prometeram apoio total, acreditando (como o próprio Nikolai Nikolaevich) que Nicolau II deveria ser destituído. É importante notar que a conversa de Nikolai Mikhailovich com Nikolai Nikolaevich ocorreu antes da conversa deste último com Khatisov. Claro, o mais vergonhoso nesta história foi a participação de 16 grão-duques. E embora Nikolai Nikolaevich tenha se recusado a participar da conspiração, ele tomou essa decisão não como um súdito leal do Soberano, mas duvidando da confiabilidade de seus “irmãos” maçônicos.

A mais sanguinária foi a chamada conspiração da Crimeia.

O general A. M. Krymov, um maçom ativo [255] , propôs realizar o assassinato do czar em uma revisão militar em março de 1917 [256] .

O general Krymov, que tinha reputação de pessoa decidida, recebeu um papel importante em outra versão da conspiração. Como disse o maçom N.D. Sokolov, em fevereiro de 1917, em São Petersburgo, no escritório de Rodzianko, houve uma reunião dos líderes da Duma Estatal com os generais, que contou com a presença dos generais Ruzsky e Krymov.

Na reunião, ficou decidido que não poderia mais ser adiado, que em abril, quando o czar deixasse o quartel-general, seria detido na área controlada pelo comandante da frente Ruzsky e forçado a abdicar.

Foi atribuído ao General Krymov um papel decisivo nesta conspiração; foi nomeado governador-geral de São Petersburgo, a fim de suprimir decisivamente qualquer resistência por parte dos súbditos leais ao czar. Esta conspiração não era puramente maçônica, porque não apenas os maçons (por exemplo, Rodzianko) participaram dela, embora o papel organizador aqui

pertencesse ao mesmo Guchkov. De acordo com Sokolov, à frente desta versão da conspiração estavam Guchkov e Rodzianko; o filho de Rodzianko, coronel(?) do Regimento Preobrazhensky, que criou toda uma organização de grandes oficiais, que, segundo algumas fontes, incluía até o Grão-Duque Dmitry Pavlovich, estava associado a eles [257] .

Por fim, havia também o chamado plano naval. Em particular, Shulgin falou sobre ele. Era para convidar a rainha para um navio de guerra e levá-la para a Inglaterra. É possível que tenha sido planejado levar o czar para lá ao mesmo tempo.

Preparando-se para eliminar o czar, a resistência liberal-maçônica está trabalhando em várias opções para substituí-lo. Em primeiro lugar, falou-se sobre a transferência do poder para o Herdeiro durante a regência do Grão-Duque Mikhail Alexandrovich. Para alguns maçons, a figura do Grão-Duque Nikolai Nikolaevich era preferível. Houve até a opção de estabelecer uma nova dinastia - também foram propostos os primeiros candidatos ao trono - Pavel e Peter Dolgorukov-Rurikovich, que eram membros de lojas maçônicas. No entanto, o principal ponto de vista maçônico finalmente venceu - a liquidação completa do sistema histórico russo e a liquidação da Monarquia.

A discussão sobre a questão da tomada do poder em 1915-1916 ocorreu em todas as lojas maçônicas. Como escreve o maçom Kandaurov, "antes da revolução de Fevereiro, o Conselho Supremo instruiu as lojas a elaborar uma lista de pessoas adequadas para a nova administração e a nomear locais de reunião para os membros das lojas em Petrogrado, em caso de agitação popular. Tudo foi realizado com exatidão, e o movimento revolucionário, sem o conhecimento dos liderados, foi liderado em grande parte por membros das lojas ou por seus simpatizantes" [258] . Um papel activo na preparação do "governo da nova Rússia" pertenceu ao proeminente sionista A. I. Braudo [259] .

Em 16 de abril de 1916, em reunião secreta no apartamento dos maçons E.D. Kuskova e S.N. Prokopovich, representantes dos progressistas, cadetes de esquerda e partidos socialistas de direita, também entre os maçons, discutiram mais uma vez as listas de candidatos ministeriais publicados no jornal Morning of Russia. Nesta reunião, o mesmo líder de Zemgora, o príncipe maçom G. E. Lvov, foi proposto como primeiro-ministro.

Em última análise, a nova composição do governo é formada em uma conspiração secreta do movimento clandestino liberal-maçônico, de conspiradores - líderes de lojas maçônicas, que ao mesmo tempo chefiavam

organizações públicas proeminentes - Zemgor, o Comitê Industrial Militar (MIC), o Bloco Progressista da Duma Estatal. Tudo foi decidido e acordado antecipadamente, embora o público em geral nada soubesse. A conspiração aconteceu pelas costas dela. Os candidatos estavam prontos e propostos por sugestão dos líderes das “organizações públicas” - os maçons. “Não é que tenham sido elaboradas listas do futuro governo”, diz o proeminente cadete Mason N. I. Astrov, “mas os nomes foram trocados repetidamente, diferentes combinações de nomes foram nomeadas. Em uma palavra, o pensamento público estava em ação aqui: como resultado desse trabalho, formou-se a opinião pública. Acabou sendo um fenômeno curioso.**Os mesmos nomes foram mencionados em todos os lugares** (grifo meu. *OP*).

De 9 a 10 de dezembro de 1916, em Moscou, no apartamento do maçom Konovalov, reuniram-se mais uma vez representantes da União das Cidades, na qual foram adotadas importantes resoluções políticas. O seu significado era um só: a derrubada do governo e o estabelecimento de um governo entre “figuras públicas”. A resolução continha a habitual retórica liberal de esquerda e visava praticamente a tomada do poder no país por pessoas que pertenciam maioritariamente a lojas maçónicas. Quase simultaneamente, uma resolução semelhante foi aprovada por representantes de organizações públicas reunidas no apartamento do fabricante maçom Tretyakov. Ambas as resoluções foram preparadas no apartamento do maçom Konovalov com a participação dos maçons M. M. Fedorov, Astrov, Chelnokov, Tretyakov, Prokopovich. Na véspera, uma resolução de significado semelhante foi adotada pelo Congresso Zemstvo em Moscou e lida nas instalações da União Zemstvo. A composição do futuro governo também foi discutida no apartamento de Konovalov. A. I. Guchkov e o Príncipe Lvov foram nomeados como candidatos para o cargo de Presidente do Conselho de Ministros, e M. M. Fedorov, Konovalov, Kutler (todos maçons) foram nomeados para ministros.[260] .

Todas as resoluções foram propostas para serem reproduzidas na maior quantidade possível e amplamente distribuídas por toda a Rússia, bem como na frente entre as tropas, “a fim de criar uma tendência de oposição e até revolucionária entre as massas”. Numa reunião do Comité Central Militar-Industrial foi dito abertamente (isto foi relatado por agentes secretos) que se houver um clima adequado entre as massas, que deveria ser preparado por resoluções, então a Duma do Estado deveria proclamar que a atual composição do ministros serão derrubados e então formarão um governo provisório. Durante a discussão, o maçom Kazakevich objetou que, para resolver tais problemas, seria necessária a ajuda do exército e, portanto, era

necessário recorrer a ele. Ao que Mason Tereshchenko respondeu que “não há necessidade de recorrer ao exército, mas bastam dois ou três regimentos, com os quais tudo pode ser realizado” [261] .

A resistência liberal-maçónica está a usar todos os métodos possíveis para persuadir o Czar a criar um governo que lhe agrade.

Em 1916-1917, um certo A. A. Klopov, funcionário do Ministério das Finanças, tornou-se um instrumento de intriga maçônica, para quem, em 1898, Nicolau II acidentalmente chamou a atenção e permitiu-lhe escrever-lhe pessoalmente, tornando-o, como fosse, um informante sobre o clima no país.

A questão permanece em aberto se o próprio Klopov era maçom ou apenas caiu sob a influência invisível deles. No entanto, é claro que em 1916-1917 ele estava intimamente associado aos maçons G. E. Lvov e ao general Alekseev. Como os pesquisadores observaram com razão, nas cartas que Klopov escreveu ao czar, a influência dos maçons Konovalov, Nekrasov e Kerensky foi sentida [262] . Por trás da concha verbal monárquico-leal estavam as demandas dos círculos liberais-maçônicos para a criação de um governo controlado por eles, liderado pelo Príncipe Lvov. Uma das cartas de Klopov sobre a criação de um governo chefiado por Lvov vinha acompanhada de um certificado sobre ele, monstruoso no seu engano. O pior inimigo do Czar foi apresentado como Seu amigo.

Capítulo 16

Os conspiradores estão com pressa. - Assassinato de Rasputin. A ofensiva da aliança germano-bolchevique. Preparação de um golpe de estado.

No final de 1916, o mecanismo da revolução anti-russa estava totalmente preparado para uma ação decisiva. A resistência liberal-maçónica desenvolveu planos para eliminar o Czar, criou uma opinião pública negativa sobre o governo russo legítimo como incapaz e criminoso, e preparou as pessoas para o futuro governo revolucionário. Os conspiradores estavam com pressa, porque a ofensiva que se aproximava na primavera, de acordo com todas as previsões, deveria terminar com a vitória final das armas russas e, portanto, com uma glória ainda maior para o czar russo. Para eles, isto significou o colapso dos seus planos de tomada do poder.

Além disso, a profundidade da traição e da traição assustou os próprios conspiradores. Tal como Guchkov, compreenderam que tinham feito o suficiente para serem enforcados por alta traição, que mais cedo ou mais tarde os seus planos seriam revelados, que teriam de sofrer um castigo bem merecido. Muitas figuras do movimento clandestino liberal-maçônico, além da responsabilidade por alta traição, foram ameaçadas de processo criminal por diversos atos vergonhosos. Julgamentos sérios eram esperados em casos de fraude financeira e suborno em Zemgora e nos Comitês Militares-Industriais, nos quais G. E. Lvov, A. I. Guchkov, A. I. Konovalov, P. P. Ryabushinsky e muitas outras grandes "figuras públicas" participaram. P. Milyukov também enfrentou responsabilidade legal por difamação.

Também estavam com pressa os representantes da aliança germano-bolchevique, um dos principais coordenadores da qual era um agente alemão, um social-democrata russo originário de Odessa, o maçom Parvus-Gelfand. Para a Alemanha, uma revolta antigovernamental na Rússia era a única oportunidade de impedir a vitoriosa ofensiva russa. A inteligência alemã, enviando instruções aos líderes bolcheviques, insiste na organização imediata de uma greve política geral, o Estado-Maior alemão aloca enormes fundos para distribuir aos trabalhadores de empresas em greve, manter funcionários bolcheviques e conduzir agitação subversiva.

Tanto a resistência liberal-maçónica como a aliança germano-bolchevique parecem estar a correr para cumprir os seus planos criminosos.

O primeiro passo decisivo contra o czar foi o assassinato de um amigo da família real, G. E. Rasputin. Sabendo da sua proximidade com o casal real, os conspiradores quiseram assim desmoralizar o czar.

A última vez que o czar se encontrou com Rasputin foi em 2 de dezembro. Como diz Vyrubova, Grigory Efimovich encorajou o czar, dizendo que o principal é que não há necessidade de fazer a paz, pois vencerá o país que mostrar mais coragem e paciência. Quando o casal real estava prestes a partir, o czar disse, como sempre: “Gregório, cruze-nos a todos”. “Hoje você me abençoa”, respondeu Grigory Efimovich, o que o imperador fez.

O líder ideológico e organizador do assassinato foi o maçom, cadete V. A. Maklakov. Foi elaborado um plano prévio e escolhido um local para a eliminação do cadáver e destruição dos pertences da vítima. Representantes de todas as camadas sociais afetadas pela doença da rejeição da Rússia participaram do crime.

Um representante da multidão aristocrática, os mais altos estratos dominantes da sociedade, que, devido à educação ocidental e à orientação de vida, estão irremediavelmente divorciados do povo russo, é o príncipe F. F. Yusupov, um maricas de coração fraco por natureza, um afeminado e um almofadinha , a quem Rasputin tratou de transtornos mentais. (Este criminoso, embora não participasse do trabalho das lojas maçônicas, era membro da sociedade maçônica Mayak).

O representante da parte degenerada da Dinastia Romanov é o Grão-Duque Dmitry Pavlovich, um homossexual vil, de duas caras, dilacerado por ambições políticas, que participou de reuniões maçônicas.

Radical de direita, extremista, poser e falador, um daqueles que, com suas atividades estúpidas e hipócritas, desacreditaram o movimento patriótico russo - V. M. Purishkevich (aliás, em sua juventude ele também foi membro da loja maçônica).

Os criminosos atraíram Rasputin para o palácio de Yusupov, tentaram, sem sucesso, envenená-lo, depois atiraram nele com uma pistola, primeiro nas costas e depois em qualquer lugar, e depois acabaram com ele com um peso na cabeça. O brutalmente torturado Rasputin foi jogado em um buraco no gelo perto da Ilha Krestovsky.

O funeral de Rasputin ocorreu na manhã de 21 de dezembro em total sigilo.

Ninguém, exceto o casal real com suas filhas, Vyrubova e duas ou três outras pessoas, estava lá. Os admiradores de Rasputin não foram autorizados a comparecer.

A família real ficou muito chateada com o que aconteceu. Foi especialmente deprimente que muitas pessoas ao seu redor, até mesmo pessoas próximas, tenham se alegrado com o assassinato.

O casal do czar ficou especialmente impressionado com os telegramas interceptados pela polícia, que a irmã da czarina, a grã-duquesa Elizaveta Feodorovna, enviou aos assassinos Dmitry Pavlovich e Yusupov, parabenizando-os pelo assassinato e agradecendo-os por isso. “Esses telegramas vergonhosos”, escreve Vyrubova, “mataram completamente a Imperatriz - ela chorou amargamente e inconsolavelmente, e eu não pude fazer nada para acalmá-la”.

Abençoando o “ato patriótico” dos assassinos, Elizaveta Fedorovna sucumbiu à histeria social geral, que derrubou a sociedade em 1917. Ao

aplaudir os assassinos de Rasputin, Elizabeth, de fato, aplaudiu os assassinos de seu marido e de seus futuros assassinos.

Sucumbindo ao clima geral de intolerância, reconhecendo o assassinato como forma de resolver problemas sociais, ela, como muitos então, recuou dos ideais da Ortodoxia.

Mas o que dizer se o Czar e a Rainha, em certo sentido, também sucumbiram a esse estado de espírito! Afinal, os assassinos ficaram sem retribuição.

Nenhum caso foi aberto contra eles, não houve um julgamento justo. O czar limitou-se a enviar Yusupov para sua propriedade e a transferir Dmitry Pavlovich para o Cáucaso. Até o jovem czarevich Alexei ficou surpreso por o czar não punir de forma justa os assassinos.

Vyrubova escreve: "Sua Majestade não decidiu contar-lhe imediatamente sobre o assassinato de Rasputin, mas quando lhe contaram baixinho, Alexei Nikolaevich começou a chorar, enterrando a cabeça nas mãos. Então, voltando-se para o pai, exclamou com raiva: "Sério, pai, você não vai puni-los adequadamente? Afinal, o assassino de Stolypin foi enforcado!" O Imperador não lhe respondeu." Isto causou uma grande impressão na sociedade russa - o "direito" ao assassinato gratuito surgiu na consciência pública - o principal motor da futura revolução.

Após o assassinato de Rasputin, são realizadas reuniões nas lojas maçônicas nas quais são discutidos os rumos da agitação antigovernamental. Uma nova onda de rumores caluniosos espalhados pela resistência liberal-maçónica fortalece ainda mais a acusação contra a czarina em conexão com espiões alemães e "transferência" de planos militares para os alemães. O próprio assassinato de Rasputin é declarado um "ato justo de patriotas russos" contra um "ninho de espiões de forças das trevas". Os apartamentos dos pedreiros Konovalov e Kerensky tornaram-se o centro de difusão desses rumores.

A aliança germano-bolchevique iniciou a sua ofensiva em 9 de janeiro de 1917 com uma nova tentativa de organizar uma greve geral. Os Bolcheviques e os Internacionalistas Socialistas Revolucionários foram totalmente mobilizados. Foi possível mobilizar 138 mil trabalhadores para entrar em greve em Petrogrado [263] , o que claramente não foi suficiente para cumprir as directivas do comando alemão. É claro que o facto de no início de Janeiro a polícia russa ter detido o Comité Bolchevique de São Petersburgo e confiscado a sua gráfica clandestina, onde iriam imprimir panfletos e brochuras, teve um impacto. No entanto, comícios políticos foram realizados em várias fábricas, onde propagandistas pré-preparados

realizaram agitação derrotista. Em geral, a apresentação do dia 9 de janeiro não foi um grande sucesso.

A resistência liberal-maçónica está a tentar tomar a iniciativa do movimento operário nas suas próprias mãos. No dia de abertura da reunião da Duma de Estado, em 14 de fevereiro de 1917, por iniciativa do chefe do Grupo de Trabalho do Complexo Militar-Industrial de Guchkov, o maçom Gvozdev, membros da Duma dos maçons Chkheidze e Kerensky, bem como com com o apoio do Bloco Progressista, está prevista a realização de uma manifestação de trabalho "pacífica" no Palácio Tauride.

Na noite de 27 de janeiro de 1917, um esquadrão policial liderado por um coronel da gendarmaria fez uma busca nas instalações do Grupo de Trabalho do Comitê Central Militar-Industrial, onde foram encontrados vários documentos que confirmavam o caráter subversivo da próxima manifestação operária como preparação para um golpe de estado. Na mesma noite, os líderes do Grupo de Trabalho K. A. Gvozdev, G. E. Breido, E. A. Gudkov, I. I. Emelyanov, I. T. Kachalov, V. M. Shilin, N. Ya. Yakovlev foram presos, F. Ya. Yakovlev e o secretário do grupo B. O. Bogdanov.

Há comoção nos círculos maçônicos clandestinos. No dia 29 de janeiro, com observância de precauções, reuniu-se uma reunião maçônica de "figuras públicas", na qual estiveram presentes muitos representantes proeminentes (cerca de 35 pessoas): A. Guchkov, Konovalov, Iznar, Kutler, Kazakevich - Complexo Industrial Militar Central ; Pereverzev, Devyatkin, Cheregorodtsev - Complexo Industrial Militar de Moscou; Kerensky, Chkheidze, Adzhemov, Karaulov, Milyukov, Bublikov - Duma Estatal; um certo Príncipe Drutsky é um representante de Zemgor.

Como resultado da reunião, foi decidido "eleger entre o nosso meio um círculo particularmente secreto e fechado que pudesse desempenhar o papel de um centro dirigente para todo o público" [264] e realizar uma manifestação "pacífica" dos trabalhadores.

Naturalmente, a aliança germano-bolchevique está a tentar usar a manifestação dos trabalhadores preparada pelos maçons no seu próprio interesse, fazendo avançar os seus slogans derrotistas durante a organização. No entanto, o evento conjunto maçónico-bolchevique está a decorrer "de forma lenta e ineficaz". Embora em 14 de fevereiro de 1916 quase 90 mil pessoas tenham entrado em greve em Petrogrado em 58 empresas, não houve nenhum aumento e entusiasmo particular.

Os trabalhadores da fábrica de Obukhov entraram em greve pela manhã. Saindo das oficinas, tentaram organizar manifestações, mas foram dispersados pela polícia.

Depois foram à fábrica imperial de cartões e à fundição de ferro para incitar os seus trabalhadores à greve.

Ao meio-dia, uma multidão de cerca de 150 pessoas reuniu-se na Rodovia Peterhof com faixas e slogans “Viva a república democrática!”, “Abaixo a guerra!” e tentou organizar uma manifestação, mas foi dispersado pela polícia. Várias outras tentativas foram feitas na ponte Liteyny e na Nevsky Prospekt, mas todas as vezes terminaram em uma ação decisiva da polícia.

Também houve agitação na Universidade de Petrogrado, onde se reuniu uma multidão de cerca de 300 estudantes, um dos quais apelou aos presentes para apoiarem os trabalhadores. Alguns estudantes aceitaram a proposta e começaram a se reunir para uma manifestação no Aterro Universitário, mas foram dispersos.

Um dia antes, realizou-se uma reunião de 300 estudantes do Instituto Politécnico, que aprovou uma resolução: em sinal de simpatia pelo movimento operário, declarar greve de três dias nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro. No dia 14 de fevereiro, os estudantes tentaram novamente organizar uma reunião, mas por falta de pessoas dispostas a falar, a reunião não aconteceu. Ao mesmo tempo, as palestras no instituto prosseguiram normalmente.

Junto com os discursos de trabalhadores e estudantes em 14 de fevereiro, foram notados motins que causaram multidões de recrutas na Rodovia Porkhovskoe e Zagorodny Prospekt. No primeiro caso, espalharam comida de uma mercearia, no outro, quebraram vidros em três relojoarias e de lá roubaram relógios [265] .

Em geral, a resistência liberal-maçônica não conseguiu realizar uma manifestação de massa perto da Duma Estatal. Reuniu-se uma pequena multidão de várias centenas de pessoas, que foi imediatamente dispersada pela polícia. Kerensky atribuiu o fracasso da manifestação às maquinações dos bolcheviques.

Capítulo 17

Realizando uma conspiração. — Criação de autoridades maçônicas. Traição.

Todas as testemunhas dos acontecimentos de Fevereiro de 1917 notam a natureza surpreendentemente organizada da agitação revolucionária que começou imediatamente após a saída do Czar de Petrogrado. Em 22 de fevereiro, eles engoliram a capital como num passe de mágica. Como acreditava Rodzianko, a preparação da agitação revolucionária foi realizada entre os membros do Comitê Executivo do Conselho dos Deputados Operários, que sem dúvida tinha certas diretrizes e agiu de acordo com um plano sutil e abrangente pensado antecipadamente, impulsionando o A Duma estatal como se fosse uma bandeira revolucionária popular.

“Mesmo o edifício e as instalações da Duma de Estado foram imediatamente tomados por trabalhadores armados no primeiro dia, ao que já não foi possível resistir... A monotonia do plano... tomou forma nas aldeias, nas províncias, e nas cidades, o que é confirmado por uma série de dados documentais” [266 [1] .

Assim, o presidente da Duma do Estado não teve dúvidas de que os motins foram organizados de acordo com um plano específico e controlados a partir de um único centro. Mas a Comissão Executiva do Conselho dos Deputados Operários surgiu apenas em 27 de Fevereiro, e a agitação organizada começou em 23 de Fevereiro. Quem os liderou até 27 de fevereiro? Nem os bolcheviques, nem os socialistas-revolucionários, muito menos os cadetes ou os outubristas, mesmo depois da abdicação do czar, quando lhes parecia que nada mais os ameaçava, admitiram isso. Isto significa que havia algumas forças secretas que não estavam nem um pouco interessadas em divulgar o seu envolvimento nos acontecimentos.

Naquela época, na Rússia, havia apenas duas dessas forças reais: a resistência liberal-maçônica e a aliança germano-bolchevique (espionagem-sabotagem). Como o próprio Rodzianko pertencia à resistência liberal-maçônica e até participou de uma conspiração contra o czar, sua ignorância desta questão indicava que os motins que começaram em 23 de fevereiro não foram organizados pela resistência liberal-maçônica (que na época estava se preparando sua própria conspiração), mas a aliança germano-bolchevique, que se rebelou contra o governo legítimo russo. No entanto, como mostraram os acontecimentos subsequentes, a resistência liberal-maçónica apoiou alegremente a revolta anti-russa liderada por agentes alemães e pelos bolcheviques, tentando usar os seus frutos em seus próprios interesses. Além disso, é óbvio

No dia 27 de Fevereiro, quando os acontecimentos começam a desenvolver-se a favor das forças subversivas, estas decidem legalizar-se criando um órgão aberto para a liderança do trabalho subversivo. Quase no mesmo dia, dois desses órgãos apareceram, e ambos foram iniciados por figuras proeminentes do movimento clandestino liberal-maçônico.

Na tarde do dia 27 de fevereiro, no prédio da Duma do Estado no Palácio Tauride, com base no Grupo de Trabalho Maçônico do Comitê Militar-Industrial com a participação de vários deputados da Duma do Estado, o chamado Foi criada a Comissão Executiva Temporária do Conselho dos Deputados Operários de Petrogrado. À noite, com uma composição aleatória de pessoas, teve início sua primeira reunião, na qual foi eleita uma liderança, composta apenas por membros das lojas maçônicas - Chkheidze (presidente), Kerensky e Skobelev (deputados). A primeira composição do Comitê Central do Conselho não incluía um único russo, e três quartos deles eram judeus: Gurvich (Dan), Goldman (Lieber), Gots, Gendelman, Rosenfeld (Kamenev). Havia também um polaco e um arménio.

O secretário do Soviete de Petrogrado tornou-se o maçom N. Sokolov, associado à inteligência alemã, que desempenhou as mesmas funções no Conselho Supremo dos Maçons Russos.

O Soviete de Petrogrado começou a organizar gangues para combater o governo legítimo russo, sob ele foi criada uma comissão militar, chefiada pelo maçom S. Mstislavsky (Maslovsky), membro da Loja Militar, o mesmo que certa vez propôs matar o czar.

O Soviete de Petrogrado conseguiu estabelecer um controle real sobre as massas rebeldes de soldados e realmente as liderou.

Na noite de 28 de fevereiro, no mesmo Palácio Tauride, foi criado um segundo centro de concentração das forças anti-russas - a Comissão Provisória da Duma do Estado, que assumiu os direitos de governo. Dos treze membros do Comitê, onze eram maçons - N.V. Nekrasov (Secretário do Conselho Supremo de Maçons), Príncipe G.E. Lvov, M.A. Karaulov, A.F. Engelgardt, NS Chkheidze (Presidente da Petrosovet). E apenas um Shulgin não pertencia às lojas maçônicas. A Comissão Temporária nomeou comissários para todos os ministérios, destituindo dos cargos os ministros legítimos. O Comissário do Ministério das Ferrovias, Mason A. Bublikov (que declarou abertamente que a moralidade na política só é prejudicial) assumiu o controle das ferrovias e das comunicações telegráficas, principalmente entre Petrogrado e a Sede [Mason Yu. V. Lomonosov (1876–1952) no final do reinado de Nicolau II serviu como Vice-Camarada

Ministro das Ferrovias. Juntamente com A. Bublikov, a quem a Duma do Estado nomeou como gerente temporário do ministério confiscado, Lomonosov desempenhou um papel importante nos eventos que levaram à abdicação de Nicolau II do trono.

A esposa de Lomonosov, Raisa (nascida Rosen, uma judia da província de Poltava) conseguiu ganhar a confiança da czarina Alexandra Feodorovna e durante a guerra serviu na enfermaria de Tsarskoye Selo, foi a vice da czarina responsável pela enfermaria, e depois sua de fato chefe. (O Passado. M.; São Petersburgo, 1991. P. 194).]. O Comitê Provisório, como o Soviete de Petrogrado, formou sua própria liderança militar, chefiada por um maçom - o coronel B. Engelhardt.

Assim, se até 27 de fevereiro a liderança do movimento anti-russo era levada a cabo na clandestinidade, a partir de 27 de fevereiro adquiriu dois centros "legais", através dos quais as instituições do legítimo poder russo foram deliberadamente desmanteladas, a ligação entre o povo russo e o portador do poder supremo russo, o czar, foi criminalmente derrotado.

O Comissário das Ferrovias, Bublikov, envia seus emissários ao longo da rota esperada do trem do Czar, que nas estações de entroncamento, sob ameaça de morte, afastam à força de suas funções os chefes de estação e os encarregados das comunicações telegráficas, atribuindo em seus coloca o seu próprio povo, que bloqueou completamente as comunicações entre o czar e o governo russo, entre o czar e a sua família. A ligação do Czar com o mundo exterior só poderia ser realizada através do Quartel-General, que era controlado pelos conspiradores.

Na verdade, já no dia 28 de fevereiro, o czar foi vítima de uma conspiração e foi afastado do poder. Ocorreu um golpe de estado, no qual participaram principalmente os líderes do movimento clandestino liberal-maçônico, a Duma do Estado e, mais importante, o alto comando militar. O czar, completamente isolado da Rússia no seu comboio, já não podia fazer nada.

Após a remoção do czar, a comunidade criminosa fez todos os esforços para destruir o exército russo, no qual a chamada Ordem nº 1 desempenhou um papel enorme.

Os historiadores ainda discutem sobre a origem da Ordem nº 1.

Segundo ele, a liderança das unidades militares passou para as mãos de representantes eleitos das camadas mais baixas, que por sua vez delegaram os seus deputados às autoridades superiores. Todas as decisões dos generais e oficiais foram colocadas sob o controle destes representantes. A disciplina

militar e a estrita subordinação dos inferiores aos superiores foram abolidas. O exército transformou-se numa turba indisciplinada e tornou-se um instrumento para a destruição da ordem estatal.

A ordem foi emitida antes mesmo da abdicação do czar e foi um ato de alta traição. Abaixo dele estava a assinatura do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado. No entanto, quem exatamente redigiu esta ordem não foi esclarecido.

Existe a versão mais difundida e, aparentemente, correta do surgimento desta ordem - o trabalho dos serviços de inteligência alemães. Na confusão e desordem organizadas, os agentes alemães, escondendo-se atrás de slogans revolucionários, trabalharam com virtual impunidade. A contra-espionagem militar foi paralisada, a censura militar foi destruída e as agências de segurança civil deixaram de existir. Nestas condições, não foi difícil fabricar tal ordem revolucionária e, através dos líderes do Soviete de Petrogrado, alguns dos quais receberam dinheiro alemão, colocá-la em funcionamento.

É sabido que esta ordem foi publicada através dos esforços do Secretário do Soviete de Petrogrado e, ao mesmo tempo, do Secretário do Conselho Supremo dos Maçons, N.D. Este social-democrata maçom era uma pessoa extremamente desconfiada. Houve rumores sobre sua ligação com a inteligência alemã. De qualquer forma, seu amigo, o social-democrata polonês (e também maçom) M. Yu. Kozlovsky, viajou da Rússia para Copenhague em 1915-1916 como intermediário entre Lênin e os serviços especiais alemães, pelo que foi preso e libertado. pelos bolcheviques apenas em outubro de 1917 [267] . Em geral, na noite de 1º a 2 de março, esse pedido foi impresso em um grande número de exemplares e enviado para o front, e parte da circulação desse pedido veio do lado alemão.

O ex-presidente da Duma Estatal Rodzianko, que estudou a questão do surgimento da Ordem nº 1, não teve dúvidas sobre a sua origem alemã. Em particular, ele citou o testemunho do General Barkovsky, que lhe disse diretamente que “esta ordem em grandes quantidades foi entregue às suas tropas das trincheiras alemãs” [268] .

A publicação massiva desta ordem transformou o exército russo do mais poderoso do mundo em um rebanho multimilionário de soldados indisciplinados, incapazes de atacar. O objetivo da sede alemã foi alcançado.

No dia 28 de fevereiro chega no trem do czar o último telegrama, no qual o ministro da Guerra, general Belyaev, informa ao czar que a situação na cidade é difícil. Os rebeldes tomaram posse das instituições mais importantes

de todas as partes da cidade. As tropas, sob a influência do cansaço e também da propaganda, largam as armas e passam para o lado dos rebeldes e tornam-se neutras. Belyaev acha difícil indicar quantas empresas militares permaneceram leais ao governo. Há disparos indiscriminados nas ruas o tempo todo, todo o movimento foi interrompido; oficiais e soldados que se recusam a mostrar a sua solidariedade para com os rebeldes são desarmados.

De 27 a 28 de fevereiro, a cidade se viu nas mãos de elementos subversivos e simplesmente criminosos e de soldados bêbados. Testemunhas oculares disseram que em alguns lugares multidões de soldados armados, na sua maioria bêbados, marinheiros e judeus invadiram casas, verificaram documentos, pegaram armas de oficiais e roubaram o que puderam ao longo do caminho [269] . "Soldados bêbados, sem cintos e desafivelados, com e sem rifles, corriam de um lado para outro e roubavam tudo que podiam de todos os depósitos. Alguns corriam com um pedaço de pano, alguns com botas, alguns, já completamente bêbados, carregavam garrafas de vinho e vodca, outros estavam todos embrulhados em fitas de seda coloridas. Um agiota judeu confuso, mulheres e estudantes do ensino médio corriam por aí. À noite (27 de fevereiro) houve um incêndio em um dos maiores armazéns, durante o qual soldados bêbados morreram queimados no porão" [270] .

Os soldados apreendem e distribuem armas militares aos civis, alguns até as vendem. Os participantes dos eventos descrevem como os destacamentos militares se misturaram à multidão em que centenas de agitadores revolucionários e espiões alemães realizaram o seu trabalho.

"Os rostos brilhavam de entusiasmo, as convicções de inúmeros agitadores de rua de estar com o povo, de não ir contra ele em defesa da autocracia czarista, eram percebidas como algo evidente, já digerido. Mas a excitação nos rostos da massa de soldados refletia, principalmente, perplexidade e ansiedade: o que estamos fazendo e o que pode resultar disso? [271] . Sim, muitos soldados perceberam que estavam cometendo um crime contra o Estado, mas, provocados à rebelião, devido à sua posição, não podiam mais parar, porque se fosse reprimido, severos castigos os aguardavam. Muitos agitadores giraram em torno deles, convencendo-os de que um crime militar e estatal acabou por ser um ato heróico, um feito na luta pela liberdade.

As atividades das instituições governamentais cessaram. O Grão-Duque Mikhail Alexandrovich saiu da casa do Ministro da Guerra às três da manhã e, apesar da noite, não conseguiu chegar à estação e foi forçado a regressar ao Palácio de Inverno. Belyaev, que avaliou a situação bem no meio das

coisas, acreditava: “A rápida chegada de tropas é extremamente desejável, porque até a chegada de uma força armada confiável, a rebelião e a agitação só aumentarão” [272 [1] . Assim, Belyaev não tinha dúvidas de que a rebelião poderia ser reprimida pela força militar.

Em geral, Petrogrado estava nas mãos de inimigos do legítimo governo russo. Enganadas e provocadas numa revolta sem sentido, as massas de trabalhadores e soldados pareciam ter esquecido que eram russas e que o sangue dos defensores da Pátria estava a ser derramado na frente. O que foi feito em Petrogrado foi uma traição à Pátria, uma traição aos interesses da Rússia. Mas será que as posições dos traidores que destruíram muitos centros vitais do grande país eram realmente tão fortes então? A evidência histórica diz irrefutavelmente que não. Toda a força de provocação que veio de baixo, dos revolucionários e dos agentes alemães, foi apenas uma força de destruição, uma vez que se baseava num movimento clandestino anti-russo hostil e, se se manifestou, foi apenas sob outras formas. Esta força poderia contribuir para a destruição, mas não foi capaz de organizar a resistência ao legítimo governo russo. Já em 28 de Fevereiro, acções decisivas por parte das autoridades militares fora de Petrogrado poderiam suprimir os traidores e restaurar a ordem em poucos dias. Um dos participantes mais activos no golpe, Mason Bublikov, que então controlava as ferrovias, admitiu mais tarde: “Uma divisão disciplinada da frente foi suficiente para que a revolta fosse reprimida. Além disso, ele poderia ter sido pacificado com uma simples pausa no trem. movimento com Petersburgo: a fome teria forçado Petersburgo a se render em três dias. O czar ainda poderá regressar em março. E todos sentiram: não foi sem razão que o pânico irrompeu várias vezes no Palácio Tauride.” Outro participante ativo nos acontecimentos, N. Sukhanov, admitiu: “...o que foi feito? E o que deveria ter sido feito? As estações estão ocupadas no caso de tropas se deslocarem da frente ou das províncias contra São Petersburgo? O tesouro está ocupado e guardado? banco estadual, telégrafo? Que medidas foram tomadas para prender o governo czarista e onde ele está? O que está a ser feito para garantir que a parte restante, neutra e talvez até “leal” da guarnição passe para o lado da revolução?

Foram tomadas medidas para destruir os centros policiais do czarismo, o departamento de polícia e a polícia secreta? Seus arquivos foram preservados do pogrom? Qual é a situação da protecção da cidade e dos armazéns de alimentos?... Está protegido algum verdadeiro armazém do centro da revolução, o Palácio Tauride?... E foram criados órgãos capazes de servir todos estes tarefas de uma forma ou de outra?” E ele mesmo respondeu:

“Nada foi feito e não havia forças para fazer nada”. Então por que a Revolução de Fevereiro foi um sucesso? Mas porque, além do movimento anti-russo vindo de baixo, representado por demônios revolucionários e agentes alemães, um movimento anti-russo estava se desenvolvendo simultaneamente vindo de cima - participantes da conspiração maçônica contra o governo czarista, que tentaram usar a situação em seus próprios interesses, mas cruelmente mal calculados. O movimento anti-russo vindo de cima paralisou todas as tentativas das autoridades governamentais para resistir e suprimir a agitação. Na verdade, trata-se de alta traição por parte de pessoas que, segundo a sua posição oficial, deveriam ter feito tudo para impedir a rebelião. Em primeiro lugar, esta foi a traição da elite militar russa, uma parte significativa da qual eram membros de lojas maçónicas.

Capítulo 18

Traição do comando militar. — O czar é prisioneiro do general Ruzsky. - Renúncia. - “Há traição, covardia e engano por toda parte.” — O colapso do poder russo legítimo.

O czar chegou ao quartel-general em 22 de fevereiro e, três dias antes, após vários meses de ausência por doença, o chefe do Estado-Maior, general maçom Alekseev, não totalmente recuperado, chegou aqui. Sua aparição foi uma grande surpresa para os funcionários, pois era esperado mais perto da ofensiva que se aproximava. Durante esta última estadia do Soberano na Sede, aconteceram muitas coisas estranhas. Coisas terríveis estavam acontecendo em Petrogrado, mas aqui havia uma espécie de silêncio sereno, uma calma mais que de costume. A informação que chegou ao Imperador passou pelas mãos de Alekseev. Agora é impossível dizer até que ponto Alekseev reteve informações e até que ponto essas informações foram distorcidas de São Petersburgo. O fato é que até o dia 27 o Imperador tinha uma ideia distorcida do que acontecia em Petrogrado.

Ao receber as primeiras notícias de motins de soldados em Petrogrado, o czar decide enviar tropas para lá para reprimir a rebelião criminosa.

À noite, isso foi relatado por telégrafo ao Ministro da Guerra em Petrogrado. No entanto, este despacho já havia sido interceptado e os conspiradores sabiam das intenções do czar. O envio de tropas para Petrogrado foi feito de forma lenta. Somente na tarde de 28 de fevereiro, o

general Ivanov com uma equipe de cavaleiros de São Jorge partiu para seu destino.

O próprio czar, sem esperar a chegada das tropas, foi a Czarskoe Selo na madrugada de 28 de fevereiro, não cedendo à persuasão para nomear o príncipe maçom Lvov como primeiro-ministro. Seu irmão, o grão-duque Mikhail Alexandrovich, perguntou-lhe sobre isso à noite. O rei ainda não sabia que o poder estatal no país havia sido usurpado por conspiradores e traidores e que já estava completamente isolado.

Em 28 de fevereiro, o maçom Bublikov envia um telegrama informando que, em nome do comitê da Duma do Estado, ocupou o Ministério das Ferrovias. O controle da passagem do trem do czar está em suas mãos e ele não o perde de vista até o último momento [273] .

Bublikov nomeia um certo tenente Grekov como comandante militar da estação Nikolaevsky em Petrogrado, que, em nome da Comissão Provisória, estabelece o controle sobre a passagem de todos os trens militares, exigindo informações sobre o número e tipos de tropas. Grekov exige que os trens militares não sejam autorizados a sair da estação sem permissão especial do Comitê Provisório. [274]

O trem real, controlado por traidores, colide com barreiras em Lyuban e Tosno na noite de 28 de fevereiro para 1º de março. É improvável que ali houvesse grandes tropas, muito provavelmente pequenos grupos de homens armados. Mas foi decidido não arriscar e passar de Malaya Vishera para Pskov.

No dia 1º de março, na estação Dno, é enviado um telegrama do trem do Czar ao Presidente da Duma Estatal Rodzianko, no qual o Czar o convida a chegar a Pskov, na sede da Frente Norte, juntamente com o Presidente do Conselho de Ministros, o Príncipe Golitsyn, o Secretário de Estado Kryzhanovsky e o candidato mais desejável para formar um governo, no qual, segundo a opinião de Rodzianko, "todo o país pode confiar e a população confiará" [275] .

Mas toda a correspondência do Czar é completamente controlada. Os conspiradores têm medo de deixar Rodzianko fora de controle, porque realmente não confiam nele.

Às seis da tarde do dia 1º de março, um telegrama assinado por Bublikov voa para o trem do czar, no qual é relatado que "Rodzianko foi detido pelas circunstâncias e não pode partir" [276] . O czar não tem a oportunidade de

contactar a sua família em Czarskoe Selo. Todas as cartas e telegramas que sua esposa lhe envia são interceptados.

Chegando a Pskov, o czar se viu prisioneiro nas mãos de traidores, isolado do quartel-general e de sua família. O príncipe S.E. Trubetskoy, que estava tentando chegar ao czar, convenceu-se de que o czar estava na posição de prisioneiro e ninguém tinha permissão para vê-lo [277] . Além disso, a segurança era realizada por sentinelas militares, subordinadas ao comandante-chefe da Frente Norte, general maçom Ruzsky. Para se encontrar com o czar, era necessária permissão especial de Ruzsky. Muitas pessoas, mesmo pessoas próximas, não conseguiram chegar ao czar; toda a correspondência foi interceptada e, sobretudo, cartas da czarina e de pessoas leais ao czar.

Após uma conversa com Ruzsky, ficou claro para o czar e seu círculo imediato que "não apenas a Duma, Petrogrado, mas também o alto comando estavam agindo de pleno acordo e decidiram realizar um golpe" (General Dubensky) [278] . Ruzsky afirmou diretamente que a resistência aos rebeldes é inútil e que "devemos render-nos à misericórdia do vencedor".

O general Dubensky conta o sentimento de indignação e insulto que todos os fiéis ao czar experimentaram: "É difícil imaginar uma traição traiçoeira mais rápida e mais consciente ao seu soberano. Dificilmente seria possível pensar que Sua Majestade seria capaz de abalar as convicções de Ruzsky e encontrar nele apoio para a sua oposição ao golpe que já havia começado. Afinal, o Imperador se viu isolado de todos. Perto estavam apenas as tropas da Frente Norte sob o comando do mesmo General Ruzsky, que reconheceu os "vencedores".

Uma das pessoas próximas ao czar propõe prender e matar Ruzsky. Mas todos entendem que isso não pode mudar a situação, uma vez que Ruzsky atua em pleno acordo com o Chefe do Estado-Maior do Quartel-General, General Alekseev, que essencialmente assumiu as responsabilidades do comandante-em-chefe e, portanto, controla todas as forças armadas.

Enquanto isso, na Sede, na noite de 1 a 2 de março, está sendo elaborado um projeto de manifesto sobre a abdicação do Soberano do trono.

Do ponto de vista do conhecimento de hoje, é absolutamente claro que ações decisivas por parte da comitiva do czar para reprimir a rebelião e remover do poder os generais traidores foram possíveis ainda na manhã de 2 de março. E os próprios traidores se sentiam muito inseguros e blefavam mais do que realmente confiavam em si mesmos. Como disse com razão o almirante

Nilov, que estava ao lado do czar, era impossível fazer concessões. “Há muito tempo que há uma luta clara para derrubar o Soberano, um enorme partido maçónico tomou o poder e só se pode combatê-lo abertamente e não entrar em compromissos” [279] .

Mas as horas se passaram e o czar permaneceu no mesmo isolamento, não recebendo uma única mensagem de sua família, e todas as informações passaram pelas mãos dos generais traidores. O czar ficou deprimido com a traição dos generais, que sempre lhe garantiram seus sentimentos leais e o traíram nos momentos difíceis. Alguém já sabia quanto esforço e trabalho o Imperador colocou para preparar o exército para o combate e prepará-lo para a próxima ofensiva da primavera. E neste momento eles O declaram “um obstáculo à felicidade da Rússia” e exigem deixar o trono. Os traidores enganam o Czar, incutindo-lhe a ideia de que a sua abdicação “trará o bem à Rússia e ajudará a estreita unidade e coesão de todas as forças nacionais para alcançar a vitória o mais rapidamente possível”.

À noite, após uma conversa com Ruzsky, o Imperador decide renunciar ao trono em favor de seu filho sob a regência de seu irmão Mikhail Alexandrovich. Mas ele aparentemente ainda espera pelo exército.

Embora a ligação entre o czar e o quartel-general do exército não tenha sido realmente perdida, o general Alekseev essencialmente retirou o czar do controlo do exército e tomou o poder nas suas próprias mãos. Sem quaisquer direitos, assumiu as funções de Comandante-em-Chefe Supremo.

Usando seu poder, ele envia um pedido circular aos comandantes dos exércitos. Este pedido de informação falsificou grosseiramente a situação real, alegando que as tropas estavam desmoralizadas e que a guerra só poderia continuar se as exigências de abdicação do czar fossem cumpridas.

Dirigindo-se aos comandantes do exército, Alekseev afirmou, referindo-se a Rodzianko, que “a situação, aparentemente, não permite qualquer outra solução” [280] e assim impôs a eles, que não tinham outras informações, a resposta desejada pelos conspiradores. Alekseev transmite aos comandantes da frente [281] os resultados das negociações entre a liderança do exército e os líderes da Duma Estatal. Nestas negociações, as cores também são deliberadamente exageradas e a situação é apresentada sob uma luz favorável à diabrura revolucionária. A agitação teria se espalhado por grande parte da Rússia e, em particular, por Moscou. Isso não era verdade. A agitação foi observada apenas em Petrogrado e Kronstadt, enquanto em Moscovo e noutras cidades russas as autoridades legais controlavam totalmente a situação.

Os maçons Alekseev, Ruzsky e Rodzianko, “envolvidos” por um denso ambiente maçônico, cometeram um crime direto contra o Estado, interpretando os acontecimentos de forma distorcida.

As respostas dos comandantes do exército corresponderam às informações que receberam de Alekseev e Rodzianko. Com dor na alma, ainda sem saber que estão sendo enganados, acreditando que as coisas estão realmente tão ruins e não há outro jeito, eles concordam em renunciar. A última resposta chega a Pskov às 14h50 e, por volta das três, o czar envia um telegrama ao presidente da Duma de Estado e ao chefe do Estado-Maior do Comandante-em-Chefe Supremo. “Não existe tal sacrifício”, diz o primeiro deles, “que eu não faria em nome do bem real e pela salvação da minha querida Mãe Rússia. Portanto, estou pronto para abdicar do trono em favor de meu filho para que ele permaneça comigo até atingir a maioridade sob a regência de meu irmão, o grão-duque Mikhail Alexandrovich" [282 [] .

Mas mesmo depois de entregar os telegramas a Ruzsky, o Imperador ainda hesita, tem dúvidas e exige que Ruzsky pare de enviar os telegramas e os devolva a Ele. Porém, Ruzsky não entrega os telegramas.

O rei, aparentemente, ainda espera por seus súditos leais e acredita que o apoio virá. Mas horas dolorosas passam e nenhuma ajuda chega. Por volta das 22 horas, chegam de Petrogrado representantes do “público revolucionário” – o pior inimigo do czar, o maçom A. I. Guchkov [283] e um funcionário activo do Bloco Progressista Maçónico, o pseudo-monarquista V. V. Shulgin. A presença deste último entre o coro daqueles que exigiam a sua abdicação provavelmente extinguiu finalmente a última esperança do czar.

E, no entanto, até ao último momento, os conspiradores temeram que a abdicação do czar não ocorresse, que ele formasse um exército, banisse os rebeldes e reprimisse a traição com força militar. Durante as negociações com o Czar sobre a abdicação, Guchkov instila no Czar a ideia de que não existem unidades militares fiáveis, que todas as unidades que se aproximam de Petrogrado estão a ser revolucionadas e que o Czar não tem qualquer possibilidade de outro resultado senão a abdicação. Claro que era mentira.

Havia tais unidades na reserva do Quartel-General, mas algumas poderiam ter sido transferidas da frente. O rei precisava mais do que nunca do apoio dos militares, mas naquele momento não havia camaradas ao lado dele, mas sim traidores.

Ruzsky, que esteve presente na conversa entre Guchkov e Shulgin com o czar, confirmou com autoridade a falsa declaração de Guchkov de que o czar não tinha mais unidades leais para suprimir a rebelião.

“Não há unidade”, declarou Ruzsky ao czar, “que seja tão confiável que eu possa enviá-la para São Petersburgo” [284] . Até a chantagem direta entra em jogo. Os representantes do “público” não garantem a segurança da esposa e dos filhos do Czar se Ele não abdicar a tempo.

No dia 2 de março, às 15h, o czar assina a abdicação do trono em favor de seu irmão, o grão-duque Mikhail Alexandrovich, e à noite escreve em seu diário: “Há traição, covardia e engano por toda parte.”

Por que o Imperador tomou esta decisão fatal? Ele, enganado e traído por sua comitiva, aceitou-o na esperança (mais tarde ele falou sobre isso no exílio de Tobolsk) de que aqueles que desejassem Sua remoção pudessem levar a guerra a um final feliz e salvar a Rússia. Ele temia que Sua resistência servisse de pretexto para uma guerra civil na presença do inimigo e não queria que o sangue de um único russo fosse derramado por Ele.

Ele se sacrificou pelo bem da Rússia. Mas as forças que insistiram na saída do czar não queriam a vitória nem a salvação da Rússia; precisavam do caos e da morte do país. Eles estavam prontos para semeá-los em busca de ouro estrangeiro. Portanto, o sacrifício do czar revelou-se em vão para a Rússia e, além disso, desastroso, porque o próprio Estado foi vítima de traição.

Após a abdicação do Soberano, as intrigas dos círculos maçônicos não pararam e até se intensificaram, com o objetivo de destruir a Monarquia Russa em geral.

A liderança maçônica do Comitê Provisório da Duma Estatal insiste na ocultação pelo menos temporária do Manifesto do Czar sobre a abdicação e transferência do poder para o Grão-Duque Mikhail Alexandrovich. Tendo controlado completamente a situação, fazendo do Soberano um prisioneiro, isolando-o daqueles que o rodeiam, nem mesmo permitindo-lhe comunicar com a sua esposa e filhos, os conspiradores maçónicos estão deliberadamente a ganhar tempo para forçar o Grão-Duque Mikhail Alexandrovich a também desistir do poder , sugerindo consequências terríveis para ele pessoalmente, se ele ousar aceitá-lo.

O Príncipe Lvov e Rodzianko, num telegrama ao General Ruzsky, insistem que o Manifesto não deve ser publicado antes da sua ordem. O pretexto é que a ascensão de Mikhail Alexandrovich colocará lenha na fogueira e a agitação será ainda pior.

Na verdade, os conspiradores, que pertenciam principalmente às lojas maçónicas, executaram a decisão das convenções maçónicas de destruir a Monarquia em geral. Sem pensar nas consequências que a destruição da Monarquia levaria na Rússia, os conspiradores maçónicos forçaram essencialmente o Grão-Duque Mikhail Alexandrovich a abdicar. Fraco de espírito e inexperiente em questões de grande política, o grão-duque sucumbiu à pressão. O projeto de ato de abdicação do Grão-Duque Mikhail Alexandrovich foi elaborado pelo secretário do Conselho Supremo dos Maçons Russos, N.V. Nekrasov, e seu outro "irmão" de alto escalão, V.D. Nabokov, concluiu o trabalho nele. Este documento foi assinado pelo Grão-Duque. A assinatura deste documento pôs fim ao período de ascensão da Rússia e iniciou o processo da sua destruição, que não parou até hoje.

Capítulo 19

Congresso de Maçons de Abril. — Governo maçônico da Rússia. - Tentativas de matar o czar. — Caráter maçônico do movimento branco.

Imediatamente após a abdicação do czar, as organizações maçônicas internacionais enviaram uma carta especial ao Governo Provisório, na qual os parabenizavam por alcançarem um objetivo comum - a destruição do sistema estatal russo. Os conspiradores maçônicos regozijaram-se.

Como escreve o maçom V. A. Nagrodsky (33 o), "a revolução de 1917 inspirou os irmãos" [285] . O czar foi forçado pelos conspiradores a abdicar em março, e em abril o Congresso Maçônico Pan-Russo se reúne em Moscou. Nele, delegados das lojas maçônicas do sul propõem declarar a Rússia uma potência maçônica e enviar seus representantes a outras potências maçônicas. No entanto, a maior parte do congresso, composto principalmente por antigos maçons, manifestou-se contra a "existência aberta da Maçonaria" e propôs manter o sigilo total. Como Nagrodsky observou mais tarde, a decisão dos "irmãos" mais velhos de não legalizar as atividades maçônicas e seus medos "revelaram-se corretos" [286] .

As listas de pessoas recomendadas pelos maçons livres para ocupar cargos governamentais "adequados para a nova administração" [287] compiladas nas lojas maçônicas tornaram-se documentos orientadores na formação do Governo Provisório e em cargos-chave em ministérios e departamentos, bem como comissários locais de o Governo Provisório. Abaixo segue uma tabela

de distribuição de cargos no Governo Provisório. Todos os seus membros pertenciam a lojas maçônicas.

Governo maçônico da Rússia, 2 de março a 25 de outubro de 1917

Primeiro segundo terceiro quarto

composição composição composição composição

Posição em 2 de março em 6 de maio em 6 de agosto em 26 de setembro

Presidente do Conselho de Ministros G. E. Lvov G. E. Lvov A. F. Kerensky A. F. Kerensky

Deputado Presidente do Conselho de Ministros - N. V. Nekrasov A. I. Konovalov

Ministro da Administração Interna - G. E. Lvov G. E. Lvov N. D. Avksentyev

Ministro das Relações Exteriores P. N. Milyukov M. I. Tereshchenko M. I. Tereshchenko M. I. Tereshchenko

Ministro da Guerra A. I. Guchkov A. F. Kerensky A. F. Kerensky A. I. Verkhovsky

Ministro da Marinha A. I. Guchkov A. F. Kerensky A. F. Kerensky D. N. Verderevsky

Ministro das Finanças M. I. Tereshchenko A. I. Shingarev N. V. Nekrasov M. V. Bernatsky

Ministro da Justiça A. F. Kerensky P. N. Pereverzev A. S. Zarudny P. N. Malyantovich

Ministro da Agricultura A. I. Shingarev V. M. Chernov V. M. Chernov S. L. Maslov

Ministro da Educação A. A. Manuilov A. A. Manuilov S. F. Oldenburg S. S. Salazkin

Ministro do Comércio e Indústria A. I. Konovalov A. I. Konovalov S. N. Prokopovich A. I. Konovalov

Ministro do Trabalho - M. I. Skobelev M. I. Skobelev K. A. Gvozdev

Ministro da Alimentação - A. V. Peshekhonov A. V. Peshekhonov S. N. Prokopovich

Ministro da Caridade de Estado - D. I. Shakhovskoy I. N. Efremov N. M. Kishkin

Ministro das Ferrovias N.V. Nekrasov N.V. Nekrasov P.P. Yurenev A.V. Liverovsky

Ministro dos Correios e Telégrafos - I. G. Tsereteli A. M. Nikitin A. M. Nikitin

Procurador-Chefe do Sínodo (mais tarde Ministério das Confissões) V. N. Lvov V. N. Lvov A. V. Kartashev A. V. Kartashev

Controlador do Estado I. V. Godnev I. V. Godnev F.F. Kokoshkin S. A. Smirnov

Presidente do Conselho Econômico - S. N. Tretyakov

Ao longo de vários meses de domínio maçónico sobre a Rússia, o exército, a segurança do Estado, a polícia e as agências de inteligência foram completamente destruídos, e o sistema de governo ministerial e provincial foi destruído. Mason S. G. Svatikov foi incumbido de uma missão secreta para eliminar a inteligência russa no exterior. Todos os documentos relacionados a agentes secretos russos caíram nas mãos de conspiradores maçônicos e foram posteriormente usados por eles para seus próprios fins.

Svatikov recebeu uma tarefa especial relacionada aos Protocolos de Sião.

Ele foi instruído a interrogar oficiais da inteligência russa para determinar a origem dos Protocolos de Sião. Com base nos materiais de investigação, Svatikov compilou uma nota, uma cópia da qual está agora guardada na Hoover Institution (Stanford, EUA). Fica claro na nota que mesmo naqueles meses difíceis, os maçons estavam preocupados com o problema desses protocolos e com o pânico que tinham com medo de sua publicação. Não é de surpreender que tenha sido na primavera de 1917, por ordem de Kerensky, que a circulação do livro de S. A. Nilus, que continha o texto dos Protocolos de Sião, tenha sido destruída.

Na mesma primavera de 1917, a sociedade maçônica "Mayak" foi transformada em um dos ramos da organização juvenil maçônica YMCA. Seguindo as instruções do secretário-geral Heckert, 200 secretários

americanos vêm à Rússia para estabelecer o trabalho maçônico entre jovens e adolescentes [288] .

Estabelecendo como objectivo a destruição final do governo russo legítimo, os conspiradores maçónicos criam a Comissão Extraordinária de Investigação do Governo Provisório para investigar as acções “ilegais no cargo” de funcionários do governo czarista. A comissão reuniu-se sob o patrocínio do maçom Kerensky (Ministro da Justiça); um maçom, o advogado moscovita N.K. Muravyov, que era amigo pessoal de uma das figuras sinistras da Maçonaria Russa, participante do assassinato de G.E. Rasputin V.A., foi nomeado para o cargo de seu presidente Maklakov. A Comissão consistia de maçons famosos: V. M. Zenzinov, S. F. Oldenburg, P. E. Shchegolev, F. I. Rodichev, N. D. Sokolov.

A comissão está a fazer tudo para recolher provas incriminatórias sobre a comitiva do czar e os ministros do czar. Ao longo do caminho, os conspiradores maçónicos estão a fazer todo o possível para destruir vestígios das suas atividades anti-estado. Os arquivos da Delegacia de Polícia são controlados por “irmãos” maçônicos, retirando dos fundos pastas com documentos que os incriminam. Em particular, os pedreiros Shchegolev e Kandaurov “trabalharam” ali (este último até o admite na sua nota). Vários arquivos investigativos da polícia sobre o monitoramento de lojas maçônicas, alguns documentos do caso do assassinato de Rasputin e outros documentos que incriminam os maçons livres são confiscados.

É muito característico que, tendo “trabalhado” durante mais de seis meses, a Comissão Maçónica não tenha conseguido recolher material convincente que comprovasse os “crimes do antigo rei e da sua comitiva”. No entanto, esta “obra” atrasou essencialmente a morte da Família Real. Os maçons queriam lidar com o czar depois de um barulhento processo de denúncia, embora nas fileiras dos maçons os mais impacientes exigissem sua morte imediata e até tentassem fazê-lo.

Imediatamente após a abdicação, os maçons fizeram uma nova tentativa de matar o czar com o objetivo de “aprofundar a revolução”. Foi executado por um maçom, Coronel Mstislavsky (Maslovsky). O advogado e publicitário N.P. Karabchevsky fala sobre isso: “Quase no início do cativeiro czarista, ocorreu o seguinte episódio. Um pequeno destacamento de alguns soldados armados, ou voluntários, chegou às pressas de Petrogrado a Tsarskoye de trem, liderado, aparentemente, por um “coronel” muito enérgico (Mstislavsky (Maslovsky). - O.P. *)* . Eles também tinham três metralhadoras à disposição.”

Mstislavsky declarou que ele e os seus “camaradas” estavam autorizados a aceitar a guarda do Czar e escoltá-lo até à Fortaleza de Pedro e Paulo. “É mais provável”, escreve Karabchevsky, referindo-se a uma conversa com o chefe da segurança do czar, “que o assassinato do czar tenha sido concebido em nome do slogan de “aprofundamento da revolução” que estava sendo apresentado cada vez mais e mais persistentemente naquele momento [289 [1] .

O mesmo Karabchevsky, que foi presidente do conselho do júri de Petrogrado em 1917, fala de um encontro com Kerensky, no qual deixou escapar as suas intenções em relação ao destino do czar e da czarina.

Kerensky oferece a Karabchevsky o cargo de senador, e entre eles ocorre o seguinte diálogo: - Não, Alexander Fedorovich, permita-me continuar sendo o que sou, um advogado, ainda serei útil como defensor...

- A quem? - Kerensky perguntou com um sorriso, - Nikolai Romanov?

- Ah, irei defendê-lo de boa vontade caso você decida julgá-lo.

“Kerensky”, escreve Karabchevsky, “recostou-se na cadeira, pensou por um segundo e, passando o dedo indicador da mão esquerda pelo pescoço, fez com ele um gesto enérgico para cima. Eu e todos entendemos que isso era uma sugestão de enforcamento.

- Provavelmente serão necessárias duas, três vítimas! - disse Kerensky, olhando ao nosso redor com seu olhar misterioso ou meio cego, graças às pálpebras superiores pesadamente penduradas sobre os olhos" [290] .

Preparando o czar para tal destino, Kerensky faz tudo para garantir que a família do czar não possa escapar; ele controla pessoalmente o regime prisional e a manutenção. A vida do casal real se transforma em uma série contínua de humilhações e intimidações. Várias queixas e restrições chegam ao absurdo, com o único propósito de humilhar a Família Real. Os brinquedos do czarevich Alexei foram retirados, as crianças estão proibidas de passear no parque.

Em 11 de março, por ordem pessoal de Kerensky, o corpo de Grigory Rasputin, a pessoa mais próxima da Família Real, foi brutalmente morto por conspiradores maçônicos. As tentativas dos parentes ingleses da Família Real de levá-la para a Inglaterra foram frustradas pelas intrigas do mesmo Kerensky, que mais tarde tentou transferir a responsabilidade para o lado britânico (que, no último momento, recusou-se a aceitar o czar). O embaixador britânico Buchanan, nas suas memórias, refutou esta mentira, observando que a proposta de eliminar o czar permaneceu sempre em

vigor. No verão, Kerensky soube que organizações monarquistas estavam se preparando para libertar o czar e fugir para o exterior através da fronteira finlandesa, e então decidiu levar a família real para um lugar onde não seria mais capaz de escapar.

Tobolsk, onde o comissário provincial (governador) era o antigo camarada de Kerensky, Pignatti, foi escolhido como tal. A escolta da Família Real é confiada a dois pedreiros - Vershinin e Makarov. Os preparativos para a partida para Tobolsk estão sendo realizados em total sigilo.

O maçom VS Pankratov [291] , um homem com um passado sombrio que cumpriu 15 anos de prisão por assassinato, foi nomeado Comissário do Governo Provisório para a Proteção do Czar.

Em 1917-1918, existiam organizações monarquistas em Moscou e Petrogrado que preparavam a salvação da Família Real. Grupos de oficiais foram treinados e no final de 1917 foram enviados para Tyumen e Tobolsk.

Este foi o momento certo para a salvação. O poder dos bolcheviques ainda era muito fraco. Formalmente, a Família Real era supervisionada pelo comissário do inexistente Governo Provisório, Pankratov. Em janeiro de 1918, a segurança enfraqueceu, os salários foram recebidos de forma irregular, a nutrição dos soldados piorou e muitos expressaram insatisfação. Nestas condições, um pequeno destacamento de oficiais poderia facilmente libertar a Família Real sem muito derramamento de sangue. Por que isso não pôde ser realizado? Só hoje podemos responder a essa pergunta de forma definitiva, com os documentos em mãos.

Acontece que toda a organização da fuga da Família Real estava sob o controle secreto de conspiradores maçônicos, que fizeram todo o possível para evitá-la.

O controle foi realizado em duas direções.

Em primeiro lugar, introduzindo no círculo do amigo mais próximo da czarina Vyrubova o agente maçónico I. I. Manukhin, um médico famoso, em cujo apartamento, aliás, Lenin estava escondido em Julho de 1917 [292] .

Manukhin foi nomeado médico de Vyrubova, que na época estava sentado na Fortaleza de Pedro e Paulo. Manukhin, com seus modos afetuosos, inspirou confiança em Vyrubova. E quando ela foi libertada (provavelmente de propósito), ele continuou seu relacionamento com ela (isso pode ser visto nas cartas da Rainha). E através de Vyrubova havia muita informação sobre a Família Real. É claro que ela não contou tudo a Manukhin, mas

aparentemente estava claro para ele que o resgate do czar estava sendo preparado.

Em segundo lugar, o controle foi exercido através dos maçons Karl Yaroshinsky e Boris Solovyov [293] . K. Yaroshinsky é um grande banqueiro, conhecido pela czarina por suas doações a hospitais militares, B. Solovyov era como um secretário com ele, mas é mais conhecido pela família do czar como o marido da filha de Grigory Rasputin, Matryona. Em janeiro de 1918, B. Solovyov chegou a Tobolsk com uma grande soma de dinheiro de K. Yaroshinsky e foi recebido secretamente pela czarina, dando-lhe esperança de que a libertação estava próxima. Solovyov também visitou o Bispo Hermógenes, com quem discutiu as possibilidades de salvar a Família Real. No entanto, em vez de dar passos reais para a salvação, Soloviev, tomando tudo com as próprias mãos, proíbe os destacamentos de oficiais de realizar qualquer ação sem o seu conhecimento. Os policiais esperam obedientemente, acreditando que isso é necessário para o trabalho. E aqueles que não obedeceram, Solovyov entregou à Cheka.

Dessa forma ele conseguiu sobreviver por vários meses, e o tempo favorável para a fuga foi perdido.

Na verdade, em janeiro-fevereiro, o maçom Solovyov entregou a Família Real nas mãos de militantes bolcheviques - assassinos profissionais, mas ao mesmo tempo continuou a monitorar a Família Real até que ela fosse enviada para Yekaterinburg.

Durante os primeiros seis meses de dominação maçónica sobre a Rússia, os maçons livres reprimiram milhares de pessoas de mentalidade patriótica que tinham uma consciência nacional russa - figuras públicas e estatais, funcionários do governo, cientistas, jornalistas e escritores. Nem sempre eram presos ou numa fortaleza, mas eram sempre difamados descaradamente e descaradamente. Todos os órgãos de imprensa e publicação patrióticos foram fechados ilegalmente e seus líderes, via de regra, foram presos. Em todos os meios de comunicação, apenas uma posição maçônica e anti-russa foi expressa. A manipulação da consciência pública, a criação de falsos mitos, a formação da opinião pública baseada na divulgação de informações falsas e caluniosas, que não havia onde refutar, complementaram e deram continuidade ao sistema de repressão organizada contra os patriotas russos.

Ao eliminarem figuras públicas e estatais com mentalidade patriótica da arena política através da repressão e da difamação, os conspiradores maçónicos privaram a Rússia da capacidade de organizar a resistência e, assim, predeterminaram o advento da tirania bolchevique. O poder do grande

país foi pisoteado na lama, de onde foi facilmente retirado por gangues bolcheviques bem organizadas. Tendo perdido os seus líderes nacionais, o país caiu no caos estatal. O povo teve que escolher principalmente entre duas forças - Branca e Vermelha - cada uma das quais era de natureza anti-russa e tinha como objetivo a liquidação da Rússia histórica.

Podemos falar com um certo grau de confiança sobre as ligações dos maçons com os bolcheviques antes da Revolução de Outubro. No resumo do relatório sobre a revolução na Rússia, feito pelo maçom Buryshkin em uma reunião da Loja Astrea, toda a cadeia de comunicação está construída: “Os bolcheviques sabiam o que queriam. Trotsky - Kishkin - Buryshkin Skvortsov. Decidimos iniciar uma revolta" [294] .

O movimento branco republicano, maioritariamente cosmopolita e antimonárquico, liderado por líderes maçónicos, na sua essência antinacional não era muito diferente da república internacional de Lenine e Trotsky, que também trabalhou em estreita colaboração com a Maçonaria mundial. Em última análise, tratava-se de uma luta pelo poder entre duas forças anti-russas, cuja vitória de cada uma delas não prometia nada de bom para o povo russo.

De acordo com fontes maçônicas internas, antes dos bolcheviques tomarem o poder na Rússia, havia 28 lojas da organização maçônica, que se autodenominava o Grande Oriente dos Povos da Rússia.

Cerca de metade dos “irmãos” foram para o exterior. De acordo com o maçom Kandaurov, eles tentaram estabelecer relações com lojas maçônicas estrangeiras (com a Suécia em 1919, com a Inglaterra em 1921, e no final da guerra, o “irmão” Kerensky foi autorizado a ler um relatório sobre assuntos russos em um dos as lojas de Londres) [295] .

Além das lojas do Grande Oriente, havia vários milhares de pessoas que pertenciam aos Martinistas, Rosacruzes e Filaletas (havia cerca de mil deles sozinhos) [296] .

Uma das principais razões para a derrota do movimento Branco foi a subordinação dos seus líderes à ideologia secreta da Maçonaria, destinada a destruir o movimento nacional-patriótico e a opor-se ao renascimento da Rússia com base nos princípios tradicionais.

O centro político da Maçonaria Russa, criado em Paris, representado pelo Comitê Provisório, coordenou o “trabalho” clandestino dos maçons, tentando dar ao movimento branco um caráter republicano-cosmopolita,

tornando-o uma ferramenta obediente da Entente, e em fato dos círculos maçônicos da França e da Inglaterra.

Em 1918-1919, a “Conferência Política Russa” criada pelos maçons russos funcionou em Paris, onde as principais forças anti-russas estavam representadas, desde bandidos políticos diretos e terroristas (B. Savinkov, Tchaikovsky) até políticos cadetes mais respeitáveis, velhos conspiradores contra o czar (Príncipe G. Lvov, V. Maklakov, Bakhmetev, Stakhovich, Efremov, Adzhemov, Vyrubov, Nabokov, Gulkevich, Margulies, Titov, Dolgopolov) e financiadores maçônicos (Konovalov, Tretyakov). As decisões tomadas na reunião delinearam o rumo para uma maior destruição da Rússia histórica e a liquidação das suas instituições tradicionais.

Este curso manifestou-se na chamada “União para a Defesa da Assembleia Constituinte”, cuja liderança consistia principalmente de Sociais Revolucionários Maçónicos, Socialistas Revolucionários e alguns cadetes. Os métodos de “defesa” que ele apresentou tornaram infrutífera a luta contra a ameaça bolchevique. Além disso, ele apenas contribuiu para o fortalecimento dos usurpadores bolcheviques do poder, porque dificultou de todas as maneiras possíveis as atividades dos monarquistas patrióticos russos, que na época eram a única força capaz de tirar a Rússia do impasse.

No mesmo espírito, desenvolveu-se outra formação política dos maçons - o “Comitê para a Salvação da Pátria e da Revolução” (criado em 26 de outubro de 1917), do qual emergiu a chamada “União para o Renascimento da Rússia”. em março. Esta união não tinha nada em comum com o verdadeiro renascimento da Rússia - tratava-se apenas de devolver o poder ao Governo Provisório Maçônico. O núcleo de liderança desta organização consistia em antigos maçons (N. D. Avksentyev, A. A. Argunov, N. I. Astrov, N. M. Kishkin, D. I. Shakhovskoy, N. V. Tchaikovsky, etc.). Havia filiais desta “União” maçônica em Moscou, Petrogrado, Arkhangelsk, Vologda e em várias cidades provinciais.

Com base nesta “União” surgiram várias formações pseudoestatais maçónicas.

Em primeiro lugar, com a ajuda dos britânicos que desembarcaram em Arkhangelsk, a chamada Administração Suprema da Região Norte (o governo do terrorista maçom N.V. Tchaikovsky). O “governo” foi financiado pelos britânicos e estava sob seu controle total.

Em segundo lugar, o Diretório Ufa (Governo Provisório de Toda a Rússia) surgiu em setembro de 1918, também com subsídios da Entente.

O “Diretório” era chefiado por um maçom de alto escalão N.D. Avksentyev, seus membros também eram maçons famosos: N.I. Astrov, N.V. Tchaikovsky, V.M. Zenzinov, P.V. Vologodsky (ao mesmo tempo o chefe do Governo Provisório da Sibéria).

O Diretório Ufa estava sob o controle total dos países da Entente, pelo que seguiu uma política de continuação da guerra com a coalizão alemã e de restauração dos tratados com a Entente.

No entanto, com a sua covardia, esta ideia política dos maçons não satisfez as forças anti-russas mais determinadas dos republicanos cosmopolitas. Em novembro de 1918, Kolchak, contando com representantes da Entente e alguns oficiais e cossacos, dissolveu o Diretório, e um de seus membros, o maçom P. Vologodsky, tornou-se presidente do Conselho de Ministros do Governante Supremo Kolchak.

Tendo dado origem a várias organizações políticas subversivas, a “União para o Renascimento da Rússia” maçônica em 1919 fundiu-se com o chamado “Centro Tático”, liderado pelos maçons N. N. Shchepkin e D. M. Shchepkin (este último na verdade serviu como ministro no governo dos assuntos internos de G. E. Lvov).

Mais duas organizações políticas criadas por grandes maçons merecem menção especial.

Esta é, em primeiro lugar, a chamada “União para a Defesa da Pátria e da Liberdade”, uma organização de oficiais republicanos chefiada pelo terrorista maçom B. Savinkov. O objetivo desta organização, que trabalhava com dinheiro estrangeiro (recebeu 3 milhões de rublos só da França), era criar uma ditadura cosmopolita na Rússia e estabelecer um regime pró-Ocidente. Em Julho de 1918, a “União” organizou uma série de revoltas armadas em Yaroslavl, Rybinsk, Murom e Yelatma, que foram reprimidas pelos bolcheviques.

Os conspiradores maçônicos também tentaram liderar movimentos nacional-patrióticos. Para tanto, em maio-junho de 1918, criaram outra organização - o pseudo-"Centro Nacional", chefiado primeiro por D. N. Shipov, e depois, após sua prisão, por N. N. Shchepkin, a liderança também incluía os maçons N. I. Astrov, M. M. Fedorov, S. A. Kotlyarevsky e outros.O “Centro Nacional” desenvolveu planos para a criação de um governo de toda a Rússia liderado pelo maçom General Alekseev, que desempenhou um papel trágico na conspiração contra o czar. O centro estava orientado para a Entente e por ela financiado. Os líderes do centro “reconheceram que era necessário

assumir o controlo do Exército Voluntário, liderado por Alekseev, e subordiná-lo à vontade dos aliados”. Para tanto, na segunda metade do verão de 1918, os maçons N. I. Astrov e M. M. Fedorov foram enviados ao Kuban,

Além das organizações listadas, o papel decisivo dos maçons se manifestou nas atividades de algumas outras que eram consideradas de direita e até defendiam uma monarquia constitucional. No entanto, a liderança destas organizações supostamente de direita não deixou dúvidas sobre o seu real conteúdo.

Na segunda metade de 1917, o “Conselho de Figuras Públicas” começou a trabalhar em Moscou, que incluía uma parte significativa da comunidade maçônica e quase maçônica de Moscou. Seu presidente era o maçom D. M. Shchepkin, e os membros das reuniões já eram conhecidos por nós, os maçons V. I. Gurko, V. V. Meller-Zakomelsky, E. N. e G. N. Trubetskoy, S. D. Urusov, N. I. Astrov, V. V. Vyrubov, S. A. Kotlyarevsky e outros.

A declaração sobre a necessidade de estabelecer uma monarquia constitucional a partir dos lábios de indivíduos que fizeram tudo para destruir os seus princípios foi hipocrisia ao mais alto grau; o verdadeiro objectivo do “Conselho de Figuras Públicas” era desorientar os círculos patrióticos e criar a ilusão de uma luta pela Monarquia.

Adjacente ao “Conselho de Figuras Públicas” estava o Comitê Comercial e Industrial, chefiado pelo maçom S. N. Tretyakov. O comitê incluiu vários grupos de empresários russos com orientação cosmopolita, e em particular o maçom P. A. Buryshkin, que representou o Sindicato dos Comerciantes Atacadistas. A Comissão de Comércio e Indústria financiou várias outras organizações políticas criadas e lideradas pelos Maçons, em particular o Conselho de Figuras Públicas, bem como o chamado Centro de Direita.

Este “Centro” estava certo apenas no nome; na verdade, era dirigido pelos famosos conspiradores maçônicos D. M. Shchepkin, S. D. Urusov, N. I. Astrov, P. A. Buryshkin, M. M. Fedorov, V. I. Gurko, G. N. e E. N. Trubetskoy.

Pode-se presumir que este “Centro” foi criado por iniciativa da Maçonaria Francesa, a fim de assumir o controle dos círculos sociais inclinados a se aproximarem da Alemanha. A Entente queria com todas as suas forças destruir o Tratado de Brest-Litovsk e envolver novamente a exausta Rússia numa guerra com a Alemanha.

Representantes maçônicos do Centro de Direita negociaram em Moscou e São Petersburgo. V. I. Gurko e E. N. Trubetskoy falaram com representantes

da França em nome do "Centro". "Um representante do governo francês ofereceu ao Centro de Direita através de EN Trubetskoy uma certa quantia de dinheiro, e a aceitação desse dinheiro estava associada à necessidade de coordenar a política do Centro de Direita com a política da Entente" [297 [1] .

Numa situação em que o país estava exausto pela guerra e pela devastação, a política clandestina dos círculos maçónicos, uma tentativa de arrastar novamente a Rússia para uma guerra com a Alemanha, representou uma traição aos interesses do povo russo.

Como vemos, muitos maçons eram simultaneamente membros de diversas organizações políticas. Freqüentemente, eles se reuniam para reuniões de coordenação, por exemplo, em uma espécie de clube maçônico no apartamento dos antigos maçons E. D. Kuskova e S. N. Prokopovich.

Durante a Guerra Civil, também foram realizadas reuniões políticas em toda a Rússia por iniciativa dos maçons. Nas reuniões de vários grupos políticos e líderes diplomáticos e militares da Grã-Bretanha, França, EUA e Itália, que ocorreram de 16 a 23 de novembro de 1918 em Iasi, e depois em 6 de janeiro de 1919 em Odessa, a delegação russa consistiu principalmente de maçons.

Segundo N. Berberova, a reunião em Odessa (1919) contou com a presença de Braikevich, Rudnev, Rubinshtein, Elpatievsky, Vyrubov, Polner, Makeev e outros. "No mesmo lugar", escreve Berberova, "o Centro Nacional estava reunido naquele tempo: Yurenev, Volkov, Rodichev, Grigorovich-Barsky, Bernatsky, Teslenko, Stern, P. Thixton, Peshekhonov, Bernstam, Trubetskoy, Chelnokov. Das 12 pessoas, 10 eram maçons; não há informações sobre Peshekhonov e Bernshtam."

As reuniões de toda a Rússia foram realizadas no âmbito da organização criada em outubro

1918 em Kiev da "Associação Estatal da Rússia", que incluía ex-membros da Duma Estatal e do Conselho de Estado, líderes da Igreja, representantes dos círculos comerciais, industriais e financeiros. No entanto, o corpo diretivo desta organização também consistia de 8 maçons e 7 não-maçons. Os representantes da associação faziam parte dos governos de Kolchak e Yudenich, Denikin e Wrangel.

Tendo considerado os fatos acima, você não ficará mais surpreso com o fato de os conspiradores maçônicos terem liderado a maioria dos governos brancos, ou pelo menos terem desempenhado um papel decisivo neles.

O chefe do primeiro governo branco sério - o Diretório Ufa - era um maçom de alto escalão N. D. Avksentyev. Dos 13 membros do governo de Ufa, 11 eram maçons (exceto Avksentiev, seu vice Rogovsky, bem como S. Tretyakov, Krol, Argunov, Slonim, N. Tchaikovsky, Lebedev, Zenzinov, S. Maslov, General Alekseev) [298 [1] .

O governo fantoche da Região Norte em Arkhangelsk durante o período de ocupação pelos britânicos foi chefiado pelo maçom N. Tchaikovsky, a maioria dos membros também eram maçons.

O governo de Kolchak era chefiado (e mais tarde foi simplesmente um ministro) pelo maçom P. Vologodsky, e o ministro das finanças era o maçom P. Buryshkin.

O governo do Noroeste do General Yudenich era composto principalmente por maçons, liderados pelo "irmão" SG Lianozov, um fantoche da Entente. O Ministro do Comércio do governo Yudenich era um proeminente conspirador maçônico e vigarista M. S. Margulies.

O ministro deste governo foi EI Kedrin.

O governo Denikin também estava sob o controle total dos conspiradores maçônicos, pois um papel significativo nele foi desempenhado por grandes maçons como N. I. Astrov, M. M. Fedorov, M. V. Bernatsky, N. V. Tchaikovsky, V. F. Seeler.

O governo de Wrangel era composto por um político como A. V. Krivoshein, que era próximo dos maçons, bem como pelos antigos maçons P. B. Struve, N. S. Tagantsev, M. V. Bernatsky (anteriormente no governo de Denikin) e M. M. Vinaver.

Aliás, os "governos" da "Ucrânia independente", a chamada Rada Central e o Diretório, também tinham caráter maçônico.

O centro da intriga política foi a Grande Loja da Ucrânia, que, com a ajuda de dinheiro estrangeiro, queria impor um regime dominante anti-russo neste território russo. Desde 1919, o chefe da Grande Loja da Ucrânia e ao mesmo tempo o presidente do Diretório Ucraniano era o velho maçom, traidor do povo russo S. V. Petlyura [299 [1] .

O Ministro dos Assuntos Nacionais da Grande Rússia sob a Rada Ucraniana foi o maçom D. M. Odinets.

É claro que os governos liderados pelos maçons estavam condenados à desconfiança e à impopularidade entre a população: o povo russo sentiu

intuitivamente que era estranho, hostil aos costumes, tradições e ideais do grande país. Além disso, em muitos assuntos destes governos maçónicos havia uma preferência pelos interesses da Entente sobre os interesses nacionais da Rússia, o que era estritamente exigido pelo juramento maçónico.

Deve-se notar que a luta dos maçons pelo poder foi levada a cabo de acordo com a sua tradição, não apenas no âmbito de organizações políticas de oposição, mas principalmente por meios secretos sob o tecto de algumas instituições legais.

Em 1918, os conspiradores maçónicos formaram a "Sociedade para a Promoção do Desenvolvimento Comercial e Industrial da Rússia", que era chefiada por um maçom experiente, o antigo chefe do Governo Provisório, Príncipe G. E. Lvov. No antigo arquivo do partido de Sverdlovsk, tive que ver o caso aberto contra ele pela comissão de investigação do Conselho dos Urais [300]. A partir dos protocolos de interrogatório e da correspondência, ficou claro que o governante maçónico (preso em março de 1918) tentou convencer os investigadores bolcheviques de que não estava envolvido em política. É claro que eles não acreditaram nele, mas o libertaram em julho. Recordemos que na noite de 16 para 17 de julho, as mesmas pessoas que libertaram o maçom G.E. Lvov mataram o czar e toda a sua família. Então, por que a humanidade foi mostrada em relação a Lvov? Como Lvov, outros maçons também conspiraram em suas atividades. Além disso, muitas vezes a cooperação dos consumidores serviu-lhes de "cobertura". O secretário do Conselho Supremo dos Maçons da Rússia, N.V. Nekrasov, mudou seu sobrenome e se infiltrou primeiro nos sindicatos de consumidores Bashkir e depois nos tártaros. Para outros maçons, diversas instituições culturais, por exemplo, museus e bibliotecas, serviram de "teto".

Em Petrogrado, sob os bolcheviques, um dos centros de implantação da Maçonaria foi a Biblioteca Pública, que ainda antes da revolução adquiriu a reputação de ninho maçônico, por estar associada aos nomes de A. I. Braudo e A. A. Meyer. Imediatamente após a Revolução de Outubro, por iniciativa dos trabalhadores desta biblioteca, e sobretudo de A. A. Meyer, um círculo reuniu-se no apartamento do filósofo G. P. Fedotov, dando continuidade às tradições da Sociedade Religiosa e Filosófica.

Além de Fedotov e Meyer, o círculo incluía K. A. Polovtsova (esposa de Meyer), M. V. Pigulevskaya, P. F. Smotritskaya, N. P. Antsiferov, historiador I. M. Grevs, filósofo S. A. Alekseev- Askoldov, velho

bolchevique S. A. Marcus (irmã da esposa do funcionário bolchevique S. .Kirov), N.I. Konrad, A.A. Ghisetti, N.A. Kryzhanovskaya, crítico literário M.M. Bakhtin, seu irmão V.V. Bakhtin, D. D. Mikhailov, antroposofista N. V. Mokridin, bibliógrafo L. F. Shidlovsky, pianista M. V. Yudina e outros [301 [1] .

A participação da Maçonaria na luta contra o bolchevismo contribuiu para a paralisia de muitas estruturas vitais da resistência nacional.

Para os maçons, o destino do povo russo era indiferente: eles estavam interessados apenas no poder sobre eles, em busca do qual estavam prontos para qualquer maldade, traição, traição.

Existem numerosos factos de contactos entre conspiradores maçónicos do movimento branco e agentes bolcheviques.

Existem fatos conhecidos de cooperação ativa dos bolcheviques com lojas maçônicas russas e estrangeiras e participação pessoal em seu trabalho. Assim, está documentada a participação na loja maçônica “Irmandade Trabalhista Unida” do Presidente da Cheka de Petrogrado, G. I. Bokiy, em 1919. Sem dúvida, os contatos maçônicos entre os maçons-bolcheviques - Lunacharsky, Bukharin, Skvortsov-Stepanov, Sereda, Veresaev, Krasin e outros - continuaram.

Tendo chegado ao poder, Lenin estabeleceu conexões secretas com lojas maçônicas estrangeiras e, em primeiro lugar, alocou somas significativas para a reforma do principal “Templo Maçônico da Ordem do Grande Oriente da França” na Rua dos Cadetes, em Paris. Isso foi em 1919, quando em muitas cidades russas as pessoas morriam de fome nas ruas.

Em outubro de 1920, no jornal parisiense Libre Parole, Louis Ternak publicou mensagens protocolares sobre uma reunião do Conselho Maçônico do Grande Oriente da França. Apresentamos os trechos mais significativos desses protocolos maçônicos.

Reunião em 20 de dezembro de 1919 em Paris: "O irmão Carnot , o presidente, reconhece a atitude extremamente amigável dos bolcheviques para com o Grande Oriente, indicando, no entanto, as razões para extrema cautela mútua na condução das negociações."

“O irmão Millet expressa as suas sinceras saudações aos bolcheviques e, por sua vez, como presidente da Sociedade Imobiliária do Grande Oriente, expressa-lhes uma gratidão especial pela sua generosidade, que tornou possível restaurar o templo da rue Cadet. Mas a opinião geral é que o Grande

Oriente não deveria ir demasiado longe e comprometer-se, mas também deveria ter em conta a atitude negativa em relação ao bolchevismo associada à Maçonaria de comerciantes e pequenos industriais."

"O Irmão Guart reconhece que o movimento bolchevique na Maçonaria prestou serviços significativos à Ordem nos momentos críticos da liquidação da guerra, e defende a ação enérgica, mas cautelosa, do Conselho da Ordem."

"O Irmão Vaudecard , Secretário Geral do Grande Oriente, recorda que o Irmão Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, na sua última visita à rua Cadete, manifestou a sua atitude favorável à República Russa, sem o dizer abertamente. Este curso de ação cauteloso produziu bons resultados sem que o público não iniciado fosse capaz de adivinhar as origens do movimento."

"O Presidente Carnot declara, de acordo com tudo o que foi dito, que o Conselho da Ordem simpatiza com a difusão das ideias bolcheviques, no entanto, exige que se fale delas como ideias "soviéticas", para não alienar aqueles irmãos que são hostis às disposições bolcheviques."

Reunião em 18 de fevereiro de 1920: "O irmão Lankin relata incidentes na Rússia e nos Bálcãs.

Ele termina desejando ao bolchevismo uma vitória final."

"O irmão Lai propõe enviar um telegrama de boas-vindas às lojas maçônicas da Rússia dependentes do Grande Oriente. Ele está encarregado de redigir o telegrama."

Reunião em 21 de abril de 1920: "O irmão Lankin propõe um esquema para uma carta circular às lojas sobre a atitude em relação aos "conselhos". Ele fala sobre os erros cometidos pelo ministério anterior (francês) e pelo ministério da época em relação à Rússia, agradece ao Conselho da Ordem por não expulsar os bolcheviques das lojas e permitir-lhes desenvolver atividades mundiais.

O próximo é o irmão **Lankin**fala de sua carta circular, cuja primeira parte contém a história do bolchevismo; no segundo, chama-se especialmente a atenção para o interesse da França em estabelecer relações estreitas com os bolcheviques; no terceiro, é expresso o desejo de derrubar o ministério de Millerand e criar um gabinete favorável às negociações com Lenin..." O governo bolchevique estava "cercado" por representantes da Maçonaria mundial, os seus emissários visitavam constantemente a Rússia, reunindo-se com os líderes da Maçonaria mundial. forças anti-russas - Lenin, Trotsky,

Bukharin, Petrovsky, Lunacharsky e outros bolcheviques proeminentes (alguns dos quais eram eles próprios maçons). As atividades do novo governo antipopular foram observadas por maçons estrangeiros de alto escalão, em particular um membro da missão militar francesa, J. Sadoul (que deixou memórias destes dias) e o chefe do Partido Comunista Francês,

A Maçonaria Internacional estudou com grande interesse a experiência bolchevique na destruição do Estado russo. Em dezembro de 1919, a loja parisiense "Efor" organizou uma reunião maçônica com um relatório intitulado "Evolução? Revolução? Bolchevismo?". A importância atribuída a este tema é evidenciada pelo facto de o relatório ter sido feito não por um maçom comum, mas por um dos principais líderes da Ordem do Grande Oriente de França, membro do seu Conselho, Lai. Com base no relatório, a Convenção Maçónica, numa carta circular em nome do Conselho, apela aos seus membros para que estudem as doutrinas e métodos do Bolchevismo em comparação com os ideais da Revolução Francesa do século XVIII. Anexada à carta estava uma lista de literatura recomendada, composta por obras de Lenin, Trotsky e Bukharin em francês [302] .

Assim, é bastante óbvio que os maçons e os bolcheviques mantiveram contacto durante a Guerra Civil e, em alguns casos, até se informaram mutuamente. A atitude dos bolcheviques para com os maçons, apesar de toda a sua sede de sangue, foi muito branda. Os maçons foram executados apenas em casos excepcionais e, na maioria das vezes, devido à ignorância das estruturas comunistas inferiores.

O tratamento indulgente para com os maçons foi explicado, é claro, por alguns serviços que os maçons prestaram aos bolcheviques. Por exemplo, em 1920, a Cheka descobriu a organização conspiratória maçónica "Centro Tático", que preparava uma rebelião em Moscovo, armazenava armas e estava em contacto com as tropas de Kolchak e Denikin. O caso do Centro Tático foi ouvido em sessão pública do Supremo Tribunal Revolucionário. 20 membros desta organização foram condenados à morte, mas a execução foi substituída por outros tipos de pena, incluindo prisão suspensa.

Os Socialistas Revolucionários de esquerda, os maçons Zenzinov e Minor, disseram em 1919 que não havia necessidade de lutar contra os bolcheviques, que "apoiar Kolchak é um crime contra a Rússia".

O bolchevismo, na sua opinião, deve ser eliminado através da evolução interna, que deve ser promovida.

Aparentemente, os maçons esperavam uma cooperação aberta com os bolcheviques, oferecendo-se para “enobrecê-los” com as suas ideias e ao mesmo tempo forçá-los a partilhar o poder. Isto foi facilitado pelos contactos estrangeiros do governo leninista com o Grande Oriente da França e pela participação de bolcheviques proeminentes nas lojas maçónicas. No entanto, os bolcheviques eram os que menos queriam compartilhar o poder com alguém. E nos maçons eles viram, com razão, concorrentes políticos perigosos que poderiam ser usados para seus próprios propósitos por enquanto, mas deveriam se livrar deles gradualmente. É claro que na liderança bolchevique também havia defensores da “estreita amizade” com os maçons, mas, aparentemente, eles não determinaram a política. No final de 1920, a maioria das lojas maçônicas suspendeu seu trabalho e passou à clandestinidade, muitos maçons fugiram para o exterior.

Os mais raivosos tiveram a ideia de uma cruzada contra os bolcheviques. Havia diferentes opções aqui - francófilo, germanófilo e outros.

Por exemplo, na primavera de 1920, o velho conspirador maçônico A. I. Guchkov, enquanto estava em Berlim, defendeu a ideia de uma cruzada contra o bolchevismo baseada na unificação das forças da Alemanha e dos países bálticos. A inteligência francesa que o monitoriza considera-o um agente alemão em contacto com outros agentes de inteligência alemães em França.

Um memorando do adido militar da embaixada americana em Paris, interceptado pela inteligência francesa, foi preservado nos arquivos da Surete Generale.

“Recebemos uma mensagem de Berlim de que o General Guchkov, que foi Ministro da Guerra russo na primavera de 1917, está agora lá.

Em Berlim, ele está ocupado resolvendo problemas relacionados à Rússia. Supõe-se que o plano de Guchkov seja criar um exército conjunto dos habitantes da Alemanha, Lituânia e Bielorrússia para marchar sobre a Rússia através da Lituânia. Este plano é baseado nas ideias de W. Churchill.

Em Berlim acreditam que este trabalho será chefiado pelo Príncipe Lvov (qual?).

Espera-se que Sazonov seja substituído por uma pessoa de maior confiança.

As atividades dos intrigantes russos em Berlim não param" [303] .

Capítulo 20

União de forças anti-russas. — Rumo à criação de um governo mundial. "Papas Negros" do regime bolchevique. — Maçonaria Russa Autônoma. — Liga Maçônica das Nações e o Acordo de Munique.

“Todos os princípios, todos os métodos que os bolcheviques usam para destruir a Rússia”, escreveu o Metropolita Anthony da Igreja Russa no Exterior em 1932, “estão muito próximos dos maçônicos. Quinze anos de observação mostraram ao mundo inteiro como os estudantes imitam exatamente os seus professores e como os escravizadores do povo russo são fiéis ao programa das lojas maçônicas de lutar contra Deus, contra a Igreja, contra a moral cristã, contra a família, contra o Estado cristão, contra a cultura cristã e contra tudo o que criou e glorificou a nossa Pátria”. As conclusões do Metropolita Anthony são confirmadas por materiais de arquivo.

Os maçons dos anos vinte estavam bastante satisfeitos com o bolchevismo como arma para erradicar o espírito nacional russo, que era um obstáculo aos ideais cosmopolitas dos maçons livres. Em primeiro lugar, os maçons destes anos eram hostis à Ortodoxia. Eles viram apenas os lados sombrios da história russa. Os maçons livres não eram contra os bolcheviques, mas procuravam ajudar no seu “trabalho”. Eles acreditavam que seriam capazes de regular os experimentos bolcheviques na direção que necessitavam, nos bastidores.

Tal como os próprios maçons, os bolcheviques não hesitaram em anunciar as suas ligações com os maçons livres. Além disso, em 1922, no 4º Congresso do Comintern, foi tomada uma decisão formal proibindo os comunistas de serem membros de lojas maçónicas. No entanto, na verdade, os laços estreitos entre os bolcheviques judeus e os maçons permaneceram até a segunda metade da década de 30. Os maiores representantes da guarda leninista permaneceram maçons: Bukharin, Lunacharsky, Radek, Petrovsky, Skvortsov-Stepanov, Sereda. Esta situação incentivou claramente a cooperação.

Em 1924, a Associação Republicana-Democrática Maçónica, liderada por P. Milyukov, declarou na sua revista “Rússia Livre” que os bolcheviques evoluiriam inevitavelmente para a democracia e a emigração não deveria interferir nisso através de um anticomunismo excessivo. Figuras proeminentes desta associação foram os famosos pedreiros S. N. Prokopovich e E. D. Kuskova.

De acordo com os participantes nas reuniões de várias lojas maçónicas, eles estão a criar uma ideologia para a sociedade futura que combinará o comunismo bolchevique e a “religiosidade maçónica”. Como afirmou o maçom A. A. Meyer, nas tradições puramente maçônicas é mais correto “não tomar o poder... não construir partidos, mas criar b. m. Ordens que despertariam uma ideia em suas vidas, que então teria um efeito externo.” [304]

É claro que o núcleo da ideologia do futuro era considerado o ateísmo, que era apoiado de todas as maneiras possíveis pela Maçonaria. Não é à toa que nas então ativas lojas maçônicas “União Mundial de Livres Pensadores”, a Liga Maçônica dos Direitos Humanos e a “União de Ateus Militantes” bolchevique, liderada pelo leninista leninista Emelyan Yaroslavsky (Mineas Gubelman), colaboraram estreitamente.

Foi com os bolcheviques que o mundo nos bastidores depositou as suas esperanças, que foram expressas no Congresso Maçónico de 1917, onde foi discutida a questão do futuro da comunidade mundial.

Segundo os maçons, a destruição da autocracia russa, que serviu de obstáculo à dominação mundial dos maçons, criou as condições para a formação de um órgão supranacional legal controlado por pessoas que eram membros de lojas maçônicas. Menos de dois anos depois, tal órgão foi criado. Tornou-se a Liga das Nações, liderada pelo maçom francês Leon Bourgeois. O papel principal foi desempenhado por representantes da liderança maçônica da França e da Inglaterra, em particular, um maçom de alto escalão, ex-chefe de governo Viviani, atuou como representante francês na Liga das Nações. Paralelamente à Liga das Nações, uma estrutura mundialista paralela foi criada em 1921 - o Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos, que desempenhou um grande papel na formação da política mundial, cujo núcleo consistia em maçons de alto escalão [305 [1] Yu. Assim, a humanidade caiu ainda mais sob o controlo das forças das trevas que em certa altura desencadearam a Primeira Guerra Mundial.

Emissários maçônicos de centros estrangeiros visitavam frequentemente a Rússia. Na maioria das vezes, eles passaram pelos canais legais como representantes de organizações estrangeiras. Por exemplo, nos anos 20, a organização ARA operava na Rússia, prestando assistência aos famintos.

Esta organização era chefiada pelo maçom H. Hoover (futuro presidente dos EUA), e dois de seus funcionários foram condenados em 1923 por organizar a Loja Maçônica Astrea em Petrogrado, que controlava várias outras lojas.

A propósito, "ARA" agiu em conjunto com o chamado Comitê Pan-Russo para o Alívio da Fome, cuja liderança era em grande parte maçônica - S. Prokopovich, E. Kuskova, M. Osorgin e outros, que foram posteriormente expulsos da URSS. Alguns emissários maçônicos cruzaram a fronteira secretamente. Assim, o proeminente príncipe maçom Pavel Dolgorukov, na mesma década de 20, visitou secretamente a Rússia duas vezes através da fronteira polonesa. Na segunda vez ele foi pego e baleado [306] .

A posição da liderança maçónica mundial e, em particular, da Liga Maçónica das Nações, era de natureza jesuítica em relação à Rússia. Por um lado, os maçons apoiavam os bolcheviques como líderes do movimento anti-russo, por outro lado, estavam preocupados com os processos que começaram na segunda metade dos anos trinta, quando o mecanismo estatal russo começou a oprimir e destruir os líderes e activistas do movimento anti-russo. Neste sentido, a política anti-russa em relação à URSS passou por várias fases: na primeira (1918-1933) - cooperação tácita e apoio mútuo secreto; no segundo (1933-1936) - cooperação aberta com o objetivo de fazer da URSS um contrapeso à Alemanha fascista (em particular, em 1934 a URSS foi admitida na Liga das Nações); no terceiro (1937-1941) - surtos de hostilidade em relação à URSS, uma vez que a Maçonaria não estava satisfeita com os métodos.

Já observei que o Secretário do Conselho Supremo das Lojas Maçônicas do Grande Oriente dos Povos da Rússia N.V. Nekrasov (ex-vice-presidente da Duma Estatal e Ministro do Governo Provisório) admitiu que seu ideal é "o "papa negro ", que ninguém conhece, mas que todos conhecem." Este "ideal" foi partilhado por muitos maçons, que estavam habituados a conduzir intrigas obscuras nos bastidores sem se revelarem e a camuflar atos criminosos com a casca verbal de "boas intenções". Após o estabelecimento do regime bolchevique, muitos maçons entraram em estreita cooperação com ele, na esperança de usá-lo para alcançar a sua "verdade maçónica".

Um exemplo disso foi mostrado pelo próprio Nekrasov, que em 1918 mudou seu sobrenome para Golgofa e se infiltrou no sistema de sindicatos de consumidores, primeiro na Bashkiria e depois na Tataria. Em pouco tempo, com o apoio dos trabalhadores locais e centrais, alcançou altos cargos de liderança na União Cooperativa Tártara.

Em 1921, o "pai negro" foi preso por agentes de segurança, mas inesperadamente libertado rapidamente, mostrando uma humanidade para com o maçom clandestino que não era típico desses órgãos. O relatório investigativo do caso Nekrasov contém uma resolução do presidium

autorizado da Cheka: “Tive várias conversas com Golgofsky-Nekrasov que não foram gravadas. Com base em todo o material do caso, chego à convicção da conveniência política e geral de encerrar completamente o caso Golgofsky-Nekrasov... libertá-lo e usá-lo para trabalho econômico.” Esta resolução é apoiada por F. Dzerzhinsky e dá a instrução: “Pare com o assunto”. Nekrasov mudou-se imediatamente para Moscou e tornou-se um dos principais líderes do Tsentrosoyuz, trabalhando lá até 1930, enquanto lecionava simultaneamente na Universidade Estadual de Moscou e no Instituto de Economia Nacional.

Outro alto maçom, Ministro do Governo Provisório M.I. Skobelev, também entrou ao serviço dos bolcheviques e até se tornou membro do seu partido em 1922. Ele trabalhou junto com Nekrasov na União Central como representante desta organização na França e na Bélgica, e depois chefiou o comitê de concessão da RSFSR, que estava envolvido na venda de recursos russos no exterior.

Os maçons, que eram bolcheviques antes de 1917, fizeram uma carreira política ainda mais bem-sucedida. O representante mais importante dos bolcheviques na Maçonaria, I. I. Skvortsov-Stepanov, recebeu o cargo de Comissário do Povo das Finanças no primeiro governo soviético. Mais tarde, como Nekrasov, foi um dos líderes da União Central e também chefiou as atividades editoriais do país. Ele trabalhou como editor-chefe do jornal Izvestia e como diretor do Instituto Lenin do Comitê Central do Partido Comunista Bolchevique de União (é claro, ele próprio era membro do Comitê Central Bolchevique).

Seu “irmão” maçônico mais próximo - o bolchevique S.P. Sereda - já em 1918 recebeu o cargo de Comissário do Povo da Agricultura, e mais tarde tornou-se um dos líderes do Conselho Econômico Supremo e do Comitê de Planejamento do Estado, chefiando simultaneamente o Escritório Central de Estatística.

Podemos falar com total confiança sobre a adesão do camarada de armas mais próximo de Lénine, L.B. Krasin, à Maçonaria, a quem o líder bolchevique confiou os assuntos mais sujos e sangrentos, especialmente os relacionados com dinheiro. Foi através dele que os bolcheviques financiaram o Grande Oriente da França, que recebeu uma resposta positiva em todo o mundo maçónico e influenciou o reconhecimento do regime bolchevique pelo Ocidente. Não é de surpreender que tenha sido Krasin quem se tornou o representante diplomático do regime bolchevique no Ocidente (primeiro na Inglaterra em 1920, e depois na França em 1924), ao mesmo tempo que

ocupava o cargo de Comissário do Povo para o Comércio Exterior, organizando a venda de ouro czarista e propriedade cultural da Rússia. Existem grandes maçons em seu círculo, e seu nome freqüentemente aparece em conexão com os golpes de veneráveis conspiradores maçônicos como Dmitry Rubinstein.

Perto de Krasin está outra figura sinistra do movimento clandestino maçônico - G. I. Bokiy, o organizador das gangues bolcheviques de 1905-1907, e após o golpe de outubro, um dos líderes da Cheka e o principal patrono da Maçonaria nesta instituição.

O proeminente líder bolchevique G. I. Petrovsky também participou do trabalho maçônico [307] . Após a tomada do poder, recebeu o cargo de Comissário do Povo para Assuntos Internos e, a partir de março de 1919, foi enviado para estabelecer uma nova ordem na Ucrânia como presidente do Comitê Executivo Central Ucraniano.

Há informações sobre o envolvimento de N. I. Bukharin na Maçonaria. Segundo o maçom Kuskova, este bolchevique deu palestras em Praga em meados dos anos trinta, uma das quais contou com a presença de maçons. “No final”, relata Kuskova, “ele fez [309] um gesto simbólico [310] , criticou a ocasião e disse: “Afinal, Yegor Yegorovich Lazarev, sentado aqui, lembra-se bem de como nós...” E quando terminei a palestra, fui direto até Lazarev e apertei sua mão.” Segundo Berberova, Bukharin, com o seu sinal, fez com que o público soubesse que a intimidade passada não tinha morrido [308] .

L. Trotsky também passou pela escola da Maçonaria, que, segundo Berberova, ingressou na loja aos dezoito anos. De acordo com informações do respeitado pesquisador russo da Maçonaria N. F. Stepanov (Svitkov), obtidas de fontes maçônicas internas, as fileiras dos maçons livres incluíam V. I. Lenin, G. E. Zinoviev, L. B. Kamenev, Ya. M. Sverdlov, Kh. G. Rakovsky, M. M. Litvinov.

As informações sobre a Maçonaria de Lenin são contraditórias. Segundo algumas fontes, foi membro da loja francesa “Belisle” (1908), segundo outras, da loja francesa “Art and Labor” (31 o), segundo outros, foi membro da loja inglesa em Londres.

No entanto, esses dados estão sujeitos a verificação adicional.

O famoso funcionário bolchevique e aventureiro político K. Radek entrou ativamente em contatos com organizações maçônicas no exterior. Há informações de que no início dos anos trinta ele enviou uma carta à liderança

do Grande Oriente da França com um pedido para influenciar o governo do Presidente Roosevelt através dos maçons americanos e empurrá-lo para o rápido reconhecimento da URSS [311] .

Também foram registrados outros contatos entre os bolcheviques e centros maçônicos mundiais, aparentemente não sancionados pela liderança política do país. Em particular, o historiador iugoslavo Z. Nenezich relata o fato de uma visita à loja maçônica italiana em Roma por um proeminente líder militar soviético, o Vice-Comissário de Defesa do Povo, M. N. Tukhachevsky.

Um dos principais participantes do pogrom da cultura nacional russa, o maçom A. V. Lunacharsky, serviu como Comissário do Povo para a Educação por 12 anos. Em suas atividades ele protegeu ativamente os “irmãos” maçônicos. Dos muitos exemplos, basta citar seu apoio a maçons como o historiador P. E. Shchegolev (que fabricou notas forjadas de A. A. Vyrubova, denegrindo a família do czar), o escritor S. D. Mstislavsky (que participou da preparação da tentativa de assassinato de o Czar), o diretor da Casa dos Cientistas A. Rode (ex-proprietário de uma boate, participante ativo em sujas intrigas maçônicas contra o Czar e G. Rasputin).

Outro maçom de alto grau, que serviu como secretário do Conselho Supremo das Lojas Maçônicas do Grande Oriente dos Povos da Rússia, N.D. Sokolov, imediatamente após a revolução entrou ao serviço dos bolcheviques e foi nomeado conselheiro jurídico do governo soviético , que ele aconselhou com sucesso até sua morte. Os bolcheviques valorizavam muito o autor da famosa Ordem nº 1, que destruiu o exército russo, que também estava intimamente ligado à inteligência alemã durante a 1ª Guerra Mundial e depois recebeu dinheiro dos mesmos cofres dos bolcheviques de alto escalão. N. D. Sokolov era amigo de outro maçom da elite bolchevique, M. Yu. Kozlovsky, que serviu como um dos oficiais de ligação entre os leninistas e a inteligência alemã (os investigadores do Governo Provisório conseguiram provar isso colocando o oficial de ligação na prisão , do qual os bolcheviques o libertaram) [312] sul Com a chegada dos bolcheviques ao poder, este maçom de alto escalão fez uma carreira brilhante no governo soviético, foi um dos líderes do Comissariado do Povo para a Justiça, presidente do Pequeno Conselho dos Comissários do Povo e, mais tarde, no trabalho diplomático (cônsul geral em Viena e representante plenipotenciário adjunto na Áustria).

Dos grandes militares que pertenciam às lojas maçônicas, o ex-Ministro da Guerra Czarista A. A. Polivanov, o chefe do Ministério da Guerra do Governo Provisório A. A. Manikovsky, o comandante da Frente Sudoeste A.

A. Brusilov [313], a principal Diretoria Ferroviária , General Yu. V. Lomonosov (na década de 20, assistente de L. B. Krasin).

O capanga de Krasin, o maçom Yu. V. Lomonosov, como seu mestre, é uma das figuras importantes do mundo nos bastidores. Este conspirador clandestino, como já sabemos, desempenhou um papel importante nos acontecimentos que levaram à abdicação do czar. Sob o Governo Provisório, ele realizou missões secretas nos Estados Unidos e esteve intimamente associado não apenas aos círculos maçônicos, mas também aos círculos sionistas. Desde o outono de 1919, ele serviu ativamente aos bolcheviques, foi presidente

Comitê de Construções do Estado, membro do Presidium do Conselho Econômico Supremo. Em 1920, sob seus auspícios, foi realizada uma operação secreta para exportar ouro da URSS para os EUA.

Os mediadores nesta operação foram os conhecidos banqueiros J. Schiff e O. Aschberg, inimigos activos do povo russo [314] .

O ex-procurador-chefe do Sínodo do Governo Provisório, V. Lvov, que já foi um dos organizadores da perseguição a Rasputin, colaborou ativamente com os bolcheviques. Em 1917, ele se juntou aos cismáticos da Igreja Russa - os Renovacionistas. Em 1922, segundo a polícia alemã, ele afirmou entre seus conhecidos que depois que o governo soviético fosse reconhecido em Gênova, ele seria nomeado para a missão soviética em Paris [315] . Seu destino futuro está perdido na neblina.

O ex-camarada do Ministro das Finanças czarista N. N. Kutler, cadete e membro da Segunda Duma, também serviu fielmente aos bolcheviques.

O ex-camarada (deputado) Ministro de Assuntos Internos, General Maçom VF Dzhunkovsky, foi para o serviço dos bolcheviques. Ele foi usado pelos bolcheviques na suja operação "Trust" da KGB como um provocador chamariz em círculos monarquistas estrangeiros. Os agentes de segurança até o enviaram em missão à Alemanha para apresentá-lo à comitiva do grão-duque Nikolai Nikolaevich. O ex-presidente da Segunda Duma de Estado, o maçom F. A. Golovin, também ocupou cargos de destaque nas instituições soviéticas.

Dos principais maçons que serviram aos bolcheviques, também vale a pena mencionar o ex-reitor da Universidade de Moscou A. A. Manuylov, que se tornou um dos líderes do Banco do Estado e professor marxista; o famoso economista V. G. Groman, que chefiou o departamento de alimentação em Petrogrado sob os bolcheviques; NK von Meck, que recebeu um cargo

importante no Comissariado do Povo das Ferrovias; MK Lemke, historiador, jornalista, que ingressou no PCUS(b) no último ano de sua vida.

Em geral, em meados da década de 1920, os "papas negros" das lojas maçónicas estavam representados em todos os níveis do governo soviético e do aparelho partidário. É bastante óbvio que a atitude em relação a eles foi muito favorável. Até 1925, nada sabíamos sobre as medidas repressivas da Cheka contra os maçons.

Em 1923, porém, os bolcheviques prenderam vários maçons por algum tempo e, em particular, o chefe dos Rosacruzes russos, B. M. Zubakin, mas rapidamente os libertaram. Na prisão, Zubakin contou aos chekistas toda a história dos Rosacruzes Soviéticos.

A loja Rosacruz (loja do segundo capítulo) foi renovada em 1918 na fazenda Zatishye, a 10 verstas de Nevel (província de Vitebsk). O iniciador da retomada foi B. M. Zubakin. Rafail Buinitsky foi eleito chefe da loja. Os membros da loja incluíam B. M. Zubakin, V. Z. Rugevich, V. N. Voloshinov e várias outras pessoas. As reuniões da loja contaram com a presença de M. M. Bakhtin, M. I. Kagan, M. V. Yudina, G. Kulbin, N. Tsurikov.

Em 1920, o mesmo Zubakin organizou a loja maçônica "Cavaleiros do Espírito" em Minsk e lá ministrou um curso de ciências ocultas. O membro da Loja, Sergei Eisenstein, em uma carta à sua mãe datada de 20 de setembro de 1920, relatou: "Agora ficamos sentados até as 4-5 da manhã estudando os livros de sabedoria do Egito, a Cabala, os fundamentos da Alta Magia, o ocultismo. ." [316] Depois de algum tempo, uma loja Rosacruz semelhante foi formada em Smolensk, sob a orientação do Professor V. M. Arkhangelsky, e um pouco mais tarde em Moscou e São Petersburgo. Em particular, Anastasia Tsvetaeva (irmã da poetisa M. Tsvetaeva) era membro do camarote de Moscou.

Além das já listadas, na década de 20 existiam várias lojas maçônicas. Entre elas estão as lojas Martinistas e as lojas Templárias, chefiadas por G. O. Mebes (no grau Templário "Rei dos Paus"). Em São Petersburgo havia uma loja maçônica chefiada por V. N. Pshesetskaya, que, em particular, incluía K. Apukhtina, N. Vinogradova, Miller, Tizengauzen.

No início dos anos 20, outra organização ocultista maçônica foi criada - a Associação Filosófica Livre (Wolfila).

Era chefiado pelo escritor Andrei Bely, cujo consultor em questões maçônicas era o proeminente maçom G. O. Mebes.

Os membros da associação, em particular, eram o crítico literário L. V. Pumpyansky, o escritor S. D. Spassky, o crítico de arte E. Yu. Fechner, o escultor S. G. Kaplun-Spasskaya. Como lembrou o proeminente maçom A. M. Aseev: "Alguns maçons de Petrogrado também visitavam constantemente "Wolfil", participando ativamente de seu trabalho" [317] .

A forma jurídica das reuniões de maçons nos anos 20 tornou-se o trabalho retomado dos "Nikitin Subbotniks" - reuniões de cientistas e escritores de direção cosmopolita no apartamento da esposa de um proeminente maçom Nikitin, Evdokia Fedorovna Nikitina (Moscou, Gazetny Lane - reunidos desde 1914). Essas reuniões contaram com a presença do membro do Grande Oriente da França AV Lunacharsky, chefe dos Rosacruzes BM Zubakin, escritores PS Romanov, AS Novikov-Priboy, PN Sakulin, NL Brodsky, Yu I. Aikhenvald, LP Grossman.

Os maçons cooperaram voluntariamente com os bolcheviques e ficaram muito surpresos quando eles se recusaram a compartilhar com eles o poder sobre o povo russo.

Em 1925, o Secretário Geral da Maçonaria Autônoma Russa, B.V. Astromov, abordou a GPU com uma proposta de cooperação. Enfatizando que tanto a Maçonaria como os Bolcheviques prosseguem objectivos comuns, o líder da irmandade secreta ofereceu assistência aos Bolcheviques na construção do comunismo e na "reversão da magnetização da intelectualidade russa" no interesse da construção comunista.

"Então, o que aproxima a Maçonaria Russa Autônoma do comunismo? - dizia o apelo. — Em primeiro lugar, uma estrela de cinco pontas, que é o pequeno emblema da URSS e adotada pelo Exército Vermelho. Esta estrela é altamente reverenciada na Maçonaria, como símbolo de uma personalidade humana harmoniosamente desenvolvida que conquistou suas paixões e neutralizou os extremos do bem e do mal.

Além disso, o comunismo inscreveu na sua bandeira: AUTODETERMINAÇÃO UNIVERSAL E IRMANDADE DOS POVOS OPRIMIDOS.

Os maçons russos também clamam por tal irmandade, autodenominando-se cidadãos do mundo - e esta é uma nova semelhança entre essas duas direções.

Finalmente, esforçando-se por estabelecer a igualdade de condições de educação e de vida, a Maçonaria não é diferente do comunismo, que se propõe as mesmas tarefas, e o slogan do comunismo sobre a DESTRUIÇÃO DA PROPRIEDADE PRIVADA encontra uma resposta plena na

Maçonaria...” [318 [1]. Definidos os objetivos gerais, o chefe da fraternidade maçônica propõe formas específicas de cooperação com os agentes de segurança.

“É claro”, dizia o discurso de Astromov, “que os maçons não reivindicam a legalização total, uma vez que isso seria mais prejudicial do que útil para o seu trabalho. Eles poderão então ser acusados de “Chekismo” ou “reptilismo”, o que certamente afastará a intelectualidade russa da Maçonaria. O papel da Maçonaria, principalmente, é convencer a melhor parte dela da “regularidade” dos acontecimentos vividos e, portanto, da sua inevitabilidade... Aqui o verdadeiro trabalho da Maçonaria Russa Autônoma será expresso principalmente no fortalecimento na consciência jurídica da intelectualidade russa, em primeiro lugar, as ideias do internacionalismo e do comunismo, e também na luta contra o clericalismo”.

Tendo recebido este recurso, os agentes de segurança abriram imediatamente um caso, durante o qual foram descobertas uma série de circunstâncias interessantes.

Acontece que a Maçonaria Russa Autônoma da Ordem Martinista surgiu em 1912, e seu líder era G. O. Mebes, que em 1919 nomeou B. V. Astromov como secretário geral (inspetor) da ordem. No entanto, em 1921 eles se separaram e Astromov deixou a ordem, criando sua própria loja independente, as Três Estrelas do Norte. No mesmo ano, ele uniu sob seus auspícios outras lojas maçônicas de Petrogrado: “Flaming Lion”, “Dolphin”, “Golden Spike”, e em 1922 anunciou a criação de sua Maçonaria Autônoma Russa, chefiada pela Loja Geral de Astrea, do qual se tornou o Grão-Mestre Velho Maçom, ex-diretor dos Teatros Imperiais V. A. Telyakovsky. Em 1924, Telyakovsky morreu e suas funções foram transferidas para Astromov e seu vice (o chefe da Loja Harmonia no leste de Moscou) S.V.

Como lembrou o maçom A. M. Aseev, as lojas criadas por Astromov eram governadas pela Grande Loja autônoma “Astrea Ruthenica” *(* “Estrela Russa”) do sistema de 33 graus do ritual escocês. Seu Grão-Mestre era Astromov, que ao mesmo tempo chefiava a loja de Leningrado “Tres Stellae Nordicae” como Mestre da Cátedra.

A Grande Loja “Astrea Ruthenica” *estava* localizada na Praça Mikhailovskaya, em frente ao Teatro Mikhailovsky, no segundo andar de uma casa antiga, no apartamento de O. E. Nagornaya e sua filha adotiva, casada com Astromov. A pousada ocupava um grande salão, tradicionalmente decorado com cortinas azuis; As janelas davam para a Praça Mikhailovskaya.

A pousada Tres Stellae Nordicae *estava* localizada no apartamento de Astromov, não muito longe da Igreja de Vladimir. Como caixa, era mantida em segredo, situada num escritório normalmente mobiliado e com duas janelas, uma das quais sempre coberta por uma cortina grossa.

No nicho desta janela com vidro coberto por um escudo de madeira coberto com pano, havia um altar com todos os objetos e símbolos necessários ao ritual. Durante as reuniões rituais, bastava abrir a cortina, transformando o escritório em um camarote.

É claro que, sob o regime soviético, a loja funcionava estritamente em segredo, geralmente não mais do que 5 pessoas reunidas ao mesmo tempo e, portanto, acontecia que os membros da mesma loja não se conheciam.

No início do poder soviético, a liberdade ainda não havia sido completamente suprimida e, portanto, em 1922, Astromov pôde dar uma palestra pública em Leningrado sobre o tema “A Ideologia da Franco-Maçonaria”, que atraiu um grande público.

No mesmo ano, o famoso pesquisador e historiador da Maçonaria Russa Tira O. Sokolovskaya encenou uma dramatização de iniciação ao 30º grau da Maçonaria de acordo com o ritual do “Capítulo Brilhante da Fênix”. Esta encenação foi baseada em materiais históricos da época do Imperador Alexandre I, nos trajes preservados da época e no autêntico ritual de iniciação ao grau Kadosh.

Aconteceu nas instalações da “Sociedade dos Zelotes da História” na Ilha Vasilyevsky, a entrada foi feita por convite; entre os presentes havia muitos maçons proeminentes de Petrogrado" [319] .

“A Maçonaria”, admitiu Astromov, “está fora da religião. Não reconhece um Deus pessoal, mas apenas a Causa Primeira Incognoscível ou Absoluta sob o nome do Grande Arquiteto do Universo.”

Sendo hostis à Ortodoxia, os “irmãos” da Maçonaria Russa Autônoma declararam que “a Maçonaria Russa há muito sobreviveu e superou o Cristianismo, cujo Deus, tendo criado as pessoas, ordena-lhes que extingam em si tudo o que constitui a beleza e a alegria da vida”.

Uma investigação mais aprofundada mostrou como especificamente os maçons entendiam “a beleza e a alegria da vida”. Descobriu-se que os líderes da Maçonaria estavam empenhados em criar “óbvios antros de libertinagem, nos quais, através de influência mental, a violência sexual era levada a cabo contra mulheres de formas pervertidas”.

Quando questionado pelo investigador sobre como a Maçonaria vê as relações sexuais e a família, o líder dos maçons russos respondeu: "...em primeiro lugar, a Maçonaria não exige o casamento na igreja, submetendo-o aos desejos das partes, mas exige 1) Que o maçom não corteja a esposa do maçom. Ele pode casar-se com ela da maneira que quiser, mas o marido maçom deve ser notificado disso; 2) Sem se divorciar da esposa (ou sem se separar dela), ele não tem o direito de celebrar um novo contrato de casamento, sob qualquer forma (registro, casamento na igreja ou promessa mútua solene diante de uma estrela de cinco pontas, que é chamado de casamento místico).

Tendo recebido três anos nos campos por fraude, extorsão e "forçar as mulheres a terem relações sexuais de formas pervertidas", o lutador pela ideia maçônica Astromov não se acalmou e em 1926 dirigiu uma carta ao próprio camarada Stalin, convidando-o a refazer o Comintern no modelo das lojas maçônicas, para transformar seções nacionais em lojas maçônicas separadas, e a partir de seus representantes para formar uma Loja Geral.

"Camarada Stálin!

Dirijo-me a você como um dos líderes da política soviética e secretário do Comitê Central do V.K.P. (n.).

10 de janeiro g. Renunciei ao título de Secretário Geral da Loja Geral de Astrea da Maçonaria Autônoma Russa, desamarrei minhas mãos, devolvendo a liberdade de ação e privando-me de oportunidades no futuro. - de alguma forma me acuse de uma atitude incorreta em relação à Maçonaria Russa Autônoma. A minha orientação política não diz respeito a nenhum dos maçons e é uma questão da minha consciência.

Assim, posso falar com você de forma totalmente independente.

Arquivado em agosto M. passou ano, juntamente com o gerente da loja "Harmonia" de Moscou PALISADOVI, em um relatório ao órgão de supervisão da URSS sobre a possibilidade de atividades conjuntas da Maçonaria Russa Autônoma e do comunismo, a frase foi lançada casualmente: "... vermelho A Maçonaria poderia existir ao lado da burguesia – afinal, o Profintern e o Comintern existem ao lado dos sindicatos de trabalhadores e camponeses que aderem ao Acordo de Amesterdão."

Agora quero salientar a Maçonaria Vermelha não apenas como uma associação de pessoas de mentalidade comunista, mas também como uma forma e disfarce que o Comintern poderia assumir. Não é segredo que o Comintern (o governo secreto de Moscovo e sede da revolução mundial,

como é chamado no Ocidente) é o principal obstáculo à conclusão de acordos com a Inglaterra, a França e a América e, portanto, ao renascimento económico do país. A URSS está atrasada.

Entretanto, se o Comintern fosse remodelado de acordo com o modelo da Maçonaria, isto é, assumisse as suas formas externas (é claro, simplificando e modificando muitas coisas), nem a Liga das Nações nem qualquer outra pessoa ousaria objetar à sua existência como uma organização maçônica. Especialmente França e América, onde existem lojas inteiras com uma maioria socialista e onde o governo na sua maioria também consiste em maçons (por exemplo, o presidente da TAFT, que anteriormente não era maçom, foi agora iniciado nos maçons após a eleição) .

A adopção de um disfarce maçónico pelo Comintern não é nada difícil e apenas afectará a aparência. Cada seção nacional poderia formar uma loja separada - uma oficina, e seus representantes (presidium) formariam uma loja geral.

Surpreende-me como não ocorreu ao governo operário e camponês tirar vantagem desta velha organização operária e profissional capturada pela burguesia. Claro, tendo-o reformado e purificado, de acordo com o espírito e os preceitos do leninismo (afinal, as organizações operárias tomaram emprestada a ideia do escotismo e formaram destacamentos pioneiros). Além disso, o Poder Soviético já adotou símbolos maçônicos: uma estrela de cinco pontas, um martelo e uma foice."

Em 1922, o Congresso da Internacional Comunista adotou uma resolução sobre a incompatibilidade entre ser membro de lojas maçónicas e ser membro do Partido Comunista. A razão para tal resolução foi a afirmação de que a Maçonaria não reconhece a luta de classes e não aceita o conceito de "consciência de classe".

Porém, na realidade o motivo foi diferente. Em muitos países, especialmente na França, o movimento comunista era inseparável da participação na Maçonaria. Para o comunismo, que conquistou um sexto da terra, a penetração demasiado profunda da Maçonaria nas suas fileiras era perigosa, pois minava o monopólio do partido no poder.

Essencialmente, tudo permaneceu em seu lugar, apenas os maçons não anunciaram mais sua afiliação aos comunistas, e os comunistas mantiveram sua afiliação à Maçonaria em profundo segredo. Para a Rússia, tal problema não apresentava sérias dificuldades, uma vez que o número de comunistas

que estavam entre os maçons era relativamente pequeno e na maioria das vezes concentrados nos mais altos escalões do aparelho partidário.

Se nos primeiros anos da revolução os maçons apoiaram os bolcheviques, mais tarde surgiu uma discórdia entre eles, iniciada pela maçonaria alemã e austríaca. O político austríaco, membro da Grande Loja de Viena Coudengov-Kalergi organiza palestras em Paris sobre uma união pan-europeia com o objetivo de lutar contra a URSS.

Kudengov-Kalergi faz um apelo aos membros do parlamento francês sobre a criação de uma organização anti-soviética (1925) [320] . No entanto, os maçons franceses não o apoiaram, porque tinham interesses próprios que não coincidiam com os interesses do mundo alemão.

Os maçons franceses estão a monitorizar de perto a situação na Rússia, discutindo as relações franco-russas nas suas reuniões, planeando uma aliança conjunta maçónico-bolchevique contra a “direita”.

Com muito zelo, os conspiradores maçônicos discutem o problema de uma futura guerra mundial, de cuja ocorrência não tinham dúvidas.

No início dos anos trinta, o Bureau Internacional de Cooperação Maçónica tentava por todos os meios intensificar as suas relações com as lojas maçónicas na Alemanha, a fim de influenciar a situação interna do país. Numa reunião da associação maçónica internacional sobre questões de paz, o pacto de não agressão soviético-alemão é discutido, as políticas não só da Alemanha, mas também da URSS são condenadas [321] .

Apesar das contradições emergentes entre os maçons e os bolcheviques na década de trinta, a maioria da Maçonaria continua a apoiar o regime soviético. As atividades anti-soviéticas de algumas lojas maçônicas são condenadas. A resolução da reunião da loja Etoile de la Croe na cidade de Miramas com um protesto contra a propaganda anti-soviética realizada pela loja Etoile du Nord em Paris (1933) é amplamente divulgada através do Bureau Internacional de Cooperação Maçônica.

A perseguição aos “irmãos” maçónicos na URSS, que começou no final dos anos 20 e início dos anos 30, causou primeiro perplexidade entre os maçons estrangeiros e depois uma explosão de ódio. Os maçons soviéticos, que apelaram aos agentes de segurança para reprimirem a igreja e o movimento patriótico, ficaram espantados com o facto de o terror de Estaline também ter caído sobre eles.

No verão de 1926, por resolução do conselho da OGPU, 21 membros da Maçonaria Autônoma Russa foram condenados, um ano depois ocorreu o julgamento no caso da "Irmandade do Verdadeiro Serviço". No final dos anos vinte, várias pessoas associadas à Maçonaria foram exiladas, entre elas pessoas conhecidas que ainda não se arrependeram da sua filiação à heresia maçónica.

Desde a segunda metade dos anos vinte, uma verdadeira peste atacou os maçons. Em 1926-1928, Krasin, Skvortsov-Stepanov, Sokolov, Kozlovsky morreram, em 1929 - von Meck (baleado) e Manuilov, e em 1933-1934 - Sereda e Lunacharsky. Em 1939-1940, Skobelev, Bokiy (preso em 1937), Dzhunkovsky, Nekrasov e Groman (os três últimos já haviam passado pelo Gulag) foram baleados. Dos proeminentes maçons bolcheviques, apenas Petrovsky permaneceu vivo, mas fugiu de todos os postos.

Em 1937, foi aberto um caso especial contra os Rosacruzes.

Apesar da disposição de quase todos os Rosacruzes em cooperar com a investigação, a sentença foi bastante dura. O chefe dos Rosacruzes, B. M. Zubakin, e vários de seus associados mais próximos foram baleados, o restante recebeu longas sentenças de prisão. O fundador da loja Rosacruz em Smolensk, prof. V. M. Arkhangelsky também foi condenado à morte, mas por cooperação ativa com a investigação, a pena foi substituída por 10 anos nos campos. Anastasia Tsvetaeva também esteve envolvida no caso Rosacruz e recebeu 10 anos de prisão [322] .

No início da Guerra Patriótica, todos os principais centros da ideologia maçônica foram liquidados na Rússia. A abordagem organizada a esta questão indicou que Estaline e o seu povo com ideias semelhantes estavam conscientes do perigo da influência política maçónica e do "envolvimento do poder" pelos quadros maçónicos. Pela primeira vez em muitas décadas, a rede maçônica sobre a Rússia foi severamente danificada em muitos lugares (embora não completamente destruída).

A destruição de muitos líderes da Maçonaria e de centenas de milhares de activistas do movimento bolchevique anti-russo, que eram de facto inimigos do povo russo, causou um sentimento de medo e raiva entre os funcionários maçónicos. Foi então que a Liga Maçónica das Nações apostou numa política de colisão entre a URSS e a Alemanha, fazendo tudo o que levasse esta última à agressão contra o seu vizinho oriental. Os representantes maçónicos da França e da Inglaterra na Liga das Nações paralisam quaisquer ações destinadas a limitar os agressores fascistas.

Em particular, as potências ocidentais procuram o levantamento das sanções económicas e financeiras contra a Itália e a Alemanha, criando condições para que se preparem para uma futura guerra na Rússia.

O objectivo das potências ocidentais, lideradas pela liderança maçónica, era provocar Hitler a uma campanha militar contra a Rússia. Os conspiradores maçônicos estão preparando uma conspiração secreta pelas costas dos povos.

Em Dezembro de 1936, o líder maçónico, o presidente dos EUA F. Roosevelt, proclamou uma política de "defesa colectiva" do Hemisfério Ocidental, que, em essência, implicava isolar a URSS e deixá-la sozinha com a Alemanha nazi. Embora os maçons condenassem verbalmente Hitler, as políticas de seus líderes encorajaram de todas as maneiras possíveis suas reivindicações agressivas. Hitler compreendeu imediatamente a política de "doação" que os EUA, a Inglaterra e a França estavam a praticar com ele, mas viu nela não só a permissão para atacar a URSS, mas também a fraqueza dos estados ocidentais. No final, os conspiradores maçônicos tornaram-se vítimas de suas próprias intrigas. A política de "apaziguamento" de Hitler, que terminou com o Acordo de Munique às custas dos estados eslavos, levou a uma nova guerra mundial.

Na primavera de 1936, o semanário francês Gringoire relatou informações sobre como os bolcheviques lançaram um ataque às lojas maçônicas, que, em geral, lhes ofereceram uma resistência muito fraca.

O jornal notou que o Comintern tem um dos mais altos representantes do Grande Oriente, com alto grau maçônico, Karl Radek. K. Radek enviou seu colaborador mais próximo, Peterson, conhecido pelo apelido de "Camarada Mark", para Paris. O "camarada Mark" começou a convencer os "irmãos" do Grande Oriente da necessidade de apoiar a URSS contra Hitler. Caso contrário, disse ele, o Führer negociaria com Moscovo e lançaria uma ofensiva contra a Maçonaria Francesa.

Segundo o jornal, como resultado dessas negociações, teria sido proposta uma espécie de concordata, segundo a qual Stalin permitiria a existência de seis lojas maçônicas na URSS, desde que, no entanto, a lista de seus membros fosse conhecida por autoridades e por elas aprovados. Nem é preciso dizer que esses "irmãos estabelecidos" serão membros da GPU.

Por sua vez, o Grande Oriente assume a obrigação, em nome dos interesses comuns, de promover a frente popular, de levar a cabo a adopção do Pacto Franco-Soviético pelas câmaras e de dissolver as lojas francesas que têm emigrantes russos entre eles, incluindo a loja Astrea [323 [1] .

Em 1936, a Grande Loja da França preparou um apelo a F. Roosevelt apoiando a sua política de “defesa colectiva”.

O apelo foi assinado por 16 centros europeus da Maçonaria, incluindo Espanha, Bélgica, Áustria, Dinamarca, Luxemburgo, Hungria, Polónia, Roménia e Checoslováquia. Dizia, em parte: “Em primeiro lugar, os seus irmãos Hiram transmitem a sua gratidão ao Presidente dos Estados Unidos numa hora tão emocionante e conturbada da história. Deixemo-nos chamar à sua atenção preocupação e ansiedade, mas igualmente uma partilha de esperança” [324] .

O Presidente americano coordena as suas ações com a Maçonaria Francesa. Uma nota secreta de Mason Bullitt, embaixador americano na França, datada de maio de 1939, foi preservada nos documentos do Arquivo Especial. Bullitt escreveu aos líderes do Grande Oriente da França e da Grande Loja da França: “Tenho a honra de chamar a sua atenção para o fato de que gostaria de convidar um de seus grandes mestres para vir à minha casa um dia desses. Eu poderia transmitir a mensagem que acabei de receber do Presidente.” Numa mensagem oral aos líderes da Maçonaria Europeia, o presidente americano afirmou: “... considero-me obrigado a seguir uma política geral dirigida contra os ditadores”, isto é, Hitler e Estaline.

O futuro Acordo de Munique das potências ocidentais, que permitiu que a Checoslováquia fosse despedaçada pelo agressor alemão, foi preparado pelos líderes maçons ocidentais que empurraram Hitler para as fronteiras da URSS.

Em novembro de 1937, o chefe do governo francês, o maçom K. Shotan, manteve negociações em Londres, após as quais, segundo o embaixador soviético J. Z. Surits, a França mostrou uma tendência à “reconciliação com o agressor” [325 [1] . Os Estados Unidos, embora não tenham participado na Conferência de Munique, preparavam activamente o Acordo de Munique.

Como admitiu Chamberlain, “há outro estado que não participou na conferência, mas... exerceu uma influência constante e cada vez maior. Quero dizer, é claro, os Estados Unidos." O presidente dos EUA, o maçom F. Roosevelt, saudou a assinatura do Acordo de Munique [326] .

Uma das principais razões pelas quais I. Stalin não confiava nos governos ocidentais, aparentemente, foi a sua rejeição do traiçoeiro status maçônico desses governos. Em 1940, o governo britânico era chefiado pelo maçom W. Churchill, o governo americano pelo maçom F. Roosevelt, e muitos ministros desses governos eram maçons. O último gabinete pré-guerra da

República Francesa incluía, em particular, os “irmãos” C. Chautan (Vice-Primeiro Ministro), L. Frossard (Ministro da Informação), A. Rio (Ministro da Marinha Mercante).

A política traiçoeira dos governantes maçônicos do Ocidente durante a 2ª Guerra Mundial foi expressa na declaração do senador maçom americano G. Truman (futuro presidente dos EUA) de que “se os alemães ganharem vantagem, devemos ajudar os russos, e se as coisas acontecerem de outra forma, devemos ajudar os alemães. E deixe-os matar uns aos outros tanto quanto possível." No outono de 1943, em nome do Presidente dos EUA, F. D. Roosevelt, o Gabinete de Serviços Estratégicos (OSS) desenvolveu o memorando secreto 121 sobre possíveis direções de estratégia e política em relação à Alemanha e à Rússia. Dizia, em particular: “...tentar virar todo o poder da invicta Alemanha, ainda controlada pelos nazis, contra a Rússia... Isto é provavelmente levará à conquista da União Soviética por essa mesma Alemanha poderosa e agressiva... mas para evitar o subsequente domínio da Alemanha sobre todo o poder da Europa, nós, juntamente com a Grã-Bretanha, seremos obrigados, após a conquista da Rússia pela Alemanha, para assumir mais uma vez, e sem a ajuda da Rússia, a difícil... tarefa de derrotar a Alemanha.” O documento foi assinado pelo chefe do OSS, General Maçônico W. Donovan [327] .

Capítulo 21

Maçons russos no exílio. — Questões de pessoal. Características da organização. — Geografia dos maçons livres. Prokhindiad maçônica.

Até agora, não lhes contamos como foi tecida a teia de construção maçônica interna, como os maçons mais velhos, sofisticados em intrigas políticas, restauraram as organizações destruídas por seus rivais na luta pelo poder sobre o povo russo. O desenvolvimento da Maçonaria Russa no estrangeiro é um exemplo instrutivo de como as células malignas de um organismo social podem desenvolver-se se forem estimuladas do exterior. O apoio moral, organizacional e financeiro dos “irmãos” estrangeiros tornou-se um grande estimulante. Já informamos sobre o financiamento da Maçonaria Francesa pelos Bolcheviques.

Por sua vez, os maçons franceses comprometeram-se a ajudar os “irmãos” russos não só financeiramente, mas também fornecendo-lhes instalações para reuniões e instrutores para formação. Num período de tempo

relativamente curto, a Maçonaria Russa não só restaurou as suas organizações, mas também expandiu significativamente.

Como observamos repetidamente, a base para a seleção de pessoal para as lojas maçônicas eram pessoas privadas de consciência nacional e de diretrizes espirituais e morais estáveis. Os maçons acolheram essas pessoas em seu círculo, investindo nelas sua atitude em relação à Rússia e ao mundo, e fizeram delas instrumentos obedientes de sua vontade.

Uma ilustração muito característica disso é a admissão aos maçons de G. S. Tikhanovich, um negociante de diamantes e antiguidades de trinta anos, formado pelo Imperial Alexander Lyceum.

A recepção foi organizada pelo Astraea Lodge. Três fiadores dentre os antigos maçons deram suas recomendações (em seu idioma) ao leigo Tikhanovich. Darei dois dos mais típicos, refletindo a visão de mundo imoral, relativista e ateísta dos maçons livres.

Um dos recomendadores, Joseph Ashkenazi, escreveu: "Reverendo Mestre! Por ordem sua, conversei com o leigo Tikhanovich sobre questões religiosas e filosóficas.

O leigo Tikhanovich é completamente indiferente à religião, não porque, como muitos, tenha experimentado profundas dúvidas religiosas, mas por causa do seu ceticismo inato, pelo que não pode aceitar nem refutar o dogma religioso. Ocasionalmente visita a igreja, mas por motivos, por assim dizer, "quotidianos", e não para saciar o seu sentimento religioso, que, segundo ele, está completamente ausente nele. Ao mesmo tempo, ele não é ateu e não ousa negar categoricamente a existência de um princípio absoluto. Em geral, apesar de seu ceticismo, o leigo Tikhanovich me parece uma pessoa mais idealista.

Em relação aos rituais eclesiásticos, o leigo expressou uma opinião que também parecia indicar que o indiferentismo religioso não é a sua propriedade principal, mas sim de origem superficial e filisteu. Ele atribui valor estético indubitável aos ritos da igreja, isto é, ao ritual, e reconhece que o ritual afeta o lado emocional do nosso "eu". Na sua opinião, cada pessoa que reconhece a presença de um princípio absoluto no mundo - que mesmo um leigo não rejeita com confiança - deve mostrar a sua atitude para com este princípio absoluto na forma de um rito, ou seja, ritual.

A visão do leigo sobre questões morais é um pouco mais definida.

O leigo reconhece a moralidade como necessária não apenas como princípio regulador nas relações sociais das pessoas, mas também como norma interna da vida espiritual de uma pessoa como tal. Ao mesmo tempo, ele acredita que tanto a verdade religiosa, isto é, o dogma, quanto uma cosmovisão filosófica coerente, em cujo desenvolvimento ele espera a ajuda da Maçonaria, podem servir como uma base inabalável para a moralidade.

Profan Tikhanovich dá a impressão de ser uma pessoa muito inteligente, que se desenvolveu mental e moralmente de forma independente, mas sente necessidade de se comunicar com pessoas que vivem uma vida intelectual mais intensa. Portanto, é ele quem busca ingressar na ordem maçônica. Seu ceticismo não me parece tão profundo a ponto de impedi-lo de perceber os fundamentos da cosmovisão maçônica, e sua aparência espiritual, até onde posso julgar pela nossa breve conversa, me permite esperar que esse leigo eventualmente se transforme em um bom Pedreiro. É por isso que votarei pela sua admissão na Irmandade dos Maçons.

Com saudações fraternas, Joseph Ashkenazi."

E aqui está a recomendação do conde Alexei Bobrinsky: “Profan Tikhanovich Georgy Sergeevich nasceu em 22 de fevereiro de 1897 na cidade de Novocherkassk, órfão, seu pai morreu em 1910. Solteiro.

Ele recebeu sua educação no Imperial Alexander Lyceum em Petrogrado. Ele se formou na primavera de 1917. Foi convocado para o serviço militar e designado para a divisão de aviação francesa na Frente Noroeste, onde permaneceu até fevereiro de 1918. Após a ocupação da Ucrânia pelos alemães, viveu em uma propriedade na província de Yekaterinoslav até janeiro de 1919. ; Depois foi para Don Corleone e alistou-se na unidade automobilística do Exército Voluntário. Estive na Crimeia sob o comando de Wrangel antes da evacuação.

Viajou por Constantinopla até Praga, onde ingressou na Sociedade de Máquinas Agrícolas, e depois esteve em Berlim, servindo na editora de Otto Kirchner. Em Paris, a partir de dezembro de 1924, trabalhou primeiro em uma escola de automóveis e depois no negócio de diamantes de Gitman. Depois de servir na Gitman por 1 ano e 9 meses, ele deixou o cargo amigavelmente e começou a vender diamantes e antiguidades, que é o que ainda faz hoje.

De acordo com as suas convicções políticas, o leigo declara-se antibolchevique; ele está inclinado a ver o renascimento da Rússia em novas formas, que considera difíceis de definir. A Rússia do futuro não é nada semelhante à Rússia de hoje", declara. Muitas formas de vida social na Rússia estão tão profundamente enraizadas que será muito difícil mudá-las. "É improvável que alguém os erradique", diz o leigo. Esperando, em princípio, um fim rápido do bolchevismo, ele não vê como isso irá acontecer. "Não sonho com o que é aparentemente impossível" e, além disso, "algo novo deve ser criado, mas no que isso se cristalizará, vejo apenas muito vagamente", declara.

Por suas inclinações, o leigo sempre se interessou pela filosofia, sem se considerar, porém, possuidor de grande erudição nesta área. Sempre que pude, lia sobre filosofia e literatura gregas.

O leigo admite o seu "declínio intelectual", como ele diz, devido à falta de comunicação com pessoas interessantes e, portanto, espera encontrar na Maçonaria o alimento espiritual que falta.

Sendo ortodoxo de religião, ele não se considera religioso; Ele não estava interessado em questões puramente religiosas, uma vez que não se tratava de questões filosóficas gerais. Às vezes visita a igreja quando faz "presença atuada". Sem negar a existência de Deus, ele simpatiza com a religião do lado cotidiano, já que a Ortodoxia está ligada à Rússia.

Votarei pela aceitação do leigo em nosso meio, sabendo que ele não pode dar absolutamente nada à Maçonaria no seu estado atual. Este é um típico leigo, um leigo com letra maiúscula. Tudo nele parece estar no lugar, ele parece ter aprendido tudo. No entanto, tudo nele é expresso de forma pálida, vaga e incerta.

Ele não é Mussolini, nem Napoleão, nem um cientista, nem um trabalhador ativo.

Pode-se dizer sobre ele nas palavras de Onegin: "Todos nós aprendemos alguma coisinha e de alguma forma". Porém, a Maçonaria pode refazê-lo, dar-lhe uma cor mais definida, torná-lo uma pessoa útil. Suas respostas às minhas perguntas foram cautelosas, ele parecia ter medo de dizer algo desnecessário, de deixar escapar, tateando em seu caminho. Mas quero interpretar o seu próprio desejo de vir até nós como o fato de que alguma pequena faísca em direção à Luz não se apagou nele, e nossa tarefa é deixar essa faísca se transformar em uma chama linda e brilhante.

Repito, votarei a favor da sua aprovação.

Alexei Bobrinsky. 14º » [328]

E o leigo Tikhanovich foi aceito com segurança na loja maçônica, além disso, os “irmãos” o ajudaram a obter os empréstimos necessários para o comércio de joias.

Este é o material a partir do qual a Maçonaria Russa foi formada e desenvolvida continuamente.

Já em 15 de novembro de 1921, o Capítulo Rosacruz Russo de Astrea em Paris foi retomado (presidentes: 1921–1924 - L. D. Kandaurov, 1925 - terrorista N. V. Tchaikovsky, 1926 - Conde A. P. Bennigsen, 1927 - P. A. Polovtsov, 1928–1929 - V. A. Nagrodsky , 1930–1931 - Conde A. A. Bobrinsky) [329] . Não é à toa que listamos os nomes dos líderes - todos eram políticos sombrios experientes, muitas das quais tinham as mãos manchadas de sangue.

Em 14 de janeiro de 1922, em Paris, sob a jurisdição da Grande Loja da França, foi inaugurada a primeira loja simbólica russa “Astrea”, cujos fundadores foram F. F. Maksheev (mais tarde, em 1929, ele foi irradiado e abandonado) , A. I. Mamontov, Conde A. P. Bennigsen, V. N. Scriabin (secretário, foi irradiado e aposentado em 1927), P. A. Sokolov (orador), N. I. Naumov (tesoureiro), V. D. Aitov (doador), L. D. Kandaurov (porteiro), D. S. Navashin, Príncipe P. I. Kugushev, Conde A. A. Bobrinsky, A. I. Putilov (mais tarde transferido para a caixa de Júpiter), Yu. O. Burnshtein, N. V. Marinovich, N. V. Tchaikovsky (falecido em 1926), G. B. Sliozberg, M. A. Artamonov, V. A. Nagrodsky (mudou-se para a caixa de Hermes). Os veneráveis mestres desta loja foram: F. F. Maksheev (1922–1924), V. D. Aitov (1925–1926), Príncipe V. L. Vyazemsky (1927–1930), S. Ya. Smirnov (1931). O terrorista B.V. tinha um alto grau nesta loja.

Poucos dias após a abertura da loja Astraea em Paris, em janeiro de 1922, surgiu em Berlim a loja maçônica russa “Grande Luz do Norte”, que pertencia ao sistema da Grande Loja Nacional Prussiana “Três Globos”. Os "Irmãos" desta loja (e havia cerca de 50 deles) estavam em contato próximo com os maçons do Rito Escocês, e alguns estavam envolvidos em ambos os sistemas ao mesmo tempo.

Os veneráveis mestres da loja “Grande Luz do Norte” foram: A. P. Veretennikov (1922–1924), A. A. Davydov (1925), A. D. Lavrentiev (1926–1927), A. K. Elukhen (1928–1931) [330] .

Em 1924, mais duas lojas da carta escocesa foram criadas: a) “Northern Lights” (14 de janeiro), foi fundada principalmente por ex-militares

(veneráveis mestres: A. I. Mamontov (1924–1925), P. A. Polovtsov (1926), V. V. Lyshchinsky-Troekurov, Príncipe (1927-1928), Conde A. P. Bennigsen (1929–1931); b) “Hermes” (24 de dezembro).

A Loja Hermes foi concebida como um centro que une, numa base maçônica, renomados representantes da ciência, da indústria e da classe de serviço russa, que, ao apresentar relatórios, seriam capazes de expressar suas opiniões sobre a futura estrutura da Rússia, “ despertar grande interesse nas mesmas classes do público estrangeiro e entre os Governos dos principais estados” No entanto, como admite Kandaurov, esta expectativa não estava destinada a ser justificada: “depois de dois ou três relatórios... que tinham uma atmosfera de tédio mortal, esta loja deixou de ser visitada até pelos seus próprios membros, e na primavera de 1925 foi parou de se reunir.” Como resultado, a administração da Grande Loja da França chamou a atenção para a desordem, que realizou reeleições, colocando no poder maçons mais ativos (veneráveis mestres: F. F. Maksheev (desde março de 1925), A. I. Mamontov (1926), V. A.

Em 25 de janeiro de 1925, foi fundada a loja Golden Fleece. O objetivo desta loja era introduzir “a luz maçônica entre os habitantes estrangeiros do Cáucaso, a fim de dar-lhes a oportunidade de posteriormente estabelecerem suas próprias lojas maçônicas em sua terra natal”. Foram abrangidos georgianos, arménios, montanheses do norte do Cáucaso e azerbaijanos.

Quando a loja foi fundada, foi estabelecido entre os fundadores “russos” e “estrangeiros” (estes últimos pertenciam por iniciação à loja Astrea) que “os primeiros tratarão dos últimos na forma de seu treinamento maçônico adequado e edificação para apenas dois anos, após os quais os “irmãos” ou deixarão a loja do “Velocino de Ouro” e formarão a sua própria loja independente, ou todos permanecerão na primeira, da qual os russos sairão neste caso.” Os “pastores maçônicos” desta loja foram Kandaurov em 1925 e o Conde D. A. Sheremetev em 1926. Como escreve Kandaurov, de forma não muito inteligível: “Quando o período de dois anos expirou, apenas o primeiro dos casos previstos se revelou possível, uma vez que os membros armênios da loja não queriam se separar dos russos, mas mesmo aqui alguns foram encontradas dificuldades, uma vez que os irmãos estrangeiros (não armênios) ordenaram o cumprimento da condição acima, apresentando diversas,*OP).*

No entanto, após a devida influência fraterna e paterna, todos esses irmãos renunciaram coletivamente à Loja do Velocino de Ouro (dezembro de 1926). A renúncia foi imediatamente aceita pela loja, da qual naquela época

alguns irmãos russos também já haviam saído. Depois disso, a loja "Golden Fleece" foi renomeada para "Júpiter". Após a "supressão da rebelião" de estrangeiros, a loja foi chefiada pelos seguintes "Reverendos Mestres": S. G. Lianozov (1927), A. V. Davydov (1928-1930), D. N. Verderevsky (1931).

Os "irmãos" estrangeiros que deixaram o "Velocino de Ouro" - 25 pessoas no total - formaram a loja Prometeu na jurisdição da Grande Loja da França, chefiada por A. Zilberstein, e mais tarde, em 1928-1929, por G. Hagandokov . A loja contou com o apoio financeiro do rico maçom Chermoev. No entanto, apesar disso, ela começou a ficar surda, as pessoas pararam de visitá-la e as taxas de adesão não foram recebidas. Como resultado, a maioria dos "irmãos", principalmente georgianos, tiveram que ser irradiados ou simplesmente expulsos, e no final de 1929 a Grande Loja da França tomou a decisão de "sacrificar" a loja Prometheus, o que foi feito em 1930 .

Os principais líderes da Grande Loja da França ficaram chateados com o fracasso em formar "a Maçonaria estrangeira independente das nacionalidades do Cáucaso". Na opinião deles, o fracasso "foi causado por um cálculo errôneo dos fundadores da loja do Velocino de Ouro, que superestimaram os dados daqueles veneráveis irmãos, com quem pretendiam se engajar por apenas dois anos. Para esse objetivo, aparentemente, foi necessário cuidar deles por muito mais tempo" [331] .

Além das quatro lojas simbólicas e do Capítulo de Astrea, na jurisdição da Carta Escocesa em 1925 foi formada uma loja de melhoria - "Amigos de Liubomudiya", que foi chefiada pelo Conde P. A. Bobrinsky em 1925-1928, em 1929 - A. P. Veretennikov, em 1930–1931 - N. L. Goleevsky.

Em 10 de fevereiro de 1927, o chamado Consistório da Rússia, chefiado por L. D. Kandaurov, tornou-se o órgão administrativo da Maçonaria Russa. Pela resolução da Conferência Internacional do Conselho Supremo da Carta Escocesa em Paris, que reuniu delegados de 29 países, o Consistório "Rússia" recebeu certos privilégios e poderes, especialmente no domínio financeiro, para os quais um especial financeiro e económico comissão foi criada em 1930, chefiada pelo "irmão" A. V. Davydov.

Em janeiro de 1925, os maçons russos formaram a loja Northern Star, que incluía membros das lojas regulares do Grande Oriente da França, criadas antes de 1917. Seus líderes eram políticos endurecidos e membros ativos de organizações terroristas: N. D. Avksentyev (venerável mestre 1925–1927, 1931) e P. N. Pereverzev (1929–1930).

No entanto, esta loja não incluía um número significativo de antigos maçons do Grande Oriente, principalmente cadetes, que acreditavam que ela estava agindo “não secretamente o suficiente” (D. N. Grigorovich-Barsky, Príncipe L. A. Obolensky, V. M. Zenzinov, Conde A. A. Orlov-Davydov, I. P. Demidov, Teplov).

No entanto, a “Estrela do Norte” ocupou uma posição especial, pode-se dizer, de liderança entre as lojas maçônicas russas na França.

A liderança do Grande Oriente da França permitiu que ele se reunisse na sede do Grande Oriente, na rue Cadet, 16.

Mais tarde, apenas uma outra loja russa, “Rússia Livre”, recebeu a mesma honra (fundada em 9 de novembro de 1931 - secretário A. Shaikevich). Esta última recebeu uma grande honra pela sua ligação particularmente estreita com o sionismo. Entre os irmãos da Rússia Livre estava o irmão Vladimir Jabotinsky, o líder do sionismo mundial, um russófobo radical. Nos arquivos da Instituição Hoover (EUA) no fundo B. N. Nikolaevsky há um convite para o relatório de V. Jabotinsky nesta loja: “O Venerável Mestre da Loja Maçônica “Rússia Livre” pergunta a você, assim como aos queridos irmãos de a Loja que você lidera, para participar da Reunião Solene da Honorável Loja “Rússia Livre" em 11 de novembro de 1932 às 8h30. noites na Rua Kade, 16 até o Workshop No.

O Venerável Irmão V. Jabotinsky fará uma reportagem sobre o tema: “Confissão de um comerciante convicto”.

Após o relatório há um debate.

Com total respeito *ao secretário* - *A. Shaikevich.”*

Em janeiro de 1926, foi formada em Paris a Loja Aurora, pertencente ao sistema de “Direito Humano”, não reconhecido por outros sistemas maçônicos. A loja incluía homens e mulheres. Foi chefiado por: Nagrodskaya (1926–1928), Syrtlanova (1929), Brill (1930), Nagrodsky (1931).

Em maio de 1927, seis “irmãos” russos que viviam no Egito criaram a loja “Astrea” no leste da cidade de Alexandria, que estava sob a jurisdição da Grande Loja do Egito (Rito Escocês). A loja era chefiada pelo advogado Bilken.

Após a sua morte em 1930, a loja começou a declinar, foi reabastecida com representantes de outras nacionalidades e começou a trabalhar em francês [332] .

Em Belgrado, maçons russos (cerca de 12 pessoas) participam dos trabalhos da loja Maxim Kovalevsky. Seu presidente é o Professor M.P. Chubinsky. Os maçons russos na Iugoslávia reclamam das difíceis condições de trabalho. Conforme observado: “A Associação Maçônica Russa é reabastecida com novos candidatos muito lentamente e com grandes dificuldades devido ao humor e ao espírito da emigração russa na Iugoslávia. Este clima é dos Cem Negros e muito desfavorável em relação à Maçonaria.”

Digno de nota é o círculo da Maçonaria Russa em Londres, criado em 1924, que incluía 15 “irmãos” que pertenciam a várias lojas inglesas. O círculo gozava de grande respeito entre os maçons ingleses. Foi chefiado em diferentes momentos pelos “irmãos” B. Telepnev, B. Ivanov, Príncipe A. Lobanov-Rostovsky.

O número de “irmãos” em cada uma das lojas era diferente - de algumas pessoas a cem ou mais. As lojas mais famosas contavam com pelo menos cinquenta pessoas. Assim, por exemplo, em 1929, a Loja Maçônica Astraea tinha 104 membros, a Northern Lights - 49, Hermes - 53 e Júpiter - 59 membros [333 [1] .

Embora os maçons russos estivessem sob total controle e subordinação a ordens estrangeiras, seria errado pensar que eles não sonhavam em obter independência e agir de forma independente, principalmente da Maçonaria francesa. Constantemente, especialmente na década de trinta, os “irmãos” russos pertencentes à Grande Loja da França levantaram a questão da criação de uma Grande Loja da Rússia [334] . No entanto, as autoridades maçónicas francesas foram contra isto. Em uma nota confidencial ao mestre da loja Astrea G. Smirnov, L. Kandaurov (33 o) escreve que “todos estão bem cientes de que a Grande Loja da França, por razões óbvias, não está de forma alguma inclinada a autorizar oficialmente qualquer associação da Maçonaria simbólica russa, que teria poder coercitivo próprio, fora da Grande Loja da França."

Os maçons russos no exílio ajudaram seus “irmãos” que permaneceram na URSS, não apenas moralmente, mas também material e financeiramente.

Há informações precisas sobre a assistência à Loja Maçônica Rosacruz de Moscou sob a liderança de Kaznacheev, para a qual “subsídios e pacotes de alimentos foram enviados secretamente da França por muitos anos...” [335].

Também foram concedidos subsídios aos maçons ucranianos, que, para conseguirem mais dinheiro, enviaram dados falsos sobre os seus números

aos seus irmãos estrangeiros, alegando em 1926 que eram 20 mil. Este foi precisamente o ano em que, após a morte de Petliura, um certo Levitsky se tornou o chefe da Maçonaria Ucraniana [336] .

Os maçons ajudaram as famílias dos "irmãos" falecidos. Por exemplo, o arquivo maçônico preservou a correspondência de 1937-1938 do famoso maçom Margulies sobre a prestação de assistência à viúva de setenta anos do General Brusilov [337] .

Após a derrota do movimento Branco, o controlo sobre os fundos financeiros russos encontrados no estrangeiro passou para as mãos do Conselho Maçónico de Embaixadores, que fez tudo para afastar as forças patrióticas russas da gestão do dinheiro comum. Para dar à apreensão de fundos alguma aparência de legalidade, os maçons criam a União Zemstvo-Cidade de zemstvo e líderes municipais eleitos nas últimas eleições na Rússia, chefiada pelos maçons G. E. Lvov, A. I. Konovalov, N. D. Avksentiev.

Usando sua influência, os conspiradores maçônicos criaram uma série de organizações que serviram como condutores das ideias maçônicas na emigração russa.

É claro que, em primeiro lugar, a atenção principal foi dada à formação de jovens, para a qual foi criado o "Comitê Central para o Ensino Superior à Juventude Russa no Exterior", que concedeu bolsas de estudo a pessoas dignas de educação maçônica (o número de que em alguns anos chegou a 400 pessoas).

Toda a representação do chamado Comité Nansen, que emitiu documentos especiais aos emigrantes russos que legalizaram a sua vida no estrangeiro, estava nas mãos dos maçons. O "Escritório Central para Refugiados Russos" era chefiado pelo maçom V. A. Maklakov.

Os maçons criaram uma espécie de administração dos emigrantes sob os auspícios da Liga das Nações, que tinha poderes importantes: confirmar informações sobre o estado civil dos emigrantes, sobre a sua profissão, educação e fidedignidade; certificar documentos trazidos por refugiados da Rússia; recomendam que as autoridades locais emitam vistos, autorizações de residência e bolsas de estudo para refugiados [338] . E a vida e a morte dos emigrantes russos muitas vezes dependiam disso.

Os maçons livres formaram e chefiaram os dois primeiros "órgãos representativos" de emigrantes - o "Comitê Russo de Organizações Unidas" (liderado por V. A. Maklakov) e o "Conselho de Organizações Públicas" (presidido por A. I. Konovalov). Representantes de ambas as organizações

foram delegados ao “Comitê de Emigrantes”, que influenciou a vida de toda a diáspora russa e foi chefiado pelo mesmo V. A. Maklakov.

Uma das organizações mais influentes na emigração foi a União dos Judeus Russos, também liderada por maçons. O orçamento desta união era várias vezes maior do que o orçamento de todas as outras sociedades de emigrantes juntas.

Todos os principais órgãos da imprensa emigrante eram maçónicos (até 90 por cento). Eles eram liderados, via de regra, por conspiradores maçônicos proeminentes. “Últimas Notícias” em Paris foi editado por M. L. Goldstein e depois por P. N. Milyukov; “Renascença” - P. B. Struve e Yu. F. Semenov; “Rul” em Berlim - V. D. Nabokov, I. V. Gessen, A. I. Kaminka; “For Freedom” em Varsóvia foi fundada por B.V. Savinkov; “Dias” em Berlim e Paris - Kerensky. Todos estes jornais eram porta-vozes de uma visão de mundo liberal-cosmopolita, e os problemas na Rússia eram vistos neles da perspectiva do reformismo da Europa Ocidental.

Por exemplo, a “Renascença” foi uma ferramenta secreta da Maçonaria para exercer controle sobre o movimento patriótico russo no exílio. Percebendo que era impossível impedir o desenvolvimento do movimento patriótico russo, os conspiradores maçônicos procuraram liderá-lo à sua maneira e conduzi-lo na direção oposta. Na “Renascença”, além do famoso maçom Yu.Semenov, os funcionários ativos eram os não menos famosos maçons A. Amfitheatrov, I. Lukash, L. Lyubimov, V. Tatarinov, N. Timashev, I. Tkhorzhevsky, N. Chebyshev. No seu jornal eles não hesitaram em rotular “dominância judaico-maçónica”, o que não os impediu de forma alguma de participar regularmente nas reuniões das suas lojas maçónicas.

Os jovens no exílio estavam sob os cuidados especiais da Maçonaria. Na década de 1920, sob os auspícios da organização maçónica YMCA, surgiu o “Movimento Cristão” juvenil. Seu objetivo era apagar o sentimento nacional da juventude ortodoxa e, assim, prepará-la para aceitar a ideologia maçônica.

O “movimento cristão” estava ideologicamente ligado à sociedade maçónica “Mayak”, que já mencionei, cujas origens foi o secretário geral da YMCA, Dr. Para o Movimento Cristão, a YMCA forneceu uma mansão em Paris e forneceu todo tipo de assistência financeira. Eventualmente, o Movimento tornou-se uma espécie de sociedade de debate, e a sua falsa orientação cristã tornou-se óbvia.

As lojas maçônicas estão tentando assumir o controle da Igreja Russa no exterior. Em 1922, contribuíram para o aprofundamento do cisma entre a

Administração Eclesiástica Superior da Igreja Russa no Exterior e o Metropolita Evlogii. Eles pressionam estes últimos a confrontar o clero russo patriótico e conseguir o que querem. Um papel fundamental nesta operação foi desempenhado pelos famosos pedreiros V. A. Maklakov, M. N. Girs, M. V. Bernatsky, I. P. Demidov e I. I. Manukhin. Mais tarde, o Metropolita Evlogy admitiu que se tornou amigo íntimo de VA Maklakov e MN Girs. “Em sua pessoa (M. N. Girsa. - *O. P.)*Ganhei apoio amigável. A pedido dos representantes da comunidade emigrante, Professor M. V. Bernatsky, I. P. Demidov e Dr. enérgico oponente do acordo com o Sínodo de Karlovac (patriótica Administração Suprema da Igreja - *O.P.),* ele me convenceu a seguir minha linha, não concordando com quaisquer concessões" [339] . Não concordando com concessões ao clero patriótico, o Metropolita Eulogius posteriormente fez muitas concessões às lojas maçônicas e, em particular, permitiu que sacerdotes de “sua jurisdição” administrassem o sacramento da comunhão a pessoas pertencentes a lojas maçônicas. Muitas organizações criadas em paróquias subordinadas ao Metropolita Eulogius, e em particular o famoso Instituto Teológico, foram financiadas com dinheiro maçônico.

Em agosto de 1922, o chefe do YMCA, J. Mott, visitou Praga, onde se encontrou com AV Kartashev, PB Struve e PI Novgorodtsev.

Estes últimos dirigem-se ao chefe da organização maçônica com um pedido de assistência financeira para a abertura de um Instituto Superior de Teologia no exterior. Na Páscoa de 1924, Mott volta novamente a Praga, onde negocia com as mesmas figuras (mais S.N. Bulgakov e V.V. Zenkovsky se juntam a eles). Como resultado das negociações, a liderança da YMCA aloca 5 mil dólares de cada vez para o estabelecimento do Instituto Superior de Teologia e promete doar outros 2.000 dólares anualmente. Com o orçamento da YMCA de US$ 50 milhões, a ajuda ao Instituto Teológico foi insignificante. Mas o ganho moral dos conspiradores maçónicos é muito elevado. Pela “boa ação” do Maçom Mott, o Sínodo Russo no exterior convidou os Cristãos Ortodoxos a rezar pelo “grande Doutor Mott”. “O ianque profissional compreendeu imediatamente o significado de tal proclamação - ela invalidou a condenação da YMCA pelo Conselho de 1921 e permitiu que o sacerdócio russo se juntasse às fileiras da União Americana. A vitória foi completa e custou apenas uma ninharia.” Desta forma, foi feita uma tentativa de influenciar a Ortodoxia Russa a partir da posição do interconfessionalismo e cosmopolitismo americano. [340] .

Em 1924, os maçons fizeram uma oferta ao representante da Igreja Russa no Exterior, Bispo Tikhon, para ingressar na loja. O recrutador afirmou que “a

sua loja é composta apenas por cristãos e monarquistas... há pessoas com uma posição hierárquica elevada. Nenhum juramento é exigido de você, apenas não lute contra nós ” [341] .

Uma área especial da conspiração maçônica nas décadas de 20 e 30 foi a continuação da campanha para desacreditar a Monarquia Russa, o desejo de substituí-la por formações pseudodemocráticas destinadas a tornar a própria ideia do retorno do Czar ridículo e irrealizável.

Os maçons estavam prontos para reconhecer Kirill Vladimirovich, que traiu o czar Nicolau II, como um “monarca legítimo” se ele se tornasse membro da ordem maçônica e concordasse em cumprir todas as suas condições. Numa nota do pensador russo I. A. Ilyin a P. N. Wrangel nesta ocasião, em particular, foi dito: “Um lugar especial é agora ocupado pelo reconhecimento da Maçonaria estrangeira, as lojas russas estão trabalhando contra os bolcheviques e contra a dinastia. A principal tarefa: eliminar a revolução e estabelecer uma ditadura, criando para ela sua própria comitiva maçônica. Eles também irão contra a monarquia, especialmente se o monarca estiver cercado por eles ou se tornar membro de sua organização; ...como antes, a sua principal tarefa é a organização conspiratória da sua elite, a sua “nobreza” maçónica secretamente dominante, que não está associada nem à religião nem ao dogma político, [342] .

Aproveitando a inescrupulosidade e o amor ao dinheiro do pretendente ao trono, os maçons, segundo o princípio “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro”, realizam uma intriga complexa, cujo resultado foi o aparecimento de Manifesto de Kirill Vladimirovich. I. A. Ilyin fala sobre o mecanismo de surgimento deste manifesto: “O manifesto que apareceu liderou. livro Kirill não foi uma surpresa completa para mim. Em maio, descobri que um grupo de pessoas da Maçonaria Franco-Suíça, tendo estabelecido quem eles estavam liderando. livro Kirill lista um grande latifúndio de madeira na Polônia, que ainda não foi confiscado pelos poloneses, mas está sujeito a confisco em setembro de 1924, e está trabalhando com muita energia e pressa para adquiri-lo de Vel. livro (ele nem sabia sobre ela!). Para as necessidades do “imperador” “deveriam ser deduzidos desta venda cerca de 150 milhões de francos em ouro. A informação era absolutamente precisa... Os cálculos dos maçons podem ser duplos: ou prejudicar o monarquismo russo pelo fracasso certo de uma nova iniciativa, ou danificar o monarquismo russo ao entronizar uma pessoa fraca, estúpida e, o mais importante, cooptada pelos maçons e cercada por

eles. Devo dizer por mim mesmo que um candidato menos popular ao trono na Rússia não poderia ter sido inventado... Infelizmente, não havia ninguém por perto. Os príncipes são pessoas que estão sob a influência real da Maçonaria (conheço os detalhes de maçons insuficientemente conspiradores) ou que raciocinam assim: “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro” (eu pessoalmente ouvi esta frase) ... ". Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. ou prejudicar o monarquismo russo entronizando uma pessoa fraca, estúpida e, o mais importante, cooptada pelos maçons e cercada por eles. Devo dizer por mim mesmo que um candidato menos popular ao trono na Rússia não poderia ter sido inventado... Infelizmente, não havia ninguém por perto. Os príncipes são pessoas que estão sob a influência real da Maçonaria (conheço os detalhes de maçons insuficientemente conspiradores) ou que raciocinam assim: “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro” (eu pessoalmente ouvi esta frase) ... ". Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. ou prejudicar o monarquismo russo entronizando uma pessoa fraca, estúpida e, o mais importante, cooptada pelos maçons e cercada por eles. Devo dizer por mim mesmo que um candidato menos popular ao trono na Rússia não poderia ter sido inventado... Infelizmente, não havia ninguém por perto. Os príncipes são pessoas que estão sob a influência real da Maçonaria (conheço os detalhes de maçons insuficientemente conspiradores) ou que raciocinam assim: “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro” (eu pessoalmente ouvi esta frase) ... ". Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. que um candidato menos popular ao trono na Rússia não poderia ter sido inventado... Infelizmente, havia uma história por aí. Os príncipes são pessoas que estão sob a influência real da Maçonaria (conheço os detalhes de maçons insuficientemente conspiradores) ou que raciocinam assim: “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro” (eu pessoalmente ouvi esta frase) ... ". Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. que um candidato menos popular ao trono na Rússia não poderia ter sido inventado... Infelizmente, havia uma história por aí. Os

príncipes são pessoas que estão sob a influência real da Maçonaria (conheço os detalhes de maçons insuficientemente conspiradores) ou que raciocinam assim: “a questão do trono é uma questão de pão e dinheiro” (eu pessoalmente ouvi esta frase) ... ". Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas. Por algum tempo, os maçons conseguiram atingir seu objetivo. A proclamação de um “monarca” traidor no trono russo minou a já fraca base do movimento patriótico russo e fortaleceu a divisão entre os monarquistas.

Para entender a atmosfera que reinava no mundo dos maçons russos no exterior, você deveria ler seus protocolos. Existem muitos deles no Arquivo Especial; escolheremos um dos mais interessantes e reveladores - o protocolo da Loja Lótus datado de 5 de novembro de 1937.

A Lotus Lodge era chefiada por G. Ya. Smirnov. A pessoa número 2 da loja era S. G. Lianozov, um político experiente - o ex-chefe do governo do Noroeste durante a Guerra Civil. A posição de Orador na caixa foi desempenhada por NB Glasberg.

A loja também incluía os maçons “honrados” V.D. Aitov (desde 1938 membro do Conselho Maçônico Supremo dos Povos da Rússia) e P.N. Pereverzev (ex-Ministro da Justiça do Governo Provisório).

Entre os principais momentos da reunião solene esteve a comemoração de G. B. Sliozberg, uma das principais figuras do Sionismo e da Maçonaria na Rússia, premiado com o 33º o mais alto e um dos líderes do Conselho Maçônico Supremo dos Povos da Rússia.

"Protocolo 92

Reunião Solene da Venerável Loja Lotus [343] 5 de novembro de 1937 A Reunião foi aberta às 8 horas da noite pelo Venerável Mestre [G. Sim.] Smirnov.

Os cargos de oficial são ocupados por: Primeiro Guardião - irmão [S. G.] Lianozov do Segundo Guardião - irmão [S.] Grunberg do Orador - irmão

[N. B.] Secretário de Glasberg - irmão {V. F.} Safonov Tesoureiro - irmão {inaudível} Doador - irmão {N. N. } Especialista Protasyev - irmão de Witt Mestre de Rituais - irmão Lampen Gatekeeper - irmão Zhdanov Presente no Oriente: Zimmerman, {I. A.} Krivoshein, {V. D.} Aitov, {D. R.} Sheremetev, {I. I.}Fiedler, {D. N.} Ermolov, {V. E.} Tatarinov, {V. L.} Vyazemsky, {B. P.}Magidovich, {P. N.} Pereverzev, {M. M.} Ter-Poghosyan, {inaudível, possivelmente A.P. Finikov}, {P. R.} Buryshkin.

Sob a sombra das colunas, membros da Loja Lótus, irmãos [G. L.] Tiraspolsky, [inaudível], Kaplan, [S. Sim.] Shapiro, [L. I.] Katz, [inaudível], [I.K.] Lebedev, [inaudível] e vários convidados.

Um pedido de desculpas foi recebido dos membros da Lotus Lodge.

Os irmãos Lohmeyer[s], A. Kagan, Rasheev e Lampen 2nd estão de férias.

Abertos os trabalhos em 1°, o Secretário lê e, após a votação das colunas e o parecer favorável do Orador, aprova a Ata da Assembléia Solene anterior, de 15 de outubro de 91, na qual foi realizada a eleição do Venerável Foi feito Mestre e Oficiais para o mandato de 1938.

No final da atualidade, o Venerável Mestre dá ordens para convidar os convidados e delegações que chegam ao Templo. Na ordem solene estabelecida, precedida pelo Chefe do Ritual, ao som da música e à interrupção dos martelos, são apresentadas sob o arco de aço as delegações das Lojas Russas de ambas as obediências que trabalham no Leste das montanhas. Paris: Venerável Loja "Gamayun" - liderada pelo Venerável Mestre Magidovich [em] Venerável Loja "Júpiter" - liderada pelo Venerável Mestre Ermolov Venerável Loja "Hermes" - liderada pelo Venerável Mestre Fiedler Venerável Loja "Northern Lights" - liderada por [ininteligível] Sheremetev A Venerável Loja "Astrea" - liderada pelo Venerável Mestre Tatarinov A Venerável Loja "Rússia Livre" - liderada pela [ininteligível] A Venerável Loja "Estrela do Norte" - liderada pelo Venerável Mestre Ter-Pogosyan e pelo Irmão Pereverzev.

Presidente do Conselho de Lojas Krivoshein.

Após saudações mútuas, os Veneráveis Mestres que lideram as delegações ocupam os seus lugares no Oriente, e os restantes irmãos são colocados sob a cobertura das colunas.

Na mesma ordem solene, precedido de lâmpadas e acompanhado por irmãos com espadas, é apresentado aquele que chega para a instalação [344] , a quem o Venerável Mestre entrega o primeiro martelo.

Tendo assumido o trono de presidente, o Instalador [345] saúda a Loja Lótus em nome do Conselho Federal e depois dá a palavra ao Orador, que lê um relatório sobre o trabalho da Loja para 1937, quinto ano de sua existência.

A Loja Lotus entrou no ano de referência com 32 membros, durante o ano um leigo IK Lebedev foi iniciado e um irmão, o Honorável e Venerável Mestre da Loja Hermes II Fidler, foi afiliado.

A Loja com todas as oficinas russas sofreu este ano uma perda irreparável na pessoa do Venerável Irmão Genrikh Borisovich Sliozberg, que partiu para o Oriente Eterno em 8 de junho de 1937, um dos fundadores e porta-estandarte permanente da Loja Lótus, e em ao mesmo tempo, um dos mais antigos maçons russos, fundador e membro de 4 lojas russas e de todas as oficinas superiores. O notável advogado e figura pública G. B. Sliozberg foi o orgulho da Maçonaria Russa estrangeira, à qual prestou serviços inestimáveis e deu abnegadamente a sua força, já gravemente doente, até ao último dia da sua vida. Ele foi um dos fundadores e criadores da "alma coletiva" da Maçonaria Russa, um verdadeiro grande maçom não apenas em palavras, mas também em ações.

A Loja honrou a memória deste digno companheiro tanto com uma reunião fúnebre de emergência quanto com plena participação em seu enterro e na Reunião Funeral Unida de todas as Lojas Russas, organizada pelo Conselho de Associações.

Hoje em dia a Loja Lótus é composta por 33 membros, incluindo 31 mestres, 1 jornaleiro, 1 estudante; a frequência dos membros da loja continuou, como nos anos anteriores, a ser muito satisfatória, ascendendo a 65 por cento do número actual.

Durante 1937, a loja realizou 17 reuniões, incluindo 9 solenes, 1 de luto e 7 familiares.

As reuniões cerimoniais foram dedicadas a: 1 - instalação, 1 - dedicação ao 1º grau, 1 - discussão do tema proposto para a Convenção: Limavenir de la liberta, 1 - eleição de dirigentes e 5 - relatórios.

O trabalho da loja, reflectido nos relatórios, tal como no ano anterior, foi em parte dedicado à discussão do ponto de vista maçónico das causas da actual crise, principalmente moral, e em parte à continuação do programa geral adoptado há três anos e visava o estudo sistemático da história, da ideologia e das tarefas franco-maçonarias.

No primeiro aspecto foram ouvidos relatos de: 1) Orador Irmão Glasberg sobre o livro do pensador belga Huytzigina /.../ 2) Irmão Lianozov "Algumas reflexões sobre o livro de André Gide "Reforma da URSS" e 3) Irmão Buryshkin sobre o livro de A. Lantoine / …/ Na segunda direção, o Palestrante Irmão Glasberg fez um relatório "Sobre o Futuro" em sua forma original, que tinha muitas semelhanças com o estudo dos Maçons, e do Irmão Tiraspolsky, sob o título "O Mistério de Cervantes e seu "Dom Quixote" e a Franco-Maçonaria", tratado de um ponto de vista completamente novo, o significado desta obra imortal provou que ela foi um dos arautos das ideias da futura Maçonaria.

Uma adição significativa à segunda série de trabalhos foram as entrevistas organizadas por iniciativa do Venerável Mestre Smirnov em reuniões familiares sobre questões do simbolismo maçônico dos primeiros graus maçônicos. Nessas conversas, nas quais participaram quase todos os membros presentes da loja, e cada uma delas precedida por breves relatórios introdutórios feitos pelos irmãos Buryshkin, Protasyev e de Witt, três questões foram discutidas até agora: a) sobre o armazenamento de Segredos maçônicos; b) sobre o significado de [ininteligível] "liberdade e bons costumes" ec) sobre sair de [ininteligível].

Nas reuniões familiares, como sempre, foram discutidas questões de ordem administrativa e financeira interna, discutidas propostas, ouvido um relatório sobre os trabalhos da Convenção da Grande Loja da França, etc.

Na pessoa do Venerável Mestre e dos delegados eleitos, a Loja Lótus participou ativamente dos trabalhos do Conselho da Associação das Lojas Russas do Rito Escocês, e dos 4 membros mais ativos do presidium (Presidente, Vice-Presidente , Doador) foram ouvidos pelos membros da loja.

A loja, quase com todos os seus membros, participou ativamente na Solene Assembleia Unida de todas as lojas russas...

Membros individuais da loja Lotus fizeram uma série de relatórios durante o ano em outras lojas russas e francesas: os irmãos Buryshkin, [ininteligível], Glazberg, Tiraspolsky, Leyten, Bulatovich e o irmão Buryshkin receberam um prêmio honorário estabelecido pela loja "Le Publique" (?) pelo melhor artigo sobre o tema apresentado este ano: "Lojas Maçônicas Estrangeiras na França durante a Ocupação pelos Exércitos Aliados em 1815."

Concluindo o seu relatório, o Irmão Orador observou que a Loja Lótus está completando agora os primeiros cinco anos de sua existência e conseguiu

alcançar a unidade fraterna completa entre seus membros. A pousada representa uma única família amiga, e cada irmão a considera a sua segunda "casa", onde vêm descansar das preocupações profanas.

Esta "alma coletiva" [ininteligível] é a chave para o sucesso do seu trabalho e com este sentimento de loja ela entra alegremente em atividades [ininteligíveis] para a glória do Grande Ser do Universo sob os auspícios da Grande Loja de França.

[ininteligível] A Loja aprovou por unanimidade o relatório de seu Presidente.

As contas anuais do Irmão Tesoureiro e do Irmão Doador são então relatadas e aprovadas por unanimidade pela Loja.

O presidente expressa sua aprovação ao trabalho da Loja Lótus durante o ano passado e inicia o ritual de instalação do Venerável Mestre, que na reunião eleitoral reelegeu o Irmão G. Ya. Smirnov para o 4º ano. Segundo o procedimento aceito, o Irmão Smirnov sai do Templo, na sua ausência é realizada uma vistoria final... confirmando a escolha feita. Tendo ouvido a conclusão do Orador, que certificou que as eleições foram feitas em plena conformidade com o Regulamento Geral e a votação final deu resultados favoráveis unânimes, o Irmão Smirnov é introduzido com as devidas honras no Templo, e o Instalador presta o juramento de ele e coloca sobre ele novamente os sinais da dignidade do Venerável Mestre, após o que lhe entrega o martelo do presidente, instruindo-o a instalar os demais oficiais recém-eleitos para 1938.

Em ordem ritual (são confirmados), conforme eleição, para os cargos de: Primeiro Guardião - irmão Lianozov? Segundo Guardião - Irmão Grunberg; Palestrante - Irmão Glasberg; Secretário - irmão Safonov; Tesoureiro - Irmão Svobodin; Doador - irmão Protasyev; 1º especialista - irmão Bulatovich; O chefe do ritual é o irmão Rabinovich; 1º Porteiro - Irmão Jdanov, e também Deputado da Grande Loja da França - Irmão Buryshkin. Em seguida, com o golpe de um martelo, é anunciado que foram nomeados para os cargos: Porta-estandarte - Nam. Mestre Aitov; Guardião do Selo - Irmão Kaplan; Arquivista - Irmão Katz; Bibliotecário - Irmão Niedermiller; 2º orador - irmão [ininteligível]; 2º especialista - Irmão Lampen. O chefe da refeição é o irmão Bulatovich. Pom. refeição. - Irmão Lebedev. Igualmente [ininteligível] nomeados: membros da Comissão da Loja [ininteligível], irmãos Aitov, Protasyev, Kaplan, Shapiro e Katz.

Os delegados ao Conselho da Associação das Lojas Russas são os irmãos Katz e Tiraspolsky e um membro da Comissão de Auditoria do Conselho é o irmão Shapiro.

Após a conclusão da instalação, o Venerável Mestre Smirnov dirige-se à loja com uma breve palavra.

A convite do Venerável Mestre, uma salva de palmas tripla é realizada em homenagem ao Instalador, o oficial que está se aposentando do Irmão de Witt, de todo o Vietname. e os Veneráveis Mestres e convidados que participaram da presente reunião cerimonial.

Depois disso, o Irmão Instalador sai do Templo da mesma maneira solene com que foi apresentado.

Esgotada a agenda, o Venerável Mestre inicia o ritual de encerramento do trabalho; Khnerazb.Ï Após a saída dos convidados, os membros da Loja Lótus formam um canto fraterno no meio do Templo, concentrando seus pensamentos nos próximos trabalhos no próximo segundo período de cinco anos.

A reunião foi encerrada às 9h50, após a qual ocorreu uma Refeição Fraterna, na qual foram proferidos discursos de boas-vindas por Glasberg, Finikov (?), Pereverzev, Tatarinov, Krivoshein, Sheremetev, [ininteligível] O Venerável Mestre Orador Secretário. ”

A geografia da Maçonaria Russa nos anos 20 e 30 cobria a maior parte do mundo - da Rússia propriamente dita às cidades da Ásia, África, América do Norte e do Sul e, claro, da Europa.

Numerosas formações maçónicas em Danzig, Copenhaga, Port Said e Liège estiveram em contacto com o grupo parisiense do Consistório “Rússia”. Como admitiu um dos líderes da Maçonaria Russa, Kandaurov, na década de trinta, “numerosos membros das lojas parisienses russas, principalmente a loja Astrea, que têm relações com elas, vivem nos seguintes países e cidades: Nice, Monte Carlo, Lyon , Ferbach (Lorena), Varsóvia, Bruxelas, Amsterdã, Praga, Ljubljana (Sérvia), Chisinau, Cairo, Teerã, Xangai, Yokohama, Indochina, Barcelona, Le Havre, Marrocos, Kapstad, Nova York, São Francisco, México" [346 [1] .

As atividades dos maçons russos no exterior são uma fraude sem fim, em um esforço para conseguir dinheiro para o trabalho maçônico e para si

próprios. Essa prokhindiada se transformava constantemente em criminalidade.

Os escândalos mais ruidosos no ambiente maçônico dos anos vinte e trinta estavam relacionados com dinheiro. Na segunda metade dos anos 20, houve uma história barulhenta com o maçom Aron Simanovich, que foi pego trocando dinheiro soviético falsificado por vários bancos parisienses no valor de 26,3 mil francos [347] . Ele aplicou esse golpe com dois de seus capangas, o príncipe Eristov e um certo Shelokhaev.

Em 1927, Simanovich passou seis meses na prisão, mas depois, aparentemente, a pedido de seus "irmãos", foi libertado sob fiança.

Os materiais obtidos com sua observação indicam que ele era um vigarista endurecido que não desdenhava nada. Os casos do General Surete mencionam, em particular, a sua fraude com a divulgação das suas memórias; segundo os funcionários deste serviço, eram falsificações fraudulentas. Simanovich inventou essas suas "memórias" pelas mãos de pessoas interessadas nesta falsificação, publicou-as na Alemanha e preparava uma edição na França.

As aventuras deste vigarista na Romênia, Alemanha, França são uma página engraçada na história da Maçonaria Russa.

Não menos coloridas são as aventuras de outro vigarista maçom, Dmitry Rubinstein. No arquivo da Surete Generale, seu nome aparece em conexão com o caso de um certo empresário Giorgi Algardi, que pretendia criar uma empresa para a dissonância dos projetos de lei soviéticos e era suspeito de ter ligações com agentes da inteligência soviética na França [348] .

Em 1923, Dmitry Rubinstein foi investigado pela polícia polonesa por pessoas associadas aos bolcheviques. Junto com ele estavam Zilberstein Leon (ex-diretor de um banco na Rússia), Yasny Alexander, Yasny Simeon, Yasny Vladimir, Zalkind Alexander.

Em 1922 Dm. Rubinstein foi incluído nos arquivos da polícia alemã, que registrou seus contatos com a delegação bolchevique na Alemanha. É interessante que seu nome tenha sido mencionado ao lado do nome do maçom Putilov e do bolchevique Krasin.

Em 1937-1938, Rubinstein apareceu na lista de pessoas suspeitas compilada pelo serviço de contra-espionagem do Estado-Maior francês [349] .

Um dos associados e confidentes de D. Rubinstein era o velho conspirador e vigarista maçônico M. Margulies. Tendo alcançado altos graus maçônicos

antes mesmo de 1917 como colaborador próximo de A. I. Guchkov, Margulies em 1919 foi listado na loja parisiense “Clement Amity” no 12º grau. Então este camarada de armas de D. Rubinstein e AI Guchkov mudou-se para a loja russa “North Star”, na qual em 1928 foi o 1º diretor, já tendo atingido o 30º grau de Cavaleiro Kadosh (“Kadosh” em hebraico significa “santo"), e em 1930 foi listado nas listas do 33º grau mais elevado. Desde 1931, ele é o venerável mestre da loja Rússia Livre, onde trabalha em estreita colaboração com o irmão da mesma loja, o líder do sionismo V. Jabotinsky.

Como membro da loja Rússia Livre, Margulies atua simultaneamente como secretária pessoal e consultora jurídica do vigarista financeiro D. Rubinstein (arquivos de N. F. Stepanov no Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, EUA).

Um dos culpados pela morte da Família Real, o maçom B. Soloviev, fazendo-se passar por monarquista, foi registado na polícia alemã como agente bolchevique [350] .

Os maçons, incluindo os antigos, formam várias organizações quase maçônicas, na maioria das vezes de natureza duvidosa. Assim, em 1933, dois velhos maçons A. Ksyunin e S. Maslov formaram um centro de informação internacional e inteligência política, que nos assuntos dos serviços de inteligência franceses da época era denominado grupo de espionagem Ksyunin-Maslov. Este grupo incluía vários maçons, e em particular A. Guchkov, V. Tatarinov, N. Timashev, bem como o desertor G. Besedovsky e o maçom ucraniano S. Markotun [351] . Eles trabalharam principalmente para a inteligência alemã. A propósito, a ligação de A. I. Guchkov com a inteligência alemã também pode ser rastreada a partir de outros documentos do arquivo [352] .

Capítulo 22

Comitê Maçônico Unido. — Consistório “Rússia”. Os maçons estão reunindo fileiras. - Governo paralelo. - “Grande verdade maçônica.” — Centro maçônico na URSS.

Simultaneamente com a criação de lojas maçônicas específicas na Rússia e no exterior, no âmbito de várias ordens maçônicas da Europa Ocidental, os maçons russos estão trabalhando ativamente para criar centros políticos unificadores que uniriam os quadros de apoiadores do “criminoso Hiram” espalhados em diferentes países.

Em 1º de dezembro de 1918, um comitê maçônico unificador foi estabelecido em Paris com a seguinte composição: L. D. Kandaurov (presidente), General V. Panchenko, advogado Rapp, advogado do tribunal de Paris Gruber, Conde Nesselrode, ex-cônsul russo em New Castle M K. von Meck, artista Shirokov. Este comitê estabeleceu como objetivo a criação de uma organização da Maçonaria Russa no exterior, "para que esta organização pudesse, quando as circunstâncias permitirem, começar a operar na Rússia, na forma de sua restauração moral e da organização da classe educada, que por si só , devido ao nosso caráter, é improvável que seja capaz de se organizar." [353] . Este comitê mudou várias vezes de composição e, em 13 de abril de 1922, recebeu o nome de Comitê Provisório da Maçonaria Russa. Incluía o mesmo Kandaurov (presidente), Sliozberg (vice-presidente), Aitov (tesoureiro), Mamontov (secretário), general Polovtsov.

O centro das atividades deste comitê foi a embaixada russa em Paris, que a partir de 25 de outubro (7 de novembro) foi chefiada pelo antigo conspirador e conspirador maçônico, participante do assassinato de G. E. Rasputin V. A. Maklakov. A partir da embaixada, uma teia de intrigas maçônicas se desenvolveu na Europa Ocidental e na Rússia. "Os maçons russos", escreve Berberova, que se reuniram em Paris entre 1918 e 1921, tentaram salvar algo de uma forma ou de outra – através de congressos, reuniões, associações." Claro, eles só queriam salvar o seu poder sobre a Rússia. Para fazer isso, eles organizaram um encontro político russo em Paris, no qual dos 21 participantes, 16 eram maçons (ex-chefe do Governo Provisório Príncipe G. E. Lvov, Embaixador Russo na França V. A. Maklakov, terroristas e organizadores de assassinatos políticos

Savinkov e Tchaikovsky, toda uma galáxia de políticos endurecidos do submundo maçônico - Efremov, Konovalov, Bakhmetev, Adzhemov, Stakhovich, Vyrubov, KD Nabokov, Gulkevich, Margulies, Titov, Dolgopolov, Tretyakov, que mais tarde se tornou um agente da Cheka).

O chamado Comitê Russo em Paris, criado na mesma época, deveria ser considerado uma organização puramente maçônica. Dos seus oito membros, seis eram maçons de alto escalão - Príncipe G. E. Lvov, Konovalov, V. A. Maklakov, I. N. Efremov, M. A. Stakhovich, K. D. Nabokov.

"Todas estas primeiras organizações de emigrantes", conclui o maçom Berberova, "provam sem sombra de dúvida que os maçons desempenharam um papel significativo nestes anos, estavam unidos, tinham uma energia excepcional e a mesma vitalidade" [354] .

O desejo de poder político sobre o povo russo manifestou-se entre os maçons da época na formação de organizações e reuniões políticas secretas.

Em 1919, os maçons, liderados pela embaixada russa em Paris, realizaram uma reunião política em Odessa. Os conspiradores maçônicos também organizam um “Centro Nacional” nesta cidade, dos quais dez dos doze líderes eram maçons. O domínio dos maçons também estava na chamada Associação Estatal da Rússia (Sudoeste da Rússia).

O principal objetivo político dos maçons livres durante a Guerra Civil era o desejo de destruir os centros de resistência do Estado nacional ao bolchevismo e de resistir ao renascimento da Rússia com base nos princípios tradicionais. E nesse sentido, os maçons tiveram muito sucesso. Rodeado pelos principais líderes do movimento Branco, a influência dos conspiradores maçónicos foi muito forte, e muitas vezes decisiva, o que deu ao movimento Branco um carácter republicano-cosmopolita e tornou-o infrutífero na luta contra as forças do Bolchevismo.

E os conspiradores maçônicos aprenderam a negociar com os bolcheviques. Além disso, o próprio Lênin foi ao seu encontro, ajudando com dinheiro o Grande Oriente da França. Um membro da missão militar francesa, Sadoul, manteve contactos estreitos com os bolcheviques, que se encontraram pessoalmente com Lenine, Trotsky e vários outros líderes do regime antipopular.

Desde o início dos trabalhos da Comissão Maçônica Temporária em Paris, agentes da Cheka penetraram ali, controlando as atividades deste centro político secreto.

Como escreve o maçom Kandaurov na sua nota secreta, o “estabelecimento” das lojas russas em Paris encontrou grandes dificuldades devido ao facto de “a Cheka, através dos seus agentes, se ter oposto a isto de todas as maneiras possíveis”. “Isso foi expresso tanto na disseminação de todos os tipos de rumores absurdos (sobre as Centenas Negras de irmãos russos, que eles recebem um subsídio de um governo estrangeiro, que muitos deles, devido às suas atividades no mundo profano, estão em prestes a ser responsabilizado criminalmente) e na obstrução directa por parte dos membros do Comité que estavam ao serviço da Cheka. Além disso, a Cheka também usou um método comprovado de brigar entre irmãos russos entre si e com seus irmãos franceses" [355] . No entanto, como os factos mostraram, os agentes de

segurança não se opuseram ao desenvolvimento da Maçonaria Russa, mas tentaram influenciá-la a fim de lhe dar a direcção de que os bolcheviques necessitavam.

A fim de criar uma base económica para o renascimento maçónico, no verão de 1920, a chamada "Associação Financeira, Industrial e Comercial Russa" (abreviada Torgprom), composta principalmente por maçons russos, foi formada em Paris. O serviço de inteligência francês, Surete Generale, inclui esta organização no seu dossiê [356] . Os órgãos dirigentes desta associação incluem dezenas de nomes maçônicos conhecidos, incluindo participantes ativos na conspiração contra o czar A. Bublikov, K. Yaroshinsky, industriais proeminentes A. Konovalov, A. Putilov, S. Lianozov, I. Abrikosov.

Seu presidente era N. Denisov, deputado. Presidente S. Tretyakov.

Membros do Comitê: Alexander Bublikov, engenheiro; Boris Kaminka, banqueiro; Alexander Konovalov, fabricante; Stepan Lianozov, industrial petrolífero; Alexander Meshchersky, rentista; Anatoly Berlin, advogado; Andrey Bobrinsky, conde; Alexei Putilov, banqueiro; Berlim, banqueiro; Vasily Vorobyov, empresário; Salshoupine Minai, banqueiro; Philip Ivanov, Vladimir Nagrodsky, Semyon Lurie.

Membros do Conselho: Ivan Abrikosov, industrial; Moisey Adzhemov, Taras Belozersky, empresário; Leonid Davydov, banqueiro; Pavel Lelianov, empresário; Vladimir Markozov, rentista; Nikolai Morozov, rentista; Emmanuel Nobel, industrial do petróleo; Nikolai Panafidin, industrial; Mikhail Plotnikov, banqueiro; Karl Yaroshinsky, banqueiro; Nikolay Ass, banqueiro; Efim Shaikovich, banqueiro; P. Balabin, banqueiro; Gordon Noah, Lev Nemirovsky, Alexander Vyshnegradsky, Abram Zhivotovsky, Lev Brodsky. Banqueiros e empresários que eram membros desta associação financiam ativamente muitos eventos maçônicos e órgãos de imprensa (por exemplo, o jornal "Últimas Notícias", cujo presidente do conselho era A. Konovalov).

Em maio de 1929, o vice-presidente da Torgprom S.N. Tretyakov foi recrutado em Paris pelo agente do NKVD, Vetchinkin. Tendo concordado em trabalhar para o NKVD, o próprio maçom Tretyakov (que recebeu o pseudônimo de agente Ivanov) fixou o valor de sua remuneração em 20 mil francos por vez e 200 dólares mensais. Os agentes de segurança começaram a negociar e, após pequenas concessões, concordaram com os termos da Maçonaria.

Em seu primeiro relatório ao NKVD, o agente maçom deu uma visão geral do estado da emigração russa na França: “Após a vitória dos bolcheviques, a emigração foi dividida em vários grupos e agrupamentos: não havia nada definido pela frente, o governo soviético lidou com o movimento branco. No fundo, a partir desse momento, a emigração, na minha opinião, perdeu todo o significado no sentido da luta contra o poder soviético e no sentido de influenciar as políticas dos Estados estrangeiros. E, se alguns actos terroristas contra o poder soviético ocorreram tanto no estrangeiro como na Rússia, isso foi obra de indivíduos ou pequenos grupos, mas não da emigração como tal.

Agora a emigração perdeu completamente o seu significado, ninguém a leva em conta, ninguém a ouve. A emigração está morrendo há muito tempo; espiritualmente está morta.

O Sindicato Comercial e Industrial (Torgprom) foi criado no final de 1919 por N. Kh. Denisov. O objectivo é unir a classe comercial e industrial com países estrangeiros, proteger os seus interesses e combater os bolcheviques. Denisov, que lucrou com a guerra, deixou a Rússia às vésperas da revolução bolchevique. Ele conseguiu ganhar dinheiro na Inglaterra. Ele vendeu um grande bloco de ações do Siberian Bank e recebeu quase um milhão de libras esterlinas.

Acreditando na queda iminente dos bolcheviques, esse homem começou a jogar dinheiro a torto e a direito. Durante vários anos, a Torgprom gozou de grande influência nos emigrados e, por vezes, nos círculos dominantes franceses.

Atualmente o sindicato não tem sentido, está decaído, não tem dinheiro, fica numa salinha, tem três funcionários, e nem eles sabem se vão receber salário no primeiro dia” [357 [1] .

Em um dos relatórios a seguir, Tretyakov fornece uma lista completa dos maçons russos conhecidos por ele no exterior [358] . Os documentos mais valiosos da Torgprom, a correspondência de seus números, são transportados para Lubyanka.

Apoiando-se nas atividades traiçoeiras de Tretyakov, usando os documentos da Torgprom que lhe foram entregues, os bolcheviques judeus na URSS estão realizando uma das maiores provocações da KGB contra a intelectualidade técnica russa - o chamado Processo do Partido Industrial. No julgamento de novembro-dezembro de 1930, os maiores engenheiros e organizadores industriais russos, incluindo L.K. Ramzin, V.A. Larichev,

A.A. Fedotov, S.V. Kupriyanov, foram considerados culpados como “líderes da organização clandestina contra-revolucionária de espionagem e sabotagem, que desde 1920 , em conluio com o Ocidente, esteve envolvido em sabotagem na indústria soviética”, foram condenados à morte [359] . Centenas de pessoas foram presas em toda a Rússia em conexão com este caso.

Mason Tretyakov sabia muito bem que nenhum dos engenheiros russos que passaram por este processo era culpado dos crimes que lhes foram atribuídos e, com a alma calma, levou-os a serem fuzilados [360] .

Um dos principais centros de emigração russa (EMRO) localizava-se na casa que pertenceu a Tretyakov em Paris. No gabinete de seu presidente, general Miller, foi instalado um aparelho de escuta, próximo ao qual Tretyakov sentava-se com fones de ouvido quase todos os dias e gravava as conversas dos líderes do ROVS. Um relatório sobre eles foi repassado a um agente do NKVD. As atividades da Maçonaria continuaram até a ocupação da França pelo exército alemão. Durante uma das buscas em 1942, os alemães descobriram um dispositivo de escuta. Tretyakov foi preso e baleado.

Os processos de unificação na Maçonaria Russa são regulados por antigos conspiradores e revolucionários maçônicos experientes.

Assim, no início de 1921, o famoso bandido político, um maçom de alto grau (18 o) B. Savinkov, juntamente com o mesmo velho terrorista N. Tchaikovsky e L. Kandaurov, estabeleceram uma nova loja do ritual escocês em Paris [361] .

Em 1925, o Comitê Provisório da Maçonaria Russa tentou formar o Comitê da Grande Loja de Astrea. No entanto, a tentativa terminou em fracasso financeiro [362] .

Em 1923, o maçom Kandaurov queixou-se aos seus “irmãos” sobre a hostilidade de vários grupos sociais em relação ao movimento maçônico. “Os bolcheviques”, escreveu ele, “consideram os maçons uma organização burguesa, e não foi sem razão que impuseram aos delegados da Terceira Internacional que não pertencessem à nossa Ordem. A Igreja Católica Romana dirige uma extensa propaganda antimaçônica moral e materialmente e erige contra nós todo tipo de fábulas, nas quais pessoas fracas acreditam de bom grado, inclinadas a explicar os infortúnios não por suas próprias deficiências e erros, mas pela intervenção de inimigos misteriosos; os direitistas, do tipo Markov 2, consideram-nos bolcheviques e imprimem (na Bulgária) listas onde muitos de nós são mencionados e,

como sempre, prometem enforcar-nos a todos na primeira oportunidade" [363 [1] .

Em Abril de 1929, o Consistório Maçónico "Rússia" preparou um Memorando secreto sobre as organizações, metas e objectivos da Maçonaria Russa, tanto no estrangeiro como na URSS [364] .

Enfatizou, em particular, que a situação sócio-política do país é favorável ao desenvolvimento da Maçonaria. O principal aqui é que "a maioria das camadas culturais está em oposição ao governo soviético". "Sob estas condições, a simpatia pelas ideias maçónicas aumentou... A hospitalidade e o apoio dos maçons franceses aos seus irmãos russos do ritual escocês multiplicaram as fileiras dos maçons livres."

A questão do desenvolvimento da Maçonaria Russa foi repetidamente discutida nas reuniões dos órgãos maçônicos supremos. O Supremo Conselho da Grande Loja da França preparou um relatório sobre "o importante papel que a Maçonaria pode desempenhar no futuro da Rússia..." O Memorando observou o crescimento constante das fileiras da Maçonaria Russa no exterior, que se tornou "já bastante forte, apesar dos baixos graus de iniciação dos maçons russos".

O documento expressa claramente as orientações políticas dos maçons livres - a criação de um estado pseudo-democrático de acordo com o modelo ocidental com base na doutrina liberal. Os sábios maçônicos enfatizaram que o retorno da Rússia à ordem anterior - antes de 1917 - não é apenas impossível, mas também indesejável. Simpatizando com a política de genocídio do povo russo levada a cabo pelos bolcheviques, os maçons opuseram-se à revisão dos resultados da revolução anti-russa.

Formulando as suas principais tarefas na Rússia, os maçons pretendiam concentrar-se no trabalho clandestino para criar as bases de um novo governo. "Os maçons russos não vão agir abertamente, mas, pelo contrário, querem trabalhar silenciosamente na construção de um regime razoável baseado nos princípios da ordem maçônica e no estabelecimento do princípio da vontade popular (na linguagem dos maçons, isso significava a possibilidade de manipulação nos bastidores nas eleições. - O.P.) sob *o* signo da doutrina legal liberal."

As tarefas externas da Maçonaria Russa foram formuladas pela sua liderança principalmente em termos de intensificar a luta contra "elementos reacionários da emigração russa". E aqui eles alcançaram grande sucesso, infiltrando-se secretamente em muitas organizações, destruindo-as por

dentro. Por exemplo, na primavera de 1925, o Congresso Estrangeiro foi convocado em Paris. Embora forças patrióticas também estivessem presentes, o maçom Yu. F. Semenov ("que pertencia à loja Astrea desde 1922, e desde 1924 à loja Golden Fleece, agora Júpiter" foi eleito seu presidente [365]) . É claro que os patriotas presentes não sabiam que Semenov era maçom (os segredos maçônicos eram estritamente observados). Antes disso, a pedido da maioria do congresso, o maçom S. N. Tretyakov foi destituído da presidência.

Uma nova tentativa de unificação foi feita em 1931 pela Loja Hermes, mas também sem sucesso [366] .

Nos anos trinta, a loja Lotus tornou-se um dos centros unificadores da Maçonaria Russa, cujos programas de trabalho foram desenvolvidos não sem pretensão de liderança.

Programa de trabalho da loja Lotus para 1935 [367] **.**

Tópico: *Estado atual, ideologia e objetivos da Maçonaria Russa.*

Introdução.

I. A Maçonaria no desenvolvimento do pensamento religioso e filosófico russo.

Maçonaria na Europa Ocidental e na Rússia.

Maçonaria e política.

A. Maçonaria Moderna

II. a) O estado atual da Maçonaria. Sua organização. Organização e trabalho das lojas russas da Grande Loja da França e do Grande Oriente da França.

III. b) Maçonaria e socialismo. Maçonaria e ditadura – Fascismo, Hitlerismo. O papel da Maçonaria na vida política da França. Maçonaria e Religião.

B. Ideologia da Maçonaria moderna.

4. a) Verdades Eternas na Maçonaria – Constituição de Anderson.

A Maçonaria no pensamento filosófico moderno. Iniciação e caminho iniciático. Procure a verdade.

V. b) O mundo dos símbolos. Símbolos maçônicos e símbolos religiosos. Dogmatismo e livre interpretação de símbolos.

Ritual maçônico. Segredo maçônico e seu significado.

B. Tarefas da Maçonaria Russa.

VI. a) Maçonaria Russa e emigração. Sua atitude em relação à Maçonaria [mundial]. A influência da Maçonaria na vida da emigração. Maçonaria e organizações públicas russas no exterior.

Maçonaria e eventos que acontecem na Pátria. Maçonaria e internacionalismo. Caráter nacional da Maçonaria. Maçonaria e poder soviético. A atitude da Maçonaria Russa em relação à tendência soviéfila da política francesa e da Maçonaria Francesa.

VII. b) O futuro da Maçonaria Russa na França. Associação de lojas russas na França e no exterior. Relações com o Grande Oriente da França. Pergunta sobre a Grande Loja Russa.

Conclusão.

VIII. Tarefas da Maçonaria Russa em relação à Rússia. Preparação para o trabalho maçônico na Rússia.

A entrada da URSS na Liga das Nações em 1934 e a confraternização quase aberta dos líderes dos maçons e bolcheviques causaram um sentimento de elevação nas fileiras dos maçons russos no exterior.

O Consistório Maçônico "Rússia" preparou um discurso especial para o Congresso Maçônico em Bruxelas, este discurso afirmou que "se aproxima o momento em que a Rússia estará pronta para a atividade maçônica, e devemos estar organizados para iniciá-la imediatamente". O apelo confirmou o facto de manter contactos com a liderança bolchevique. “Nos últimos anos, foram repetidas tentativas, sempre por iniciativa dos círculos soviéticos, de estabelecer contactos com os líderes da Maçonaria Russa.” A este respeito, os líderes da Maçonaria Russa no estrangeiro, em particular Bobrinsky, Davydov, Mamontov, Vyazemsky, estão a pedir permissão aos seus chefes maçónicos estrangeiros para “criar um Conselho Supremo de ritual escocês para a Rússia”.

Em meados dos anos trinta, os processos de unificação intensificaram-se novamente na Maçonaria Russa, cuja principal razão foi o desejo de travar o crescimento da consciência patriótica da emigração russa. L. Kandaurov toma a iniciativa de criar o Comitê de Unificação das Lojas Maçônicas Russas. Numa nota explicativa ao projecto de regras deste comité, ele admite que a Maçonaria Russa não foi capaz de criar um órgão funcional que

pudesse, de uma forma ou de outra, unir as actividades das lojas maçónicas em Paris.

“Enquanto isso”, escreveu Kandaurov, “a criação de tal Autoridade, que tem um significado puramente moral, parece desejável tanto em termos de alcançar uma coesão interna ainda mais fraterna de nossas lojas, quanto na forma de uma resolução uniforme e sistemática de muitas questões atuais, o que economizaria tempo e traria mais harmonia na vida da Maçonaria Russa como um todo. Nos últimos dez anos, as associações foram efectivamente realizadas por princípio pessoal, por um dos irmãos (Kandaurov significa ele próprio. - *O.P.),* agora, com o crescimento e complexidade dos nossos negócios públicos, este irmão, cujo tempo e pessoal forças, como as de qualquer outra, limitada, já não tem oportunidade para o fazer» [368] .

Finalmente, tal unificação dos maçons russos ocorreu. É verdade que incluía apenas lojas que estavam sob a jurisdição da Grande Loja da França, operando em russo. Foi criado o Conselho de Associação, cujas decisões eram vinculativas dentro dos limites da Carta.

De acordo com a Carta, as seguintes questões estavam sujeitas à jurisdição do Conselho de Associação:

a) Promover o desenvolvimento e fortalecimento dos laços maçônicos entre as lojas e os irmãos a elas pertencentes.

b) Unir os esforços das lojas individuais, bem como tomar as medidas adequadas para prestar assistência aos irmãos, tanto financeira como médica, legalmente, na procura de emprego, na criação dos filhos, no cuidado dos maçons dos idosos, dos doentes crónicos, e desativado.

c) Estabelecer interação entre lojas para reuniões e verificar informações sobre pessoas que desejam ingressar em lojas maçônicas.

d) Informar as lojas sobre os costumes que surgem em lojas individuais de editar as instruções maçônicas em russo e estabelecer uma terminologia maçônica russa comum.

e) Assistência em: 1) organização de iniciações gerais de 2º e 3º graus; 2) estabelecer o procedimento para instrução dos irmãos iniciados e estudos maçônicos; 3) organização do trabalho nas lojas, tanto na forma de relatórios como na forma de desenvolvimento de temas e programas para discussão maçônica conjunta.

f) Gestão e gestão dos bens comuns pertencentes às lojas e dos locais onde as lojas se reúnem, bem como resolver outras questões económicas relacionadas com o trabalho das lojas.

g) Angariar fundos para cobrir as despesas da Associação, estabelecer taxas de lojas para esse fim, gerir a caixa registadora da Associação e representar os seus interesses perante a Grande Loja de França e o Conselho Maçónico Francês [369 [1] . A Associação das Lojas Russas alugou uma casa na rua para o seu "trabalho". Yvette, 29 anos, em Paris.

Aqui está um relatório financeiro que reflete um aspecto de suas atividades.

Breve relatório de 1935 sobre a gestão da Casa Maçônica Russa no Leste de Paris [370]

Itens de receita Itens de despesa

I. Autotributação dos irmãos 4130 1. Aluguel de casa 3500

II. Taxas de hospedagem: 2. Impostos 2408

Astrea 4542 3. Seguro 11127

Aurora Boreal 2150 4. Aquecimento 1493

Júpiter 3480 5. Eletricidade 1709

Gamayun 2465 6. Gás 1145

Lótus 2515 7. Água 428

Hermes 740 8. Reparação 1056

Amigos da Filosofia 2045 9. Inventário 243

Capítulo 800 10. Elétrico. lâmpadas 90

Areópago 590 11. Limpeza e Limpeza 1896

Consistório 1000 12. Remuneração. gerente 7220

Total 20327 13. Manutenção do Templo 934

III. Doações 3232 14. Despesas diversas 2442

4. Arrecadação de refeições 3293

V. Receita de bebidas 1528

VI. Recibos diversos 397

A associação de lojas maçônicas existiu simultaneamente com o Consistório "Rússia" e o Comitê Provisório da Maçonaria Russa [371] .

A emigração russa encontrava-se numa situação lamentável. Arrancada de seu país natal e incapaz de ver um futuro, ela estava em decadência espiritual. Se nos anos 20 e início dos anos 30 ainda deu alguma contribuição à cultura russa, então na segunda metade dos anos 30 começou um colapso, intensificado pela guerra civil "fria" em curso entre a parte patriótica e a parte liberal de esquerda [Mesmo em reuniões secretas de lojas maçônicas russas, a trágica situação da emigração russa, "... não atraindo a simpatia de ninguém, (dividida em) ... duas alas irreconciliáveis. A inevitabilidade de uma espécie de "guerra civil". (OA, f. 730, op. 1, d. 22, l. 19.).

As esperanças dos círculos maçónicos de aprofundar a cooperação com o regime bolchevique depois da adesão da URSS à Liga das Nações, no final dos anos trinta, foram substituídas por sentimentos de ódio contra o Estado soviético. Se no início dos anos 30 encontramos nos arquivos maçónicos resoluções de apoio ao regime bolchevique (por exemplo, uma resolução de Dezembro de 1933 da loja Etoile de la Croe na cidade de Mirmas sobre um protesto contra a propaganda anti-soviética realizada pela loja Etoile du Nord em Paris) [372] e mais tarde o curso dos maçons livres muda drasticamente, assumindo um caráter anti-soviético.

O agravamento da situação na URSS, os falsos rumores vindos de lá sobre a iminente queda de Stalin, entusiasmaram as lojas maçônicas russas no exterior, e principalmente na França. As atas de suas reuniões secretas diziam que os conspiradores maçônicos estavam prontos para participar da luta pelo poder na Rússia. Na segunda metade dos anos trinta, surgiu em Paris uma espécie de governo maçônico paralelo, que recebeu o modesto nome convencional de "grupo Face to Russia" [373] . O seu real significado político foi indicado tanto pela sua composição como pela seriedade dos seus objectivos.

À frente do governo paralelo estava um maçom russo de alto escalão, o Venerável Mestre, membro do Areópago, que tinha o 33º grau mais alto de

iniciação maçônica, Avksentiev. Participante activo nas revoluções anti-russas de 1905 e 1917, ele "trabalhou arduamente" para destruir a Rússia. Membro do terrorista Partido Socialista Revolucionário, um dos seus líderes, aliado de Savinkov e Kerensky. Após a abdicação do czar, ele foi nomeado pelo lobby maçônico para o cargo de presidente do Comitê Executivo Central de Deputados Camponeses de toda a Rússia, então Ministro de Assuntos Internos do Governo Provisório. O lobby maçônico o apoiou constantemente. Durante os meses da destruição maçônica da Rússia, Avksentyev foi o presidente da Conferência Democrática, presidente do Pré-Parlamento. Em 1918 chefiou o diretório Ufa, que consistia principalmente de maçons. Em 1919, membro da União para o Renascimento da Rússia.

Um membro do governo paralelo, P. Pereverzev, um antigo conspirador maçónico, por exemplo, foi, sob o Governo Provisório, Ministro da Justiça e procurador da Câmara Judicial de Petrogrado. Como escreve sobre ele sua alma gêmea N. Berberova: "Pereverzev na emigração foi cercado por alguma frieza especial de seus colegas no partido, mas não na loja: sendo um maçom de 33 anos, ele foi fiel à sociedade secreta desde o seu início. primeiros anos - seu nome já consta das listas de 1908.

E o arquivo de Paris contém convites enviados aos irmãos assinados por seis Mestres, entre eles o seu nome está em primeiro lugar. Ele sempre foi um defensor apaixonado da aproximação de ambas as obediências, se não da sua fusão" [374] .

Uma pessoa semelhante foi outro membro do governo paralelo, N.V. Teslenko, ex-membro da Duma do Estado, camarada do Ministro da Justiça do Governo Provisório.

O principal objetivo do governo paralelo era preparar "para a vida e o trabalho na pátria" [375] . Conforme observado na informação secreta: "O grupo escolheu como lema: "Enfrentando a Rússia". Ao longo do último período, este grupo reuniu-se regularmente e realizou o seu trabalho. O trabalho revelou-se frutífero e uniu os irmãos» [376] .

As tarefas que os "governantes maçônicos" estabeleceram para si foram as seguintes.

Em primeiro lugar, preparar os "irmãos" para o trabalho político maçônico na Rússia. Desenvolver novas formas de atividade subterrânea baseadas nas condições modernas.

Em segundo lugar, organize uma luta contra o movimento patriótico russo. Aqui os maçons estavam prontos para se aliar a qualquer um.

Terceiro, criar fortalezas e centros para a penetração maçônica na Rússia. Tendo preparado a opinião pública do Ocidente, contando com os seus “irmãos” estrangeiros, estabelece contactos com agências governamentais estrangeiras e, especialmente, com os serviços de inteligência.

Alguns documentos deste “governo” sobreviveram, entre eles a ata de uma das reuniões, que merece ser publicada na íntegra.

“Ata da reunião de 24 de junho de 1938 [377] .

Presentes: Irmãos N. D. Avksentyev, P. A. Bobrinsky, P. A. Buryshkin, M. P. Kivelovich, I. A. Krivoshein, M. A. Krol, B. P. Magidovich e P. N. Pereverzev.

Desculpas foram enviadas por: A. S. Alperin, V. L. Vyazemsky, B. Yu. Pregel, V. E. Tatarinov, M. M. Ter-Pogosyan e N. V. Teslenko.

ND Avksentyev presidiu, PN Pereverzev foi eleito secretário.

Foi decidido, para o futuro, eleger um secretário dentre os irmãos presentes para redigir a ata da reunião. As restantes funções de secretariado serão confiadas ao irmão B.P. Magidovich.

Foram discutidas propostas de candidatos para adesão ao grupo. I. I. Fundaminsky, K. K. Grunwaldt, Y. M. Sheftel, Y. Rappoport, K. V. Gvozdanovich e P. Ya. Ryss foram nomeados.

Após discussão dos candidatos citados, foi decidido: adiar o julgamento final das candidaturas de Fundaminsky, Grunwaldt, Rappoport e Ryss. Instrua o irmão Pereverzev a conversar com o irmão Sheftel sobre sua adesão ao grupo, para aceitar o irmão Gvozdanovich.

Avksentiev . Ele declara que não foi agendada reportagem na última reunião e propõe abrir entrevista sobre assuntos de interesse dos irmãos.

Buryshkin . Referindo-se aos últimos artigos do jornal Vozrozhdenie, ele diz que está a ser criado um clima de guerra civil entre a comunidade de emigração, e a ameaça de matar todos os bolcheviques e conciliadores está a ser ouvida cada vez mais claramente. É óbvio que algo de novo está a acontecer no ambiente emigrante.

Os eventos são grãos para o moinho renascentista. Outro dia houve a consagração do monumento a Nicolau II na igreja da rua Daru em formas que não poderiam ter ocorrido há três anos. Também típico é o artigo de Vozrozhdenie sobre Kokovtsov, que publicou um obituário sobre seu antigo colega nas Últimas Notícias. O artigo é ofensivo e intitulado “Finalmente decidido”. Poderemos dizer que todos estes fenómenos não têm um significado sério, que tudo isto é um disparate?

Avksentiev. Não nego de forma alguma os factos apresentados, mas acredito que todas estas nossas forças emigrantes em comparação com o que pode acontecer na Rússia são um cantite insignificante. Não tenho certeza de que a derrubada do bolchevismo acontecerá através da democracia. Pode haver linhas completamente inesperadas, de modo que a ditadura dos bolcheviques pareça suave. Mas tudo isso não dura muito. No entanto, não importa o que aconteça, os nossos “Semyonovs” não desempenharão qualquer papel; a Rússia terá os seus próprios Platões e Newtons perspicazes. A parte democrática da emigração, na minha opinião, também é um cantite insignificante. Agora não será mais o que era em 1917, quando nós, emigrantes, viemos para a Rússia e imediatamente subimos ao topo. Agora sabem bem o que precisam e não esperam professores estrangeiros. Então a emigração desempenhou um papel enorme. Agora isso não vai acontecer. As coisas de Semyonov não me assustam nem um pouco. Os Semenov são cadáveres e não podem fazer nada nem aqui.

Krivoshein . Se assim for, então não deveríamos tratar de questões da política russa. Como nem vamos lá, a conclusão involuntariamente se sugere: “não perca as forças, padrinho...” **Avksentyev** . Se eu permanecer sozinho na terra para defender o que considero sagrado, farei isso na esperança de que em algum lugar, algum dia, isso ressoe. **Iremos para a Rússia e incutiremos ali a grande verdade maçônica** . Isto dará frutos e, em qualquer caso, iremos fazê-lo. Falei sobre um grande trabalho político. Lenin apareceu e assumiu o poder, determinou a vida nacional da Rússia, como fizeram outros emigrantes antes dele. Agora, nem os emigrantes em geral nem Semenov em particular serão capazes de fazer algo assim. Claro, estando no exílio, você terá que lutar contra os Semenovs.

Se arrancarmos de 10 a 20 almas deles, então será bom para nós, mas nenhuma guerra civil na Rússia poderá acontecer por causa deles. Aqui a luta contra eles é necessária.

Buryshkin . Não estou longe de você em pensamento, mas há 2 anos estaria mais de acordo com você. Se a emigração desempenhar algum papel, será

para indivíduos e não para grupos. Quando trabalhei com você na Rússia, não me importava se você era emigrante ou não.

Você era uma pessoa de certas direções, mas agora não temos nada de positivo. Houve muitas mudanças em meus pontos de vista ao longo desses dois anos. Li muitos livros e estudei atentamente a questão das relações da Alemanha com a Rússia. Minhas conclusões revelaram-se bastante extraordinárias. O Mein Kampf de Hitler fala de um ataque à Rússia, de uma guerra no Extremo Oriente. Essa ideia não está clara para mim. Turkul, Solonevich, Meller-Zakomelsky actuam agora no contexto desta ideia; estão a atrair a emigração russa na Alemanha para esta empresa. Muitos emigrantes de França, sem dúvida sob a influência desta propaganda, partiram para a Alemanha. Existem elementos entre nós que nos colocam na luta, e estes não são mais sonhos brancos, esta é uma tarefa real. Se o nosso grupo estiver interessado, posso apresentar um relatório sobre o problema alemão na Rússia. Por que a Alemanha Nacional Socialista, negando tudo o que está acontecendo agora na Rússia, defendendo a ideia de nacionalidade? Existe aqui um desejo de garantir o caminho para o petróleo russo? Esta é uma das minhas conclusões, mas há outras. A política de Rapallo continua. Isso torna tudo assustador. Precisamos de abrir os olhos dos franceses para isto. Precisamos de lhes dizer que, em essência, a fronteira alemã está aberta aos emigrantes russos em França. Isso já é mobilização. O “Renascimento”, porém, não vale nada, mas em seus discursos há um reflexo de acontecimentos formidáveis. Aqui, por exemplo, está a celebração do Vel. Livro. Kira Kirillovna sobre seu casamento. Precisamos de lhes dizer que, em essência, a fronteira alemã está aberta aos emigrantes russos em França. Isso já é mobilização. O “Renascimento”, porém, não vale nada, mas em seus discursos há um reflexo de acontecimentos formidáveis. Aqui, por exemplo, está a celebração do Vel. Livro. Kira Kirillovna sobre seu casamento. Precisamos de lhes dizer que, em essência, a fronteira alemã está aberta aos emigrantes russos em França. Isso já é mobilização. O “Renascimento”, porém, não vale nada, mas em seus discursos há um reflexo de acontecimentos formidáveis. Aqui, por exemplo, está a celebração do Vel. Livro. Kira Kirillovna sobre seu casamento.

Quando sua irmã se casou, há alguns anos, não houve tal alarde e não poderia ter havido. Devemos lembrar que no quarto dia de luta, os bolcheviques começaram a disparar contra prisioneiros de guerra alemães.

Krol . Não ficaria surpreendido se soubesse que os alemães promoveriam Turkul ou Solonevich ao papel de General Franco para a Rússia e fariam lá

o que fizeram em Espanha. Isto, é claro, seria o início de uma guerra mundial. A questão aqui não é qual o papel que a nossa emigração desempenhará; ela ainda será atraída para os acontecimentos. Não podemos fazer nada contra isto, mas ainda temos de tomar medidas para combater a influência corruptora do Nacional-Socialismo, temos de agir sobre aqueles entre os quais Solonevich conduz a sua propaganda.

Bobrinsky . Pergunta ao irmão Buryshkin, já existe uma ação alemã na Rússia?

Buryshkin . Comer.

Bobrinsky . Solonevich parece-me uma figura politicamente pouco clara. Bukharin e os generais fuzilados por Stalin tinham algum tipo de relacionamento com o Estado-Maior alemão. De todas as políticas de Stalin, fica claro seu hábito, após a derrota de seus oponentes, de seguir o caminho por eles escolhido.

Avksentiev . Bobrinsky, Buryshkin e Kivelovich falam sobre rumores segundo os quais Tukhachevsky mantinha relações estreitas com o general alemão. Quartel general.

Avksentiev . Convida o irmão Buryshkin a ler um relatório sobre o problema alemão na Rússia em julho.

Buryshkin . Concordo, mas haverá ouvintes suficientes em julho?

Krol . Ele pede para adiar o relatório até setembro.

Magidovich . Esta questão é muito grande; será necessária mais de uma reunião para abordá-la. Precisamos preparar propaganda contra os alemães. Nós, maçons, inevitavelmente teremos que enfrentar influências germânicas. Não importa quantos irmãos compareçam à reunião de julho, é necessário ouvir o relatório do irmão Buryshkin em julho.

Depois de discutir esta questão, o irmão Avksentiev anuncia que uma reunião para ouvir o relatório do irmão Buryshkin está marcada para 19 de julho em Yvette, às 21h.

A reunião foi encerrada às 11h45. noites.

Presidente (b.p.) Secretário (assinatura de Pereverzev).

Os membros do governo paralelo realizaram várias outras reuniões nas quais foram discutidas questões políticas gerais e foram desenvolvidos planos para intensificar a penetração maçónica na Rússia. Os seus planos contra a Rússia

e a humanidade naquela altura não estavam destinados a tornar-se realidade, porque outra força anti-russa e anti-humana se interpôs no caminho dos seus planos criminosos - o fascismo da Europa Ocidental. Na luta pelo poder sobre a Rússia e a humanidade, estas duas forças criminosas entraram em confronto numa batalha mortal, cujo resultado, como mostraram os acontecimentos subsequentes, não dava motivos para optimismo.

A questão da existência na Rússia Soviética do Conselho Supremo de organizações maçônicas ou de algum outro centro secreto ainda não foi suficientemente estudada. De acordo com alguns dados, pode-se supor que tal centro ainda existia como um elo de transmissão entre centros maçônicos estrangeiros e emigrantes (o mesmo governo paralelo) e os maçons livres soviéticos. Aparentemente, estava tão escondido que apenas alguns sabiam de sua existência. Mesmo dentro da própria comunidade maçônica, no final dos anos 20, eclodiu uma polêmica sobre esta questão, refletida em um dos documentos maçônicos oficiais secretos, assinado pelo maçom 33o A. Davydov, enviado à liderança dos maçons franceses: “A suposição da existência de um Conselho Supremo Maçônico na Rússia Soviética foi amplamente utilizada pelo irmão Nagrodsky em sua longa luta com o irmão Kandaurov. Nagrodsky não foi capaz de provar de forma convincente a existência de tal centro secreto. Em apoio à sua posição, Nagrodsky citou a informação de Avtonomov, publicada no Boletim da Grande Loja de 1927 e, como mais tarde se descobriu, fabricada pela polícia política russa (Cheka) através do agente provocador Avtonomov...

Na confirmação da existência de um centro maçônico secreto na Rússia, o irmão Nagrodsky também citou a chegada a Paris, vindo da Rússia, de um certo Martinista, que se tornou maçom do Rito Escocês aqui, o irmão Terapiano, que se passou por membro do Supremo Conselho Maçônico secreto. da Rússia.

Após frequentes e longas entrevistas de triagem, descobriu-se que Terapiano não atendia aos requisitos para os maçons não apenas 32o, mas também 30o (que são necessários para trabalhar no Supremo Conselho Maçônico. - O.P.) ” *[* 378 [1] .

No final da década de 1930, as actividades das organizações maçónicas na Rússia tinham basicamente cessado ou sido congeladas; uma parte significativa dos trabalhadores clandestinos e conspiradores que ameaçavam não só o regime de Estaline, mas, mais importante ainda, o Estado russo, sofreu um bem -castigo merecido.

As organizações maçónicas no exílio, que tentaram estabelecer contactos com alguns dos maçons na URSS, afirmam amargamente a impossibilidade de tais contactos.

Uma interessante correspondência foi preservada entre o secretariado da Ordem do Grande Oriente da França e sua organização local, a loja maçônica “Reunion des Choisies” na cidade de Marselha, sobre o estabelecimento de conexões com lojas maçônicas na URSS.

A um pedido de uma organização local sobre o desejo de entrar em contato com os maçons russos, os líderes da ordem responderam: “15 de junho de 1937, Veneráveis Irmãos!

Obrigado pela sua carta de 12 de junho, pela sua participação no destino das organizações maçônicas derrotadas na URSS.

No momento não podemos entrar em qualquer comunicação com nenhum maçom neste país.

Lamentamos o ocorrido e pedimos sua compreensão.

Por favor, aceite nossas garantias de profunda amizade fraterna.

Chefe da Secretaria" [379] .

PARTE III
“GRANDE DINHEIRO FAZ HISTÓRIA”

Capítulo 23

Apreensão de arquivos maçônicos na Europa. — União Maçônica dos Patriotas Soviéticos. — Missões secretas de maçons livres russos. — O início do renascimento da ideologia maçônica na URSS. – Ecumenismo.

A vitória do povo russo sobre o porta-voz mais consistente dos interesses do Ocidente - o fascismo alemão - limpou a atmosfera no mundo por algum tempo, moderando as reivindicações dos governantes dos bastidores à dominação mundial. A luta heróica da Rússia contra o monstro fascista do Ocidente quebrou muitos dos fios das conspirações clandestinas dos conspiradores maçónicos. Os líderes maçónicos dos governos ocidentais, que alimentaram o regime criminoso de Hitler para destruir a Rússia, foram severamente punidos pela sua própria ideia. Um grande número de maçons foram presos como criminosos comuns e criminosos do Estado que

colaboravam com elementos criminosos e agentes de potências estrangeiras. Os documentos e a lista de maçons publicados pelos nazis revelaram não só a sua natureza criminosa, mas também a sua miséria espiritual e moral, encoberta pelos enfeites do ritual.

A Segunda Guerra Mundial mostrou que a Maçonaria pode e deve ser combatida impiedosamente, revelando a sua essência misantrópica e a sua orientação anti-cristã (principalmente anti-ortodoxa).

Em 1945, num dos castelos alemães da Baixa Silésia, o Exército Soviético apreendeu dezenas de carruagens de arquivos contendo as informações mais secretas da Europa Ocidental e, sobretudo, os arquivos secretos de organizações maçónicas na Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo. , Polônia e Tchecoslováquia. Esses arquivos foram trazidos para lá por ordem de Hitler após sua marcha vitoriosa pela Europa.

Os documentos coletados forneceram os insights mais profundos sobre o mecanismo do poder secreto e dos maçons explosivos em todo o mundo. Correspondência, arquivos pessoais, listas de funcionários e agentes maçônicos, cartas circulares, documentos financeiros, atas de reuniões forneceram informações completas sobre a tecnologia de trabalho "invisível" do mundo nos bastidores.

Estaline e a liderança política da URSS perceberam imediatamente a enorme importância dos arquivos maçónicos, até mesmo para fortalecer o seu próprio regime. É imediatamente dada ordem para transportar o arquivo para Moscou, onde um prédio com janelas cegas e portas de ferro é construído pelas mãos de prisioneiros de guerra. Desde o início, foi estabelecido um regime de sigilo máximo e o status de Arquivo Especial da URSS.

Poucos, mesmo nos mais altos escalões do poder, sabem da sua existência. Nos primeiros anos de existência do Arquivo e até aproximadamente meados da década de 50, os seus documentos foram seriamente estudados, foram feitas até traduções de uma série de materiais que datam do século XVIII, ou seja, a tecnologia e evolução do poder secreto de o Ocidente foi estudado.

Tendo se tornado um troféu da URSS, os arquivos maçônicos da Europa Ocidental revelaram à liderança soviética todos os meandros da política europeia pré-guerra, que, como se viu, estava tecida principalmente dentro dos muros das lojas maçônicas. É claro que a liderança soviética sabia de muitas coisas antes, mas não tinha provas documentais.

Muitos documentos capturados permitiram que Stalin influenciasse uma certa parte dos círculos dominantes do Ocidente que não estava interessada em divulgação e, portanto, fortalecesse sua posição na política mundial.

Os documentos capturados confirmaram factos anteriormente conhecidos por ele sobre a ligação entre a Maçonaria e o Sionismo e a posição dominante deste último nas fileiras dos maçons livres. Os factos sobre o financiamento da Maçonaria por círculos judaicos e organizações sionistas aumentaram a ansiedade de Stalin durante a formação do "Estado Judeu" na Palestina e quando tentou criar tal "Estado" na Crimeia.

Aparentemente, foi isso que o levou a uma política de luta contra os cosmopolitas, cujo principal era a oposição à Maçonaria e ao Sionismo.

Quem compôs os quadros da Maçonaria Russa depois da guerra?

Primeiramente, de membros de lojas maçônicas no exílio. Centenas deles foram preservados, incluindo vários graus mais elevados e de alto escalão (V. Maklakov 33o, P. Bobrinsky 33o, V. Aitov 33o, I. Krivoshein 32o, A. Davydov 33o). Em segundo lugar, daqueles fragmentos de organizações maçónicas que existiram na URSS até aos anos vinte, alguns dos quais conseguiram sobreviver. É muito característico que ainda na década de 1950 o maçom Kuskova não tenha dado autorização para publicar a lista dos maçons, "uma vez que ainda existiam membros deste grupo na União Soviética e, em particular, nos mais altos círculos partidários (!) , e ela não tem o direito de colocar suas vidas em risco" [380] . Destas pessoas só podemos citar o velho bolchevique Petrovsky, mas obviamente havia outros.

Em terceiro lugar, da nova geração (depois de 1953) de líderes partidários e governamentais russos, figuras da ciência, cultura e arte, que no início, é claro, não eram membros de lojas maçônicas, mas participaram de seu trabalho e os apoiaram.

Porém, quanto ao antigo pessoal maçônico, esta parte ficou "exposta", já que os arquivos maçônicos acabaram nas mãos da inteligência soviética. Aparentemente, a princípio os maçons não sabiam disso, pois se acreditava que os arquivos foram perdidos durante a guerra. Caso contrário, é difícil explicar algumas das suas operações realizadas nos primeiros anos após a guerra.

A reestruturação do trabalho maçônico de uma nova maneira começou imediatamente após a vitória do exército russo sobre Hitler se tornar inevitável. A rendição da Alemanha ainda não foi assinada, e um grupo de

maçons russos, disfarçados de patriotas russos, chega à embaixada soviética em Paris para estabelecer contactos com o governo soviético.

O grupo de "patriotas" era liderado por V. Maklakov, um maçom de 33°, um político conhecido e participante no assassinato de G. Rasputin. O grupo, em particular, incluía maçons: almirantes D. N. Verderevsky e M. A. Kedrov, escritor S. K. Makovsky (filho de um artista famoso), historiador D. M. Odinets, bem como funcionários maçônicos G. Adamovich, A S. Alperin, A. F. Stupnitsky e V. E. Tatarinov . Os maçons ergueram as taças para a saúde de Stalin, e Maklakov fez um discurso sobre a reaproximação da emigração (ou seja, sua parte maçônica) com a URSS. Mais tarde, um dos participantes desta campanha, A. S. Alperin, fundou a "União da Emigração Russa para a Aproximação com a Rússia Soviética".

A "Unificação" com a URSS é vista como um momento importante na retomada e intensificação do trabalho maçônico. É claro que os iniciadores da retomada da atividade maçônica foram maçons dos mais altos graus. Assim, imediatamente após a guerra, o mesmo V. A. Maklakov realizou reuniões maçônicas em sua casa. No final dos anos quarenta, ele fala na loja renovada lendo suas memórias aos "irmãos" de ambas as Cartas [381] . O maçom A. S. Alperin lê relatórios sobre a Assembleia Constituinte, aparentemente com o objetivo de compreender a antiga experiência da conspiração maçônica em relação às novas condições. A União dos Patriotas Soviéticos criada em Paris (presidida pelo maçom D. M. Odinets) e o jornal "Patriota Soviético" estão sob o controle quase total dos Maçons, em cujas atividades participam vários maçons famosos: o filho do ministro do czar, um dos líderes do governo sombrio maçônico no exílio I. A. Krivoshein (32 o), escritores V. L. Andreev, N. K. Volkov, B. Sosinsky, A. P. Ladinsky, L. D. Lyubimov, poetas Yu. N. Sofiev, M. A. Struve, famoso advogado M. M. Filonenko e muitos outros. Alguns deles se mudaram para a URSS no final dos anos 40, aparentemente não sem atribuições especiais de organizações maçônicas para estabelecer laços e lojas "fraternas". [382] . Aparentemente, foi em tal missão que um maçom de alto escalão (32°), membro do governo paralelo maçônico, I. A. Krivoshein, partiu para a URSS em 1948 com sua família. No entanto, os agentes de segurança, confiando nos arquivos maçônicos que guardavam, compreenderam imediatamente a natureza da sua missão. Ele foi preso, cumpriu pena em um campo e depois foi enviado para o exílio. Só mais tarde os "irmãos" franceses o resgataram e ele regressou novamente a França em 1974.

O proeminente escritor funcionário maçônico B. Sosinsky (mestre de cerimônias da Loja Estrela do Norte, 1935) também veio para a URSS no final dos anos quarenta. Sua esposa, filha do líder do Partido Socialista Revolucionário V. Chernov, também foi com ele.

As missões secretas dos maçons na Rússia até meados dos anos cinquenta terminaram em fracasso. A situação muda dramaticamente durante o período do chamado Degelo, quando círculos de natureza semelhante aos maçônicos começam a operar sob diferentes disfarces, e a pressão cosmopolita sobre a Igreja Russa se intensifica.

Foi uma época de renascimento da visão de mundo cosmopolita, cujos expoentes brilhantes foram E. Yevtushenko, A. Voznesensky, B. Okudzhava, que cantou o romance anti-russo dos anos 20 e comissários em capacetes empoeirados com uma estrela maçônica.

É muito característico que no final dos anos cinquenta os chamados "subbotniks Nikitinsky" tenham reavivado. Os fundadores destes "Subbotniks", uma espécie de círculo literário e filosófico, de espírito cosmopolita, foram em 1914 o advogado maçom juramentado A. M. Nikitin (baleado pelos bolcheviques) e a sua esposa, a escritora E. F. Nikitina. Na década de trinta, os "subbotniks" pararam, apenas para retomarem durante o "degelo", mas com um propósito diferente.

Nikitin e o "bisão" da intelectualidade liberal dos anos 20 atraíram os jovens para cá, tentando educá-los no espírito dos ideais cosmopolitas.

Ao mesmo tempo, as forças cosmopolitas procuram introduzir princípios estranhos e destrutivos na Igreja Russa.

Uma das armas de destruição da Igreja Ortodoxa nesta época foi o chamado "ecumenismo", um movimento satânico para a subordinação da Igreja a alguma força criminosa externa. O início deste movimento foi dado pela famosa figura maçônica, presidente da YMCA John Mott (1865–1955) no congresso do Conselho Missionário Internacional, que funcionou em 1910 em Edimburgo (Escócia).

Os investigadores observam, com razão, que o ecumenismo foi dirigido principalmente contra a Igreja Ortodoxa, a única fé ortodoxa verdadeira, pois as restantes denominações cristãs afastaram-se da Ortodoxia e perderam a pureza cristã.

A fim de enganar os ortodoxos, o maçom D. Mott escolheu não a palavra latina ocidental "universalismo" (da palavra latina "universo") para denotar

este movimento, mas o análogo grego - "ecumenikos", que se refere apenas à Ortodoxia como verdadeira religião universal. "Obviamente, o objetivo aberto imediato de tal substituição era o desejo de disfarçar o significado herético com um termo ortodoxo tirado da língua grega clássica para Ortodoxia, e o objetivo distante era a oportunidade, mais cedo ou mais tarde, de identificar os Concílios Ecumênicos com o "Concílio Ecumênico" (Conselho Mundial de Igrejas), que no final poderia se proclamar um "Concílio Ecumênico" [383]. Considerando que no Conselho Mundial de Igrejas a força orientadora dos bastidores é a Maçonaria, podemos concluir que se tratava certamente de subordinar a Igreja Russa aos ditames da força satânica dos maçons livres.

É claro que, durante o reinado de Nicolau II, o movimento ecumênico maçônico não conseguiu se estabelecer na Rússia. A guerra, a revolução e as experiências anti-russas dos bolcheviques que se seguiram tornaram o desenvolvimento do ecumenismo na Rússia irrelevante para os maçons durante algum tempo. E só depois da Segunda Guerra Mundial, quando a Ortodoxia Russa começou a crescer após um pogrom monstruoso, as forças satânicas tentaram novamente controlá-la. Não sem a ajuda dos funcionários comunistas da coorte de Khrushchev, é realizado o processamento diplomático nos bastidores dos hierarcas da Igreja Ortodoxa Russa e, através deles, de outras igrejas ortodoxas locais. Os funcionários comunistas procuravam novas alavancas de influência na comunidade mundial e nesta busca caíram na armadilha dos intrigantes maçónicos.

Em 1961, na III Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas em Delhi, incluiu simultaneamente todas as igrejas ortodoxas locais e o "Conselho Missionário Internacional" maçônico [384]. Este ato inspirou os elementos cosmopolitas escondidos na Igreja Ortodoxa Russa, dando origem a uma espécie de novo cisma espiritual em seu seio, trazendo à tona personalidades como A. Men, G. Yakunin.

O desenvolvimento do ecumenismo fortaleceu a influência maçônica na Ortodoxia.

Nos EUA, estão sendo criados clubes maçônicos entre cristãos ortodoxos (a maioria dos quais são russos), nos quais participam muitos milhares de pessoas. Na década de 70 surgiu uma organização que realizava os chamados "congressos maçônicos cristãos ortodoxos". O discurso de um desses congressos, publicado no jornal "New Russian Word", proclamou abertamente: "Somos membros dos clubes da Igreja Ortodoxa na América, representando 5.000 membros afiliados à Comunidade Maçônica, motivados

pelo amor à nossa religião e grande orgulho pelas conquistas de nossos povos ortodoxos orientais, desejando preservar e transmitir aos nossos filhos a herança da força espiritual e das tradições culturais de nossos pais (Maçons - O.P.) ,reunidos aqui em Atlantic City, Nova Jersey (18, 19 e 20 de junho de 1976) para reunião e oração". O primeiro presidente da Associação de Maçons Ortodoxos foi N. Adamov (Nick Adams) [385] .

Desde o final dos anos 50, o véu foi levantado sobre alguns dos segredos dos maçons russos. A velha política dos maçons de negar completamente a influência dos maçons na Rússia no final do século XIX e início do século XX está sendo substituída por meio reconhecimento, meia verdade, destinada a apresentar as atividades criminosas clandestinas dos maçons. organização sob uma luz favorável. Incapazes de conter completamente o fluxo de informações sobre esta questão que se abriu após a Segunda Guerra Mundial, os maçons estão tentando direcioná-los em sua própria direção. Em 1962, foi publicado o livro de G. Ya. Aronson, "A Rússia às Vésperas da Revolução", no qual o autor dá pela primeira vez algumas informações sobre a conspiração maçônica no início do século. Os livros subsequentes que abordam este tópico incluem "Revolução de Fevereiro" de G. M. Katkov (publicado em russo em 1984) e N. N. "Pessoas e Lojas" de Berberova (1986) cria uma espécie de novo conceito maçônico de falsificação da história russa. Reconhecendo "alguma influência da Maçonaria na história política da Rússia", os autores vêem-na como um fenómeno positivo e apresentam os próprios maçons como portadores de "ideais progressistas". A natureza anti-russa da Maçonaria e o seu conteúdo criminalmente subversivo para o Estado russo são cuidadosamente evitados.

O mais típico nesse sentido é o livro "Povo e Lojas" de Berberova, que, segundo nossas informações, era membro de uma das lojas maçônicas francesas.

A estreita ligação de N. N. Berberova com as lojas maçônicas é evidenciada por materiais de seu arquivo pessoal, que conheci na Hoover Institution (EUA). As relações pré-guerra de Berberova com AF Kerensky, AI Konovalov e, claro, seu segundo casamento (desde 1933) com um maçom proeminente, secretário de GE Lvov, membro do conselho de Zemgor, amigo de AF Kerensky NV Makeev, fez dela uma das mais conhecedoras dos segredos dos maçons livres.

Apesar do seu grande conhecimento, Berberova evita cuidadosamente muitas das questões mais importantes da conspiração maçónica: o papel dos maçons livres na preparação da revolução (e sobretudo de 1905), a sua

participação em atividades terroristas; muitas pessoas importantes do submundo maçônico são cuidadosamente abafadas: P. B. Struve, P. N. Milyukov e outros. Acentos históricos reais são reorganizados - a ideia é obsessivamente perseguida de que a existência da Maçonaria no início do século XX não era supostamente real, mas apenas uma forma externa por trás da qual estava escondida a organização política revolucionária. Esta conclusão do autor não condiz com o fato de que depois de 1917, todos esses “falsos” maçons, encontrando-se na França, imediatamente ingressaram nas lojas reais do Grande Oriente e da Grande Loja da França e foram aceitos por seus irmãos franceses. igual a.

Capítulo 24

Maçonaria Mundial. — Mudança do seu centro para os EUA. - 24 milhões de maçons americanos. - Clube Bilderberg. — Comissão Trilateral. - Rotary International e outros clubes maçônicos. — Composição do governo mundial. — Fusão do Estado e da Maçonaria. — A CIA como ferramenta operacional do mundo nos bastidores.

Para compreender o papel adicional da Maçonaria no destino da Rússia, é necessário nos determos com alguns detalhes nas mudanças que ocorreram na Ordem dos Maçons em conexão com a Segunda Guerra Mundial. Estas mudanças devem-se ao movimento do centro maçónico mundial da Europa Ocidental para os EUA. Como observa com razão o investigador L. Zamoyski, “os “irmãos” europeus tornaram-se “pequenos”, não excluindo os próprios legisladores do “ritual escocês”, que se agruparam em Londres. O papel de “irmão mais velho” finalmente passou para a Maçonaria americana na pessoa dos Distritos Norte e Sul dos Estados Unidos, que agiram de mãos dadas” [386] .

No Ocidente, escrevem sobre a Maçonaria bem ou nada, no mesmo tom com que escreveram recentemente sobre o PCUS em nosso país. E isso é bastante natural. A Maçonaria no mundo ocidental desempenha o mesmo papel que o Partido Comunista desempenhou na URSS há apenas alguns anos. Um aparelho global e abrangente de controlo e influência política e ideológica permeia toda a sociedade, de baixo para cima, colocando os seus “comissários” e espiões secretos em pontos vitais do mecanismo social. A esmagadora maioria das figuras políticas ocidentais modernas são membros de lojas maçónicas ou aceitam incondicionalmente as regras do jogo nos bastidores do mundo. Nos EUA, por exemplo, a adesão à ordem maçónica

tornou-se uma tradição política para muitos presidentes americanos, começando pelo primeiro.

Olhando para trás, para a história recente da Maçonaria mundial e identificando as direções de sua influência na Rússia, ficamos surpresos com o rápido crescimento das fileiras da "irmandade" clandestina. Só no primeiro terço do século XX, o número de membros das lojas maçónicas mais que duplicou, passando de 2,0 para 4,4 milhões de pessoas, e na década de noventa ultrapassou os 10 milhões.

As estatísticas maçônicas secretas contidas nos arquivos fornecem os seguintes dados sobre o número de membros das lojas maçônicas: [387]

1911/1930/1990

Total no mundo 2020040 4377130 mais de 10000000 [388]

Incluindo:

EUA e Canadá 1513460 3492140 [389] mais de 8.000.000

Reino Unido 222000 459000

Alemanha 56810 75000 (1933)

França 37600 49200 (dos quais 1700 são Grande Oriente,

16000 - Grande Loja)

Suécia 13940 23100

Noruega 4200 11100

Dinamarca 4370 7930

Holanda 4600 7500

Bélgica 2500 4800

Suíça 4200 5000

Áustria ... 1830

Hungria 6010…

Roménia 250 4700

Sérvia 70 850

Bulgária 360 550

Grécia 950 4000

Turquia 400 2000

Portugal 3460 3000

Espanha 5480 3680

Itália 15900…

África 750 4500

América 72470 85160 (exceto Norte)

Oceânia 50180 200000

Ásia…6400

Mais de três quartos do crescimento mundial da Maçonaria ocorreu nos Estados Unidos. Inglaterra, Alemanha e França, embora sejam os maiores países maçónicos, estão muito atrás da América, onde vivem hoje quase 8 milhões de maçons.

No entanto, estas estatísticas incluem apenas os membros reais das lojas maçónicas que fazem parte das principais ordens mundiais e não têm em conta os membros de formações maçónicas irregulares, bem como numerosas categorias de pessoas que eram membros de vários clubes maçónicos e outras organizações de Maçonaria "branca". De acordo com as nossas estimativas, para cada membro das lojas maçónicas há pelo menos dois membros que eram membros de diferentes organizações da Maçonaria "branca". Assim, é justo dizer que o número da Maçonaria mundial é de aproximadamente 30 milhões de pessoas, das quais 75-80 por cento devem ser atribuídas aos Estados Unidos (ou seja, cerca de 24 milhões de pessoas). Em geral, hoje há mais maçons nos EUA do que membros do PCUS na URSS.

A Ordem Maçónica é a maior organização secreta global, com activos e um orçamento total de muitos milhares de milhões de dólares actualmente. Cada lodge tem seu próprio orçamento e sua própria propriedade. A renda das lojas maçônicas vem de uma variedade de fontes, entre as quais as contribuições dos membros e as doações de indivíduos nem sempre são o item principal; muitas organizações "fraternas" recebem enormes lucros da gestão de propriedades e títulos maçônicos. Tendo dados secretos da década de trinta, é possível, usando o exemplo das organizações maçônicas internacionais e das lojas nacionais da França, rastrear as fontes obscuras de

receitas financeiras e redistribuições monetárias [390] . Os maiores bancos ocidentais (principalmente suíços e franceses), organizações sionistas internacionais, a Sociedade Israelita em Viena, o Congresso Judaico Americano, o Centro Central de Informação Judaica em Amsterdã e muitas outras organizações cujas atividades foram classificadas como “secretas” estão listadas aqui.

A partir destes documentos, a ligação inextricável entre os movimentos maçónico e sionista é completamente óbvia.

Isto é mais claramente manifestado nas atividades da Ordem Maçônica Judaica de B'nai B'rith (Filhos da Aliança), fundada em 1843 nos Estados Unidos por imigrantes judeus alemães. No final da década de 1980, esta organização já existia em 42 países e contava com cerca de meio milhão de membros. Na França, as lojas B'nai B'rith foram fundadas pela famosa figura anti-russa e sionista, advogado de São Petersburgo e membro da Duma Estatal (do CD) G. Sliozberg. “B’nai B’rith”, escreve o historiador inglês P. Goodman, “é a maior força organizada do nosso tempo”. Na verdade, esta é uma espécie de supermaçonaria, a Maçonaria acima da Maçonaria, ou “uma ordem dentro de uma ordem” [391] .

Após a Segunda Guerra Mundial, as tendências que começaram a tomar forma no final do século XVIII intensificaram-se acentuadamente - a criação de um poderoso centro político secreto e a expansão do âmbito da Maçonaria através do desenvolvimento de organizações legais que operam sob a liderança dos maçons e perseguindo seus objetivos, mas, via de regra, sem execução ritual -ritos maçônicos.

Com base no Conselho de Relações Exteriores, que serviu de centro secreto para a formação de políticas desde o início dos anos 20, nos anos 50 foi criado o chamado Clube Bilderberg [392] - um dos principais centros coordenadores do mundo nos bastidores, que alguns pesquisadores até chamam de “governo mundial”.

Mais tarde, em 1973, foi criado outro órgão de coordenação do mundo nos bastidores - a Comissão Trilateral, chefiada pelo bilionário maçom americano D. Rockefeller [393] .

A expansão do âmbito de atuação da Maçonaria procedeu principalmente através da criação de clubes jurídicos especiais e outras organizações, dos quais um exemplo marcante é o Rotary International Club.

Este clube foi criado como uma loja maçônica internacional pelo advogado maçom americano Harris em 1905. De acordo com o pesquisador da

Maçonaria L. Hass, o movimento rotariano é a formação americana mais racionalista e mais jovem da Maçonaria [394] .

"Rotary" refere-se à chamada Maçonaria branca, ou seja, às associações através das quais os maçons procuram influenciar a sociedade.

Além do Rotary, que tem cerca de 1 milhão de associados, existem vários clubes maçônicos fechados que operam segundo os mesmos princípios e com os mesmos objetivos. Os mais comuns são "Bohemian", "Lions", "Circle". Tal como as lojas maçónicas tradicionais, elas são um reservatório de pessoal para preencher os mais altos cargos na política, nos negócios e nas organizações públicas.

Assim, deve-se enfatizar mais uma vez uma importante característica distintiva do período pós-guerra, quando as pessoas que apoiam e trabalham para a Maçonaria não podem estar inscritas numa loja maçónica com um determinado rito ritual, mas participar nas atividades de uma das organizações que prosseguem Objetivos maçônicos. É claro que essas pessoas são os mesmos maçons que seus "irmãos" nas lojas que realizam os rituais.

Os bastidores maçónicos mundiais alimentaram um tipo especial de líderes da rede maçónica internacional, que são membros de uma organização secreta que se opõe a toda a humanidade, ao mesmo tempo que ocupam altos cargos governamentais na administração dos maiores estados ocidentais, principalmente os Estados Unidos. Estes governantes, sendo verdadeiros conspiradores e inimigos de toda a humanidade, desempenhando funções oficiais do Estado, causam danos irreparáveis aos princípios internacionais de legalidade e ordem pública e as suas actividades devem ser consideradas de acordo com os mesmos padrões que os crimes de Hitler e seus associados (que , como se sabe, foram julgados por conspiração contra a humanidade).

O livro de L. Gonzalez-Mata (ex-oficial da CIA) "Os Verdadeiros Mestres do Mundo" (1979) fornece uma lista de indivíduos classificados como líderes do mundo nos bastidores nas últimas décadas, e iremos complementá-la com dados de a lista de membros do Clube Maçônico Americano "Bohemian" e outras fontes. A lista a seguir inclui os conspiradores maçônicos de mais alto escalão que desempenharam um papel trágico nos eventos catastróficos em nosso país:

Allen Dulles , fundador da CIA, seu diretor de 1953 a 1961, advogado dos líderes da máfia americana - Meyer Lansky e Lucky Luciano;

Joseph Rettinger , Secretário do "Movimento Europeu", Secretário Geral do Clube Bilderberg;

Thomas Braden , chefe do setor de política externa da CIA;

William Donovan , ex-diretor do Escritório de Serviços Estratégicos e mais tarde da CIA;

Manlio Brosio , Secretário Geral da OTAN;

Licio Gelli , chefe da loja Propaganda-2 do Grande Oriente da Itália;

Jacques Attali , Presidente do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento, membro da B'nai B'rith;

Harry Truman , Presidente dos EUA, Líder Supremo dos Maçons Americanos;

Richard Nixon , presidente dos EUA;

Gerald Ford , presidente dos EUA;

Ronald Reagan , presidente dos EUA;

George W. Bush , presidente dos EUA, diretor da CIA 1975–1977;

David Rockefeller , chefe da Comissão Trilateral;

Henry Kissinger , ex-secretário de Estado dos EUA, chefe da loja maçônica mais influente, B'nai B'rith;

Alexander Haig , Secretário Geral da OTAN.

Esta lista pode ser continuada com muitos líderes do Pentágono e da CIA.

Ao examinar a composição pessoal dos líderes da administração dos EUA e da maçonaria mundial nos bastidores, três padrões principais podem ser identificados com segurança.

Em primeiro lugar, há uma fusão completa entre o topo da administração americana e a liderança da rede maçónica global. Vários presidentes dos EUA, por exemplo G. Truman, foram ao mesmo tempo os líderes supremos da Maçonaria.

Em segundo lugar, a Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA), começando pelos seus fundadores A. Dulles e W. Donovan, é sempre chefiada por maçons de alto escalão, e eles também ocupam todas as posições-chave nela. É seguro concluir que, desde o final dos anos 50, a CIA tem sido a principal ferramenta operacional do mundo maçónico nos

bastidores, e enormes quantias de dinheiro dos contribuintes americanos vão para garantir a estabilidade do governo maçónico invisível. É claro que isto não significa que os serviços de inteligência de outros países ocidentais não estejam a trabalhar na mesma direcção, mas o seu trabalho é de natureza mais regional do que global.

Em terceiro lugar, sendo a força mais influente, os maçons americanos controlam completamente os centros maçónicos da Europa Ocidental, utilizando para isso as enormes capacidades da CIA, um exemplo típico disso é a história da Loja Maçónica Propaganda-2.

Esta história merece menção especial, pois ilustra perfeitamente a natureza das relações que reinam nos bastidores do mundo underground e os métodos de seu trabalho.

Em 1981, a polícia italiana, enquanto investigava um importante crime estatal, acidentalmente soube da existência de uma poderosa loja maçónica chamada Propaganda 2, que incluía muitas figuras de alto escalão em Itália.

A loja era chefiada por um dos líderes da Maçonaria mundial, L. Gelli. A loja foi organizada como sede da administração do país e incluía cerca de 18 divisões que controlavam diversas áreas da atividade estatal e pública, com especial destaque para os departamentos militar e de política externa. Como admitiu um dos membros, P. Carpi: "A Loja P-2 une os maçons da Itália, bem como de outros países, que, graças aos cargos públicos que ocupam, pela fama de seus nomes, pela importância e delicadeza de suas funções "seculares", formam uma elite tanto entre a própria Maçonaria, como em geral na escala de seus estados" [395] .

A loja era especialmente secreta; seus "irmãos" de alto escalão não foram incluídos nas listas oficiais do Grande Oriente da França.

Durante a investigação, ficou claro que a loja estava envolvida em diversos atos terroristas no país com o objetivo de desestabilizar a situação política. Ao mesmo tempo, foram revelados fatos de inúmeras fraudes. Em particular, a Loja P-2 esteve envolvida no contrabando de ouro da África do Sul em grande escala e vendeu-o através de Zurique. Gelli esteve pessoalmente envolvido pelo governo dos EUA em operações para libertar reféns em Teerã. Foi revelada a participação de Gelli na campanha para algumas eleições presidenciais nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Ficou estabelecido que "Gelli participou da posse dos presidentes americanos Ford, Carter e Reagan".

Mas a descoberta mais importante foi o estabelecimento do facto de que a loja P-2 era controlada pelos Estados Unidos e todos os seus crimes criminais e estatais foram planeados pela CIA. Os terroristas, agindo sob ordens da CIA, receberam armas e explosivos das bases da NATO. “Uma das principais áreas de trabalho dos conspiradores da Loja P-2, além de preparar ações militares e fascistas, foi a reorganização das forças de ataque terroristas e a sua subordinação aos objetivos da Jelly, ou seja, da CIA. O alvo principal eram as “brigadas vermelhas”. Um membro da Loja P-2, Coronel do Serviço Secreto Italiano Spiazzi, participante das conspirações acima mencionadas, testemunhou posteriormente que seu agente Fumagalli, como Sogno, que uma vez foi enviado aos “guerrilheiros”, “tinha instruções formar os primeiros destacamentos das “Brigadas Vermelhas”... organizar incêndios criminosos e explosões em instituições... e trens... Explosivos e armas foram entregues das bases da OTAN para os provocadores, eles receberam 20 milhões de liras para que lançassem ataques contra unidades do exército e matassem guardas de fronteira... As armas para as “brigadas vermelhas” foram parcialmente trazidas da França. A sua entrega foi efectuada pelos Templários, um ramo maçónico organizado segundo o modelo da Loja Jelly, que reúne altos escalões da polícia francesa e dos serviços secretos.”

Os conspiradores maçônicos, pegos em flagrante, começam a encobrir seus rastros. Os assassinos contratados eliminaram uma série de testemunhas importantes e pessoas envolvidas nos crimes do P-2. Juízes e advogados, agentes comuns e líderes de organizações criminosas foram mortos. Até jornalistas que conduziam as suas próprias investigações foram mortos. O correspondente de uma das revistas italianas, M. Pecorelli, foi morto porque conseguiu penetrar nos segredos da relação entre os maçons italianos do P-2 e a Comissão Trilateral. O jornalista foi morto a tiros na porta da redação e todos os documentos relativos à sua investigação desapareceram dos arquivos. Em Londres, o banqueiro L. Calvi, próximo de L. Gelli, foi morto e sua secretária foi atirada pela janela de um prédio de vários andares em Milão.

Estes são os métodos de “trabalho” do governo maçónico mundial, com os quais o nosso país conheceu estreitamente no final dos anos oitenta e noventa.

Capítulo 25

Agentes de influência. – O plano de Dulles. — Tecnologia para treinar traidores. — Estágio de A. N. Yakovlev. — 90 mil milhões de dólares para a destruição da URSS. — Formação da quinta coluna. - Apoio a Gorbachev.

O primeiro passo dos bastidores maçônicos mundiais para recriar a rede maçônica no território da URSS foi uma operação relacionada à busca em nosso país de pessoas que pudessem se tornar agentes de influência. Em termos de serviços de inteligência, um "agente de influência" é um cidadão de um estado que atua no interesse de outro estado, utilizando para esse fim a sua alta posição oficial nos escalões superiores do poder - a liderança do país, partido político, parlamento , a mídia, bem como a ciência, a arte e a cultura.

No nosso trabalho abordaremos apenas a parte desses indivíduos que trabalharam a favor dos Estados Unidos e foram treinados pela CIA.

Os especialistas que lidaram com este problema notam uma série de características inerentes aos agentes de influência que trabalharam a favor dos Estados Unidos [396] .

Esta é, em primeiro lugar, a capacidade de influenciar a consciência pública, toda a sociedade como um todo ou grupos oficiais e regionais individuais (o que, de facto, é inerente a todos os agentes de influência).

Em segundo lugar, a inclusão indispensável numa rede específica. Um agente de influência é sempre apenas uma engrenagem na mais complexa máquina de "fazer política", que é controlada de acordo com programas criados pela CIA nos anos sessenta e setenta.

Em terceiro lugar, assistência objectiva na consecução dos objectivos estabelecidos pelo "mestre", neste caso a CIA como órgão do mundo nos bastidores. A certa altura, estes objectivos podem até ser apresentados como os interesses correspondentes do nosso país, mas na verdade são apenas um ponto intermédio no caminho para a concretização dos objectivos do "mestre".

Em quarto lugar, a formação obrigatória, que é realizada em grupo ou de forma individual. As formas de ensino são multifacetadas e diversas: desde palestras comuns até conversas íntimas em ambiente descontraído. Existem instruções especiais para isso.

Em quinto lugar, pertencer ao número de funcionários "de fundo".

Quanto mais forte o agente, mais profundamente ele fica oculto. Estes são "políticos paralelos", "cardeais cinzentos". Eles não governam, mas

direcionam, sugerem uma solução para esta ou aquela questão que é necessária ao “dono” e prejudicial ao país.

Sexto, compromisso, na maioria das vezes egoísta, com alguns “valores humanos universais” e conquistas da civilização mundial, que, via de regra, esconde, na melhor das hipóteses, a ausência de consciência nacional russa (ignorância nacional) e, na pior, a russofobia comum e o ódio de valores históricos Rússia.

As primeiras cinco características podem ser muito diversas entre os agentes de influência, mas a última é surpreendentemente a mesma tanto para os agentes de influência treinados pela CIA nos anos sessenta como para os capatazes da perestroika da segunda metade dos anos oitenta.

O programa de atividades dos agentes de influência na URSS foi desenvolvido pessoalmente pelo maçom A. Dulles, futuro diretor da CIA. Tendo se tornado maçom enquanto ainda estudava em Princeton, Dulles já em meados dos anos 20 alcançou o 33º grau e outras regalias maçônicas. Em 1927, tornou-se um dos diretores do centro de coordenação maçônica internacional, uma organização mundialista - o Conselho de Relações Exteriores, em 1933 recebeu o cargo-chave de secretário, e a partir de 1946 - presidente desta organização. Numa das reuniões secretas deste conselho no início de 1945, na presença dos líderes da Maçonaria Americana, o Vice-Presidente dos EUA G. Truman, o Secretário do Tesouro G. Morgenthau e B. Baruch, A. Dulles disse o seguinte : “A guerra vai acabar, de alguma forma tudo vai se resolver, as coisas vão dar certo.” . E desistiremos de tudo o que temos, de todo o ouro,

O cérebro humano e a consciência das pessoas são capazes de mudar. Tendo semeado o caos ali, substituiremos silenciosamente seus valores por valores falsos e os forçaremos a acreditar nesses valores falsos. Como? **Encontraremos pessoas com ideias semelhantes, nossos assistentes e aliados na própria Rússia** (ênfase adicionada - *O.P.).*

Episódio após episódio, a grandiosa tragédia da morte das pessoas mais rebeldes da terra, a extinção final e irreversível da sua autoconsciência, irá acontecer. Da literatura e da arte, por exemplo, iremos gradualmente apagar a sua essência social, afastar os artistas, iremos desencorajá-los de se envolverem na representação, investigação, ou algo assim, daqueles processos que ocorrem nas profundezas das massas. Literatura, teatro, cinema - tudo retratará e glorificará os sentimentos humanos mais básicos. Apoiaremos e formaremos de todas as maneiras possíveis os chamados artistas que irão plantar e martelar na consciência humana o culto

ao sexo, à violência, ao sadismo, à dissidência, em uma palavra, a toda imoralidade. Criaremos caos e confusão na gestão governamental...

A honestidade e a decência serão ridicularizadas e não serão necessárias para ninguém; elas se transformarão em uma relíquia do passado. Rudeza e arrogância, mentira e engano, embriaguez, dependência de drogas, medo animal uns dos outros e falta de vergonha, dissidência, nacionalismo e oposição dos povos - vamos espalhar tudo isso de forma inteligente e imperceptível...

Iremos quebrar assim, geração após geração…

Assumiremos pessoas desde a infância e adolescência, sempre daremos ênfase principal à juventude, começaremos a corromper, corromper, corromper. Faremos deles agentes da nossa influência, cosmopolitas do mundo livre. É assim que faremos" [397] .

Nesta reunião foram determinados os principais rumos da luta contra o povo russo, que mais tarde foram concretizados nos documentos oficiais do governo dos EUA e, sobretudo, nas directivas do Conselho de Segurança Nacional dos EUA e nas leis deste país.

A diretiva do Conselho de Segurança Nacional dos EUA NSC-20/1, aprovada pelo presidente dos EUA, Harry Truman, em 18 de agosto de 1948, proclamou: “Para fazer mudanças fundamentais na teoria e prática da política externa aderidas pelo governo no poder na Rússia. .. Estamos falando principalmente sobre "tornar e manter a União Soviética fraca política, militar e psicologicamente em comparação com forças externas fora do seu controle".

O NSC 68, assinado pelo Presidente Truman em 7 de abril de 1950, determinou: “Precisamos travar uma guerra psicológica aberta para causar traição em massa... semear as sementes da destruição... fortalecer medidas e operações positivas e oportunas por meios secretos no campo da guerra económica, política e psicológica contra o propósito de causar e manter a agitação... Devemos liderar a construção do sistema político e económico do mundo livre. Mas, além de afirmar os nossos valores, as nossas políticas e acções devem ser tais que provoquem mudanças fundamentais no carácter do sistema soviético... Será obviamente mais barato mas mais eficaz se estas mudanças forem o resultado, na medida do possível. possível, das forças internas da sociedade soviética.”

Numa circular do Secretário de Estado dos EUA, J.F. Dulles, às embaixadas e missões americanas no exterior, datada de 6 de março de 1953,

imediatamente após a morte de Stalin, foi enfatizado: “Nosso principal objetivo continua sendo semear dúvidas, confusão, incerteza em relação ao novo regime, não apenas entre os círculos dominantes e o povo, as massas na URSS e nos países satélites, mas também entre os partidos comunistas fora da União Soviética.”

E, finalmente, a Lei dos Povos Cativos, adoptada pelo Congresso dos EUA em Agosto de 1959, levantou abertamente a questão da divisão da Rússia em 22 estados e do incitamento ao ódio contra o povo russo.

Desde 1947, sob o pretexto de combater o comunismo, o governo americano alocou centenas de milhões de dólares anualmente para implementar programas de combate à Rússia e ao povo russo.

Um dos pontos principais destes programas foi a formação de “pessoas, aliados e assistentes com ideias semelhantes” na Rússia.

Aparentemente, uma das primeiras experiências no treinamento de pessoas com ideias semelhantes foi uma tentativa dos serviços de inteligência americanos de recrutar alguns indivíduos de um grupo de estagiários soviéticos que estavam na Universidade de Columbia no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, entre os quais estavam, em em particular, os futuros “capatazes da perestroika” A. Yakovlev e O. Kalugin. Como observou o ex-presidente da KGB da URSS V. Kryuchkov: “Yakovlev entendeu perfeitamente bem que estava sob vigilância estreita dos americanos, ele sentiu o que seus novos amigos americanos estavam querendo dizer, mas por algum motivo não tirou as conclusões corretas para ele mesmo. Ele fez contato não autorizado com os americanos e, quando tomamos conhecimento disso, ele retratou o assunto como se tivesse feito isso em um esforço para obter materiais necessários ao lado soviético em uma biblioteca fechada...” [398 [1]. Outro colega estagiário, O. Kalugin (futuro general da KGB), para fugir à responsabilidade, denunciou o seu camarada, que então se meteu em grandes problemas. Dessa época, foi preservada uma fotografia da década de 1950, publicada no jornal de emigrantes “Russian Voice”, que retrata A. Yakovlev e O. Kalugin na companhia de pessoal da CIA [399]

No entanto, as autoridades soviéticas competentes não conseguiram descobrir se o recrutamento tinha ocorrido ou se o caso da CIA não tinha ido além do estabelecimento de contactos introdutórios e do estabelecimento de ligações para o futuro.

No entanto, o comportamento de Yakovlev na segunda metade dos anos sessenta e início dos anos setenta, em muitos aspectos, correspondia às exigências que A. Dulles fazia aos agentes de influência. Isto, em particular, foi manifestado no artigo de Yakovlev na Literaturnaya Gazeta, onde ele falou duramente contra os ainda tímidos rebentos do renascimento nacional russo, fazendo rudes ataques anti-russos. Na verdade, Yakovlev apelou à represália administrativa contra os seus transportadores, e esta veio imediatamente.

No início dos anos setenta, Yakovlev foi nomeado embaixador no Canadá, onde manteve contactos activos com um vasto leque de pessoas, entre as quais desenvolveu uma relação particularmente de confiança com o primeiro-ministro, um proeminente maçom, P. Trudeau. Aparentemente, foi nesse período que ocorreu a "confraternização" desta figura com os bastidores maçônicos mundiais.

Nos anos 60-70, rodeado pelos principais dirigentes do Comité Central do PCUS, surgiu um grupo de agentes de influência, que incluía, em particular, F. M. Burlatsky (até 1964), G. Kh. Shakhnazarov, G. I. Gerasimov, G. A. Arbatov, AE Bovin. Mascarando as suas actividades anti-estatais com a fraseologia marxista habitual, estes conselheiros do partido pressionaram gradualmente a liderança política do país a tomar decisões que se tornaram os primeiros passos para a destruição da URSS. Um exemplo notável de tal agente-consultor de influência foi o diretor do Instituto dos EUA e Canadá, G. A. Arbatov, que já então ocupava uma posição pró-americana. No prefácio das memórias deste agente de influência, publicadas nos Estados Unidos, o vice-secretário de Estado Talbot admite abertamente que o Sr. Arbatov se tornou amigo da América desde os anos 70.

Desde o final dos anos 60, A. D. Sakharov e E. G. Bonner tornaram-se elementos importantes da agência de influência dos EUA. Os seus elogios desenfreados ao sistema político ocidental e as críticas tendenciosas ao regime soviético através da propaganda financiada pela CIA desempenharam um papel importante na Guerra Fria do Ocidente contra a Rússia. Um ex-físico que rompeu com a ciência, e sua esposa, filha de comunistas judeus raivosos, ocuparam um lugar de destaque entre outras figuras públicas judaico-soviéticas e dissidentes anti-russos, tornando-se uma espécie de símbolo de oposição aos valores históricos de A Rússia, bandeira da luta pelo seu desmembramento e humilhação.

A intensificação da actividade dos agentes de influência no nosso país está associada a projectos globais de bastidores realizados no âmbito dos centros

de coordenação maçónica - o Clube Bilderberg e a Comissão Trilateral. No final dos anos cinquenta e sessenta, os materiais secretos destes centros expressavam preocupações sobre a natureza dos processos que ocorriam na URSS. Foi enfatizado o perigo do renascimento da Rússia nos princípios nacional-patrióticos e de um fortalecimento ainda maior da influência do nosso país na comunidade mundial, que aumentou acentuadamente como resultado da Segunda Guerra Mundial. Mesmo a possibilidade teórica de consolidar a Rússia, que renasce numa base nacional, com os países do Terceiro Mundo, causou um sentimento de medo nos bastidores do mundo, porque só essa consolidação poderia impedir o uso predatório dos recursos naturais pelo Ocidente, que pertencem a toda a humanidade.

A organização futurológica maçónica “Clube de Roma”, que, em particular, inclui E. M. Primakov, está a desenvolver um relatório “Os Limites do Crescimento” (1972), que se tornou amplamente conhecido em todo o mundo. Os dados deste relatório mostraram que os recursos estavam a ser esgotados a um ritmo catastrófico e que os países ocidentais enfrentavam a ameaça de reduzir os seus níveis de consumo.

Em reuniões secretas, os líderes mundiais nos bastidores estão mais uma vez revivendo a velha tese maçônica sobre o estabelecimento de uma “nova ordem mundial”, na qual todo o poder mundial estará concentrado em suas mãos, e o uso de recursos será controlada por programas especiais no interesse de um pequeno número de países ocidentais. A URSS, que também possuía uma parte significativa dos recursos mundiais, tornou-se um obstáculo ao estabelecimento de tal ordem parasitária.

A nova doutrina estratégica dos EUA em relação à URSS NS DD-75, preparada para o presidente dos EUA, R. Reagan, pelo historiador de Harvard, Richard Pipes, propunha intensificar as ações hostis contra a Rússia. “A Directiva formulou claramente”, escreve o cientista político americano Peter Schweitzer, “que o nosso próximo objectivo não é mais a coexistência com a URSS, mas uma mudança no sistema soviético. A directiva baseava-se na convicção de que mudar o sistema soviético através de pressão externa estava inteiramente ao nosso alcance.”

Outra doutrina americana - “Libertação” e o conceito de “Guerra de Informação”, desenvolvido para a administração do presidente George W. Bush, proclamou abertamente o principal objetivo do mundo ocidental “desmantelar a URSS” e “desmembrar a Rússia”, ordenou americano estruturas legais e ilegais para monitorizar a situação, iniciar e gerir sentimentos e processos anti-russos nas repúblicas da Rússia e estabelecer

um fundo de milhares de milhões de dólares. por ano para ajudar o "movimento de resistência".

Nas décadas de setenta e oitenta, o programa americano de formação de agentes de influência na URSS adquiriu um caráter completo e proposital. Não se pode dizer que este programa não fosse conhecido pela liderança soviética. Os fatos dizem que sim. Mas aquelas pessoas que hoje podemos, com toda a responsabilidade, chamar de agentes de influência fecharam deliberadamente os olhos a isso.

A KGB da URSS preparou um documento especial sobre este assunto, denominado "Sobre os planos da CIA para adquirir agentes de influência entre os cidadãos soviéticos".

"De acordo com dados confiáveis recebidos pelo Comitê de Segurança do Estado, recentemente a CIA dos EUA, com base nas análises e previsões de seus especialistas sobre os futuros caminhos de desenvolvimento da URSS, tem desenvolvido planos para intensificar atividades hostis destinadas à desintegração da União Soviética sociedade e a desorganização da economia socialista. Para estes fins, a inteligência americana atribui a tarefa de recrutar agentes de influência entre os cidadãos soviéticos, treiná-los e promovê-los ainda mais na esfera da gestão da política, economia e ciência da União Soviética. A CIA desenvolveu um programa de formação individual de agentes de influência, prevendo a sua aquisição de atividades de espionagem, bem como a sua doutrinação política e ideológica concentrada. Além do mais, Um dos aspectos mais importantes da formação desses agentes é o ensino de métodos de gestão ao nível dirigente da economia nacional. A liderança da inteligência americana planeja proposital e persistentemente, independentemente dos custos, procurar indivíduos que, com base em suas qualidades pessoais e empresariais, sejam capazes de ocupar no futuro cargos administrativos no aparato de gestão e cumprir as tarefas formuladas pelo inimigo. Ao mesmo tempo, a CIA parte do facto de que as actividades de agentes de influência individuais e não relacionados, que prosseguem uma política de sabotagem na economia nacional e de distorção de orientações, serão coordenadas e dirigidas a partir de um único centro criado no âmbito de Inteligência americana. De acordo com a CIA, as actividades intencionais dos agentes de influência contribuirão para a criação de certas dificuldades de natureza política interna na União Soviética, atrasarão o desenvolvimento da nossa economia e conduzirão a investigação científica na União Soviética em direcções sem saída. Ao desenvolver estes planos, a inteligência americana parte do facto de que os contactos crescentes entre a União

Soviética e o Ocidente criam condições prévias favoráveis para a sua implementação nas condições modernas. De acordo com as declarações dos oficiais de inteligência americanos, que são chamados a trabalhar diretamente com tais agentes dentre os cidadãos soviéticos, o programa atualmente implementado pelos serviços de inteligência americanos contribuirá para mudanças qualitativas em várias esferas da vida da nossa sociedade, e acima tudo na economia. E acabará por levar à adopção, pela União Soviética, de muitos ideais ocidentais. [400] .

Os programas de formação de agentes de influência foram realizados em paralelo com o desenvolvimento de programas para o desmembramento da Rússia e a preparação do genocídio do povo russo.

De acordo com o depoimento do já mencionado presidente da KGB, Kryuchkov, as autoridades competentes da URSS sabiam destes planos: "Houve um fluxo de informações sobre planos profundamente alarmantes em alguns países, e principalmente nos EUA, em relação ao nosso estado. Assim, segundo alguns deles, a população da União Soviética é alegadamente excessivamente grande e deveria ser reduzida de várias maneiras. Até os cálculos correspondentes foram feitos. De acordo com estes cálculos, seria aconselhável reduzir a população da União Soviética para 150-160 milhões de pessoas. O período foi determinado em 25-30 anos. O território do nosso país, os seus recursos minerais e outras riquezas, no quadro dos "valores humanos universais", devem tornar-se propriedade comum de certos países do mundo, ou seja, devemos, por assim dizer, partilhar estes "humanos universais". valores."

Preste atenção ao termo - ele fala de uma política ponderada e de longo prazo, cujo núcleo é o genocídio" [401] .

Hoje podemos falar com total certeza sobre a implementação de muitos planos desenvolvidos pelo mundo nos bastidores em relação à URSS. De qualquer forma, no início dos anos 80, a inteligência americana contava com dezenas de assistentes e pessoas com ideias semelhantes nos mais altos escalões do poder. O papel de alguns deles ainda não é suficientemente claro, mas os resultados das suas actividades são óbvios e os dados sobre a sua cooperação com serviços de inteligência estrangeiros não podem ser refutados.

De acordo com dados relatados pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Letónia, de 1985 a 1992, o Ocidente (principalmente os EUA) investiu 90 mil milhões de dólares "no processo de democratização da URSS" (ou seja, na destruição da Rússia). [402] .

Esse dinheiro foi usado para comprar os serviços das pessoas certas, treinar e pagar agentes de influência, enviar equipamentos especiais, instrutores, literatura, etc.

Não sabemos com que prata e em que quantia os donos do mundo nos bastidores pagaram aos agentes de influência, [403] mas sabe-se que foi em meados dos anos oitenta que estes agentes se tornaram acentuadamente mais activos. Em particular, A. Yakovlev regressou a Moscovo por iniciativa de G. Arbatov (diretor do Instituto dos EUA), intimamente ligado aos círculos ocidentais, e com o apoio direto de Gorbachev, que imediatamente assumiu uma posição chave na condução de processos anti-russos. . É em torno dele que depois de algum tempo se agrupam várias personalidades odiosas que desempenharam um papel trágico na história do nosso país: V. Korotich, Yu.Afanasyev, E. Yakovlev, G. Popov, E. Primakov, G. Arbatov .

O círculo destes revolucionários era inicialmente muito estreito, mas o forte apoio de Gorbachev deu-lhes confiança.

A CIA está a expandir dramaticamente o âmbito das suas operações. A formação de agentes de influência está a ser simplificada. As tarefas da estação americana na URSS são simplificadas pelo facto de o contingente de traidores (principalmente do aparelho partidário, da ciência e da cultura) com o qual tem de trabalhar adquirir um sentimento de impunidade, inspirado num elevado apoio. Além disso, traidores comuns e traidores à nova luz da perestroika são apresentados como combatentes da ideia.

Bilhões de dólares para pagar aos traidores através de várias estruturas intermediárias (Comité Público para as Reformas Russas, a Associação Americana National Endowment for Democracy, o Instituto Creeble, vários fundos e comissões) estão a entrar no nosso país.

Por exemplo, o Instituto Crible (cujo diretor, nas suas próprias palavras, decidiu “dedicar a sua energia ao colapso do Império Soviético” [404]) , criou toda uma rede dos seus escritórios de representação nas repúblicas da ex-URSS. Com a ajuda destes escritórios de representação, de Novembro de 1989 a Março de 1992, foram realizadas cerca de cinquenta “conferências de formação” em vários pontos da URSS: Moscovo, Leningrado, Sverdlovsk, Voronezh, Tallinn, Vilnius, Riga, Kiev, Minsk, Lvov, Odessa, Yerevan, Nizhny Novgorod, Irkutsk, Tomsk. Seis conferências instrutivas foram realizadas somente em Moscou.

A natureza do trabalho instrutivo dos representantes do Instituto Krible é evidenciada pelo exemplo do propagandista do partido G. Burbulis, que até

1988 repetiu com firmeza teses sobre o papel de liderança do PCUS e enfatizou "o papel consolidador do partido no processo da perestroika ." Depois de receber instruções de Kribble, ele começou a repetir constantemente que "o império (isto é, a URSS) deve ser destruído".

Outra ideia da CIA, a associação Contribuição Nacional para a Democracia (liderada por A. Weinstein), financiou as atividades de uma série de instituições na URSS: 1984 - Instituto A. Sakharov em Moscou, pesquisa sobre a possibilidade de criar um centro para questões de direitos humanos e paz no instituto; 1986 - Instituto A. Sakharov, criação de uma "universidade gratuita" para estudantes que rejeitam o sistema soviético de ensino superior; 1990 - Fundação do Congresso dos EUA, financiamento de iniciativa do Grupo Inter-regional de Deputados do Soviete Supremo da URSS.

Através da rede de escritórios de representação do Instituto Crible e instituições similares, centenas de pessoas que formaram a espinha dorsal dos destruidores da URSS e do futuro regime de Yeltsin, incluindo: G. Popov, G. Starovoitova, M. Poltoranin, A. Murashov, S. Stankevich, passou por treinamento instrutivo para agentes de influência., E. Gaidar, M. Bocharov, G. Yavlinsky, Yu. Boldyrev, V. Lukin, A. Chubais, A. Nuikin, A. Shabad, V. Boxer , muitas "pessoas das sombras" da comitiva de Yeltsin, em particular o chefe de sua campanha eleita em Yekaterinburg A. Urmanov, bem como I. Viryutin, M. Reznikov, N. Andrievskaya, A. Nazarov, jornalistas proeminentes e trabalhadores de televisão [[405]] . Assim, formou-se na URSS uma "quinta coluna" de traidores da Pátria, que existia como parte do Grupo Inter-regional de Deputados e da "Rússia Democrática".

É sabido que M. Gorbachev sabia, pelos relatórios do KGB da URSS, sobre a existência de instituições especiais para a formação de agentes de influência, e também conhecia as listas dos seus "graduados". No entanto, ele não fez nada para impedir as atividades dos traidores.

Tendo recebido um dossiê da liderança da KGB contendo informações sobre uma extensa rede de criminosos contra o Estado, Gorbachev proíbe a KGB de tomar quaisquer medidas para reprimir ataques criminosos. Além disso, ele faz o possível para encobrir e proteger o "padrinho" dos agentes de influência na URSS A. Yakovlev, apesar do fato de que a natureza das informações sobre ele provenientes de fontes de inteligência não permitia duvidar do verdadeiro passado. de suas atividades.

Aqui está o que o ex-presidente da KGB, Kryuchkov, relata sobre isso: "Em 1990, o Comitê de Segurança do Estado, por meio de inteligência e contra-

espionagem, recebeu de diversas fontes diferentes (e avaliadas como confiáveis) informações extremamente alarmantes sobre A. N. Yakovlev. O significado dos relatórios era que, de acordo com os serviços de inteligência ocidentais, Yakovlev ocupa posições favoráveis ao Ocidente, opõe-se de forma confiável às forças "conservadoras" na União Soviética e pode contar com ele firmemente em qualquer situação. Mas, aparentemente, no Ocidente eles acreditavam que Yakovlev poderia e deveria mostrar mais persistência e atividade e, portanto, um representante americano foi instruído a manter uma conversa correspondente com Yakovlev, dizendo-lhe diretamente que se esperava mais dele." Rússia Soviética. 13/02/1993.]

Mesmo depois de receber esta informação, Gorbachev recusa-se a fazer qualquer coisa. Tal comportamento da primeira pessoa no estado indicava que naquela época ele também estava intimamente integrado ao sistema de conexões do mundo nos bastidores.

Capítulo 26

O renascimento da elite soviética. — Gorbachev e a Comissão Trilateral. - Traição em Malta. - Renascimento generalizado da Maçonaria. - B'nai B'rith. - Soros: "muito dinheiro faz história". — Grande Oriente da França. - Rotary Clubs. - "Magistério". — Conferência Pan-Europeia de Maçons. — Planos do mundo nos bastidores.

Os futuros historiadores ainda não revelaram os detalhes específicos da transformação de funcionários e ideólogos comunistas em figuras do movimento maçónico internacional. É claro que, tendo em conta o carácter moral dos líderes comunistas que governaram o país nas décadas de cinquenta e oitenta, o seu carreirismo patológico, a falta de princípios, a ganância, a falta de sentimentos humanos normais, a capacidade de cometer qualquer crime mais grave por causa do poder e bem-estar pessoal, podemos falar com segurança sobre suborno [406], e sobre chantagem, e sobre usar os fios fracos de pessoas medíocres que se encontram na liderança de um grande país. Tudo isso certamente será revelado e mostrado nos mínimos detalhes. Porém, o principal não é como foram comprados, intimidados ou enganados, mas o mecanismo que tornou possível essa traição. Este mecanismo foi incorporado no próprio sistema de gestão do Partido Comunista, que inicialmente funcionou de acordo com os princípios da ordem maçónica como uma estrutura de poder nos bastidores de controlo e influência abrangentes. O sistema de gestão do PCUS não existia como uma

organização ideológica, mas como um instrumento nu de poder, absolutamente independente do povo e, além disso, oposto a ele. Esta independência do povo tornou possível qualquer mudança na política e libertou de qualquer responsabilidade os líderes que a levaram a cabo. Durante 70 anos, os quadros dirigentes do PCUS foram formados, via de regra, a partir das camadas espiritualmente marginais da sociedade, como um conjunto de pessoas que não conseguiam viver de acordo com os conceitos humanos normais e estavam prontas para qualquer maldade, traição e traição para alcançar seus interesses. Durante o período da chamada perestroika, o sistema de gestão do PCUS não morreu, mas foi transformado, com quase a mesma composição, em duas estruturas mutuamente complementares e entrelaçadas de poder de bastidores - maçônica internacional e mafiosa-empreendedora . São essas estruturas que hoje controlam quase completamente o poder no país. Durante o período da chamada perestroika, o sistema de gestão do PCUS não morreu, mas foi transformado, com quase a mesma composição, em duas estruturas mutuamente complementares e entrelaçadas de poder de bastidores - maçônica internacional e mafiosa-empreendedora . São essas estruturas que hoje controlam quase completamente o poder no país. Durante o período da chamada perestroika, o sistema de gestão do PCUS não morreu, mas foi transformado, com quase a mesma composição, em duas estruturas mutuamente complementares e entrelaçadas de poder de bastidores - maçônica internacional e mafiosa-empreendedora . São essas estruturas que hoje controlam quase completamente o poder no país.

As primeiras ligações entre os futuros líderes do PCUS e a Maçonaria foram estabelecidas, claro, não durante o período da perestroika, mas datam dos anos sessenta e setenta. O contacto de Gorbachev com a Maçonaria aparentemente ocorreu durante as suas férias em Itália, onde as lojas maçónicas controladas pela CIA eram então activas e muito pró-activas nos seus esforços para conter o comunismo (em particular, a famosa loja Propaganda-2, liderada por um agente da CIA L. Jelly). . Os contactos de A. N. Yakovlev com a Maçonaria remontam à sua estadia nos EUA e no Canadá. Certamente não se limitam a reuniões com o maçom P. Trudeau.

A primeira notícia publicada sobre a adesão de M. Gorbachev aos maçons livres apareceu em 1º de fevereiro de 1988 na revista alemã de pequena circulação “Mer Licht” (“Mais Luz”). Informação semelhante é publicada no jornal nova-iorquino “New Russian Word” (4 de dezembro de 1989). Há até fotografias do presidente dos EUA, Bush e Gorbachev, fazendo sinais maçônicos típicos com as mãos.

No entanto, a evidência mais convincente da filiação de Gorbachev à Maçonaria são os seus contactos estreitos com os principais representantes do governo maçónico mundial e a sua participação numa das principais estruturas mundialistas - a Comissão Trilateral. O mediador entre Gorbachev e a Comissão Trilateral foi o famoso empresário financeiro, maçom e agente do serviço de inteligência israelense Mossad, J. Soros [407] , que em 1987 formou a chamada Fundação Soros - União Soviética, da qual a União Soviética- Posteriormente, cresceu a American Cultural Initiative Foundation, que tinha um caráter abertamente anti-russo.

O número de funcionários e ativistas da Fundação Soros incluía os famosos russófobos Yu. Afanasyev, o editor-chefe da revista Znamya G. Baklanov, o ideólogo da destruição das aldeias russas T. Zaslavskaya, o notório advogado A. Makarov , o juiz do Tribunal Constitucional E. Ametistov.

Os fundos de Soros foram utilizados para pagar as actividades anti-russas de políticos que desempenharam um papel trágico no destino da URSS, e em particular de Yu. Afanasyev. Em 1990, ele financiou a estadia nos Estados Unidos de um grupo de desenvolvedores do programa “500 Dias” para destruir a economia soviética, liderado por G. Yavlinsky, e posteriormente de membros da “equipe Gaidar” (quando ainda não eram no governo).

Soros financiou as atividades anti-russas da imprensa e da televisão e treinou especialistas em “televisão e radiodifusão independentes” [408] .

Em 1989, na revista “Znamya” (nº 6), J. Soros apela mesmo à luta contra o movimento nacional russo, vendo nele o maior perigo para o mundo nos bastidores.

Observando as actividades multilaterais anti-russas da Fundação Soros, ficamos surpreendidos não só pela sua escala, mas também pela cuidadosa elaboração de actividades específicas. Como resultado, há um sentimento de que existe uma organização enorme e muito influente por trás de Soros. Não ficaria surpreendido se dentro de alguns anos soubéssemos que a Fundação Soros era uma organização de fachada através da qual o governo americano, através das mãos da CIA, investiu dinheiro na destruição do movimento nacional russo e do Estado russo.

A entrada de Gorbachev na Comissão Trilateral deveria ser datada de janeiro de 1989. O encontro dos principais arquitetos da perestroika soviética e dos “irmãos” que trabalharam para o “bem” do “Arquiteto do Universo” e da “nova ordem mundial” aconteceu em Moscou.

A comissão tripartida foi representada pelo seu presidente David Rockefeller (que também é o chefe do Conselho de Relações Exteriores), Henry Kissinger (o chefe da B'nai B'rith), J. Bertoin, V. Giscard d'Estaing e Y. .Nakasone. Por parte dos convertidos nos bastidores do mundo, além de M. Gorbachev, estavam A. Yakovlev, E. Shevardnadze, G. Arbatov, E. Primakov, V. Medvedev e alguns outros.

Como resultado de negociações secretas, foram desenvolvidos acordos sobre atividades conjuntas, cuja natureza naquela época era clara para poucas pessoas. No entanto, tudo ficou claro no final do mesmo ano, quando, com a mesma composição dos seus associados do encontro com a delegação da Comissão Trilateral, M. Gorbachev reuniu-se com o Presidente D. Bush na ilha de Malta. “Muitos especialistas tendem a acreditar que Malta se tornou o local dos acordos fatais entre Gorbachev e Bush, que logo levaram ao colapso da URSS e a cataclismos nos países da Europa Oriental” [409 [1]. A conclusão de um importante acordo em Malta, capital da Ordem dos Cavaleiros de Malta, cujos cavaleiros são membros da Comissão Trilateral e do Clube Bilderberg, simbolizou uma nova etapa nas relações entre o mundo nos bastidores e os líderes do PCUS que concordou em trair a pátria.

O ano de 1990 torna-se fatal na história da Rússia. O sistema de governação do país está a mudar num curto espaço de tempo. Aproveitando o período de transição, Gorbachev e seus camaradas do antigo Politburo (Yakovlev, Shevardnadze, Medvedev, Primakov), onde foram decididas todas as questões mais importantes da política interna e externa, de fato, usurpam completamente o poder no país. Pois, se anteriormente eles enfrentavam a oposição no Politburo de uma certa parte dita conservadora, então nas novas condições ninguém os limitava. Muitas estruturas estatais estão sendo deliberadamente desmanteladas e destruídas, e em seu lugar são criadas autoridades sombrias nos bastidores e, acima de tudo, lojas e organizações maçônicas.

É muito característico que a primeira estrutura maçônica oficial a surgir na URSS tenha sido a loja maçônica judaica internacional "B'nai B'rith". A permissão para abri-lo foi recebida pessoalmente de Gorbachev, a pedido de um dos líderes da ordem, G. Kissinger. Em maio de 1989, o jornal mensal judaico "L'Arche" de Paris informou que uma delegação da filial francesa da B'nai B'rith, composta por 21 pessoas, liderada pelo presidente Marc Aron, visitou Moscou de 23 a 29 de dezembro de 1988 . A primeira loja desta ordem foi organizada durante a visita e em maio contava com 63 membros. Ao mesmo tempo, mais duas lojas foram estabelecidas em Vilnius

e Riga, e posteriormente em São Petersburgo, Kiev, Odessa, Nizhny Novgorod, Novosibirsk.

A rede de escritórios de representação da chamada Fundação Soros também está a crescer sem quaisquer restrições, sendo que a maioria dos seus funcionários são uma mistura de funcionários maçónicos e agentes dos serviços de inteligência ocidentais. No entanto, devido ao apoio superior, eles recebem carta branca. Segundo analistas estrangeiros, "Soros tornou-se a pessoa mais influente num vasto território que se estende desde as margens do Reno até aos Montes Urais" [410] . Como já foi repetidamente observado com razão, a Fundação Soros direciona suas atividades para mudar a visão de mundo das pessoas no espírito maçônico, incutindo o modo de vida americano, parasitando as dificuldades econômicas do nosso país e, em particular, garantindo a transferência do potencial intelectual da Rússia. fora do país.

Publicados no início de 1995, trechos do relatório do FSK sobre o uso pelos serviços de inteligência dos EUA de centros de ciência política, universidades, fundações não governamentais e organizações públicas americanas em atividades de inteligência e subversivas em território russo dão motivos para já concluir que o funcionamento das organizações como a Fundação Soros é dirigida pelos serviços de inteligência americanos e pelo Pentágono no domínio da inteligência e das actividades subversivas. A Fundação Soros, sob o pretexto de promover a ciência russa, recolhe informações secretas de cientistas, pagando 500 dólares cada. cada pessoa científica privada. Os fundos de Soros apoiam, no todo ou em parte, uma série de jornais e revistas anti-russos, incluindo "Znamya", "Outubro", "Zvezda", "Literatura Estrangeira", "Amizade dos Povos", "Novo Mundo", " Vida Teatral".

Uma nova etapa no desenvolvimento das atividades subversivas da Fundação Soros na Rússia foi a criação em 1995 do chamado Instituto Soros "Sociedade Aberta". O principal objetivo do instituto é a formação da consciência pública com espírito pró-Ocidente e a formação de pessoal anti-russo nas áreas de educação, cultura e arte. Além disso, é dada especial ênfase a este trabalho nas províncias. Como parte dos programas do Open Society Institute, são publicados livros e livros didáticos nos quais os eventos da história russa são grosseiramente distorcidos e falsificados, e a memória do povo russo é profanada.

Em vários seminários e conferências realizados pelo Instituto Soros para jovens, a geração mais jovem é doutrinada com ideias sobre a superioridade

da cultura ocidental sobre a russa, a ideia do atraso da Rússia é constantemente transmitida e os valores tradicionais do mundo ocidental são imposto - o culto à violência, à crueldade, à busca pelo dinheiro, à depravação moral. O comitê executivo e o conselho de supervisão do Instituto Soros incluem russófobos conhecidos como os escritores G. Baklanov, D. Granin, V. Voinovich, o ator O. Basilashvili, T. Zaslavskaya. O montante total de recursos financeiros canalizados através da Fundação Soros para actividades subversivas na Rússia ultrapassa os 100 milhões de dólares.

Em abril de 1990, o chefe da Ordem do Grande Oriente da França, J. R. Ragash, em uma das coletivas de imprensa, admitiu que na Rússia já existiam pessoas pertencentes à ordem que ele chefiava.

Como confessou mais tarde o mesmo Ragash, durante a implantação da Maçonaria nos países do antigo bloco socialista, “na Rússia fomos forçados a tomar precauções especiais”. Segundo Ragash, ele primeiro estabeleceu contato com o primeiro secretário da Embaixada da Rússia em Paris, Yuri Rubinsky. Ele disse que agora era perfeitamente possível reviver a Maçonaria na antiga União Soviética, embora não sem resistência do público.

“Não tínhamos medo do risco”, admitiu Ragash, “e começamos a iniciar os irmãos russos - aqueles que se tornariam o primeiro grupo de trabalho a apresentar a loja. Como já disse, o assunto exigia certo sigilo" [411] .

Não só Ragash, mas também outros líderes de lojas maçónicas contaram abertamente (após o estabelecimento do regime de Yeltsin) como o pessoal foi treinado para introdução nos antigos países socialistas, e principalmente na Rússia. “Era fácil adivinhar, ouvindo essas histórias”, escreve uma testemunha ocular dessas revelações, “que os maçons vinham recrutando secretamente cidadãos de países socialistas há muitos anos que estavam em viagens de negócios de longo prazo no exterior, na Europa Ocidental, e principalmente em Paris. E, claro, tendo regressado à sua terra natal, não ficaram de braços cruzados, provavelmente cumpriram as ordens dos seus irmãos ultramarinos e recrutaram apoiantes. Quase todas as lojas tinham seus próprios departamentos para trabalhar com esses desertores espirituais" [412] .

Desde 1989, os maçons têm levado a cabo uma campanha ampla e até, num certo sentido, aberta para promover ideias maçónicas subversivas e recrutar novos membros na Rússia. Está sendo realizada uma chamada campanha de “externalização”, na qual os maçons dão palestras e reportagens em grandes salões, na imprensa, no rádio e na televisão.

Em março de 1991, a Rádio Liberdade, financiada pela CIA, apelou aos residentes da URSS para fazerem contacto para se juntarem às lojas maçónicas. O apresentador do programa, F. Salkazanova, informou o endereço onde os cidadãos soviéticos poderiam se inscrever na loja maçônica em Paris. Esta loja não era simples, mas foi criada especificamente para “promover a difusão da Maçonaria na Rússia” e recriar a “estrutura maçônica” ali. Para tornar esta loja atraente, os falsificadores maçônicos a chamaram de “Alexander Sergeevich Pushkin” (embora alguns, e eles, saibam muito bem que o grande poeta russo não era um maçom). Os “irmãos” desta loja que falaram no programa apelaram ao aperfeiçoamento moral e espiritual da sociedade, considerando os Estados Unidos como um modelo, que foi “baseado nos princípios maçónicos desde o início” [413 [1] .

Chamadas para ingressar na Maçonaria na Rádio Liberty geraram muitas correspondências. Cartas de Vilnius, Baku e Kiev começaram a chegar às lojas francesas. E então foi feito um trabalho individual com os candidatos. Após seleção e verificação, o candidato foi “iniciado”, isto é, iniciado nos maçons.

Os maçons de França procuram “lançar a sua pedra na construção da democracia na Europa Central e Oriental”. Isto foi afirmado em setembro de 1991 em Paris, falando aos jornalistas, pelo Grão-Mestre do Grande Oriente Maçônico da França, J. R. Ragash. Segundo ele, os membros do Grande Oriente pretendem aumentar os esforços materiais e financeiros necessários para esse fim [414] . Depois de algum tempo, o Grão-Mestre chega a Moscou e mais tarde visita São Petersburgo para organizar ali o trabalho maçônico adequado. A Grande Loja Nacional da França também opera em paralelo. Em abril de 1991, ela iniciou em suas fileiras dois cidadãos russos, que se tornaram os organizadores da loja russa “Northern Star” [415] .

Um dia antes do início do golpe de estado de agosto de 1991, um membro da loja Pushkin que já mencionei, um certo judeu que emigrou de Odessa em 1922 (seu nome foi mantido em segredo), chegou a Moscou vindo de Paris. Mais oito membros desta loja vieram com ele para Moscou. Apesar dos acontecimentos alarmantes, este emissário maçônico abre uma nova loja Novikov em 30 de agosto de 1991. O Jornal Maçônico de Ritual Escocês acolheu o evento “sob os auspícios da Grande Loja Nacional da França”. “Isto significa”, escreveu um jornal maçônico, “um passo à frente na restauração gradual das Lojas Azuis e dos Altos Conselhos do Ritual Escocês entre os povos do Bloco Oriental . ” [416]

Como resultado do golpe de estado anti-russo de agosto-dezembro de 1991, os planos do mundo nos bastidores foram alcançados.

No entanto, as instituições de formação e instrução de agentes de influência não só não estão desmanteladas, mas também estão a transformar-se numa parte importante da estrutura de poder do regime de Yeltsin, desenvolvendo para ele uma espécie de programas diretivos de atividade e fornecendo-lhe conselheiros. Um centro público legal desta estrutura chamado “Casa Russa” foi aberto nos EUA, liderado pelo agente de influência E. Lozansky, embora, é claro, todas as decisões importantes tenham sido tomadas dentro dos muros da CIA e da liderança do mundo por trás as cenas.

Confiante na vitória final, Yeltsin já não escondia a sua ligação direta com organizações subversivas anti-russas como o Investimento Nacional Americano na Democracia, a cujos líderes enviou uma mensagem, que, em particular, dizia: “Sabemos e apreciamos muito o facto que você contribuiu para esta vitória" (fax datado de 23 de agosto de 1991).

O mundo nos bastidores exultou, cada um dos seus representantes à sua maneira, mas todos notaram o papel fundamental da CIA. O Presidente dos EUA, Freemason Bush, imediatamente após o golpe de Agosto de 1991, com pleno conhecimento do assunto e como antigo director da CIA, declarou publicamente que a ascensão ao poder do regime de Yeltsin foi “a nossa vitória – uma vitória para a CIA. ” O então diretor da CIA, o maçom R. Gates, em Moscou, na Praça Vermelha, realiza seu próprio “desfile da vitória” diante das câmeras de televisão da BBC, declarando: “Aqui, na Praça Vermelha, perto do Kremlin e do Mausoléu, Estou realizando meu desfile da vitória de um homem só.” . Muito naturalmente, estabelece-se uma relação entre senhor e vassalo entre a CIA e os representantes do regime de Yeltsin. Por exemplo, em outubro de 1992, R. Gates reuniu-se com Yeltsin em total sigilo. Além disso, este último nem sequer tem a oportunidade de recorrer aos serviços do seu tradutor, que é expulso,

O mundo nos bastidores recompensa Yeltsin com o título que quase todos os membros do governo maçônico mundial possuem - Cavaleiro Comandante da Ordem de Malta. Ele o recebe em 16 de novembro de 1991. Não mais envergonhado, Yeltsin posa para os repórteres em traje completo de cavaleiro comandante.

Em agosto de 1992, Yeltsin assinou o Decreto nº 827 “Sobre o restabelecimento das relações oficiais com a Ordem de Malta”. O conteúdo deste decreto foi mantido em total segredo por algum tempo. O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia foi ordenado a assinar um protocolo

sobre o restabelecimento das relações oficiais entre a Federação Russa e a Ordem de Malta.

Contando com um alto apoio, as lojas maçônicas estão crescendo como cogumelos na Rússia. Funcionários maçônicos estrangeiros de diversas convicções, não mais escondidos, vêm ao país, viajam pelas cidades, organizando ali suas lojas e eventos. Em 8 de setembro de 1992, com grande solenidade, a Loja Harmony 48698, subsidiária da Grande Loja Nacional Francesa, foi inaugurada em Moscou.

O ritual contou com a presença do Grande Secretário "Irmão" Yves Gretournel e do próprio "Irmão Honorário" Michel Garder, tenente e grande comandante do Supremo Conselho Maçônico da França. A loja era chefiada por G. B. Dergachev. No mesmo dia, 12 leigos russos foram iniciados [417] .

Também em 1992, surgiu a loja ateísta "Rússia Livre" (28 "irmãos" na época da inauguração), bem como a ordem maçônica do Grande Oriente da Rússia.

Em 1994, o jornal Moscow News (nº 9) noticiou o registro em Moscou da Grande Loja Maçônica Nacional, que surgiu com a ajuda da Grande Loja Nacional da França. Na Biblioteca de Literatura Estrangeira de Moscou, os líderes da Ordem Maçônica dos Rosacruzes construíram seu ninho, organizando palestras de propaganda e seleção de candidatos para a loja dentro de seus muros.

A renascida Maçonaria Russa adotou todas as características modernas da formação e desenvolvimento dos maçons livres.

Muitos políticos, empresários e membros das profissões liberais que aceitam os princípios de vida maçônicos, no entanto, sentem-se intimamente inseridos na estrutura das lojas maçônicas tradicionais com seus rituais especiais.

Para esta grande categoria, os líderes da Maçonaria criam organizações mais amplas, mais dinâmicas e não limitadas por ritos rituais (referidas como "Maçonaria branca"), perseguindo os mesmos objetivos e agindo na maioria das vezes na forma de clubes, fundos de comissão e comitês. .

Algumas organizações maçônicas existem sob o disfarce de vários clubes de "cultura espiritual", como o clube "Citadel", liderado pelo artista O. Kandaurov, apresentador do programa "Oasis" no Canal 4 da TV "Universidades Russas".

Como a implantação da Maçonaria veio do Ocidente, naturalmente, a primeira organização desse tipo na Rússia foi o clube maçônico "Rotary

International", difundido nos países ocidentais, cuja inauguração foi anunciada em 6 de junho de 1990 em reportagem do programa de televisão "Vremya". Suas filiais se espalharam rapidamente por toda a Rússia e até duas foram abertas em São Petersburgo. Os "maçons brancos" de primeira chamada neste clube são os chefes das administrações de Moscou e São Petersburgo Luzhkov e Sobchak, o banqueiro V. Gusinsky, os famosos funcionários democráticos M. Bocharov, A. Ananyev, Yu. Nagibin, E. Sagalayev e várias dezenas de outros grandes e pequenos democratas, a maioria dos quais passou pela "escola" do Instituto Krible e instituições anti-russas semelhantes.

O chamado Clube Internacional Russo (IRC), criado em 1992, também se equipara ao Rotary. Este clube era dirigido por M. Bocharov, já conhecido pelas atividades do Rotary Club de Moscou, e P. Voshchanov, ex-secretário de imprensa de Yeltsin. Incluía uma série de pessoas famosas, por exemplo, o Ministro da Justiça N. Fedorov (novamente conhecido pelo Rotary Club), o deputado internacional E. Ambartsumov, o membro da Comissão Maçônica "Grande Europa", o empresário Svyatoslav Fedorov, a figura do cinema Stanislav Govorukhin, ex-chefe da segurança do Estado V. Ivanenko, General K. Kobets, membro do Conselho Presidencial A. Migranyan, bem como um grupo de outros, como escreveram então, "pessoas não menos famosas que não queriam revelar seu incógnito ." De acordo com o estatuto, o clube é composto por quarenta pessoas, e não mais do que um terço pode ser adicionado a cada ano, e cada candidato é obrigado a obter três recomendações. A RTO realiza reuniões fechadas e garante aos seus associados "estrita confidencialidade das informações recebidas no âmbito das atividades do clube...".

Vale ressaltar que o clube é dominado por pessoas que já estiveram cercadas por Ieltsin.

"Os organizadores veem o clube não como um partido, mas simplesmente como um lugar onde se faz "política real" e onde governantes modestos, mas verdadeiros, do país podem reunir-se informal e facilmente, discutir assuntos de estado e decidir o destino. da Pátria" [418 [1] .

Seguindo o modelo de uma das principais organizações de bastidores do mundo - o Clube Bilderberg - em 1992 foi criado o seu análogo russo - o clube Magisterium, que inicialmente reunia cerca de 60 "irmãos" em espírito. A figura chave deste movimento clandestino maçónico foi o já mencionado J. Soros, que publicou o artigo "Muito dinheiro faz história" no primeiro número do boletim secreto deste clube. O aforismo cínico deste

especulador financeiro revela tanto o seu credo de vida como o principal método de ação do mundo nos bastidores. O papel significativo do clube Magisterium é enfatizado pela participação nele do conselheiro do presidente dos EUA B. Clinton para questões econômicas, R. Reich, que representa a Comissão Trilateral no clube. As figuras-chave do clube são os patriarcas do movimento maçônico na ex-URSS A. Yakovlev e E. Shevardnadze. O Magistério apresenta russófobos famosos como: [419] .

Tal como o Magistério, para atingir os objetivos maçónicos, são criadas várias fundações e clubes de categoria inferior, mas também desempenham um papel importante nas estruturas políticas paralelas - o papel de coordenadores de atividades anti-russas. O exemplo mais típico de tal organização é o clube de reforma "Interação", que reúne empresários, chefes de instituições bancárias e de bolsa de valores, importantes funcionários do governo, unidos em um todo pelo desejo de moldar a política russa de acordo com o princípio "muito dinheiro faz história." Este clube é liderado por uma das principais figuras do movimento anti-russo, E. T. Gaidar, bem como por uma série de personalidades odiosas semelhantes - A. B. Chubais, K. N. Borovoi, L. I. Abalkin, E. G. Yasin, A. P. Pochinok, E. F. Saburov , O. R. Latsis, etc. Entre os membros do clube estão B. G. Fedorov, S. N. Krasavchenko, N. P. Shmelev, S. S. Shatalin.

Os bastidores maçônicos do mundo prestam a maior atenção à seleção de pessoal para os líderes russos, tanto na política quanto na economia.

Os atuais líderes democráticos da Rússia ou pertencem a estruturas maçônicas ou aceitam incondicionalmente todas as suas condições (as exceções são extremamente raras). Mas hoje o mundo nos bastidores não está mais preocupado com os atuais, mas com os futuros líderes da Rússia.

Em busca de servidores leais e capazes, ela cria não apenas clubes, fundações e comissões, mas também partidos políticos e associações prontas para cumprir seus objetivos.

No final de 1993, foram criadas duas associações políticas, empenhadas em atingir os objetivos maçônicos. Estes são os blocos eleitorais "A Escolha da Rússia" (mais correctamente, a principal escolha do mundo nos bastidores) e "Yavlinsky - Boldyrev - Lukin" ("Yabloko" é a escolha de reserva do mundo nos bastidores). A "Escolha da Rússia", por exemplo, foi fundada por líderes e membros de formações maçônicas e anti-russas influentes como o Clube Magisterium (A. Yakovlev), o Clube Interação (E. Gaidar, P. Filippov) e o Grande Europa. comissão (G. Burbulis, G. Yakunin, A.

Chubais). Seus ativistas eram antigos quadros de agentes de influência A. Shabad, L. Ponomarev, S. Kovalev e outros.

Ligada aos centros mundialistas no estrangeiro, esta organização recebeu todo o seu apoio. Mais uma vez, "muito dinheiro faz história". Só para a campanha de Dezembro de 1993, a Escolha da Rússia recebeu cerca de 2 mil milhões de rublos, uma parte significativa dos quais foi fornecida pelo mundo nos bastidores (através de várias estruturas comerciais intermediárias). Para dar voz aos planos anti-russos de Gaidar, Burbulis, Chubais, Kozyrev, Poltoranin e outros como eles e dar-lhes uma aparência decente, centenas de especialistas americanos "trabalharam" para filmar filmes e vídeos especiais. A mídia ocidental e as agências de inteligência fizeram todos os esforços para apoiar os protegidos do governo mundial, mas ainda assim falharam.

Menos foi gasto na opção alternativa para escolher o backstage global "Yavlinsky – Boldyrev – Lukin", mas ainda assim a maior parte de todas as despesas do Yabloko foi financiada pelo exterior [425 [1]. Apenas Lukin trouxe pessoalmente 10 milhões de rublos dos EUA para esses fins.

O fracasso da Escolha da Rússia fez do bloco Yavlinsky o novo favorito do governo mundial. Desde 1996, os mesmos meios de comunicação ocidentais e democráticos russos, especialmente o programa de TV "Itogi" no canal NTV (patrocinado pelo Presidente do Congresso Judaico Russo, membro da Ordem B'nai B'rith, banqueiro Gusinsky [426]), obedientes à batuta de um maestro invisível, reorientaram-se da "Escolha da Rússia" para o bloco Yavlinsky e levaram a cabo um processamento obsessivo de mentes e a criação de uma imagem vencedora de G.

Yavlinsky. As empresas ocidentais fizeram um filme sobre a vida deste vigarista político, que serviu fielmente tanto a Gorbachev como a Ieltsin.

É claro que as tarefas que o mundo nos bastidores impõe aos atuais e futuros líderes da Rússia são colossais. Na agenda está um programa para o desmembramento da Rússia e a transferência de vários territórios russos para estados estrangeiros: a região de Kaliningrado - Alemanha, parte da região de Leningrado e Carélia - Finlândia, parte da região de Pskov - Estônia, uma série dos territórios do Extremo Oriente - Japão, grande parte da Sibéria - EUA.

Mesmo a questão da possível ocupação da Rússia sob o pretexto do controlo da "comunidade mundial" (mais correctamente, do governo mundial) sobre os seus arsenais nucleares está a ser definitivamente explorada.

Como primeiro passo para a implementação destes planos extremos e perigosos do mundo nos bastidores, começou o desenvolvimento maçónico da ideia da chamada Europa sem fronteiras, ou Grande Europa. Em Junho de 1992, sob o "tecto" do Conselho da Europa e sob o patrocínio da sua Secretária-Geral Catherine Lalumiere, realizou-se o colóquio "Direitos Sociais do Cidadão Europeu", que na verdade foi um evento puramente maçónico, que teve como objectivo unir a Maçonaria sob o lema "Europa sem fronteiras". Como ficou claro no programa, os organizadores do evento foram o Grande Oriente da França, a Grande Loja da França, a Grande Loja da Turquia, a Grande Loja Simbólica da Espanha, a Grande Loja Simbólica de Memphis e Misraim, a Grande Loja da Itália e uma série de outras organizações maçônicas. Os maçons russos também estiveram representados no colóquio. Entre os convidados da Rússia para o programa estavam A. Sobchak, [427] .

Um ano depois, uma nova reunião maçônica internacional foi convocada com quase a mesma composição. Nas suas reuniões, é desenvolvido um documento que estabelece a Conferência Maçónica Europeia e o seu comité de trabalho, que representa os líderes de todas as lojas participantes, incluindo o Grande Oriente da Rússia. Surge assim um único órgão de coordenação das principais lojas maçónicas do Ocidente e do Leste da Europa, que estabeleceu como objetivo a criação de uma "Europa sem fronteiras". No âmbito deste movimento, foi criada a comissão "Grande Europa", que incluía muitos maçons europeus proeminentes: o prefeito de Paris J. Chirac, o presidente da Internacional Liberal Conde O. Lambsdorff, seu vice W. Schottli, o ex- O primeiro-ministro da Bélgica W. Martens, o ex-ministro da Defesa britânico D. Patty e outros.Da Rússia, funcionários proeminentes como A. Chubais, E. Ambartsumov, G. Sidorova (conselheiro de Kozyrev), G. Burbulis, K. Borovoy, A. Sobchak, V. Tretyakov (editor-chefe da Nezavisimaya Gazeta), G. Yakunin (ex-padre, deputado da Duma). Como resultado do trabalho da comissão, a Carta da Grande Europa foi adotada em 21 de dezembro de 1993. [428] , que é um exemplo típico de criatividade maçônica. Uma leitura atenta deste documento único permite-nos ver por trás dos habituais argumentos maçónicos sobre liberdade, democracia e paz os verdadeiros objectivos perseguidos pelos bastidores maçónicos em relação à Rússia.

Em primeiro lugar, o objectivo é privá-lo da sua identidade nacional, arrastando-o para a esfera da "adesão aos princípios europeus de liberdade e democracia", o principal dos quais é o princípio do individualismo, que é absolutamente estranho à Rússia. "Há algo em comum", dizem os sábios

maçónicos, “que dá a esta diversidade características peculiares à Europa: o desejo de individualismo e pluralismo, a luta por estes valores, que, em circunstâncias favoráveis, levaram ao sucesso”. Os princípios ocidentais oferecidos ao povo russo como modelo são na verdade uma expressão de degradação espiritual e, no seu conteúdo interno, são incomensuravelmente qualitativamente inferiores aos valores espirituais da Ortodoxia e da coletividade conciliar, professados pelo nosso povo durante um milénio. Além disso, é claro que os ideólogos maçônicos entendem isso muito bem e incluem na carta a ideia da necessidade de combater todos os dissidentes - “nacionalismo agressivo” (ou seja, todos aqueles que discordam da ideia de um “Maior Europa”) e o fundamentalismo religioso (incluindo nele tanto o Islão como a Ortodoxia, aqueles que discordam toleram a hidra do pluralismo).

Espera-se que uma espécie de grande carta seja desenvolvida como uma constituição para a “Grande Europa”, que deverá prever a criação de superestruturas supranacionais, uma espécie de governo pan-europeu que monitoriza o cumprimento das leis e controla o poder, que para a Rússia significará uma perda completa de independência.

A Carta da Grande Europa prevê a mesma perda de independência da Rússia no domínio económico. Como ponto de partida para a implementação da ideia de um Grande Mercado Europeu, propõe-se, em primeiro lugar, a criação de uma comunidade energética comum da “Grande Europa”. A Europa Ocidental, como sabemos, tem muito poucos recursos energéticos, o que significa que estamos a falar de que a Rússia fornece recursos energéticos baratos à Europa. Em segundo lugar, a Carta apela a uma rápida liberalização do comércio. Nas atuais condições de relação desigual entre o rublo e as moedas ocidentais, e também devido à falta de controle efetivo sobre a qualidade dos produtos na Rússia, isso levará, por um lado, ao bombeamento de tudo de valioso que nosso país tem para o Ocidente e, por outro lado, irá sobrecarregá-lo com o dumping de bens de segunda categoria, produtos de baixa qualidade e até prejudiciais que não são vendidos no Ocidente.

E, por último, o papel que o mundo dos bastidores atribui à Rússia na geopolítica é extremamente pouco invejável, propondo torná-la uma espécie de bastião contra a Ásia, opondo-a a todo o mundo asiático. Para o efeito, é celebrado um pacto militar de segurança conjunta (incluindo, além da Europa Ocidental, os EUA e o Canadá). Além disso, pretende “proteger o comum europeu (leia-se, ocidental. - *O.P.)*interesses de segurança, incluindo

não apenas uma ameaça militar, mas também todo um conjunto de desafios de natureza civilizacional". Considerando a localização geográfica da Rússia, isto significa que o Ocidente não só procura transformar a Rússia num instrumento de contenção militar na Ásia, mas também arrastar o nosso país para uma luta com outras civilizações, aliás, que estão mais próximas de nós em sua espiritualidade. Para implementar o projecto "Grande Europa", o mundo nos bastidores precisará de fazer mudanças tectónicas na consciência do povo russo. Portanto, em sua essência, seu projeto é utópico. Mas será que isso significa que ela o recusará, acreditando apenas que "muito dinheiro faz história"?

Capítulo 27

Nos bastidores do mundo: Maçons e a CIA. — Atividades de inteligência dos maçons livres. — Centros de espionagem e recrutamento de agentes. — Golpes financeiros e econômicos dos maçons. — Novos favoritos russos do "governo mundial". — A. Lebed no Conselho de Relações Exteriores. — Juramento ao mundo nos bastidores. — Penetração no movimento patriótico.

A conspiração maçónica tornou-se o protótipo para as actividades de muitos serviços de inteligência ocidentais modernos e, acima de tudo, da CIA e da Mossad.

"Envolver as autoridades" com uma rede de seus funcionários e agentes de influência, utilizando chantagem, suborno, intimidação e difamação de seus oponentes foram incluídos no arsenal dessas organizações relacionadas, perseguindo os objetivos comuns de estabelecer um "novo" judaico-maçônico. ordem mundial. A fusão da liderança das lojas maçónicas, das organizações mundialistas e dos serviços de inteligência ocidentais tornou-se a regra de vida destas comunidades. No período pós-guerra, não conheço um único exemplo em que o chefe de um serviço de inteligência ocidental não fosse simultaneamente membro de uma série de lojas maçónicas e organizações mundialistas. Um exemplo clássico disto é o inimigo ideológico do povo russo, o fundador e chefe de longa data da CIA, A. Dulles. Depois de se tornar chefe da CIA, Dulles permaneceu como diretor do Conselho de Relações Exteriores e um maçom ativo até o fim da vida.

O credo das atividades da CIA formulado por Dulles foi definido como 10%. inteligência convencional (coleta e transmissão de informações) e 90

por cento. trabalho de demolição [429] . Foi precisamente este princípio das actividades da CIA que as organizações maçónicas e mundialistas utilizaram com mais frequência contra a Rússia. O famoso discurso de A. Dulles no Conselho de Relações Exteriores com um programa monstruoso de trabalho subversivo contra a Rússia e a corrupção da sua juventude é bastante natural no quadro deste princípio. Dos 29,1 mil milhões de dólares atribuídos pelo governo americano em 1999 às actividades da CIA, segundo especialistas, cerca de 9 mil milhões de dólares, ou seja, quase um terço, são gastos em operações subversivas na Rússia e nas antigas repúblicas da URSS. Alguns destes fundos são utilizados através de organizações de fachada para apoiar gangues na Chechénia e noutras regiões do Cáucaso e da Ásia Central.

Em 1997, durante minhas viagens aos países latino-americanos, conheci um ex-funcionário da CIA de origem russa, vou chamá-lo de R. Ao mesmo tempo, R. especializou-se nas operações subversivas secretas do governo americano contra a Ortodoxia Russa [430] . O homem sinceramente arrependido contou-me muitas coisas interessantes sobre alguns dos métodos de trabalho da CIA que ele conhecia.

As agências de inteligência americanas, em muitos casos, consideram os maçons um apoio confiável no seu trabalho secreto. Através da “ligação fraterna” estabelecem-se relações com as pessoas necessárias.

Em igualdade de circunstâncias, na seleção dos agentes é dada preferência aos maçons livres e aos membros das suas famílias. As lojas maçônicas servem não apenas como reservatório de pessoal, mas também como uma espécie de fiador da confiabilidade de um determinado funcionário.

Nos países da Europa Oriental, especialmente na Polónia e na República Checa, disse-me R., a organização de lojas maçónicas serviu como a primeira etapa na criação de uma rede de inteligência da CIA. Os maçons - funcionários desta organização - montam lojas, olham mais de perto os seus novos irmãos, atraindo-os gradualmente para o seu trabalho subversivo. O futuro Presidente da República Checa, V. Havel (33°), por exemplo, formou uma série de lojas maçónicas compostas principalmente por jornalistas, escritores e professores universitários, alguns dos quais foram posteriormente recrutados pela inteligência americana. Técnicas semelhantes, disse R., foram usadas na URSS.

Em 1987-1988, os maçons da CIA criaram a Comunidade dos Maçons Russos em Paris, unindo em suas fileiras cerca de 50 maçons de ritual predominantemente escocês. O órgão da CIA, Rádio Liberdade, começa a transmitir regularmente apelos para que os cidadãos da URSS se juntem às

lojas maçónicas. Um dos principais redutos de recrutamento da CIA, segundo R., está se tornando a Loja A. S. Pushkin" [431]).

Foi esta loja e a associação “A. S. Pushkin" tornou-se o iniciador da criação de uma série de outras lojas, e em particular a já mencionada loja "Novikov" (Moscou), bem como "Esfinge" (São Petersburgo), "Geometria" (Kharkov). Contando com o sólido apoio financeiro da CIA, os maçons livres do ritual escocês estenderam os seus tentáculos para as províncias. Hoje se sabe da existência de lojas rituais escocesas em Nizhny Novgorod, Voronezh, Kursk, Orel, Tula, Novosibirsk, Vladivostok, Kaliningrado, Rostov-on-Don e até em Novocherkassk. Em 1992-1996, várias lojas rituais escocesas foram formadas no exército e nas tropas internas (a existência de duas é conhecida com segurança).

Eles consistem principalmente de oficiais médios e superiores. Segundo alguns relatos, desde meados dos anos 90 funciona uma loja maçônica, intimamente associada à A. S. Pushkin”, composto por oficiais do Ministério da Defesa e do Estado-Maior General.

Embora tenham sido principalmente os Maçons Rituais Escoceses que trabalharam sob o teto da Grande Loja da França que “iluminaram” suas conexões com a CIA, a comunidade de inteligência ocidental não atribuiu menos importância ao desenvolvimento das lojas do Grande Oriente de França. Não foi à toa que o organizador das lojas desta ordem na Rússia se tornou o “amigo da América” A. Combe, conhecido por suas ligações com a inteligência americana. Juntamente com seu companheiro de armas J. Orefis, ele treinou várias dezenas de pedreiros para trabalhar nas profundezas da Rússia. A loja Grigory Vyrubov em Paris tornou-se uma espécie de centro de treinamento para treinamento de pessoal para a Rússia. A liderança desta loja anuncia regularmente nos jornais e na rádio sobre a sua disponibilidade para aceitar novos candidatos a maçons. Seguindo as lojas “Estrela do Norte” (Moscou, 1991) e “Rússia Livre” (Moscou, 1992), o Grande Oriente da França compromete-se a recriar as lojas desta ordem em São Petersburgo,

O trabalho é realizado em segredo; os novos irmãos são obrigados a guardar segredos maçônicos não só dos outros, mas até dos familiares.

Em junho de 1996, a pousada Aurora foi registrada em Moscou, destinada especificamente a estrangeiros que vivem na Rússia. Seu representante V. Novikov afirmou que a loja se esforçará para influenciar a vida pública da Rússia no espírito maçônico. Os maçons russos modernos, disse V. Novikov, “são principalmente intelectuais: professores, jornalistas, oficiais” [432] .

Segundo o ex-oficial da CIA R., os Rotary Clubs também desempenham uma função semelhante à da Maçonaria. Reunindo especialistas, líderes empresariais, instituições governamentais e públicas, o Rotary é um local ideal para coletar informações de inteligência, pois opera entre os proprietários delas. R. tem numerosos exemplos de quando, por meio de Rotary Clubs que operam em 156 países e reúnem 1,2 milhão de pessoas, a inteligência americana recebeu as informações de que precisava. Na maioria das vezes, isto é realizado no âmbito do chamado serviço à comunidade global. Os rotarianos entendem este “serviço” como “atividades internacionais que oferecem aos clubes a oportunidade de cooperar com um ou mais clubes estrangeiros e trocar informações, experiências, equipamentos, especialistas, [433] .

Em 1996, havia cerca de 30 Rotary Clubs na Rússia [434] . Durante a década de 90, além dos clubes que já mencionei em Moscou e São Petersburgo, surgiram organizações rotárias em Irkutsk, Kiev, Dubna, Yakutsk, Magadan [435], Khabarovsk, Vladivostok, Novosibirsk, Krasnoyarsk, Barnaul, Kemerovo, Yekaterinburg , Angarsk . O movimento rotariano é governado pelos EUA. Sua sede está localizada em Evanston, Illinois. Membros indispensáveis do Rotary são os presidentes americanos (começando com Taft) e chefes da CIA (começando com A. Dulles).

O estabelecimento de relações oficiais entre o regime de Yeltsin e a Ordem de Malta e a entrada nele pessoalmente de Yeltsin e de muitas figuras da sua comitiva, em particular S. Filatov, B. Berezovsky, V. Yumashev, V. Kostikov, R. Abramovich e outros, abriram as portas aos seus numerosos emissários. Um ramo dos católicos malteses surge em São Petersburgo. Foi fundada por V. Feklist, “autorizado pelo Parlamento Mundial da Ordem dos Cavaleiros de Malta” [436] .

Além da Ordem Católica de Malta, a “Ordem Ortodoxa de Malta”, fundada pelo Arcebispo Makarios, opera em São Petersburgo. A ordem é dirigida a partir de Londres e conta com o apoio financeiro de ricos maçons gregos nos Estados Unidos. De acordo com relatos da imprensa, sua filial em São Petersburgo inclui intelectuais da Casa e Universidade Pushkin; a residência está localizada na Vila Velha. Ao mesmo tempo, os “malteses ortodoxos” até reivindicaram o Mosteiro Zelenetsky perto de Volkhov [437] .

A Maçonaria Islâmica se destaca de outras lojas e associações maçônicas na Rússia moderna. Pouco se sabe sobre ele. A maior parte da informação dispersa sobre a loja “Jovem Turquia” foi criada com base nas formações maçônicas que existiam na Turquia desde o final do século XIX - início do

século XX. Geneticamente, estas associações estão relacionadas com o Grande Oriente da França. Sabe-se também que os maçons russos do início do século XX visitaram essas associações (A. Guchkov, M. Margulies, etc.). Após a Segunda Guerra Mundial, aparentemente não sem a participação dos serviços de inteligência dos EUA e da NATO, as actividades destas associações, e especialmente da Jovem Turquia, foram reorientadas dos problemas internos para a implementação das ideias do Grande Turan - a criação de um estado turco místico global baseado em princípios maçônicos, atração pelas terras turcas pertencentes à Rússia-URSS, incluindo os territórios muçulmanos do Cáucaso (Azerbaijão, Chechénia, Daguestão), Ásia Central e região do Volga. Antes do colapso da URSS, o principal objectivo dos maçons da "Jovem Turquia" e organizações semelhantes era "construir pontes" com a intelectualidade nacional destas regiões com a "perspectiva do seu maior envolvimento no trabalho maçónico". Com grandes recursos financeiros, a "Jovem Turquia" obteve um sucesso notável na promoção da ideia delirante do Grande Turan.

Em particular, G. Dzhemal, mais tarde presidente do Comitê Islâmico da Rússia, tornou-se o animal de estimação desta organização maçônica. No início dos anos 90, os líderes das gangues chechenas D. Dudayev (e mais tarde A. Maskhadov), os presidentes do Tartaristão e da Inguchétia M. Shaimiev e R. Aushev tornaram-se membros da loja. O Presidente do Azerbaijão G. Aliyev também mantém laços com esta loja (sem ser membro). A presença de tantas pessoas de alto escalão é explicada não apenas pelo significado maçônico desta loja, mas pelo peso político das forças que iniciam as suas atividades e financiam os projetos anti-russos dos seus membros.

Os negócios de Chubais estão diretamente relacionados com as maquinações de J. Soros, cujos interesses são representados por B. Jordan, que na verdade administra o grupo ONEXIMBANK-MFK, que é apoiado pelo capital judeu anglo-americano. Chubais tinha um negócio conjunto com Bonde-Nielsen, um grande maçom, proprietário de uma empresa de construção naval, que foi condenado por fraude e responsabilizado criminalmente [445] . Sabe-se que Chubais coopera (com a sua assistência pessoal, Yeltsin assinou documentos que apoiam o negócio criminoso) com estruturas mafiosas do Extremo Oriente envolvidas no contrabando de valiosos frutos do mar para o Japão. A fraude financeira de Chubais com compensação ao Fundo Nacional do Desporto (Sh. Tarpishchev), que recebeu quase 33 biliões não denominados do orçamento do Estado, recebeu ampla ressonância. esfregar.

“Cortando a pedra bruta da Rússia”, quase todos os principais maçons russos que conheço acumularam enormes fortunas pessoais com os infortúnios da nossa pátria. Além dos maçons já listados acima, sucesso especial neste campo, segundo periódicos, foi alcançado por: Comandante da Ordem de Malta B. Berezovsky (riqueza pessoal de mais de US$ 1 bilhão), membro da B'nai B' rith e Rotary Club V. Gusinsky (pelo menos 800 milhões de dólares), consultores da Comissão Trilateral e do Conselho de Relações Exteriores V. Chernomyrdin e R. Vyakhirev (cerca de 1 bilhão de dólares cada), membro do Rotary Club Yu. Luzhkov (300–400 milhões de dólares).

De acordo com dados publicados em jornais suíços, italianos e americanos em Agosto-Setembro de 1999, a maioria dos empréstimos do Fundo Monetário Internacional ascendeu a pelo menos 15 mil milhões de dólares. - foram roubados pelo comandante da Ordem de Malta B. Yeltsin, sua filha e seu círculo mais próximo (A. Chubais, A. Livshits, O. Soskovets, V. Potanin) [446 [1] .

Este dinheiro foi bombeado através de zonas offshore criadas por uma figura famosa do movimento maçónico, o antigo chefe do FMI da Rússia, K. Kagalovsky, em Chipre, Gibraltar e Zurique.

Entre os principais pontos de trânsito na implementação desta fraude internacional estava um dos maiores bancos americanos - o Bank of New York, cujos quatro principais líderes - T. Reni, D. Bacot, R. Gomery e M. Moose - estavam no Conselho de Relações Exteriores. Assim, a operação foi realizada não sem o conhecimento do mundo nos bastidores. A gestão operacional da transferência de fundos para o exterior foi realizada pela esposa de Kagalovsky, que atua como uma das diretoras executivas do Bank of New York. Uma parte significativa do dinheiro roubado foi colocada em títulos de empresas americanas. Aparentemente, o associado mais próximo e amigo de Kagalovsky, o presidente do Conselho Unido da Yukos e chefe do Banco Menatep, M. Khodorkovsky, participou da fraude.

Em 1993, numa reunião mundial nos bastidores do Fórum Económico Mundial em Davos, M. Khodorkovsky foi incluído na lista dos 200 representantes da humanidade cujas atividades influenciarão o desenvolvimento do mundo no terceiro milénio. Atolados em fraudes financeiras e roubos diretos, os líderes maçônicos internacionais e russos estão confiantes na superioridade da civilização judaico-maçônica.

No dia 18 de novembro, Lebed foi recebido no Conselho de Relações Exteriores. A reunião com ele durou cerca de 5 horas. O general foi apresentado aos presentes por G. Kissinger, D. Rockefeller, Z. Brzezinski, o

ex-embaixador americano em Moscou, oficial de inteligência de carreira D. Matlock, D. Simes participou ativamente da discussão. Os líderes mundiais nos bastidores avaliaram a personalidade do general como um candidato ao cargo de Presidente da Rússia. No seu discurso no Conselho, Lebed garantiu ao "governo mundial" que considera necessário continuar as reformas iniciadas por Yeltsin, aprova a política externa centrada no Ocidente do actual governo e a "cooperação com a NATO sem histeria", e defende a destruição final das "tradições imperiais e anti-semitas" da Rússia. Em resposta à questão de saber se estava pronto para combater especificamente o anti-semitismo na Rússia, o general respondeu "fortemente afirmativamente".

Lebed também concordou com a possibilidade de a OTAN ter a tutela das instalações nucleares da Rússia.

No dia seguinte, o General Lebed participou numa reunião da Organização Judaica Mundial, na qual mais uma vez assegurou aos líderes judeus a sua disponibilidade para lutar contra as "tradições imperiais e anti-semitas" da Rússia e apelou aos participantes para o apoiarem como candidato para a presidência da Rússia. Em todas as reuniões e encontros entre Lebed e a elite americana, foi discutida a questão da assistência financeira ao futuro candidato à presidência da Rússia. Segundo o jornal ortodoxo, em 1999 Lebed visitou a maior loja maçônica francesa, o Grande Oriente. Com sua participação, foi realizado um antigo ritual, após o qual ele recebeu distintivos honorários maçônicos [447] .

R. Lebed não é a única figura política usada pelo mundo nos bastidores para influenciar o movimento patriótico russo. Segundo informações que recebi do ex-funcionário da CIA já mencionado acima, na segunda metade dos anos 80 e início dos anos 90, esta organização subversiva destinou centenas de milhões de dólares para conduzir operações especiais no movimento patriótico russo [448], incluindo o recrutamento de agentes e a introdução do seu povo em organizações patrióticas e, acima de tudo, nos círculos de figuras patrióticas proeminentes. Segundo o meu informante, através de engano, suborno e chantagem, a CIA conseguiu persuadir um punhado de traidores que desempenhavam um certo papel em organizações patrióticas, bem como em algumas revistas e jornais patrióticos em Moscovo, São Petersburgo, Kiev, Minsk, Nizhny Novgorod e Novosibirsk, para cooperarem. Como o meu informante, que esteve presente em diversas reuniões e colóquios da CIA, conseguiu compreender, uma parte significativa destes renegados [449] foi selecionado entre ex-emigrantes da

terceira onda associados a organizações como NTS, Radio Liberty, que já haviam colaborado com a CIA. Assistência notável na infiltração de organizações patrióticas russas foi fornecida pelos chamados Maçons Ortodoxos, que continuam as suas atividades nos Estados Unidos na Igreja Ortodoxa de jurisdição americana. Além disso, a CIA nem sempre efectuou o recrutamento directamente. Na maioria das vezes, isto foi feito através de organizações e fundações públicas financiadas pela CIA.

Os principais objectivos da CIA em relação ao movimento patriótico russo eram: -introduzir instabilidade, contradições, colocar os líderes uns contra os outros; — espalhar rumores desacreditadores sobre patriotas russos de autoridade; - realizar ações que contribuíram para a divisão e fragmentação das organizações patrióticas, desacreditando os líderes do movimento que têm a capacidade de unir forças patrióticas significativas em torno de si; - a criação de organizações falsas nas suas tarefas, destinadas a dividir o movimento patriótico, trazer-lhe confusão e substituir os seus verdadeiros objetivos.

Se traduzirmos as expressões e formulações astutas de Z. Brzezinski do judaico-maçônico para a linguagem humana normal, a ideia principal de seus últimos discursos é destruir a Rússia como um país que não pode ser refeito em uma "democracia do tipo ocidental". ", incapaz, devido à sua estrutura espiritual e moral interna, de se integrar na civilização judaico-maçônica. Para Brzezinski e outros ideólogos do mundo nos bastidores, a Rússia é um "buraco negro" hostil ao mundo ocidental. Criticando com razão e claramente desprezando o regime criminoso e corrupto de Iéltzin, atolado em roubo e corrupção, Brzezinski não acredita na sua capacidade de controlar o desenvolvimento da Rússia numa direção que agrade ao Ocidente; Brzezinski também é cético em relação aos possíveis sucessores de Iéltzin, que não são menos atolado em roubo do que ele e na corrupção - Chernomyrdin, Kiriyenko, Nemtsov, Luzhkov, Primakov, [453] . Mas um corvo não arrancará os olhos de um corvo. Mason Brzezinski não propõe levar o comandante da Ordem de Malta Yeltsin e sua equipe maçônica ao tribunal criminal, mas considera seu roubo e corrupção uma propriedade inata da Rússia. Portanto, propõe acabar de uma vez por todas com a Rússia como conceito geográfico, político e espiritual, dividindo-a em vários estados fantoches sujeitos ao Ocidente e ao mesmo tempo transferindo parte dos seus territórios para os estados da União Europeia, Turquia, Japão e até China.

Uma das principais tarefas do mundo nos bastidores é a destruição dos governos nacionais e o estabelecimento de regimes governantes judaico-maçónicos em seu lugar. Durante os últimos 150 anos, todos os países da Europa Ocidental perderam os seus governos nacionais e são governados por elites cosmopolitas e judaico-maçónicas, muito distantes dos interesses nacionais da grande maioria dos franceses, alemães, ingleses, belgas e outros povos da Europa Ocidental. . A comédia das eleições de dois ou três partidos essencialmente idênticos cobre com uma folha de figueira a mais brutal ditadura do governo mundial secreto e do capital judaico internacional, defendendo firmemente a linha de um punhado de líderes judeus para a dominação mundial do povo “escolhido” .

Os planos para a bárbara agressão armada do Ocidente contra a Jugoslávia foram desenvolvidos em reuniões do Conselho de Relações Exteriores e da Comissão Trilateral. Foram estes órgãos que tomaram a decisão política de “punir” o povo sérvio ortodoxo por violar as “regras do jogo” do mundo nos bastidores. A principal falha dos sérvios, do ponto de vista do mundo nos bastidores, é considerada a sua firmeza na defesa dos interesses nacionais do seu povo, sendo o principal deles a preservação da Ortodoxia e da integridade territorial. Aos olhos dos líderes mundiais nos bastidores, o povo sérvio é o maior herege, uma vez que é o único povo europeu que conseguiu manter um governo nacional que encontrou a força e a coragem para resistir aos ditames do mundo por trás- as cenas.

A agressão armada dos Estados Unidos e dos seus satélites da NATO na Jugoslávia, em Abril-Junho, foi uma operação punitiva do mundo nos bastidores, uma das etapas no estabelecimento de uma “nova ordem mundial”. Como resultado desta operação, milhões de pessoas ficaram feridas, dezenas de milhares foram mortas durante os bombardeamentos (incluindo o uso de armas proibidas pelas convenções internacionais) e uma grande parte da economia jugoslava foi destruída. O mundo nos bastidores pisoteou as normas aceites do direito internacional e das convenções da ONU, declarando, de facto, oficialmente a força como o principal instrumento das relações internacionais.

A entrada de tropas da NATO numa parte significativa do território da Jugoslávia é a própria ocupação deste país, visando a sua destruição gradual com a transferência de território para estados vizinhos.

Um dos líderes da “nova ordem mundial”, J. Soros, no seu artigo “Enfraquecendo Fronteiras” [454] um mês após o fim do bombardeamento da NATO, afirmou que “Os Balcãs não podem ser reconstruídos com base em

Estados-nação". ." Na sua opinião, para pôr fim à condição de Estado nacional dos países do Sudeste Europeu, é necessário colocá-los sob o protectorado da União Europeia, que "deve estender o seu guarda-chuva por toda a região". Espera-se que sejam estabelecidas novas fronteiras para todos os países dos Balcãs, incluindo a Jugoslávia (sem o Kosovo), a Albânia, a Roménia e a Bulgária. Em todos estes países propõe-se a eliminação das alfândegas, a desregulamentação da economia, a destruição das moedas nacionais e a introdução do euro ou do marco alemão.

Idéias semelhantes são perseguidas em documentos do Conselho de Relações Exteriores. No programa "Reconstrução dos Balcãs", desenvolvido em nome do Conselho por um membro deste conselho, o Presidente do Carnegie Endowment M. Abramovich, a Jugoslávia não está no mapa da Europa.

De acordo com este programa, a "reconstrução" dos Balcãs será realizada no contexto de "uma poderosa presença militar da NATO nas suas bases de longo prazo na Albânia, Bósnia, Macedónia e Kosovo. Como resultado da reconstrução, os seguintes estados permanecerão no mapa dos Balcãs: Albânia, Kosovo, Roménia, Sérvia, Croácia e Montenegro." A operação para redistribuir fronteiras e destruir estados nacionais nos Balcãs é considerada pelo Conselho de Relações Exteriores e outras organizações globais de bastidores como um campo de testes para o desmembramento da Rússia e a destruição do seu Estado. Apoio secreto a gangues anti-russas na Chechênia, Daguestão e outros territórios do Cáucaso, realizado pelo governo americano através dos regimes da Arábia Saudita, Paquistão, Turquia, Azerbaijão e Geórgia,

O ano de 1999 trouxe um novo alinhamento na elite judaico-maçónica que governa na Rússia. O desrespeito dos russos por esta elite só é rivalizado pelo seu ódio por ela. Nestas condições, há uma mudança dentro da elite dominante, do clã criminoso-cosmopolita Yeltsin-Chernomyrdin-Chubais-Berezovsky para um novo e não menos criminoso clã de Luzhkov-Primakov-Gusinsky-Yavlinsky perante o povo russo. Este novo clã é chamado a unir todas as forças anti-russas dentro do país, enriquecidas pela dor e sofrimento dos nossos compatriotas. Ao contrário do antigo clã, que chegou ao poder principalmente com base nos slogans cosmopolitas de "democracia" e "liberdade", o novo clã vai usar a carta patriótica e jogar com o ódio justo das pessoas comuns pelo regime de Yeltsin.

A segunda coisa que é importante notar para a compreensão do poder maçónico moderno é que as estruturas judaico-maçónicas de hoje não são

um monólito, mas consistem num número de clãs que lutam entre si por poder e dinheiro. Mesmo no chamado governo mundial - o Conselho de Relações Exteriores, a Comissão Trilateral e o Clube Bilderberg - há uma luta contínua entre clãs judaico-maçónicos, ordens de vários rituais e centros regionais de poder. Esta luta é claramente ilustrada pelos acontecimentos de hoje na Rússia, onde apoiantes da Ordem de Malta e da Maçonaria Americana (Yeltsin, Berezovsky, Abramovich), B'nai B'rith e da Maçonaria Judaica (Gusinsky, Friedman, Khodorkovsky, Yavlinsky), o Grande Oriente da França e Maçonaria Europeia (Luzhkov, Primakov, Yakovlev).

Na Rússia de hoje existem mais de 500 lojas maçônicas e organizações do tipo maçônico (sem incluir organizações ocultistas e ramos da Igreja de Satanás). Suas atividades são estritamente secretas e fechadas. A maioria deles não está registrada junto às autoridades, observando conspiração e sigilo maçônico. As próprias lojas maçônicas, realizando os rituais tradicionais dos maçons livres, representam não mais que um terço do número acima.

As lojas do ritual escocês são consideradas a parte mais "respeitável" da Maçonaria Russa; a maioria delas é organizada por mestres da Grande Loja da França. As atividades dessas lojas são realizadas de acordo com documentos antigos, observando plena continuidade com as instituições maçônicas dos séculos XVIII a XX. Em 1998, antigas lojas russas do ritual escocês como "Astraea", "Hermes", "Northern Lights", etc. foram retomadas, novas lojas foram organizadas - "Pushkin", "Novikov", etc. Scottish Rith" lodge "Astrea" do século XVIII e o alojamento de emigrantes "Astrea" dos anos 20-30 do século XX.

O Grande Oriente da França retomou as atividades das lojas maçônicas na Rússia, focadas na russofobia militante e na impiedade, e sobretudo da loja Rússia Livre, que, segundo nossas informações, reúne, em particular, vários deputados da Duma, oficiais do Estado-Maior e FSB.

No sistema da Maçonaria Nacional Alemã, a loja maçônica russa "Grande Luz do Norte" está sendo recriada, funcionando de acordo com os documentos rituais da loja maçônica emigrante de mesmo nome.

De acordo com alguns relatos, várias lojas da Maçonaria Americana (Ritual de York) estão surgindo em Moscou e São Petersburgo. Estão sendo feitas tentativas de enraizar a Ordem dos Shriners em solo russo.

Além dos rituais listados acima, que são reconhecidos no mundo maçônico, são criadas lojas maçônicas "caseiras" (como a "Loja Nacional Russa"), que não são reconhecidas pelos verdadeiros maçons.

Em geral, de acordo com nossas estimativas aproximadas, o número de membros de todas as lojas maçônicas na Rússia é de pelo menos duas mil pessoas.

Um número muito maior de membros (pelo menos 10 mil) está listado na chamada Maçonaria Branca - organizações do tipo maçônico que não usam os rituais tradicionais dos maçons, mas aceitam os princípios de vida maçônicos e são dirigidos, via de regra, por verdadeiros maçons. O primeiro lugar aqui é ocupado por membros de Rotary Clubs (há várias dezenas deles na Rússia). Muito características da "Maçonaria branca" são organizações como a Ordem da Águia, o Magistério, a Reforma, a Interação, o Clube Russo Internacional e os clubes da Fundação Soros. Os activistas da "Maçonaria branca" consideram-se o "povo escolhido" (elite), que tem direitos especiais para dominar outras pessoas. O trabalho subversivo anticristão e anti-russo destas organizações é estritamente fechado e secreto.

DICIONÁRIO DOS MAÇONS DOS SÉCULOS XVIII-XIX (antes do reinado de Nicolau II) [457]

Adadurov V.E., um maçom de meados do século 18, foi cercado pelo Hetman da Pequena Rússia K. Razumovsky - 3.

Adam Lev Alexandrovich, cidadão eminente, loja da "Chave da Virtude" (1821.3o)-3.

Adintsov Evstafiy Stepanovich, major-general, caixa de Netuno (década de 1780, 3 o) - 3.

Adlerberg , coronel, ajudante do Grão-Duque Nikolai Pavlovich, loja "Lealdade" (of., 1821) - 3.

Adlerberg Vladimir Fedorovich, 1791-1884, conde, ministro da Corte e apanágios, diretor do gabinete do Ministério da Guerra (1833), um dos altos patronos de Dantes, a loja "Alexandra à Lealdade Militar" (fundada em 1802) -3, 17.

Aduevsky Peter, príncipe, major, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Ackermann Johann Ferdinand, alfaiate, Three Axes Lodge (1818–1819, 3 o) - 3.

Alexandre de Württemberg, Duque, General-em-Chefe, Governador Militar da Bielo-Rússia, Loja dos Amigos Unidos -14.

Alekseev D.L., conselheiro da corte, marechal provincial da província de Ekaterinoslav, loja "Amor à Verdade" (1818–1819, 1o)-1.

Alekseev Yakov, oficial, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) – 14.

Andrzejkovich , major-general, Loja da Águia Branca (São Petersburgo, 1821) - 3.

Andreevsky , Major General, Loja Militar, (São Petersburgo, 1821) - 3.

Andrey , arcipreste do Regimento Preobrazhensky dos Guardas da Vida, loja "Fidelidade" (São Petersburgo, década de 1760) –14.

Anedin Fedor, comerciante, loja "Palestina" (1818–1819, 3 o, D-b) - 3.

Anichkov Ivan Vasilyevich, coronel dos Guardas da Vida, loja "Alexandre à Lealdade Militar" (of., 1821) - 3.

Anselme de Gibory , major-general, Loja dos Amigos Unidos (1821) 3.

Antropov Nikolay, major, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) - 14.

Apraksin 3º , conde, coronel, loja das "Três Virtudes" (1821) - 3.

Apraksin Matvey, conde, oficial, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) – 14.

Apraksin Stepan Fedorovich, 1702 1758, marechal de campo, comandante-chefe do exército russo na Guerra dos Sete Anos, membro da loja alemã, celebrou um acordo com o rei Frederico III.

Apukhtin G.P., 1º tempo. Século XIX –15.

Arapov Pimen Nikolaevich, guarda de cavalaria corneta, caixa da Águia Russa (1818–1819, C) - 1.

Argamakov , ajudante-geral, participante do assassinato de Paulo I–3.

Argamakov A., oficial do regimento Preobrazhensky, participante do assassinato de Paulo I3.

Argamakov Vasily, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776, 1º P-k) - 2.

Arendt Nikolai Fedorovich, médico da divisão, conselheiro do tribunal, loja "St. São Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, 3 o) –1.

Arzhevitinov Ivan Semenovich, major, loja “Chave para a Virtude” (18181819, B) –1.

Arzhevitinov S.V., loja da “Coroa de Ouro” (S-k, 1784) - 3.

Arms-Hofen , barão, coronel, loja “Pedro à Verdade” (1821) - 3.

Arsenyev Alexander Vasilievich, 1788–1820, camareiro, diretor dos teatros de Moscou - 3.

Arsenyev Alexander Ivanovich, 1751-1840, atual conselheiro particular, camarada do ministro dos appanages 3.

Arsenyev Alexander Pavlovich, 18031844, chefe de polícia de Yaroslavl - 3.

Arsenyev Alexey Nikolaevich, 1790–1862, oficial do regimento Semenovsky - 3.

Arsenyev Andrey, tenente, caixa “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Arsenyev Vasily Sergeevich, 1829 1915, atual conselheiro particular, ingressou em 1850 (1857 ShM), irmão teórico (R) - 3.

Arsenyev Dmitry Nikolaevich, 1779–1864, loja dos “Amigos Unidos” (1817–1820) –1.3.

Arsenyev Pavel Mikhailovich, 17671820, atual conselheiro de estado, Loja da Águia Russa (18181819, 3º), PC da Loja dos Amigos Unidos, 2º VN, Diretor da Loja (1816) 3.

Arsenyev Sergey Nikolaevich, 18021860, apresenta “Três Virtudes”, “Buscadores do Maná” - 3.

Arsenyev Fedor Nikolaevich, 1775-1845, oficial do regimento Semenovsky, loja dos “Amigos do Norte” (1818–1819, 2o) - 3, 1.

Artemyev , secretário-chefe de Catarina P-3.

Oude de Sion Karl, coronel, loja dos “Amigos Unidos” (São Petersburgo, de 1802 M) –1.

Afonin Matvey, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Babaev Ivan Fedorovich, postmaster de Tula (1816–1820) - 3.

Babarykin Dmitry Lukyanovich, proprietário de terras, juiz de consciência no governo de Oryol (ChTGvOrlyo, 1788 1791)-3.

Babkin Pyotr Petrovich, major, líder distrital de Stavropol da nobreza, loja "Chave para a Virtude" (1821, 2nd St.) –1.3.

Bazhenov Nikolai Nikolaevich, 1857-1923, psiquiatra, iniciado na loja ritual escocesa (P-zh, 1884) –19.

Bazilevsky , coronel, loja do "Escolhido Miguel" (1821) - 3.

Baikov Sergei, coronel, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) 1.

Baklenovsky Ivan, tenente-coronel, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) 14.

Bakunin Vasily Mikhailovich, 17951863, coronel, membro do Welfare Union, participante na preparação do golpe dezembrista, Russian Eagle Lodge -3.6.

Bakunin Mikhail Aleksandrovich, 1814–1878, teórico anarquista, ideólogo do banditismo político, líder da Aliança dos Irmãos Internacionais -10.

Balashov Alexander Dmitrievich, 1770-1837, tenente-general, ministro da polícia, lojas dos "Amigos Unidos", "Palestina" (1818-1819, século) - 1.3.

Balting (Bolting), membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) - 4.

Baranov 1º, tenente-coronel da Guarda Vida, ajudante do governador-geral militar de Moscou, Loja das Três Virtudes (1821) - 3.

Barataev Mikhail Petrovich, príncipe, líder da nobreza de Simbirsk, loja "Chave para a Virtude" (no Leste de S-ka, 1818–1819, UM), loja PC de "Amigos Unidos", "Alexandre da Tríplice Salvação" e "Zeloso Litvin" -1.

Barashov Mikhail Petrovich, príncipe, líder provincial da nobreza de Simbirsk, loja "Chave para a Virtude" (no leste de St., fundada em 1818) – 14.

Barbayev Mikhail, príncipe, PC da loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819) –1.

Barvik Andrey, comerciante, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) - 14.

Bark Gustav Alexandrovich, barão, tenente, loja "St. São Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, 2o) –1.

Barkov Dmitry Nikolaevich, segundo-tenente da guarda, caixa de "Escolhido Michael" (1815, 2 o) –1.

Barozzi Yakov Ivanovich, tenente-coronel, alojamento “St. São Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, 3 o) –1.

Bartolomeu 1º, Major General, Loja “Pedro à Verdade” (1821) - 3.

Bartz Peter, corretor, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774, Centro de Moscou) - 14.

Bartsov Dmitry, comerciante, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Batenkov Gavriil Stepanovich, 17931863, tenente-coronel, membro da Sociedade do Norte, participante do golpe dezembrista, loja do “Miguel Escolhido” (1815, 2 o), “Luminário Oriental” (1818–1819, C) –1,3, 6.

Baumgarten Christian, cirurgião da corte, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) - 14.

Bachmann Karl Johann, secretário da alfândega de Reval, conselheiro titular, loja Isis (1818–1819, 2o) 3.

Bakhmetyev Ivan, assessor, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Bakhmetyev Ivan, oficial, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) - 14.

Bashmakov , coronel, loja das “Três Virtudes” (1821) - 3.

Beber Ivan Vasilyevich (Johann Jacob), 1746-1820, major-general, professor do corpo de artilharia e engenharia da pequena nobreza (de 1800 cadete), diretor do corpo de cadetes, maçom de 1776, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777), Grande Loja Nacional (GN), chefe das lojas maçônicas do sistema sueco no início do século XIX -3,4,15,19.

Beber Peter-Karl,?-1813, filho do anterior, iniciado na Maçonaria na Suécia -15.

Bebutov , príncipe, coronel, loja das “Três Virtudes” (1821) - 3.

Bezobrazov Boris, secretário do gabinete de apanágios, caixa “Muse Clio” (Moscou, 1774) - 14, 15.

Bezobrazov Pyotr Mikhailovich, capitão do regimento Semenovsky, loja do “Escolhido Michael” (1815, 3o)-1.

Beck H. A., criptógrafo do conselho estrangeiro, associado a M. Speransky - 3.

Coronel Beklemishev , Loja das “Três Espadas Coroadas” (D-n, 1821) 3.

Beklemishev P., maçom desde 1850, mais tarde chefe da loja Karma em São Petersburgo. - 7, 19.

Beklemishev Sergey, vice-presidente do Colégio de Comércio, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Beletsky-Nosenko , major, regimento de gendarme, caixa “Golden Ring” (B-k, 1821) - 3.

Belikov V.V., participante das reuniões dos Irmãos Teóricos (década de 1820) - 18.

Belyavsky Maxim Potapovich, conselheiro da corte, loja do “Escolhido Michael” (1815, 3 o) –1.

Belyaev A.P. Participou de reuniões na casa de S.S. Lansky, um delegado das lojas ucranianas após a proibição da Maçonaria na Rússia -15, 18.

Benkendorf Alexander Khristoforovich, 1783-1844, conde, chefe do corpo de gendarmes, loja dos “Amigos Unidos” (1810) - 3, 17.

Bennigsen Leonty Leontievich, 1745–1826, conde, general, loja maçônica de Hanover, um dos participantes no assassinato de Paulo I-3.

Berard , comerciante francês, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Berg 1º , tenente-general, comandante em Reval, loja Isis (Região, 1821) - 3.

Berg 2º , major-general, comandante em Vyborg, membro do Grande Diretório de “Vladimir à Ordem” e da loja “Pedro à Verdade” (1821) - 3.

Ivan Berg , tradutor, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Berg Christian, major, caixa “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Bernard , comerciante francês, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) –14.

Berkhman , coronel, comandante do Regimento de Granadeiros de Sua Majestade o Rei da Prússia, loja "Elizabeth to Virtue" (São Petersburgo, 1821) - 3.

Bestuzhev A., editor de “Polar Star” –17.

Bestuzhev Grigory Vasilievich, coronel, loja “Chave para a Virtude” (1818–1819, 3 o) –1.

Bestuzhev Nikolai Aleksandrovich, 1791-1855, tenente-capitão, escritor, membro da Sociedade do Norte (escreveu o rascunho do “Manifesto ao Povo

Mikhail Borozdin , Tenente General, United Friends Lodge (18181819, 3º)–1.

Borozdin N., oficial do regimento de cavalaria, participante do assassinato de Pavel I-3.

Borozdin Nikolai Mikhailovich, Grande Loja Diretorial, Capítulo Phoenix (1818, Cr) - 15.

Branitsky Vladislav, conde, major-general, loja dos "Amigos Unidos" (1821, 3 o) –1, 3.

Brown Fedor, Mestre em Farmácia, Loja "Musas de Urânia" (São Petersburgo, 1774) 14.

Bredikhin Sergey, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776) - 2.

Bremerfon , Coronel General. sede, alojamento "Alexandra à Lealdade Militar" (P-zh, 1814, 2º N), "Astrea" - 3.

Brzostovsky, camareiro, loja dos "Amigos Unidos" (até 18181819, 2o)-3.

Brigenfon der Alexander Fedorovich, 1792-1859, coronel, membro da União do Bem-Estar e da Sociedade do Norte, participante na preparação do golpe dezembrista, loja "Pedro à Verdade" -3.6.

Brimmer Eduard Vladimirovich, 1797–1874, tenente-general, loja "St. São Jorge, o Vitorioso" (18181819) - 3.

Brinken vonder, barão, coronel, loja "Pedro à Verdade" (1821) - 3.

Brozin 2º, Major General, aloja-se na Rússia e fora dela (1821) - 3.

Bronevsky S.M., residente em Feodosia, Martinista, correspondeu-se com M. Speransky (ver) -17.

Bronikowski , advogado, um dos líderes do partido revolucionário extremista na Polônia -17.

Brunkman Fedor, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774, MC) - 14.

Bruns I.G., funcionário da seguradora de vida, visitante da pousada Urania em 1775 e 1780 - 3.

Brusilov Nikolai Petrovich, 17821849, escritor, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819) –3.

Bruce Yakov Alexandrovich, 1732(?) 1791, conde, governador geral de Moscou (depois de Z. G. Chernyshev, ver), governador geral de São

Petersburgo, loja “União Perfeita”, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) - 3, 4.

Bugman Balthazar, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774, palestrante) –14.

Budberg , conde, loja “Igreja da Nova Jerusalém” - 3.

Budberg Andrei Yakovlevich (Andrei Ebergard), 1750-1812, barão, general de infantaria, observou as atividades dos Grão-Duques Alexandre e Konstantin Pavlovich, desde 1804 membro do Conselho de Estado, desde 1806 Ministro das Relações Exteriores, a loja do Sistema Reichel, depois sistema Elagin 3.

Budberg Vladimir, barão, diretor da Chancelaria, loja “Peter to the Truth” (1818–1819, 3 o) - 1, 3.

Budberg Johann, assessor colegiado, loja Flaming Star (em 1818–1819, 3o)-3.

Budenbrok G., Grande Loja Diretorial (1815, Grande Chanceler) –15.

Boudry , irmão de J.P. Marat, professor do Liceu Tsarskoye Selo –17.

Budhart Ivan Yakovlevich, oficial, loja Northern Shield (até 1820-1821, 2 o) -3.

Buivit , coronel, loja “Golden Ring” (B-k, 1821) - 3.

Bulatov , major-general, lojas dos “Três Santos”, “Águia do Norte” (1821) - 3.

Bulatov Mikhail Levontevich, Major General, Loja da Águia Russa (1818–1819, 3 o) –1.

Buturlin Vladimir, oficial, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774, K) –14.

Buturlin Nikolai, coronel, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Butsevich Benoit, conselheiro colegiado, proprietário de terras, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 o)-3.

Butsevich Ivan, major, loja dos “Amigos Unidos” (em 1818–1819, 3 o) –3.

Bucharov Nikolai Nikolaevich, loja “Igualdade” (de 1775, 2 o) –3.

Buchinsky Ivan Yurievich, Secretário do Senado, Loja dos Amigos Unidos, membro fundador da Loja da Águia Branca (em 1818-1819 S, então 1º N e

P da Grande Loja de Astraea), PC das lojas “Abstract Gloom”, “Zealous” Litvina" - 3.

Buchner Mikhail, comerciante, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 3 o) 3.

Wagner Ivan, relojoeiro, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) - 14.

Vadkovsky, coronel, alojamento em São Petersburgo (1821) - 3.

Wachsmuth , coronel, caixa “Michael Escolhido” (1821) - 3.

Vaksmuth Andrey Yakovlevich, capitão dos Life Guards, camarote do “Miguel Escolhido” (1815, 3 o) –1.

Waltz Karl, um dos líderes da loja Astrea (São Petersburgo, 1818–1819) -1.

Walts Yakov, loja dos “Amigos do Norte” (1818–1819, 2º Pk)-1.

Van Mil , médico e cirurgião, loja da “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Vasilchikov Vasily, cadete de câmara, loja Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Watchten , major-general, loja das “Nove Irmãs” (Toul, França, 1821) - 3.

Wegelin , capitão dos Guardas da Vida, ajudante do Conde Langeron, loja do “Euxine Pontus” (Od., 1821)-3.

Weiss 1º, Tenente-Coronel da Guarda Vida, ajudante do Herdeiro do Trono, loja do “Templo da Persistência”, (Va, 1821) - 3.

Weiss (Weisse) Ivan Ivanovich, conselheiro estadual, ex-UM da loja Apollo, PC da loja Eleito Michael (1815), membro do Capítulo Phoenix -1, 15.

Velichko Alexander Pavlovich, candidato da Universidade de Moscou, servindo no Ministério das Finanças, loja do “Amor à Verdade” (1818–1819, 3 o) 1.

Velichko Pavel Eliseevich, conselheiro colegiado, chefe do distrito alfandegário de Orenburg, loja do “Escolhido Michael” (1815, 3 o) -1.

Vendramini F., Astraea Lodge (1820) –14.

Verderevsky , fundador da loja Talia (década de 1770) –14.

Verevkin , major-general, comandante em Moscou, loja Slavyanskaya (Va, 1821) - 3.

Vigel Philip, membro do círculo literário "Arzamas", loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819, 3o) -1,3.

Vielgorsky Mikhail Yuryevich, 1788-1856, conde, atual conselheiro de estado, camareiro, "membro honorário de todas as lojas maçônicas de Moscou", loja "Palestina" (V. Art.), "Amigos Unidos" (PH), Grande Loja Provincial (St. . Petersburgo., início do século 19, D), Grande Loja Diretorial (1º VNM), Capítulo de Phoenix (1817, grande subprefeito, K-r), juntamente com o Conde Lansky S.S. abriu a "Loja Teórica de São João Teólogo" (1821) 3, 14,15, 1.

Vilde Ivan, tenente-coronel, loja "Mars" (Iasi, Moldávia, 1774, palestrante) –14.

Winspier Robert Antonovich, Coronel, Loja Militar "St. São Jorge, o Vitorioso" (Mf, 1818–1819) e "Escudo do Norte" (Va) - 1, 3.

Witkowski Adam, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) –1.

Witte DG, comerciante, loja Ísis (1818–1819) –1.

Witte Peter, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 2 o) –1.

Wittenheim , Astraea Lodge (1820)–15.

Voeikov Alexander Pavlovich, Coronel da Guarda Vida, membro da loja de marcha "Alexandre à Lealdade **Militar** " (1812, 2 o) e da loja "Astrea" - 3.

Voeikov Dmitry, coronel, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) –1.

Voeikov Ivan, oficial, caixa "Muse Clio" (Moscou, 1774) - 14.

Voeikov Ivan, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) –1.

Volkov, cortesão, caixa "Fidelidade" (São Petersburgo, década de 1760) – 14.

Alek Volkov , coronel, diretor de uma fábrica de porcelana, membro da Chancelaria das Ferrovias, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774, C) - 14.

Volkov Gavrila, ator, caixa das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) - 14.

Volkonsky Alexander, príncipe, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776) - 2.

Volkonsky Sergei, príncipe, tenente-coronel, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774, Galeria de Arte de Moscou) - 14.

Volkonsky Sergei, príncipe (possivelmente a mesma pessoa do anterior), loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776)-2.

Volkonsky Sergei Grigorievich, 1788-1865, príncipe, major-general, membro da União do Bem-Estar e um dos líderes da Sociedade do Sul, um participante ativo na preparação do golpe dezembrista, as lojas dos Amigos Unidos, Esfinge, Três Virtudes (fundador), loja PC “Eslavos Unidos” (Kiev), Capítulo da Fênix (início do século 19) - 3, 6, 15.

Volsky Semyon Fedorovich, médico da equipe, assessor colegiado, loja do “Escolhido Michael” (1815, 3o)-1.

Vorontsov Alexander Romanovich, 1741–1805, conde, ministro das Relações Exteriores - 3.

Vorontsov Ivan, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 o) –1.

Vorontsov Mikhail Illarionovich, 1714–1767, conde, chanceler do estado de Elizaveta Petrovna - 3.

Vorontsov Roman Illarionovich (Larionovich), 1707–1783, conde, general-chefe, senador, chefe da Loja do Silêncio (década de 1750), Grande Loja Provincial (década de 1770, M) 3, 14.

Semyon Vorontsov , conde, coronel, loja “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774, Moscou) - 14.

Voropanov , coronel do regimento Izmailovsky, alojamento “Elizabeth to Virtue” (1821) - 3.

Worzel , conde, coronel, admitido na Maçonaria na França, loja de “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (1821) - 3.

Wrangel Georg, oficial, Loja Isis -1.

Wrangel Reingold, caixa Ísis 1.

Vyrubov Grigory Nikolaevich, 18431913, cientista e publicitário, amigo e executor de Herzen, maçom desde a década de 1860, membro da Aliança dos Irmãos Internacionais, um dos organizadores da Maçonaria Russa-10, 11, 18.

Duque Alexandre de Württemberg , general-em-chefe, governador militar, lojas da “Palestina” (1818–1819, século), “Amigos Unidos” (1818–1819, 3º) - 1.

Vyazemsky I. , príncipe, oficial do regimento Izmailovsky, participante do assassinato de Paulo I -3.

Vyazemsky P. A., príncipe, maçom do início do século XIX - 3.

Haaz Augustine, farmacêutico, loja da “Escuridão Abstrata” (de 1818–1819, 2o)3.

Gabbe 1º , coronel, loja “Pedro à Verdade” e loja PC do “Templo da Persistência” (1821) - 3.

Gabbe 2º , coronel, loja “St. John” (V-n, 1821) - 3.

Gabbefon Heinrich, executor no Senado, conselheiro colegiado, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819.3o)-3.

Habersang Johann Gottlieb, médico da equipe, assessor colegiado, loja “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 3 o) 3.

Haberzettel Johann Andrei Leopold, 1753(55?)-1823, professor de música, músico de câmara, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 2 o) - 3.

Gablenz , governante do Conde Bruce - 3.

Gabler S. Zh., loja “Isis” (antes de 1818–1819, 2 ou 3 o) - 3.

Gablitz Karl Ivanovich, 1752–1821, senador, presidente da faculdade de manufatura - 3.

Gavrilov Matvey Gavrilovich, 1759–1828(29?), professor da Universidade de Moscou, loja “Osíris” (1780), “Esfinge” (até 1786) e “Alexandre da Tríplice Salvação” - 3.

Gagarin Gavriil Petrovich, 1745-1808, príncipe, ministro do comércio, senador, atual conselheiro privado, membro da Sociedade Científica Amigável, membro do Capítulo (década de 1760), MS das lojas da “Igualdade” (1775-1777), “Apis” (1780) e “Esfinge” ", membro da "União da Harmonia" (desde 1783), PC da loja "Harmonia", 2º N da Grande Loja, chefe dos Maçons do sistema Sueco e VM da Grande Loja Loja Provincial, prefeito do Capítulo da Fênix, no início do século XIX. Sobre a Loja "Esfinge Moribunda" - 3.

Gagarin Dmitry Ivanovich, príncipe, major-general, prefeito de Kerch-Enikolsky, loja da Águia Russa (até 1818–1819, 2o) –1, 3.

Gagarin Ivan Alekseevich, 1771-1832, príncipe, atual conselheiro particular, administrador da corte de Catarina Pavlovna, cavaleiro da Corte de Sua Majestade Imperial, senador, atual camareiro, membro fundador, MS e UM da Loja da Águia Russa (1818– 1819) e P desta loja na Grande Loja

de Astraea, loja PC dos Amigos Unidos, Peter to Truth, Key to Virtue, membro do Phoenix Chapter -1,3.

Gagarin Ivan Petrovich, 1745-1814, príncipe, major-general, membro de uma das lojas do sistema sueco, membro do Capítulo da Oitava Província (1789), da loja escocesa. - 3.

Gagarin I. S., Príncipe, Grande Prefeito do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) - 4.

Gagarin Mikhail, príncipe, loja dos "Amigos Unidos" (fundada em 1802) 14.

Gagarin Pavel, príncipe, major-general, loja da Águia Russa (1818–1819, sala M) –1.

Gagarin Pavel Gavrilovich, 17771850, Príncipe, Major General, Diretor do Departamento de Inspeção, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Corte da Sardenha, Russian Eagle Lodge (1818-1819, NM, MS e P para a Grande Loja de Astrea), PC de muitas lojas da União A Grande Loja de Astraea e a união da Grande Loja Provincial, VV da Grande Loja de Astraea, visitaram a loja da "Esfinge Moribunda", o presidente da comissão para analisar o feedback das lojas sobre os sistemas nos quais o trabalho foi realizado - 3.

Gagarin Pyotr Sergeevich, príncipe - 3.

Gagarin Fedor, príncipe, 2ª loja P-k "Osiris" (São Petersburgo, 1776) - 2.

Gagarin Fedor Sergeevich, 1757 1794, major-general, membro da Grande Loja Provincial (em 1780 Obr), ChTg em Moscou, em 1776 visitou a loja Bellona (possivelmente a mesma pessoa da anterior) - 3.

Gagarin Fedor Fedorovich, 1786-1863, príncipe, major-general, membro da "Sociedade Militar" que precedeu a União do Bem-Estar, loja das "Três Virtudes" (1816-1821) - 3.

Ganhe Friedrich, médico naval, loja de Netuno (antes de 1780–1781, 2 o) – 3.

Gakkel Johann Christian, advogado, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o), Loja "Alexandre da Tríplice Salvação" na Grande Loja de Astraea 3.

Galich , professor do Liceu Tsarskoye Selo (década de 1810) - 17.

Haller G. Alb., pastor e proprietário da pensão, loja de "Alexandre da Tríplice Salvação" (1818–1819, 1o) 3.

Gallera Anzh., proprietário de terras, Jordan Lodge (até 1818–1819 atuando o.o.) - 3.

Gallino Andrey, comerciante, loja “Palestina” (em 1818–1820 1º N e P da Grande Loja de Astrea) –3.

Galtengof Johann, cantor do Teatro da Corte de São Petersburgo e músico, caixa “Peter to Truth” (1818–1819, 3 o), BG - 3.

Gam, mestre, membro fundador da loja “Pequena Luz” e C do Alto Capítulo 8º - 3.

Gamaleya N. S., coronel, loja dos “Amigos Unidos” (1ª metade do século XIX) 3, 15.

Gamaleya Semyon Ivanovich, 1743-1822, conselheiro da corte, governante do cargo do Conde Z. G. Chernyshev (de 1774), tradutor de livros místicos, membro da Friendly Scientific Society and Printing Company, loja de “Deucalião” (MS), “Harmonia ” (retórico) , membro fundador e MC da loja de Tula, esteve em contato com as lojas “Hércules no Berço” (Mogilev) e “Sol Nascente” (Kazan), desde 1782 - R, membro do Diretório de teóricos grau 3.

Gamaleya 2º, Tenente Coronel, United Friends Lodge - 3.

Hamelman Hieron Heinrich, doutor em teologia e pároco da Igreja de São Pedro, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819, 3o)-3.

Gamm Johann, fabricante e comerciante, caixa “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (18181819, 3 o) –3.

Hammerau von Heinrich Deibel, chefe do departamento do ministério, loja do “Templo da Persistência” (MS), de 1818 a 1819 PC das lojas “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado”, “Estrela Flamejante” - 3.

Gan , artista, Three Axes Lodge 3.

Gunn August, pastor. - 3.

Gunn Gottlieb, Bogdan Ivanovich,?-1845, cirurgião, conselheiro estadual, loja Neptune to Hope (1818–1819, século I) –3.

Winceslav Gansky , ex-marechal da nobreza da província de Volyn, em 1818-1819 Sobre a loja “Escuridão Dispersa” e a loja “Águia Branca” 3.

Hanf August Ferdinand, comerciante, loja “Peter to Truth” (1818–1819, 2 o) –3.

Hanf Ludwig Gottlieb, comerciante, loja de “Alexandre da Tríplice Salvação” (1818–1819, 1 o) –3.

Hanf Friedrich H., comerciante, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819, 3 o) – 3.

Harder von Gustav, conselheiro colegiado, loja das Três Espadas Coroadas (1818–1819 O) –3.

Harder von Karl, coronel, ajudante de campo do Grão-Duque Mikhail Pavlovich, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 1 o)-3.

Hardy Jacob, Conde, Tenente General, Tenente-Comandante da Guarda do Corpo do Rei da Suécia, Tesoureiro das Ordens Reais, NM, Cavaleiro da Ordem de Carlos XIII, Membro da Grande Loja Nacional na Suécia, Membro da Loja Palestina (1818–1819) - 3.

Gardner F., fundador do Clube Inglês em São Petersburgo em 1770, visitante regular do Urania Lodge - 3.

Harp von W., conselheiro do tribunal, presidente da administração dos bancos de crédito na Estônia, PC da loja “Três Eixos” (1818–1819) - 3.

Garrerfon Rudolf, médico, loja “Pedro à Verdade” (de 1818–1819, 3 o) - 3.

Hartwig I. F., comerciante, loja “Peter to the Truth” (antes de 1818–1819, 2 o) –3.

Hartwig Jog. Karl Friedrich, comerciante, loja “Peter to the Truth” (1818–1819, 3 o) - 3.

Hartenberg , barão, loja Minerva (em 1774 MS) - 3.

Gartkievich Mikhail, promotor, loja “Golden Ring” (em 1818–1819 O)-3.

Hartmann Georg, advogado, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819, 3 o) –3.

Hartmann Joachim Friedrich, pastor da Igreja de São Nicolau, loja Isis (em 1782 e 1786 MS) - 3.

Edward, proprietário de terras, alojamento “Peter to the Truth” (de 1818–1819, 2 o) –3.

Gartong , coronel, loja de “Alexandre da Tríplice Salvação” (1821, M) 3.

Harzensky Frederick, oficial de cavalaria, alojamento da Águia Branca (18181819.2 o) -3.

Gasse , secretário da embaixada em Turim. - 3.

Hasselman Georg W., cônsul, loja Netuno a Esperança (em 1818–1819 K) - 3.

Gerngroso Fedor, capitão, loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819, NM) – 1.

Gersdorf von Moritz, Landrat da Livônia, loja "Pedro à Verdade" (antes de 1818–1819, 3 o) - 3.

Gersdorf von Fried., proprietário de terras, loja "Peter to Truth" (antes de 1818–1819, 3 o) 3.

Hersi Philip, comerciante, Jordan Lodge (em 1818–1819 2ª Arte.) - 3.

Gert Otto, comerciante, loja "Pedro à Verdade" (antes de 1818–1819, 3 o) – 3.

Herzenberg Ivan, loja "Catarina dos Três Apoios" (5 o) e membro fundador da loja "Estrela do Norte" em 1787 - 3.

Gershtenzweig Daniil Alexandrovich, 1790-1848, colaborador mais próximo do czarevich Konstantin Pavlovich na unidade de artilharia, general de serviço do destacamento do czarevich (1830), general de artilharia, atirou em si mesmo, alojamento do "Escudo do Norte" (V-a, 1821) - 3.

Hesketh Timofey, joalheiro, membro da loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819) - 3.

Hess Yakov Grigorievich, mestre de banda do corpo de cadetes navais, caixa de Netuno (1780–1781, 2o)-3.

Gessel A., caixa "Urania" (em 1774 C) - 3.

Gesslerfon Alexander, conselheiro da corte, funcionário do Ministério das Relações Exteriores, apresenta "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) -3.

Gesslerfon Pavel, conselheiro titular, funcionário do Colégio de Relações Exteriores, apresenta "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Götze (Getz?) von Otto Petrovich, 1793-1880, oficial de missões especiais sob o príncipe A. N. **Golitsyn** , diretor da comissão de reembolso da dívida, apresenta "Peter to Truth" (1818–1819, 3 o) –3.

Getzel Ernest Fedorovich, coronel do Depósito Topográfico Militar, Slavic Eagle Lodge (1819, 3 o) - 3.

Gildeman Ant., médico, loja "Netuno à Esperança" (1818–1819) - 3.

Gildenstrube 1º Alexander Ivanovich, 1800–1884, general de infantaria, comandante do Distrito Militar de Moscou, membro do Conselho de Estado - 3.

Gilderson , tinha 33°—3 na década de 1820.

Gine Egor Egorovich, ajudante do Príncipe N.V. Repnin, juiz da câmara principal em Riga, loja das “Três Bandeiras” (atuando 1º N), ChTG em Moscou, depois de 1784 ele administrou 3 lojas.

Ginrichs Ivan Christian, conselheiro estadual, loja dos “Amigos Unidos” (em 1818–1819 K) –3.

Ginsh Christian, comerciante, loja “Peter to the Truth” (antes de 1818–1819, 2 o) –3.

Hippin Nicholas, escrivão, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (18181819, 3 o) -3.

Garland Raphael, doutor em medicina e cirurgião, membro fundador e filiado à Loja Ovídio - 3.

Girs Alexander Karlovich, 1785–1859, major-general, caixa “Amigo da Humanidade” - 3.

Hirsch Berng., doutor em medicina, loja “Peter to Truth” (1818–1819, 2 o) –3.

Hirschfeld Friedrich, proprietário de terras, loja dos “Eslavos Unidos” - 3.

Hirschfeld Friedrich August, pastor luterano do 1º Corpo de Cadetes, Flaming Star Lodge (NM em 1818-1820 e P para a Grande Loja de Astraea), PC da Alexander Charity para a Crowned Pelican Lodge e o Capítulo da União Sincera em Plock e Dd Grande Loja de Astraea (1819–1820) - 3.

Glazenap 1º , comandante do regimento polonês Uhlan, Elezis lodge (V-a, 1821) - 3.

Glazenap 1º Otto Woldemar, Vladimir Grigorievich, 1784–1862, tenente-general, loja das “Três Virtudes” - 3.

Glazko August, conselheiro colegiado, loja dos “Amigos Unidos” (até 1818–1819, 3 o) - 3.

Glanström August Friedrich, doutor em medicina, loja Isis (1818–1819, 2 o) - 3.

Glebov Fedor Ivanovich, 1734–1799, general-em-chefe e senador, loja do Reichel ou sistema escocês 3.

Glenfon Peter Gottlieb, registrador colegiado, loja Isis (1818–1819, K) - 3.

Glinka Vladimir Andreevich, general de artilharia, mentor dos Grão-Duques Nikolai e Mikhail Pavlovich, senador, membro da União do Bem-Estar, participante na preparação do golpe dezembrista, loja “Amor à Verdade” (1821) - 3, 6.

Glinka Evgraf, loja dos “Amigos Unidos” (2 o) –1.

Glinka Fedor Nikolaevich, 1786(87?)-1880, escritor, coronel da Guarda Vida, conselheiro estadual ativo, membro da “Sociedade dos Militares do Quartel-General da Guarda”, da União da Salvação, da União do Bem-Estar e da Sociedade para o Propagação das Escolas de Lancaster, um dos organizadores do golpe dezembrista, loja do “Eleito Miguel” (de 1810, O, 1º N, NM, P na Grande Loja de Astraea e membro dela), colaborou ativamente na maioria das coleções publicado pelos maçons russos -1, 3, 6.

Glier Johann Wilhelm Rudolf, fabricante, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3 o) - 3.

Gloi Georg, secretário do Tribunal de Órfãos, Isis Lodge (1818–1819, 3 o) –3.

Glukharev Macarius, sacerdote de Altai, início do século 19 - 3.

Glair , suíço, secretário do conde Rzhevussky - 3.

Gnatowski Pavel, coronel polonês, loja da “Escuridão Abstrata” (1818–1819, 3 o) –3.

Gobert More, oficial, Jordan Lodge (antes de 1818–1819, 3 o) -3.

Govenfon der, conde, alquimista, enviado secreto à Corte Saxônica, representante do Ducado da Curlândia na Corte Russa, major-general, loja das “Três Espadas Coroadas” (M-a, em 1779 MS) - 3.

Hohenlohe , príncipe, general, PC da loja dos Amigos Unidos (1818–1819) –1.3.

Godenius Georg, assessor colegiado, Flaming Star Lodge (em 1818-1820 1º e 2º N e P da Grande Loja de Astraea) - 3.

Golenlius Alexander, pastor luterano, Neptune to Hope Lodge (em 1821 MS) - 3.

Golenishchev-Kutuzov Vasily Pavlovich, 1803–1873, conde, tenente-general, loja dos "Amigos Unidos" - 3.

Golenishchev-Kutuzov P.V., governador militar de São Petersburgo –17.

Golenishchev-Kutuzov Pavel Ivanovich, 1767-1829, ajudante geral do almirante Greig, conselheiro particular, senador, curador da Universidade de Moscou (1798-1803), curador do distrito educacional de Moscou, estava envolvido na denúncia de N. M. Karamzin, loja de Netuno (membro - fundador e MC), administrou a Loja Phoenix (1814), participou de reuniões do grau teórico, do RH das lojas "Elizabeth to Virtue", "Peter to Truth", "Alexander Charity to the Crowned Pelican", "United Amigos" e "Águia" Russo" - 3, 15, 19.

Golitsyn , príncipe, alferes dos Guardas da Vida, loja dos "Amigos Unidos" - 3.

Golitsyn 1º, Príncipe, Coronel da Guarda Geral. quartel-general, intendente chefe, loja dos "Amigos Unidos" - 3.

Golitsyn Alexander Borisovich, 17921865, príncipe, atual conselheiro de estado, ajudante do Grão-Duque Konstantin Pavlovich, escritor, loja das "Três Virtudes" (1815) - 3.

Golitsyn Alexander Mikhailovich, 1723-1807, príncipe, conselheiro particular, vice-chanceler e vice-presidente do Colégio de Relações Exteriores, camareiro-chefe - 3.

Golitsyn Alexander Nikolaevich, 17731844, príncipe, atual conselheiro particular, senador, ministro de assuntos espirituais e educação pública, membro do Conselho de Estado (desde 1810), presidente da Sociedade Bíblica - 3.

Golitsyn Alexey, príncipe, tenente do corpo ferroviário, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819.2o) 1.3.

Golitsyn Alexey Borisovich, 1732 1792, príncipe, major-general, maçom da década de 1750, "o primeiro Martinista Russo" - 3.

Golitsyn Andrey Borisovich, 1790 -? príncipe, major-general, aloja "Alexandra à Lealdade Militar" (1812) e "Astrea" - 3.

Golitsyn B., príncipe, capitão, participante do assassinato de Pavel i-3.

Golitsyn Vasily Sergeevich, 17941836, príncipe, tenente, ajudante do General Conde Vorontsov, alojamento “St. George, o Vitorioso" (1818–1819, membro fundador) –1.3.

Golitsyn Vladimir Borisovich, 1731 -? príncipe, brigadeiro do regimento Semenovsky, maçom dos anos 1750 -3.

Golitsyn Vladimir Sergeevich, 1793 (94?) - 1861, príncipe, ajudante de campo de Sua Majestade Imperial, conselheiro particular e senador, escritor, loja da Águia Russa (1818–1819, 3 o) –1.3.

Golitsyn Mikhail, príncipe, brigadeiro, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774, 1º gerente) –14.

Golitsyn 4º Mikhail Fedorovich, 1800(01?)-1873, príncipe, coronel salva-vidas, ajudante de campo, conselheiro de estado atual, marechal distrital da nobreza de Zvenigorod, aloja “Astrea”, “Alexandra à Lealdade Militar”, “ Amigos Unidos”” e “Três Virtudes” (1816, rev. atuante) -3.

Golitsyn Nikolai, príncipe, capitão da guarda, loja Northern Shield (até 1820–1821, 2 o) - 3.

Golitsyn Peter, príncipe, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 o) –1.

Golitsyn Sergei, príncipe, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Golitsyn Fedor Ivanovich, 1700 1759, príncipe, major-general, maçom década de 1750 - 3.

Golitsyn Yakov, príncipe, tenente da loja Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Golovin Vasily Mikhailovich, conselheiro estadual, lojas dos “Três Luminares” (de 1818 1º N), “Esfinge” (1º N) e “Alexandre, o Leão de Ouro” (1º N e O), membro do Capítulo Fênix - 3.

Golovin Evgeniy Aleksandrovich, 17821858, ajudante-geral, comandante-chefe da parte civil da Geórgia, Armênia e região do Cáucaso, militares de Riga, governador-geral da Livônia, Curlândia e Estônia, membro do Conselho de Estado, apresentam “Buscadores de Maná ” (em 1817 O) - 3.

Golovin Nikolai, século 18, conde, voluntário do serviço prussiano, ingressou na ordem maçônica no exterior - 3.

Golovin Nikolai Alexandrovich,?-1832, conde, conselheiro particular, camareiro atual, loja “Buscadores do Maná” (3º), membro da Grande Loja Provincial do Capítulo de Fênix (1817, 6º), R - 3.

Golovin Stepan Nikolaevich, caixa “Igualdade” – 3.

Golovkin Ivan, conde, loja da “Unidade Perfeita” (década de 1770) –14.

Golovlev Pyotr Ivanovich, secretário provincial, loja do “Escolhido Miguel” (1815, atuando em 1º, 3º) -1,3.

Golonevsky , ShM (Porkhov, de 1814), depois a caixa da Esfinge - 3.

Golubev Andrey Fedorovich, 1798 -? alferes, caixa da “Esfinge Moribunda” (1821, 3º e em exercício) - 3.

Golubtsov Alexander Fedorovich, 1735–1796, proprietário de terras, governador da província de Perm (1774–1781), vice-governador de Simbirsk, atual conselheiro estadual, loja da “Coroa de Ouro” (em 1784 MS) - 3.

Holst von Valentin, Landrat da Livônia, PC da loja “Alexandra Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819)-3.

Holst Wilhelm, comerciante, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 3 o) 3.

Holst Johann, fabricante de carruagens, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (1818–1819, 1o) 3.

Holsten von Constantin, atuário da Faculdade de Relações Exteriores, Peter to Truth Lodge (1818–1819, 3o)-3.

Holtgoer Johann Heinrich, Urania ou Modéstia Lodge (1787) - 3.

Goltz Johann Christian, Comissário da Estônia, Isis Lodge (1818–1819, 3 o) - 3.

Gonigman Fedor Ivanovich, veterinário, conselheiro titular, loja “Peter to Truth” (1818–1819, 3 o), membro fundador da loja “Eastern Luminary” (1818–1819, K, 1º N) - 1, 3.

Goppe Georg Christian, ator da trupe alemã em São Petersburgo, box "Alexander's Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3 o) -3.

Hoppener Adam Christian Johann, secretário do tribunal, loja Ísis (em 1818–182 °C) - 3.

Hoppener Karl August, comerciante, loja Isis (1818–1819, 2 o) –3.

Hoppener Eduard Fabian, comerciante, loja Isis (1818–1819, 1 o) –3.

Gorbachevsky Ivan Ivanovich, 1800 1869, membro da sociedade dos Eslavos Unidos - 3.

Gorbunov Vasily Savvich, comerciante, ChTG em Moscou - 3.

Gorgoliy (Gorgoli?) Ivan Savvich, 1770–1862, chefe de polícia de São Petersburgo, major-general, senador, conselheiro privado ativo, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) - 3.

Gorenberg , major, loja da "União Perfeita" (1781) - 3.

Gorlenko Yakov Andreevich,?-1827, conselheiro titular, marechal da nobreza, loja do "Amor à Verdade" (1818-1819, 1 o) –3.

Gorlov Nikolai Petrovich, conselheiro estadual, vice-governador de Tomsk, loja do "Eleito Michael" (1815, em 1818–1819 2 o), membro fundador da loja do "Luminário Oriental" (1818–1819, UM) e de para a Grande Loja Astraea, PC aloja "Pedro à Verdade" e Grande Loja de Astraea –1.3.

Gorn I. Hr., diretor da pensão, loja "Alexandre da Tríplice Salvação" (em 1818-1819 1º N, depois 1º N para reuniões em alemão, P para a Grande Loja de Astraea) - 3.

Gorokhov , oficial de missões especiais, conselheiro titular - 3.

Horschul von Christoph. G., Ph.D. e professor, Flaming Star Lodge (1818–1819, 3o)-3.

Goryainov , capitão dos Life Guards, lojas dos "Amigos Unidos" e das "Três Virtudes" - 3.

Louis Gosse , artista, United Friends Lodge (1818–1819, 1º)–3.

Obtive I., comerciante, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 2 o) –3.

Hoffmann, caixa "Pequeno Mundo" (1790) - 3.

Hoffmann Wilhelm Christian, mecânico, loja "Peter to the Truth" (antes de 1818–1819, 1 o)-3.

Hoffmann Karl, químico, membro da loja Northern Shield (em 1820-1821) - 3.

Grabarich , tenente-coronel, comandante de Tiflis, quadro "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1821) - 3.

Grabbe , comandante do regimento Shlisselburg - 3.

Grabowski Xavier, conde polaco, loja dos “Amigos do Norte” (até 1818-1819, 3 o) –1.3.

Grabianka (Leszczyc-Grabianka) Tadeusz, conde, um dos fundadores da ordem Martinista na Rússia, fundador da loja do Novo Israel - 3, 19.

Sepultura ,?-1817(?), alojamento “Pedro à Verdade” (2 o) –3.

Gradirtsi Franz, decorador e arquiteto do teatro russo, camarote das “Nove Musas” (São Petersburgo, 174) –14.

Gramberg von Wilhelm (Vasily Antonovich), coronel-engenheiro, em 1824 major-general, loja Flaming Star (1818–1819, 3 o) - 3.

Grammann Karl, comerciante, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (1818–1819, 3o)-3.

Grammann Christian, comerciante, loja de “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (antes de 1818–1819, 3 o) - 3.

Grap G., membro fundador e 1º N da loja “Imortalidade” em 1787 - 3.

Grapperon Ivan Ivanovich, dos nobres franceses, médico, Jordan Lodge (em 1812 MS) - 3.

Grautoff Georg Berchard, Doutor em Teologia e Pregador, St. São Jorge, o Vitorioso" (MS), de 1818 a 1819 PC da loja "Netuno à Esperança" - 3.

Grebnitsky , conselheiro da corte, loja do “Zeloso Litvin” (1781) - 3.

Green Nikolay, funcionário da seguradora de vida, membro fundador da loja Urania - 3.

Greig Samuel Karl, 1735(36?) - 1788, escocês, no serviço russo desde 1764, comandante-chefe do porto de Kronstadt, almirante, loja de Netuno (atuando.

1stNiMS)-3.

Graham Georg Heinrich, comerciante, loja de “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 2o) - 3.

Grekk Peter, secretário provincial, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 3 o) –3.

Grenek William, tradutor, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) – 14.

Gresn Nikolai, comerciante, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774, 1º gerente) - 14.

Gressan Andrey Leontievich, conselheiro, loja Northern Friends (1818–1819, O), loja Palemon, em 1817 2º Vobr do Capítulo Phoenix - 3.

Gressan Peter, capitão, loja dos “Amigos do Norte” (em 1818–1819 1ª Arte.) 3.

Grech Nikolai Ivanovich, 1787–1867, conselheiro privado, escritor, loja do “Eleito Miguel” (em 1815 C, em 1818–1819 NM), P à Grande Loja de Astrea e PCH-a-1,3.

Grigorovich Vasily Ivanovich, conselheiro titular, loja do “Eleito Miguel” (1815, B)-1.

Grigorovich Vasily Ivanovich, 1786-1865, atual conselheiro estadual, professor da Academia de Artes, loja do “Eleito Miguel” (em 1818-1819 atuando O) e P à Grande Loja de Astraea da loja “Amor à Verdade” - 3.

Grigoriev Ivan, músico da corte, caixa de “Escolhido Michael” (1815, em 1818–1819 2 o) –1,3.

Gripenwaldt E. V. E., comerciante, loja “Peter to the Truth” (1818–1819, 2 o) –3.

Groddeck Gottfried, Bogdan Veniaminovich, 1786-1825, professor de literatura clássica na Universidade de Vilna, loja do Bom Pastor (MS), PC das lojas dos Amigos do Norte e da Águia Eslava -3.

Grosser Johann, membro fundador da loja “Imortalidade” - 3.

Grossmann Gottfried, comerciante, loja de “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (antes de 1818–1819 3 o) –3.

Grotenhelm Alexander Maksimovich, capitão do pessoal de salva-vidas, camarote da Águia Russa (1818–1819, 2o) 1, 3.

Grotenhelm 2º Maxim Maksimovich, 1789–1867, tenente-general, loja estrangeira - 3.

Grokholsky Nikolai Martynovich, governador, ShM (Porkhov, de 1814) - 3.

GrubeKarl Heinrich, conselheiro particular real da Prússia, loja To the Death's Head (MC) e Flaming Star (1818–1819) - 3.

Gruzinsky , príncipe, Tsarevich Grigory Ioannovich, 1789–1830, tenente dos Guardas da Vida, loja dos “Amigos Unidos” - 3.

Grushetsky, loja “Palestina” (em 1813 1º N) - 3.

Grushetsky Ivan, consultor jurídico, loja de “Abstract Gloom” (atuando 1º N, em 1818-18193) e PC-k da Grande Loja de Astraea - 3.

Ivan Grün , assessor do Colégio de Relações Exteriores, loja “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774, 2º gerente) –14.

Grünbladt von Gotl., tenente-coronel, loja “Peter to the Truth” (1818–1819, 2 o) - 3.

Gudovich Nikolai Nikolaevich, 17891846, conde, coronel, líder distrital da nobreza de Mglinsky (1833–1835), loja dos “Amigos Unidos” (3 o), PC da loja dos “Eslavos Unidos” (1820–1821) – 1.3.

Guldenov Fedor, capitão, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 o) 3.

Gumprecht Ferdinand, farmacêutico, caixa "Caridade de Alexandre ao Pelicano Coroado" (18181819, 3 o) -3.

Arma von Otto, 17?? - 1832, na Rússia desde 1789, doutor em medicina, conselheiro da corte, loja “Pedro à Verdade” (3 o) -3.

Gunaropulo Feopompt Afanasyevich, conselheiro colegiado, lojas dos “Amigos Unidos” (de 1817 St), “Leão de Ouro” (de 1817 St), “Esfinge” (de 1818 atuando 2º N), retórico da Grande Loja Provincial - 3.

Gundius Karl, farmacêutico, loja de “Alexandre da Tríplice Salvação” (1818–1819, 1 o) –3.

Gunnius Karl, ator do teatro alemão em Moscou, caixa Isis (até 1818-1819, 3 o) -3.

Gurko Vladimir Iosifovich, 1795-1852, general de infantaria, comandante das tropas localizadas na linha do Cáucaso, membro da Sociedade Militar em 1817, participante da preparação do golpe dezembrista, loja do “Escolhido Michael” (1821, 1 o) - 3, 6.

Guryev Alexander, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Guryev Vasily Nikolaevich,?-1809, membro do Conselho de Estado, loja do sistema Reichel - 3.

Guryev Dmitry Alexandrovich, 1751-1825, conde, ministro das finanças durante o reinado do imperador Alexandre I, foi associado ao principal conspirador maçônico N. Turgenev (ver) 17.

Guryev Nikolai Dmitrievich, 17891849, conde, conselheiro particular, embaixador em Haia, Roma e Nápoles, loja dos "Amigos do Norte" (1815, em 1818–1819 2 o) 1, 3.

Guek Adam Johann, burgomestre, loja Isis (1818–1819, 3 o) –3.

Guek Vil., comerciante, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Hübner Ernest, comerciante, caixa Jordan (1818–1819, 2 o) - 3.

Güllesen von Eber, comerciante, loja Flaming Star (antes de 1818–1819, 2 o) - 3.

Gulpen von Ferdinand, 1779–1835, músico de câmara, loja "Peter to Truth" (BG) - 3.

Guyonneau de Louis Augustus, Major General, M Lojas Estrangeiras e PC da Loja dos Amigos Unidos - 3.

Gunther Johann, comerciante, loja "Peter to the Truth" (antes de 1818–1819, 1 o) –3.

Dmitriev , capitão da Guarda Vida, ajudante de campo do comandante-em-chefe do 1º Exército, alojado em Paris (1821)-3.

Dmitriev Ivan Ivanovich, 1760-1837, conselheiro privado ativo, escritor, membro honorário de Arzamas, poeta, membro do Conselho de Estado (desde 1810), membro da Academia Russa de Ciências, Ministro da Justiça, Senador - 3.

Dmitriev-Mamonov Alexander Ivanovich, 1788-1836, conde, atual conselheiro estadual, apresenta "Netuno à Esperança", "Elizabeth à Virtude", "Três Virtudes" (de 1818-1819, no mesmo ano atuando NM e MS), " Orfeu", "Buscadores do Maná" (em 1817 MC atuante) e "Alexandre o Leão de Ouro", membro da Grande Loja Provincial (2ª VN), Capítulo de Fênix (6 o) –3.

Dmitriev-Mamonov Matvey Alexandrovich, 1790-1863, conde, major-general, membro da "Ordem dos Cavaleiros Russos", um dos fundadores do movimento dezembrista, loja dos "Buscadores do Maná" (?), Martinista - 3, 6 .

Dmitriev-Mamonov Fedor Ivanovich, 1727–1805, conde, capataz, escritor, maçom da década de 1750 -3, 8, 14.

Dmitrievsky Dmitry Ivanovich, 1758(63?)-1848, escritor e tradutor, filósofo, diretor de escolas na província de Vladimir, ChTg em Vologda, R –3.

Dmitrievsky Ivan, primeiro ator de Seu Teatro I. V., camarote das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774, União dos Artistas) –14.

Dobbert James, Yakov Danilovich, 1790–1867, cirurgião vitalício honorário, escritor, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (2 o) - 3.

Dobrokhotov Petr Egorovich, 1786-1831, loja do "Escolhido Michael" (em 1815 e 1818-1819, 3 o) –1.3.

Dovnorovich Kazimir, líder da nobreza do distrito de Sokolovsky e Bialystok, loja do "Anel de Ouro" (1818–1819, atuando NM, em 1819–1821 MS, membro da Grande Loja de Astraea), PC da loja "Chave à Virtude" (1821) 3 .

Dolgopolov Fedor Ivanovich, capitão dos Life Guards, lojas dos "Amigos Unidos" (de 1816), "Três Luminares" e "Seekers of Manna" (em 1817 atuando.

Arr) - 3.

Dolgorukov Alexey Ivanovich,?-1840, príncipe, camareiro, aloja "Buscadores de Maná" (de 1817), "Netuno" (1815, 3 o) - 3.

Dolgorukov Alexey Nikolaevich, 1750–1816, príncipe, tenente-general, membro da Sociedade Científica Amigável 3.

Dolgorukov Vasily, príncipe, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776, 1º N) - 2.

Dolgorukov Vasily Vasilyevich, 1752-1812, príncipe, tenente-general, atual conselheiro particular, Loja da Igualdade, Grande Loja Provincial (de 1784 2º N), NM da Gestão do Grau Teórico e membro do Capítulo da Oitava Província - 3.

Dolgorukov Georgy, príncipe, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) 4.

Dolgorukov Grigory, príncipe, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776, NM) - 2.

Dolgorukov Grigory Alekseevich,?-1812, príncipe, capitão da 3ª patente, caixa de Netuno (1780–1781, 3 o), ChTG em São Petersburgo, R (possivelmente a mesma pessoa do anterior) - 3.

Dolgorukov Ilya Andreevich, 17971848, príncipe, ajudante do Grão-Duque Mikhail Pavlovich, ajudante geral, membro da União da Salvação e da União do Bem-Estar (1817), participante na preparação do golpe dezembrista, a loja dos "Amigos Unidos" (de 1814) e "Três Virtudes" (em 1816 –1817 atuando S, 2ª St e 2ª N) - 3, 6.

Dolgorukov Mikhail, príncipe, camareiro, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Dolgorukov Nikolai, príncipe, oficial, caixa "Musa Clio" (Moscou, 1774) 14.

Dolgorukov Pavel Ivanovich, príncipe, major-general - 3.

Dolgorukov Yuri Vladimirovich, 1740-1830, príncipe, escritor, general de infantaria, chefe das tropas localizadas na Polônia, comandante-chefe em Moscou, membro do Capítulo (década de 1760), loja Apis (1779, MS), membro do Grande Loja Provincial (a partir de 1784 VM), Presidente do Capítulo da Oitava Província e VM na Administração do grau teórico - 3, 14.

Dolst Johann August, Ivan Bogdanovich, 1747-1813, barão, cirurgião, diretor do 3º ginásio de São Petersburgo e escolas da província de São Petersburgo, loja "Marte", em 1774 frequentou a loja "Urania", em 1777 loja MS " Caridade de Alexandre ao Pelicano Coroado" - 3.

Donatus Johann Wilhelm, comerciante, Flaming Star Lodge (1818–1819, 3 o) - 3.

Dornaus Philipp, músico, loja "Peter to Truth" (1818–1819, 3 o), BG - 3.

Dragushevich Matvey, comerciante, membro fundador da loja Ovídio (3 o) -3.

Drager Andrey, médico da corte, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Dreyer Karl, bronzesmith, gravador, caixa "Alexander's Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3 o) - 3.

Drenteln , coronel, loja do "Euxine Pontus" ou "Três Reinos da Natureza" (Od.) - 3.

Drentelnfon Maxim, capitão, alojamento dos Amigos Unidos (em 1818–1819 NM e em 1820–1821 1º N) -1,3.

Drenteln Rom, Coronel, Loja Palestina (3º) - 3.

Dreshern, caixa "Orfeu" (em 1785 1º N) - 3.

Drizen 2º, Barão, Coronel dos Guardas da Vida, Loja do "Templo da Persistência" 3.

Driesen von Wilhelm, 1746 (47?) 1827, barão, tenente-general, governador civil da Curlândia, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –1.3.

Droz Sam. Pe., professor, loja "Palestina" (1818–1819) - 3.

Drutsky Andrey, mestre da carruagem de Sua Majestade, camarote das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) - 14.

Drutskoy Ivan Sergeevich, príncipe - 3.

Dubelt Leonty Vasilyevich, 17921862, Tenente General, Gerente do Terceiro Departamento da Própria Chancelaria de Sua Majestade Imperial e Chefe do Estado-Maior do Corpo de Gendarmes, Lojas da Palestina, Anel de Ouro e Eslavos Unidos (em 1818 um membro fundador, em 1818-1820 e o. 2º N, em 1820-21 NM e P para a Grande Loja de Astraea) –1.3.

Dubensky Nikolai Porfirievich, 1779–1841, governador de Simbirsk e Voronezh, senador, atual conselheiro particular, gerente do Departamento de Estado. propriedade, a caixa "Chave para a Virtude" (3 o) - 3.

Dubensky Yakov, major, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Ivan Dubrovich , professor do Liceu Richelieu, membro do departamento de Odessa da Sociedade Bíblica, loja do "Euxine Pontus" - 3.

Dubyansky Pyotr Yakovlevich, conselheiro colegiado, loja do "Escolhido Michael" (1818–1819, 3o) —1.3.

Dubyansky Yakov Fedorovich, major, loja "Urania" (de 1773 3º, atuando 2º N), em 1775 abriu uma nova loja "Astrea", membro fundador e NM da loja "Nemesis" (1776, em 1777 e o. MS) - 3.

Dudin Alexei Andreevich,? - depois de 1837, major, membro fundador da Loja da Águia Russa (em 1819-1820 2º N e P na Grande Loja de Astraea) e PC das lojas Amigos Unidos e Chave para a Virtude -1.3.

Dudrovich N.N., professor de ginásio comercial, ator. Ó. diretor do Liceu Richelieu de Odessa, loja do “Euxine Pontus” - 3.

Dumberg Gottlieb Burchard, fabricante, alojamento Flaming Star (de 1818 a 1819, 2 o) - 3.

Dunin Stepan, proprietário de terras, loja de “Escuridão Dispersa” (em 1818–1819 1ª Arte.) - 3.

Ivan Durnovo , brigadeiro, loja “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Duchinsky Eduard Osipovich,?-1885, Major General, Loja “Feliz Libertação” - 3.

Dyakov Luka Maksimovich, conselheiro judicial, conselheiro do Conselho em Poltava, loja “Amor pela Verdade” (18181819, 2º N) - 1, 3.

Dyakov Nikolai Alekseevich, 17571831, tenente-coronel, conselheiro estadual, membro da Sociedade Científica Amigável, ChT (final do século XVIII), administrou reuniões do Círculo Teórico (1819) - 3.

Dyakonov Alexey Stepanovich, capataz, loja do sistema Elagin, loja “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) - 3, 14.

Du Borg Peter Johann, comerciante, loja Isis (3 o) –3.

Du BruxAugust, chefe da alfândega em Kerch, Jordan lodge (antes de 1818–1819, 1 o)-3.

Du Brux Pavel, 1774–1835, cientista arqueológico, chefe da alfândega de Kerch, chefe dos lagos salgados e salinas de Kerch, Jordan lodge (1818–1819, 1 o) -3.

Duclos Alexandre, comerciante, loja United Friends (até 1818–1819 atuando.

K)-3.

Dulivier Louis, ourives, loja dos Amigos Unidos (1818–1819, 3 o) –3.

Dumais Alexey, professor, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 o) - 3.

Evreinov, tenente-coronel, caixa Águia Russa - 3.

Evreinov Ivan Mikhailovich, atual conselheiro de estado, diretor do Instituto Tecnológico de São Petersburgo, a loja dos “Amigos Unidos” (de 1808, em 1818-1819 PC), “Esfinge” (MS), “Três Luminares” (em 1816 –1818 MS), guardião do Capítulo Phoenix Corner (1817) -1,3.

Evreinov Nikolay, apresenta "Musas de Clio" (Moscou, 1774) e "Osíris" (São Petersburgo, 1776) - 2, 14.

Egorov Alexey Egorovich, 1776–1851, artista, estudante, aposentado e professor de pintura na Academia Imperial de Artes, loja "Palestina" (em 1813 2º N) - 3.

Joseph Yezhovsky , professor de grego na Universidade de Moscou - 3.

Yezersky , loja das "Escuridão Dispersa" (1817–1818, 3o)–3.

Elagin , proprietário de terras, amigo de PI Schwartz, participou de reuniões maçônicas na propriedade Schwartz (1830-1840)-3.

Elagin Vasily Ivanovich, capitão-tenente da frota, loja de Netuno (em 1780 atuando O) - 3.

Elagin Ivan Perfilyevich, 1725 1793, ajudante de A. G. Razumovsky, atual conselheiro particular, senador e diretor-chefe de música e teatros (desde 1768), membro da Academia Russa de Ciências, camareiro-chefe, lojas do sistema inglês (desde 1750), grão-mestre provincial do Império Russo, fundador da Grande Loja Provincial Russa (São Petersburgo, 1770), Grande Loja (de 1772 VM), administrou as lojas "Alexander Charity to the Crowned Pelican" e "Muse", membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777), estabeleceu as lojas "Modéstia" (em 1775) e "Apisa", cavaleiro escocês, loja de "Modéstia" (cavaleiro), em 1786 uniu em torno de si maçons de São Petersburgo de diferentes direções, por volta de 1790 hermeister do Alto Capítulo, 8o-3,4, 14, 19.

Eliashev Ivan, coronel, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) – 14.

Elizen Egor Egorovich, atual conselheiro estadual, membro da Grande Loja, PC da loja "Eleito Miguel" (1815) –1.

Yeltsin Prokofy Yakovlevich, apresenta "Nemesis", "Astrea" (de 1776 3 o) e "Igualdade" - 3.

Emchevsky Pavel, funcionário da alfândega, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Engalychev Konstantin Mikhailovich, príncipe, juiz, conselheiro titular, membro da Friendly Academic Society and Printing Company, Harmony Lodge (em 1780 MS), de 1782 **R** - 3.

Entaltsev Andrey Vasilievich, 17881845, tenente-coronel, membro da União do Bem-Estar e da Sociedade do Sul, lojas "Elizabeth to Virtue" e "Three Virtues" (desde 1816) - 3.

Ermolov 2º Pyotr Nikolaevich, 1784-1844, major-general, loja de "Preconceito Vitimizado" - 3.

Ershov Vasily, membro fundador e NM da loja "Imortalidade" - 3.

Esakov Dmitry Semenovich, Tenente General, Slavic Eagle Lodge (V-o) - 3.

Esmikolsky Pavel, músico da corte, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Efimov Grigory, sacerdote, loja "Pequeno Mundo" (desde 1791, atuando O para reuniões em russo) - 3.

Zhemnik , loja "Palestina" (antes de 1818–1819, 3 o) - 3.

Gervais von Amandus, capitão, alojamento da Flaming Star (c1818-18192o)-3.

Zherebtsov Alexander Alexandrovich, Major General, Chamberlain, VM 27 lojas em São Petersburgo, Moscou e várias cidades russas e estrangeiras, (1821) –1.3.

Zherebtsov Peter, capitão, aloja "Bellona" (São Petersburgo, 1774, MC) e "Osiris" (São Petersburgo, 1776) - 2, 14.

Zhukov Vasily, caixa da Jordânia (1812) –1.

Zhuravsky Alfred, loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819, 3 o) –1.

Zavadovsky Vasily, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 2 o) –1.

Zavadovsky Peter, ajudante sênior do Marechal de Campo Conde A. G. Razumovsky, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774) - 14.

Zagryazhsky , membro do Capítulo Leste de São Petersburgo, (1777) - 4.

Zagryazhsky , capitão do estado-maior do Regimento Preobrazhensky, ajudante do Ajudante General Barão Rosen 1º, loja dos "Amigos Unidos" (1821) - 3.

Zagryazhsky Boris Alexandrovich, Grande Loja Provincial (1789, MC) – 14.

Zasekin Alexander, príncipe, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776) - 2.

Zass 4º , tenente-coronel, era membro do Herdeiro do Trono, da loja "Âncoras e Coroa" (Inglaterra), "Três Bolas Mundiais" (M-a), "St. João de Jerusalém" (França, Nancy) e "S. São Jorge, o Vitorioso" (Mf, 1821) - 3.

Zass 5º, coronel, caixa "Flaming Star" (São Petersburgo, 1821) - 3.

Zass Osip Grigorievich, coronel, comandante da fortaleza Lekenua, aloja "St. São Jorge, o Vitorioso" (18181819, B) - 1.

Satzenhofer , Kapellmeister, Astraea Lodge (1820)–14.

Zakharin Timofey, alferes, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Zakharov Ivan, escrivão de gabinete, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Zvenigorodsky Viktor Ivanovich, conselheiro titular, loja do "Escolhido Miguel" **(1815,** 2o) **-1.**

Seiler Alex., caixa do escritório de apanágios, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Zembulatov Vasily, conselheiro colegiado, loja "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Sieben Mikhail, brigadeiro, chefe de polícia, alojamento Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Zilov , loja dos "Buscadores do Maná" (após o Decreto de 1822) - 3.

Zinoviev Vasily Nikolaevich, 17551827, Presidente da Faculdade de Medicina, Conselheiro Privado, Senador, na Maçonaria desde 1784 (Lyon), um proeminente funcionário maçônico, um dos principais intermediários entre os bastidores maçônicos mundiais e os maçons russos 3, 8.

Zotov Ivan, coronel, caixa "Muse Clio" (Moscou, 1774) –14.

Zotov Rafail Mikhailovich, tradutor da Direção de Teatro, box "Michael Escolhido" (1815, C)-1.

Zubov V. A., membro do Comitê para o Aperfeiçoamento dos Judeus (início do século XIX) - 3.

Zubov Dmitry, conde, PC da loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819) –1.

Zubov Dmitry Alexandrovich, Conde, Capítulo de Phoenix (lâmpadas Bl) - 15.

Zubov Platon, favorito de Catarina II, participante do assassinato de Paulo I -3.

Ivanenko Arkady, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3 *o*) –1.

Ivanitsky Boris Ivanovich, chefe bergmeister, loja do “Escolhido Michael” (1815, 3 o) –1.

Ivanov Ivan Grigorievich, conselheiro titular, lojas de “Eleito Michael” (1815.2 o) e “Lluminar Oriental” (1818–1819, B) -1.

Ivanovsky Alexander, marechal do distrito de Zaslavsky, loja da “Escuridão Dissipada” (em 1818–1819 2ª Rua) - 3.

Ivanovsky Joseph, conselheiro da corte, loja da Águia Branca (em 1819-1820 2º N e P da Grande Loja de Astrea) - 3.

Ivashev Pyotr Nikiforovich, major-general, chefe do Estado-Maior do Marechal de Campo Suvorov, as lojas dos “Amigos Unidos” (até 1818-1819) e da “Chave para a Virtude” (1818-1819, NM) e fundou uma nova loja -1,3 .

Ivin Dmitry Alexandrovich, secretário provincial, loja “Miguel Escolhido” (de 1818–1819)-3.

Igelstrom 2º, major-general, aloja-se em Novogrudok, Nesvizh, Slutsk e Rafalov (1821) - 3.

Izmailov Alexander Efimovich, conselheiro colegiado, loja do “Escolhido Michael” (1815, 2o) -17.1.

Ilyer Nikita, farmacêutico, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Ilyin Andrey Terentyevich, conselheiro titular, loja do “Escolhido Miguel” (1815, 3 o) –1.

Ilyin Ivan Ilyich, conselheiro da corte, caixa “Escolhido Michael” (1815, N) –1.

Inasse Ivan, farmacêutico, loja “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) – 14.

Inzov , tenente-general, curador-chefe e presidente do comitê dos colonos da região sul da Rússia, loja da “Bola de Ouro” (Ano, 1821) - 3.

Inzov Ivan Nikitich, 1768-1845, e. Ó. governador da região da Bessarábia, loja do “Bola de Ouro” (D'us), fundador e patrono da loja “Ovídio”

(Chisinau, 1821; formada em maio, fechada em dezembro sem iniciar trabalhos reais), loja do "Euxine Pontus "(Od.) - 3.

Ypsilanti Nicholas, príncipe, loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819)— 1.

Job , o professor do corpo de cadetes navais, da loja "To the Death's Head" (em uma extensão teórica de 1809) e da "Dying Sphinx" (de 1818), estava na seita Tatarinova - 3.

Ypsilanti Alexandre, príncipe –14.17.

Isaev Pyotr Ivanovich, major, caixa "Miguel Escolhido" (1815, 3 *o*) –1.

Iskritsky D. A., membro do Sindicato do Bem-Estar e Carbonara Venta - 3.

Kablukov 1º Vladimir Ivanovich, 1780-1848, tenente-general, senador (1834), atual conselheiro particular, loja dos "Amigos Unidos" (1821) - 3.

Kaverin Petr Pavlovich, 1794–1855, coronel, membro da sociedade Lâmpada Verde e do Sindicato do Bem-Estar - 3.

Cavier , comerciante francês, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Kagel ID, agrimensor, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819) - 3.

Nikolay Kazarov , capitão de engenharia, caixa "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Kazachkovsky , tenente-general, fundador da loja em Irkutsk (final do século XVIII) - 3.

Kazinsky Stepan, aspirante, caixa de Netuno (1780, 2 o) -3.

Tesoureiro Dmitry Petrovich, 1793 após 1854, tenente da guarda, loja dos "Amigos Unidos" (3o)-1.3.

Kaidanov Ivan Kuzmich, professor de história, professor do Alexander Lyceum, membro correspondente da Academia Russa de Ciências, atual conselheiro de estado, loja "Peter to Truth" (1810) e outras lojas da União de Astrea - 3.

Kaiser de Nilkheim Johann, doutor em medicina, conselheiro da corte, loja "Pedro à Verdade" (em 1815 MS em exercício, em 1816 1º N, B-b e P à Grande Loja de Astraea), loja PC "Palestina" e "St. Jorge, o Vitorioso" (1818–1820) 3.

Keyserling de Fedor, Conde da Curlândia, Chamberlain, Loja das Três Espadas Coroadas (1818–1820, MS), PC da Loja dos Amigos Unidos e PC da Grande Loja de Astraea - 3.

Kaisarov Petr Sergeevich, 1777-1854, promotor-chefe do Senado, diretor do Departamento de vários impostos e taxas, camareiro, senador, conselheiro particular, apresenta “Elizabeth to Virtue” (1818-1820, atuando 1º e 2º N), “ Esfinge” (C) e “Alexandre, o Leão de Ouro” (1818, O), membro da **Grande Loja Provincial (1822, VO em exercício) - 3.**

Kalashnikov F. S., comerciante, caixa “Astrea” (1783, U) - 3.

Kalinevsky Mikhail, major, caixa Jordan (1818–1819, 3 o) –3.

Kalinesky (Calinescu?) Mikhail, Wallachian, 2º inspetor do Liceu Richelieu de Odessa, loja do “Euxine Pontus” - 3.

Kalinovsky Ivan, adjunto do Liceu Richelieu, loja do “Euxine Pontus” - 3.

Kalinovsky Lev Efimovich, capitão do estado-maior, loja “Chave para a Virtude” (1818–1819, 2º o., em 1821 atuando o. K) -1.3.

Kalyshkin I. N., conselheiro colegiado, loja dos “Amigos Unidos” (3º, 2º N) - 3.

Kalneinde Leopold Friedrich, coronel prussiano, United Friends Lodge (1818–1819, PC)-3.

Kamenev Gabriel Petrovich,?-1803, de comerciantes, escritor, membro do Maçônico Inzov, tenente-general, curador-chefe e presidente do comitê sobre os colonos da região sul da Rússia, loja da “Bola de Ouro” (D'us, 1821)-3.

Kastretsov Nikolai, escrivão colegiado, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) - 14.

Kaulbars Karl, coronel, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Kaulbars von Reinhold August, barão, Landrat da Estônia, Isis Lodge (1818–1819, 3o) -1,3.

Kashansky Nikolai Fedorovich, professor do Liceu Tsarskoye Selo - 3.

Kashperov Nikita Prokhorovich, coronel, loja “Chave para a Virtude” (1 o) –3.

Kashperov Yakov Alexandrovich, membro do Capítulo Phoenix (1817.6o)-3.

Kashtalinsky Matvey Fedorovich,? - depois de 1810, mestre de cerimônias (1741-1765), gerente da expedição cerimonial do Colégio de Relações Exteriores, senador (1797), atual conselheiro estadual, Loja da Igualdade - 3.

Kvitnitsky Xenofonte, Tenente General, Comandante de Vilna, Golden Ring Lodge -3.

Keibel Johann Wilhelm, ourives, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, deputado 1º Art.) - 3.

Keith James, 1696–1758, inglês, general no serviço russo, Primeira Loja Russa da Grande Loja da Inglaterra (São Petersburgo, 1741) - 3.

Kelerfon Hermann Johann, 1792–1860, doutor em medicina, professor de história da medicina na Universidade de Dorpat, alojamento “Peter to the Truth” (3 o) - 3.

Kellinghusen , Urania Lodge nas Lojas de Hamburgo - 3.

Kelhet Ivan, Cirurgião Vitalício de Sua Majestade, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Kemmerer Alexander Bogdanovich (August Alexander),? - depois de 1846, o farmacêutico Gough, fundador e presidente da sociedade farmacêutica de São Petersburgo, ensinou ciências naturais ao futuro imperador Alexandre II, loja da “Palestina” (1818–1819, 3 o) -3.

Kene Karl Vit. (Karl Wilhelm), 1781–1822, escultor, caixa “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (em 1818–1819, 3 o) –3.

Kenter F., funcionário da seguradora de vida Urania Lodge (1775, E) - 3.

Kentper Yakov, comerciante, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Kern Johann Gelnr. Augusto, comerciante, caixa “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (1818–1819, 3 o, deputado D-ya) - 3.

Kerr Wilhelm, comerciante, Neptune to Hope Lodge (anteriormente 1818–1819 1st N) - 3.

Kessel Andrey, comerciante, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Kester Christian, comerciante, loja de "Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado" (em 1818-1819 deputado.

Arr) - 3.

Kiber Yakov Ed., comerciante, loja “Peter to the Truth” (1 o) - 3.

Kienitz von Wugner, advogado, loja “Peter to Truth” (antes de 1818-18191o)3.

Kiesewetter Georg Johann Georg,?-1818(19?), loja da “Estrela Flamejante” (de 1818–1819) - 3.

Kiel Ludwig, Lev Ivanovich, 179-1851, ajudante do Grão-Duque Konstantin Pavlovich, major-general da comitiva de Sua Majestade Imperial, chefe dos artistas russos em Roma, Phoenix Lodge (P-zh, 1821) - 3.

Keenen Georg, comerciante, loja de “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (antes de 1818–1819, 1 o) - 3.

Kinitz Franz, Cônsul Geral Inglês, Loja “Peter to Truth” (até 1818–1819, 3o)-3.

Kireevsky Peter, oficial, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) –14.

Kirulf Johann Christian Leon., comerciante, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 1 o) - 3. Kirchner, comerciante, caixa "Modesty" (após 1786 MS) - 3.

Kiryakov Alex., comerciante, loja “Peter to the Truth” (até 1818–1819 3 o) - 3.

Kister Fedor Ivanovich, 1772-1849, professor da Universidade de Moscou, doutor em direito, conselheiro do tribunal, superintendente-chefe da Academia Comercial de Moscou, diretor da escola da Igreja Evangélica Luterana de São Miguel, loja “Alexandre da Tríplice Salvação” - 3.

Kishensky (Kishinsky?) Alexander Egorovich, conselheiro estadual, apresenta “Elizabeth to Virtue”, “Sphinx” e “Alexander the Golden Lion” (de 1817 1ª Art., em 1818 Ref.) - 3.

Kishkin 2º Vasily Mikhailovich, major-general, loja da “Unidade Eslava” (Va, 1821) –3.

Klaver Petr Petrovich, capitão-tenente da frota, caixa de Netuno (1781, 4 o., em 1780-1781 atuando em. N)-3.

Klaude Anton Ivanovich, pintor, ChTg em Moscou - 3.

Klein Alexey Yakovlevich, Grande Loja Provincial (1789, C) –14.

Kleiner Mikhail Ivanovich, Oberberghauptman, chefe das fábricas Zlatoust, loja do “Miguel Escolhido” (até 1818–1819 1 o) - 3.

Klemmer , coronel, alojamento em Colônia (1821) - 3.

Klenz Friedrich, comerciante, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (1818–1819, 3o)-3.

Klimov Ivan, músico da corte, empresário do Teatro Nizhny Novgorod, caixa de “Michael Escolhido” (1815, em 1818–1819 2o) -1, 3.

Klimsch Ivan, conselheiro titular, loja “Palestina” (3 o), PC da loja “Jordan” - 3.

Klingenberg Christopher, tenente-coronel, loja “Osiris to the Flaming Star” (em 1819–1820 MS e P para a Grande Loja de Astraea), PC da loja “Scattered Darkness” - 3.

Klinger Friedrich Maximilian, Fyodor Ivanovich, 1752-1831, dramaturgo, leitor do Grão- **Duque** Pavel Petrovich, administrador do distrito educacional de Dorpat, tenente-general, Loja Urania (1773-1775, irmão ministro) - 3.

Klostermannfon G.F., tenente-coronel, chefe de polícia, loja “Pedro à Verdade” (3 o) –3.

Klostermann Karl, chefe de polícia, loja dos “Eslavos Unidos” (em 1818-1819 2nd St.) - 3.

Klotsch (Klotz?) Ivan, garçom da corte, camarote “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Klug I. Kr. Fried., MD, MS da loja (1818-1819) e PC da loja United Friends - 3.

Klan, tradutor do Collegium of Foreign Affairs, box “Muse Clio” (Moscou, 1774, C) –14.

Klyucharyov Fedor Petrovich, 17511822, escritor, diretor postal de Moscou, 1801-1812, organizou a distribuição dos folhetos de Napoleão em 1812, senador, conselheiro particular (1816), membro da Sociedade Científica Amigável, loja “St. Moisés" (1781, MS), membro do Diretório da Oitava Província, R, loja "À Cabeça da Morte" (1809), participou de reuniões do Círculo Teórico (1819) - 3, 19.

Knappephon Ivan Fedorovich, coronel, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 3 o) - 3.

Knappe Karl Heinrich, conselheiro titular, funcionário do Ministério do Interior, coronel, loja “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (O, de 1818–1819 PC) - 3.

Knisper Pavel, comerciante, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) - 14.

Knoop Christian Johann, comerciante, caixa “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (18181819, 3 o) –3.

Knorring von Ludwig Johann, Cônsul Real Holandês, Loja dos Três Machados (em 1818–1819 C)-3.

Knot Ivan, médico-chefe do hospital, loja dos “Eslavos Unidos” (em 1820–1821 C) - 3.

Knyazev Ivan, capitão-engenheiro, tradutor, caixa Apollo (início do século XIX) –16.

Kobylin Vasily Mikhailovich, conselheiro da corte, loja do “Luminário Oriental” (em 1821 O) –3.

Kobylinsky Peter, caixa “Alexandre, o Leão de Ouro” (1818, K) - 3.

Kovalevsky Akim Yakovlevich, secretário provincial, Loja da Águia Russa (1818–1819, 2o) —1.3.

Kovalevsky O.I., professor de grego e latim no Liceu Richelieu de Odessa, loja de “Euxine Pontus” - 3.

Kovalkov Alexander Ivanovich, 1794(95?)-1852, escritor místico, conselheiro particular, camareiro - 3.

Kozhevnikov Matvey, tenente, maçom da década de 1750 - 3.

Kozhevnikov Peter, ator, caixa das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) - 14.

Kozhin , corneta de guarda de cavalo, caixa Bellona (1776, 2º)–3.

Kozhin Ilya Nikitich, 1742 -? ChTG em Moscou - 3.

Kozhukhov Nikolai Stepanovich, 17901866, chefe de assuntos do Departamento Postal, diretor postal de Moscou, conselheiro particular, loja da “Esfinge Moribunda” (de 1815, em 18173, em 1819 atuando Obr) - 3.

Kozadavlev Osip Petrovich, 17541819, senador, 1799, membro do Conselho de Estado (1810), Ministro de Assuntos Internos (1811-1819), membro da Academia Russa de Ciências, conselheiro do diretor da

Academia de Ciências Princesa Dashkova (1783), Loja da Igualdade (de 1775) - 3.

Kosegarten Franz Friedrich, Ph.D., Isis Lodge (18181819, 2 o) –3.

Kozelsky Fedor Yakovlevich, 1734 depois de 1799, tradutor e secretário do Colégio de Relações Exteriores, conselheiro colegiado, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774), visitou a loja de "Urania" (1774) - 3, 14 .

Kozküll Joseph, conde, capitão da guarda, alojamento "Pedro à Verdade" (18181819, 3 o) –3.

Kozlakov , loja da "Igualdade" (em 1776 atuando K) - 3.

Kozlov Dmitry Alekseevich, coronel da Guarda Vida, cadete de câmara, conselheiro da corte, lojas da "Palestina" (1818–1819, Obr, MC), "Luminário Oriental" (P da Grande Loja de Astrea), PC da loja "Eleito Michael "(1815) – 13.

Kozlovsky Alexander Mikhailovich,?-1813, príncipe, alferes da guarda, ChTG em Moscou - 3.

Kozlovsky Nikolai Mikhailovich, 1749-1812, príncipe, tenente-coronel, conselheiro de estado, loja Osiris (São Petersburgo, 1776), membro da Grande Loja Provincial (1780, 2º N) e grau teórico em Moscou -2,3.

Kozmin Alexander, capitão da guarda, lojas "Elizabeth to Virtue" e "Sphinx" (1814, IB,7o)-3.

Kolzakov Ivan, secretário, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Koliander Ivan Lyubimovich, conselheiro titular, (1826), loja "Elizabeth to Virtue" -3.

Kollmann Karl Ivanovich, 1788-1846, acadêmico da Academia de Artes, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3 o) –3.

Kologrivov Dmitry Mikhailovich, 1780–1830, mestre-chefe de cerimônias, conselheiro particular, caixa "Águia Russa" (1818–1819, 3 o) - 1.3.

Kolokolov Andrey Nikolaevich, 1763-1802, arcipreste em Ostashkov, "animal de estimação" da Sociedade Científica Amigável, amigo do Metropolita Mikhail Desnitsky - 3.

Kolokolnikov Vasily Yakovlevich,? - 1792, “animal de estimação” da Sociedade Científica Amigável, loja “Hermes”, “Estrela Brilhante” (1788, ShM 5º grau) - 3.

Kolokoltsov Ivan Gavrilovich, ajudante de brigada, segundo-tenente, St. São Jorge, o Vitorioso" (18181819, C) - 1.

Kolomeytsov , Capitão do Estado-Maior da Guarda Vida, Minerva Lodge (Va, 1821) 3.

Kolosov A.D., comerciante, loja “Astrea” (1783.1 o) - 3.

Koloshin Petr Ivanovich, 1794-1848, conselheiro de estado, membro do Conselho do Ministério da Propriedade do Estado, membro do “Sagrado Artel”, da União da Salvação e da União do Bem-Estar (Presidente do Conselho de Moscou), participante do preparação do golpe dezembrista, a loja das “Três Virtudes” (1817, em 1821 2 o) –1,3,6.

Kolpachkievich Mikhail, professor, loja de “Escuridão Abstrata” (1818–1819, 2 o) - 3.

Kolkhovsky Vasily, nobre polonês, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 2 o) –3.

Kolychev Nikolay, capitão, caixas “Musas de Clio” (Moscou, 1774) e “Osíris” (São Petersburgo, 1776) - 2, 14.

Kolychev Stepan, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Kolychev Fedor, tenente-coronel, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) – 14.

Kolb Johann Gottfried, ourives, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 2 o) - 3.

Kolyubakin Ivan Vasilievich, caixa “Coroa de Ouro” (1780, 2º N) - 3.

Kolyubakin Nikolay, tenente-coronel da guarda, alojamento Northern Shield (4 o) - 3.

Komarovsky Baltazar, conde, presidente do 1º departamento em Volhynia, loja das “Escuridão Dispersa” (2º N), membro fundador da loja “Águia Branca” (1818-1819), 1º N e P da Grande Loja de Astraea - 13.

Komorevich Fortune, servindo na casa do Conde Adam Rzhevussky, a Loja da Águia Branca (1818–1819, 1 o) –3.

Komynin Vasily Dmitrievich, 1776–1842, líder da nobreza do distrito de Mozhaisk - 3.

Congede Monteil, professor no ginásio, lojas da Esfinge (K) e dos Amigos Unidos (1818–1819, 3 o) 3.

Koninerburg Johann, professor, PC da loja "Três Eixos" (1818–1819) - 3.

Konovalov Ivan Ivanovich, secretário da expedição estatal de Tomsk, loja do "Luminário Oriental" (1821, C)-3.

Konopatsky Semyon, loja da "Escuridão Dispersa" (em 1818–1819 Isp) - 3.

Konopka Vincent, ex-oficial napoleônico, prefeito da cidade de Slonim e policial distrital, loja "Brains of Unity" (cerca de 1820-1821) - 3.

Conradi Karl Friedrich Georg, candidato a teologia, Flaming Star Lodge (1818–1819, 1o)-3.

Conradi Ludwig, comerciante, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 1 o) – 1, 3.

Konstantin Pavlovich, Czarevich e Grão-Duque, 1779-1831, sob Nicolau I, vice-rei na Polônia, lojas dos Amigos Unidos e Alexandre à Lealdade Militar (1812), participou da Grande Loja de Astraea - 3.

Kops Johann Jak., conselheiro titular, chefe do porto, loja "Pedro à Verdade" (3 o) - 3.

Korer Alex., tenente, caixa Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Kornilov Nikolai, tenente da frota, caixa Netuno (1780, 2 o) -3.

Korobin Grigory Nikolaevich, agrônomo, membro da Sociedade de Agricultura de Moscou, loja dos "Buscadores do Maná" (1818–1819, 3 o) - 3.

Korolev , um comerciante, em sua casa (São Petersburgo) estavam localizadas as lojas do Capítulo Fênix e as lojas da União de Astrea -15.

Korolevsky , um major, realizou propaganda da Maçonaria na Rússia após o golpe dezembrista e tinha ligações estreitas com lojas polonesas -18.

Korop Karl, comerciante, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Korsakov , oficial de engenharia, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Korsakov, apresenta “Palestina” (1813, O) e “Elizabeth to Virtue” (1816–1817, 1stN)-3.

Korsakov Mikhail Alexandrovich, capitão do regimento Preobrazhensky, loja do “Escolhido Michael” (1815.3o) -1.3.

Korsakov Peter, major, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) - 14.

Korsakov Pyotr Aleksandrovich, assessor colegiado, loja do “Eleito Miguel” (1815, 3 o, O) e VOBR da Grande Loja de Astraea -1,3.

Korf , oficial da guarda, alojamento Bellona (1776, 2o) -3.

Korf, barão, capitão dos Life Guards, loja United Friends, fundador de outra loja (1818–1819)-3.

Krol Ivan Khristianovich,?-185? Major General de Engenheiros, Russian Eagle Lodge - 3.

Kron Abram Davydovich, 1766–1827, comerciante, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (3 o., até 1818–1819 atuando o. K) - 3.

Kron Andrey Johann, tenente, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (18181819, 2o) –3.

Kron Friedrich, comerciante, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 2 o)-3.

Kroneberg Andrey Johann Yakovlevich,?-1828, doutor em medicina, professor da academia médico-cirúrgica de São Petersburgo, loja “Peter to Truth” (1818–1819, 3 o) - 3.

Kropotkin Peter Alekseevich, 1842 1921, príncipe, teórico anarquista, membro de lojas maçônicas estrangeiras -11.

Kropotov Ivan Ivanovich, 1724 1769, escritor e dramaturgo, coronel, comandante de tropas ao longo da fronteira com a China, maçom dos anos 1750 - 3.

Krotkov Ivan Stepanovich, tenente, loja “Chave para a Virtude” (em 1821 NM, 3 o e P na Grande Loja de Astraea, K do Comitê de Educação da loja) - 3.

Cruade-la Johann, conselheiro titular, loja das “Três Espadas Coroadas” (em 1818–1819 C) –3.

Kruglikov Ivan Gavrilovich (mais tarde Conde Chernyshev-Kruglikov), 1781 (87?)-1847, Coronel da Guarda Vida, Conselheiro Privado, lojas de

“Alexandre, o Leão de Ouro” (em 1818-1819 agindo 2º N) e “Orfeu” "(SPb .) - 3.

Cruz Alexander Ivanovich, contra-almirante, caixa de Netuno (1780–1781, 3 o) - 3.

Kruse Alexander Romanovich, major-general, loja dos “Amigos Unidos” (3 o) - 3.

Krusenstern von Fried. Phil., Secretário da Nobreza, Loja “Três Eixos” (1818–1819, 2 o) –3.

Krulikovsky Ivan, professor de arte, caixa de “Escuridão Abstrata” (1818–1819, E) - 3.

Krupennikov Grigory Prokhorovich, conselheiro judicial, professor e inspetor do internato universitário, funcionário da chancelaria da Universidade de Moscou (1778), membro do Diretório da Oitava Província - 3.

Krusheninnikov (Krasheninnikov?) G.P., membro do Conselho Executivo do Capítulo (década de 1780) –14.

Kryger (Krieger?) Karl, músico, loja dos “Eslavos Unidos” (18201821, 1 o) –3.

Krylov Alexander Alekseevich, conselheiro colegiado, chefe do escritório específico da loja “Chave para a Virtude” (em 1821 Arr.) - 3.

Krylov Ilya, músico naval, caixa de Netuno em 1781 1 o, irmão servo) - 3.

Krylov-Platonov Savva, 1777–1824, bispo de Tula, Chernigov, Yaroslavl, escritor - 3.

Krüdner (Krüdener), baronesa, Martinista (início do século XIX) –19.

Krüdener von Alexander, administrador da propriedade, alojamento “Peter to the Truth” (1 o) –3.

Krudener (Kridener?) Anton Karlovich, um dos fundadores da loja Golden Key (1781) -3.

Krudenerfon Grigory Karlovich, barão, major, promotor provincial em Tobolsk, loja da “Chave da Virtude” (de 1819) - 3.

Krüdener von Karl Antonovich,? -1856, 2º - comandante de São Petersburgo, major-general, comandante do regimento Semenovsky, loja “Peter to Truth” (3 o) - 3.

Kryukovsky Vasily Ivanovich, 1744-1819, atual conselheiro de estado, guardião honorário hereditário do Conselho de Curadores de São Petersburgo, MS de uma das lojas do sistema Reichel, ChTg em São Petersburgo 3.

Kuvshinnikov Ivan Nikolaevich, comerciante, caixa de "Miguel Escolhido" (1815, 1818–1819, 2 o) –1.3.

Kudryashev Petr Mikhailovich, 1801-1892, escritor, auditor na Orenburg Ordinance House, alojamento em Orenburg - 3.

Kuzavitsky (Kuzevitsky?) Ivan Andreevich, major, loja "Chave para a Virtude" (1818–1819, 3o)-1,3.

Kuzmin Vasily Nikolaevich, major-general, (1855), caixa 3 de Netuno.

Kulevaev Mikhail Semenovich, coronel, granadeiro vitalício, loja dos "Amigos Unidos" - 3.

Kulikovsky , major-general, loja "Alexandre da Tríplice Salvação" (1º N para reuniões em russo, em 1819–1820 P para a Grande Loja de Astraea) - 3.

Kulchinsky , professor do ginásio de Kiev, loja dos "Eslavos Unidos" 3.

Kulyabka (Kulyapka?) Grigory Ivanovich, 1731 (32?) - entre 1784 e 1787, segundo major, maçom da década de 1750 - 3.

Kupriyanov Fedor, alferes, granadeiro de Sua Majestade o Rei do Regimento Prussiano, segundo-tenente dos Guardas da Vida do Regimento de Moscou, Russian Eagle Lodge (1818–1819, 1º) -3.

Kurakin Alexander Borisovich, 1752-1818, príncipe, serviu sob o comando do czarevich Pavel Petrovich, acompanhou-o em uma viagem ao exterior, vice-chanceler (sob Paulo I), administrou o Collegium of Foreign Affairs (sob Alexandre I), embaixador em Viena (1806-1808) e em Paris (1808-1812), maçom desde 1773, loja da "Igualdade" (1775, 3 o), trouxe a Constituição da Suécia para introduzir graus do sistema sueco, ele próprio recebeu o título de VM do sistema sueco, que ele deu a G. P. Gagarin; fundou e serviu como MC da loja "St. Alexandra", e também participou das atividades de outras lojas -3.8.

Kurakin Alexey Borisovich, 17591829, príncipe, chanceler das ordens russas, conselheiro particular, senador, pequeno governador geral russo (1802), ministro de assuntos internos (1807), maçom do sistema sueco 3.

Kurbatov Pyotr Aleksandrovich, conselheiro de estado, secretário da embaixada em Lisboa, chefe da tipografia da Universidade de Moscovo, loja dos "Buscadores do Maná" (de 1817 3º, actuando 1º N, em 1819–1820 NM), membro da o Capítulo da Fênix (1817, 6 o) - 3.

Kurmanaleev Vasily Nikitievich, capitão da frota, posto 1, conselheiro do estado.

banco emprestado, PC da loja de Netuno (3 o) –3.

Kurowsky von Johann Gerhardt Friedrich, membro fundador e Da caixa "Imortalidade" - 3.

Kurrekk Karl, proprietário da pensão, alojamento "Peter to the Truth" (1818–1819, 2 o) - 3.

Kurzweil Heinrich, gravador, conselheiro titular, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Alexey Ivanovich Kusov , 1780 (90?) -1848, de mercadores, nobre hereditário (desde 1830), membro da Sociedade Econômica Livre, diretor dos mercadores do estado. banco comercial, membro do conselho estadual instituições de crédito, loja do "Miguel Escolhido" (1815, 1stN)-3.

Nikolai Ivanovich Kusov , 1780-1856, comerciante da i guilda, atual conselheiro de estado e conselheiro comercial, prefeito de São Petersburgo (1824-1833), um dos diretores da Russian American Company, a loja "Elect Michael" (1815, K, em 1818-1819 e. o. K) e o "Luminário Oriental" (NP da Grande Loja de Astraea) –1.3.

Alexey Kusovnikov , capitão dos Life Guards, dono da casa na rua Myasnitskaya. em Moscou, onde vários quartos foram especialmente decorados para o trabalho maçônico, a loja dos Amigos Unidos (1818–1819, 2 o) -3.

Kutuzov Alexander Petrovich, 17771817, major-general do regimento Izmailovsky, comandante das tropas na Geórgia (1817), lojas de "Elizabeth to Virtue" (de 1813) e "Sphinx" (de 1815 ShM, 5 o) - 3.

Kutuzov Alexey Mikhailovich, 1749 1797, pajem, primeiro major, membro da Friendly Scientific Society e da Printing Company, um dos membros fundadores da loja Astrea (1775), da loja Harmony (1780), R (1782), MS de a loja "Triângulo Luminoso" (1782-1784), membro do Diretório de Graus Teóricos, viveu por muito tempo em Berlim para comunicação entre os

Rosacruzes Russos e seus superiores alemães, correspondeu-se com o ideólogo maçônico Du Bosc 3.14.

Kutuzov P., regimento de cavalaria, participante da conspiração contra Paul I-1.

Kutuzov Pavel, senador, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819) –1.

Kuchetovsky Kir. I., professor primário do Liceu Richelieu (desde 1818), membro do departamento de Odessa da Sociedade Bíblica, loja do “Euxine Pontus” - 3.

Kushelev Georgy, Tenente General, PC da Loja dos Amigos Unidos -1.

Kushelev Grigory Grigorievich, 1754-1833, conde (desde 1799), vice-presidente do Admiralty College, almirante, maçom do final do século XVIII - 3.

Kushelev Egor Andreevich, 1763-1826, conde, tenente-general, comandante de Moscou (1796), senador (1820), lojas de “Elizabeth to Virtue” (MS interino) e “Esfinge Moribunda” (NM, governou em 1819), PC das lojas “Peter to Truth”, “United Friends”, “Flaming Star” e outras lojas da União Astraea, NM da Grande Loja de Astraea, então seu VM - 3.

Kushkovsky Inácio Maksimovich, 1788 -? secretário provincial, camarote da “Esfinge Moribunda” (1 o) –3.

Kushnov Fedor, conselheiro titular, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 2 o) –3.

Külewein Jacob Friedrich, comerciante, loja Flaming Star (1818–1819, 1 o) - 3.

Georg Kyumanovsky , proprietário de terras, pousada “White Eagle” (1818–1819, 2 o) –3.

Kümmel Fred. Guilherme, comerciante, aloja “Palestina” (até 1818 K) e “Pedro à Verdade” (3 o), PC e Loja “Jordan” (1818, 2 o) –3.

Kühnert Johann Christian, fabricante, caixa “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 1 o) –3.

Künstler Sam., engenheiro, loja “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (antes de 1818–1819, 3 o) - 3.

Küster Wilhelm, secretário colegiado do comitê Livland, loja "Peter to the Truth" (1818–1819, C) 3.

Küster Gotl., cônsul prussiano em Reval, loja Isis (1818–1819, 3 o) –3.

Küster I. Frito. Dan., Doutor em Direito, reitor da escola alemã da antiga igreja luterana, "Alexandre da Tríplice Salvação" (1818–1819, 1 o) - 3.

Küchelbecker Wilhelm Karlovich, 1797-1846, poeta, professor de línguas no nobre internato universitário, secretário do Chanceler das Ordens Russas A. Naryshkin (ver), membro da Sociedade do Norte, loja do "Miguel Escolhido" (1818– 1822) - 3.

Kuchelbecker 2º Mikhail Karlovich,?-1859, Tenente da Guarda. Frota, membro da Sociedade do Norte, loja do "Escolhido Miguel" (1821, 3 o) -3.

Labzin Alexander Fedorovich, 17661825, conselheiro estadual ativo, "animal de estimação" da Sociedade Científica Amigável, secretário da Sociedade Bíblica, fundador e editor do "Zion Herald", secretário da Sociedade Bíblica, desde 1773 em uma das lojas de Moscou, em 1800 fundou e foi MS da loja "Dying Man" Sphinx"; lojas "À Cabeça da Morte", "Belém" (fundador e MC), participaram de reuniões do Círculo Teórico em 1819, lojas do "Povo de Deus" e PC das lojas "Pedro à Verdade", "Alexandre Caridade a o Pelicano Coroado" e outras lojas da Union Astraea - 3, 8, 15, 19,20.

Lavrenty Innokenty, músico da corte, caixa do "Michael Escolhido" (1818–1819, 1 o), BG - 3.

La Harpe , maçom francês, tutor do Soberano Imperador Alexandre I-17.

Lagovsky , coronel, membro organizador da União Templária em Volyn em 1820-3.

Lagorio Ivan, comerciante, loja Jordan (antes de 1818–1819, Obr) - 3.

Lagorio Felix, comerciante, vice-cônsul das Duas Sicílias, loja "Jordan" (em 1817–1821 MS), PC da loja "Euxine Pontus" e da Grande Loja de Astraea -1.3.

Ladomirsky Vasily Nikolaevich, tenente dos Life Guards, caixa de "Escolhido Michael" (1815.2o) -1.3.

Ladyzhensky Alexey Fedorovich, 1796-1848, coronel, membro da Friendly Scientific Society and Printing Company, loja Deucalion, ChTg em Moscou e membro da Ordem Rosacruz - 3.

Ladyzhensky I.F.,?-1811, coronel, assessor colegiado, promotor, membro da Gráfica - 3.

Ladyzhensky Petr Fedorovich, capataz, membro da Friendly Scientific Society e um dos fundadores da Printing Company, R - 3.

Ladyzhensky Fedor Nikolaevich,? depois de 1824, brigadeiro, caixa "Coroa de Ouro" (1º N) - 3.

Lazarevich Ivan Fedorovich, conselheiro da corte, postmaster em Simbirsk, loja "Key to Virtue" (em 1818–1819 K, em 1821 1st St.) –1, 3.

Lazinsky Victor, proprietário de terras, loja dos "Eslavos Unidos" (1820–1821, 3 o) - 3.

Laikevich Nikolai Petrovich, juiz do distrito de Mozhaisk (em 1824) - 3.

Lamb I.V., em 1787 governante da província de Kostroma - 3.

Lamping Sylvester Wilhelm, professor de música, Caixa de Caridade de Alexander para o Pelicano Coroado (1818–1819, 2 o) - 3.

Lamzdorf 2º, conde, general do Grão-Duque Mikhail Pavlovich, loja das "Três Espadas Coroadas" (M-a, 1821) - 3.

Lamzdorf Matvey Ivanovich, Gustav Matthias, 1745-1828, conde, membro do Conselho de Estado, educador dos Grão-Duques Nicolau e Mikhail Pavlovich (em 1800-1817), general de infantaria, governante da Curlândia, loja das "Três Espadas Coroadas" - 3.

Lang Phil., comerciante, loja de "Alexandre da Tríplice Salvação" (antes de 1818-1819, 3 o) –3.

Langhans Gottfried Heinrich, comerciante, caixa "Alexander's Charity to the Crowned Pelican" (18181819, 2o) -3.

Lange Hyacinth Christianovich, Doutor em Medicina, Loja "St. São Jorge, o Vitorioso" (1817, 3 o) –1.3.

Lange Johann Ferdinand, comerciante, loja "Peter to Truth" (1818–1819, 2 o) –3.

Landgrave K., farmacêutico, loja "Alexandre da Tríplice Salvação" (18181819, 2 o) –3.

Landesen Georg, comerciante, loja Isis (1818–1819.2 o) –3.

Landesen Fried. V., comerciante, caixa "Flaming Star" (1818–1819, 2 o) – 3.

Landrazhen (Landrozhin?) Ivan, francês, professor do ginásio Nizhyn, loja dos “Eslavos Unidos” (18201821, sala 2 N) - 3.

Langeron Alexander Fedorovich, 1763-1831, conde, francês, general de infantaria, governador-geral de Odessa, Kherson e Novorossiysk, membro da Suprema Corte no caso dezembrista, loja do “Euxine Pontus”, (Od., MS honorário) fundador membro da loja “Três Reinos da Natureza”, Capítulo Phoenix (em 1831), PC das lojas “Amigos Unidos” e “Jordan” - 3.

Leopold Friedrich, alfaiate, loja “Peter to Truth” (1818–1819, 3 o) –3.

Lerche Gustav Vasilievich,?-1869, Doutor em Direito e Secretário do Comitê de Censura do Ministério da Justiça, lojas de “Ísis” (até 1818-1819) e “Alexandre da Tríplice Salvação” (P à Grande Loja de Astraea), PC das lojas “Escudo do Norte”, “ Zeloso Litvin", "Pedro pela Verdade", "Palestina", "Ísis", "Netuno pela Esperança", "Eleito Miguel", "Jordânia", "Amigos Unidos", "Estrela Flamejante", "St. São Jorge, o Vitorioso”, “Escuridão Dispersa”, “Três Eixos”, “Chave para a Virtude” e “Águia Branca”, BC e PC-k da Grande Loja de Astraea em 1818–1819 –1.3.

Lerche Theodor-Heinrich-Wilhelm, Vasily Vasilyevich, 1791-1847, doutor em medicina, médico-chefe do hospital oftalmológico, atual conselheiro de estado, aloja “Ísis” (1818–1819, atuando como P da Grande Loja de Astrea) e “Pedro para a Verdade” "- 3.

Lesnikov I.V., comerciante, loja “Astrea” (1783.1 o) - 3.

Lesovsky Stepan Ivanovich, 17821830, major-general, senador, chefe do distrito de gendarme de Moscou, alojamento “St. São Jorge, o Vitorioso" (de 1817, em 1818–1819 3 o) –1.3.

Lefebre Dominic, dançarino do teatro da corte de São Petersburgo, o camarote dos Três Corações, visitou o camarote Urania em 1774-3.

Leffler Georg, livreiro, loja Palestina (1818–1819, 3 o) –3.

Lezzanophon Boris Borisovich, 17501827, general de infantaria, membro do Colégio Militar do Estado, Governador Geral da Sibéria, Flaming Star Lodge (1818–1819, 3 o) - 3.

Lezzano Ivan Borisovich, geral, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774), loja do sistema Elagin, desde 1776 oficial da Grande Loja Provincial e na época da união das lojas da Elagin e Sistemas Reichel P desde o primeiro - 3, 14.

Lesch von Erns Ludwig, barão, tenente, PC da loja de Netuno (1781, 3 o) 3.

Leshern von Hirschfeld Karl Karlovich, atual conselheiro de estado, Loja da Águia Russa (18181819, 3 o) –1, 3.

Leshern Ivan, capitão, alojamento dos Amigos Unidos (1818–1819, 2 o) – 3.

Leshern 1st Ivan, loja dos “Amigos Unidos” (antes de 1818–1819)-3.

Leshern Fedor, oficial, loja United Friends (1818–1819, 2 o) -3.

Lieb Sigmund-Friedrich, comerciante e fabricante, proprietário da fábrica real de chita em Yamburg, a loja “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (em 1818-1819 3 o, 2º N, PCH) e “Alexandra à Abelha” (MS e P na Grande Loja de Astraea) 3.

Lieven Andrey Romanovich, 1726 1781, barão, general, Loja Maçônica Prussiana - 3.

Liven Ivan, barão, tenente, loja Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Livron de Franz, tenente-coronel, Flaming Star Lodge (1818–1819, 3 o) -3.

Lidem, barão, loja das “Três Espadas Coroadas” (CH) - 14.

Lizagub (Lizogub?) Ilya Ivanovich, 1787–1867, coronel, loja dos “Amigos Unidos” (1817, 1o)-3.

Lingen, Tenente Coronel, Caixa de Caridade de Alexander para o Pelicano Coroado -3.

Lingen von Johann Gottfried, comerciante, caixa de “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (1818–1819, 2 o) –3.

Lingen von Karl Johann, conselheiro da corte, proprietário de terras, loja Isis (1818–1819, 3 o) –3.

Lingenfon Magnus, comerciante, loja de “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (em 1818–1819 Arr.) - 3.

Lindekugel Christian, alfaiate, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (18181819, 3 o) -3.

Linden Alexander Egorovich, Major General, Diretor do Departamento de Comissariado, Loja “Perfeição” - 3.

Lindeström (Lindström?) von Pyotr Ivanovich, 1767–1841, médico pessoal do Grão-Duque Konstantin Pavlovich, depois de Sua Majestade Imperial, Conselheiro Privado, alojamento “Pedro à Verdade” (até 1818–1819, 3 o) – 3.

Lyozen, loja “Palestina” (em 1822 C) - 3.

Lipgen , caixa Ísis (3º) - 3.

Lipkin Nikita Semenovich, diretor do banco de designação estadual, loja da “Esfinge Moribunda” (1818–1821, K) - 3.

Liprandi Ivan Petrovich, 1790–1880, major-general, historiador, oficial de missões especiais no Ministério de Assuntos Internos e no departamento específico, Jordan lodge (em 1818–1819 S, K e D-b) –1.3.

Lisevich Fedor, padre (início do século XIX) - 3.

Lissner Karl Jos., livreiro, loja “Alexander Charity to the Crowned Pelican” (18181819, 1o) –3.

Litvinsky Ilya, capitão do serviço polonês, caixa de “Escuridão Abstrata” (1818–1819, 3 o) –3.

Likhachev Alexander Loginovich, 17501814, famoso bibliófilo, assessor do Tribunal Superior Zemsky de Kazan, deputado da Assembleia da Nobreza de Kazan, conselheiro do tribunal, fundador e MC da loja 3 “Sol Nascente”.

Likhonin Petr Stepanovich, escritor, membro da Sociedade Econômica Livre, R-3.

Lobanov-Rostovsky 2º Alexander Yakovlevich, 1788-1866, príncipe, escritor, ajudante de campo de Sua Majestade Imperial, major-general, lojas da “Palestina” e “Águia Russa” (membro fundador e VNM), PC das lojas de os “Eslavos Unidos” ", "A Chave para a Virtude", "St. Jorge, o Vitorioso", "Pedro para a Verdade", "Palestina", "Ísis", "Netuno para a Esperança", "Miguel Escolhido", "Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado", "Amigos Unidos", "Estrela Flamejante" , "Escuridão Dispersa" ", "Três Machados", "Alexandre da Tríplice Salvação", "Águia Branca", "Escudo do Norte" e "Preconceito Derrotado", VNM Grande Loja de Astraea (em 1818-1819) -1.3.

Lobanov-Rostovsky Alexey Alexandrovich, 1786-1848, príncipe, conselheiro privado, senador, governador civil de Ryazan, líder provincial da nobreza de Tula, loja dos “Amigos Unidos” (até 1818-1819) e membro fundador de outra loja 3.

Lobanov-Rostovsky 3º Alexey Yakovlevich, 1795–1848, príncipe, tenente-general, loja “St. São Jorge, o Vitorioso" (desde sua inauguração em 18183) - 1.3.

Lobanov-Rostovsky Ivan Alexandrovich, 1789–1869, príncipe, conselheiro particular, senador, loja dos "Amigos Unidos" (até 1818–1819, 3 o) –1, 3.

Lodefon Georg, capitão, hospeda "Peter to Truth" (1818, 3 o) e "Alexandra to the Bee" (3 o), fundador de outra loja - 3.

Loder Justin-Christian, Christian Ivanovich, 1753-1832, doutor em medicina, médico vitalício, doutor em filosofia, atual conselheiro estadual, loja "Alexandre da Tríplice Salvação" (de 1818 a 1821 atuando como 1º N, MS e P na Grande Loja de Astraea) e "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) - 3.

Lodiy Petr Dmitrievich, 1764-1829, atual conselheiro estadual, professor no Instituto Pedagógico de São Petersburgo e na Universidade de Lviv, lojas da "Estrela Polar", "Pedro à Verdade" (em 1810), "Alexandre da Tríplice Salvação ", etc. - 3 .

Lopukhin , príncipe, tenente, loja "Peter to the Truth" (1810), etc.

Mansurov V., coronel, Orpheus Lodge (São Petersburgo, 1821) - 3.

Manteuffel Gottlieb, major, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774) - 14.

Masmeyer Yakov, comerciante, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Matei Christian Friedrich, 1744-1811, professor de literatura grega e latina, loja "Três Espadas" (Moscou, 1797, M) - 3, 19.

Meyendorff 1º, barão, coronel, estava sob o duque Alexandre de Württemberg, alojamento em Poznan (1821) 3.

Meyer , capitão do estado-maior da salva-vidas, ajudante do Conde Langeron, loja do "Euxine Pontus" (Od., 1821)-3.

Maindorer , major, caixa "Muse Clio" (Moscou, 1774, 2º gerente) 14.

Melissino Petr Ivanovich, 1718 1795 (1803?), Grego, tenente-general do serviço russo, diretor e depois curador da Universidade de Moscou, Mars Lodge (Iasi, Moldávia, 1774, M) e Silence, Russian Provincial Lodge (1765, 1ª guarda), o chefe da loja de seu sistema - o sistema Melissino - 3, 14, 19.

Melgunov Alexey Petrovich, 1722 1788, senador, presidente do conselho da câmara, governador-geral da província de Novorossiysk - 3.

Melnikov Ivan Andr., Capítulo de Phoenix (1818, 1º arauto) –15.

Mendozade Leo Sousa, Conde, Loja "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Menzbier Heinrich Joach., comerciante, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819, 2 o) –3.

Mentel von, tenente vitalício, aloja “Alexander Charity to the Crowned Pelican”, “St. George, o Vitorioso" (de 1813), "Cruz de Ferro" e "Eleito Miguel" (NM), visitou lojas em Paris, onde recebeu os mais altos graus (em 1814 32 o) -3.

Mensch Christian, Major General, loja “Pedro à Verdade” (1818–1820, P à Grande Loja de Astrea), PC das lojas “Perfeição” e “Triângulo” - 3.

Menshikov Alexander Sergeevich, príncipe, 1787-1869, almirante, governador-geral finlandês, comandante-chefe das tropas na Crimeia, governador-geral militar de Kronstadt, membro do Conselho de Estado, Zum Golden Apfel ou loja Pelican (Dn , 1821) - 3.

Menshikov Peter, príncipe, coronel, loja “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774, 2º gerente) –14.

Merzlyakov Alexey Fedorovich, 17781830, poeta - 3.

Merke, cirurgião da equipe, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) –14.

Meshchersky , príncipe –14.

Meshchersky Alek., príncipe, conselheiro estadual, membro do Conselho Aduaneiro, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774, 1º gerente) - 14.

Meshchersky A.I., príncipe, loja Erato (São Petersburgo, 1775, M) –14.

Mielli Salvator, alfaiate, Jordan Lodge (1818-18193 e 1st St.) 3.

Mielli Phil., artista, caixa Jordan (1818–1819, 2 o) - 3.

Mikowski Karl, ex-segundo-tenente do serviço polonês, loja da “Escuridão Abstrata” (1818–1819, 1o)-3.

Mikulin 1º Vasily Yakovlevich, ajudante geral do quartel-general de Nicolau I, comandante do regimento Preobrazhensky, loja Netuno - 3.

Mikulin Mikhail Ivanovich, major e proprietário de terras, loja do “Escolhido Michael” (1815, 2 o) - 1, 3.

Mikulin Stepan Danilovich, engenheiro-general, ChTG em São Petersburgo, caixa da “Esfinge Moribunda” - 3.

Mirkovich Alexander Yakovlevich, 1792–1888, coronel da Guarda Vida, aloja “Astrea” e “Alexandra à Lealdade Militar” - 3.

Mirkovich Fedor Yakovlevich, 1786-1866, major-general, inspetor e membro do conselho de instituições de ensino militar, loja Astrea, em 1812 frequentou a loja Alexander to Military Loyalty 3.

Mitkov Mikhail Fotievich, 17911849, coronel, membro da Sociedade do Norte, participante na preparação do golpe dezembrista, loja dos "Amigos Unidos" (3 o) - 3, 6.

Mikhailov Nikolai, ator, caixa das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Mikhailovsky-Danilevsky Alexander Ivanovich, 1790-1840, historiógrafo militar, membro do Conselho Militar, senador, tenente-general, lojas da "Cruz de Ferro", "Eleito Miguel" (1821), lojas em Paris: "St. João de Jerusalém" e outros, em Varsóvia (em 1814 - 32 o) - 3.

Mikhalovsky Ivan, proprietário de terras, loja de "Escuridão Dispersa" (3 o, até 1818-1819 arr.) - 3.

Mikhalovsky Konstantin, proprietário de terras, loja de "Escuridão Dispersa" (18181819)-3.

Molchanov Vasily, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) –1.

Mordvinov Mikhail, Major General do Corpo de Engenheiros, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Mordvinov Nikolai Semenovich, 1754–1845, conde, presidente do Departamento de Economia (1810–1818), Departamento de Assuntos Civis e Espirituais (1821–1838), Conselho de Estado, presidente da Sociedade Econômica Livre - 3.

M **ordvinov** Peter, major, caixa "Marte" (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Motyl Daniil, secretário provincial, loja do "Michael Escolhido" (1818–1819, 1 o) –3.

Mokhnacki Mauritius, escritor, um dos líderes do partido revolucionário extremo na Polônia - 17.

Moczynski Jos., nobre polonês, loja dos "Amigos Unidos" (antes de 1818–1819 3 o) –3.

Moshinsky Pyotr Ignatievich, conde, líder provincial da nobreza (em 1823-1826), foi associado à Sociedade do Sul, a loja "Escuridão Dispersa" - 3.

Moshinsky Petr Stanislav-Wojciekh Aloisy Ignatievich, 1800-1879, conde, marechal provincial da nobreza de Volyn, membro da Sociedade Patriótica, participante na preparação do golpe dezembrista, membro da Sociedade Templária -3.6.

Moshkov Peter, tenente-coronel, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Mudrov Matvey Yakovlevich, 17721831, doutor em medicina, diretor de institutos médicos e clínicos, atual conselheiro estadual, lojas do "Pequeno Mundo" (desde 1802), "Cruz de Ferro", "Esfinge Moribunda", "Alexandre da Tríplice Salvação" , "Buscadores de Maná", "Netuno" e outros, visitaram lojas em Berlim e Paris, participaram de reuniões do Círculo Teórico (em 1819 no grau ShM) -3.

Munt Petr Ivanovich, Capítulo de Phoenix (1818, 1º VOBR) –15.

Muravyov 1º, major-general, chefe da instituição educacional de Moscou para líderes de coluna, alojamento em Estrasburgo (1821) - 3.

Muravyov Alexander Nikolaevich, 1792–1863, Coronel da Guarda. gene. sede, membro do "Sagrado Artel", União da Salvação (fundador), Sociedade Militar e União do Bem-Estar (chefe da Câmara Municipal de Moscou), participante na preparação do golpe dezembrista, loja de "Elizabeth à Virtude", " Três Virtudes" (NM), etc., lojas na França, onde (na cidade de Melen) recebeu 7 o em 1814, Capítulo de Phoenix (1818) - 3, 6, 15.

Muravyov Nikita Mikhailovich, 1795-1843, capitão, membro da União da Salvação (um dos fundadores da União do Bem-Estar e da Sociedade do Norte (seu governante), autor do projeto de constituição, participante na preparação do golpe dezembrista, Loja das Três Virtudes (rhetor) - 3.

Nikiforov Stefan, tradutor, caixa Esfinge (O) - 3.

Nikkels Heinrich, comerciante, caixa "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3 o) 3.

Nikolaev Bogolep Nikolaevich, conselheiro colegiado, agente comissionado, Slavic Eagle Lodge (3 o) - 3.

Nicholas Christoph Friedrich, 17331811, geral, membro da Grande Loja (desde 1776, oficial) - 3.

Nikolay Nikolaevich Nikolev, 1779-1835, ajudante de campo do Estado-Maior do Marechal de Campo Barclay de Tolly, coronel, Grande Inspetor Geral Supremo do 33º e último grau para a França, P do Grande Consistório

Supremo para as ilhas da América em todo o norte e grande oficial honorário do Consistório Escocês de Phoenix em Paris; recebeu poderes para difundir o sistema na Prússia, Polónia e Rússia - 3.

Nikolev Yakov Sergeevich, vice-governador de São Petersburgo, diretor da comissão estadual para o pagamento de dívidas, loja "Preconceito Derrotado" (1822, 2 o) -3.

Nicole Cristo. A. Louis, professor, loja "Palestina" (3 o) - 3.

Niemeyer Ivan Ivanovich, cirurgião, conselheiro titular, apresenta "Eleito Miguel" (membro fundador) e "Luminário Oriental" (1818–1819, 1º I) –1, 3.

Nippa Gotl., farmacêutico, loja "Alexander Charity to the Crowned Pelican" (1818–1819, 3o)-3.

Nirod von Gustav, conde, major, loja de Ísis (1818–1819, 3 o) –3.

Nitschke Gofrat, fundador da Loja Teosófica-Hermética em Moscou - 3.

Nisha Nikolay, segundo-tenente engenheira, loja "Peter to the Truth" (3 o) - 3; Novikov Alexey Ivanovich, 1749 1799, conselheiro da corte, membro da Sociedade Científica Amigável e da Gráfica (em 1782 R) - 3.

Novikov Mikhail Nikolaevich, 17771824, conselheiro da corte, governante do cargo do Pequeno Governador Geral Russo, maçom Príncipe N.V. Repnin, membro da Ordem dos Cavaleiros Russos e da União da Salvação, participante na preparação do golpe dezembrista, a loja de "Miguel Escolhido" e "Amor à Verdade" (fundador e UM, 18181819) –1, 3, 6.

Novikov Nikolai Ivanovich, 1744-1818, escritor e editor, iniciado na Maçonaria em 1775, frequentou a loja Urania, um dos 9 membros que compunham a loja Astrea; loja "Latona" (MS, 4 o, em 1778 - 7 o do sistema sueco), em 1780 organizou a loja "Harmonia", desde 1782 membro do Capítulo da Oitava Província e presidente do Diretório, loja da "Golden-Rosy Cross", membro do Diretório do grau teórico, frequentou a loja Flaming Star, orador do grau teórico em Moscou; não participou das lojas do século 19 - 3, 19.

Novosiltsev Nikolai Nikolaevich, 1761-1836, conde, era próximo de Alexandre I, senador, conselheiro privado ativo, presidente do Conselho de Estado e do Comitê de Ministros (de 1834), loja dos "Amigos Unidos" - 3.

Novosiltsev Pyotr Petrovich, vice-governador de Moscou, chefe da província de Ryazan, atual conselheiro de estado, loja do “Escolhido Michael” (1815.3o) -1.3.

Novotny Ant., proprietário de terras, loja dos “Eslavos Unidos” (1820–1821, 1 o) 3.

Nolken von Reingold, capitão, apresenta “Peter to Truth” (3 o) e “Alexandra to the Bee” (1818–1819, agindo o)-3.

Norwitde Ivan, nobre e proprietário de terras do Reino da Polônia, loja da “Águia Branca” (1818–1819, 3 o)-3.

Nyuman Karl Ivanovich, tenente da frota, caixa de Netuno (1780–1781, 3 o) - 3.

Nyuske Johann Dan., loja “Catarina dos Três Apoios” (5º, atuando), membro fundador da loja “Estrela do Norte” 3.

Norden von Karl Gottlieb, funcionário da companhia de seguros de vida, loja Concordia (1787, NM e MS), membro do Alto Capítulo da Oitava Província (c. 1790, vigário), PC da loja do Pequeno Mundo (1791) -3 .

Norov Avraham Sergeevich, coronel, escritor, ministro da educação pública (1854-1858), presidente da Comissão Arqueológica Imperial, membro do Conselho de Estado, atual conselheiro particular, lojas dos Amigos Unidos (1816) e das Três Virtudes (1819, 2º) - 3.

Norov Vasily Sergeevich, 1793–1853, capitão, membro da Sociedade do Sul, Loja das Três Virtudes - 3.

Obolduev Georgy, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Obolensky Evgeniy, príncipe, dezembrista –18.

Obrenberg , barão, coronel, loja Flaming Star (São Petersburgo, 1821) - 3.

Odede Zion Karl Osipovich, Capítulo de Phoenix (na virada dos séculos 18 para 19, grande chanceler) –15.

Odoevsky Ivan, príncipe, coronel, caixa “Musa Clio” (Moscou, 1774) 14.

Odoevsky Nikolai Ivanovich,? 1798, príncipe, coronel, loja “Muse Clio” (Moscou, 1774, M), Grande Loja Provincial (1789, sênior Bl) - 3, 14.

Odoevsky Sergei, príncipe, coronel, caixa “Musa Clio” (Moscou, 1774, C) –14.

Ozerov-Deryabin Petr Ivanovich, 1778–1843, membro do Conselho de Estado, senador, loja “Novo Israel” - 3.

Olenin Alexander, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 2 o) –1.

Olizar Gustav-Henrik-Atanazy Filippovich, 1798-1865, conde, marechal da nobreza provincial de Kiev, poeta polonês, membro da “Sociedade Patriótica”, participante na preparação do golpe dezembrista, a loja do “Segredo Perfeito” e “Crown Virtue”, a loja dos “Eslavos Unidos” (Kiev, presidente) –3, 6, 17.

Olsufiev Dmitry Sergeevich, capitão dos Guardas da Vida, caixa da Águia Russa (V-a, 1818–1819, K), PC da caixa de Elêusis -1.

Opitz Ernst, comerciante, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774, Moscou) - 14.

Orlov Grigory, coronel, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 3o)-1.

Orlov Grigory, conde, caixa “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” (1818–1819)-1.

Orlov Mikhail Fedorovich, 17881842, conde, ajudante de campo da Suíte, major-general, fundador da secreta “Ordem dos Cavaleiros Russos”, membro da União do Bem-Estar, vice-presidente da filial de Kiev da Sociedade Bíblica - 8.

Orlov Nikolai Alekseevich, 18271885, príncipe, ajudante geral, embaixador em Bruxelas, Paris e Berlim - 3.

Orlov Fedor, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 2o)-1.

Austen Karl, Barão, Loja de Amigos Unidos (1818–1819, 2 o) –1.

Osten-Saken Dmitry Erofeevich, 1789–1881, ajudante geral, Astrea Lodge - 3.

Osterman-Tolstoy Alexander Ivanovich, 1770-1857, conde, atual conselheiro de estado, comandante do regimento Preobrazhensky, general de infantaria, loja dos “Amigos Unidos” (no grau da Rosa Cruz) –1.3.

Ostolopov Nikolai Fedorovich, 1783-1833, escritor, poeta, autor de uma ode maçônica, vice-governador de Vologda (1814-1819), diretor dos teatros de São Petersburgo (1825-1827) - 15.

Jovem Semyon Semenovich, conselheiro colegiado, loja do “Escolhido Miguel” (1815, 2 o) - 1.

Pypin Alexander Nikolaevich, 1833 1904, etnógrafo, crítico literário, historiador, autor de um livro sobre a Maçonaria Russa, maçom desde o final da década de 1850 - 3, 7, 19. Raevsky Vladimir Fedoseevich, 1795-1872, major, membro da União do Bem-Estar, participante na preparação do golpe dezembrista, caixa de Ovídio (Chisinau) -3,6.

Ragmanov Nikolai, major, caixa de Marte (Iasi, Moldávia, 1774) –14.

Radishchev Alexander Nikolaevich, 1749–1802, escritor, Martinista - 3, 17, 19.

Razumovsky Alexey, conde, camareiro, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Razumovsky Vasily, conde, convidado da loja "Unidade Perfeita" (1772) 14.

Razumovsky Kirill Grigorievich, 1728–1803, conde, último hetman da Pequena Rússia, membro do Conselho de Estado - 3.

Razumovsky Peter, conde, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) - 4.

Raupach Ernst Veniamin Solomon, representante da Ordem dos Illuminati na Rússia (exilado do país em 1822)3.

Rakhmanov Mikhail, loja "Osiris" (São Petersburgo, 1776, 2º N) - 2.

Rachinsky Klimenty Grigorievich, tenente, alojamento "St. Jorge, o Vitorioso" (1818-1819,

3-)-1.

Rashet , major-general, loja "Midnight Star" (M-k, 1821) - 3.

Reichel P.B., barão, agente do rei prussiano, em São Petersburgo desde 1771, chefe do Gentry Cadet Corps, Apollo Lodge (1771, VM), um dos fundadores das lojas na Rússia dos líderes da Maçonaria Russa - 3 , 5, 19.

Renenkampf Pavel, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) 1.

Renne , barão, coronel, loja "Frederico Coroado de Esperança" (Copenhaga, 1821) - 3.

Rennenkampf , Marechal do Duque de Oldenburg, Polar Star Lodge - 3.

Rennenkampf Pavel Alexandrovich, alferes da Guarda Vida, caixa da Águia Russa (1818–1819, 2o) –1.

Repnin Nikolai Vasilyevich, 1734-1801, príncipe, marechal de campo geral, proeminente funcionário maçônico, membro de muitas lojas, incluindo a ordem mais selvagem dos Illuminati e a seita “Novo Israel”, chefe da loja maçônica militar do sistema sueco, membro da o Capítulo Phoenix, tinha formação teórica, estava em contato direto com as lideranças da Maçonaria mundial - 3, 8.

Rerberg Christopher Ivanovich, conselheiro titular, loja de “Eleito Michael” (1815, 1º Isp)-1.

Rzhevsky Alexey Andreevich, 17371804, camareiro, presidente da Faculdade de Medicina, prefeito do Capítulo Maçônico em São Petersburgo, membro de várias lojas maçônicas - 3, 14.

Rzhevsky P. A., Grande Loja Diretorial (1816) –15.

Rzhevsky Pav. Alekseevich, Capítulo da Fênix (1817, Bl de banners) - 15.

Rzhewussky Adam S, 1760-1825, conde polonês, senador, conselheiro particular, líder da Grande Loja de Astrea (até 1820), a Loja da Águia Branca no leste de São Petersburgo, parte do sistema da Grande Loja de Varsóvia 14, 1.

Rzhevussky Henry, loja “Águia Branca” (São Petersburgo, 1818–1819, NM) –1.

Ribas (Ribbas?) de, Joseph, 17491800, almirante, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777) –4.8.

Riesenkampf 1º, capitão do estado-maior da Guarda.

gene. sede, loja “Elevsis” (V-a, 1821) - 3.

Rimsky-Korsakov Andrey Petrovich, Conde, Capítulo de Phoenix (1817, Dom) 15.

Ritto John, músico da corte, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Rovzhov Fedor, artista, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) –14.

Rodzianko Mikhail, capitão da guarda, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 3 o) –1.

Royenberg Bogdan, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Wilhelm Rosenberg, organizador do sistema sueco de Maçonaria na Rússia, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777, 1780) - 3, 4.

Georg Rosenberg , organizador do sistema sueco de Maçonaria na Rússia, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo (1777, 1780) - 3, 4.

Rosenkampf Gustav Andreevich, 1764–1831, barão, funcionário de M. Speransky - 3.

Andrey Roznatovsky , capitão-engenheiro, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Roznatovsky Efim, assessor, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Rostopchin Sergei, conde, loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819, 3 o) – 1.

Roth , Tenente General, Loja Chave para a Virtude (1821) - 3.

Rtishchev Dmitry Yakovlevich, Capítulo da Fênix (1817) –15.

Andrey Rubanovsky , ajudante do Marechal de Campo Conde Z. Chernyshev (ver), Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Rubets Peter Ivanovich, Capítulo da Fênix (1817, grande tesoureiro) - 15.

Rudnev Alexey Alexandrovich, secretário provincial, loja "Chave para a Virtude" (1818–1819, sala C)-1.

Rudovsky Vasily, capitão, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Russet Petr Ivanovich, agente comissário, pousada "St. Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, K)— 1.

Ryleev Kondraty Fedorovich, 1795-1826, segundo-tenente, governante do escritório da Russian American Company, chefe da Sociedade do Norte, chefe da preparação do golpe dezembrista, loja da "Estrela Flamejante" (M) -3.6.

Ryndin Peter, loja dos "Amigos do Norte" (1818–1819, 2 o) –1.

Saburov, membro do Capítulo Leste de São Petersburgo, (1777) - 4.

Saburov Alexey, cadete camareiro, caixa Bellona (São Petersburgo, 1774, Moscou) –14.

Saburov Dmitry, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 3 o) –1.

Saburov Yakov, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 2 o) –1.

Savoritsky Grigory, mestre da Universidade de Moscou, loja “Muse Clio” (Moscou, 1774) –14.

Sadykov Nikolai Alekseevich, conselheiro de estado, caixa da Águia Russa (1818–1819, 1st St.)-1.

Sazonov Pavel Petrovich, comerciante da 1ª guilda, loja do “Miguel Escolhido” (1815, 2º Ensaio) –1.

Saltykov Alex., conde, tenente-coronel, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) 14.

Saltykov Peter, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Saltykov Sergei, conde, major-general, caixa “Muse Clio” (Moscou, 1774) 14.

Saltykov Sergey (possivelmente a mesma pessoa do anterior), caixa “Osiris” (São Petersburgo, 1776, 1º N)-2.

Samarin , capitão, convidado da pousada "União Perfeita" (década de 1770) –14.

Samarin Andrey, Conselheiro Privado, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774, Moscou) 14.

Príncipe Sapega Evstafiy (Estash), loja dos “Amigos do Norte” (1818–1819, 3 o) 14, 1.

Sarachinsky Ilya Stepanovich, major-general, apresenta “Alexandra à Lealdade Militar” (MS) e “Astrea” - 3.

Tails Inácio, assessor, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Tenner , Major General, Slavic Eagle Lodge (V-o, 1821) - 3.

Teslev 1º, major-general, loja na Alemanha (1821) - 3.

Tizenhausen Bogdan Karlovich, coronel, loja “Pedro à Verdade” (B), PC da loja “Miguel Escolhido” (1815) 1.

Tiesenhausen Karl, Barão, Isis Lodge (1818–1819) –1.

Tilipet Heinrich, músico da corte, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Timashev , coronel, loja “Chave para a Virtude” (1821) - 3.

Timkov-Kanelsky Pyotr Timofeevich, médico, conselheiro colegiado, loja do “Miguel Escolhido” (1815, 2o) 1.

Timofeev 1º, Major General, Golden Ring Lodge (Bk, 1821) - 3.

Timrot 2º, coronel do regimento Semenovsky, alojamento "Louise" (Tilsit, 1821) 3.

Tikhanovsky Ivan Gavrilovich, major, caixa "Escolhido Michael" (1815, 3 o) –1.

Tolstoi Vladimir Petrovich, conde, capitão, camarote do "Miguel Escolhido" (1815, 3 o) –1.

Tolstoi Peter, tenente, caixa Bellona (São Petersburgo, 1774) –14.

Tolstoi Peter Alexandrovich, 1769-1844, conde, general, comandante-chefe em São Petersburgo (1829) 17.

Tolstoi Pyotr Andreevich, conde, major-general, loja "Modéstia" (NM) e loja "Miguel Escolhido" (1815) –1.

Tolstoy Fyodor Petrovich, conde, membro honorário da Academia de Artes, loja "Miguel Escolhido" (1815, UM, VC) PC das lojas "Escudo do Norte", "Pedro para a Verdade" e "Chave para a Virtude" -1.

Tolstyakov Dmitry, artista, loja dos "Amigos Unidos" (1818–1819, 2o) 1.

Tolchenoev Petr Ivanovich, comerciante, loja do "Escolhido Michael" (1815, quarto.

C)-1.

Treiblut von Gaspar, capitão do estado-maior, camarote do "Miguel Escolhido" (1815, 2 o) –1.

Treiblut von Gospar Christopher, capitão do estado-maior, loja do "Luminário Oriental" (1818–1819, 2º N)-1.

Treibluth von Johann Christopher, coronel, loja do "Luminário Oriental" (1818–1819, 1º N) –1.

Vasily Trepolsky , Secretário do Senado, Loja das Nove Musas (São Petersburgo, 1774) –14.

Trubetskoy Alexander, príncipe, um dos líderes da loja Apollo (1771), MC da loja Osiris (São Petersburgo, 1776) - 2, 5.

Trubetskoy Alexander, príncipe, coronel, loja dos "Eslavos Unidos" (1818–1819) –1.

Trubetskoy Vasily, príncipe, oficial, caixa “Musa de Clio” (Moscou, 1774) 14.

Trubetskoy Nikolai, príncipe, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776, VM) - 2.

Trubetskoy Nikolai Ivanovich, príncipe, Grande Loja Provincial (1789, distribuidor sênior de esmolas) –14.

Trubetskoy Nikolai Nikitich, 17441821, príncipe, coronel, membro da Gráfica, cap. inspetor do Capítulo (1782), presidente da loja principesca "Osiris" (Moscou, 1776), Grande Loja Provincial (1789, grande deputado) - 3, 14, 19.

Trubetskoy Pyotr Petrovich, 1793-1840, príncipe, conselheiro de estado, chefe do distrito aduaneiro de Odessa, membro da União do Bem-Estar, participante na preparação do golpe dezembrista, loja dos “Eslavos Unidos” - 3, 6.

Trubetskoy Sergei Petrovich, 17901860, príncipe, coronel, membro da União do Bem-Estar (presidente e guardião do Conselho Raiz), da União da Salvação, um dos líderes da Sociedade do Norte, um dos autores do “Manifesto ao Povo Russo”, programado para ditador, loja das “Três Virtudes” (NM) –3.6.

Trubetskoy Yu.N., príncipe, diácono do Capítulo (1782) –14.

Trubetskoy Yuri Nikitich, 17361811, atual conselheiro particular, membro da Gráfica - 3.

Truzson 1º, major-general, loja em São Petersburgo (1821) - 3.

Turgenev Alexander Ivanovich, 17841845, membro da Sociedade Literária Amigável - 3.

Turgenev Andrey Ivanovich, 17811803, membro da Sociedade Literária Amigável - 3.

Turgenev Ivan Petrovich, 1752–1807, diretor da Universidade de Moscou, loja da “Coroa de Ouro” (S-k, 1784), R, membro do Conselho Executivo do Capítulo (1787) - 3, 14, 19.

Turgenev Nikolai Ivanovich, 17891871, atual conselheiro de estado, diretor da Universidade de Moscou, membro da Ordem dos Cavaleiros Russos, da União do Bem-Estar e da Sociedade do Norte (um dos fundadores e líderes),

um dos organizadores do golpe dezembrista, o loja da Cruz de Ferro, visitada etc. loja em Paris, em 1814 tinha 18 o - 3,6.

Turgenev Sergei Ivanovich, conselheiro do tribunal, loja “St. São Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, NM)-1.

Turgenev T.P., loja “Harmonia” (1780) –14.

Tukholka , major-general, Minerva Lodge (Potsdam, 1821) - 3.

Tuchkov Sergey Alekseevich, major-general, caixa “Escolhido Michael” (1815, 3 o) –1.

Tushinsky Mikhail, músico da corte, caixa de “Michael Escolhido” (1815, 2 o) –1.

Tyulrin Mikhail Ivanovich, tenente-coronel, caixa Águia Russa (1818–1819, 2nd St.) –1.

Uvarov Fedor Petrovich, 1769-1824, comandante de um regimento de cavalaria, participante do assassinato de Paulo I -3.

Uvarov Ivan Aleksandrovich, comerciante da i guilda, loja do “Miguel Escolhido” (1815, 3 o) –1.

Ungern-Sternberg 2º, barão, coronel, loja “Pedro à Verdade” (1821) - 3.

Ungern-Sternberg John, barão, membro do landrat, Isis lodge (18181819)-1.

Ungern-Sternberg Jacques, Isis Lodge (1818–1819) –1.

Ungern-Sternberg Karl, Isis Lodge (1818–1819) –1.

Ungern-Sternberg Karl, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819) –1.

Ungern-Sternberg Otto, barão, loja “Pedro à Verdade” (1818–1819) –1.

Ungern-Sternberg Frederick, barão, hospeda “Astrea” (São Petersburgo, 1818–1819) e “Isis” -1.

Urusov Peter, príncipe, promotor, caixa “Musa Clio” (Moscou, 1774) –14.

Utkin Nikolai Ivanovich, 1780–1863, aloja “Orfeu” e “Elizabeth to Virtue” - 3.

Chris morreu . Iv., Capítulo de Phoenix (1818, Bl Spurs) - 15.

Ushakov Pavel, ator do Teatro Imperial, camarote das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774, K) - 14.

Fabelius Fried, fabricante de carruagens, caixa "Alexander's Charity to the Crowned Pelican" (18181819, vice 2nd St.) - 3.

Fabre Alexander Yakovlevich, 1782 após 1833, major-general do corpo de engenheiros ferroviários, loja dos “Amigos Unidos” (3 o) - 3.

Fadeev Alex. Mikh., agente comissionado, loja “Slavic Eagle” (1819, atuando.

juízes) - 3.

Falix Andrey, cirurgião naval, PCH da caixa Netuno (1 o) -3.

Freyberg-Eisenberg , Karl, Barão, Camareiro Real da Baviera, Loja "Peter to Truth" (1818–1819, 3o)-3.

Frelich Dan, comerciante, caixa “Flaming Star” (2 o) –3.

Frelich Peter, major, R, P da loja “Pequeno Mundo” no Diretório da Oitava Província - 3.

Frembter Friedrich Goth., comerciante, loja “Peter to the Truth” (em 1818–1819, 3 o) 3.

Frenkel Ivan Ivanovich, médico, (R desde 1782) - 3.

Friede Gottlieb, major, caixa “Marte” (Iasi, Moldávia, 1774, C) –14.

Friedrichsfon V.,?-1840, membro do Capítulo do Cavaleiro Espiritual (1820) - 3.

Friedrichs Gustav Karlovich, 17901880, tenente-general, loja “Elizabeth to Virtue”, ou loja “Três Virtudes” ou “Três Luminares” - 3.

Fris Daniel, membro fundador da loja “Little Light” (portador da espada em exercício) 3.

Fritsch von Johann, assessor colegiado, inspetor de colônias, aloja “Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado” até 1818 e “Alexandra à Abelha” (1818–1819, Rev) - 3.

Froyseth Fried, comerciante, alojamento “Peter to the Truth” (3 o) - 3.

Frolov Ivan Mikhailovich, assessor colegiado, loja “Seekers of Manna” (1817–1819, 3ª classe, atuando K)-3.

Frolov-Bagreev Alexey, caixa “Minerva” (1785, MS) - 3.

Fromandier , Coronel da Guarda Vida, United Friends Lodge (1821) - 3.

Fromgold von Jog., inspetor do tribunal de Livland, apresente “Peter to the Truth” (1818–1819, 3 o) –3.

Fronau Andrey Rengold, loja da “Esperança da Inocência” (1789, MS) - 3.

Fouquet Peter, professor, loja “Palestina” (1818–1819, C) - 3.

Fuchs Karl Fedorovich, 1776–1846, professor de medicina, reitor da Universidade de Kazan, conselheiro estadual, loja “Chave para a Virtude” (1 o) –3.

Fournier Alex., professor para cegos, loja “Palestina” (2 o) - 3.

Khavansky P., tenente-general, loja dos “Amigos Unidos” (até 1818–1819 3 o) - 3.

Handtwig ,? –1767, médico, conselheiro da corte, loja das “Três Espadas Coroadas” - 3.

Khanykov , capitão do regimento Izmailovsky, alojamento “Elizabeth to Virtue” - 3.

Khanykov Vasily Yakovlevich, 17931850, Conselheiro Privado, Secretário de Estado, membro do Conselho de Estado, gerente do Comitê de Ministros, loja dos “Amigos Unidos” (em 1818-18193)-3.

Khanykov Pyotr Ivanovich, 1743–1813, almirante, comandante-chefe do porto de Kronstadt, caixa de Netuno (1781, 1o)-3.

Kharin Pyotr Borisovich, conselheiro titular, promotor do escritório de agrimensura, loja da “Chave da Virtude” (em 1819-1821 S. e. atuando como 2º N e P na Grande Loja de Astraea) –1.3.

Kharkevich Maxim Emelyanovich, servindo no Senado, caixa da Águia Russa - 3.

Kharlinsky Alexander, proprietário de terras, loja dos “Eslavos Unidos” (18201821, O) - 3.

Harlinsky Franz, juiz do 2º departamento do tribunal, loja de “Escuridão Dispersa” (de 1818–1819, 2 o) e “Eslavos Unidos” (em 1820–1821 MS) 3.

Hauenbaum Ivan, tenente-coronel, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) –14.

Khvostov Alexander Dmitrievich, 1796–1870, conselheiro estadual, loja dos “Amigos Unidos” (1817–1820, 2 o)-3.

Khvostov Vasily Semenovich, 17561832, conselheiro particular, senador, governador civil de Tomsk, loja Nemesis (1776) - 3.

Khvostov Nikolai Sergeevich, 1779 -? major, loja dos “Amigos do Norte” (1818–1819, 3 o) - 1, 3.

Khvoshchinsky Pavel Ksaverievich, 1792–1852, tenente-general, membro da União do Bem-Estar, Russian Eagle Lodge (1821) - 3.

Kheraskov Mikhail Matveevich, 17331807, escritor, conselheiro titular, diretor da Universidade de Moscou, loja “Apollo” (1771, NM), “Osiris” (São Petersburgo, 1776, O) e “Harmony” (membro fundador), R, membro da Província Capítulo Oitava, retórico da Grande Loja Provincial - 2, 3, 5.

Kherkhokhlidzev Zakhar Semenovich, príncipe, major-general, governador militar e civil em Minsk e Smolensk, (1850–1855) Russian Eagle Lodge - 3.

Kherfet S Alemão, tenente-coronel, loja de Marte (Iasi, Moldávia, 1774, K) 14.

Khiriakov Nikolai Dmitrievich, conselheiro colegiado, vice-governador de Orenburg, (1826–1828), loja “Chave para a Virtude” (1 o) - 3.

Khodnev Alexey Grigorievich, 1743 1825, Conselheiro Privado, Intendente Gof, Loja de Igualdade -3.

Khodsko Ivan, presidente do 1º departamento em Minsk, lojas da “Escola de Sócrates” (MS) e “Amigos do Norte” (1818–1819, PC) - 3.

Xavier Kholetsky, proprietário de terras, loja “Peter to the Truth” (antes de 1818–1819, 3 o) 3.

Khomutov Sergei, tenente-coronel da comitiva de Sua Majestade Imperial para a unidade intendente, loja da "Águia Eslava" (V-o, desde 1819) - 3.

Khomyakov , major, caixa "Talia" (de 1775, 2º) –3.

Horn Ivan, músico da corte, caixa “Musa de Urânia” (São Petersburgo, 1774) –14.

Khotyaintsev Ivan Nikolaevich, 17851863, tenente-general, senador, membro da União do Bem-Estar, Jordan Lodge - 3.

Khotyaintsov (Khotyaintsev?) Nikolai, conselheiro da corte, Loja Jordan (1818–1819, 3 o) –3.

Khrapovitsky Alexander Vasilyevich 1749-1801, Secretário de Estado de Catarina II, escritor, atual conselheiro de estado, senador, MS das lojas Nemesis e Astrea (1776), lojas Latona e Musas (loja I.P. Elagin) - 3.

Khukhrovsky Sylvester, proprietário de terras, loja "Scattered Darkness", membro fundador e loja "White Eagle" (1818-1819) - 3.

Tselyaritsky Ivan, médico da equipe, assessor colegiado, loja do "Escolhido Michael" (1815, 2 o

Chaadaev Ivan Petrovich, antes de 1740 depois de 1775, capitão da guarda, tradutor, membro fundador da loja Nemesis, M de uma das lojas do sistema Reichel (1775) e MS da loja Latona - 3, 19.

Chaadaev Petr Yakovlevich, 1794–1856, ajudante do General IV Vasilchikov, filósofo, publicitário, membro da União do Bem-Estar, a loja dos "Amigos Unidos" (em 1816–1819 3 o) e "Amigos do Norte" (1818–1819, atuando o. 1º e 2º N, 1º P-k), P para a Grande Loja de Astraea, trazia o sinal do 8º grau dos "Irmãos Brancos Secretos da Loja de João" -1, 3, 6.

Tchaikovsky Ivan Alexandrovich, 1779–1869, cirurgião - 3.

Chaplitz Etienne, Tenente General, United Friends Lodge (18181819, 3 o) -1.

Chaplits Justin Adamovich, 1797–1873, tenente-general, membro fundador da Loja dos Amigos Unidos (1818-1819, 3 o) -3.

Charkovsky Alex., proprietário de terras, loja dos "Eslavos Unidos" (1820–1821, 1º o) - 3.

Charkovsky Ant., proprietário de terras, loja dos "Eslavos Unidos" (1820–1821, 1º) –3.

Charkovsky Foma, proprietário de terras, loja dos "Eslavos Unidos" (1820–1821, 1 o) - 3.

Shefler Ivan, major, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) –14.

Schiatto Joseph, músico da corte, loja das "Nove Musas" (São Petersburgo, 1774) –14.

Shimkevich Yakov, 1772-1818, professor de cirurgia na Universidade de Vilna, iniciado na Maçonaria em Paris - 3.

Shipov Grigory, coronel, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774, M) –14.

Shiryaev Sergey, comerciante, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774) - 14.

Merda 1º , coronel, comandante em Grodno, loja “Golden Ring” (B-k, 1821) - 3.

Shishkin Pavel, loja dos “Amigos Unidos” (1818–1819, 2o)-1.

Schneider , membro do Conselho Executivo do Capítulo (1782)–14.

Schlodgauer , capitão do estado-maior da salva-vidas, alojamento em São Petersburgo (1821) - 3.

Shmit Fedor Ivanovich, conselheiro titular, loja “St. Jorge, o Vitorioso" (1818-1819,

3-)-1.

Shostak Grigory Ilyich, capitão do estado-maior, caixa da Águia Russa (1818-1819, 3 o) -1.

Shpilevsky Lev Osipovich, alferes, caixa “St. Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, 1º Isp)-1.

Shramkov Grigory Danilovich, conselheiro titular, loja do “Escolhido Michael” (1815, 2

Schroeder Heinrich Yakovlevich, 1757 1797, barão, oficial prussiano, agente do rei prussiano, superintendente dos “irmãos” russos no Diretório de grau teórico - 3.

Stackelberg Vladimir, coronel, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 3 o) –1.

Schubert Fedor Fedorovich, coronel da comitiva de Sua Majestade Imperial, intendente-chefe, loja “St. São Jorge, o Vitorioso" (1818–1819, 1º N) –1.

Shuvalov Andrey Petrovich, conde, convidado da loja “Unidade Perfeita” (década de 1770) –14.

Shuvalov Ivan Ivanovich, 1727–1797, conde, favorito de Elizabeth I –13.

Shuvalov PA, Conde, Grande Loja Diretorial (1815, 2º VNM), Capítulo Phoenix (1818)-15.

Shuvalov Pavel, conde, tenente-general, loja dos “Amigos do Norte” (18181819, 3 o) –1.

Shulepnikov Mikhail, coronel, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 3 o) –1.

Shulman 2º , coronel, caixa "Caridade de Alexander ao Pelicano Coroado" (1821)-3.

Shumitsky N., delegado das lojas ucranianas após a proibição da Maçonaria na Rússia –18.

Shchennikov Alexander Gavrilovich, ator da corte, caixa de “Escolhido Michael” (1815, 2 o)

Shchepotyev Alexey Nikolaevich, Grande Loja Provincial (1789, K) 14.

Shcherbatov Vladimir, príncipe, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776) - 2.

Shcherbatov Grigory, príncipe, major, caixa “Musa Clio” (Moscou, 1774) –14.

Shcherbatov Grigory, príncipe, loja “Osiris” (São Petersburgo, 1776, NM) - 2.

Shcherbatov Grigory Alekseevich, príncipe, Grande Loja Provincial (1789, distribuidor júnior de esmolas) –14.

Shcherbachev Alexey, loja das “Nove Musas” (São Petersburgo, 1774, 2º gerente) –14.

Shcherbachev Alexey L., Major General, Gerente do Departamento Postal, Grande Loja Provincial (década de 1770, Sindicato dos Artistas) –14.

Shchulepnikov (Shulepnikov) Roman Sergeevich, Capítulo da Fênix (1818, 2º Bloco do templo) –15.

Ebeling Ivan, conselheiro da corte, loja dos “Amigos Unidos” (18181819, 2 o) –3.

Eberlein Jos., comerciante, loja Netuno a Esperança (1818–1819, 3 o) –3.

Evenhof , pastor do 2º corpo de cadetes, loja “À Cabeça da Morte” (1809) - 3.

Evenius Georg, Alexander Egorovich, 1795-1872, conselheiro particular, professor da Universidade de Moscou, oficial médico da Corte de Sua Majestade Imperial, loja “Pedro à Verdade” (de 1819) - 3.

Eversman von August-Friedrich-Alexander, August Friedrichovich, 17591837, conselheiro da corte, administrou minas e fábricas nas montanhas nos Urais, apresentou “Peter to Truth” (1818–1819, 2 o) - 3.

Eggertz Joseph, capitão, alojamento United Friends (1818–1819, 3 o) –3.

Egging Johann Leberecht, Ivan Egorovich, 1790–1867, artista, caixa "Peter to Truth" (3 o) –3.

Egerström Gustav, coronel, loja de "Alexandre da Tríplice Salvação" (1818–1819, 1 o) –3.

Eisenvon Schwarzenberg Karl, tenente-coronel, United Slavs Lodge (gerente temporário) - 3.

Einsiedel von Georg, Conde, Enviado Extraordinário Real Saxão e Ministro Plenipotenciário na Corte Russa, Loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Ekholm Karl, oficial da marinha, Jordan Lodge (1818–1819, 3 o) –3.

Eckhof von Jog., loja "Pedro à Verdade" (3 o) –3.

Ekkleben G.I., um dos fundadores da Loja Apollo - 3.

Eli Stanislav S, médico, judeu batizado, diretor da Expedição de Renda da Faculdade de Medicina, membro de uma das lojas do sistema Elagin (R) - 3.

Elizen Georg-Heinrich (Egor Egorovich), 1756-1830, doutor em medicina, médico-chefe do hospital Obukhov, membro do conselho médico de São Petersburgo, publicou Vedomosti (São Petersburgo, de 1792), em 1788 fundou as Três Colunas loja, membro das lojas "Alexander's Charity to the Crowned Pelican" (1809), "Polar Star" e "Peter to Truth" (de 1810 MS), Capítulo de Phoenix (a partir de 1811, em 1814 ele recusou o título de comandante e co-membro do Capítulo), PC das lojas "St. Jorge, o Vitorioso", "Palestina", "Ísis", "Netuno à Esperança", "Eleito Miguel", "Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado", "Amigos Unidos", "Alexandre da Tríplice Salvação", "Águia Russa ", "Águia Branca" ", "Escudo do Norte", "Templo da Persistência", "Triângulo" e "Perfeição", P da loja "Pedro à Verdade" para a Grande Loja de Astraea e o PC para esta última - 3.

Elonzovsky Franz, proprietário de terras, loja dos "Eslavos Unidos" (1820–1821, 1 o) - 3.

Elsner von Friedrich Gottlieb, Fyodor Bogdanovich, 1771–1832, barão, major-general, engenheiro, professor, loja "Pedro à Verdade" (1818–1819, 3 o) –3.

Engelhardt , diretor do Liceu Tsarskoye Selo -17.

Enenberg John Guillaume, Urania Lodge (1790, Dom) - 3.

Enet , loja de "Alexandre da Caridade ao Pelicano Coroado" (1818, 3 o) -3.

Eriks 1º, coronel, aloja "Elesis" (V-a) e "Unidade" (na fortaleza de Zamosc) - 3.

Eriksan Falk, ourives, caixa "Musa de Urânia" (São Petersburgo, 1774) – 14.

Erlewein Alex., Doutor em Medicina, Loja "Peter to Truth" (3 o) - 3.

Essenphon Christian, fundo, caixa "Urania" (São Petersburgo, 1774, K) - 3.14.

Yuryev Alexey, tenente, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Yuryev Ivan, tenente, caixa "Musa de Clio" (Moscou, 1774) –14.

Avksentyev Nikolai Dmitrievich, 1878–1943, maçom desde 1913 (Pf), presidente do Comitê Executivo Central de Deputados Camponeses de toda a Rússia, membro do Comitê Central do Partido Socialista Revolucionário, Ministro de Assuntos Internos. Assuntos do VP, Presidente do Conselho da República, Presidente do Pré-Parlamento, Chefe do Diretório de Ufa (1918–1919), membro da União do Renascimento da Rússia, (Od., 1919), Maçom desde 1913, apresenta "Agni" (desde 1919 M), "Estrela do Norte" (P-zh, década de 1930, líder), "Rússia Livre", Grande Oriente da França DM, membro do Areópago, presidente da seção russa do " Liga dos Direitos Humanos e do Cidadão" (década de 1930), 33°-13, 14, 1, 56, 57, 70, 81, 84.

Avrekh Alexander, alojamento "Astrea" (P-zh, 1930) - 6.

Agadzhanyan (1865 -?), cirurgião, alojamento North Star (São Petersburgo - P-zh) -1.

Agapev Fedor, Grande Loja da França –1.

Agafonov Valery Konstantinovich,?-1955, professor, apresenta "Rússia Livre" e "Estrela do Norte" (1928-1938), Grande Oriente da França 13, 84, 1.

AgigoevShemakho, oficial -14, 56.

Mikhail Adamov, caixa "Astrea" (P-zh, década de 1930) - 6.

Adamov Mikhail Konstantinovich, 1855–1937, advogado famoso, um dos fundadores da Loja Rússia Livre -1.

Adamovich Georgy Viktorovich, 1894-1971, crítico, poeta, Loja da Irmandade Unida (década de 1930)-1.

Arshavsky Adolf Mikhailovich, médico, loja do Grande Oriente da França –13, 56, 60, 84.

Asanovich Fedor Lvovich, advogado militar, Grande Loja Oriental da França –13, 14, 56, 84.

Aseev A. M., médico, membro da Ordem Martinista (década de 1920) –100.

Astrov Nikolai Ivanovich, 1868-1934, advogado, prefeito de Moscou (1917), um dos fundadores da União Pan-Russa das Cidades, membro do Comitê Central do Partido dos Cadetes, membro do Diretório de Ufa, participou da criação de o Centro Nacional (1918), membro da Reunião Especial do General Denikin durante a Guerra Civil, loja do Grande Oriente da França –1,13, 14, 54, 56, 84.

Astromov (Kirichenko) Boris Viktorovich, 1883 -? VM da Grande Loja de Astraea, Loja M da "Pedra Cúbica no Leste de Leningrado", GC da Ordem Martinista, mais tarde da Loja M "Três Estrelas do Norte", Secretário Geral da Maçonaria Russa Autônoma (1925) - 36 , 37.

Afanasyev Lev Lvovich, tenente da frota, caixa Astrea (P-zh, 1920) 3, 86.

Afanasyev S.I., atual conselheiro de estado, membro do círculo maçônico (São Petersburgo, 1911)-30.

Asheshev N. Petrovich, "União de Libertação" (São Petersburgo, início de 1900) - 70.

Ashkenazi Joseph (Vladimir Azov), repórter do jornal Últimas Notícias, da Loja Aurora e do Grande Oriente da França -13, 14, 1, 56, 84.

Babovich L.,? -1981, dono de uma loja em Paris, pousada "Gamayun" (arquivista desde 1936) –1.

Babyansky , membro da Duma Estatal e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Badmaev Petr Aleksandrovich, 18511920, doutor em medicina tibetana, membro da sociedade maçônica Mayak (1906) 31.

Baduev Badi, filho de um comerciante - 56, 84.

Bazhenov Nikolai Nikolaevich, 18571923, psiquiatra, professor, presidente do círculo literário e artístico de Moscou, membro da loja francesa (desde 1884), "Loja da Libertação" (1907, Moscou), um dos primeiros organizadores da Maçonaria Russa, loja "Astrea" (desde 1906) e o Grande

Barchenko Alexander Vasilyevich,?-1940, Loja Martinista (1900), “Irmandade Trabalhista Unida” (URSS, 1919), chefe dos ocultistas de Moscou - 36, 53, 73.

Baryshnikov A. A., “comissário postal” (1917) –1.

Baryatinsky Vladimir Vladimirovich, príncipe, dramaturgo, jornalista, Comitê com direito a voto (Pf, década de 1930)-1.

Basakov , deputado da Duma, loja inglesa (São Petersburgo, até 1917) - 1, 82.

Batyushkov O. - 54.

Bauman , professor do Instituto de Mineração -1.

Bakhmetev Boris Andreevich, 18801951, professor, engenheiro, presidente da comissão,

enviado pelo governo a Washington para compras militares (1916), embaixador nos EUA (sob o VP e até 1922), cadete, mantinha relações amistosas com Maklakov e Sazonov, loja do Grande Oriente da França - 13, 14, 1 , 56, 84.

Bakhrushin D.P., amigo de Kovalevsky M.M. (ver) e outros liberais -1.

Bakhtin V.V., membro da sociedade “Ressurreição” (URSS, década de 1920) - 36.

Bakhtin M. M., 1895–1975, irmão do anterior, membro da sociedade “Ressurreição”, estava em estreita ligação com a Loja Rosacruz sob a liderança de B. Zubakin (ver) (URSS, década de 1920) - 36, 53.

Bashkirov V., comerciante milionário, camarada. Ministro do VP -1.

Bashmakova N. A., alojamento “Golden Spike” (L-d, 1920, NM) - 37.

Bebutov Andrey, escritor, jornalista –13,14, 56, 84.

Bebutov David Osipovich, 18591916 (?), príncipe, em 1907 doou seu apartamento (ou mansão) ao Clube de Cadetes e depois à Loja Maçônica, um dos fundadores das primeiras lojas maçônicas na Rússia, passou quase toda a guerra (até agosto de 1916) na Alemanha, agente alemão, chefe da Sociedade de Assistência aos Súditos Russos que permaneceu na Alemanha após a declaração de guerra e cometeu uma série de abusos (concedendo benefícios apenas aos judeus, etc.), maçom desde 1906, presidente do Conselho Supremo da Maçonaria Russa (1908) - 1, 58,70, 81,82,92.

Berberov Ruben Ivanovich, 1872–1942, diretor do Banco de Contabilidade e Empréstimos da filial de Rostov-on-Don, loja parisiense (desde 1902), loja Northern Star (desde 1928, M 18 °, em 1930 MC) 1.

Berberova Nina Nikolaevna, 1901-1993, de família de maçons, escritora, esposa do poeta Khodasevich, em seu 2º casamento com o maçom N. Makeev (ver), historiador da Maçonaria Russa do século 20 - 64.

Bergman G. A., deputado da Duma Estatal e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Berkenheim AM, Socialista Revolucionário –1.

Berlin Lev Moiseevich, advogado, hospeda "Astrea" (P-zh, 1920) e o Grande Oriente da França –13, 56, 84.

Berlin Mikhail Yakovlevich, diretor do banco, apresenta "Golden Fleece" (1925) e "Astrea" (P-zh, 1920) - 3, 8, 86.

Bernatsky Mikhail Vladimirovich, 1876–1944, Ministro das Finanças do VP, então no governo de Denikin -1.

Bernshtam , advogado - 70.

Osip Samuilovich Bernstein , famoso jogador de xadrez, funcionário de jornais americanos, um dos fundadores da loja Astrea (P-zh, 1922), loja Lotus (1935) - 6, 1, 70, 86.

Brzezinski , membro da loja maçônica do 1º Capítulo (década de 1920) - 53.

Bilibin Ivan Yakovlevich, 1876–1942, artista, maçom de 1928-1.

Bilken ,?-1930, advogado na Rússia, loja da carta escocesa "Astrea" (Alexandria, 1930, DM) sob a jurisdição da Grande Loja do Egito - 82.

Biode Heinrich tem 54 anos.

Biryukov Afanasy Yakovlevich 1920-53.

Bityutko Mikhail M. (?), um dos líderes da "Ordem dos Cavaleiros do Santo Graal" (L-d, década de 1920) - 36.

Blavatskaya Elena Petrovna, 1831 1891, escritora, líder do movimento teosófico.

Blank Ruben, Ks 1928,18°-1.

Em branco R. M., 1866 -? Loja francesa em São Petersburgo (1913), M desde 1914 1, 70.

Veresaev (nome verdadeiro Smidovich) Vikenty Vikentyevich, 1867–1945, escritor, maçom desde 1905 (aceito pelo Príncipe Urusov S.D. - ver) - 21.

Veretennikov Alexander Porfirievich, conselheiro de estado ativo, maçom desde 1908 (Moscou), loja do Grande Oriente da França, até 1914 loja "Zorababel" (Kn), lojas "Júpiter", "Lubomudrye", "Frederick e Tsorobabelle da Esperança Coroada "(1922), um dos fundadores e membro das lojas "Grande Luz do Norte" (Bn, 1922–1924, DM) e "Lotus" (Pzh, 1930), membro da loja "Astrea" (Pzh, 1930 e, DM), D Convenções Maçônicas em 1929, 1931 e 1933 - 3, 6, 13, 14, 1, 56, 58, 61, 70, 82, 84, 86, 87.

Vernadsky Vladimir Ivanovich, 1863–1945, professor, acadêmico, 1º presidente da Academia de Ciências da RSS da Ucrânia, cadete, um dos líderes do grupo de Moscou da União de Libertação (1903), organizou reuniões do centro de este grupo - 1, 70.

Verkhovsky Alexander Ivanovich, 1886–1941, general, figura revolucionária, Ministro da Guerra do VP - 56, 84.

Verchevsky Alexander, revolucionário –14.

Vershinin Vasily Mikhailovich, 1879–1944, Socialista Revolucionário, funcionário do jornal "Dias" de Kerensky (P-zh, década de 1920), em 1917 acompanhou a Família Real até Tobolsk -1.

Vilk Alexander Zakharovich, 1875-1945, empresário, maçom de 1923–1.

Wilken,?-1930, advogado, Astraea Lodge (Egito, 1927) –1, 41.

Vinaver Maxim Moiseevich, 18631926, advogado, membro do Comitê Central do Partido dos Cadetes e um de seus fundadores, deputado da Duma, ativista da Sociedade Sionista-Maçônica para a Propagação da Educação entre os Judeus na Rússia, membro do VP, Ministro das Relações Exteriores do Barão Wrangel, Loja do Grande Oriente da França -13, 14, 1, 56, 60, 84.

Vinogradov V. A., professor, deputado da Duma Estatal e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910), leu a história da Rússia na Universidade de Oxford - 65, 70.

Nina Vinogradova , musicista, loja Pshesetskaya (Moscou, década de 1920) - 53.

Witt Sergey Oskarovich, de, aloja "Astrea" (P-zh, 1930), "Lotus" - 6, 11, 1, 70, 86.

Vishnitser Mark Lvovich, 1882–1955, historiador, professor, famoso sionista, funcionário da “Enciclopédia Judaica” -1.

Vladimirov, membro da loja do 1º Capítulo (década de 1920) - 53.

Vladimirov Dmitry Petrovich, 1890(?) —? membro da Sociedade Antroposófica - 63.

Voevodsky Georgy Stepanovich, alojamento “Astrea” (P-zh, 1920) - 3, 86.

Voina-Panchenko , tenente-general, membro do Comitê Maçônico (P-zh, 1918, desde 1922 Comitê Provisório da Maçonaria Russa) - 82.

Volgin Alexander Borisovich, loja do Grande Oriente da França –13, 56, 84.

Volkov Alexander Alexandrovich, caixa “Astrea” (P-zh, 1920) - 3, 86.

Volkov Nikolai Alexandrovich, almirante, loja do Grande Oriente da França –13, 14, 56, 84.

Volkov Nikolai Konstantinovich, 1875 -? Deputado da 3ª e 4ª Duma de Estado, membro da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) e do Centro Nacional (Moscou, 1918), diretor-administrador do jornal parisiense "Últimas Notícias", Loja "Ursa Menor" (desde 1912), Conselho Supremo da Maçonaria Russa (1910 -e) –1, 65, 70, 82.

Volkov Sergey Dmitrievich, “Loja Árabe” (1908, MS) - 17.

Volkover , cadete, deputado da 1ª Duma do Estado, loja de Vitebsk (1914), comissário provincial do VP - 70.

Volkovich A. O., um dos fundadores da loja Vitebsk (1914), comissário provincial do VP - 70.

Volkovysk Alexander Maksimovich,?-1957, escultor, maçom desde 1922, membro fundador da loja North Star -1.

Volkovysk Alexander Mikhailovich, - 56, 84.

Volkovysk Alexander Sigismundovich, caixa “Astrea” (P-zh, 1920) 3.14.

Volkonsky Alexander Petrovich, príncipe, diplomata, Astrea Lodge (Pf, 1920-1930) - 3, 6,86.

VolkonskyS. M., membro da sociedade maçônica "Mayak" (1906) - 31.

Vologodsky Pyotr Vasilievich, presidente e então ministro do Conselho de Ministros do governo Kolchak, loja do Grande Oriente da França -13, 14, 56, 84.

Vratsyan Semyon Lazarevich, 1882 -? Maçom desde 1927, North Star Lodge, 18°-1.

Wurgaft Leon Moiseevich, 1876–1935, grande banqueiro (São Petersburgo), maçom de 1923–1.

Vyrubov Vasily Vasilievich, 1879? O amigo mais próximo de A. Kerensky, presidente

Comitê da União Zemstvo Pan-Russa da Frente Ocidental (Minsk), assistente do chefe do Estado-Maior Kerensky (outubro de 1917). Presidente do Conselho das Lojas Russas Unidas (Rito Escocês), 33°, Loja do Grande Oriente da França, "Astrea" (desde 1928) –13, 14, 22, 1, 56, 84.

Glasberg Naum Borisovich, aloja "Astrea" e "Lotus" (1935, O) –11, 86.

Glasberg (Glasberg?) Valentin Naumovich, banqueiro, camarada. Ministro do VP -1.

Glemer S.P., membro do Conselho de Estado e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Glikberg (Gluckberg?) Alexander Mikhailovich, 1880–1932, poeta-humorista, pseudônimo Sasha Cherny, loja "Rússia Livre" (de 1932) –1.

Glyazmer , membro da Mesa do grupo nacional da União Interparlamentar (década de 1910) - 65.

Godlevsky S.K., membro do Conselho de Estado e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Godnev I.V., 1856 -? proprietário de terras, deputado da Duma Estatal e do grupo Duma da União de 17 de outubro, membro da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910), membro da Comissão Provisória da Duma Estatal, controlador estadual (março-julho de 1917), parisiense loja (década de 1920) –1, 60, 65, 84 .

Goyer Lev Viktorovich, 1877–1939, antecedentes, loja de Júpiter (desde 1927, M, O), um dos fundadores da loja Gamayun (década de 1930, DM) – 10, 1, 88.

Goyer Lev Lvovich, banqueiro, loja do Grande Oriente da França –13, 14, 56, 84.

Goleevsky (Golievsky) Nikolai Lavrentievich, general, aloja "Astrea" (desde 1922), "Lubomudry" e "Golden Fleece" (fundador), "Gamayun" (1º

(ver), visitou secretamente a Rússia na década de 1920, foi preso pelos bolcheviques e executado -1, 54, 70, 84.

Dolgorukov Petr Dmitrievich, 18661945, príncipe, irmão gêmeo do anterior, um dos

líderes do grupo de Moscou da União de Libertação (1903), membro do Comitê Central de toda a Rússia desta união -1, 54, 70.

Dolinsky Simon, caixa “Astrea” (P-zh, década de 1930) - 6.12.

Dombrovsky Mikhail, alojamento “Astrea” (P-zh, 1930) - 6.

Domozhirova Maria Ivanovna, 1913, viúva de um contra-almirante, membro da facção maçônica "Dennitsa", membro da Sociedade Teosófica Russa (1908) - 29, 63.

Dondukova Nadezhda, princesa, membro da Ordem dos Illuminati (1907–1908) –16.

Domogatsky Nikolai Nikolaevich, 1846-? governante dos assuntos da Ferrovia Sudeste, membro do círculo maçônico Martinista (1914) - 63.

Drizen BP, barão, loja “Flaming Lion” (L-d, 1920, MS) - 37, 101.

Dubinov Vladimir Vladimirovich, 1902 -? Maçom de 1932–1.

Dubnikov Dmitry, artista lírico –15.

Dubnov S. M., historiador judeu - 62.

Dyakonov Pavel, alojamento “Júpiter” (1936 - K, 1937 - 1º P-k) -1.

Dyakonov Andrey Petrovich, oficial 14, 56, 84.

Dubois Anatoly E., 1882–1960, menchevique, publicitário, Astrea Lodge (Pf, 1930) –12.

Evreinov Nikolai Nikolaevich, 1879–1953, diretor, dramaturgo, historiador de teatro, caixa “Júpiter” (Pf, 1930) -1, 53, 69.

Egizarov E. M. –1.

Eikhenbaum (Eikhenbaum?) (Wolin), escritor, loja do Grande Oriente da França -13.

Ekimov Ivan, diplomata, caixa Hermes (P-f) - 7, 26.

Ekimov Pavel, loja do Grande Oriente da França –13, 14, 56, 84.

Kangisser L.I., caixa “Lotus” (década de 1940) - 70.

Kangisser *Ya.* I., caixa “Lotus” (Pf, 1930-1940) –1,70.

Kandaurov Leonty Dmitrievich, 1880–1936, diplomata czarista na embaixada em Paris, presidente do Comitê Maçônico (P-zh, 1918, de 1922 Comitê Provisório da Maçonaria Russa), organizado com o propósito de unir os maçons russos no exterior, diretor assistente em o escritório russo (comitê) (após 1924–1936) - 3, 12, 14, 1, 56, 82, 84, 86.

Kanenko Mikhail Mikhailovich - 56, 84.

Kantor Mikhail Lvovich, advogado assistente (Vinavera, ver), editor do semanário “Zveno” em Paris -1.

Kancel Nikolai Alexandrovich, caixa Hermes (1934–1936) - 9.

Kaplan Klementy Pavlovich, aloja “Astrea” e “Lotus” (P-zh, 1930) –1, 69, 70, 86.

Kaplansky B., caixa “Astrea” –1.

Kapnista , Conde, Estado-Maior Naval –1.

Karaulov M. A., 1878–1917, oficial cossaco, progressista, deputado da Duma, maçom desde 1908 (Moscou), loja “Northern Lights” (São Petersburgo, 1909, 1º N), em 12 de fevereiro de 1917, sentou-se no Rodzianka convocado “reunião privada”, membro da Comissão Provisória da Duma Estatal, esteve presente na abdicação do Grão-Duque Mikhail Alexandrovich, deu ordens para a prisão de importantes funcionários czaristas, foi responsável pela segurança de Petrogrado -1, 58, 70 .

Karganov G. G., caixa francesa 70.

Karelin Apollo Andreevich, 18631926, teórico do anarcocomunismo, líder

anarquistas, membro do Comitê Executivo Central de toda a Rússia, Ordem dos Templários (França, 1900) e da “Ordem do Espírito” (URSS; desde 1924 “Ordem da Luz”) – 36.53.71.

Carell M., von, membro da Ordem dos Illuminati (1907–1908) –16.

Carmin , secretário e promotor-chefe do Senado, maçom de 1906 a 1907, loja “Dawn of Petersburg” (1909, O), geralmente realizava reuniões da loja (até novembro de 1918) - 58, 70.

Kartashev Anton Vladimirovich, 1875–1960, loja literária e Conselho Supremo da Maçonaria Russa (durante a 1ª Guerra Mundial), Procurador-Chefe do Sínodo sob o VP, historiador da Igreja - 70, 76, 80.

Kasyanov , Aurora Lodge (P-zh, 1933) - 62.

Caffey Andrey Ivanovich, 1893–1955, maçom de 1933–1.

Kafyan Christopher Gavrilovich, 1900–1971, músico, maçom desde 1935 1.

Katz Leon (Lev?) Isidorovich,?-193? aloja “Hermes” e “Lotus”, Comissão Financeira e Econômica dos Maçons (1930, K) –1, 69, 86.

Querin von, Olga, Ordem dos Illuminati (1907–1908) –16.

Quill Isidor Nikolaevich, 1874 -? Maçom de 1925–1.

Kedrin Evgeniy Ivanovich, 18511921, advogado, deputado da Duma, amigo de Margulies M.S. (ver), maçom desde 1905, fundador de várias lojas maçônicas, membro da Grande Loja e da Loja Cosmos - 5, 14, 15, 25, 1, 54, 56, 60, 84.

Kedrov M. A., almirante, ministro naval da primeira coalizão da Grande Guerra Patriótica (maio de 1917) –1.

Keller Alexander, funcionário do banco, Hermes Lodge (P-zh, 1926) - 7.

Keller A. A., loja Northern Lights (década de 1930) - 70.

Keller Alexander (Alexey?) Fedorovich, conde, oficial do regimento de cavalaria, loja Northern Lights (P-zh, década de 1930) –14, 56, 69, 84.

Keller von Maria, membro da Ordem dos Illuminati (1908–1909) –16.

Keller P. A., cadete, caixa “Lotus” –1.

Kelberin Israel Pavlovich, advogado - 1.

Kerensky Alexander Fedorovich, 1881–1970, advogado, deputado da Duma, Conselho Supremo da Maçonaria Russa (década de 1910), Ministro da Justiça, Ministro da Guerra, Presidente do Conselho de Ministros, Comandante-em-Chefe Supremo, “amigo dos franceses Maçons” (1914–1917), Loja Ursa Menor "(por volta de 1912) -14, 1,56,70,81,84.

Kerkov , industrial –15.

Kefeli Mikhail Osipovich, caixa Hermes (1928–1936) - 9.

Krasin Leonid Borisovich (Winter, Nikitich), 1870–1926, engenheiro, marxista do final da década de 1880, organizador de operações secretas do Partido Bolchevique, terrorista, participou das negociações de Brest, assinou um acordo adicional com a Alemanha em Berlim em agosto de 1918, presidente da Comissão Extraordinária para

Abastecimento do Exército Vermelho (desde 1918), Comissariado do Povo dos Transportes (desde 1919), representante plenipotenciário em Londres (1921-1924 e 1925-1926) e Paris (1924), membro do Comitê Central do Partido Comunista da União (Bolcheviques) de 1924 a 50.

Krezhevich , agrimensor, pousada Luz das Estrelas (URSS, década de 1920) - 53.

Kremer Samuel Abramovich, 1893 -? Doutor em Medicina, marido da filha de Vinaver, M. M. (ver), Maçom em 1929-1935-1.

Krzhivkovsky Andrey, peleiro 14, 56.

Krzhivkovsky Evgeniy, peleiro 14, 56.

Krzhivkovsky Isidor, peleteiro 14, 56.

Krzhivkovsky Yakov, peleiro –14, 56.

Krivoshein Igor Alexandrovich, 1899 -? engenheiro elétrico, filho do ministro do czar, maçom desde 1922, lojas "Astrea" (P-zh, 1920-1930, M), "Lotus", presidente do Conselho da Associação de Lojas Russas, Areópago "Ordo ab Chao" , 32º - 3, 6, 11, 14, 1, 56, 57, 69, 70, 86.

Krivuts , caixa “Júpiter” (P-m) –1.

Kritchkovsky Isidor –14.

Krichevsky Benedikt Vladimirovich, dentista, maçom desde 1904, loja “Cosmos” (P-f) - 14, 60, 84.

Krovopuskov Konstantin Romanovich, 1881–1957, advogado, Socialista Revolucionário, antes da revolução trabalhou no governo da cidade de Odessa, loja North Star, 18°—1.

Krol Lev Afanasyevich, 1871–1957, membro da Conferência Estadual de Ufa em 1918, membro do governo de Perm, editor da Rússia Livre, loja da Ursa Menor (São Petersburgo, de 1910, em 1914 M), delegado da Convenção Maçônica, Loja Northern Star "(P-f) e loja francesa" Direitos Humanos "-1, 70, 81, 82.

Krol Moisei Aaronovich, 1862–1942, advogado, funcionário da "Modern Notes" (P-f), maçom desde 1926, loja North Star e membro de lojas francesas, incluindo o Grande Oriente, até 1924 18 ° -1, 57, 70, 86 .

Kropotkin Peter Alekseevich, 1842-1921, príncipe, teórico anarquista, membro de uma loja estrangeira -62.

Kruzenshtern , loja "Grande Luz do Norte" (Bn, 1923–1924) - 87.

Krupensky Pavel Nikolaevich, deputado da Duma, Loja Militar (Pg.) - 79.

Kryzhanovskaya N. A., membro da sociedade "Ressurreição" (URSS, década de 1920) - 36.

Crimeia Solomon Samoilovich, 18681938, cadete, deputado da Duma e membro do Conselho de Estado, presidente do governo zemstvo provincial da Crimeia, chefe do governo da Crimeia -1.

Krymov A. M., 1871–1917, general, participante da conspiração contra o Imperador em 1915–1917 - 1.

Krüdner-Struve , barão, membro da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

KryashkoFedor -14, 56.

Ksyunin Alexey Ivanovich, 1880 ou 1882–1938, funcionário da "New Time" e da inteligência alemã-14, 1.

Kuvaev I.M., um fabricante têxtil em Ivanovo, até 1917, uma loja maçônica -1 reunia-se em sua casa.

Kugushev Vladimir, príncipe, oficial 14.

Kugushev Petr Ivanovich, 1871 -? príncipe, parente de Tsuryupa AD, diplomata real, maçom de 1906 a 1910, um dos fundadores da loja Astrea em 1922 (Db) e 2º guarda na loja Northern Lights (1924), a loja Perfect Humanity "(Pf) - 14, 1, 56, 60, 70, 84, 86.

Kudashev NA, 1859 —? Representante russo na China e Espanha –1.

Kudryashov Sergey Vasilievich, caixa Hermes (1930–1936) - 9.

Kuznetsov Yakov Kharitonovich, diretor do banco siberiano, Astrea lodge (P-zh, década de 1920) - 3, 86.

Kuzmin-Karavaev Vladimir Dmitrievich, 1859–1927, general, professor da Academia Militar e da Universidade de São Petersburgo, escritor militar, cadete de direita, amigo de Kovalevsky M. M. (ver), maçom desde 1908

(Moscou), loja “Dawn of Petersburg” (1909, 1º N), deputado da 1ª e 2ª Duma de Estado e da Duma Municipal, membro do partido das “reformas democráticas”, membro do governo do Noroeste em 1919, apresenta “Astrea” (P-zh, D em 1924 e 1926) e “Hermes” (Pzh, 1927) - 3, 5, 7, 14, 1, 56, 58, 70, 84, 86.

Kuzmin-Karavaev Konstantin Konstantinovich, parente do anterior -1.

Kulikov , loja "Lotus" (década de 1930) - 86.

Kulikov Petr Aleksandrovich, “loge de paris ,, , alojamento “Northern Lights” (P-zh, 1930) –1, 69.

Kulisher Alexander Mikhailovich, 1890–1943, jornalista, funcionário do Latest News, conferencista no Grupo Acadêmico de Paris, Hermes Lodge (1928–1936) - 9, 1, 69.

Kulbin Georgy, loja “Light of the Stars” (URSS, 1920) - 53.

Kukolevsky Andrey Alekseevich, oficial - 56.

Kuhn , loja “Grande Luz do Norte” (Bn, 1926) - 78.

Kuragin Konstantin Fedorovich, caixa Hermes (1931–1936) - 9, 69.

Kuriev Murzala Mussievich, oficial, loja “Astrea” (P-zh, década de 1920) - 3, 56, 86.

Kurilov Viktor Antonovich, 1895 -? Maçom de 1929–1.

Kurlov Georgy Vasilievich, caixa Hermes (1931–1936) - 9, 69.

Lodyzhensky N. A., membro da “Ordem do Espírito” (desde 1924 “Ordem da Luz”, URSS) 36.

Lozinsky Grigory Leonidovich, inspetor do ginásio parisiense -14, 56.

Lombard , pastor, ex-reitor da igreja da embaixada inglesa e chefe da loja inglesa (São Petersburgo, final da década de 1890) - 82.

Lohmeyer Arnold *Y.*, Lotus Lodge 1, 70.

Lomonosov Yuri Vladimirovich, 1876 -? Major General, engenheiro de viagens, nascido em 1912. Chefe da Diretoria de Estradas Russas, participante ativo na conspiração contra o czar, colaborou com os bolcheviques, membro do Conselho Econômico Supremo, assistente. Krasin nas operações secretas dos bolcheviques no exterior e, em particular, na venda de ouro russo, o representante autorizado do Conselho dos Comissários do Povo para as ferrovias. encomendas no exterior -1.

Lurie Solomon Vladimirovich, membro da Câmara de Comércio Russo-Britânica, camarada. Presidente da Conferência Econômica da VP-1.

Lutugin Leonid Ivanovich, 1864–1915, geólogo, professor do Instituto de Mineração, membro do Conselho da "União da Libertação" 1.

Lutsky Semyon Abramovich, 1891 -? Maçom de 1933–1.

Luchitsky , fundador e organizador da loja Kiev Zarya em Kiev (desde 1908) - 58, 70.

Lyshchinsky-Troekurov Vladimir Vladimirovich, capitão do Regimento Preobrazhensky dos Guardas da Vida, aloja "Astrea" e "Northern Lights" (P-zh, 1920) - 3, 1, 84, 86.

Lvov Vladimir Nikolaevich, 1872–1934, facção Central na Terceira e Quarta Dumas do Estado, em março de 1917 Procurador-Geral do Sínodo, colaborou com os Bolcheviques -1.

Lvov Georgy Evgenievich, 1861–1925, príncipe, deputado da Primeira Duma Estatal, presidente da União Zemstvo Pan-Russa, um dos líderes de Zemgor, organizador da conspiração contra o czar, em março-julho de 1917 chefe do VP , comunicou-se com lojas maçônicas em Moscou e São Petersburgo -14, 1, 54, 56, 60.

Lvov Lolliy, funcionário do jornal "Vozrozhdenie" –1.

Lvov Nikolai Nikolaevich, 1867-1944, um dos fundadores da "União da Libertação" (1903) e dos partidos de renovadores pacíficos e progressistas, membro da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910), deputado da 1ª, 2ª e 4ª Duma de Estado, camarada. Presidente da IV Duma Estatal, Presidente do Conselho Provincial Zemstvo de Saratov, funcionário do jornal "Vozrozhdenie", Loja "Ursa Menor" (até 1914) –1, 65, 70.

Lubensky , contagem polonesa - 84.

Lyubimov Lev Dmitrievich, 1902 -? jornalista, filho do governador de Vilna, repórter do jornal "Vozrozhdenie", loja "Astrea" (P-zh, década de 1930) - 6, 14, 1, 56.

Lyubi Konstantin Grigorievich, caixa Hermes (P-zh, 1930) - 69.

Lublinsky Peter Abramovich, caixa Hermes (1929–1936) - 9.1.

Mabo Mikhail Moiseevich, 1879 -? Maçom de 1930–1.

Magsudov S. - ver Maksudov S.

Magat Israel Simkhovich, 1883–1937, Maçom desde 1935, Loja North Star, Loja Russa M “Estrela do Amor”, 3 ° 1.

Magidovich Boris Petrovich, grupo “Enfrentando a Rússia” (1938) –1, 57.

Maderny Nikolai Alekseevich, Grande Loja –1.

Labirinto Alexander Ieronimovich,? depois de 1946, caixa Hermes (1932-1936) - 9,1, 69.

Maydel , barão, maçom desde 1906, Conselho Supremo da Maçonaria Russa (1908, C) - 58, 70.

Mayer (Meyer) A. A., filósofo religioso, assistente de Braudo A. I. em serviço na Biblioteca Pública, Loja Literária (1914), chefe da Sociedade da Ressurreição (URSS, 1920) - 36, 70.

MayerNikita Vasilievich, caixa “Astrea” –11.

Nikolay Makarov , professor, maçom desde 1906, Loja Militar (São Petersburgo, 1909, NM) - 58, 70.

Makarov Pavel, 1872 —? arquiteto –1.

Makarov Pavel Mikhailovich, 1883-1922, advogado, acompanhou a Família Real a Tobolsk em 1917, Hermes Lodge (1930) - 4.

Makeev Nikolai Vasilievich, 1889-1975, jornalista, artista, socialista revolucionário de direita, deputado da Assembleia Constituinte, secretário de G. Lvov (ver) (1919-1921), membro do conselho de Zemgora, segundo marido de N. Berberova (ver) -1.

Maklakov Vasily Alekseevich, 1869–1957, neto de um judeu Bukharan, advogado, maçom desde 1901, loja parisiense (desde 1906), membro do Comitê Central do Partido Cadete, deputado da II–IV Duma Estatal, membro da Maçônica União Interparlamentar (década de 1910), defensora no caso M Beilisa, participante do assassinato de G. Rasputin, Embaixador do VP na França, Presidente do Comitê Russo na Liga das Nações, Loja “Rússia Livre” -1, 54, 56, 65, 60, 70, 82.

Makovsky Sergei Konstantinovich, 1877–1962, escritor, jornalista, filho de um artista, editor da Apollo, funcionário do jornal Vozrozhdenie, Northern Lights lodge (P-zh, 1930) - 1, 56, 69.

Maksimov , médico, camarote parisiense 84.

Maksimov A.N., foi membro do Centro de Moscou da União de Libertação (1904) - 70.

Maksimov Nikolai Filippovich ("Azra"), loja Pshesetskaya (URSS, década de 1920) - 53.

Maksudov (Magsudov) S, príncipe, maçom desde 1908 (Moscou), deputado da Duma Estatal e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910), loja do Grande Oriente da França - 58, 65, 70.

Melguzen Alexander, tenente, loja "Consistência" (1922) e "Grande Luz do Norte" (Bn, desde 1922) -61, 78, 87.

Melnikov Nikolai Mikhailovich, 1882 -? Maçom desde 1929 - 1.

Mendelson Mark Samoilovich, Grande Loja da França, hospeda "Lotus" (P-zh, 1935, K) e "Hermes" (1930) - 9, 1, 69, 70, 86.

Merezhkovsky Dmitry Sergeevich, 1866–1941, escritor, loja do Grande Oriente da França (1914–1916) - 70.

Merkel Ilya, 1902–1928, maçom de 1925–1.

Metalnikov Sergey Ivanovich, 18711946, biólogo, professor, chefe de departamento do Instituto Pasteur perto de Paris, Grande Loja da França, Capítulo "Les Heros de l'Humanite", desde 1929 *na* loja russa em Paris, loja "Estrela do Norte" (década de 1930) — 14, 1, 56, 70.

Meshchaninov I.V., senador, camarada. Ministro da Educação Pública, membro da sociedade maçônica "Mayak" (1906) 31.

Meshcherskaya Nadezhda ("Ney"), 1892? na Maçonaria desde 1911, amiga de Anastasia Tsvetaeva, membro da Loja Rosacruz do 1º Capítulo - 53.

Meshchersky P., arquiteto, Hermes Lodge (Pf) - 7.

Meshchersky Pavel Aleksandrovich (Alekseevich?), aluno do Instituto de Mineração, alojamento "Astrea" (P-zh, 1920-1930) - 6, 86.

Miklashevsky (Mick) Konstantin 14, 56.

Miller - Loja Pshesetskaya (década de 1920) 53.

Miller Karl Karlovich, agente financeiro no Japão –14, 56.

Milyukov Pavel Nikolaevich, 1859-1943, historiador, publicitário, membro da União de Libertação (1900), um dos organizadores do Partido dos Cadetes e membro do seu Comitê Central, deputado da Terceira e Quarta Duma do

Tatishchev Nikolai Dmitrievich, loja “Northern Lights” (P-zh, 1930) –14, 56, 69.

Taube Mikhail, barão, professor –14.

Leonid Tauber , 1872–1943, professor de economia política, Maxim Kovalevsky Lodge -1.

Teger , 1890(?) —? membro da Ordem dos Rosacruzes de Moscou (década de 1920) - 72.

Telepnev Boris Vasilyevich, historiador maçônico, antes da 1ª Guerra Mundial, administrador de uma casa comercial em Moscou, durante a guerra, comissário do governo para a compra de lã na Inglaterra, então um dos principais fundadores do “Círculo dos Maçons Russos na Inglaterra” (Londres, 1928, presidente) –14, 1,38,56, 78, 82, 84.

Telyakovsky V. A., 1860–1924, diretor dos Teatros Imperiais (1901-1917), “Loja Geral de Astraea”, VM da Maçonaria Russa Autônoma 37.

Tenishev V., príncipe, secretário do Bureau da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Teplov , 1861 -? Coronel do Regimento Izmailovsky dos Guardas da Vida, mais tarde Major General,

Loja Militar (São Petersburgo, 1909, vice-rei), em 1917 comissário do Regimento Finlandês, Northern Star Lodge (desde 1907) -1, 70, 81, 82.

Terapiano Yuri Konstantinovich, 1892–1980, escritor, presidente da União dos Poetas em Paris-1, 56.

Terekhovko A. S., membro da “Academia Espacial” (URSS, década de 1920) - 36.

Tereshchenko Mikhail Ivanovich, 1886-1956, fábrica de açúcar de Kiev, proprietário da editora Sirin, camarada. Presidente do Comité Militar-Industrial, Ministro das Finanças e Ministro dos Negócios Estrangeiros sob VP-1.56, 60, 81.84.

Ter-Osipov Pavel, advogado –14, 56.

Ter-Poghosyan Mikhail Matveevich, 1890–1967, Socialista Revolucionário, deputado da Assembleia Constituinte, loja “Northern Star” (P-zh, década de 1920), M - 2, 1, 57, 86.

Teslenko Andrey, irmão do advogado (N. Teslenko), líder do grupo camponês em

Centro de Moscou, loja da União de Libertação, que desempenhou um papel de liderança na criação da União Camponesa (em 1905)-70.

Teslenko Nikolay Vasilyevich, 18701942, advogado de Moscou, cadete, deputado da Segunda Duma de Estado, Ministro da Justiça do VP, Hermes lodges (1929–1931, 1º martelo), Lotus e Astrea (Pf, 1925–1936) - 7, 9 , 12, 1, 54, 57, 69, 84, 86.

Tiesenhausen , pousada Pshesetskaya (década de 1920) - 53.

Tikston Pavel Andreevich, 1870(?) 1939(?), diretor de um banco em São Petersburgo, industrial, marido de Teffi N.A.

Thikston Sergei Pavlovich, 1902–1981, filho do anterior, Grande Loja da França, O em Astraea, Lotus Lodge (1930) –1, 70.

Tilichev S. A., oficial da Marinha, membro da Sociedade da Ressurreição (URSS, década de 1920) - 36.

Timashev Nikolai Sergeevich, 1886? filho do ministro do czar, professor, funcionário do jornal "Renaissance", professor do Instituto Franco-Russo de Paris, Grande Loja da França -1.

Timofeev , formou-se na Academia de Engenharia, engenheiro militar, Loja Militar (São Petersburgo, 1909, C) - 58, 70.

Tiraspolsky , professor, maçom de 1906–1907 - 58.

Tiraspolsky Grigory Lvovich, 1871–1947, advogado, maçom desde 1909 (São Petersburgo), loja

“Northern Star” (P-zh, 1927), “Lotus” (desde 1933), Grande Oriente de França, na caixa “Cavaleiros da Rosa Vermelha” C –11,1,60,70,84,86.

Titov Alexey Andreevich, engenheiro químico, operário, socialista popular, camarada.

Ministro da Alimentação do VP, Chefe. unidade sanitária da União Pan-Russa das Cidades, em Paris, proprietária do laboratório comercial “Bioterapia” - 1.

TitovI. V., deputado da Duma Estatal e da União Interparlamentar Maçônica (década de 1910) - 65.

Yurenev P. P., 1874–1945(?), cadete, Ministro das Ferrovias em agosto de 1917, em 1919 presidente do grupo Odessa do Centro Nacional -1.

Justitsky Petr Ivanovich, 1871-? Maçom desde 1933 ou 1934 - 1.

Yusupov Felix Feliksovich, 1887-1967, príncipe, participante do assassinato de G. Rasputin, membro da sociedade maçônica Mayak (1906) - 31.

Yablochkov Pavel Nikolaevich, 1847-1894, fundador da loja Cosmos - 82.

Jacobson Victor Isaakovich, 1870-1934, Maçom 1931, Carta Escocesa 1.

68 - OA, f. 730, op. 1, nº 173

69 - Lista de maçons russos do ritual escocês em Paris (década de 1930), compilada pelo agente maçom do NKVD S. N. Tretyakov. Publicado pela primeira vez no jornal “Boletim Russo” (1996. No. 49–51)

70 – Arquivo da Instituição Hoover, Fundo B. I. Nikolaevsky

71 - Jornal independente. 22.1.1998

72 — Nikitin A. L. Místicos, Rosacruzes e Templários na Rússia Soviética. M., 1998

73 - Dossiê secreto. Maio de 1998. pp. Ultra secreto. 1996. Nº 3. P. 8–9

74 - História doméstica. 1993. *Nº* 3. P. 180–182.

75 - Heise K. Die Entente Freimanrerei und der Weltrieg Basel, 1920. S. 107.

76 — Condenação das atividades maçônicas da YMCA // Bandeira da Rússia. 1951. Nº 37

77 - O segredo da Maçonaria. Bruxelas, b. G.

78 - ASTM, Fundação N. F. Stepanov.

79 - N. F. Stepanov. Loja Militar // Boletim Vladimirsky (São Paulo, Brasil). 1953. Maio. Nº 23

80 — Aronson G. Masons na política russa // Nova palavra russa. 8-10, 12/10/1959

81 - Pervushin N. Maçons Russos e Revolução // Nova Palavra Russa. 1.8.1986

82 — Kandaurov L. D. Nota sobre a história da Maçonaria Russa, 1731–1936 // OA, f. 730, op. 1, D. 172, l. 1-46

83 - Convenção do Grande Oriente da França. Paris, 1920

84 - N. F. Stepanov (N. Svitkov).

Maçonaria na emigração russa (até 1º de janeiro de 1932). Ed. 3º, corrigido e complementado com prefácio de V. D. Merzheevsky. São Paulo, 1966. pp.

85 — Carta do Príncipe VD Nizheradze sobre sua afiliação às lojas maçônicas // Águia de Duas Cabeças. 1927. Nº 14. pp.

86 - OA, f. 730, op. 1, D. 51, l. 15,25, 34, 35,41,49, 53, 54, 66, 67, 67, 83, 83, 94, 95, 97.100, 127, 143, 144, 175, 177, 181–182,185.186, 190.205,23 5 – 238.252.312

87 - OA, f. 729, op. 1, D. 2, l. 7-10, 11-13, 35, 35 rev., 37, 38, 39,45, 100, 127,127 rev., 142, 146, 148, 150, 152

88 - OA, f. 730, op. 1, D. 25, l. 30-35

89 - Questões de história. 1993. Nº 5, 6

90 - GARF, f. 102, op. 316, 1905, página 12, parte 1, l. 154

91 - GARF, f. 826, página 47, l. 115

92 - Avrekh L. Ya. Maçons e revolução. M., 1990

93 - GARF, f. 1826, D. 1, l. 102

94 - Questões de literatura. 1990. Nº 1, 7

95 - GARF, f. 97, página 34, l. 140

96 - Sociedades secretas maçônicas na URSS. Jovem guarda. 1994. Nº 3

97 - N. F. Stepanov. A influência da Maçonaria na Conferência de Oxford. 1938 (relatório) // Atos do Segundo Conselho de Toda a Diáspora da Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia. Belgrado, 1939

98 - OU RSL, f. 25, cartas. 23, unidades horas. 4

99 - RGALI, f. 2074, op. 2 unidades horas. 19, l. 1-11; Ocultismo e Yoga. Belgrado, 1934. Livro. 3

100 – RGALI, f. 2512, op. 1, unidades horas. 659, l. 1-32 (relatório de PA Buryshkin)

101 — Bogomolov N. A. Literatura russa do início do século XX e ocultismo. M., 1999.

UM BREVE DICIONÁRIO DE PESSOAS IDENTIFICADAS PERTENCENTES A LOJAS MAÇÔNICAS E OUTRAS ORGANIZAÇÕES CRIADAS PARA ALCANÇAR OBJETIVOS MAÇÔNICOS (de 1945 a 2000) [459]

Abalkin Leonid Ivanovich, n. 1930, membro do PCUS (1956-1991), diretor do Instituto de Economia da Academia de Ciências, membro da Fundação Internacional para Reformas Econômicas e Sociais e membro do conselho do Interaction Club (1993) -16.

Abramovich Roman Arkadievich, n. 1966, chefe da empresa Sibneft, “gerente de finanças da família do presidente russo Yeltsin”, ligado à máfia, consultor do Fórum Econômico Mundial, membro da Ordem de Malta –16.

Avdeev Alexander Alekseevich, n. 1946, 1º deputado Chefe da Primeira Direcção Europeia do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário (1991), membro do Rotary Club -16.

Aven Petr Olegovich, n. 1950, Ministro das Relações Económicas Externas (1992), Diretor Geral do Fin Pa JSC, membro do Interaction Club (1993) -16.

Averintsev Sergey Sergeevich, n. 1937, filólogo, crítico literário, acadêmico da Academia Russa de Ciências Naturais, chefe da Sociedade Bíblica -16.

Aganbegyan Abel Gezevich, n. 1932, membro do PCUS (1952-1991), conselheiro de M. Gorbachev, economista, agente de influência mundial nos bastidores, condenado por corrupção, fugiu para o exterior -16.

Agapov Nikolai Petrovich, apresenta “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955), “Júpiter” (1961); 18°–17.

Adamishin Anatoly Leonidovich, n. 1934, membro do PCUS (1965-1991), deputado. Ministro das Relações Exteriores (1992), membro do bloco Yavlinsky (1993) –16.

Adamovich Georgy Viktorovich, 18941971, escritor, caixa “Júpiter” (Paris) –1.

Adamovich Nikolai (Nick Adams), Presidente da Associação de Maçons Ortodoxos nos EUA, Diretor do Gabinete de Informação Maçônica (Nova Jersey, década de 1970) -19.

Aitov Vladimir Davidovich, 1879-1963, médico, desde 1938 membro do Conselho Supremo dos Povos da Rússia, depois de 1945, a Loja Lotus (Paris; 33 °) -1.

Aksenenko Nikolay Emelyanovich, n. 1949, membro do PCUS (1969-1991), Ministro das Ferrovias da Federação Russa (1997), 1º Vice-Presidente do Governo da Federação Russa, consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16.

Aksenov Vasily Pavlovich, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Aldanov (Landau) Mark Alexandrovich, 1886–1957, escritor, North Star Lodge (filial nos EUA) até 1954-1.

Aleksashenko Sergey Vladimirovich, n. 1959, Presidente da Associação de Câmbios da Rússia (desde 1995), membro do Conselho de Administração do Banco Central da Federação Russa, consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16.

Alekseev Boris Petrovich, n. 1931, 1º deputado Presidente do Conselho Comercial e Econômico, membro do Rotary Club -16.

Alekseev Gennady Alekseevich, n. 1945, membro da organização "Escolha da Rússia" (1993) –16.

Alekseeva Lyudmila Mikhailovna, membro do comitê executivo do Instituto Soros "Sociedade Aberta" (Moscou, 1995) –16.

Aleshin (Kotlyar) Samuil Iosifovich, n. 1913, dramaturgo, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Alperin Abram Samoilovich, 1881195? hospeda "Northern Star" e "Northern Lights" (Paris)-1.

Ambartsumov Evgeniy Arshakovich, n. 1929, membro do PCUS (1950-1991), conselheiro de Yeltsin, chefe da Associação Russa de Cooperação Euro-Atlântica, membro da Comissão Maçônica "Grande Europa" e do "Clube Internacional Russo" -12, 14, 16.

Borodin Pavel Pavlovich, n. 1946, membro do PCUS (1966-1991), gerente dos assuntos do Presidente da Federação Russa, membro da Ordem de Malta -16.

Borodulin Rygor, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Bocharov Mikhail Alexandrovich, n. 1941, gerente econômico, membro do PCUS (1965-1990), presidente das preocupações Butek e Russo-Baltwest, presidente do Clube Internacional Russo, membro do Rotary Club (1990) - 3, 8, 14,15, 16 .

Joseph Brodsky , poeta (1940–1996), viveu nos EUA, clube maçônico “Magisterium” (1992) - 2.

Bukovsky Vladimir Konstantinovich, n. 1942, ex-dissidente, agente de influência global nos bastidores, condenado por ligações com a CIA, presidente da Resistência Internacional -16.

Bunich Pavel Grigorievich, n. 1929, economista, membro do PCUS (1949-1991), agente de influência global nos bastidores, membro da Ordem da Águia -16.

Burbulis Gennady Eduardovich, n. 1945, membro do PCUS (1965-1990), professor de comunismo científico, camarada de armas de Yeltsin, agente de influência treinado pelo Instituto Creeble, membro da Comissão Maçônica “Grande Europa”, um dos fundadores da organização “Escolha da Rússia”, membro da Ordem de Malta –12, 16.

Bureiko Evgeniy Vladimirovich, n. 1957, membro do conselho da joint venture (com os EUA) “Mix” e do Rotary Club –16.

Burlatsky Fedor Mikhailovich, n. 1927, jornalista, membro do PCUS (1946-1991), membro do grupo de agentes de influência de Brejnev e Andropov, cap. editor da Literary Gazette, presidente da Frente Euro-Asiática para a Cooperação Humanitária -16.

Burtin Yuri Girshovich, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) 16.

Buryshkin Pavel Afanasyevich, (1887-1955), industrial, Lotus Lodge (Paris) - 22.

Bykov Vasil, n. 1924, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Vavakin Leonid Vasilievich, n. 1932, cap. arquiteto da cidade de Moscou, membro do Rotary Club -16.

Vavilov Andrey Petrovich, n. 1961, 1º deputado Ministro das Finanças da Federação Russa, conselheiro de V. Chernomyrdin através da Gazprom, consultor do Fórum Econômico Mundial -16.

Vadilov Sergey Alexandrovich, n. 1947, vice-presidente do Banco Estatal da Rússia (1992), membro do Rotary Club 16.

Weinberg Lev Iosifovich, n. 1944, Presidente da Associação de Joint Ventures, Associações e Organizações Internacionais, membro do Conselho do Interaction Club (1993) –16.

Vaksberg Arkady Iosifovich, n. 1933, membro do Centro Penal Russo (1992) –16.

Vaneeva L., escritora, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Vartanyan Marat Enokovich, n. 1932, acadêmico, sócio do Rotary Club (1990) –11.16.

Vasilenko S., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Vasiliev Viktor Nikolaevich, n. 1937, membro do PCUS (1957–1991), reitor da Universidade Petrozavodsk (1997), membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Vasiliev Dmitry Valerievich, vice-presidente do Comitê de Propriedade do Estado da Federação Russa, membro do conselho do clube "Interação" (1993) 16.

Vedeshin Leonid Alexandrovich, n.

1940, pesquisador líder do Conselho Intercosmos da Academia de Ciências, membro do Rotary Club -16.

Vermush G., mora na Alemanha, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Wilson Ya. I., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) - 17.

Vinogradov Vladimir Viktorovich, presidente do conselho do Sindicato Bancário de Moscou, chefe do Inkombank, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Vinogradov Igor Ivanovich, n. 1930, escritor, membro do PCUS (1954–1991), membro do Russian Pen Center (1992) 16.

Vishnitser Mark Lvovich, 18821955, Presidente da "União dos Judeus Russos em Nova York" -1.

Vishnyakov Nikolay Mikhailovich, diretor geral da joint venture Soniko, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Vlasov Alexey Feliksovich, gerente da Bolsa Russa de Mercadorias e Matérias-Primas, membro do clube "Interaction" (1993) –16.

Voznesensky Andrey Andreevich, b. 1933, poeta, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Voinovich Vladimir Nikolaevich, n. 1932, escritor judeu, membro do conselho de supervisão do Soros Open Society Institute (Moscou, 1995) – 16.

Volkov Alexander Alexandrovich, n. 1948, membro do PCUS (1968–1991), cosmonauta, membro da Ordem da Águia (1993)-16.

Volkov Valery Dmitrievich, n. 1951, advogado, sócio do Rotary Club -16.

Volkov Nikolai Konstantinovich (1875 -?), ex-deputado da Duma, membro da sociedade "Patriot Soviético" 1.

Volkov Oleg Ivanovich, n. 1944, diretor comercial da agência internacional "KDK - Hermes", sócio do Rotary Club -16.

Volkovysk Alexander Maksimovich (? –1957), escultor, caixa "Northern Star" –1.

Volkogonov Dmitry Antonovich (1928-1995), Coronel General, historiador, membro da organização "Escolha da Rússia" (1993) –16.

Voloshin Alexander Stalyevich, chefe da empresa Esta Corp., chefe da administração presidencial da Federação Russa, associado de B. A. Berezovsky (ver), consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16.

Vorontsov M.I., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) - 17.

Vorontsov Nikolai Mikhailovich, n. 1934, acadêmico da Academia Russa de Ciências Naturais, membro da organização "Escolha da Rússia" (1993)-16.

Vorontsov Nikolai Nikolaevich, deputado da Duma, membro do conselho de supervisão do Instituto Soros "Sociedade Aberta" (Moscou, 1995) –16.

Voshchanov Pavel, ex-secretário de imprensa de Yeltsin, membro do Clube Internacional Russo - 14, 15, 16.

Vyrubov Vasily Vasilievich (1879 -?), caixa "Júpiter" (Paris, 1961); 33° – 17.

Vyazemsky V.V., caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) - 22.

Vyazemsky Vladimir Leonidovich, príncipe, caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) 22.

Vyakhirev Rem Ivanovich, n. 1934, Presidente do Conselho de Administração da RAO Gazprom, consultor da Comissão Trilateral e do Conselho de Relações Exteriores -16.

Gavrilov Roman, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Gaidar Yegor Timurovich, n. 1956, membro do PCUS (1980-1990), funcionário da revista "Comunista" e do jornal "Pravda", ex-presidente interino do governo da Federação Russa, chefe da organização "Escolha da Rússia", presidente do diretoria do clube "Interação" -16.

Garder M.V., ex-coronel do Estado-Maior Francês, chefe da Maçonaria Russa na França, pertencente à Grande Loja da França (início da década de 1990) - 6.

Gvozdanovich Konstantin Vasilievich, caixa "Gamayun" (Paris, década de 1950, palestrante) - 22.

Gelman Alexander Isaakovich, n. 1933, membro do conselho editorial do jornal maçônico "Moscow News" -16.

Dobuzhinsky Mstislav Valeryanovich (1875–1957), artista (Paris) –1.

Donskoy Vladimir Fedorovich, Rotary Club (Irkutsk, 1995), representante do Governador Rotary para a Sibéria (1991) - 21.

Dorenko Sergei, b. 1959, propagandista de televisão judeu, membro do PCUS (1979-1991), apresentador do canal de televisão ORT, contratado por B. A. Berezovsky (ver) para realizar tarefas de informação anti-russa -16.

Drutse Ion Panteleevich, n. 1928, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Dubinin Sergey Konstantinovich, n. 1950, membro do PCUS (1971–1991), consultor de B. Yeltsin, Ministro das Finanças (1993–1994), vice-presidente do Banco Imperial, presidente do Banco Central da Federação Russa (1996–1998), gerente para a Rússia no Fundo Monetário Internacional, consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial –16.

Dudayev Dzhokhar Mosaevich, 1944–1996, judeu da montanha, líder de gangues chechenas, pousada Young Turkey (Ancara, 1994) - 16.

Dudintsev Vladimir Dmitrievich, n. 1918, escritor, membro do "Pencenter Russo" (1992) –16.

Duverget M., mora na França, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Evreinov Nikolai Ivanovich, 1887-1972, diretor e dramaturgo, loja “Amigos da Filosofia” (Paris)-1.

Evtushenko Evgeniy Alexandrovich, n. 1933, escritor judeu, membro do clube maçônico “Magisterium” e “Russian Pen Center” - 2, 16.

Egorov Sergey Efimovich, presidente da Associação de Bancos Russos, membro do conselho do Interaction Club (1993) - 16.

Ieltsin Boris Nikolaevich, n. 1931, membro do PCUS (1961-1990), 1º Secretário do Comitê Regional de Sverdlovsk do PCUS, 1º Secretário do Comitê Municipal de Moscou do PCUS, candidato a membro do Politburo do Comitê Central do PCUS, Presidente da Federação Russa (Junho de 1991 - Dez. 1999), Comandante da Ordem de Malta (1991), coopera com o Conselho de Relações Exteriores, a Comissão Trilateral e o Clube Bilderberg - 7, 9, 16.

Eltsov Yu. A., membro da organização “Escolha da Rússia” (1993) –16.

Emelyanov Alexei Mikhailovich, n. 1935, membro do PCUS (1959-1990), conselheiro de Yeltsin, membro do Clube Internacional Russo (1992) - 15.

Emelyanov Stanislav Vasilievich, n. 1929, acadêmico, clube maçônico “Magisterium” (1992) –2.

Ermishin Alexander, membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Ermolov B.N., caixa “Júpiter” (Paris, 1961, vice-mestre) –17.

Ermolov D.N., caixa “Júpiter”, (Paris, 1961) –17.

Erofeev Viktor Vladimirovich, n. 1947, escritor, membro do “Pencenter Russo” -16.

Zhvanetsky Mikhail Mikhailovich, n. 1934, escritor, membro do “Pencenter Russo” -16.

Zhdanov Boris Vadimovich, loja “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955); 14°—17.

Zhutovsky Boris, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Zadonsky G.I., membro da organização “Escolha da Rússia” (1993) –16.

Zadornov Mikhail Mikhailovich, n. 1963, membro da associação Yabloko, Ministro das Finanças da Federação Russa (1998–1999), consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16.

Zalkind , Paris, 1950-22.

Zaporozhets Valery, Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica da Ucrânia (1990) –19.

Zaslavskaya Tatyana Ivanovna, n. 1927, professor, co-presidente do Intercenter, membro do conselho fiscal do Instituto Soros "Sociedade Aberta" (Moscou, 1995) –16.

Zakharov Mark Anatolyevich, n. 1933, figura teatral, membro do PCUS (1970-1991), membro da organização "Escolha da Rússia" -16.

Zakharyin S. A., caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) - 22.

Zenzinov Vladimir Mikhailovich, 1881–1953, escritor, Northern Star Lodge (Nova York) –1.

Zolotdinov Marat Aleksandrovich, Presidente da Bolsa de Valores Russa, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Zolotussky Igor Petrovich, n. 1930, escritor, membro do Russian Pen Center -16.

Zolotukhin Boris Andreevich, n. 1930, membro da organização "Escolha da Rússia" (1933), membro do comitê executivo do Instituto Soros "Sociedade Aberta" (Moscou, 1995) –16.

Zorin Leonid Genrikhovich, n. 1924, escritor, membro do PCUS (1952–1991), membro do Russian Pen Center - 16.

Zubov V.P., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) - 17.

Zurov Leonid Fedorovich (1902-1971), escritor, funcionário do jornal "Patriota Soviético" (Paris) -1.

Ivanov Alexander Alexandrovich, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Ivanov Vyacheslav Vsevolodovich, n. 1929, filólogo, historiador, clube maçônico "Magisterium" (1992)-2.

Ivanov Sergey Nikolaevich, n. 1951, membro da organização "Escolha da Rússia" (1993) –16.

Ivanov Fedor Dmitrievich, n. 1963, correspondente especial do jornal Izvestia, Rotary Club-16.

Ivanova Natalia Borisovna, escritora, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Ivanenko Viktor, ex-general da KGB, membro do “Clube Internacional Russo” –14, 16.

Ivanchenko Alexander Semenovich, n. 1936, escritor, membro do Pencenter Russo (1992) –16.

Ignatiev Alexander Ivanovich, loja “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955); 14°-17.

Ignatiev Sergey Mikhailovich, deputado. Ministro da Economia da Federação Russa (1993), membro do clube “Interação” (1993) - 16.

Illarionov Andrey Nikolaevich, 1º deputado. Chefe do Centro de Trabalho para Reformas Econômicas do Conselho de Ministros - Governo da Federação Russa, membro do Interaction Club (1993) -16.

Ilyinskaya Elena Sergeevna, 1905-1955, artista, esposa (1925–1933) do líder dos Rosacruzes Zubakin B.M., Loja Rosacruz (1920) –16.

Ilyushin Viktor Vasilievich, n. 1947, membro do PCUS (1967-1991), assistente de Yeltsin no Comitê Central do PCUS e na administração presidencial da Federação Russa, membro da Ordem de Malta -16.

Ionov N.V., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) - 17.

Ioffe Alexander Davidovich, presidente do Fundo de Apoio às Pequenas Empresas de Moscou, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Iskander Fazil Abdulovich, n. 1929, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Ispravnikov Andrey Nikolaevich, membro do conselho do Interaction Club (1993) –16.

Kagalovsky Konstantin Grigorievich, n. 1957, representante russo para interação com o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial (1990–1991), diretor do Fundo Monetário Internacional da Rússia -16.

Kagov Murat, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Kadannikov Vladimir Vasilievich, n. 1941, Diretor Geral da AvtoVAZ JSC, membro do Interaction Club (1993) –16.

Krasnopolsky Vladimir Arkadevich, n. 1933, diretor de cinema, laureado com o Prêmio do Estado, Prêmio Lenin Komsomol, membro do Rotary Club -16.

Krelin (Kreidlin) Julius Zusmanovich, n. 1929, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Kremenetsky Israel, membro da Ordem da Águia –16.

Krivenko Alexander Konstantinovich, n. 1931, presidente da associação Prodintorg, membro do Rotary Club -16.

Krivohizha Vasily Iosifovich, n. 1947, deputado Diretor do Instituto Russo de Estudos Estratégicos, membro do clube "Interação" (1993) –16.

Krivoshein Igor Alexandrovich, 1899 -? engenheiro, Lotus Lodge (32°), antes da guerra, membro do governo sombra maçônico, depois de 1948 mudou-se para a URSS, onde serviu em um campo e exílio, e depois retornou para a França -1.

Krikalev Sergey Konstantinovich, n. 1958, membro do PCUS (1978–1991), cosmonauta, membro da Ordem da Águia (1993)-16.

Krovopuskov Konstantin Romanovich, 1881–1957, advogado, North Star Lodge, 18°-1.

Krol Lev Afanasyevich, 1871-1957-1.

Kruglikov Georgy Ivanovich, loja "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955); 14°-17.

Krylova Galina, advogada Yu.M. Luzhkova (1999), membro da seita Dianética (Scientology) –16.

Kudimova M., escritora, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Kuznetsov Evgeny Semenovich, n. 1938, membro da organização "Escolha da Rússia" (1993) - 16.

Kurchatkin Anatoly Nikolaevich, n. 1944, escritor, membro do PCUS (1972-1991), membro do Russian Pen Center (1992) -16.

Kuskova Ekaterina Dmitrievna, 1869–1958 –1.

Kulistikov Vladimir Mikhailovich, funcionário da Radio Liberty (filial da CIA), membro do Interaction Club (1993) - 16.

Kutovoy Evgeniy Grigorievich, n. 1932, conselheiro-chefe do Ministério das Relações Exteriores, enviado extraordinário e plenipotenciário, membro do Rotary Club -16.

Kucher Valery Nikolaevich, chefe. editor do jornal "Rossiyskie Vesti", membro do clube "Interaction" (1993) - 16.

Kucher Stanislav, n. 1972, propagandista de televisão judeu, deputado. diretor e apresentador do canal TV-6, contratado por B. A. Berezovsky para realizar tarefas de informação anti-russa 16.

Labinsky Alexander Ivanovich, loja "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955); 14°-17.

Ladinsky Antonin Petrovich, 1896-1961, escritor, emigrante, do final da década de 1940 na URSS -1.

Lakshin Vladimir Yakovlevich, 1933-1993, escritor, membro do PCUS (1966-1991), membro do Russian Pen Center (1992) -16.

Lampen Georgy E., caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) - 22.

Latsis Otto Rudolfovich, n. 1934, comentarista político do jornal Izvestia, membro do conselho do Interaction Club (1993) –16.

Lebedev Alexander Evgenievich, n. 1959, membro do PCUS (1979-1991), presidente do conselho do National Reserve Bank, membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Lebed Alexander Ivanovich, n. 1950, general, consultor do Conselho de Relações Exteriores, membro do Grande Oriente da França -16.

Levin Semyon Yakovlevich, loja "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955); 30° –17.

Levinson Georgy Nikolaevich, loja "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955); 18°-17.

Leontiev Mikhail Vladimirovich, propagandista de televisão judeu, primeiro deputado. CH.

editor do jornal Segodnya, membro do Interaction Club (1993), contratado por B. A. Berezovsky (ver) para realizar tarefas de informação anti-russa no canal de TV ORT-16.

Lerche Karl Germanovich, loja "Amigos de Liubomudiya" (Paris, 1955); 14°-17.

Lesin Mikhail Yuryevich, n. 1958, membro do PCUS (1978-1991), vice-presidente da empresa estatal de televisão, Ministro da Imprensa e Informação (1999), vigarista financeiro, membro da Ordem de Malta-16.

Lianozov Stepan Grigorievich, 18721951, Lotus Lodge (Paris, 1950, venerável mestre) –22.

Livshits Alexander Yakovlevich, n. 1946, membro do PCUS (1966-1991), assistente do Presidente da Federação Russa, Vice-Presidente do Governo da Federação Russa, Ministro das Finanças (1998), consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16 .

Lipkin Semyon Izrailevich, n. 1911, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Lisovsky Sergey Fedorovich, n. 1960, membro do PCUS (1986-1991), um dos líderes da Televisão Pública Russa (ORT), membro da Ordem de Malta, associado ao grupo criminoso Solntsevo -16.

Lisyansky Mark Samoilovich, n. 1913, poeta, membro do PCUS (1938–1991), membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Litvinov Vladimir Davidovich, n. 1937, secretário do conselho do Sindicato dos Trabalhadores do Teatro, diretor do Fundo de Teatro da Rússia, membro do Fundo Cultural, membro do Rotary Club -16.

Likhachev Dmitry Sergeevich, 1906-1999, crítico literário, crítico de texto, acadêmico, membro do círculo Hilfernac (URSS, década de 1920) e da Academia Espacial (URSS, década de 1920), membro da organização “Escolha da Rússia” (1993) e “ Caneta Russa” -centro" (1992) –16.

Lischke K. A., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

Lobovsky Igor, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Leonid Isidorovich Lopatnikov , colunista econômico do jornal Delovoy Mir, membro do Interaction Club (1993)–16.

Lorch-Sheiko Eduard Aleksandrovich, Conselheiro do Presidente da JSC Russian Commodity and Raw Materials Exchange, membro do Interaction Club (1993) -16.

Loshak Viktor Grigorievich, deputado. CH. editor do jornal "Moscow News" -16.

Lubenchenko Konstantin Dmitrievich, n. 1945, Presidente do Movimento de Apoio ao Parlamentarismo, membro do Clube Internacional Russo (1992) - 15, 16.

Luzhkov Yuri Mikhailovich, n. 1936, membro do PCUS (1968–1991), chefe da administração de Moscou, membro do Rotary Club (1990) - 11, 16.

Louis VV, Lotus Lodge (Paris, década de 1950) - 22.

Lukin Vladimir Petrovich, n. 1937, membro do PCUS (1960-1991), aliado de G. Arbatov e E. Shevardnadze, ex-embaixador russo nos EUA, deputado da Duma de Estado da associação Yabloko -16.

Luchansky Grigory (Harry), n. 1946, vigarista financeiro internacional, membro do PCUS (de 1965 a meados da década de 1970), esteve numa prisão soviética por crimes, chefe da empresa Nordex, membro da Ordem de B'nai B'rith -16.

Lysenko Vladimir Nikolaevich, n. 1956, ex-deputado Ministro da Federação Russa para a Política Nacional, membro da associação Yabloko (1993) –16.

Magidovich B.P., loja "Gamayun" (venerável mestre) e vice-presidente do Conselho de Associação (1949)-22.

Mazor Mikhail Moiseevich, apresenta "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955), "Júpiter" (1961); 14°-17.

Maikov V., clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Oskotsky Valentin Dmitrievich, n. 1931, escritor, membro do PCUS (1982-1991), membro do Russian Pen Center (1992) -16.

Pavlov , Padre Inocêncio, secretário da Sociedade Bíblica, clube maçônico "Magisterium" (1992)-2, 16.

Pavlovsky Gleb Olegovich, n. 1951, propagandista judeu, membro do PCUS (1972–1991), cap. editor da publicação anti-russa "O Século 20 e o Mundo", contratado por B. A. Berezovsky (ver) para realizar tarefas de informação anti-russa -16.

Pavlyukov Alexander Vladimirovich, Presidente do Conselho do JSC Accord, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Paltsev Mikhail Alexandrovich, n. 1949, reitor da Academia Médica de Moscou, membro do Rotary Club -16.

Pamfilova Ella Alexandrovna, n. 1953, ex-Ministro da Proteção Social, membro da organização Russia's Choice e do comitê executivo do Soros Open Society Institute (Moscou, 1995) –16.

Panasenko Sergey Borisovich, Diretor Geral do JSC Business MN, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Panina Sofya Vladimirovna, 18711957, Condessa –1.

Papp Nadezhda Mikhailovna, Rotary Club (Magadan, 1995), representante do Governador Rotary para a Sibéria (1995) - 21.

Paris Vladimir Alexandrovich, loja “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955); 14°—17.

Parnis A., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Parnov Eremey Iudovich, n. 1935, escritor, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Paige Glen D., política, mora nos EUA, clube maçônico "Magisterium" - 2.

Petrakov Nikolay Yakovlevich, n. 1937, membro do PCUS (1960-1991), acadêmico, membro do Clube Internacional Russo (1992) - 15, 16.

Petrovsky Grigory Ivanovich, 1878–1958, membro do POSDR (desde 1897), Comissário do Povo para Assuntos Internos da RSFSR (1917), presidente do Comitê Executivo Central de toda a União (1919–1938), vice-presidente do Presidium de o Soviete Supremo da URSS (1937–1938), candidato a membro do Politburo do Comitê Central do PCUS (1926–1939) – 16.

Peshkov Zinoviy Alekseevich, 1884-1966, irmão do bolchevique *Ya.* Sverdlov, adotado pelo escritor M. Gorky -1.

Peshkova Ekaterina Pavlovna, 1878-1965, primeira esposa de M. Gorky -1.

Pimoshenko Yuri Petrovich, 1º vice-presidente do conselho do Sindicato das Empresas Inovadoras, membro do clube “Interação” (1993) –16.

Podoprigora Vladimir Nikolaevich, n. 1954, membro da organização “Escolha da Rússia” e da Ordem da Águia (1993)-16.

Pokrovsky Boris Leonidovich, apresenta “Amigos de Lyubomudry” (Paris, 1955), “Júpiter” (1961); 18°-17.

Polzikov Stanislav Dmitrievich, n. 1947, diretor da diretoria de TV “Notícias” (1991), sócio do Rotary Club –16.

Polonsky A. Ya., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

Poltoranin Mikhail Nikiforovich, n. 1939, membro do PCUS (1960-1991), assessor de imprensa do partido, ex-Ministro da Informação, membro da organização “Escolha da Rússia” -16.

Pomerantz G., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Ponomarev Lev Alexandrovich, n. 1941, membro da organização “Escolha da Rússia” (1993) - 16.

Popov Gabriel Kharitonovich, n. 1936, professor de economia política marxista-leninista, membro do PCUS (1959-1990), reitor da Universidade Estatal de Moscovo, agente de influência dos EUA, um dos líderes do movimento “democrático”, consultor da Comissão Trilateral -16.

Popov E., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Pochinok Alexander Petrovich, n. 1958, deputado Ministro das Finanças, membro do conselho do Interaction Club (1993) e da organização Russia's Choice -16.

Prigov D., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Primakov Evgeniy Maksimovich, n. 1929, membro do PCUS (1959-1991), diretor do Instituto de Economia Mundial e Relações Internacionais, propagandista do partido, chefe do serviço de inteligência estrangeira, Ministro das Relações Exteriores da Federação Russa (1996), Presidente do Governo de a Federação Russa (1998), consultor do Conselho de Relações Exteriores e da Comissão Trilateral, membro da Ordem de Malta, membro do Clube de Roma –10, 16.

Pristavkin Anatoly Ignatievich, n. 1931, escritor, membro do PCUS (1965-1991), membro do Russian Pen Center (1992) -16.

Prokopovich Sergei Nikolaevich, 1871–1955, economista (Genebra) –1.

Protasyev Nikolai Nikolaevich, Doutor em Medicina, apresenta “Amigos de Lubomudis” e “Lotus” (Paris, 1955); 31°-17.

Prokhorov Alexander Mikhailovich, n. 1916, acadêmico, clube maçônico "Magisterium" - 2.

Pugacheva Alla Borisovna, n. 1949, cantor pop, membro da Ordem da Águia -16.

Pietsukh V., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Mikhail Izralevich Rabinovich , reitor do Instituto Internacional de Estudos Avançados (Nizhny Novgorod), membro do conselho de supervisão do Soros Open Society Institute (Moscou, 1995) –16.

Rabinovich G. I., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

Rabinovich E. N., caixa “Lotus” (Paris, 1950) - 22.

RabinovichYa. B., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

Aceleração Lev Emmanuilovich, b. 1908, escritor, membro do PCUS (1932–1991), membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Reiss EN (Paris, década de 1950) - 22.

Ranosha E. G., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

Rapoport A. Ya., loja “Astrea” (Paris, 1940-1950) - 22.

Rassadin Stanislav Borisovich, n. 1935, escritor, membro do “Pencenter Russo” (1992) –16.

Rauschenbakh Boris Viktorovich, n. 1915, acadêmico da Academia Russa de Ciências, membro do comitê executivo do Instituto Soros “Sociedade Aberta” (Moscou, 1995) –16.

Rafalovich Joseph Isaevich, 18771974(?), alojamento “Northern Star” –1.

Redin B. M., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) - 17.

Reich R., conselheiro econômico do presidente Clinton, representante da Comissão Trilateral, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Repnin Dmitry Vadimovich, príncipe, loja “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955); 31°-17.

Resina Vladimir Iosifovich, n. 1936, 1º Vice-Presidente do Governo de Moscou, Presidente do Comitê de Construção de Moscou, membro do Rotary Club -16.

Rzhevskaya Elena Moiseevna, n. 1919, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Rozhdestvensky Robert Ivanovich, 1932–1994, poeta, membro do PCUS (1977–1991), membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Rozov Viktor Sergeevich, n. 1913, dramaturgo, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Romanio S, mora na Itália, clube maçônico “Magisterium” (1992) - 2.

Altura Yuri, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Roshchin Mikhail Mikhailovich, n. 1933, escritor, membro do PCUS (1958–1991), membro do Pencenter Russo (1992) –16.

Rubinsky Yuri, Secretário da Embaixada Soviética na França, Loja do Grande Oriente da França (1990)-16.

Rubinshtein Yakov Lvovich (1879-1963), advogado (Paris) –1.

Rubtsov Alexander Ivanovich, Diretor Geral da Ernst and Young Vneshkonsult, membro do Interaction Club (1993) -16.

Rutman Valentin Lvovich, Diretor Geral do Parus JSC, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Rutskoy Alexander Vladimirovich, n. 1947, membro do PCUS (1967-1991), vice-presidente da Federação Russa (1991), um dos líderes do golpe de estado (1991), membro da Ordem de Malta (1991), governador de Kursk (1997)-16.

Rybakov Anatoly Naumovich, n. 1911, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Rybnikov Alexei Lvovich, n. 1945, compositor de óperas rock, membro da Ordem da Águia -16.

Ryzhov Yuri Alekseevich, n. 1930, membro do PCUS (1960-1990), Embaixador da Rússia na França, co-presidente do Conselho dos Fundadores do jornal Moscow News, Grande Loja da França 16.

Ryss Petr Yakovlevich, 1870-1950, Gamayun Lodge (Paris, 1940-1950) - 22.

Rytkheu Yuri Sergeevich, n. 1930, escritor, membro do PCUS (1967–1991), membro do Pencenter Russo (1992) –16.

Ryashentsev Yuri Evgenievich, n. 1931, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Saburov Evgeniy Fedorovich, n. 1946, diretor do Centro de Informação e Tecnologias Sociais do Conselho de Ministros - Governo da Federação Russa, membro do conselho do Interaction Club (1993) -16.

Sagalaev Eduard Mikhailovich, n. 1946, membro do PCUS (1967–1991), assessor de imprensa do partido, jornalista de televisão, membro do Rotary Club (1990) –11, 16.

Sagdeev Roald Zinnuarovich, n. 1932, membro do PCUS (1967-1991), acadêmico, ex-diretor do Instituto de Pesquisas Espaciais, clube maçônico "Magisterium" (1992), mora nos EUA, casado com a filha do presidente dos EUA D. Eisenhower - 2.

Salkazanova F., apresentadora da Radio Liberty (serviço da CIA dos EUA) –16.

Saltykov Nikolai,? –1951, professor (Belgrado) –1.

Salmin A., clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Igor Anatolyevich Safarian , Diretor Geral da Brock-Invest-Service, Presidente da Guilda Inter-regional de Corretores, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Sakharov Andrey Dmitrievich, 1921-1989, até os anos 60, um físico-cientista, mais tarde uma figura pública judaico-soviética, um dissidente anti-russo, um agente de influência dos EUA -16.

Svanidze Nikolai Karlovich, n. 1955, propagandista de televisão judeu, membro do PCUS (1975-1991), funcionário do Instituto dos EUA, presidente da Companhia Russa de Televisão e Rádio (VGTRK) -16.

Svobodin Vladimir Pavlovich, caixa "Lotus" (Paris, década de 1950, mestre) - 22.

Segal A. G., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) - 17.

Sergeenko Yu.F., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) –17.

Serebryakov Alexander Ivanovich, presidente do Vneshtreidinvest JSC, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Sidorov Evgeniy Yurievich, n. 1938, membro do PCUS (1960–1991), Ministro da Cultura (1992–1998) –16.

Sidorova Galina, conselheira política do Ministro dos Negócios Estrangeiros da administração do regime de Yeltsin, membro da comissão maçónica "Grande Europa" -12.

Sitaryan S., membro da Fundação Internacional para Reformas Económicas e Sociais (1993) –16.

Sklyarov Boris, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Skulachev Vladimir, Acadêmico da Academia Russa de Ciências, Presidente do Conselho Consultivo e Supervisor Russo da Soros International Science Foundation (1995) –16.

Slavkin Viktor Iosifovich, n. 1935, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Slonim Mark Lvovich, 1894–1976, escritor (EUA) –1.

Smirnov Georgy Yakovlevich, aloja "Amigos de Lyubomudry" (Paris, 1955) e "Lotus" (Paris, 1950), 33 °, membro do Conselho de Associação - 17, 22.

Smolensky Alexander Pavlovich, n. 1954, vigarista financeiro, cumpriu pena por crime criminal, chefe do banco Stolichny de Moscou, membro do Conselho Bancário do Governo da Federação Russa, presidente do banco SBS-Agro, laureado com o Prêmio Simpatia dos Judeus Instituto de Opinião Pública (Israel), um dos fundadores e Membro da Ordem da Águia, consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial -16.

Smolich D., mora na Austrália, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Sobchak Anatoly Aleksandrovich, 1937–2000, professor de direito, membro do PCUS (1988–1990), prefeito de São Petersburgo, condenado por corrupção, estava sob investigação, membro do Rotary Club, Magistério do Clube Maçônico, Comissão Maçônica Grande Europa - 2, 3, 8, 12, 16.

Sokolov Vladimir Nikolaevich, n. 1928, poeta, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Soloveichik Simon Lvovich, chefe. editor do jornal "Primeiro de Setembro", membro do conselho fiscal do Instituto Soros "Sociedade Aberta" (Moscou, 1995) –16.

Solovyov Sergey Alexandrovich, n. 1944, diretor de cinema, membro da Ordem da Águia -16.

Soros George, financista do mundo nos bastidores, intimamente associado à CIA e ao Mossad, membro do Conselho de Relações Exteriores e do Clube Bilderberg, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2, 16.

Sosinsky Bronislaw, 1893-? escritor, emigrante, retornou à URSS na década de 1940, North Star Lodge, mestre de cerimônias -1.

Sofiev Yuri Nikolaevich, poeta, emigrante, retornou à URSS no final da década de 1940 -1.

Stankevich Vladimir Benediktovich, 1884–1969 - 1.

Stankevich Sergey Borisovich, n. 1954, membro do PCUS (1987-1990), ex-assessor de Yeltsin em questões políticas, premiado pelo Centro Americano de Liderança Internacional por "grande contribuição para o desenvolvimento do pensamento sócio-político em seu país", condenado por corrupção, fugiu Rússia (1996) - 16.

Galina Vasilievna Starovoitova , 1946–1998, conselheira de Ieltsin para questões nacionais, co-presidente do movimento "Rússia Democrática" -16.

Starynkevich Dmitry Konstantinovich, apresenta “Amigos de Liubomudry” e “Lotus” (Paris, 1955); 140-17,22.

Strelyany Anatoly Ivanovich, n. 1939, escritor, membro do PCUS (1977-1991), membro do Russian Pen Center (1992), funcionário da Radio Liberty (CIA) -16.

Strekha Alexander Pavlovich, n. 1934, membro do PCUS (1954–1991), diretor do Voronezhsvyazinform, membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Mikhail Alexandrovich Struve , poeta (Paris) –1.

Surkov A.P., membro da organização “Escolha da Rússia” (1993) - 16.

Sukhinenko Dmitry Nikolaevich, Presidente do Conselho da Russian Investment Joint Stock Company, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Scepinsky Yuri Evgenievich, diretor do Instituto Russo de Estudos Estratégicos, membro do clube “Interação” (1993) - 16.

Sysuev Oleg Nikolaevich, n. 1953, membro do PCUS (1973-1991), chefe da administração Samara, vice-primeiro-ministro da Federação Russa, deputado. Chefe da Administração Presidencial da Federação Russa, consultor da Comissão Trilateral-16.

Taratuta Sergei Nikolaevich, loja “Amigos de Liubomudry” (Paris, 1955); 3°—17.

Tarnovsky Alexander Georgievich, n. 1960, advogado, vice-presidente e secretário do Rotary Club (1991)-16.

Tatarinov Vladimir Evgenievich (1891 -?), jornalista, aloja “Astrea”, “Amigos de Lubomudry” (Paris, 1955); 3°, depois de 1945 membro da União dos Patriotas Soviéticos –1, 17.

Terapiano Yuri Konstantinovich, 1892–1980, escritor (Paris) –1.

Tereshchenko Mikhail Ivanovich, 18881958, Londres –1.

Thikston Sergey Pavlovich, 1902-1981, escritor, Astrea lodge, palestrante, “Friends of Luboss” (Paris, 1955); 3°-1,17.

Timofeev L., escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Tignol I. G., caixa “Júpiter” (Paris, 1961) –17.

consultor da Comissão Trilateral e do Conselho de Relações Internacionais, deputado da Duma de Estado -16.

Fedorov Georgy Borisovich, n. 1917, escritor, membro do PCUS (1945–1991), membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Fedorov Nikolay Vasilievich, n. 1958, membro do PCUS (1986–1991), Ministro da Justiça da RSFSR (1990–1992), membro do Rotary Club (1990) e do International Russian Club (1992) - 3, 8, 14,15, 16 .

Fedorov Svyatoslav Nikolaevich, n. 1927, membro do PCUS (1950–1991), oftalmologista, empresário, membro do Clube Internacional Russo (1992) – 14, 16.

Fedoseeva-Shukshina Lidiya Nikolaevna, n. 1938, atriz, membro do partido Escolha Democrática da Rússia e da Ordem da Águia (1993) –16.

Feinberg F., clube maçônico “Magisterium” (1992) - 2.

Feldzer Emmanuel Leontievich, loja “Amigos de Liubomudiya” (Paris, 1955); 14°—17.

Filatov Sergey Alexandrovich, n. 1936, chefe da administração presidencial da Federação Russa, membro do PCUS (1957-1991), membro da organização “Escolha da Rússia” e da Ordem de Malta -16.

Filippov Petr Sergeevich, n. 1945, chefe do Centro Analítico da Administração Yeltsin, um dos fundadores da organização “Escolha da Rússia”, membro do clube “Interação” (1993) –16.

Filonenko Maximilian Maximilianovich, um famoso funcionário maçônico, depois de 1945 membro da União dos Patriotas Soviéticos -1.

Fomin Anatoly Vasilievich, n. 1950, membro do PCUS (1970-1991), deputado. Ministro de Combustíveis e Energia da Federação Russa, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Fridman Mikhail Maratovich, n. 1964, Presidente do Conselho de Administração do Grupo Alfa, membro do Conselho de Administração da ORT, Presidente do Congresso Judaico Russo, membro da B'nai B'rith - 16.

Frolov Konstantin Vasilievich, n. 1932, membro do PCUS (1965–1991), acadêmico, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Khabitsov Boris Batrbekovich, Presidente do Conselho do JSCB Ironbank, membro do Interaction Club -16.

Khabirov Sagadat Safinovich, presidente do JSCB Cross-Investbank, membro do conselho executivo do Instituto Soros “Open Society” (Moscou, 1995) –16.

Khait Boris Grigorievich, n. 1951, deputado chefe do grupo financeiro "Most", chefe de uma empresa comercial, membro dos clubes Rotary e B'naiBrith -16.

Khandruev Alexander Andreevich, vice-presidente do Banco Central da Rússia, membro do clube “Interaction” (1993) - 16.

Produtor de grãos Rem Grigorievich, professor, membro do conselho fiscal do Instituto Soros “Sociedade Aberta” (Moscou, 1995) –16.

Khodorkovsky Mikhail Borisovich, n. 1963, vigarista financeiro, chefe da associação e depois do banco MENATEP (desde 1987), presidente da petrolífera Yukos, consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Econômico Mundial, que em 1993 o incluiu na lista dos 200 representantes da humanidade cujas actividades influenciarão o desenvolvimento do mundo no terceiro milénio –16.

Khristenko Viktor Borisovich, n. 1957, membro do PCUS (1977-1991), deputado. Governador de Chelyabinsk (1993–1994), deputado. Ministro das Finanças da Federação Russa (1996), Vice-Presidente do Governo da Federação Russa (1997), Ministro das Finanças (1999), consultor da Comissão Trilateral e do Fórum Económico Mundial -16.

Khubinka Christian, membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Tsarev Vladimir, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Tsatiashvili Valery, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Tsereteli Zurab Konstantinovich, n. 1934, escultor, membro da Ordem da Águia (1993) –16.

Tsipko Alexander Sergeevich, n. 1941, cientista político, membro do PCUS (1960-1991), um dos líderes da Fundação Gorbachev -16.

Chelishchev Viktor Nikolaevich, 18701952, alojamento “Twin” (Belgrado) –1.

Chernichenko Yuri Dmitrievich, n. 1929, escritor, membro do PCUS (1954-1991), membro da organização “Escolha da Rússia” -16.

Chernomyrdin Viktor Stepanovich, n. 1938, membro do PCUS (1958–1991), Ministro da Indústria de Petróleo e Gás da URSS (1985–1989), Presidente do Conselho da Gazprom (1989), Presidente do Governo da Federação Russa (1992–1998) , consultor da Comissão Trilateral e do Conselho de Relações Exteriores, associado a J. Soros, nas negociações sobre a Iugoslávia na primavera-verão de 1999, defendeu os interesses do mundo nos bastidores em relação à ocupação do Kosovo -16.

Chovushyan Edward, membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Chubais (Sagal) Anatoly Borisovich, n. 1955, Presidente do Conselho da RAO UES, um dos líderes da organização "Escolha da Rússia", membro da Comissão Maçônica "Grande Europa" e do conselho do clube "Interação" (1993), membro do Clube Bilderberg , consultor da Comissão Trilateral -12, 16.

Chukovskaya Lidiya Korneevna, 1907-1995, escritora, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Chuprinin Sergey Ivanovich, n. 1947, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Chukhin I.I., membro da organização "Escolha da Rússia" (1993) –16.

Chukhontsev Oleg Grigorievich, n. 1938, poeta, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Shabad A.E., agente de influência da "primeira onda", membro da organização "Escolha da Rússia" -16.

Marc Chagall , 1887–1985, artista -1.

Shaevich Adolf Solomonovich, n. 1937, chefe da União das Comunidades Religiosas Judaicas, rabino de uma sinagoga de Moscou, membro da B'nai B'rith -16.

Shaimiev Mentimer Sharikovich, n. 1937, membro do PCUS (1959-1991), trabalhador do partido, presidente do Tartaristão, tem relações estreitas com os líderes das lojas maçônicas na Turquia (especialmente a "Jovem Turquia" - ele próprio é membro desta loja?). Por sua ordem pessoal, foi recebida permissão para abrir lojas do Grande Oriente da França, B'nai B'rith e da Ordem de Malta -16 em Kazan.

Shakai Mikhail Aronovich, apresenta "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955), "Júpiter" (1961); 14°–17.

Shakkum Martin, membro da Fundação Internacional para a Reforma Económica e Social (1994), membro da Ordem da Águia (1993) - 16.

Shamin T. A., caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) - 22.

Shamshin Tikhon Aleksandrovich, apresenta "Amigos de Liubomudry" (Paris, 1955), "Júpiter" (1961); 30°-17.

Shapovalyants Andrey Georgievich, n. 1952, Ministro da Economia da Federação Russa (1998), consultor da Comissão Trilateral -16.

Shatalin Stanislav Sergeevich, n. 1934, membro do PCUS (1963-1991), acadêmico, clube maçônico "Magisterium" (1992), chefe da Fundação Internacional para Reformas Econômicas e Sociais, membro do clube "Interação" - 2, 16.

Shatrov (Marshak) Mikhail Filippovich, n. 1932, dramaturgo, membro do PCUS (1961–1991), membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Shakhnazarov Georgy Khosroevich, n. 1924, cientista político, membro do PCUS 1945-1991, membro do grupo de agentes de influência de Brezhnev e Andropov, assistente de M. Gorbachev, chefe da Fundação Gorbachev (1992) –6.

Shakhrai Sergey Mikhailovich, n. 1956, membro do PCUS (1976-1991), Vice-Presidente do Governo da Federação Russa, Representante do Presidente da Federação Russa no Tribunal Constitucional, Membro da Ordem de Malta -16.

Shevardnadze Eduard Amvrosievich, n. 1928, membro do PCUS (1948-1991), 1º Secretário do Comitê Central da Geórgia, membro do Politburo do Comitê Central do PCUS, líder da Geórgia, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2, 16.

Sheinis Viktor Leonidovich, n. 1931, membro da associação Yabloko (1993) 16.

Shimunek A.P., caixa "Lotus" (Paris, década de 1950) - 22.

Shklyaver G. G., caixas "Lotus" (Paris, 1950) e "Júpiter" (Paris, 1961) –17.

Shklyarevsky Igor Ivanovich, n. 1938, poeta, membro do Russian Pen Center (1992) –16.

Shmakov Vladimir Pavlovich, n. 1946, deputado Diretor Geral do Studio of Art Programs, Ch. editor da Associação Criativa de Programas de Entretenimento da Televisão Central, membro do Rotary Club -16.

Shmelev Nikolai Petrovich, n. 1936, economista e escritor, membro do PCUS (1961-1991), genro de N. S. Khrushchev, pesquisador-chefe do Instituto da Europa da Academia Russa de Ciências, membro do Russian Pen Center (1992), membro do Interaction Club (1993), mora na Suécia -16.

Shor Konstantin Borisovich, n. 1948, Chefe da Diretoria Principal do Banco Estatal da Rússia (1991), Tesoureiro do Rotary Club -16.

Shokhin Alexander Nikolaevich, n. 1951, membro do PCUS (1974-1991), em 1987-1991 no círculo interno do agente de influência do mundo nos bastidores E. Shevardnadze, vice-presidente do Conselho de Ministros da Federação Russa (1992), Deputado da Duma, consultor da Comissão Trilateral -16.

Shuvalov P. P., caixa "Júpiter" (Paris, 1961) - 17.

Shulyatyeva Nadezhda Aleksandrovna, Presidente do Sindicato das Pequenas Empresas da Rússia, membro do clube "Interação", agente de influência nos bastidores do mundo (1993) –16.

Shumeiko Vladimir Filippovich, n. 1945, membro do PCUS (1970-1991), camarada de armas de Yeltsin, membro da organização "Escolha da Rússia", presidente do Conselho da Federação da Federação Russa, presidente do Conselho da Liga da Paz, consultor ao Conselho de Relações Internacionais -16.

Edberg R., mora na Suécia, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Edlis Yuliy Filippovich, n. 1929, escritor, membro do Russian Pen Center (1992) - 16.

Eisenstein Sergei Mikhailovich, 1898–1948, diretor de cinema, membro do PCUS (1918–1948), Rosacruz –16.

Elkin Boris Isaakovich, 1887–1972, escritor, executor de P. Milyukova –1.

Enders D., mora nos EUA, clube maçônico "Magisterium" (1992) - 2.

Yumashev Valentin Borisovich, n. 1957, membro do PCUS (1977-1991), deputado. CH. editor da revista "Ogonyok" (1987), chefe da administração presidencial da Federação Russa, membro da Ordem de Malta -16.

Yuryev Mikhail Zinovievich, presidente do grupo industrial Interprom, membro do Interaction Club (1993) - 16.

Yushenkov Sergei Nikolaevich, ex-líder da facção dos Democratas Radicais, membro da organização Escolha da Rússia -16.

Yushin Sergey Evgenievich, n. 1961, ex-secretário executivo da sociedade URSS-Suécia (1991), membro do Rotary Club - 16.

Yavlinsky Grigory Alekseevich, n. 1952, membro do PCUS (1977-1991), estudou nos EUA às custas da Fundação Soros, ex-vice-presidente do Conselho de Ministros da RSFSR (1990), chefe da associação Yabloko, deputado da Duma, consultor ao Conselho de Relações Exteriores -16.

Yakovlev Alexander Nikolaevich, n. 1923, membro do PCUS (1944-1991), agente de influência dos EUA desde o final dos anos 1950, propagandista do partido, membro do Politburo do Comitê Central do PCUS, diretor da empresa de televisão e rádio Ostankino, clube maçônico "Magisterium" (1992), um dos fundadores da organização "Escolha da Rússia" , consultor do Conselho de Relações Exteriores - 2, 10, 16.

Yakunin Viktor Konstantinovich, presidente do TOKO-BANK, membro do clube “Interaction” (1993) –16.

Yakunin Gleb Pavlovich, n. 1934, ex-padre, representante do ecumenismo maçônico, deputado da Duma, membro da comissão maçônica “Grande Europa” e da organização “Escolha da Rússia” -12, 16.

Yakutin Yuri Vasilievich, n. 1955, cap. editor do semanário “Economia e Vida”, membro do clube “Interação” (1993) e da Ordem da Águia -16.

Yasin Evgeniy Grigorievich, n. 1934, diretor do Instituto de Especialistas da União Russa de Industriais e Empresários, Ministro da Economia da Federação Russa (1995), membro do Interaction Club (1993) -16.

Yasina Irina Evgenievna, chefe do Serviço de Imprensa do Banco Central da Federação Russa, casada com o deputado. Presidente deste banco D. Kiselev (1998), informante do Fórum Econômico Mundial -16.

Yastrzhembsky Sergei Vladimirovich, membro do PCUS (1974–1991), secretário de imprensa do Presidente da Federação Russa (1997), deputado. Primeiro Ministro do Governo de Moscou (1998), membro da Ordem de Malta -16.

FONTES:

1 - Berberova N. Pessoas e Lojas. Dicionário Biográfico

2 - Lista do clube maçônico “Magisterium”, divulgada na revista “Jovem Guarda”, 1993. Nº 10. pp.

3 - Rússia Literária. 13/07/1990

4 - Rússia Literária. Nº 14. 1992

5 - Boletim Russo. Nº 28. 1992

6 - Boletim Russo. Nº 1. 1993

7 - Rússia Soviética. 05/09/1992

8 - Rússia Soviética. 09.09.1993

9 - Komsomolskaya Pravda. 12/09/1991

10 - Nosso contemporâneo. 1994. Nº 2. P. 116

11 - Notícias. 22/05/1992

12 — Jornal Nezavisimaya. 22/12/1993

13 - Estudos Católicos.

14 - Kommersant-Diário. 07/09/1992

15 - Notícias. 02.10.1992

16 — Materiais de desenvolvimentos analíticos especiais (de acordo com informações maçônicas internas)

17 - OU RSL, f. 754, prédio 4, prédio 8, 13

18 - Arquivo de N.N. Berberova na Hoover Institution (EUA)

19 — Nova palavra russa (EUA). 03/12/1974

20 — Moskovskaia Pravda. 29/06/1998

21 — Donskoy V. F. Guia do Rotary. Irkutsk, 1995

22 — Buryshkin P. História da Loja Lotus. Paris, 1950 (para uso maçônico interno).